



MARION  
ZIMMER  
BRADLEY

# A CASA DA FLORESTA

O SEGUNDO LIVRO DO CICLO DE AVALON

 Planeta

minotauro



# A CASA DA FLORESTA

MARION ZIMMER BRADLEY

# A CASA DA FLORESTA

*Tradução*

Marina Della Valle

 Planeta

minotauro

Copyright © Marion Zimmer Bradley, 1993  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *The Forest House*

*Preparação:* Luiza Del Monaco *Revisão:* Renata Lopes Del Nero e Carla Fortino *Diagramação:* Márcia Matos *Capa:* departamento de criação Editora Planeta do Brasil *Ilustração de capa:* Marc Simonetti  
*Adaptação para eBook:* [Hondana](#)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Bradley, Marion Zimmer

A casa da floresta / Marion Zimmer Bradley; tradução Marina Della Valle. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

416 p.

ISBN: 978-85-422-1457-4

Tradução de: The forest house

1. Ficção norte-americana 2. Magia - Ficção 3. Feiticeiras - Ficção 4. Druidas e druidismo - Ficção I.  
Título II. Della Valle, Marina III. Série

**18-1696      CDD 320.981**

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

## 2018

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar Ed. Horsa II – Cerqueira César 01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

*Para minha mãe, Evelyn Conklin Zimmer, que apoiou meu trabalho neste livro durante a maior parte da minha vida adulta.*

*Para Diana Paxton, minha irmã e amiga, que ancorou com firmeza este livro no tempo e no espaço e adicionou Tacitus ao elenco de personagens.*

**Nota da Autora** Quem tem familiaridade com a ópera *Norma* , de Bellini, vai reconhecer as origens desta história. Em homenagem a Bellini, os hinos nos capítulos cinco e vinte e dois são adaptados do livreto do ato I, cena i, e os do capítulo trinta, do ato II, cena ii. Os hinos à lua nos capítulos dezessete e vinte e quatro são tirados de *Carmina Gadelica* , uma coleção de preces tradicionais da região das Terras Altas escocesas reunidas no final do século XIX pelo reverendo Alexander Carmichael.

# PESSOAS NA HISTÓRIA

\* = *figura histórica*

( ) = *morto antes do início da história*



## Romanos

Gaius Macellius Severus Siluricus (chamado de Gaius, nome nativo Gawen), jovem oficial, nascido de uma mãe britânica Gaius Macellius Severus sênior (chamado de Macellius), pai de Gaius, *praefectus castrorum* da Segunda Legião Adiutrix em Deva, ordem equestre (Moruadh, mulher da realeza dos siluros, mãe de Gaius) Manlius, médico em Deva

Capellus, oficial de dia de Macellius Philo, escravo grego de Gaius

Valerius, secretário de Macellius

Valeria (mais tarde chamada de Senara), metade britânica, sobrinha de Valerius Martius Julius Licinius, procurator (oficial de finanças) da Britânia Julia Licinia, sua filha

Charis, sua serva grega

Lydia, babá de suas filhas

Licinius Corax, primo do procurator em Roma Marcellus Clodius Malleus, senador, patrono de Gaius Lucius Domitius Brutus, comandante da Vigésima Legião Valeria Victrix após a mudança para Deva Padre Petros, eremita cristão

Flavius Macro e Longus, dois legionários que tentam invadir a Casa da Floresta \* (Caio Júlio César, “o Júlio Deificado”, que começou a conquista da Britânia) \* (Suetonius Paulinus, governador da Bretanha durante a rebelião de Boudicca) \* (Vespasiano, imperador, 69-79 d.C.) \* (Quintus Petilius Cerealis, governador da Bretanha, 71-74 d.C.) \* (Sextus Julius Frontinus, governador da Bretanha, 74-77d.C.) \* Gnaeus Julius Agricola, governador da Bretanha, 78-84 d.C.

\* Gaius Cornelius Tacitus, seu genro e assistente, um historiador Sallustius Lucullus, governador da Bretanha após Agricola \* Tito Flávio Vespasiano, imperador Tito, 79-81 d.C.

\* Tito Flávio Domiciano, imperador Domiciano, 81-96 d.C.

\* Herennius Senecio, um senador

\* Flavius Clemens, primo de Domiciano **Bretões**

Bendeigid, um druida que vive perto de Vernemeton Rheis, filha de Ardanos e mulher de Bendeigid Mairi, a filha mais velha deles, mulher de Rhodri Vran, seu jovem filho

Eilan, a filha do meio

Senara, a filha mais jovem

Gawen, filho de Eilan com Gaius

Cynric, filho adotivo de Bendeigid

Ardanos, arquidruida da Britânia

Dieda, sua jovem filha

Clotinus Albus (Caradac), um bretão romanizado Gwenna, sua filha

Red Rian, um saqueador irlandês

Hadron, um dos Corvos, pai de Valeria (depois chamada de Senara) \*  
(Boudicca, “A Rainha Assassina”, rainha dos icenos, líder da revolta em 61 d.C.)  
\* (Caractacus, um líder da rebelião) \* (Cartimandua, rainha dos brigantes, que  
traiu Caractacus para Roma) \* Calgacus, chefe caledônio, que liderou as tribos  
em Mons Graupius **Pessoas da Casa da Floresta** Lhiannon, sacerdotisa do  
Oráculo, grã-sacerdotisa de Vernemeton (a Casa da Floresta) Huw, seu guarda-  
costas

(Helve, grã-sacerdotisa antes de Lhiannon) Caillean, sacerdotisa veterana  
que auxilia Lhiannon Latis, a mestre de ervas

Celimon, instrutora em ritual

Eilidh e Miellyn, amigas de Eilan

Ranais e Rhian, entraram em Vernemeton depois que Eilan se tornou grã-  
sacerdotisa Annis, uma velha surda que serviu Eilan durante a gravidez Lia, babá  
do filho de Eilan, Gawen

## Deuses

Tanarus, deus britânico do trovão, equiparado a Júpiter O Deus Cornífero, deus arquetípico dos animais e das florestas, com muitas variações locais Don, mãe mítica dos deuses, e, por extensão, do povo britânico Cathubodva, Senhora dos Corvos, deusa de guerra similar a Morrigan Arianhod, Senhora da Roda de Prata, deusa donzela associada à mágica, ao mar e à lua Ceres, deusa romana dos grãos, da agricultura Vênus, deusa romana do amor

Marte, deus romano da guerra

Bona Dea, a Boa Deusa

Vesta, deusa do fogo sagrado de Roma, servida por virgens Mitra, deus-herói persa adorado por soldados Júpiter, rei dos deuses

Juno, rainha dos deuses, sua mulher e patrona do casamento Ísis, deusa egípcia adorada em Roma como protetora do comércio marítimo **Lugares**

Britânia Superior – sul da Inglaterra Mona – a ilha de Anglesey

Segontium – forte perto de Carnarvon Vernemeton (bosque mais sagrado) – A Casa da Floresta Colina das Donzelas – Maiden Castle, Bickerton Deva – Chester

Glevum – Gloucester

Viroconium Cornoviiarum – Wroxeter

Venta Silurum – Caerwent

Isca Silurum – Caerleon

Aquae Sulis – Bath

O Tor – Glastonbury

País do Verão – Somerset

Isca Dumnoniorum – Exeter

Londinium – Londres

Britânia Inferior – norte da Inglaterra Eburacum – York

Luguvalium – Carlisle

Caledônia – Escócia

Estuário de Bodotria – Firth of Forth Estuário do Tava – rio Tay

Estuário Sabina – Solway

Trimontium – Newstead

Pinnata Castra – Inchtuthil

Mons Grapius – localização incerta, talvez perto de Inverness Hibernia – Irlanda

Temair – Tara  
Druim Cliadh – Kildare

Germânia Inferior – parte superior do oeste da Alemanha Colonia  
Agrippensis – Colônia  
Rhenus – Reno

# As Ilhas Britânicas Século I d.C



# PRÓLOGO

Um vento frio açoitava as tochas, fazendo com que elas se tornassem caudas ferozes. Uma luz raivosa refletia brilhante nas águas escuras do estreito e nos escudos dos legionários que aguardavam do outro lado. A sacerdotisa tossiu com o odor da fumaça e com a neblina marítima e ouviu o som do latim militar ecoando através das águas enquanto o comandante romano arengava seus homens. Os druidas cantaram em resposta, convocando a ira dos céus, e trovões sacudiram o ar.

As vozes das mulheres emergiram em um ulular agudo que fez um calafrio percorrer seu corpo, talvez por conta do medo. Ela balançou com as outras sacerdotisas, com braços erguidos em imprecações e seus mantos escuros se abrindo como asas de corvos.

Mas os romanos também uivavam, e agora a primeira fileira de homens havia disparado para dentro da água. A harpa de guerra druida pulsava dando vida a uma música medonha, e a garganta dela estava em carne viva com os gritos, mas ainda assim o inimigo veio.

O primeiro soldado de manto vermelho colocou os pés na costa da Ilha Sagrada e não foi golpeado pelos deuses. Agora o canto fraquejava. Um sacerdote empurrou as sacerdotisas para trás de si quando o aço romano acertou a tocha; a espada baixou e o sangue borrifou seu manto escuro.

O ritmo do canto se perdeu, e agora havia apenas gritos. Ela, então, correu para as árvores. Atrás dela, romanos ceifavam os druidas como grãos. Rápido demais, acabaram, e a maré vermelha avançou para o interior.

As sacerdotisas tropeçavam por entre as árvores, procurando os círculos sagrados. Um brilho alaranjado tomava o céu acima da Casa das Mulheres. As pedras se assomavam à frente, mas de trás dela vinham gritos. Ela se virou acuada, agarrando-se ao altar central de pedra. Agora certamente a matariam... Ela invocou a Deusa e se endireitou, esperando pelo golpe.

Mas não eram armas de aço que tinham a intenção de usar para golpeá-la. Ela lutou enquanto mãos duras agarravam seu corpo, rasgando suas vestes. Não havia escapatória; podia apenas usar a disciplina sagrada para tirar a mente do

corpo até que eles terminassem. Enquanto a consciência voava para longe, ela gritou: “Senhora dos Corvos, vingue-me! Vingue!”.

“Vingue”... Eu acordei com meu próprio grito e me sentei, olhando em torno. Como sempre, levei alguns momentos até perceber que era apenas um sonho, e nem mesmo um sonho meu, pois ainda era criança no ano em que as legiões assassinaram os sacerdotes e estupraram as mulheres da Ilha Sagrada. Uma garota indesejada chamada Caillean, segura em Hibérnia, do outro lado do mar. Mas, desde que ouvi a história pela primeira vez, logo depois que a sacerdotisa do Oráculo me trouxe para esta terra, sou assombrada pelos espíritos daquelas mulheres.

A cortina de minha porta se agitou e uma das moças que me serviam espiou para dentro.

— Está tudo bem, minha senhora? Posso ajudá-la a vestir o manto? Já está quase na hora de saudar a aurora.

Assenti, sentindo o suor frio secar em minha testa, e permiti que ela me ajudasse a colocar um vestido limpo e também os ornamentos de uma grã-sacerdotisa no pescoço e na cabeça. Depois disso, ela me acompanhou até o topo de outra ilha, um Tor verde que se erguia da mistura de pântano e gramados que os homens chamavam de País do Verão. De baixo vinha o canto das donzelas que velavam o poço sagrado; e do vale do lado oposto os sinos chamavam os eremitas para a prece na pequena igreja de pedra que ficava ao lado do espinheiro-branco.

Eles não foram os primeiros a buscar santuário nesta ilha atrás dos mares estreitos, nem, imagino, serão os últimos. Muitos anos se passaram desde a morte da Ilha Sagrada, e, embora vozes ancestrais ainda clamem por vingança em meus sonhos, uma sabedoria adquirida com dificuldade me diz que a mistura de sangues reforça uma raça, desde que não se perca o conhecimento ancestral.

Mas até hoje nunca vi nada de bom nos romanos e em seus costumes. É por isso que nem mesmo por Eilan, que amei mais que uma filha, jamais consegui confiar em nenhum romano, nem mesmo em Gaius, a quem ela tanto amava.

Mas aqui não há som de sandálias com sola de ferro dos legionários sobre as estradas de pedra para nos perturbar, pois lancei um véu de brumas e mistério para manter longe o impecável mundo romano.

Hoje talvez contarei às moças a história de como chegamos até aqui, pois, entre a destruição da Casa das Mulheres na Ilha de Mona e a volta das sacerdotisas à Ilha das Maças, as mulheres dos druidas viveram em Vernemeton, na Casa da Floresta, e essa história não deve ser esquecida.

Eu estava lá quando aprendi os Mistérios da Deusa e, então, ensinei-os a Eilan, filha de Rheis, que se tornou grã-sacerdotisa e – segundo alguns – a maior

traidora de seu povo. No entanto, foi através de Eilan que o sangue do Dragão e da Águia se misturaram ao sangue dos Sábios, e, na hora de maior necessidade, aquela linhagem sempre virá auxiliar a Bretanha.

No mercado, os homens estão dizendo que Eilan foi vítima dos romanos, mas eu sei a verdade. Em seu tempo, a Casa da Floresta preservava os Mistérios, e os deuses não exigiam que fôssemos todos conquistadores, nem mesmo que fôssemos todos sábios, mas apenas que servíssemos a verdade que nos era dada, até que pudéssemos passá-la adiante.

Minhas sacerdotisas estão se reunindo em torno de mim, cantando. Levanto as mãos, e, enquanto o sol atravessa as brumas, abençoo a terra.



# 1

Raios de luz dourada Brilhavam através das árvores enquanto o sol se punha atrás das nuvens, delineando cada folha recém-banhada em ouro. Os cabelos das duas garotas que desciam pelo caminho da floresta brilhavam com o mesmo fogo pálido. Mais cedo, havia chovido. A floresta densa, sem clareiras, que ainda cobria boa parte do sul da Bretanha, estava quieta e molhada, e de uns poucos galhos mais baixos ainda caíam gotas esparsas, como uma bênção ao longo do caminho.

Eilan respirou fundo o ar úmido, pesado por conta de todos os odores vivos da floresta e doce como incenso após o ambiente enfumaçado do salão de seu pai. Na Casa da Floresta, disseram-lhe, usavam ervas sagradas para purificar o ar. Ela endireitou a postura instintivamente, tentando caminhar como uma das sacerdotisas que moravam lá, levantando o cesto de oferendas em sua melhor imitação da graça equilibrada daquelas mulheres. Por um momento, então, seu corpo se moveu com um ritmo ao mesmo tempo pouco familiar e totalmente natural, como se, em algum passado ancestral, ela tivesse sido treinada a manter tal postura.

Só havia recebido permissão para trazer as oferendas à fonte após o início de seu ciclo lunar de sangue. Sua mãe lhe disse que, assim como o ciclo mensal a transformava em mulher, as águas da fonte sagrada indicavam a fertilidade da terra. Mas os rituais da Casa da Floresta serviam a seu espírito, trazendo a própria Deusa no ponto mais cheio da lua. A lua estava cheia na noite anterior e, antes que a mãe a chamasse para dentro, Eilan havia passado um bom tempo contemplando-a, plena de uma expectativa que não conseguia definir muito bem.

Talvez a sacerdotisa do Oráculo me solicite para a Deusa no festival de Beltane. Fechando os olhos, Eilan tentou imaginar as vestes azuis das sacerdotisas arrastando-se atrás dela e o véu obscurecendo seus traços com mistério.

— Eilan, o que está fazendo? — a voz de Dieda a trouxe de volta à consciência, e o susto fez com que ela tropeçasse em uma raiz e quase

derrubasse o cesto. — Está ficando para trás feito vaca manca! Vai escurecer antes de voltarmos ao salão se não terminarmos logo com isso.

Recuperando-se, Eilan correu atrás da outra garota, sem conseguir conter o rubor em seu rosto. Mas dali onde estavam, ela já conseguia ouvir o murmúrio gentil da fonte. Em um instante o caminho se enveredou por uma descida e ela continuou seguindo Dieda até a fenda que se abria entre duas rochas para que as águas corressem e caíssem no lago. Em algum momento do passado homens haviam colocado rochas em torno dele, mas, ao longo dos anos, a água foi desgastando gentilmente seus entalhes espiralados. Porém, a aveleira na qual as pessoas amarravam fitas de desejos era nova, descendente de muitas árvores que cresceram ali.

Colocaram-se diante do lago e estenderam uma toalha para as oferendas, bolos ricamente preparados, um odre de hidromel e algumas moedas de prata. Era apenas um laguinho, por fim, onde vivia a deusa menor daquela floresta, não um dos lagos sagrados nos quais exércitos inteiros sacrificavam os tesouros que haviam conquistado. No entanto, por muitos anos as mulheres de sua linhagem traziam oferendas todos os meses depois de seus ciclos, para que seus laços com a Deusa fossem renovados.

Tremendo um pouco com o ar frio, tiraram os vestidos e se curvaram diante do lago.

— Fonte sagrada, és o útero da Deusa. Assim como suas águas são o berço de toda a vida, espero que eu possa trazer vida nova ao mundo... — Eilan pegou um pouco da água e a derramou sobre a barriga e entre as coxas.

— Fonte sagrada, tuas águas são o leite da Deusa. Assim como alimentas o mundo, permita-me nutrir aqueles que amo... — Seus mamilos se arrepiaram quando a água fria os tocou.

— Fonte sagrada, és o espírito da Deusa. Assim como tuas águas brotam para sempre das profundezas, dá-me o poder de renovar o mundo... — Ela estremeceu quando a água banhou sua testa.

Eilan fitou a superfície sombreada do lago, observando o brilho pálido de seu reflexo tomar forma enquanto as águas se acalmavam novamente. Mas, ao mirar a água, notou que o rosto que olhava de volta havia mudado. Ela viu uma mulher mais velha, com a pele ainda mais pálida, e cachos pardos com reflexos vermelhos que brilhavam como faíscas de fogo. Os olhos, entretanto, eram os mesmos.

— Eilan!

Enquanto Dieda falava, Eilan piscava, e o rosto olhando de volta para ela da água voltou a ser o seu. Sua parente tremia, e de súbito Eilan também sentiu frio. Rapidamente, colocaram de volta suas roupas. Dieda, então, pegou o cesto de

bolos e postou sua voz rica e verdadeira na canção:

*Senhora da fonte sagrada,  
A ti essas oferendas trago;  
Pela vida e pela sorte eu rezo,  
Deusa, aceita hoje estes presentes.*

Na Casa da Floresta, pensou Eilan, haveria um coro de sacerdotisas para entoar a canção. Sua própria voz, fina e um pouco vacilante, se misturava à de Dieda em uma harmonia estranhamente agradável.

*Abençoa o campo e as matas,  
Para que nos tragam a fartura;  
Família e crias estejam salvas,  
Guarda o corpo e a alma!*

Eilan despejou o hidromel de dentro do odre na água, enquanto Dieda esfarelava os bolos e também os jogava no lago. A corrente os levou, e, por um momento, Eilan teve a impressão de que o som a seu redor havia ficado mais alto. As duas garotas se curvaram sobre a água, deixando cair as moedas de prata que haviam trazido.

Enquanto as águas se acalmavam, Eilan viu o rosto das duas, tão parecidos, espelhados um ao lado do outro. Ela enrijeceu, temendo ver novamente aquela estranha, mas dessa vez havia apenas um rosto, com olhos que brilhavam na água como estrelas no mar escuro do céu.

*Senhora, és o espírito do lago? O que queres de mim?* , perguntou seu coração. E teve a impressão de ouvir as seguintes palavras em resposta:

“Minha vida flui através de todas as águas, como flui em suas veias. Sou o Rio do Tempo e o Mar do Espaço. Você foi minha ao longo de muitas vidas. Adsartha, minha filha, quando vai cumprir seus votos comigo?”

E, então, teve a impressão de que dos olhos da Senhora vinha uma luz que iluminava sua alma, ou talvez fosse a luz do sol, pois quando voltou a si piscava diante dos raios que atravessavam por entre as árvores.

— Eilan! — Dieda disse no tom de alguém repetindo o chamado pela segunda vez. — O que há de errado com você hoje?

— Dieda! — exclamou Eilan. — Você não A viu? Não viu a Senhora no lago?

Dieda balançou a cabeça.

— Você parece uma daquelas cadelas sagradas de Vernemeton, falando de

visões!

— Como pode dizer isso? Você é a filha do arquidruída. Na Casa da Floresta, poderia ser treinada como um bardo!

Dieda franziu a testa.

— Bardo mulher? Ardanos jamais permitiria isso. E nem eu gostaria de passar minha vida presa com um bando de mulheres. Prefiro me juntar aos Corvos com seu irmão adotivo Cynric e lutar contra Roma!

— Shhh! — Eilan olhou em volta como se as árvores tivessem ouvidos. — Não sabe que não deve falar disso? Nem mesmo aqui no meio da floresta. Além do mais, não é lutar ao lado que deseja, mas sim deitar-se com Cynric. Eu bem vi como olha para ele!

Ela sorriu.

Agora Dieda corava.

— Você não sabe de nada! — exclamou. — Mas sua vez há de chegar, e quando você ficar feito uma tonta por causa de algum homem, vai ser minha vez de rir.

Ela começou a dobrar a toalha.

— Nunca vai acontecer — disse Eilan. — Quero servir à Deusa!

E, por um momento, sua vista ficou escura, e o murmúrio da água pareceu ficar ainda mais alto, como se a Senhora tivesse escutado o que acabara de dizer. Dieda, então, enfiou o cesto em suas mãos.

— Vamos voltar para casa.

Ela começou a andar pelo caminho, mas Eilan hesitou, pois teve a impressão de ouvir algo que não era o som da fonte.

— Espere! Está ouvindo? Vem da velha armadilha para javalis...

Dieda parou, virando a cabeça, e então ouviram de novo, dessa vez mais fraco, como um animal machucado.

— É melhor ir lá ver — ela disse, por fim —, embora isso vá nos atrasar. Mas, se algo estiver caído ali, os homens precisarão vir e acabar com seu sofrimento.

O rapaz jazia atônito e sangrando no fundo do fosso para javalis, enquanto suas esperanças de ser resgatado esmaeciam com a luz.

A fossa em que se encontrava estava úmida e imunda, com cheiro do esterco dos animais que antes estiveram ali presos. Havia estacas afiadas no fundo e nos lados da fossa e uma delas tinha rasgado seu ombro. Não era uma ferida perigosa, avaliava, nem particularmente dolorosa, pois o braço ainda estava dormente por conta da força de sua queda. Ainda assim, leve como era,

acabaria por matá-lo.

Não que tivesse medo da morte; Gaius Macellius Severus Siluricus tinha dezenove anos e tinha feito seu juramento ao imperador Tito como oficial romano. Lutara sua primeira batalha antes que o buço no rosto engrossasse. Mas morrer pelo fato de ter caído em uma armadilha feito uma lebre estúpida o deixava irritado. Era sua culpa, pensou Gaius, com amargura. Se tivesse dado ouvidos a Clotinus Albus, agora estaria diante de um fogo quente, bebendo a cerveja do sul e flertando com a filha do anfitrião, Gwenna, que havia deixado de lado o costume casto dos bretões do interior e adotado as maneiras mais ousadas das moças das cidades romanas, como Londinium, com a mesma facilidade que seu pai adotara a língua latina e a toga.

E, no entanto, fora por causa de seu conhecimento dos dialetos britânicos que acabou por ser enviado para essa jornada, lembrou-se Gaius, e sua boca se retorceu soturnamente. O velho Severus, seu pai, era prefeito do acampamento da Segunda Legião Adiutrix, em Deva, e se casara com a filha morena de um chefe dos siluros nos primeiros dias da conquista, quando Roma ainda esperava angariar as tribos por alianças. Gaius aprendera a falar esses dialetos antes mesmo que pudesse balbuciar uma palavra de latim.

Houve um tempo, é claro, em que um oficial da Legião Imperial, posicionado no forte de Deva, não teria se dado ao trabalho de colocar suas demandas na língua de um país conquistado. Mesmo hoje, Flavius Rufus, orador da segunda corte, não se importava com tais gentilezas. Mas Macellius Severus sênior, *praefectus castrorum*, se reportava apenas a Agricola, governador da Província da Bretanha, e era sua responsabilidade manter a paz e a harmonia entre os povos da província e a legião que a ocupava, guardava e governava.

Ainda lambendo as feridas, uma geração após a rainha assassina Boudicca tentar sua rebelião infrutífera – e ser punida ferozmente pelas legiões –, o povo da Britânia era pacífico o suficiente em relação aos impostos e tributos pesados. O recrutamento de trabalho humano era recebido com menos mansidão, e ali, nas franjas do império, o ressentimento ainda fumegava, fomentado por alguns chefes mesquinhos e descontentes. E, para esse caldeirão de problemas, Flavius Rufus tinha enviado um grupo de legionários para supervisionar os homens recrutados para trabalhar nas minas imperiais de chumbo na colina.

A política imperial não permitia que um jovem oficial fosse colocado na mesma legião em que seu pai tivesse um cargo importante como prefeito. Sendo assim, Gaius agora tinha o posto de tribuno militar na Legião Valeria Victrix, em Glevum, e, apesar de seu sangue meio britânico, desde a infância recebera a disciplina severa do filho de um soldado romano.

O velho Macellius ainda não tinha pedido favores a seu único filho, mas

Gaius ferira de leve a perna durante uma escaramuça na fronteira e, antes que se recuperasse totalmente, uma febre o mandou de volta para sua casa em Deva, com permissão para convalescer antes de voltar a seu posto. Uma vez recuperado, estava inquieto na casa do pai, e a chance de ir com os homens até as minas lhe soara agradável.

A viagem tinha ocorrido sem percalços. Depois que os homens sombrios haviam partido marchando, Gaius, com mais duas semanas de licença, aceitara o convite de Clotinus Albus, auxiliado pelos olhares imodestos de sua filha, para ficar ali por uns dias e caçar um pouco. Clotinus era adepto da caça e – Gaius estava ciente – ficara feliz com a ideia de oferecer hospitalidade ao filho de um oficial romano. Gaius acabou por dar de ombros para essa questão, desfrutou da caça, que era excelente, e disse à filha de Clotinus uma série de mentiras agradáveis, o que também foi excelente. No dia anterior, havia matado um cervo naquela mesma mata, provando-se tão hábil com a lança leve como esses bretões com suas próprias armas. Mas agora...

Espalhado na sujeira do fosso, Gaius despejava pragas desesperadas sobre o escravo medroso que se oferecera a mostrar a ele um atalho da casa de Clotinus à estrada romana que, segundo o escravo, ia diretamente a Deva. Praguejava também sobre sua própria tolice em permitir que aquele simplório conduzisse a carruagem, sobre a lebre ou o que tivesse corrido na frente dele e assustado os cavalos, sobre os animais mal treinados, sobre o tolo que havia deixado que eles disparassem e sobre o momento de distração em que ele perdeu o equilíbrio e fora lançado, aturdido, ao chão.

Aturdido, sim, mas, se não estivesse um pouco fora de si por causa da queda, teria sido sensato o suficiente para ficar exatamente onde havia caído; até um tolo como o condutor acabaria, cedo ou tarde, recuperando o controle dos cavalos e voltando para buscá-lo. Ainda mais que isso, ele amaldiçoava sua própria imbecilidade por ter deixado a estrada e tentado encontrar o caminho através da floresta. Devia ter vagado, sem destino certo, por uma longa distância.

Deveria ainda estar zonzo da queda anterior, mas se lembrava com uma clareza vertiginosa do escorregão súbito, do deslizar das folhas e galhos quando a armadilha cedeu e do momento da queda, quando a estaca atravessou seu ombro com uma força que o fez perder a consciência por uns minutos. A tarde seguia antes que ele se recuperasse o suficiente para dar conta de seus ferimentos. Uma segunda estaca havia estourado sua panturrilha, rasgando uma velha ferida. Não era um ferimento sério, mas havia batido o tornozelo tão forte que ele inchara até ficar do tamanho da coxa; ao que parecia, estava quebrado. Gaius, sem ferimentos, era ágil como um gato e teria saído daquele fosso em instantes, mas agora estava muito fraco e zonzo para se mover.

Sabia que, se não sangrasse até a morte antes do anoitecer, o cheiro de sangue atrairia os animais selvagens que finalmente lhe dariam um fim. Tentou afastar as memórias de contos de fadas sobre as piores coisas que o cheiro poderia atrair.

O frio úmido tomava todo o seu corpo; havia gritado até ficar rouco. Agora, se tivesse que morrer, o faria com a dignidade romana. Ele dobrou o manto ensopado de sangue em torno do rosto e, com o coração batendo forte, aprumou o corpo para cima; tinha ouvido vozes.

Gaius colocou toda a força que ainda tinha em um grito, que soou meio berro, meio uivo. Instantes depois, ficou envergonhado do som animalesco que havia saído de sua garganta e se esforçou para emitir um apelo mais humano, mas não saía nada. Ele agarrou uma das estacas, mas só foi capaz de se colocar de joelhos e se recostar na parede imunda.

Por um segundo, uma luz derradeira o cegou. Ele piscou e então viu a cabeça de uma moça emoldurada pelos raios de sol.

— Grande Mãe! — gritou ela, com voz clara. — Como, em nome de qualquer deus, você conseguiu cair aí? Não viu as marcas de aviso que colocaram nas árvores?

Gaius não conseguia dizer palavra. A jovem se dirigira a ele em um dialeto excepcionalmente puro que não lhe era familiar. Certamente, naquela região, ela deveria ser da tribo dos ordovicos. Ele teve de se concentrar por um instante para conseguir pensar no dialeto siluro de sua mãe.

Antes que pudesse responder, uma segunda voz feminina, mais rica e de algum modo mais forte, exclamou:

— Que tonto! Deveríamos deixá-lo aqui como isca de lobo!

Outro rosto apareceu ao lado do primeiro e, por um momento, ele se perguntou se sua visão estava lhe pregando peças.

— Aqui, pegue minha mão. Acho que nós duas juntas conseguimos tirá-lo daí — ela disse. — Eilan, me ajude!

A mão branca e esguia de uma mulher desceu até ele. Gaius levantou sua mão, mas não conseguia fechá-la.

— Qual o problema? Está ferido? — a garota perguntou de um modo mais gentil.

Antes que Gaius pudesse responder, a outra – não conseguia ver nada além do fato de que era jovem – curvou-se para ver por si mesma.

— Ah, agora vejo. Dieda, ele está sangrando! Corra e traga Cynric para tirá-lo daqui.

Gaius foi tomado por um alívio tão forte que quase perdeu a consciência e então caiu para trás, gemendo, quando, com o movimento, raspou seus

ferimentos.

— Você não pode desmaiar. — A voz clara veio de cima dele. — Que minhas palavras sejam uma corda para amarrá-lo à vida, ouviu?

— Ouvi — ele sussurrou. — Continue falando comigo.

Talvez pelo fato de o resgate estar a caminho, ele instintivamente se permitiu sentir, e então os ferimentos começaram a doer para valer. Gaius conseguia ouvir a voz da garota acima dele, embora as palavras já não fizessem mais sentido. Elas o atravessavam como o murmúrio de um riacho, levando sua mente para além da dor, e então o mundo escureceu. Gaius só percebeu que era a luz do dia, e não sua visão, que havia sumido quando viu a chama de uma tocha por entre as árvores.

O rosto da garota desapareceu e ele voltou a ouvi-la:

— Pai, há um homem preso na velha armadilha para javalis.

— Vamos tirá-lo dali — respondeu uma voz mais grossa.

Gaius, então, percebeu que havia um movimento acima dele.

— Isso parece trabalho para quem pode se esticar. Cynric, é melhor você descer e dar uma olhada — concluiu a voz masculina.

No momento seguinte, um jovem desceu para dentro da fossa. Ele examinou Gaius e perguntou com simpatia:

— Ei, no que estava pensando? Precisa ser realmente esperto para cair numa armadilha que está aqui há trinta anos!

Reunindo os fragmentos de seu orgulho, Gaius queria dizer que se o camarada o tirasse dali seria recompensado adequadamente, mas logo ficou feliz por não conseguir dizer nada. Enquanto seus olhos se ajustavam gradualmente à luz da tocha, o jovem romano percebeu que quem o resgatava tinha por volta de sua idade, não muito mais do que dezoito anos, apesar de ser um gigante. Os cabelos claros desciam em cachos soltos por sobre os ombros, e o rosto, ainda sem barba, parecia feliz e calmo, como se resgatar estrangeiros quase mortos fosse parte de suas tarefas do dia. Usava uma túnica de pano xadrez e couro finamente curtido; seu manto de lã bordada estava preso com um alfinete de ouro em formato de um corvo, esmaltado em vermelho. Eram roupas de um homem de uma casa real, mas não daqueles que davam as boas-vindas a seus conquistadores e imitavam os costumes de Roma.

Na língua das tribos, Gaius disse apenas:

— Sou um estranho aqui. Não vi as marcas.

— Bem, não se preocupe. Nós vamos tirá-lo daqui e então você pode explicar como foi que caiu.

O jovem passou o braço pela cintura de Gaius, segurando o rapaz romano com a facilidade de quem lida com uma pequena criança.



— Cavamos essa fossa para javalis, ursos e romanos — ele observou tranquilamente. — Foi azar seu ter caído.

Ele, então, olhou para o topo do fosso e disse:

— Lance-nos seu manto, Dieda, será mais fácil do que achar algo aqui para levá-lo. O manto dele está duro de sangue.

Quando o manto da garota já estava lá embaixo, Cynric o amarrou em torno da cintura de Gaius e depois prendeu a outra ponta na própria cintura. Colocou, então, um pé na estaca mais baixa e disse:

— Grite se sentir dor. Eu já tirei ursos daqui dessa forma, mas eles estavam mortos e não tinham como reclamar.

Gaius apertou os dentes e aguentou, quase desmaiando de dor quando seu tornozelo inchado acertou uma raiz protuberante. Alguém no topo se curvou para pegar suas mãos. Quando ele finalmente se viu fora da armadilha, deitou-se no chão e ficou apenas respirando por um momento, antes de ter forças para abrir os olhos.

Um homem mais velho estava curvado sobre ele. Gentilmente, afastou o manto sujo e cheio de sangue de Gaius e assoviou.

— Algum deus deve amá-lo, estranho. Uns poucos centímetros abaixo e a estaca teria atingido seus pulmões. Cynric, meninas, olhem isso — ele continuou. — Onde o ombro ainda sangra, o sangue está escuro e lento, então quer dizer que está voltando para o coração. Se estivesse vindo dele, seria vermelho vivo e estaria jorrando, e o rapaz provavelmente teria sangrado até a morte antes que fosse achado.

O jovem louro e as duas moças se curvaram para ver. Gaius ficou em silêncio. Uma suspeita terrível tinha começado a invadi-lo. Já havia desistido de se identificar e pedir para que o levassem até a casa de Clotinus Albus em troca de uma boa recompensa. Agora, sabia que só estava a salvo por conta da velha túnica britânica que havia colocado naquela manhã para viajar. A sabedoria médica casual daquele discurso lhe disse que estava na presença de um druida. Então, quando alguém o levantou, o mundo todo escureceu e sumiu.

Gaius acordou com a luz do fogo e o rosto de uma moça olhando para ele. Por um instante, os traços dela pareciam flutuar em um halo de fogo. Ela era jovem e seu rosto, belo. Mas os olhos tinham um tom estranho entre castanho e cinza, bem espaçados e sob cílios pálidos. A boca formava covinhas, mas era tão séria que parecia mais velha que o resto de seu próprio rosto. O cabelo era claro como os cílios, quase sem cor, exceto nos pontos em que a luz do fogo jogava um tom avermelhado sobre os fios. Uma das mãos se movia sobre o rosto de Gaius, e ele sentiu seu frescor; ela banhava-o com água.

Ele a olhou pelo que pareceu um longo período, até que os traços dela

estivessem desenhados para sempre em sua memória. Então, alguém disse:

— Chega, Eilan, acho que ele acordou. — E a garota, então, se afastou.

Eilan... Ele já tinha ouvido o nome antes. Será que havia sido em algum sonho? Ela era adorável.

Gaius se esforçou para enxergar e percebeu que estava deitado em uma cama contra a parede. Ele olhou em volta, tentando entender onde estava. Cynric, o jovem que o tirara da fossa, e o velho druida cujo nome ainda não sabia estavam ao seu lado. Ele estava deitado em uma casa redonda, com alicerces de madeira, construída no antigo estilo celta, com toras de madeira lustrosas radiando desde o pico do teto até as paredes laterais. Não entrava em uma casa dessas desde que era uma criança pequena, quando a mãe o levava para visitar parentes.

O chão estava coberto de junco e a parede de varas de aveleira entrelaçadas estava rachada e rebocada com argila pintada de branco. As separações entre as camas também eram de vime. Uma grande cortina de couro fechava a entrada, fazendo as vezes de porta. Deitar ali fizera com que ele se sentisse muito jovem, como se todos os anos de treino romano lhe tivessem sido retirados.

Seu olhar se moveu em torno da casa e de volta para a moça. Seu vestido era de linho vermelho-amarronzado e ela segurava uma bacia de cobre na mão. Era alta, porém mais jovem do que havia pensado, com o corpo ainda retilíneo como o de uma criança sob as dobras do vestido. A luz da lareira central atrás dela brilhava em seu cabelo claro.

A luz do fogo também lhe revelou o homem mais velho, o druida. Gaius mexeu um pouco a cabeça e observou-o sob os cílios. Os druidas eram homens sábios entre os bretões, mas a vida toda ouviu dizer que eram fanáticos. Estar na casa de um druida era como acordar em um covil de lobos, e Gaius não se importava em admitir que sentia medo.

Mas, pelo menos, quando ouviu o velho discorrer com calma sobre a circulação de seu sangue, algo que o médico grego de seu pai lhe dissera ser um ensinamento dos sacerdotes curandeiros do primeiro escalão, o jovem teve o bom senso de esconder sua identidade romana.

Não que fizessem segredo sobre quem eles eram. “Cavamos essa fossa para javalis, ursos e romanos”, dissera o jovem, um tanto casualmente. Isso já deveria ter sido suficiente para que ele soubesse que estava muito longe do pequeno círculo protegido da dominação romana. Entretanto, não estava mais longe do que um dia de cavalgada do posto da legião em Deva.

Mas, se estava nas mãos do inimigo, ao menos estava sendo bem tratado. As roupas que a moça usava eram de alta qualidade e a bacia de cobre que ela tinha na mão era lindamente trabalhada – sem dúvida viera de um dos mercados

do sul.

Lamparinas de junco mergulhado em sebo queimavam em vasos pendurados na parede. O leito em que se deitava estava coberto de linho e o colchão de palha tinha o cheiro doce de ervas. Estava deliciosamente aquecido após o frio da fossa. Então, o velho que dirigira seu resgate veio até ele e sentou-se ao seu lado. Pela primeira vez Gaius pôde finalmente dar uma boa olhada em seu salvador.

Era um homem grande e vigoroso, com ombros capazes de derrubar um touro. O rosto era desenhado grosseiramente ao redor do crânio, como se esculpido sem cuidado na pedra, e os olhos eram cinza-claro e frios. O cabelo tinha muitas mechas acinzentadas, por isso Gaius imaginou que ele tivesse a mesma idade de seu pai, em torno dos cinquenta.

— Você realmente escapou por pouco, jovem — disse o druida.

Gaius teve a impressão de que ensinar era algo muito natural àquele homem.

— Da próxima vez, mantenha os olhos abertos. Vou dar uma olhada nesse ombro em um minuto. Eilan — disse ele, fazendo um gesto para a moça e dando a ela instruções em voz baixa.

Ela saiu e Gaius, então, perguntou:

— A quem devo minha vida, honorável?

Ele jamais havia pensado que um dia demonstraria respeito a um druida. Gaius, como todos os que conhecia, tinha sido criado com as histórias de horror do César sobre sacrifícios humanos, além de lendas sobre guerras que foram lutadas para refrear o culto druídico na Bretanha e na Gália. Os que existiam ainda hoje eram bem controlados por éditos romanos, mas podiam causar tantos problemas quanto os cristãos. A diferença era que, enquanto os cristãos disseminavam desavença nas cidades e se recusavam a adorar o imperador, os druidas podiam incitar até mesmo povos já conquistados a guerras sangrentas.

Ainda assim, havia algo naquele homem que despertava respeito.

— Meu nome é Bendeigid — disse o druida, mas ele não questionou Gaius, e o jovem romano se lembrou de ter ouvido a família da mãe dizer que, fora das terras romanas, entre os celtas, um hóspede ainda era considerado sagrado. O pior inimigo de um homem poderia pedir abrigo e comida e ir embora sem ser questionado, se assim escolhesse. Gaius respirou com mais liberdade com o indulto; aquele era um lugar onde seria mais seguro – e sábio – pedir hospitalidade como um convidado do que exercer os direitos do conquistador.

A moça Eilan entrou na alcova novamente, trazendo agora um pequeno baú de carvalho e ferro e um chifre de beber.

— Espero que este seja o certo.

O pai assentiu bruscamente, pegou o baú e fez um gesto para que desse o chifre a Gaius. Ele o pegou e ficou surpreso ao perceber que não tinha forças para fechar os dedos. — Beba isso — disse então o druida, com a maneira inconfundível de um homem acostumado a dar ordens e vê-las obedecidas. Depois de um minuto, ele completou: — Vai precisar disso quando acabarmos tudo.

Ele parecia uma pessoa agradável, mas Gaius estava começando a sentir medo.

Bendeigid fez um gesto para a moça, e ela voltou para o lado da cama de Gaius.

Ela sorriu, provou um pouco da bebida, num gesto tradicional de hospitalidade, e então colocou o chifre nos lábios dele. Gaius tentou se levantar um pouco, mas seus músculos não o obedeciam. Com um grito de compaixão, Eilan levantou levemente com o braço a cabeça do hóspede para que ele pudesse beber.

O jovem romano bebeu do copo; era hidromel forte, com a adição de alguma erva amarga, obviamente medicinal.

— Você quase foi para a Terra da Juventude, estranho, mas não vai morrer — ela murmurou. — Eu o vi em um sonho, mas estava mais velho e com um menininho a seu lado.

Ele olhou para ela, já deliciosamente entorpecido para achar aquilo perturbador. Por mais que ela fosse jovem, recostar-se em seu peito era como estar de volta aos braços de sua mãe. Agora, quando sentia dor, quase conseguia se lembrar dela, e seus olhos se enchiam de lágrimas. Estava vagamente consciente quando o velho druida cortou sua túnica e, junto com o jovem Cynric, lavou suas feridas com algo que queimava – mas nada pior do que a coisa que o velho Manlius tinha colocado em sua perna quando se machucou antes. Os dois lambuzaram sua perna com uma substância grudenta, que ardia, e então, a enfaixaram com força com tiras de linho. Eles, então, moveram o tornozelo inchado, e ele olhou sem muito interesse quando alguém disse:

— Nada de muito ruim aqui, não está nem quebrado.

Pouco depois, no entanto, ele pareceu recobrar um pouco da consciência quando Cynric disse:

— Prepare-se, jovem, a estaca estava imunda, mas acho que podemos salvar o braço, se o queimarmos.

— Eilan — o velho ordenou secamente —, saia daqui. Não há nada para uma menina ver.

— Eu o seguro, Eilan — disse Cynric. — Pode ir.

— Eu prefiro ficar, pai. Talvez possa ajudar. — As mãos dela se fecharam

sobre as de Gaius, enquanto o velho rugiu:

— Faça como quiser, só não grite ou desmaie.

No minuto seguinte, Gaius sentiu mãos fortes – as de Cynric? – o segurarem com firmeza, imobilizando-o. As mãos de Eilan ainda estavam entrelaçadas nas suas, mas ele as sentiu estremecerem de leve. Virou a cabeça, fechando os olhos e apertando os dentes para não deixar nenhum grito vergonhoso escapar. Sentiu o cheiro do ferro em brasa se aproximando e uma agonia medonha se espalhou por todo o seu corpo.

Um grito contorceu seus lábios; ele o sentiu escapar como um grunhido engasgado. Logo depois, o toque grosseiro o libertou e ele passou a sentir apenas as mãos suaves da moça. Quando conseguiu abrir os olhos, viu o druida olhando-o de cima, com um sorriso sombrio repuxando a barba grisalha. Cynric, que o havia segurado, estava muito pálido. Gaius vira aquele olhar em jovens de seu próprio comando depois da primeira batalha.

— Bem, certamente você não é nenhum covarde, rapaz — disse o jovem, com uma voz engasgada.

— Obrigado — balbuciou Gaius, quase inconsciente, e então desmaiou.

## 2

Quando Gaius voltou a si, sentindo-se como se tivesse passado um longo período inconsciente, as lamparinas de junco já estavam apagadas. O ambiente era iluminado apenas por uma luz fraca que vinha das brasas da lareira, mas ele ainda podia distinguir a moça Eilan sentada ao seu lado, quase adormecida. Sentia-se cansado, seu braço latejava e tinha sede. Podia ouvir vozes femininas não muito longe dali. Seu ombro estava envolto em faixas grossas de linho e ele se sentia embrulhado feito um recém-nascido. O ombro ferido estava lambuzado com um unguento gorduroso, fazendo com que o linho exalasse um odor de gordura e bálsamo.

A moça estava sentada em silêncio a seu lado, em um banquinho de três pernas, pálida e esguia como uma jovem bétula, com o cabelo penteado para trás da testa, um pouco ondulado, pois tinha a textura muito fina para ficar perfeitamente liso. Ela usava uma corrente dourada em torno do pescoço com algum tipo de amuleto. As garotas bretãs amadureciam tarde, disso Gaius sabia. Ela, então, poderia ter uns quinze anos. Mal era uma mulher, mas certamente não uma criança.

Houve um barulho, como se alguém derrubasse um balde, e uma voz juvenil gritou:

— Então pode ir e ordenhá-las você mesmo, se quiser!

— E o que isso tem a ver com a mulher do curral? — uma voz feminina perguntou de modo grosseiro.

— Ah, está chorando e gritando porque os açougueiros romanos vieram e levaram o homem dela com os outros recrutados. Ela, então, ficou abandonada com três bebês — disse a primeira voz —, e agora meu Rhodri teve de ir atrás deles.

— A maldição de Tanarus sobre todos os romanos — começou uma voz que Gaius reconheceu como a de Cynric, mas a voz da mulher mais velha o interrompeu.

— Quietos! Mairi, coloque os pratos na mesa, não fique aí gritando com os

meninos. Vou falar com a pobre mulher. Vou dizer a ela que pode trazer os pequenos aqui para a casa. De todo modo, alguém precisa ordenhar as vacas esta noite, mesmo se os romanos levarem todos os homens da Bretanha.

— Você é boa, mãe adotiva — disse Cynric, e as vozes baixaram em um murmúrio novamente.

A moça olhou para Gaius e se levantou do banquinho.

— Ah, você está acordado — ela disse. — Está com fome?

— Poderia devorar um cavalo, a carruagem e perseguir o cocheiro até a metade do caminho para Venta — respondeu Gaius, com semblante sério, e ela olhou por um minuto antes de arregalar os olhos e rir.

— Vou ver se há um cavalo e uma carruagem na cozinha — ela disse, ainda rindo.

Depois disso, a luz atrás dela aumentou, e uma senhora apareceu na porta do quarto. Por um momento, ele ficou atordoado com a claridade, pois o ambiente foi tomado pela luz do sol.

— Ora, já é de manhã? — ele perguntou sem pensar, e a mulher riu, virou-se e puxou de novo a cortina de pele de cavalo, prendendo-a num gancho e extinguindo a luz com um movimento fácil.

— Eilan não deixou que o perturbássemos nem mesmo para comer — ela disse. — Ela insistiu que o descanso lhe faria mais bem que a comida, e imagino que estivesse certa. Mas agora deve estar faminto. Sinto muito por não tê-lo recebido em nossa casa. Eu estava fora cuidando de uma mulher doente de nosso clã. Espero que Eilan tenha tratado bem de você.

— Ah, muito bem — disse Gaius.

Ele piscou, pois algo nas maneiras dela traziam dolorosas lembranças de sua mãe.

A senhora olhou para ele. Era uma bela mulher bretã, e tão parecida com a moça que a relação de parentesco entre elas era óbvia, e o rapaz romano a notou mesmo antes de Eilan dizer “mãe” e depois se conter, tímida demais para continuar.

A mulher, assim como a moça, tinha cabelos loiros e olhos escuros, castanho-acinzentados. Aparentava estar vindo de algum trabalho junto das criadas, pois havia vestígios de farinha em sua bela túnica de lã, mas a camisa por baixo dela era do linho mais branco e claro que já vira na Bretanha, com a bainha toda bordada. Os sapatos eram de um bom couro tingido, e uma bela fíbula de ouro espiralado fechava o vestido.

— Espero que esteja se sentindo melhor — disse ela, graciosamente.

Gaius se levantou em seu braço bom.

— Muito melhor, senhora — disse ele. — E eternamente grato à senhora e

aos seus.

Ela fez um pequeno gesto de dispensa.

— Você vem de Deva?

— Estive fazendo uma visita a um lugar perto de lá — respondeu ele. O sabor do latim em sua fala poderia ser explicado se ela pensasse que vinha de uma cidade romana.

— Já que está desperto, vou pedir a Cynric que o ajude a tomar banho e se vestir.

— Será bom me lavar — disse Gaius, puxando o cobertor ao perceber que estava nu, a não ser pelos curativos.

A mulher seguiu seu olhar e disse:

— Ele vai encontrar umas roupas para você. Talvez fiquem muito grandes, mas vão servir para o momento. Se preferir ficar aqui e descansar um pouco mais, tudo bem. Mas saiba que é bem-vindo para se juntar a nós se sentir que é capaz.

Gaius pensou por um momento. Cada músculo de seu corpo parecia ter sido atingido por cassetetes. Mas, por outro lado, não podia evitar a curiosidade que sentia em saber mais sobre essa família e, além disso, não podia dar a entender que estava desdenhando da sociedade deles. Ele pensava que os bretões que não se alinhavam a Roma eram em sua maioria selvagens, mas não havia nada de primitivo naquele lugar.

— Eu me juntarei a vocês com prazer — respondeu, e depois esfregou a mão no rosto, consternado com a barba por fazer. — Mas antes gostaria de me lavar e, quem sabe, me barbear.

— Não acho que deveria se dar ao trabalho de se barbear, certamente não por nossa causa — disse ela —, mas Cynric vai ajudá-lo a se lavar. Eilan, encontre seu irmão e diga-lhe que precisamos dele.

A moça saiu e a senhora se virou para segui-la. Mas, antes de deixar o aposento, voltou a olhar para ele, vendo-o mais claramente na luz do cubículo obscuro. O olhar dela se suavizou de um sorriso de cortesia a outro que fez com que ele se recordasse do modo como sua mãe costumava olhá-lo, há muito tempo.

— Ora — disse ela —, você é apenas um menino.

Por um momento Gaius ficou irritado com aquelas palavras – já fazia o serviço de um homem feito havia três anos –, mas, antes que ele pudesse pensar em qualquer resposta cortês, uma voz zombeteira disse:

— Se ele é um menino, mãe adotiva, sou um bebê de roupas compridas. Bem, tropeção, está pronto para rolar para dentro de mais armadilhas de urso?

Cynric entrou pela porta. Outra vez Gaius se surpreendeu com a altura do



rapaz. No entanto, apesar de seu grande porte, ele também era ainda um jovem; embora tivesse quase o dobro do tamanho Gaius. Ele riu:

— Bem — disse Cynric —, agora você me parece menos pronto para ser levado pela carroça do velho que se livra dos tolos e dos bêbados. Deixe-me olhar sua perna para ver se pode colocar o pé no chão.

Mesmo com todo aquele tamanho, suas mãos foram gentis ao examinar a perna machucada. Quando acabou, riu novamente.

— Todos nós deveríamos ter pernas tão boas assim para andar! É mais um caroço feio. Você bateu em uma estaca, não foi? Achei que sim. Se tivesse um pouco menos de sorte teria quebrado em três lugares e ficaria mancando para o resto da vida. Mas acho que vai ficar bom. Já o ombro é outra história. Você não vai poder viajar por uns sete dias.

Gaius se forçou a ficar ereto.

— Mas eu preciso — disse. — Preciso estar em Deva em quatro dias.

Sua licença ia terminar...

— Eu lhe digo, se estiver em Deva em quatro dias, será para que seus amigos o enterrem por lá — respondeu Cynric. — Até eu sei disso. Ah, a propósito — ele adotou uma atitude mais deliberada e repetiu como se recitasse uma lição —, Bendeigid manda seus cumprimentos ao hóspede em sua casa e deseja que se recupere o melhor que puder. Ele sente muito pela necessidade de se ausentar neste dia e nesta noite, mas ficará feliz em vê-lo ao retornar — concluiu. — É preciso ter mais coragem que eu para enfrentá-lo e dizer que não aceita sua hospitalidade.

— Seu pai é muito bondoso — respondeu Gaius.

Ele bem poderia descansar. Não havia nada que pudesse fazer. Não poderia mencionar Clotinus. O que aconteceria depois dependia apenas daquele idiota que conduzia a carruagem. Se ele tivesse retornado e sido responsável a ponto de reportar que o filho do prefeito caíra no caminho e talvez estivesse morto, certamente já estariam examinando a mata em busca de seu corpo. Por outro lado, se o idiota tivesse decidido mentir ou se aproveitar da oportunidade para fugir até alguma vila fora do domínio romano – e havia muitas, mesmo tão perto de Deva –, bem, então seria impossível que adivinhassem o que havia acontecido. Poderiam não dar pela falta dele até o momento em que Macellius Severus começasse a fazer perguntas sobre o filho.

Cynric estava debruçado sobre uma arca ao pé da cama; tirou uma camisa e a examinou com uma mistura de diversão e desânimo.

— Aqueles trapos que você estava vestindo só servem para espantar corvos — disse. — Vou pedir às moças que limpem e remendem suas roupas, se é que isso é possível. Elas não têm muito o que fazer quando o tempo está assim. Bem,

por outro lado, você vai ficar parecido com uma moça de vestido comprido usando isto aqui — disse o rapaz, deixando a camisa de lado. — Vou pedir emprestado algo mais próximo do seu tamanho.

Cynric, então, saiu, e Gaius mexeu nos restos de roupas que estavam dobradas ao lado da cama até achar a bolsa no cinto de couro que haviam cortado dele. Até onde podia perceber, tudo estava intocado. Uns poucos quadrados de estanho que ainda serviam como moeda fora das cidades romanas, uma fivela, uma faca dobrável e um ou dois anéis e outras bugigangas que não quisera usar nas caçadas. Ah, sim, também estava ali — quão bem aquilo lhe fizera! Ele olhou brevemente para o pedaço de pergaminho com o selo do prefeito; seu salvo-conduto não seria útil ali. Aliás, poderia até mesmo lhe colocar em perigo. Mas quando saísse dali precisaria dele para viajar.

Ele o colocou rapidamente de volta na bolsa. Será que haviam visto o anel de sinete? Ele começou a tirá-lo do dedo para colocá-lo na bolsa, mas nesse mesmo instante, Cynric, com algumas roupas nos braços, voltou ao cômodo. Gaius quase sentiu culpa. Parecia que estava examinando suas coisas para ver se algo fora roubado.

Ele disse:

— Acho que o sinete do anel se soltou quando caí — disse, torcendo um pouco a pedra verde. — Fiquei com medo de que pudesse cair se o usasse de novo.

— Trabalho romano — disse Cynric, olhando para o anel. — O que quer dizer?

Trazia apenas suas iniciais e as armas da legião, mas ele tinha orgulho do anel, pois Macellius o encomendara em um gravador em Londinium quando iniciou seu comissionamento; mas Gaius disse:

— Não sei bem, foi um presente.

— O modelo é romano — disse Cynric, com uma careta. — Os romanos espalharam seu lixo daqui até a Caledônia... Não há como saber de onde veio — ele completou, com desdém.

Algo no jeito de Cynric fez Gaius pensar que corria um perigo mais mortal agora do que no fosso. O druida, Bendeigid, jamais violaria a hospitalidade; sabia disso por causa das lendas que sua mãe e sua babá haviam lhe contado. Mas não havia como saber o que esse jovem faria com a cabeça quente.

Em um impulso, pegou um dos anéis menores de sua bolsa.

— Eu devo minha vida a você e seu pai — disse. — Aceitaria este meu presente? Não é valioso, mas pode servir para lembrá-lo de uma boa ação.

Cynric pegou o anel de sua mão. Era pequeno demais e só servia no dedinho.

— Cynric, filho do druida Bendeigid, está muito agradecido, estranho — disse ele. — Não sei a qual nome devo agradecer...

Era a maior indireta possível permitida pelas boas maneiras, e Gaius não podia simplesmente ignorá-la. Ele poderia utilizar-se do nome do irmão da mãe; mas o nome do chefe dos siluros que a irmã dera para um romano poderia ter chegado até mesmo a este canto da Bretanha. No entanto, uma pequena quebra de confiança era melhor que uma grande falta de modos.

— Minha mãe me chamava de Gawen — acabou dizendo, por fim. Até ali era verdade, pois Gaius, seu nome romano, era estrangeiro à língua dela. — Nasci em Venta Silurum, ao sul. E não sou de nenhuma linhagem que possa conhecer.

Cynric pensou nisso por um momento, girando o anel em seu mindinho. Então uma luz curiosa de compreensão desceu sobre seu rosto. E ele perguntou, olhando atentamente para Gaius:

— Os corvos voam à meia-noite?

Gaius ficou tão surpreso com a pergunta quanto com os modos de Cynric. Por um momento, ele se perguntou se o jovem era tolo. Então, respondeu sem muito cuidado:

— Acho que você me pegou nas artes da floresta. Nunca soube de um que o fizesse.

Ele olhou para as mãos de Cynric, reparou que os dedos se enlaçavam de um modo peculiar e então começou a entender. Devia ser o sinal de uma das muitas sociedades secretas, a maioria como esses cultos de Mitra ou do Nazareno. Será que essas pessoas eram cristãs? Não, o símbolo delas era um peixe ou algo assim, não um corvo.

Bem, nada podia interessá-lo menos, e sua expressão deve ter demonstrado isso. O rosto do jovem bretão mudou levemente, e então ele disse de modo apressado:

— Vejo que cometi um engano. Bem, mas aqui estão, acho que essas roupas vão servir em você. Eu as peguei emprestadas de minha irmã Mairi, são do marido dela. Venha, vou ajudá-lo a ir até o banheiro e pegar a navalha de meu pai, pois sei que quer se barbear. Embora, na minha opinião, tenha idade suficiente para deixar a barba crescer. Cuidado... Não coloque todo o peso nesse pé ou vai cair no chão.

Banhado e barbeado, e, com a ajuda de Cynric, vestido com uma túnica limpa e com os culotes largos usados pelos bretões, Gaius sentiu que podia se levantar e andar mancando. Seu braço latejava e queimava e sua perna doía em vários pontos, mas poderia ter sido muito pior, e ele sabia que os músculos ficariam rijos se permanecesse na cama. Mesmo assim, apoiou-se com gratidão

no braço de Cynric enquanto o rapaz alto guiava seus passos através do pátio até o longo salão de banquetes.

Uma mesa de tábuas talhadas ocupava todo o centro da sala, ladeada por bancos de madeira pesados. O calor era providenciado por uma lareira em cada canto do aposento. Perto delas, grupos de homens, mulheres e até crianças se reuniam. Homens com barbas pesadas em batas de tecido grosseiro falavam uns com os outros em um dialeto tão cru que Gaius não conseguia entender uma palavra.

Embora seu tutor lhe tivesse ensinado que a palavra em latim *familia* originalmente significava todos os que dividiam a moradia, incluindo mestre, crianças, libertos e escravos, os romanos agora mantinham os serviçais fora do grupo familiar. Cynric pensou que o olhar de leve desgosto de Gaius não passava de fraqueza, então se apressou para levá-lo até um assento almofadado, no lado superior do longo cômodo.

Ali, um pouco afastada da mistura de pessoas do canto mais baixo da mesa, a senhora da casa estava acomodada em uma cadeira larga. Perto dela, outro assento, coberto com uma pele de urso, estava evidentemente reservado para o mestre. Outros assentos e bancos estavam ocupados por vários homens e mulheres jovens, cujas vestes refinadas e maneiras educadas indicavam que eram filhos naturais ou de criação, talvez, ainda, servos superiores. A senhora da casa assentiu para os rapazes, mas não interrompeu a conversa que estava tendo com outro velho sentado perto da lareira, alto e magro como um velho fantasma, com o cabelo acinzentado encaracolado e cortado de maneira um pouco afeminada. Sua barba também era grisalha e com cachos elaborados. Olhos verdes cintilavam no rosto do velho; sua túnica longa era branca como neve, ricamente bordada, e a pequena harpa a seu lado era ornamentada com ouro.

Um bardo! Mas isso não era de surpreender, considerando tratar-se do salão de um druida. Só faltava um profeta para que todas as três classes de druidas que o César descrevera estivessem representadas ali. Mas um adivinho talvez pudesse enxergar através do disfarce do jovem romano. Do modo como eram as coisas, o velho bardo lançou um longo olhar sobre Gaius, fazendo a pele do romano arrepiar ao longo da espinha antes que o velho se voltasse novamente para seu anfitrião.

Cynric disse em tom baixo:

— Você já conhece minha mãe adotiva, Rheis. Aquele é o bardo Ardanos, eu o chamo de avô, pois é pai de minha mãe de criação. Eu sou órfão.

Isso silenciou Gaius totalmente, pois tinha ouvido falar sobre Ardanos no quartel-general da legião. Era tido como um druida poderoso, talvez o chefe dos que sobraram nas Ilhas Britânicas. Embora à primeira vista Ardanos se parecesse

com qualquer harpista prestes a iniciar seu número, cada gesto dele atraía os olhos do rapaz. Não pela primeira vez, Gaius se perguntou como escaparia daquele local inteiro.

Ficou feliz em sentar-se em um banco perto da lareira e ser ignorado. Embora ainda estivesse claro lá fora, sentiu um calafrio, que o fez dar boas-vindas ao calor do fogo. Há muito tempo não precisava se lembrar dos costumes do povo de sua mãe. E esperava não cometer um erro e delatar a si mesmo.

Cynric continuou:

— Minha irmã Eilan você também conhece. Mas além dela há a irmã de minha mãe, Dieda.

Eilan estava sentada perto de Rheis. Cynric riu com o assombro de Gaius ao ver ao lado de Eilan outra moça vestida de linho verde, recostada no espaldar da cadeira, com a atenção voltada ao velho bardo. Por um momento, pensou que ela era tão parecida com Eilan como uma folha de carvalho se parece com outra. Mas então, com um olhar mais concentrado, percebeu que a moça que Cynric chamara de Dieda era um pouco mais velha e tinha olhos azuis, enquanto os de Eilan eram quase cinza. Ele se lembrava vagamente de ter visto dois rostos olhando para ele na beirada da armadilha para javalis, mas pensara ter sido um delírio.

— São realmente duas. E são mais parecidas que irmãs gêmeas, não são?

Aquilo era verdade, mas Gaius subitamente soube que a certeza com que ele havia reconhecido Eilan sempre permaneceria com ele. Por toda a vida, seria um dos poucos que conseguiriam distinguir as duas mulheres como que por instinto. Um fragmento de memória envolto em dor e fogo lhe ocorreu... Eilan havia sonhado com ele.

E, agora que as comparava, via que eram diferentes em outros pequenos modos. Dieda era um pouco mais alta, e seu cabelo caía liso e macio sobre a testa, enquanto o de Eilan escapava um pouco do penteado em um pequeno halo de cachos. O rosto de Dieda era suave, pálido e perfeito, e parecia solene; Eilan era rosada, como se o rosto tivesse capturado a luz do sol e a retido ali.

Agora, pareciam-lhe muito diferentes; as vozes não se assemelhavam em nada. Dieda disse algo cortês com naturalidade. Sua voz era rica e musical, sem a timidez ou o riso de Eilan.

— Então você é o simplório que sai por aí caindo em armadilhas de javali? — perguntou Dieda, séria. — Pelo que Cynric me disse, esperava ver um grosseirão lunático, mas você me parece razoavelmente civilizado.

Gaius assentiu hesitante; era estranho ver uma moça tão jovem com uma ponderação tão fria. Ele havia se afeiçoado por Eilan de imediato, mas, de algum modo, embora não houvesse motivos, achou que a outra garota não gostava dele.

Cynric assentiu e se voltou para uma jovem que passava com um jarro de leite.

— Mairi, o nome de nosso hóspede é Gawen. Não é possível que você tenha se transformado numa mulher leiteira, tão séria a ponto de não poder nem mesmo cumprimentá-lo.

A mulher mais velha curvou a cabeça em um gesto educado, mas não respondeu à provocação do garoto. Conforme ela se virou, Gaius percebeu que ela não era uma mulher gorducha, mas sim que estava em estado de gravidez avançada. E parecia ter chorado.

— Bem, esses são todos, exceto por minha irmã caçula, Senara — disse Cynric.

A caçula da família era uma menininha de seis ou sete anos com cabelo loiro como o de Eilan. Ela espiou timidamente por trás das saias de Mairi e então teve uma atitude atrevida, revelando:

— Eilan não voltou para dormir comigo. A mamãe me disse que ela ficou com você a noite toda.

— E eu fico muito honrado com a bondade dela — respondeu Gaius, rindo —, mas devo admitir que tenho pouco sucesso com as mulheres se a mais bela de todas não me dá atenção. Por que você também não veio cuidar de mim, pequena?

Ela era uma coisinha rosada, de rosto arredondado, e lembrava a própria irmã de Gaius, que não sobrevivera à morte da mãe três anos antes. Ele puxou a menina com seu braço bom e ela subiu no assento ao lado dele. Mais tarde, insistiu em dividir o prato com ele, quando as meninas mais velhas, Mairi e Dieda, trouxeram a comida. Gaius soltou uma risada e fez as vontades da garotinha.

Cynric e Dieda trocavam algumas palavras em voz baixa. Gaius tentou comer sozinho, mas seu braço enfaixado dificultava a tarefa. Eilan viu que ele estava tendo problemas e, então, foi sentar-se ao seu lado. Com uma faquinha afiada, cortou a comida dele em pedaços pequenos e disse à criança, quase num sussurro, para não incomodar o hóspede. Depois disso, Eilan foi novamente tomada pela timidez. Ela foi para a lareira sem falar mais nada, e Gaius se contentou em observá-la.

Um dos criados trouxe uma criança por volta de um ano para Mairi, e a jovem, sem a menor vergonha, abriu o vestido e começou a amamentá-la, continuando a conversar com Cynric. Ela olhou para Gaius com uma curiosidade inocente, dizendo:

— Agora vejo por que você pediu a túnica e os culotes de meu marido emprestados. Ele foi para... — Ela parou de falar, subitamente, franzindo o

cenho. — Bem, não acho que ele se importaria em emprestar suas roupas para um hóspede, mas acho que teria algo a me dizer se descobrisse que eu cedi suas roupas secas enquanto ele estava estremeando na floresta. Diga-me, Gawen, os siluros são todos baixos como você, são um povo pequeno, ou algum romano subiu na cama de sua avó uma noite?

Qualquer resposta que Gaius pudesse dar foi imediatamente engolida por risos em toda a mesa. Ele então se lembrou de que os bretões eram dados a brincadeiras mais grosseiras que um romano de boa estirpe consideraria de bom gosto. Era verdade que os siluros eram pequenos para os bretões; morenos e de ossos miúdos se comparados aos grandes homens de pele branca das tribos belgas. Cynric, Eilan, Dieda e Rheis eram daquele tipo. Mas as poucas memórias que Gaius tinha de seu tio que governava os siluros eram de um homem robusto. Apesar da baixa estatura, era um homem com riso e fúria fáceis, com tatuagens de dragões serpenteando seus braços.

Ocorreu-lhe uma resposta que ele não teria ousado dizer em companhia romana, mas que poderia servir ali.

— Quanto a isso não posso dizer nada, senhora Mairi, mas as roupas me servem muito bem... E, pelo que percebi, a senhora não se opôs que eu as usasse.

Cynric jogou a cabeça para trás em um rugido grosso de riso e foi seguido por todos os outros. Até mesmo a quieta Rheis sorriu um pouco, mas logo ficou séria, como se soubesse de algo que Mairi não sabia. Por um momento, pareceu esforçar-se para ser agradável. Então, virou-se para Ardanos.

— Pai, vamos ouvir um pouco de música?

Ardanos pegou a harpa e lançou um olhar cortante para Gaius. O jovem, então, teve a convicção súbita de que o velho druida sabia muito bem o que — e talvez quem — ele era. Mas como isso era possível? Gaius era moreno como o pai, e os siluros, assim como alguns outros povos do sul e do oeste, eram conhecidos por seus cabelos escuros e cacheados. Ele tinha quase certeza de jamais ter visto aquele velho antes. Tentou convencer a si mesmo que estava imaginando coisas — provavelmente o olhar que supôs que o reconheceria tinha sido apenas consequência de uma visão míope.

O velho druida pegou a harpa, tocou uma corda ou duas, e então a colocou de lado.

— Não estou com vontade de cantar — disse ele, olhando para uma das moças loiras. — Dieda, filha, pode cantar para nós?

Eilan mostrou as covinhas e disse:

— Estou sempre ao seu dispor, avô, mas você nunca quer me ouvir cantar, não é mesmo?

Ardanos riu, decepcionado.

— Ah, enganei-me de novo, Eilan, é você? Juro que você e Dieda sempre tentam me confundir. Bom, como se alguém pudesse saber quem é quem antes que abram a boca!

Então, Rheis disse gentilmente:

— Não consigo ver tanta semelhança assim, pai. É claro, uma é minha irmã e outra minha filha, mas para mim elas não são assim tão parecidas. Tem certeza de que sua visão não piorou?

— Não, eu sempre confundo as duas até que uma comece a cantar — protestou o druida. — Aí não há como confundi-las.

Eilan disse:

— Não precisa fazer careta, avô, sei que não sou apreciada como bardo!

E todos ficaram em silêncio enquanto Dieda, sem acompanhamento, começou a cantar:

*Passarinho me contou uma charada;  
Um peixe é um pássaro que nada no mar,  
Um pássaro é um peixe que nada no ar.*

Sob o disfarce da canção, Rheis fez um gesto para que Mairi se aproximasse e disse:

— Os romanos levaram mais alguém além do marido da mulher dos laticínios?

— Não que eu saiba, mãe, mas Rhodri saiu atrás deles antes que eu pudesse perguntar — respondeu Mairi, balançando a cabeça negativamente. — Ele disse que a maioria dos outros homens recrutados foi levada para o norte.

— Aquele porco gordo do Caradac! Ou eu devia dizer Clotinus, como os romanos o chamam? — explodiu Cynric. — Se o Velho Percevejo ficasse do nosso lado, os romanos jamais ousariam enviar suas legiões para esta parte do país... Mas enquanto todos passarem por cima dos romanos ou dos caledônios...

— Fique quieto — disse Dieda, bruscamente, interrompendo a canção. — Ou vai acabar tendo de ir você para o norte...

Então, Rheis interferiu gentilmente:

— Quietas, crianças, essas questões de família não são de interesse de nosso convidado.

No entanto, Gaius percebeu que ela queria dizer que não era seguro falar daqueles assuntos com um estranho em casa.

Ardanos disse, com calma:

— Esta parte do país está mais quieta do que estive por anos. Os romanos



pensam que estamos domados, que servimos apenas para pagar impostos. Mas seus melhores homens estão longe, tentando conquistar Novantae. E, como consequência disso, há menos ordem aqui.

— Podemos dispensar uma ordem desse tipo — retrucou Cynric bruscamente. Mas Ardanos voltou o olhar para o rapaz e ele acabou por ficar quieto.

Gaius se curvou um pouco em direção à lareira. Achava que o melhor a fazer era ficar em silêncio, mas estava curioso.

— Estive recentemente em Deva — disse, lentamente. — Havia lá uma conversa de que o imperador pode mandar Agricola voltar de Alba, apesar de suas vitórias. Dizem que não há vantagem em desperdiçar homens e mantimentos para ocupar uma terra tão infértil.

— Nós não tivemos essa sorte — disse Dieda, rindo com desdém. — Os romanos chegam a vomitar o que comeram para abrir espaço para mais em sua barriga. Mas nenhum deles jamais cedeu um centímetro de terra conquistada!

Gaius abriu a boca, mas pensou bem antes de falar. Rheis, então, tomou a palavra:

— Agricola é assim tão formidável? Será que realmente conseguiria conquistar a Britânia inteira, até o mar ao norte?

Ardanos fez uma careta.

— A conversa em Deva pode ter algo de verdade. Entre lobos e selvagens, duvido que até os romanos sedentos de impostos consigam ter muito lucro lá.

Dieda olhou para Gaius com repentina malícia:

— Você, que viveu entre os romanos, talvez possa nos dizer por que estão levando nossos homens e o que será deles.

— Os senadores provinciais pagam seus impostos com os homens recrutados. Creio que serão levados para as minas de chumbo nas colinas Mendip — disse Gaius, com relutância —, mas não sei o que acontecerá com eles quando estiverem lá.

Mas, na realidade, ele sabia. O chicote e a comida escassa seriam usados para quebrar seus espíritos, e facas de castração para emascular qualquer um que insistisse em resistir. Os que sobreviviam à marcha seriam colocados para trabalhar nas minas enquanto vivessem. Um vislumbre de triunfo nos olhos de Dieda fez Gaius pensar que ela adivinhara que ele sabia mais do que dizia. E ele se retraiu quando Mairi subitamente começou a chorar. Ele jamais encontrara — nem mesmo pensara que iria encontrar um dia — alguém que pudesse ser sujeitado à convocação.

— É possível fazer alguma coisa? — ela gritou.

— Não neste ano — respondeu o velho.

— Não há muito o que fazer sobre isso — disse Gaius, na defensiva —, mas não se pode negar que as minas enriqueceram toda a Bretanha.

— Mas nós podemos muito bem viver sem esse tipo de enriquecimento — vociferou Cynric. — Roma enriquece no topo e escraviza na base.

— Não foram apenas os romanos que enriqueceram — Gaius começou.

— E você fala de traidores como Clotinus?

Rheis se inclinou para a frente, como se quisesse terminar uma conversa que já estava se tornando inconveniente, mas Cynric se recusou a parar.

— Você, que viveu entre os romanos — disse ele, raivosamente, para Gaius —, sabe como Clotinus, o Acobertador, ficou rico? Ele levou as legiões até Mona! Ou você é romano demais para se lembrar que um dia houve ali um lugar sagrado, a Ilha das Mulheres? Talvez o lugar mais sagrado da Bretanha antes da chegada de Paulinus?

— Sabia apenas que ali havia um santuário — disse Gaius, de modo neutro, com o pescoço arrepiado com a sensação de perigo.

Para os romanos, a destruição de Mona fora obscurecida pela catástrofe da rebelião dos icenos, mas ele sabia que era melhor não discutir sobre o assunto na casa de um druida, especialmente por conta do fato de Agricola ter acabado com qualquer resistência que havia sobrado ainda ali no ano anterior.

— Aqui está um bardo em nossa própria lareira — disse Cynric — que ainda pode cantar sobre as mulheres de Mona de um jeito que vai partir seu coração!

O druida disse quase simultaneamente:

— Não hoje, rapaz...

E a dona da casa, então, se curvou:

— Não na minha mesa. Essa não é uma história para ser contada enquanto os convidados tentam comer seu jantar — disse com ênfase.

A sugestão, pensou Gaius, era impopular – ou suficientemente política para gerar conversas que não eram seguras. Mas ele se sentiu aliviado com o sentimento do bardo; não tinha a menor vontade de escutar qualquer história sobre atrocidades romanas naquele momento.

Cynric emburrou por um momento, e então voltou-se para Gaius e disse em voz baixa:

— Vou contá-la a você depois. Minha mãe de criação está certa. Não é uma história para ser contada na mesa de jantar, diante das crianças.

— Faríamos melhor — disse Rheis — em falar de nossas preparações para o festejo de Beltane. — E, com isso, Mairi e as moças, como se fosse um sinal, levantaram-se da mesa.

Cynric ofereceu o braço a Gaius e o ajudou a voltar para a cama. Uma vez

deitado, o jovem romano reparou que estava bem mais cansado do que tinha percebido; cada músculo de seu corpo doía. E, apesar de estar decidido a não dormir antes de avaliar tudo aquilo minuciosamente, logo se pegou adormecendo.

Nos dias que se seguiram, o ombro machucado de Gaius inchou, o que o deixou na cama sentindo uma dor considerável. No entanto, Eilan, que cuidava dele com devoção, disse-lhe que o desconforto não era nada perto do que uma estaca suja como aquela poderia ter causado.

As únicas partes toleráveis do dia eram quando, por duas ou três vezes, Eilan – que parecia ter assumido o papel de enfermeira – lhe trazia as refeições e o alimentava, já que ele mal conseguia segurar uma colher, muito menos cortar carne. Ele não estivera assim tão perto de uma mulher desde a morte de sua mãe, e jamais tinha percebido de fato o quanto sentia falta daquela proximidade. Fosse por Eilan ser mulher, por ser do povo de sua mãe ou ainda por alguma empatia espiritual que ia além disso, Gaius conseguia relaxar de verdade na presença dela. Nas longas horas entre suas visitas, não tinha mais nada para pensar, e a cada dia parecia ficar mais ansioso para vê-la.

Em uma manhã, Cynric e Rheis sugeriram que tomar um pouco de sol e tentar caminhar um pouco lhe faria bem. Ele mancou dolorosamente até o pátio, onde a pequena Senara veio encontrá-lo, dizendo que ela e Eilan estavam indo até o prado para colher flores e fazer as guirlandas do festival de Beltane, que aconteceria no dia seguinte.

Sob circunstâncias normais, a ideia de sair com uma dupla de meninas não teria atraído Gaius, mas, depois de seus últimos dias de cama, ele adoraria fazer um passeio até o estábulo para observar Mairi – ou mesmo a mulher do curral – ordenhar as vacas. Na verdade, aquilo parecia mais um piquenique, pois Cynric e Dieda também acabaram por acompanhá-los. As meninas mais novas pegavam no pé de Cynric como se fosse realmente um irmão, inclusive o fazendo carregar as echarpes e o cesto com a comida.

Senara era quem estava acompanhando Gaius. Ele se apoiava nela mais do que gostaria, mas tentou convencer a si mesmo de que estava contente com a situação. Cynric parecia pairar em torno de Dieda de um jeito que não se assemelhava a uma relação fraternal, sempre falando em voz baixa. Observando-os, Gaius se perguntou se estavam prometidos um ao outro. Ele não sabia o suficiente dos costumes dessa tribo para descobrir, mas estava certo de que não deveria importuná-los.

Eles colocaram o conteúdo da cesta no gramado. Havia pão recém-assado,

carne fria fatiada e maçãs – um tanto murchas e amarronzadas –, que, segundo as meninas, eram as últimas da despensa de inverno.

— Deixe-me buscar algumas frutas silvestres. — Senara ficou de pé, olhando em torno, e Eilan riu.

— Não seja tola! É primavera. Acha que nosso convidado é um bode, que come flores?

Gaius não se importava com o que comeriam; estava exausto.

Havia um odre de suco de frutas e outro de cerveja recém-feita. As meninas mais jovens não quiseram bebê-la, dizendo que estava muito amarga, mas Gaius a achou refrescante. Havia também bolos doces, que Dieda havia feito. Ela e Cynric dividiam um copo de chifre e deixaram Gaius na companhia das outras meninas.

Quando todos já tinham comido tanto quanto podiam, Senara encheu uma vasilha com água fresca da fonte no canto do prado e perguntou a Eilan se ela podia ver o rosto de seu amado nela.

— Isso é uma velha superstição — respondeu Eilan. — E, além disso, não tenho nenhum amado.

— Eu tenho — disse Cynric, pegando a vasilha e olhando dentro. — Será que a água vai me mostrar seu rosto, Dieda?

Ela veio e olhou sobre o ombro dele.

— Isso é tudo bobagem — disse.

Gaius achou que ela ficava mais bonita quando corava.

— Você olhou na água, Eilan? — perguntou Senara, puxando-a pela manga.

Eilan disse:

— Acho que é blasfêmia tentar fazer a Deusa falar desse jeito! O que diria Lhiannon?

— E alguém aqui se importa com isso? — perguntou Dieda, com um sorrisinho estranho. — Todos sabemos que ela não diz nada que não lhe seja passado pelos sacerdotes.

— Seu pai se importa — disse Cynric, sério.

— Verdade, ele se importa — retrucou Dieda. — Sendo assim, imagino que você deva se importar também.

Senara se virou para ela:

— Diga-me o que viu na água, Dieda — exigiu, em uma voz aguda.

— Meu rosto! — disse Cynric. — Ao menos espero que tenha sido.

— Então você seria nosso irmão de verdade. — Senara sorriu para ele.

— Por que acha que eu quero me casar com ela? — Cynric sorriu. — Mas ainda precisamos falar com seu pai.

— Acha que ele seria contra? — Dieda parecia subitamente ansiosa, e

ocorreu a Gaius que ser a filha do arquidruída poderia colocar uma pessoa numa situação ainda mais restritiva do que a do filho de um prefeito. — Se ele tivesse me prometido a outra pessoa, certamente já teria me contado!

— E com quem você vai se casar, Eilan? — perguntou Senara.

Gaius se inclinou para a frente, focando a atenção de repente.

— Não pensei sobre isso — respondeu Eilan, ficando vermelha. — Às vezes acho que escuto a Deusa, então, talvez devesse ir para a Casa da Floresta como uma das donzelas do Oráculo.

— Antes você do que eu — disse Dieda. — Mas eu jamais desejaria aquela vida para você.

— Ugh! — Senara balançou a cabeça. — Realmente quer viver sozinha?

— Isso seria um grande desperdício — disse Gaius. — Não há um homem com quem queira se casar?

Eilan olhou para ele e permaneceu alguns instantes em silêncio antes de falar num tom tranquilo:

— Ninguém com quem meus pais concordariam. E a vida da Casa da Floresta pode ser muito recompensadora. As mulheres sagradas aprendem todo tipo de sabedoria, além das artes curativas.

Então, pensou Gaius, ela gostaria de ser uma sacerdotisa curandeira. Como ele havia dito a Senara, realmente achava que seria um grande desperdício, tratando-se de alguém que trazia tanta beleza ao mundo. Eilan era bem diferente de tudo que ouvira sobre as garotas bretãs, que pensava serem como a filha de Clotinus. Seu pai algumas vezes havia falado sobre arranjar seu casamento com a filha de um velho amigo, um alto oficial em Londinium, mas ele jamais vira a moça.

Agora, entretanto, ocorria a ele que poderia ser mais útil casar-se com alguém como Eilan. Afinal, sua própria mãe fora das tribos bretãs. Ele olhou para Eilan por tanto tempo que ela ficou desconfortável.

— Há alguma sujeira em meu rosto? — ela perguntou. — Devíamos começar a colher as flores para nossas guirlandas.

Subitamente, ela ficou de pé e correu através do prado, que estava recheado de flores azuis, roxas e amarelas.

— Não, não os jacintos — disse a Senara, que a havia seguido. — Eles murcham rápido demais.

— Então me mostre quais devo usar — pediu Senara. — Gosto dessas orquídeas roxas. No ano passado vi uma sacerdotisa que as usava.

— Acho que os cabos são duros demais para serem trançados, mas vou tentar — respondeu Eilan, pegando o ramo de flores das mãos de Senara. — Não, realmente não consigo. Sem dúvida as moças de Lhiannon conhecem

algum método que eu não conheço — declarou. — Vamos tentar as prímulas.

— Mas elas são tão comuns quanto mato — reclamou Senara, e Eilan fez cara feia.

— O que acontece nesse festival? — perguntou Gaius, para distraí-la.

— Levam o gado entre as fogueiras e Lhiannon invoca a Deusa para pronunciar os Oráculos — declarou Eilan, com as mãos cheias de flores.

— E os amantes se encontram nas fogueiras — disse Cynric, olhando para Dieda. — E casais comprometidos comunicam seus votos. Aqui, Senara, tente essas.

— Essas são as que eu tentei trançar — reclamou Eilan —, mas os cabos são muito duros. Dieda, essas flores servem?

A moça mais velha estava ajoelhada diante de um espinheiro totalmente florido. Com a pergunta, ela se virou depressa e acabou por espetar o dedo em um espinho. Cynric foi até ela e o beijou. Ela corou e perguntou rapidamente:

— Quer que eu lhe faça uma coroa, Cynric?

— Como você preferir.

Nesse momento, um corvo crocitou de cima de uma das árvores, e a expressão no rosto dele logo mudou.

— Que estou dizendo? Não devia estar pensando em guirlandas agora.

Gaius viu Dieda abrir a boca como se fosse perguntar a Cynric por quê, e então parar. E o romano se perguntou se havia sido porque estavam na presença de um estranho. Ela jogou as flores para o lado e começou a recolher os pratos que usaram para comer. Eilan e Senara já tinham terminado suas guirlandas.

— Rheis ficará muito brava se esquecermos de levar um desses pratos de volta — observou Dieda. — E vocês, meninas, deviam terminar esses bolos.

Senara pegou um dos bolos e o partiu na metade, dando um pedaço a Gaius.

— Agora que partilhamos um bolo, você é meu convidado para a lareira — ela disse. — Quase meu irmão.

— Não seja tão boba, Senara — disse Eilan, com reprovação. — Gawen, não deixe que ela o importune.

— Ah, está tudo bem — disse Gaius. — Ela não está me incomodando.

Ele pensou novamente em sua irmã morta e se perguntou como sua vida teria sido se ela tivesse vivido. Ao levantar-se, cambaleou um pouco, e Eilan logo apareceu para lhe dar apoio, entregando as guirlandas para Dieda segurar.

— Creio que este passeio foi cansativo demais para você, Gawen — disse ela. — Aqui, apoie-se em mim. Cuidado, não bata o braço em nada — avisou, desviando-o de uma árvore.

— Ora, Eilan, você já é uma sacerdotisa curandeira — disse Cynric. — Gawen, pode se apoiar em mim se quiser. Mas é claro que Eilan é bem mais

bonita que eu, então creio que deva ajudar Dieda — completou, abrindo um sorriso e dando o braço a Dieda, enquanto começavam a tomar o caminho de volta. — Acho que você deveria ir direto para a cama em vez de ficar acordado para o jantar, Gawen. Eilan levará a comida para você. Tive muito trabalho com esse braço para você desfazer todo o meu esforço.

### 3

A moradia da sacerdotisa do Oráculo era quadrada – como um templo –, cercada por um pórtico coberto e ficava um pouco separada das outras construções dentro dos muros de Vernemeton. Embora o povo se referisse à área cercada como Casa da Floresta, na verdade as dependências acolhiam toda uma comunidade, cujas construções amontoadas eram ligadas por passagens cobertas. Havia jardins e quintais entre elas, fazendo do conjunto um verdadeiro labirinto. Apenas a moradia da grã-sacerdotisa era separada das outras, assim como só ela era cercada pelo tipo de simplicidade absoluta que é mais difícil de manter que o mais rígido dos rituais.

Quando o arquidruida Ardanos chegou, foi levado imediatamente à sua presença por sua sacerdotisa assistente, uma mulher alta e morena chamada Caillean. Ela estava vestida de modo muito semelhante ao da grã-sacerdotisa, que usava um manto de linho azul-escuro, mas os braceletes de Lhiannon e o torque em sua garganta eram de ouro puro, enquanto os de Caillean eram de prata.

— Pode ir agora, criança — Lhiannon disse a Caillean.

Ardanos esperou até que a assistente fechasse a cortina e então sorriu.

— Ela não é mais uma criança, Lhiannon. Muitos invernos se passaram desde que você veio com ela para a Casa da Floresta.

— É verdade, eu me perco na contagem dos anos — respondeu Lhiannon.

A grã-sacerdotisa ainda era, refletiu friamente o druida Ardanos, uma mulher excepcionalmente bela. Ela o conhecia há muitos anos e provavelmente ele era a coisa mais próxima de um amigo de sua geração ainda vivo. Quando era mais jovem, isso havia custado muitas noites de sono a Ardanos, mas agora estava velho e pouco se lembrava da época em que ela havia lhe tirado a paz.

Todas as sacerdotisas da Casa da Floresta em Vernemeton, o Bosque Mais Sagrado, eram escolhidas tanto por sua beleza quanto por qualquer outro atributo. E isso sempre o surpreendera. Podia entender que um deus pudesse desejar ser servido por belas mulheres, sobretudo se fosse algum deus romano



sem valor, mas não ia de acordo com o que conhecia do universo feminino o fato de uma deusa querer ter como servas mulheres tão belas como aquelas.

Seu silêncio não era forçado pela presença do grosseirão Huw, que segurava um porrete ao lado da porta e explodiria imediatamente o cérebro de qualquer homem – até mesmo do próprio arquidruída – que fizesse um movimento ofensivo ou dirigisse uma palavra desrespeitosa à sacerdotisa. Ardanos, é claro, não tinha tal intenção; a presença de Huw simplesmente garantia a segurança de Lhiannon e permitia a ela a liberdade de entreter os visitantes que não era permitida a outras pessoas.

Ardanos sabia que não parecia venerável o suficiente para o cargo de arquidruída e que tampouco era o Merlim da Bretanha renascido. No entanto, ele se consolava ao pensar que Lhiannon não mais parecia a encarnação viva e profeta da Deusa Sagrada da Sabedoria e da Inspiração. Era graciosa e gentil, e seu rosto era refinado pela austeridade, mas de resto era apenas uma mulher envelhecida, apesar de ter o cabelo tão louro que era impossível detectar os fios grisalhos que ele estava certo de que deviam estar ali. Seu vestido sacramental azul-escuro caía em dobras duras e pouco lisonjeiras. Os ombros retos haviam começado a se curvar um pouco com a fadiga. Quanto mais olhava os sinais claros da idade dela, mais Ardanos sentia o peso de sua própria.

Nos últimos anos, em deferência à sua idade, Lhiannon havia começado a usar um tecido na cabeça, como a maioria das matronas e mulheres mais velhas fazia, exceto quando o cabelo estava solto para o ritual. E ainda assim, refletiu Ardanos, por vinte anos – e ele a conhecera pela maior parte deles – o rosto e a forma dessa mulher foram centrais à nossa fé, e através de seus lábios veio, se não a palavra literal dos deuses, a palavra interpretada pelos sacerdotes do Oráculo.

Então, talvez houvesse algo de divino no rosto da velha mulher, afinal; uma divindade que perdurava feito uma fragrância. Talvez fosse algo investido nela pelas multidões para as quais aparecia como a própria Deusa. Não, para eles, um mero símbolo de sua fé, mas, em suas mentes infantis literais, a Deusa em si – a grande Mãe Virgem das Tribos, Senhora da Terra, em forma viva.

Lhiannon levantou a cabeça:

— Ardanos, está me olhando por tempo suficiente para ordenhar uma vaca! Veio aqui me dizer ou perguntar alguma coisa? Vamos logo com isso, homem! O pior que posso fazer é recusar. E quando é que fui capaz de lhe dizer não?

E essas são palavras de divindade, pensou Ardanos, feliz por colocar um manto de cinismo sobre um ambiente que estava se tornando opressivo.

— Perdoe-me, Senhora Sagrada — disse ele, de modo brando. — Meus pensamentos estavam em outro lugar.

Ele viu a surpresa dela quando se levantou novamente, dando uns passos inquietos, e então disse de modo abrupto:

— Lhiannon, estou preocupado. Ouvi um rumor em Deva, e ele foi repetido por ninguém menos que o filho do prefeito: Roma pode retirar as legiões. É a terceira vez que ouço falarem disso. Eu sei que sempre há uma facção gritando “Abaixo Roma”, mas...

— E muitos dos que repassam rumores e uivam têm a esperança de que vamos nos levantar e uivar com eles. Eu não acredito nesse rumor — disse Lhiannon, com franqueza. — Mas, se assim for, tenho certeza de que podemos viver sem eles. Não é para isso que rezamos desde que Caractacus andou acorrentado pelas ruas de Roma?

— Tem ideia do caos que isso iria criar? — perguntou Ardanos. — Essa mesma facção que está uivando “Abaixo Roma”... — ele ainda estava feliz com a metáfora...

— ... certamente não tem ideia do que vai acontecer se conseguirem o que desejam — completou Lhiannon.

*Ela me conhece muito bem. Nós acabamos de terminar os pensamentos um do outro*, pensou Ardanos. Mas ele não desejava seguir por aquela linha de raciocínio.

— Sei que há uma facção assim desde que o César conseguiu a fama de que precisava para governar Roma invadindo a Britânia! Eles ainda esperam que nós do Bosque Sagrado nos juntemos aos seus gritos e não entendem por que estamos em silêncio. Agora estou preocupado com a possibilidade de alguma confusão durante o festival de Beltane — disse Ardanos.

— Não, acho que Beltane será seguro o suficiente — retrucou Lhiannon. — As pessoas vêm para os jogos, as fogueiras, os banquetes e todo o resto. Agora, se estivéssemos em Samaine...

— As últimas arregimentações pioraram as coisas — insistiu Ardanos. — Levaram trinta dos homens de Bendeigid, e todos os escravos foram libertados quando ele foi proscrito. Proscrito! — Ele riu sem vontade. — Ele não sabe a sorte que teve sendo apenas proibido de morar em uma distância de vinte milhas de Deva! E mesmo assim ainda não sabe nada sobre a arregimentação, mas quando descobrir... Bem, ele já me chamou de coisas piores que traidor antes, seus xingamentos não me incomodam.

— Tenho permissão para fazer a reunião de Beltane. Eu fui até o próprio Macellius Severus e pedi permissão a ele para fazer um festival pacífico, exatamente como aconteceu nos últimos sete ou oito anos. Em nome de Ceres, é porque ele me conhece e confia em mim que não enviou legionários para se assegurar de que não vamos sair da linha e, digamos, decidir adorar Marte.

Lhiannon suspirou, e ele sabia que ela estava se lembrando dos dias de sangue e fogo quando Boudicca havia sacrificado homens à Deusa pela vitória. Eles eram tão jovens naquela época, tão certos de que poderiam trazer de volta os dias de glória apenas com um pouco de coragem e uma espada afiada.

— Se houver qualquer perturbação — disse Ardanos —, ou mesmo qualquer protesto, você sabe tão bem quanto eu que esta parte do país será feita em pedaços. Mas como eu poderia saber que as legiões haviam acabado de levar trinta bons homens para apodrecer naquelas minas imundas de Mendip?

Mas o fato era que ele deveria saber. Deveria saber o que os romanos estavam aprontando antes mesmo que eles próprios soubessem. Precisava estar pronto para o próximo ultraje, fosse ele qual fosse.

— Cancelar os rituais assim em cima da data provavelmente criaria agitação até mesmo onde não há nenhuma. Mas quer que eu tente? Houve muitos incidentes, reações à arregimentação, talvez? — perguntou Lhiannon.

— Não tenho certeza — respondeu Ardanos. — Alguém parece ter tentado fazer com que o filho do prefeito... desaparecesse.

— O filho do prefeito? — Lhiannon arqueou uma das sobrancelhas finas como se pensasse por que alguém deveria se importar com o rapaz. — Para protestar ou para causar problemas ao nosso povo? Não seria mais do feitio de Bendeigid assassinar os homens que vieram levar os arregimentados?

— Ele encontrou o rapaz preso em uma armadilha de javali e salvou a vida dele. Agora o menino é seu hóspede.

Lhiannon olhou para ele por um momento e começou a rir.

— E seu genro Bendeigid não sabe quem ele verdadeiramente é?

— O rapaz se parece o suficiente com a mãe que veio dos siluros para se passar por um de nós. Além disso, é esperto o suficiente para não se entregar. Mas vai precisar se recuperar antes de poder ser movido. Se algo acontecer ao jovem, que nunca, até onde sei, fez nada de bom ou ruim, sabe tão bem quanto eu que levaremos a culpa. Agora nós somos culpados por tudo, inclusive o saque de Troia e o próprio fato de que os legionários estão aqui, e não na Gália, onde é seu lugar. Há todas essas velhas histórias de atrocidades que remontam ao Júlio endeusado, que descanse em paz — completou Ardanos, com um sorriso feroz que significava, ela tinha certeza, exatamente o oposto. — Ainda assim há um elemento de rebelião — ele seguiu. — Daqui de onde está, você não o vê. Eu também não vejo muito, vivendo entre os romanos, como venho fazendo por tanto tempo. Mas é minha obrigação observar os ventos, identificar sinais e augúrios; por exemplo, quando os corvos voam à meia-noite. Falo da sociedade secreta que adora a Senhora das Batalhas.

O exemplo dele fez com que ela risse.

— Ah, Ardanos! Aqueles velhos que fazem sacrifícios a Cathubodva são malucos. Leem a sorte e procuram presságios nas entranhas de pássaros mortos e são tão péssimos quanto as legiões com seus galinheiros sagrados. Ninguém jamais prestou a menor atenção neles.

— Isso é o que eles eram antes — respondeu Ardanos.

Ele pensou consigo mesmo que estava feliz ao poder dizer a Lhiannon algo que ela não sabia. Nos velhos tempos, as sacerdotisas eram iguais aos druidas em seus conselhos, mas desde a queda de Mona haviam aprendido a ficar em segredo para sobreviverem. Em certas ocasiões, o arquidruida tinha até mesmo que agir sozinho. Ardanos às vezes se perguntava se não estavam levando isso longe demais; se as sacerdotisas não poderiam cumprir melhor as decisões do Conselho se ajudassem a tomá-las. Se assim fosse, ele não teria se sentido tão sozinho diante do problema.

— Há menos de três anos eles eram exatamente isso o que descreveu. Agora, em vez de velhos sacerdotes e sacrificadores, são um grupo de jovens, nenhum deles acima dos vinte e um anos, a maioria nascida aqui na Ilha Sagrada, que pensa ser a reencarnação do Bando Sagrado...

— Aquelas crianças! Do modo que nasceram, não me espantaria. — A testa suave de Lhiannon enrugou-se quando ela começou a entender o que ele dizia.

— Exatamente — Ardanos continuou. — Aquele rapaz Cynric que Bendeigid cria é um deles, e meu genro, que sempre teve um toque de fanatismo, não perde uma oportunidade para falar de suas políticas ao rapaz!

Lhiannon empalideceu.

— Eu devo perguntar como foi que isso aconteceu?

— Nunca soube que isso lhe faria alguma diferença. Bem, foi antes que minha filha Rheis se casasse com Bendeigid, e eu não o conhecia tão bem. Quando percebi quantos problemas cada um deles poderia causar, já era tarde demais. Cynric está preparado para começar exatamente de onde seu pai adotivo parou. Ele e Bendeigid conseguiram encontrar a maioria dos outros rapazes... e então formaram os Corvos, com nome e organização prontos à mão... Se algo acontecer comigo, com a senhora — ele balançou a cabeça, fazendo uma careta —, quem poderia impedi-los de tentar vingar a vergonha de suas mães contra Roma? Já há pessoas daqui dos lagos dizendo umas para as outras que esses homens são heróis reencarnados.

— E podem ser — disse Lhiannon.

Ardanos grunhiu.

— E o pior é que parecem ser...

— Lembre-se de que recomendei que fossem todos afogados, e não apenas as meninas — disse Lhiannon, recobrando a compostura. — Por mais cruel que

pareça, isso nos teria poupado desses problemas que enfrentamos agora. Mas houve quem tivesse ideias diferentes. Eram moles de coração ou, como Bendeigid, queriam criar esses meninos para que eles vingassem as sacerdotisas. E agora ainda estão vivos e já faz vinte anos que é tarde demais para negar-lhes sua existência. Não posso dizer que não têm o direito à vingança.

*Isso nunca*, Ardanos completou em pensamento. Jamais poderia sugerir que a palavra de Lhiannon fosse dela mesma ou dos sacerdotes, e não a palavra da Deusa. Ele não deveria lembrá-la de que a palavra dela jamais diferia essencialmente daquilo que fora decidido no Conselho de Druidas ou que a Deusa – *se é que ela existe*, ele pensou com cinismo – há muito deixara de intervir no que seus fiéis se tornaram, ou qualquer um, a não ser – ou talvez incluindo – sua sacerdotisa.

Ele disse cuidadosamente:

— Não estava sugerindo nada, apenas fazendo que ela se recordasse. Não vai sentar-se? Seu guarda está me olhando de um jeito muito perturbador... Bem, eu disse apenas que se, a Deusa atende nossas preces por paz, também ouve, e ignora, as preces da maioria da população por uma rebelião aberta ou guerra. Por quanto tempo Ela continuará a ouvir nossas preces e ignorar as deles? Ou, para colocar de modo mais direto — *mas não direto o suficiente*, pensou ele —, perdoe-me, mas você não é mais uma mulher jovem... Sendo assim, o que será do dia em que não puder mais servir ao santuário?

*Se eu ao menos pudesse falar a verdade para ela ...* Uma paixão que pensara ter esquecido apertou sua garganta. *Eu e ela ficamos mais fracos com os anos, mas Roma segue forte. Quem vai ensinar aos jovens como preservar nossos costumes ancestrais quando Roma finalmente envelhecer e nossa terra for nossa novamente?*

Depois de um momento, ela se jogou na cadeira e levou as mãos ao rosto.

— Pensa que nunca pensei sobre isso? — perguntou Lhiannon.

— Sei que pensou — ele respondeu. — E sei o resultado de seus pensamentos. Vernemeton poderá um dia ser servido por alguém que, digamos, respondeu aos pedidos de muitos por guerra em vez das preces de sua sacerdotisa. E então é que haveria guerra. E você bem sabe o que seria feito de nós.

— Posso servir ao santuário apenas enquanto viver — disse Lhiannon, com amargura. — Nem mesmo você pode me pedir mais que isso.

— Enquanto viver — ecoou o velho druida. — É disso que precisamos falar agora.

Lhiannon esfregou as mãos nos olhos. Com um tom de voz mais gentil, ele perguntou:

— Você não escolherá sua sucessora?

— De certa forma... — disse ela, respirando fundo. — Dizem que eu saberei quando estiver próxima de morrer, então me preocuparei em passar meus poderes e minha sabedoria. Você sabe quem faz a verdadeira escolha. Eu não fui a escolhida de Helve. Ela me amava, sabemos que sim, mas não fui sua escolha. Aquela, cujo nome não importa agora, tinha apenas dezenove anos, além do juízo perturbado. Foi sobre ela que caiu a escolha de minha antecessora. Helve deu naquela garota o beijo de despedida, mas mesmo assim ela não foi ao menos considerada, nem sequer recebeu um teste pelas mãos dos deuses. E por que não? Não duvido que saiba mais que eu. No final das contas, são os sacerdotes que fazem a escolha. O que digo sobre minha sucessora terá pouco peso, a não ser que tenha o cuidado de nomear alguém aceitável para eles.

— Ainda assim — disse Ardanos —, isso poderia ser arranjado... que sua escolha fosse a mesma deles.

Ela disse:

— Sua escolha, você quer dizer.

— Se assim desejar.

Ele suspirou. Ela era simplesmente muito sagaz para enxergar tudo o que se passava na mente dele, e Ardanos nem podia se enfeizar com aquilo – certamente não agora.

— Já tentei isso uma vez — disse Lhiannon, cansada. — Foi com Caillean, e você sabe bem como a experiência terminou.

— Sei? — ele perguntou.

Lhiannon encarou-o de um modo estranho.

— Você devia prestar mais atenção ao que acontece na Casa da Floresta. Imagino que teria dificuldades para confiar nela, pois tem o hábito extremamente incômodo de pensar, em geral nos momentos mais inapropriados.

— Mas ela é a sacerdotisa mais antiga. Se a senhora morresse amanhã, sabe que Caillean seria escolhida... A não ser — ele completou, com ênfase — que ela morresse na hora do desafio.

Lhiannon empalideceu, mas ele continuou:

— A senhora é quem sabe se ela seria aceitável para os deuses...

Ela continuou em silêncio e ele seguiu de modo persuasivo:

— Mas se houvesse outra pessoa, menos conhecida, a quem pudesse treinar... Se o Conselho jamais suspeitasse de um arranjo prévio...

— Se a garota for adequada e inteligente, não sei por que deveria ser considerado crime ou blasfêmia prepará-la para a escolha dos deuses, ou mesmo para o suplício nas mãos deles — disse a velha grã-sacerdotisa, pensativa.

Agora foi a vez de Ardanos ficar em silêncio. Ele sabia que só podia

pressioná-la até certo ponto. Podia ouvir o vento lá fora murmurando nas árvores, mas não havia outro som no cômodo além da respiração deles.

— Quem você definiu que deve ser minha escolha? — perguntou Lhiannon.

Durante os três dias que precederam um dos festejos em que ela precisava servir como a Voz da Deusa, a grã-sacerdotisa viveu em reclusão, auxiliada apenas pelas sacerdotisas escolhidas, descansando, meditando e se purificando. Caillean, que quase sempre lhe fazia companhia, apreciava esse tempo de separação. O abrigo da Casa da Floresta às vezes era um pouco opressor, pois, com tantas mulheres vivendo juntas, não importa o quão sagradas, era esperado que surgissem conflitos de tempos em tempos.

Mas nessa altura ela sentia dificuldade para superar memórias do mundo externo. Colocou uma colherada do mingau de aveia – mais nutritivo com a inclusão de nozes, já que a grã-sacerdotisa não podia comer carne durante seu período de purificação – em uma vasilha de madeira entalhada e a ofereceu a Lhiannon.

— O que Ardanos queria com a senhora? — Caillean ouviu a amargura na própria voz, mas não conseguia conter as palavras. — Não esperava vê-lo aqui até o início das festividades.

— Não deve falar assim de Ardanos, criança. — Lhiannon balançou a cabeça, franzindo a testa. — Ele precisa aguentar um grande fardo.

— Assim como a senhora — disse Caillean, ácida. — E ele não colabora ao demandar ainda mais de você.

Lhiannon deu de ombros, fazendo Caillean pensar novamente em como aqueles ombros eram frágeis diante do peso de tantas esperanças e tantos medos que tinha de suportar.

— Ele faz o melhor que pode — disse a grã-sacerdotisa, como se não tivesse ouvido. — Ele se preocupa com o que vai acontecer quando eu morrer.

Nesse momento, Caillean olhou alarmada para a Lhiannon. Dizia-se que uma sacerdotisa, especialmente as mais avançadas, sabiam sua hora.

— A senhora viu algum presságio? Ardanos viu?

Lhiannon balançou a cabeça, aflita.

— Ele falou de modo geral. Mas, de fato, alguém precisa pensar nessas coisas. Ninguém é imortal, e quem for minha sucessora precisa começar logo seu treinamento.

Caillean encarou-a por alguns instantes e então riu.

— Sendo assim devo entender que nenhuma de nós que já fomos treinadas é aceitável para substituí-la? Nem mesmo eu? Bom, não se dê ao trabalho de

responder — ela disse. — Sei que vai apenas defendê-lo. E, na verdade, não me importo com isso. O título de grã-sacerdotisa não é suficiente para justificar o que a vi sofrer em todos esses anos.

*Especialmente*, pensou Caillean, *porque o privilégio é insignificante, uma vez que Lhiannon escolheu não exercer seu poder*.

Lhiannon fez um movimento de desconforto, e então Caillean percebeu que estava chegando perto demais de uma temática proibida. Fora mais próxima da mulher que uma filha desde que seu sangue lunar começara a correr, e isso foi há mais de vinte anos, então sabia que Lhiannon dependia de ilusões que amenizavam sua realidade.

Outra mulher talvez tivesse perguntado a Caillean o que ela queria em troca. Os lábios da sacerdotisa assistente se contorceram ironicamente enquanto afastava o mingau meio consumido, pois, de fato, nem ela mesma estava certa do que queria. Mas seu coração lhe dizia que deveria haver algo mais em servir à Deusa do que esses rituais formais com suas sugestões tentadoras de poder.

Os ensinamentos secretos dos druidas incluíam lendas de um passado distante, quando sacerdotes de uma terra perdida, hoje no fundo do mar, haviam chegado à Britânia. Tinham sido mestres mágicos, e como se casaram para adentrar as linhagens de governantes dos povos que encontraram na região, e depois para adentrar as famílias de cada grupo de conquistadores, o velho sangue e a antiga sabedoria foram preservados. Mas as que mais tinham conhecimento daquela sabedoria morreram em Mona, levando a sabedoria com elas.

Às vezes Caillean tinha a impressão de que o que retinham na Casa da Floresta eram apenas os resíduos de uma grandeza. A maioria das outras mulheres ficava contente com sua pequena magia, mas de tempos em tempos Caillean sentia a convicção estranha de que era preciso existir mais. Havia falado a verdade a Lhiannon, de que não queria ser sacerdotisa do Oráculo. Mas, se não fosse isso, o que é que gostaria de fazer?

— Está na hora de nossas devoções matinais — a voz de Lhiannon penetrou em sua digressão. A mulher mais velha se apoiou na mesa e levantou o corpo.

*E que a Deusa não permita que possamos deixar de fazer o mais simples passo do ritual!*, pensou Caillean, enquanto ajudava a grã-sacerdotisa a ir para o jardim e se acomodar diante do altar simples de pedra que ali ficava. E, quando a assistente acendeu a lamparina no alto dele e trouxe as flores para colocar ali, sentiu uma onda de paz retornando à alma.

— Eis que chegaste com o alvorecer adornado de flores — disse Lhiannon, em voz baixa, levantando as mãos em saudação.

— Teu brilho flameja no sol que se fortalece e no fogo sagrado —



respondeu Caillean.

— Levantando-se no leste, vens trazer vida nova ao mundo.

A voz da grã-sacerdotisa, aos poucos, parecia ficar mais jovem e mais pura. E Caillean sabia que, se a olhasse, veria as rugas desaparecendo do rosto de Lhiannon até que a beleza da Deusa Virgem brilhasse em seus olhos.

Mas, naquele momento, o mesmo poder preenchia seu próprio coração.

— As flores brotam em Teus pés. A terra verdeja onde pisas...

Como tinha feito tantas vezes antes, permitiu que o ritmo do ritual a levasse para um lugar onde só havia a harmonia da Senhora.

Na manhã do festival de Beltane, Eilan acordou antes do amanhecer na acomodação das mulheres, onde dormia com as irmãs. Sua cama, uma moldura de madeira com base de couro e coberta com peles e belas colchas de lã, fora montada contra a base do telhado inclinado de sapé, de modo que podia tocá-lo. Com os anos, uma rachadura no reboco de barro foi aumentando até virar uma fenda pela qual espiar. Lá fora, a luz da aurora do começo do verão começava a surgir.

Com um suspiro, deitou-se novamente, tentando se recordar de seus sonhos. Havia começado com algo sobre o festival, mas então a cena acabou por se transformar. Havia no início uma águia, ela sabia, e também um cisne, mas então lhe parecera que a águia também se transformara em cisne, e ambos saíram flutuando.

A pequena Senara ainda estava adormecida. Ela dormia no canto, mais perto da parede, pois ainda era pequena o suficiente para cair da cama. Seus joelhos cutucavam o flanco de Eilan. Do outro lado do quarto, Mairi, que havia se mudado temporariamente de volta para o quarto das irmãs até que soubessem o que havia acontecido com Rhodri, dormia com seu filho. E, por fim, no outro extremo, estava Dieda, o cabelo claro e solto sobre o rosto e a camisola desabotoada, de modo que Eilan podia ver em seu pescoço a corrente que segurava o anel de Cynric.

Rheis e Bendeigid ainda não sabiam que eles haviam se comprometido um ao outro, e o segredo deixava Eilan inquieta. Entretanto, eles tinham a intenção de anunciar a decisão durante o festival, aproveitando para pedir à família que comesse as complexas negociações envolvendo dotes e arranjos para que pudessem se casar. Ao menos Cynric não tinha parentes vivos, o que tornaria tudo mais simples.

Os únicos outros móveis no quarto eram um banco preso contra a parede e o baú de carvalho no qual as garotas guardavam suas roupas de baixo excedentes

e também roupas de festa. A peça tinha pertencido a Rheis antes de seu casamento, e ela sempre dizia que quando Dieda se casasse o baú faria parte do dote. Eilan não se ressentia disso, pois outro, também belo e pensado somente para ela, já estava tomando forma nas mãos do velho Jab, o marceneiro. E no tempo devido também haveria um para Senara. Ela havia visto as tábuas de carvalho serem polidas até ficarem brilhantes, e as cavilhas de madeira serem tingidas até ficarem imperceptíveis.

O bebê gemeu dormindo e então começou a chorar, fazendo com que Mairi acordasse e se sentasse com um suspiro, o cabelo encaracolado formando uma auréola em torno do rosto. Ela se levantou para trocar a fralda dele e então voltou e colocou-o na cama. Ele balbuciava e ela o acariciava.

Eilan calçou os tamancos e disse:

— Escute! Ouço a mãe lá fora. Acho melhor nos levantarmos.

Ela já estava se vestindo quando Dieda finalmente abriu os olhos e disse:

— Vou me vestir em um minuto.

Mairi riu.

— Vou ajudar Rheis assim que terminar de amamentar o bebê. Você e Eilan podem ficar aqui e se arrumar para o festival. Se tem algum rapaz que lhes chama a atenção, é melhor estarem preparadas para brilhar — disse Mairi ainda sorrindo com bondade para a parente.

Dieda, tendo dois irmãos mais jovens em casa, não estava acostumada a ser mimada, então todos se esforçavam para agradá-la um pouco sempre que ela estava ali.

Quando Mairi e o filho haviam saído, Dieda sorriu e disse, sonolenta:

— É mesmo hoje o dia do festival? Pensei que fosse amanhã.

— É hoje — provocou Eilan — que você e Cynric vão noivar.

— Acha que Bendeigid vai aprovar? — perguntou Dieda. — Ele é o pai de criação de Cynric, afinal.

— Ah, se o seu pai consentir, não importa muito o que pensa o meu — observou Eilan, com sagacidade. — E se ele não estivesse disposto a aprovar que vocês ficassem juntos, imagino que já teria se manifestado antes. Além disso, sonhei esta noite com você e Cynric no festival.

— Sonhou? Então me conte! — disse Dieda, sentando-se e enrolando-se na roupa de cama, pois o ar ali ainda estava frio.

— Não me lembro de muita coisa. Mas seu pai estava feliz. Tem certeza de que quer se casar com aquele meu irmão?

— Tenho, sim — disse Dieda, com um sorrisinho, e Eilan soube que ela não diria mais nada. — Talvez eu devesse perguntar a Cynric... ele pode ter algo mais a dizer — disse Eilan, rindo.

— E talvez não — retrucou Dieda. — Ele não fala muito, também. Você não quer se casar com ele, quer?

Eilan balançou a cabeça enfaticamente.

— Ele é meu irmão!

Se ela tivesse de se casar, certamente o grande grosseirão que costumava colocar sapos em sua cama e lhe puxar os cabelos era o último rapaz que escolheria!

— Não é bem assim, você sabe — disse Dieda.

— Ele é meu irmão de criação, e isso é como se fosse parente — corrigiu Eilan. — Se meu pai quisesse que nós nos casássemos, não o teria criado.

A garota pegou um pente de chifre entalhado e começou a destrançar os fios brilhantes dos próprios cabelos.

Dieda se deitou com um suspiro.

— Imagino que Lhiannon estará no festival... — disse, depois de um tempo.

— Claro que estará. Afinal de contas, a Casa da Floresta fica ao lado da fonte no pé da fortificação. Mas por quê?

— Ah, não sei. Agora que penso em me casar, sinto calafrios só de pensar em passar a vida daquela maneira — respondeu Dieda.

— Mas ninguém lhe pediu que fizesse isso — disse Eilan.

— Não com todas as palavras — afirmou Dieda. — Mas uma vez papai me perguntou se algum dia tinha pensado em me dedicar aos deuses.

— Ele perguntou isso? — Os olhos de Eilan se arregalaram.

— Eu disse que não — continuou Dieda —, mas, depois dessa conversa, por semanas eu tive pesadelos de que brigávamos e ele me aprisionava no oco de uma árvore. Mas eu amo Cynric. De qualquer modo, não conseguiria suportar passar a vida toda dentro da Casa da Floresta... ou mesmo confinada em outra casa qualquer. E você?

— Não sei — disse Eilan. — Talvez, se fosse chamada, concordaria. — Ela se recordou de como as sacerdotisas se moviam pelos festejos, tão serenas em seus vestidos azuis. Eram honradas como rainhas. Não seria aquela uma vida melhor do que ficar à disposição de algum homem? E, além do mais, as sacerdotisas aprendiam toda a sabedoria oculta.

— E, no entanto, eu a vi olhando para o jovem estranho — provocou Dieda. — O tal que Cynric resgatou. Acho que você daria uma sacerdotisa ainda pior que eu!

— Talvez esteja certa.

Eilan se virou para que a outra moça não visse a vermelhidão esquentando sua testa. Ela estava preocupada com Gawen porque havia passado tanto tempo

cuidando dele, era só isso.

— Não tinha pensado muito nisso. Mas agora me recordo — disse a garota, pensativa —, Lhiannon também estava em meu sonho.

Mais tarde, naquela manhã, a família toda saiu para os festejos. Era um belo dia de maio, com o ar ainda tomado pelo frescor da noite anterior. O vento havia levado as últimas nuvens para o leste e o céu acima estava limpo. Em uma manhã daquelas, todas as cores do mundo pareciam recém-criadas para honrar o dia.

Gaius ainda mancava, mas Cynric havia retirado as ataduras de seu tornozelo, afirmando que seria bom que ele se esforçasse para caminhar um pouco. O rapaz andava com cuidado, respirando profundamente o ar frio, ainda mais inebriante depois de tanto tempo de cama. Há alguns dias ele tinha a sensação de que jamais andaria ao ar livre novamente. Naquele momento, estar vivo era o bastante, observando a luz do sol sobre as folhas verdes, as flores de primavera e as roupas brilhantes das pessoas a seu redor.

Eilan havia colocado um vestido longo e solto, costurado com quadrados listrados em tons dourados e amarronzados sobre um forro verde-claro. O cabelo descia como uma capa reluzente pelos ombros, mais brilhante que o ouro de seus broches e braceletes. Ele teve a impressão de que, de todas as coisas naquele mundo cintilante, ela era a mais bela.

Prestou pouca atenção na conversa sobre o festival. Como havia visto algumas celebrações da família da mãe quando era criança, imaginava que aquela seria parecida. Ouviu o barulho da festa antes mesmo de chegarem lá, pois os grandes festivais celtas normalmente eram combinados com uma feira de mercadorias. A celebração na verdade havia começado há alguns dias e seguiria por mais um tempo, mas esta – a noite de Beltane – era o foco do festival. Ao anoitecer, a sacerdotisa do Oráculo apareceria.

A floresta havia florido com tendas e choupanas de galhos entrelaçados, pois o festival costumava atrair pessoas que moravam a muitos dias de jornada dali. A maioria do povo era cornóvio, mas Gaius reconheceu as tatuagens tribais dos dobunos e dos ordovicos e até de alguns deceanglos de perto de Deva. Após duas semanas na casa de Bendeigid, ele já conseguia falar o idioma britânico de

seu nascimento com facilidade, ao mesmo tempo que Deva e a legião começavam a parecer cada vez mais longínquas e obscuras.

Em torno da base da grande fortificação havia barracas amontoadas vendendo pratos e pequenos utensílios, alguns com jeito de que foram feitos pelos camponeses locais, outros que poderiam ser vendidos na própria Roma. Talvez fossem de fabricação romana, pois havia um comércio crescente entre a Bretanha e Roma, e os mercadores gregos e gauleses, como era sabido, iam a todos os lugares. Havia barracas de maçãs e de doces, tendas em que as pessoas negociavam cavalos e também uma feira de empregados na qual, segundo Cynric, era possível encontrar de tudo, de um guardador de porcos a uma ama de leite.

No entanto, quando Gaius chegou ao topo achatado do morro que se erguia como uma ilha sobre um mar de árvores, seus olhos se arregalaram. A feira ocupava todo o terreno de um enorme aterro, tão lotado de barracas que quase não se podia ver o chão. E, na ponta do corredor principal, erguia-se um grande túmulo na terra, cuja entrada era feita de pedra. Cynric fez um sinal de reverência quando cruzaram o caminho.

Gaius, então, perguntou:

— Aquele é o templo de vocês?

Cynric lhe lançou um olhar curioso, mas disse apenas:

— Aquele é o túmulo de um grande chefe entre nossos antepassados. A não ser que algum dos bardos mais velhos saiba quem ele era, seu nome se perdeu. E se há alguma canção sobre ele, ou eu me esqueci ou eu nunca aprendi.

Outra viela, mais longa, levava a uma construção como uma pequena torre quadrada cercada por um pórtico coberto de sapé, e Gaius olhou curioso para ela. Ao reparar para onde estava voltada a atenção do rapaz, Eilan disse:

— Ali é o santuário onde guardam as coisas sagradas.

— Parece um templo — ele respondeu em voz baixa, e ela o encarou.

— Certamente sabe que os deuses não podem ser adorados em uma casa feita por mãos humanas, apenas sob o céu aberto.

Ela adicionou, depois de um momento:

— Em algumas ilhas a oeste, onde não crescem árvores, os rituais são realizados nas florestas de pedra. Mas meu pai diz que os segredos dos grandes círculos de pedra ancestrais aqui no sul se perderam com os druidas veteranos que foram assassinados com a chegada dos romanos.

Uma barraca que vendia pulseiras de vidro grego chamou a atenção da moça, fazendo-a parar de falar. Gaius suspirou. Melhor não fazer mais perguntas, pensou, ou eu posso acabar me delatando. Havia certas coisas que era esperado que até mesmo alguém da tribo dos siluros soubesse.

Havia barracas de vassouras e esfregões, além de moças bonitas vendendo guirlandas de flores – quase todo mundo usava uma – e várias outras coisas, algumas estranhas demais para o rapaz romano. Os jovens vagavam pelas barracas, olhando casualmente para algumas mercadorias. Cynric perguntou por um guardador de porcos, mas por fim concluiu que todos pediam demais por aquele trabalho.

— Os malditos romanos levaram tantos homens nas arregimentações que precisamos contratar alguns para cuidar de nossos animais e arar nossas terras — disse. — Mas, ao mesmo tempo, tanta gente foi expulsa de suas terras que às vezes encontramos homens que trabalham apenas em troca de abrigo e comida. Creio que, se fosse fazendeiro, ficaria feliz com isso. Mas que os deuses me poupem de arar a terra!

Ao meio-dia, Rheis reuniu a família sob um carvalho grande na base da fortificação para uma pausa recheada de pão e carnes frias. A velha fortificação era o ponto de convergência entre muitos caminhos. Dali podiam ver uma estrada larga e bem cuidada que ia para o oeste, cercada de carvalhos imponentes. E, bem no final, os telhados de palha da Casa da Floresta e as construções adjacentes apareciam pálidos contra o verde profundo do Bosque Sagrado.

Pouco depois, Cynric e Gaius foram olhar os cavalos e Rheis se afastou um pouco para falar com uma conhecida. As meninas guardavam o que sobrou da comida quando Eilan ficou imóvel e sussurrou:

— Olhem, ali está Lhiannon.

A grã-sacerdotisa, acompanhada de algumas assistentes, vinha pelo Caminho Sagrado entre a longa fileira de árvores. Sua figura esbelta brilhava entre os galhos, e ela se movia com o passo deslizante de uma sacerdotisa muitíssimo bem treinada, de modo que não parecia exatamente um ser humano ao caminhar. Quando chegou perto das moças, Lhiannon parou e voltou-se para elas, como se pretendesse desejar-lhes um bom festival.

— Ah, vocês são da família de Bendeigid — disse ela. Seu olhar, então, fixou-se em Dieda. — Quantos anos você tem, minha criança?

— Quinze — sussurrou a garota.

— É casada? — perguntou Lhiannon.

Eilan sentiu o coração disparar no peito. Aquele era o rosto da grã-sacerdotisa conforme tinha visto em seu sonho.

— Não — respondeu Dieda com uma voz calma. Ela mirava a sacerdotisa como se estivesse enfeitiçada por seu olhar cintilante.

— Nem prometida em casamento?

— Não... ainda não, embora tenha pensado... — Sua voz falhou.

*Diga a ela*, pensou Eilan. *Diga que está comprometida com Cynric! Precisa contar agora!*

Entretanto, embora os lábios se mexessem, Dieda não conseguiu dizer palavra e ficou totalmente paralisada, como uma jovem lebre quando a sombra do falcão aparece.

Lhiannon, então, desatou o pesado manto azul que trazia nas costas.

— Sendo assim, convoco-a para a Deusa. De agora em diante, deve servir a Ela, a quem eu também sirvo, e a mais ninguém...

O manto se abriu como uma asa escura quando a sacerdotisa retirou-o e colocou-o sobre Dieda. E a luz oscilou quando os galhos se moveram com um vento súbito.

Eilan piscou. Certamente era apenas a luz do sol, mas diante daquele brilho ela pensou por um momento que o manto se abrira para revelar uma figura radiante. Fechou os olhos, mas impresso em sua visão interior enxergou um rosto com o sorriso terno de uma mãe e olhos ferozes de ave de rapina, e teve a impressão que era nela, e não em Dieda, que aquele olhar se fixava. No entanto, Lhiannon não havia lhe dirigido a palavra, nem mesmo parecia tê-la visto.

— De agora em diante deve morar conosco na Casa da Floresta, minha criança. Venha nos encontrar... Acredito que até amanhã já terá tido tempo suficiente. — A voz de Lhiannon parecia vir de muito longe. — Que assim seja!

Eilan abriu os olhos novamente e viu a sombra descer sobre o manto que se acomodava nas costas esguias de Dieda.

As mulheres que seguiam Lhiannon entoaram: “Ela é a amada pela Deusa. A escolha Dela foi feita. Que assim seja”.

Lhiannon tirou o manto dos ombros da moça e suas assistentes ajudaram-na a prendê-lo de novo. Depois disso, a grã-sacerdotisa afastou-se, seguindo na direção do festival.

Os olhos de Eilan ainda estavam fixos nela.

— A escolha da Deusa... você será uma delas... Qual o problema com você?

A garota logo voltou a si e viu que o rosto de Dieda estava pálido como a morte, as mãos entrelaçadas e apertadas uma contra a outra.

Dieda balançou a cabeça, tremendo:

— Por que não consegui dizer nada? Por que não fui capaz de contar a ela? Não posso ir à Casa da Floresta... Estou comprometida com Cynric!

— Na realidade, você não está. Pelo menos, não formalmente — respondeu Eilan, ainda deslumbrada com o que tinha visto. — Promessas secretas não são



um compromisso verdadeiro, e, até o momento, nada aconteceu que não possa ser desfeito. Bom, mas penso que qualquer uma preferiria ser sacerdotisa a se casar com meu irmão...

— Ah, você pensa? — Dieda retrucou furiosamente. — Sim, de fato deveria tentar pensar algum dia... seria uma experiência nova para você, ousar dizer — ela parou de falar e mergulhou em algo parecido com desespero. — Você é apenas uma criança, Eilan!

Eilan encarou Dieda, percebendo que a outra moça não compartilhava de sua empolgação.

— Dieda, você está dizendo que não quer ser sacerdotisa?

— Que pena que ela não escolheu você — disse Dieda, desamparada. — Talvez devêssemos dizer que você era a pessoa certa. Talvez, como papai, ela tenha nos confundido. Talvez ela quisesse você...

— Mas isso seria impiedade, se a Deusa escolheu você — protestou Eilan.

— O que vou dizer a Cynric? O que posso dizer a ele? — Ela perdeu o controle e soltou um riso, sentindo-se nervosa e impotente.

— Dieda — disse Eilan, e passou o braço em torno da outra moça —, será que pode conversar com seu pai? Dizer a ele que não quer isso? Se fosse eu, ficaria feliz, mas se você não suporta a ideia...

Entorpecida e engasgada com a infelicidade, Dieda disse:

— Eu não ousaria. Papai jamais entenderia, também não zangaria a grã-sacerdotisa. E tem mais — disse em uma voz que mal alcançava os ouvidos da parente —, papai é muito amigo de Lhiannon. É quase como se fossem amantes...

Escandalizada, Eilan desviou os olhos da moça.

— Como pode dizer isso? Ela é uma sacerdotisa!

— Não quero dizer que fizeram nada de errado, mas ele a conhece há tanto tempo. Às vezes parece se importar mais com ela do que com qualquer outro vivente... Bem, certamente mais do que conosco, as garotas!

— Tenha cuidado com o jeito com que fala coisas assim — avisou Eilan, com o rosto vermelho. — Pode ser ouvida por alguém que, diferente de mim, não pode ser capaz de compreender o que diz.

Dieda afirmou, com tristeza:

— Ah, que importância isso tem. Queria estar morta!

Eilan não sabia o que dizer para confortá-la. Ficou em silêncio, segurando a mão da outra moça, pensando em como Rheis ficaria feliz porque sua irmã mais nova havia sido escolhida e sem conseguir entender como Dieda poderia pensar em recusar aquela honra.

Bendeigid também ficaria contente; Dieda era como uma filha para ele, que

sempre sentira afeto pela irmã da mulher. Em meio a esses pensamentos, Eilan tentou esquecer a própria decepção.

Gaius e Cynric se moviam através da multidão do festejo, parando de vez em quando para comentar os pontos de algum pônei, e então seguindo. Depois de um tempo, Cynric perguntou:

— É verdade, então, amigo, que não sabe o que aconteceu com a Ilha de Mona? Pensei que, se você morava perto de Deva...

— Nunca ouvi a história — respondeu Gaius. — Sou da região dos siluros, lembra? E ela fica bem ao sul. — *E sabendo que minha mãe se casara com um oficial romano*, pensou, *seria preciso de um homem mais corajoso que a média para me contar*. — É uma história bem conhecida? — perguntou, agora em voz alta. — Disse que o druida Ardanos sabe cantá-la, não foi?

— Então ouça, e pare de se perguntar porque tenho poucas coisas boas a dizer sobre os romanos — disse Cynric, com raiva. — Havia, nos dias antes da chegada dos romanos, um retiro sagrado para mulheres onde hoje não há nada além de uma lagoa poluída. Um dia, as legiões chegaram e fizeram o que sempre fazem; cortaram o bosque e pilharam os tesouros, assassinaram os druidas que os contestaram e estupraram todas as mulheres: da sacerdotisa mais velha à mais jovem das noviças. Algumas tinham idade para serem avós, outras não eram mais que menininhas de nove ou dez anos, mas isso não tinha importância para eles.

Gaius prendeu o fôlego. Nunca tinha ouvido aquela parte da história. Os romanos falavam apenas sobre druidas jogando tochas e sobre mulheres com vestes escuras que gritavam imprecações, além de dizerem que os legionários tiveram medo de cruzar as águas ferventes do estreito de Menai até que o comandante os humilhou forçando-os a atacar. Mona fora o último bastião do sacerdócio druida. Até conhecer Bendeigid e Ardanos, Gaius pensava que quase todos eles haviam sido exterminados. A lógica militar deixava claro que Mona deveria ser destruída. *Mas um bom comandante*, pensou, com raiva, *teria mantido seus homens na linha. Será que os soldados haviam reagido com tanta violência porque as mulheres os tinham assustado?*

— E o que aconteceu com as mulheres? Você deve estar se perguntando isso, não é? — disse Cynric.

Na verdade, Gaius não tinha exatamente pensado sobre o assunto; mas sabia que Cynric contava a história do modo que lhe ensinaram, e cedo ou tarde chegaria a esse ponto.

— Os romanos deixaram a maioria das mulheres grávidas — continuou

Cynric. — Quando os bebês nasceram, as meninas foram afogadas no lago sagrado que os romanos já haviam profanado e os meninos foram criados por famílias de druidas. Quando ficaram adultos, souberam de sua história e receberam treinamento em armas. E um dia vão vingar suas mães e seus deuses. E pode acreditar que eles vão cumprir essa missão, juro pela Senhora dos Corvos que me ouve! — completou, com veemência.

Ele, então, ficou em silêncio, e Gaius esperou nervosamente que continuasse. Cynric havia mencionado um movimento secreto chamado Corvos. O rapaz era, então, um deles?

Depois de um momento Cynric continuou:

— E foi por isso que todas as mulheres dos druidas foram trazidas aqui para a Casa da Floresta, onde poderiam ser protegidas.

Gaius ouvia, imaginando se a história lhe estava sendo contada por algum motivo. Mas Cynric não sabia que ele era romano, e Gaius estava feliz por isso. No momento, ele nem sequer estava certo de que queria ser romano, embora sempre tenha se orgulhado disso.

Quando a noite começou a cair, jovens em túnicas brancas e torques dourados no pescoço começaram a fazer duas grandes pilhas de madeira no espaço vazio diante do monumento funerário, certificando-se – como Cynric o informara em um sussurro – de que cada um incluísse um pedaço de madeira de cada uma das nove árvores sagradas. Gaius não tinha ideia de quais eram, mas teve medo de admiti-lo e simplesmente assentiu com a cabeça. Diante deles, uma tábua de carvalho fora colocada com um pedaço para cima, formando algo como um eixo. Nove druidas, homens velhos, imponentes, vestindo túnicas brancas imaculadas, se revezaram para girar o eixo ao som de um tambor. Enquanto o céu escurecia, as pessoas iam se reunindo em torno deles, observando, e o silêncio tomou conta da multidão.

E então, assim que o sol desceu por trás das árvores, Gaius viu um brilho vermelho, e percebeu que não foi o único. Um murmúrio percorreu a multidão, e no mesmo momento um dos druidas jogou algum tipo de pó na base do eixo, que logo pareceu explodir em chamas.

— As fogueiras vão queimar até o amanhecer, enquanto o povo dança em torno delas — contou Cynric. — E alguns dos rapazes vão guardar a árvore de Beltane. — Ele apontou para um poste do outro lado do topo da fortificação. — Os outros sairão com suas amadas até o amanhecer, colhendo folhagens, ou ao menos é o que dizem — ele riu sugestivamente —, e as trarão de volta pela manhã, para a coroação do poste e a dança do dia.

A chama fora levada para as pilhas de madeira, que começavam a estalar alegremente. Já escurecia, e Gaius deu um passo para trás quando a primeira

onda de calor atingiu sua pele.

Uma linha de dançarinos se formou e começou a circular as fogueiras, e alguém colocou um odre de vinho nos lábios de Gaius. A multidão já começava a fazer arruaça, bebendo livremente das tinas de cerveja e hidromel. O rapaz já tinha visto rituais assim antes e sabia o que esperar. Notou que as crianças pequenas tinham sido levadas; as jovens sacerdotisas de mantos azuis, faixas e véus da Casa da Floresta também já não estavam mais no meio da multidão.

Gaius e Cynric vagaram juntos pelo aglomerado de gente risonha até encontrarem, perto das fogueiras, Eilan e Dieda.

— Aí estão vocês! — exclamou Cynric, correndo até elas. — Dieda, venha dançar comigo.

O rosto de Dieda perdeu a cor e ela apertou a mão de Eilan.

— Não soube? — perguntou Eilan, animada.

— Soube do quê, irmã? — Cynric começou a franzir a testa.

— Ela foi escolhida para a Casa da Floresta hoje mais cedo, e pela própria Lhiannon!

Cynric estendeu as mãos para Dieda e então, lentamente, baixou os braços.

— A Deusa se pronunciou? — perguntou ele.

— Como pode aceitar isso? — disse Dieda, recuperando o ânimo. — Sabe que não posso me casar com você se fizer votos.

— E você sabe dos votos que também me prendem — ele respondeu sombriamente. — Eu me despedacei tentando decidir. Eu te amo, mas não poderei me encarregar de uma mulher e filhos por anos... Se é que um dia vou poder. Talvez os deuses tenham escolhido este caminho para nós.

Ele respirou, abalado, e dessa vez, quando estendeu os braços, ela foi até ele. Dieda era uma moça alta, mas parecia frágil entre seus braços fortes.

— Ouça, amada, ainda há um jeito — ele disse baixo, levando-a para o lado. — Você pode dar três anos à Deusa, não precisa se comprometer por toda a vida. Há uma escola de batalhas nas ilhas do norte, e é para lá que devo ir. Mas você não é uma moça de batalha, e, mesmo se estivéssemos publicamente comprometidos, não poderia ir comigo para lá. Talvez seja bom que você sirva no santuário por um tempo, certamente ficará mais segura ali. E se vier guerra...

Dieda soltou um pequeno soluço e enterrou o rosto no ombro dele. Gaius viu as grandes mãos de Cynric se fechando em torno dos braços dela.

— Por três anos outros votos nos prenderão — ele sussurrou —, mas esta noite é nossa. Eilan, fique aqui com Gawen — ele completou, com a voz abafada pelo cabelo de Dieda.

Eilan hesitou:

— Mamãe disse que eu e Dieda deveríamos ficar juntas... É Beltane...

Dieda levantou a cabeça, com olhos selvagens.

— Tenha piedade, Eilan! Rheis não tem coragem de contrariar seu pai... e meu pai — ela engoliu em seco —, bem, se eles soubessem não nos permitiriam nem mesmo este pouco tempo!

Com olhos arregalados e sérios, Eilan assentiu.

— Fiz mal em deixar Eilan sozinha com o estranho? — sussurrou Dieda, enquanto Cynric a levava para longe. — Afinal, ele viveu entre os romanos e pode ter os mesmos costumes com as mulheres.

— Ele é um convidado de nossa casa; mesmo se fosse o filho do próprio procurador...

— Não pode ser. — Dieda soltou um risinho súbito. — Meu pai diz que o procurador tem apenas uma filha.

— Ainda que ele fosse, certamente respeitaria a filha de seu anfitrião. E Eilan é só uma criança — respondeu Cynric.

— Nós nascemos no mesmo ano — disse Dieda. — Você pensa nela como criança porque é sua irmã.

— O que esperava? — Cynric perguntou, irritado. — Que eu lhe dissesse como te amo na frente dos dois?

— E o que há ainda para ser dito? Certamente não muita coisa... — E, nesse momento, foi interrompida com um beijo.

Ela se agarrou a Cynric por um momento, mas logo o soltou, inquieta.

— Isso não ajuda — disse. — E se formos vistos...

Ele riu sem vontade.

— Ainda não a fizeram tomar os votos, fizeram? E sempre posso dizer que foi Eilan quem beijei.

Ele colocou as mãos sob os cotovelos dela, levantando-a até a ponta dos pés, e se curvou para beijá-la mais uma vez. Depois de um instante Dieda parou de resistir, deixando que ele a apertasse contra si, beijando-a repetidamente. Quando ele se afastou, sua voz falhou:

— Eu parecia estar sendo sensato uns momentos antes, mas estava enganado. Não posso deixar que faça isso.

— O que quer dizer?

— Não posso deixar que seja trancada com todas aquelas mulheres.

— O que posso fazer? — Agora ela é que precisava ser a pessoa mais sensata. — Cynric, você é da linhagem dos druidas, conhece as leis tão bem quanto eu. Lhiannon fez sua escolha. Onde a mão da Deusa pousar...

— Você tem razão, eu sei, mas ainda assim... — Ele a puxou de encontro a si com força, mas sua voz soou bastante gentil ao dizer: — É Beltane. Deite-se comigo esta noite, e estou certo de que sua família ficará feliz em permitir nosso

casamento.

A boca de Dieda era jovem demais para ficar tão amargurada.

— Talvez você queira gentilmente explicar ao meu pai como aconteceu? Ou ao seu?

Ele disse:

— Bendeigid não é meu pai.

— Eu sei — ela disse. — Não que faça alguma diferença. Mas seja ele seu pai ou não, Ardanos é o meu, e ele me estrangularia e iria atrás de você com um chicote. Está feito, goste eu ou não. Agora sou uma virgem prometida ao Bosque Sagrado e você é filho de um druida, bem, ao menos foi criado como um, e de uma sacerdotisa — ela completou, rapidamente. — Cynric, você mesmo disse. Posso ser dispensada ao fim de três anos. E aí...

— E aí — ele prometeu — eu vou te levar até o outro lado da terra, se preciso for.

— Mas disse que não pode assumir a carga de uma mulher e filhos — ela protestou, para ouvi-lo dizer:

— Não me importo com o que disse. O que importa é que eu a desejo. Sente-se aqui ao meu lado, então, vamos olhar as fogueiras. Talvez seja a última vez que façamos isso juntos. Ou, ao menos, por três anos — ele disse, desesperançado —, o que é quase a mesma coisa.

O arquidruida da Bretanha parou na passagem para a Casa da Floresta, observando os últimos raios de luz se apagarem do céu. Do topo da fortificação, ouvia os sons de muitas vozes, o barulho abafado em uma música como um lago cheio de aves migratórias, e, sob outros sons, a batida profunda dos tambores. Logo acenderiam as fogueiras de Beltane.

Embora o tempo estivesse passando, Ardanos curiosamente não sentia vontade de se mover. Pela manhã, tinha ido a Deua ouvir o prefeito romano. Agora à noite, ouviria as reclamações dos povos governados pelos romanos. Não havia como satisfazer todos eles. O melhor que poderia esperar era manter um difícil equilíbrio – o que realmente ele estava esperando? – até que todas as velhas feridas fechassem?

*Estará morto antes que isso aconteça, velho!* , disse a si mesmo. *E Lhiannon também* . Ele suspirou e viu que a primeira estrela havia aparecido no céu que escurecia.

— A Senhora está pronta — disse uma voz suave atrás dele. Ardanos se virou e viu uma das donzelas, Miellyn, se não estava enganado, segurando a porta.

Os aposentos de Lhiannon eram iluminados por lamparinas de bronze penduradas na parede. Sob suas luzes bruxuleantes, viu que ela já estava amontoada na cadeira, com Caillean atenta ao seu lado. Por um momento a sacerdotisa o olhou com insolência, e então se afastou um pouco.

— Ela tomou as ervas sagradas — disse Caillean, em tom neutro.

Ardanos assentiu. Ele tinha plena consciência da hostilidade da moça, mas, enquanto Caillean mantivesse o respeito, pouco se importava com o que ela achava de sua pessoa. Era suficiente que fosse devotada a Lhiannon.

Ainda franzindo a testa, Caillean os deixou a sós. Naqueles momentos em que a grã-sacerdotisa já estava sob a sombra da Deusa a quem servia, nem mesmo seu guarda-costas poderia estar presente.

— Lhiannon — ele disse baixo, e viu um tremor percorrer o corpo magro dela. — Pode me ouvir?

Houve um longo silêncio.

— Eu sempre o escuto... — disse por fim a grã-sacerdotisa.

— Sabe que não faria isso, minha querida — ele disse, quase para si mesmo —, se houvesse outra maneira. Mas soube que há mais confusão por causa das arregimentações. O genro de Bendeigid, Rhodri, foi atrás dos homens que levaram do clã dos druidas e foi atacado pelos soldados que os guardavam. Houve uma luta e Rhodri foi capturado.

“Macellius conseguiu manter a identidade dele em segredo, mas não há como salvá-lo. O tolo foi preso em armas contra Roma. Se a notícia se espalhar, certamente haverá uma rebelião. Deve aconselhar a paz, minha querida. — Ele baixou a voz até virar um murmúrio. — Que haja paz na terra... esse é o desejo da Deusa. A hora de Roma vai chegar, mas não ainda, e não por meio da guerra. As pessoas precisam ajudar umas às outras e terem paciência. Diga a eles, Senhora. Diga a eles para rezarem aos deuses por paz.”

Enquanto falava, viu que ela começava a balançar, e sabia que suas palavras estavam alcançando aquele lugar profundo além da memória consciente através do qual vinham as palavras do Oráculo. Apesar do que Caillean pudesse pensar, Ardanos jamais duvidou de que algo falava através da grã-sacerdotisa quando ela estava em transe. Mas os druidas sabiam bem que a habilidade de um espírito de falar através de um oráculo humano estava diretamente relacionada ao conteúdo e à sofisticação da mente que era seu veículo. Uma moça ignorante, por mais sensível que fosse, podia falar apenas em termos simples. E essa era uma das razões pelas quais as sacerdotisas druidas eram escolhidas e treinadas com tanto cuidado.

Alguns poderiam acusá-lo de manipulação, mas o arquidruída pensava estar apenas adicionando seu conhecimento particular das necessidades do país aos

recursos à disposição do Oráculo. Embora fizesse seu melhor para imprimir certas informações à memória do Oráculo, a Deusa, se é que realmente era Ela quem falava, certamente tinha a liberdade de decidir o que dizer.

— Paz e paciência — ele repetiu lentamente. — Roma cairá quando os deuses quiserem, mas não por nossas mãos...



Lutando contra o desejo de chamá-los de volta, Gaius observou Diedo e Cynric desaparecerem na multidão. Eilan, subitamente tímida, olhava para os pés. Ele se perguntou o que poderia dizer a ela. Ouvir a história das sacerdotisas de Mona o havia deixado estranhamente acanhado, nada parecido com o jeito de senhor do mundo típico dos romanos. Graças aos deuses Cynric não suspeitava de sua verdadeira identidade. Teve a sensação inquietante de que o velho Ardanos sabia que havia algo de errado, mas, se isso era verdade, o druida mantivera a descoberta em segredo, o que era, a seu modo, uma situação ainda mais perturbadora.

Gaius buscou algum tópico inofensivo de conversação e por fim disse:

— Conte-me mais sobre como sua tribo festeja a data. Os costumes dos siluros são diferentes, e não quero desrespeitar suas tradições.

*Esse é um modo seguro, pensou ele, de esconder o fato de que estive em apenas uma celebração nativa de Beltane, quando tinha apenas seis anos.*

Ela corou.

— Ah, são diferentes? — Agora ela estava realmente envergonhada. — Este é um festival muito antigo. Acho que um dia as tribos o celebravam todas da mesma maneira. Ardanos diz que nosso povo o trouxe quando chegou a essas ilhas. E ele deve saber o que diz.

— Realmente — afirmou Gaius. — Ele é tão velho, seu avô... Acha que ele chegou com os primeiros navios da Gália?

Ela riu, e Gaius suspirou de alívio, sentindo a tensão entre eles diminuir.

— Você viu como eles fazem a chama sagrada — ela então disse. — Hoje à noite, quando a sacerdotisa vier abençoar as fogueiras, vamos aclamá-la como a Deusa. Não sei se é a mesma coisa nas tribos do sul, mas no norte, nos velhos tempos, as mulheres eram mais livres que agora. Antes da chegada dos romanos, a rainha às vezes comandava a tribo por seu próprio direito. Mas agora são apenas a sacerdotisa e os druidas. Por isso Cartimandua podia liderar os brigantes, e os icenos seguiram Boudicca.

Gaius ficou tenso subitamente. Entre os romanos, Boudicca, a Rainha Assassina, ainda era um nome para assustar crianças. Em Londinium, era possível ver as marcas onde a basílica havia queimado; e os trabalhadores que cavavam as fundações da cidade que crescia às vezes encontravam ossos dos que tentaram fugir da sanha sangrenta das hordas icenas. Alheia a tudo isso, Eilan ainda falava.

— Ela nomeava um duque de guerra para liderar os exércitos apenas em tempos de batalha. Às vezes era seu irmão, às vezes seu consorte, mas, fosse quem fosse, isso lhe dava um pouco de poder na tribo. A rainha reinava por seu próprio direito, e, não importa o que diga, é fato que as mulheres entendem melhor sobre governança, pois cada mulher governa sua própria casa. Sendo assim, ela não está mais bem qualificada para governar uma tribo do que um homem que só sabe fazer o que seus chefes de guerra mandam?

— Governar uma tribo, talvez — disse Gaius. — Mas seria realmente absurdo uma mulher comandar uma legião... ou ainda um grande império como o dos césores.

— Não vejo por quê — respondeu Eilan. — Com certeza uma mulher que consegue governar uma grande casa consegue governar um império como qualquer homem. Não existiram rainhas poderosas entre os romanos?

Gaius fez uma careta, lembrando-se de uma história que seu tutor grego insistiu para que ele aprendesse.

— Nos dias dos imperadores claudianos — disse, com cuidado —, ouvi dizer que havia uma velha malvada chamada Livia, a mãe de Tibério deificado. Diz-se que ela envenenou todos os parentes. Talvez seja por isso que os romanos não gostam de governantes mulheres.

A caminhada os levava para longe das fogueiras, onde o monte do túmulo descia ao nível do festival.

— Gawen, acha que as mulheres são más? — perguntou Eilan.

— Você certamente não é — disse Gaius, correspondendo ao olhar claro da moça. Seus olhos eram como um poço de água pura no qual ele podia afundar para sempre. Um poço da verdade. E naquele momento ele detestava ainda mais o fato de ter que viver essa mentira. Embora não fizesse sentido, sentia que poderia confiar a vida a ela; e, se ele contasse sua verdadeira identidade, poderia estar fazendo exatamente isso.

Houve uma agitação atrás deles. Os gritos e as cantorias se aproximaram. Gaius se virou e viu homens trazendo imagens de palha ou vime. Algumas tinham forma humana, outras, de figuras saídas de um pesadelo. Uma estava até vestida em uma recriação reconhecível do capacete de um legionário.

Gaius sentiu um arrepio em sua nuca. Antes dissera a Eilan que não se

lembrava dos rituais de Beltane, mas agora, talvez por causa das batidas dos tambores, da luz bruxuleante ou do aroma das ervas que jogaram no fogo, subitamente se deu conta de que já tinha visto algo assim antes. Fechou os olhos, vendo na memória dragões tatuados enrolados em braços fortes, ouvindo o riso de um jovem. Por um momento a batucada o ensurdeceu; o sangue tomou sua visão e seu corpo foi assaltado por uma dor há tanto tempo sufocada que nem mesmo agora podia nomeá-la.

Ele apertou o braço de Eilan.

— Tonto! — Eilan riu da expressão dele. — São só efígies. Mesmo nos velhos dias, só de sete em sete anos o Rei do Verão ou seu substituto era oferecido para renovar a terra.

— Você é filha de um druida — ele disse, sentando-se na grama. — Imagino que deva saber.

Ela sorriu e sentou-se ao lado dele na beira do círculo.

— Não tenho o conhecimento que ensinam na Casa da Floresta, mas ouvi essa história. Dizem que o Escolhido era tratado como rei por um ano antes de sua sina. Era uma grande honra para sua família. Cada desejo dele era satisfeito, recebia a melhor comida e o melhor vinho, e lhe traziam a moça mais bonita. Era uma honra parir um filho do deus; nem as mulheres do santuário eram proibidas a ele; embora para qualquer outro homem deitar-se com uma das sacerdotisas significava morte. E no fim de seu tempo... — ela hesitou — ele era dado ao fogo.

Eilan estava sentada bem perto dele. Gaius podia sentir o perfume fresco de flores silvestres em seu cabelo.

— Ouvi dizer que há um novo culto em Roma chamado de seguidores do Nazareno, que acreditam que o profeta que seguem era filho do deus deles e morreu por seus pecados — disse Gaius. Ele pessoalmente favorecia Mitra, o deus dos soldados.

— Não estão apenas em Roma — ela respondeu. — Meu pai diz que alguns fugiram para a Britânia quando estavam sendo mortos pelo imperador. E os druidas permitiram que construíssem um santuário na Ilha das Maças, bem ao sul, no País do Verão. Mas aqui temos apenas o consorte da Deusa... ou seu substituto, que dá seu sangue à terra.

Gritando, grupos de jovens rapazes jogaram as efígies nas fogueiras, celebrando ainda mais quando as chamas se elevaram para o céu. Eilan se encolheu quando outro grupo passou correndo, e Gaius passou o braço em torno dela, como que para oferecer-lhe proteção.

— Agora estão queimando todos os espíritos malignos. Logo depois vão passar o gado entre as fogueiras para manter os animais a salvo durante todo o

verão, quando vão pastar nas colinas. As fogueiras são muito poderosas...

Ela ficou vermelha de repente com algo além do calor das chamas.

— O que mais acontece em torno das fogueiras? — ele perguntou gentilmente, tremendo um pouco com o esforço que fazia para não puxá-la mais para perto. Mesmo através do vestido ele podia sentir a suavidade galgaz do corpo dela. Quando viu Eilan pela primeira vez, pensou que era uma criança, mas agora percebia que, apesar de ser tão esguia, ela era uma mulher, e sabia que a desejava.

— Bem — ela começou hesitante, olhando fixamente para as chamas —, nesta noite, enquanto as fogueiras para a Deusa queimam, casais prometidos pulam sobre elas de mãos dadas, para honrar a Deusa e pedir-lhe filhos. E então vão juntos para a floresta. Talvez nos velhos dias não soubessem exatamente como as crianças são feitas, mas Ardanos diz que eles observaram que as crianças nasciam depois de honrarem a Senhora desse modo. E até hoje o povo ainda a honra seguindo esse velho costume...

— Entendo — disse Gaius, gentilmente, sentindo o pulso acelerar.

— É claro — Eilan continuou, rapidamente — que não é algo que as filhas dos chefes ou dos druidas façam...

— Claro que não — respondeu Gaius, em voz muito baixa. Mas seu corpo lhe dizia que aquilo era algo que o filho de um prefeito podia fazer muito bem, mas esperou que pudesse disfarçar isso de Eilan. Como filha de seu anfitrião, ela era tão sagrada para ele quanto sua própria irmã.

— E, ainda assim, seria maravilhoso se... — ele respirou fundo — nós pudéssemos honrar a Deusa assim juntos...

Ele podia sentir o calor e a cor nas bochechas dela, embora já estivesse ficando escuro demais para ver. Ela ficou imóvel, envolta pelos braços dele.

— Eu nunca pensei... — Eilan falou baixo, mas logo fez uma pausa, começando a tremer um pouco. Mas não se afastou nem um centímetro de Gaius. — Assim eu poderia mostrar o que sinto por você — ele disse ainda mais baixo, como se temesse assustar um passarinho que pousara em sua mão. Ela havia contado a história com tanta inocência!

A filha de Clotinus deixara claro que aceitaria de bom grado suas investidas; e Gaius ficara apenas repugnado com a ousadia dela, mas tinha agora a impressão de que jamais havia sentido por nenhuma moça o que sentia por Eilan, sentada com tanta confiança a seu lado. Ela estava tão perto que podia sentir o calor de seu corpo. E, a cada respiração, enchia-o com o perfume de flores de seu cabelo loiro.

Enquanto a gritaria cessava, ele ouvia os pequenos sons da noite: animaizinhos murmurando na grama onde o morro descia atrás do túmulo; o

farfalhar e o crepitar das fogueiras; o canto, em algum lugar, de um pássaro. E agora, empolgado pela história dela, podia ouvir outros sons na noite de primavera. No declive atrás deles, homens e mulheres faziam amor.

Ele tocou o rosto de Eilan, e era como a pétala de uma flor. Gentilmente virou o rosto dela para si. Os olhos da garota estavam arregalados, aparentemente confusos, os lábios um pouco abertos. Ao beijá-la, ele sentiu que ela ficou surpresa, apesar de não ter resistido ou se afastado. Seus lábios eram tão doces que ele a apertou contra ele e a beijou novamente. E, depois de um breve momento de resistência, sentiu a boca de Eilan se abrir sob a dele como uma flor.

Gaius mergulhou na doçura dela. Atordoado, com o coração disparado, levou um momento para entender o que acontecia quando ela o empurrou.

— Não podemos! — ela sussurrou. — Meu pai nos mataria!

Gaius forçou as mãos a se abrir, soltando-a. Encostar as mãos na filha de seu anfitrião seria o pior tipo de desrespeito. Eilan deveria ser sagrada para ele como sua própria irmã. Sagrada... Ele então entendeu subitamente que o que sentia por ela era algo sagrado. Percebeu que, ao soltá-la, havia enfiado os dedos na grama, e aprumou-se, limpando as mãos.

— Você tem razão.

Estava surpreso por conseguir falar com tanta firmeza. Seus sentidos ainda giravam, mas sentia o calor da certeza dentro dele. Desde a primeira vez em que a viu, olhando para baixo na fossa em que havia caído, com um halo de luz, parecia-lhe que aquele momento tinha sido predeterminado.

— Isso seria uma vergonha para nós dois, mas não é nenhuma desonra no que sinto por você. Eu te amo, Eilan, como um homem ama a mulher com quem se casaria.

— Como pode? — ela sussurrou, mirando o fogo. — Você é um estranho. Jamais havia me visto antes até duas semanas atrás. Sonhou comigo, também?

— Sou mais estranho do que pensa — ele disse, sombriamente. — Mas vou provar meu amor por você — ele reuniu a coragem. — Agora, coloco minha vida em suas mãos. Sou um romano, Eilan. Eu não menti inteiramente — ele falou com rapidez, enquanto ela se afastava. — Gawen era o nome pelo qual minha mãe me chamava, mas meu nome verdadeiro é Gaius Macellius Severus Siluricus, e não tenho vergonha de minha linhagem. Minha mãe era filha da realeza dos siluros, e meu pai é prefeito de acampamento da Segunda Legião Adiutrix. E se isso faz com que me odeie, então chame os guardas e deixe que tomem minha vida.

Ela corou e depois empalideceu novamente.

— Eu jamais o trairia...

Ele olhou para ela. Minha mãe o fez... Subitamente, ele percebeu que aquele era um pensamento estranho, pois certamente sua mãe não queria morrer e deixá-lo sozinho. Só agora, de volta a seu mundo caloroso e colorido, ele percebia como tinha sido doloroso o choque de ter sido arrancado dele para a disciplina fria de um acampamento de exército. Será que era por isso que jamais fora capaz de se revelar para nenhuma garota romana como fazia agora com Eilan?

— Amanhã preciso voltar para o meu povo, mas prometo que se sair daqui ileso, e se isso não for de seu desagrado, pedirei sua mão ao seu pai de forma honrada!

Ele podia sentir as batidas do coração chacoalhando o peito, mas não conseguiu pensar em nada mais a dizer.

— Você não me desagrada, Gawen... Ou melhor, Gaius — ela disse por fim. Sua voz era muito fraca, mas seu olhar jamais se desviou do dele. — Mas não creio que meu pai entregaria minha mão a um romano, especialmente um vindo das legiões. E, mesmo se ele concordasse, meu avô não concordaria. E Cynric... — as palavras vieram em um borbotão — bem, Cynric o mataria se soubesse!

— Talvez isso não seja assim tão fácil — falou Gaius, com o orgulho acordando, embora o mesmo pensamento lhe tivesse ocorrido. — Mas é realmente tão impossível? Desde que chegamos a esta ilha, vários oficiais nossos se casaram com mulheres britânicas de boas famílias para cimentar alianças. Eu mesmo sou meio bretão, afinal.

— Talvez — ela disse, duvidosamente —, mas não em nossa família!

— Bem, meu sangue dos dois lados é tão bom quanto o seu!

Ela lhe lançou um olhar estranho, e ele percebeu que seu orgulho romano falava. Ela não parecia desgostar disso, mas tampouco estava convencida. E seu pai, rígido como era, seria ainda mais difícil de convencer.

— Jamais encontrei alguém de quem gostasse tanto como você — ela disse, desamparada —, e em tão pouco tempo. Também não compreendo — admitiu —, mas de algum modo eu sinto que o conheço desde o começo do mundo.

— Talvez conheça — respondeu Gaius, quase em um sussurro. E, por um momento, sentiu-se tão inocente quanto a moça em seus braços. — Alguns filósofos gregos acreditam que todas as almas voltam repetidamente para a Terra até completarem sua missão, e sabem quem amou ou odiou em outras vidas. Talvez algum destino de outra vida tenha nos juntado, Eilan.

Ao dizer isso, estranhou a si mesmo. Como podia ele, Gaius Macellius Severus, falar assim com qualquer mulher? *Mas Eilan*, ele se defendeu de si mesmo, *não é “qualquer mulher”*. Nunca se sentira tão próximo de qualquer

outra pessoa. Pela primeira vez em sua vida seus sentimentos por uma garota eram quase místicos, algo que não sabia explicar.

— Os druidas também nos ensinam isso — ela disse baixo. — Os nossos maiores sacerdotes estiveram na Terra por muitas vidas, vivendo como gamos, salmões e javalis para poderem entender tudo o que vive. E, além disso, heróis que morrem cedo muitas vezes nascem novamente. Mas quanto a mim e você... — Ela franziu a testa, e ele sentiu dificuldade em corresponder seu olhar. — Uma vez olhei em um lago e me vi com um rosto diferente, mas mesmo assim eu sabia que aquela era eu. Acho então que era uma sacerdotisa. Mas agora olho para você e não vejo um romano ou um bretão. Meu coração me diz que você foi um grande homem do nosso povo... algo como um rei.

Gaius corou. Esse tipo de conversa sempre o deixava desconfortável.

— Não sou um rei agora — ele respondeu, de modo um pouco grosseiro —, e você não é uma sacerdotisa. Eu a quero nesta vida, Eilan! — disse, tomando a mão dela. — Quero vê-la de manhã, quando acordo, e dormir com você em meus braços. Sinto como se algo tivesse faltado em toda a minha vida e que você me completa! Consegue me entender?

Parecia impossível que amanhã ele voltaria às legiões. Era difícil acreditar que talvez ele nunca mais a visse novamente.

Por um tempo ela olhou para o fogo, e então se virou para ele.

— Antes de conhecê-lo, sonhei com você — ela disse, baixo. — Muitos na minha família têm uma segunda visão, e às vezes vejo coisas verdadeiras em meus sonhos. Mas eu nunca disse isso a ninguém. Você já está no centro de meu coração. Não sei que poder nos juntou, mas acho que amei você antes.

Ele se curvou para beijar a palma de sua mão, e ela soltou um suspiro trêmulo.

— Eu te amo, Gaius. Há uma ligação entre nós. Mas não vejo como poderemos ficar juntos...

*Eu deveria tomá-la agora*, pensou Gaius. *Então teriam de permitir nosso casamento!* Ele ia puxá-la para mais perto quando um vulto passou entre eles e a fogueira. O espaço em torno das fogueiras estava se enchendo de gente. Um olhar para as estrelas lhe mostrou que já era quase meia-noite, e a lua estava alta. Para onde as horas tinham ido?

Eilan exclamou suavemente e começou a se levantar.

— O que foi? — ele perguntou. — O que está acontecendo?

A uma distância, podia ouvir gritos e risos, mas o ânimo do povo estava ao mesmo tempo subjugado e alegre. A sensação de expectativa em torno dele fez sua pele se arrepiar mais uma vez.

— Quietos! — sussurrou Eilan, enquanto ele se levantava ao lado dela. — A

Deusa está vindo...

Em algum lugar além do círculo de fogo soavam flautas, e Eilan também se calou. No súbito silêncio, o sibilar do fogo soava claramente. As chamas haviam queimado até virarem tições que iluminavam o espaço com um brilho firme, que, sob o luar, adquiria uma radiância dourada pálida que nunca tinha visto antes.

Algo brilhou além do círculo de luz. Druidas em túnicas brancas chegavam; homens com barbas esvoaçantes, coroados com folhas de carvalho e com torques dourados na garganta. Circularam as fogueiras seguindo o movimento do sol e então pararam. O círculo deles era espaçado da maneira como guardas se dispõem em torno do perímetro de um acampamento, mas seus movimentos em nada se comparavam à precisão militar que Gaius aprendera. Eles simplesmente pararam onde deveriam estar, como estrelas.

Sinos de prata tremeram docemente e a tensão no círculo cresceu. Gaius piscou, mas não conseguia ver nada com nitidez, mas ainda assim sabia que algo se movia, uma massa de sombras que vinha na direção deles. Abruptamente, percebeu que o que via eram formas de mulheres envoltas em tecidos azuis como a noite. Elas fluíram para o círculo e em torno dele, com seus ornamentos de prata retinindo levemente e seus rostos aparecendo apenas como uma mancha pálida sob os véus.

Subitamente ele entendeu. Aquelas eram as sacerdotisas da Casa da Floresta, as mulheres sagradas que escaparam do estupro em Mona. Ver tantos druidas juntos fez mais uma vez com que ele se arrepiasse, e quando ele olhou as sombras das sacerdotisas sentiu horror e um sentimento súbito de destino. Será que seu destino estava de algum modo entrelaçado com o das sacerdotisas da Casa da Floresta? O pensamento gelou seu sangue e fez com que, sem nem pensar, ele apertasse a mão de Eilan.

As últimas três sacerdotisas se moveram em direção ao banco de três pernas que fora colocado entre as fogueiras. A primeira era esguia, um pouco encurvada sob as vestes, ladeada por uma mulher alta e outra mais robusta. Ambas as assistentes tinham cabelos escuros e ornamentos de prata. Ambas estavam com o rosto à mostra, e ele podia ver as tatuagens da crescente azul na testa, um pouco acima do espaço entre as sobrancelhas. O primeiro pensamento de Gaius foi que a moça alta seria um oponente meritório em uma luta, enquanto sentia descontentamento nos olhos da companheira dela.

O grupo parou, e houve um tipo de ritual com uma bacia dourada que ele não conseguiu entender bem do que se tratava. Depois, ajudaram a sacerdotisa a se sentar no banco de três pernas e a levaram ao topo do monte entre as fogueiras. O som dos sinos alcançou um clímax, e então parou.

— Filhos de Don, por que vieram aqui? — a mulher alta perguntou,



chamando-os pelo nome dos ancestrais míticos das tribos.

— Buscamos as bênçãos da Deusa — respondeu um dos druidas.

— Então chamem por Ela.

Duas das mulheres jogaram punhados de ervas nas brasas. As narinas de Gaius se abriram enquanto a fumaça de cheiro doce se levantou e encheu o ambiente com uma névoa brilhante. Estava acostumado com incenso, mas jamais sentira esse sentimento estranho de tensão antes. Ele teria dito que o tempo estava virando, mas o céu estava limpo.

Em torno dele o sussurro ia se transformando em um murmúrio de muitas vozes, um resmungo suave de invocações e apelos. Sob tudo aquilo ouvia os druidas cantarolando, e tinha a impressão de que a terra sob seus pés pulsava em resposta. Então, ele olhou para Eilan e reparou no olhar da garota, exaltado e arrebatado, fixo nas três figuras entre as fogueiras.

Da mulher coberta com um véu veio um leve gemido, e ele a viu balançar.

*Ela é como a Sibila*, pensou Gaius, *ou como a Pítia de Delfos, sobre quem meu tutor me falou*. Mas ele jamais esperava ver algo assim em pessoa. O murmúrio aumentou de intensidade, e subitamente a mulher sob o véu parou, fazendo com que as outras duas fossem para trás. Ele perdeu o fôlego, pois de alguma maneira ela tinha ficado mais alta. Ela se endireitou, virando como se olhasse em torno de si, então riu baixo e recolocou o véu.

Gaius ouvira que a grã-sacerdotisa de Vernemeton era velha, mas aquela mulher cintilava beleza e se movimentava com uma energia inquieta que não tinha nada a ver com alguém de idade avançada. Seu cinismo romano foi embora, e o sangue da mãe se levantou nele. É verdade. Todas as lendas são verdadeiras... a Deusa está aqui!

— Sou a terra verde que os embala e o útero das águas... — ela disse em uma voz cuja ressonância baixa fazia parecer que falava em seu ouvido. — Sou a lua branca e o mar de estrelas. Sou a noite da qual a primeira luz nasceu. Sou a mãe dos deuses. Sou a virgem. Sou a serpente negra que engole tudo. Vocês me veem? Me desejam? Me aceitam agora?

— Nós a vemos — veio a resposta murmurada. — Nós a vemos e adoramos...

— Rejubilem-se, então, para que a vida continue. Cantem, dancem, banqueteiem e façam amor. Assim, terão minha bênção. O gado vai parir e o milho vai crescer.

— Senhora! — a voz de uma mulher soou subitamente. — Levaram meu marido para as minas e meus filhos estão famintos. O que farei?

— Eles também levaram meu filho! — gritou um homem, e outros o seguiram. — Quando vai nos livrar dos romanos? Quando a flecha da guerra

voará?

Um balbuciar de protestos se levantou, e Gaius se retesou, sentindo a tensão no ar. Eilan tinha apenas de dizer uma palavra, e ele então estaria em pedaços. Mas quando a olhou, viu que os olhos dela brilhavam com lágrimas.

— Vocês são meus filhos, que ouvem sua irmã chorar e não a sustentam? — Panos escuros giravam enquanto a Deusa se movimentava. — Cuidem uns dos outros! Nos volumes arcanos do céu, li o nome de Roma, e digo que naquele pergaminho o nome deles é Morte! Realmente, Roma cairá, mas o destino dela não cabe a nós declarar! Assim tenho dito. Agora prestem atenção em minha palavra!

“Lembrem-se do ciclo da vida. Tudo o que você perde um dia encontrará, e o que lhe foi tomado será devolvido. Observem, eu trago o poder do céu, para que o mundo seja renovado!”

Ela levantou as mãos para o luar, e Gaius teve a impressão de que o brilho ficou mais forte, obscurecendo sua figura. As sacerdotisas se agruparam em torno dela e começaram a cantar:

*Sobre essas velhas árvores sagradas,  
Joga sua bela luz prateada;  
Desanuvia o brilho de teu rosto  
Para que o vejamos brilhar na noite...*

Gaius estremeceu. Jamais soubera que as vozes das mulheres pudessem ser tão belas. Por um momento o mundo todo pareceu encantado em silêncio. Então, os braços da grã-sacerdotisa se levantaram. Suas duas assistentes giraram, uma de cada lado, e no mesmo momento as fogueiras queimaram furiosamente. Havia jogado algo nas chamas? Ele não conseguia ver direito. Aliás, mal podia pensar, pois agora todos gritavam sem cessar.

— Dancem — a voz da Deusa subiu acima de todos. — Rejubilem-se, recebam meu êxtase!

Por um momento ela se esticou para cima, os braços estendidos como se fosse abraçar o mundo. Então, logo a seguir, ela desabou nos braços da sacerdotisa assistente mais alta.

Mas Gaius não pôde ver o que aconteceu, pois alguém esbarrou nele. Ele apertou a mão de Eilan, mas sentiu a outra mão tomada por um estranho. Os tambores soavam e subitamente estavam se movendo, todo o círculo se movia, e não havia nada no mundo além da batida do tambor. Enquanto a batida o deixava atordoado, ele viu Cynric e Dieda do outro lado do círculo, e teve a impressão de que o rosto de Dieda brilhava de lágrimas.

Muito tempo depois, ou ao menos assim pareceu, a dança chegou ao fim, e Cynric e Dieda os encontraram. Mas o êxtase havia desvanecido, e o próprio desespero daquele casal os impediu de imaginar o que Gaius e Eilan haviam conversado na noite de Beltane. Já era muito tarde quando chegaram à casa de Bendeigid, e ninguém pareceu suspeitar que os dois casais não tivessem passado todo o tempo juntos. Gaius estava feliz com isso. Era melhor buscar a mão de Eilan de Deva, com a força do pai por detrás dele, do que deixar o druida suspeitar de que seu convidado havia comprometido sua filha enquanto Gaius estava sob o poder do homem.

Mas, se ele fosse um pretendente reconhecido de Eilan, talvez ao menos lhe tivessem permitido vê-la para dizer adeus. Entretanto, no dia seguinte do festival, Rheis declarou dia de limpeza, e todas as mulheres estavam trabalhando duro. Do jeito como as coisas aconteceram, ele teve apenas a promessa de Rheis de transmitir sua despedida cuidadosamente editada e um vislumbre do cabelo brilhante de Eilan para sustentá-lo enquanto pegava a estrada para Deva e o mundo de Roma.

Macellius Severus pai, *praefectus castrorum* da Segunda Legião Adiutrix em Deva, era um homem entrando na meia-idade, de forte e autoritária presença, que podia esconder uma raiva formidável sob uma superfície externa de calma. Mas sua brandura era enganosa. Grande como era, jamais berrava ou se vangloriava; falava baixo, de modo quase professoral, e de tempos em tempos os que não o conheciam se enganavam ao pensar que era ineficiente.

Essa brandura aparente era um recurso valioso no cargo que agora exercia: prefeito do acampamento, *praefectus castrorum* de Deva. Além de ficar permanentemente encarregado do acampamento, ele servia como uma espécie de intermediário entre as legiões e a população. Não se reportava ao comandante da legião, mas sim ao governador da província, e também ao recém-instituído *legatus juridicus*. No entanto, como o governador estava em campo na Caledônia, e o *juridicus* estava em Londinium, isso significava, naquele destacamento distante, que sua palavra era efetivamente a lei civil. Por sorte havia trabalhado bem com o comandante legionário, abaixo de quem tinha servido várias batalhas havia muito tempo, e que encorajara seus esforços para preencher as exigências financeiras necessárias para subir à classe dos equestres, as classes médias que eram a espinha dorsal do governo romano.

Macellius Severus garantia suprimentos e rações para a legião inteira, dirigia o quartelamento e servia como intermediário entre a população – tanto bretã quanto romana – e o exército. Em teoria, também representava os interesses da população civil. Ao requisitar suprimentos para as legiões, deveria conferir se o povo que a providenciava tinha ficado com comida e força de trabalho suficientes para evitar uma revolta. Por isso o gerenciamento real das terras da Ordovia em torno de Deva, exceto em tempos de guerra, ficava mais em suas mãos do que nas do comandante legionário.

Seu escritório, pequeno e austero, construído com uma rígida economia de espaço, de algum modo acomodava uma enxurrada diária de civis e militares com uma longa lista de reclamações, pedidos e petições. Às vezes, Macellius,

que não era um homem pequeno, sentia-se como se estivesse fisicamente encurralado.

Naquela manhã, ele estava quase finalizando sua carga de trabalho. Sentado em uma espécie de cadeira dobrável, franzindo a testa diante de um rolo de pergaminho em seu colo, fingia ouvir pacientemente a um homem da cidade gordo e afeminado, vestido com a toga de um cidadão romano, que falava ininterruptamente já fazia doze minutos. Macellius poderia ter feito o homem parar a qualquer instante, mas não ouvia mais do que uma palavra a cada vinte que ele dizia; na realidade, estava lendo a lista de suprimentos. Mas sabia que seria falta de educação recusar-se a ouvir um peticionário para simplesmente estudar uma lista. Então, não custava nada deixar o homem falar enquanto ele a lia. De qualquer modo, ouvira o suficiente para saber que Lucius Varullus simplesmente repetia a mesma coisa em diferentes variações de oratória.

— Certamente não quer que eu vá procurar o legado, Macellius — a voz em falsete continuava, lamentosa. Macellius enrolou a lista e a colocou de lado, decidindo que já havia ouvido o suficiente.

— Você pode ir, é claro — Macellius protestou, mansamente —, mas duvido que ele lhe dará tanta atenção, se é que terá tempo para ouvi-lo. — Ele conhecia bem seu comandante. — Deve se lembrar de que estamos em tempos inquietos. Um certo montante de sacrifício...

O lábio inferior do homem do outro lado da mesa pendeu em protesto.

— Não, não, claro que não — ele disse, abanando a mão em um gesto delicado. — Meu caro, ninguém, absolutamente ninguém, está mais pronto que eu para perceber isso, mas como posso fazer o trabalho em minhas fazendas e jardins se todos os homens da região foram recrutados? Certamente a paz e o conforto dos cidadãos romanos deveriam ser a primeira consideração, certo? Ora, tive de colocar meus jardineiros para trabalhar na roça de nabos! — ele concluiu, sombriamente.

— Agora, veja bem — disse Macellius, de improviso —, eu não sou responsável pelo recrutamento de nativos. — Silenciosamente, ele amaldiçoava a sombra do imperador, que havia estendido a cidadania romana para tolos como aquele. — Sinto muito, Lucius — disse, mentindo, pois não sentia pena nenhuma —, mas não posso fazer nada por você.

— Ah, mas, meu caro, você simplesmente precisa fazer algo.

— Olhe — disse Macellius, rapidamente —, você está atrás da pessoa errada. Vá ao legado, se deseja, e veja o que ele lhe responde; duvido que tenha a mesma paciência que eu. Traga escravos da Gália ou pague melhor. — *Ou*, adicionou, em silêncio, *saia você com um forçado e trabalhe até perder um pouco dessa banha*. — Agora, se me permite, estou muito ocupado esta manhã.

Ele deixou o olhar pousar no pergaminho e tossiu discretamente.

Varullus começou a protestar, mas Severus já havia se virado para seu secretário, um jovem magrelo com ar triste.

— Quem é o próximo, Valerius?

Depois que Varullus saiu resmungando, o secretário fez entrar um vaqueiro que havia vendido gado às legiões. De boina na mão, pediu, em um latim de mercado titubeante, perdão à excelência por perturbá-lo, mas vinha para dizer que as estradas estavam tão cheias de bandidos...

Macellius se dirigiu ao homem falando com fluência seu próprio dialeto siluro:

— Diga, homem. O que o perturba?

Quando o homem contou a história com mais detalhes, Macellius entendeu que, ao que tudo indicava, ele havia sido contratado para levar seu gado até a costa, e havia ladrões e bandidos, e o gado já pertencia à legião, e ele era um homem pobre que não poderia suportar aquela perda para fora da lei...

Macellius levantou a mão, interrompendo.

— Certo — disse, não sem bondade —, então você quer uma escolta militar. Vou lhe dar um recado para entregar a um dos centuriões. Cuide disso, Valerius — ele assentiu para o secretário. — Dê a ele um bilhete para Paulus Appius e diga-lhe para escoltar essa carne do exército. Não, homem, não se desculpe, estou aqui para isso.

Quando o vaqueiro já estava fora dali, ele acrescentou rispidamente:

— Ora, o que Paulus está pensando? Por que diachos essa questão chegou até mim? Qualquer decurião poderia ter cuidado disso! — ele respirou fundo, buscando a calma costumeira. — Bem, mande entrar o próximo!

O próximo era um bretão chamado Tascio que viera negociar a venda de centeio. Macellius logo fez uma careta ao assistente.

— Não vou atendê-lo. Da última vez, o lote que nos vendeu estava podre. Mas precisamos do centeio; há pouco suprimento de grãos. Ouça. Ofereça a esse explorador metade do que ele pede. E, antes de assinar o documento para que o tesoureiro o pague, chame meia dúzia de cozinheiros do refeitório para dar uma olhada nos grãos. Se o lote estiver podre ou mofado, queime, pois centeio podre vai deixar os homens com azia. Se estiver bom, pague metade do combinado, e, se ele lhe causar algum problema, ameace mandar chicoteá-lo por trapacear a legião. Sextillus me disse que cinco homens foram envenenados pela porcaria da última vez. Se ele ainda assim der trabalho, mande-o para o Appius. — Ele fez uma pausa e depois continuou: — E vou fazer uma reclamação à cúria druida, e o que farão com ele não será nada bondoso. A propósito, se ele nos vender centeio podre de novo, coloque-o na lista negra e diga-lhe para não voltar aqui

novamente. Entendido?

Valerius, parecendo mais triste que nunca, assentiu. Apesar de sua aparência de pobreza magra, era extremamente eficiente com esse tipo de coisa. Quando ele ia saindo do escritório, Macellius ouviu sua voz rouca e grossa se levantar, com ar de surpresa.

— Olá, jovem Severus. Está de volta?

Macellius ouviu uma voz familiar responder.

— Salve, Valerius. Ei, vá com calma, esse braço ainda dói. Meu pai está aqui?

Macellius se levantou tão precipitadamente que acabou por derrubar a cadeira.

— Gaius! Meu caro menino, estava começando a me preocupar com você!

— Ele deu a volta na mesa e abraçou o filho brevemente. — O que aconteceu para que você se atrasasse tanto?

— Vim assim que pude — desculpou-se Gaius.

Ele sentiu o rapaz se encolher em seu abraço e, então, soltou-o abruptamente.

— O que há de errado? Está machucado?

— Na verdade, não mais. Estou quase curado. Está ocupado, pai?

Macellius olhou em torno da pequena sala.

— Nada que Valerius não possa resolver muito bem.

Ele olhou as roupas empoeiradas do filho em desaprovação e disse com alguma severidade:

— Precisa andar pelo acampamento vestido como um homem liberto ou um nativo?

Gaius apertou os lábios brevemente, como se o uso da palavra “nativo” o tivesse incomodado. Mas sua voz era pragmática e sem desculpas quando respondeu:

— É mais seguro viajar assim.

— Humpf! — Mas Macellius sabia que era verdade. — Bem, então não podia ao menos tomar banho e vestir-se decentemente antes de vir à minha presença?

— Pensei que pudesse estar ansioso para me ver, pai — respondeu Gaius —, já que ultrapassei minha licença em alguns dias. Com sua permissão, vou me banhar e me vestir. O único banho que tomei nesta semana foi no rio.

— Não se apresse — disse Macellius, rabugento. — Vou com você.

Ele deixou a mão pousar no braço do jovem, apertando-o sem dizer palavra. Por alguma razão sem sentido, sempre que Gaius viajava, tinha medo de que o rapaz não voltasse. Não sabia por quê, pois o rapaz sempre fora bastante

autossuficiente. Mas ver seu braço enfaixado o assustara.

— Diga-me agora o que aconteceu. Por que tem esses curativos?

— Caí em uma armadilha para javalis — disse Gaius. — Uma das estacas atravessou meu ombro. — O pai empalideceu, mas Gaius completou, reconfortantemente: — Está quase curado agora. Já nem sinto mais dor, a não ser que o bata contra algo. Estarei empunhando uma espada de novo em seis semanas.

— Como...?

— Como eu saí? — O rapaz fez uma careta. — Uns bretões me encontraram e cuidaram de mim até que eu ficasse bem o suficiente para andar de novo.

O rosto de Macellius demonstrava o que não podia expressar em palavras.

— Espero que os tenha recompensado de modo adequado.

Mas Gaius aparentemente entendeu a solicitude escondida na indireta.

— Pelo contrário, pai, eles me ofereceram hospitalidade de modo nobre, e aceitei da mesma maneira.

— Entendo.

Macellius não insistiu na questão, pois sabia que Gaius tendia a ser sensível a respeito de seu sangue britânico.

Nos banhos militares ao lado das paliçadas, Macellius sentou-se em uma cadeira baixa enquanto Gaius era despido e esfregado por atendentes do exército. Assim que despachou seu escravo pessoal para ir até a casa deles buscar roupas limpas, Macellius se reclinou na cadeira, imaginando no que o rapaz havia se metido dessa vez. Havia algo diferente nele, algo além do que podia ser explicado pelo ferimento. Por um momento, desejou estar de volta à sua sala, lidando com questões que podiam ser facilmente rejeitadas.

Pouco depois, Gaius saiu do banho com uma aparência muito jovem e limpa em sua túnica curta de lã, com os cachos molhados caindo em suas costas. Ele mandou buscar um escravo barbeiro e, enquanto o homem desbastava seu cabelo comprido e bagunçado em um corte militar e raspava sua barba por fazer, contou sua aventura.

*Claramente está deixando algumas coisas de fora*, pensou Macellius. *Por que Clotinus Albinus não avisou antes sobre o acidente?* Mas, na mesma hora, ele sentiu um momento de gratidão por ter sido poupado do tipo de dissabor que qualquer irregularidade envolveria.

— Deve pedir a um médico do exército para dar uma olhada nesse braço — disse Macellius, quando o filho terminou de contar a história.

Gaius protestou irritado.

— Está melhorando.



Mas Macellius insistiu, e depois de certa espera o velho Manlius chegou e desfez o curativo cuidadoso de Cynric. Examinando, cutucando e apertando o rapaz até que ele ficasse pálido e suando. Então, o médico solenemente pronunciou que o braço estava tão bem cicatrizado como se ele próprio tivesse cuidado do ferimento desde o início.

— Eu mesmo podia ter dito isso a você... — murmurou o rapaz, recusando-se a encarar o pai. *Ótimo*, pensou o homem, *ele sabe que não deve discutir comigo*.

Gaius se recostou inerte, a mão boa caindo ao lado do corpo após uma tentativa desajeitada de dobrar a manga da túnica, mas sorriu quando Macellius se esticou para ajudá-lo, e nesse momento o rapaz segurou a mão do pai.

— Eu disse que estava tudo bem, pai, seu velho estoico — disse de modo um pouco áspero.

E, então, Macellius pensou novamente: *É mesmo um belo rapaz. Me pergunto em que tipo de diabrura ele se meteu. Bem, ele tem direito a um tanto de tolice. Mas é melhor que não tenha consciência disso...* Ele limpou a garganta, feliz porque não havia mais ninguém usando a casa de banhos naquele momento.

— Então, que desculpa pode oferecer por ter excedido sua licença, meu filho?

Gaius fez um gesto com a cabeça apontando o braço.

— Ah, sim. É claro que não poderia viajar com seu ferimento, vou falar com Sextillus. Na próxima vez, programe-se para não correr riscos de se atrasar com acidentes. Mas você não é nenhum cãozinho da nobreza que pode ficar à toa. Seu avô era um fazendeiro da região de Tarentum, e eu tive de trabalhar duro para chegar até aqui. Gaius, o que diria de não voltar a Glevum?

— Quer dizer que vão me levar à corte marcial por exceder uma licença por causa de um acidente? — Ele parecia tão chateado que Macellius se apressou em tranquilizá-lo.

— Não, não é isso. O que quero saber é se não gostaria de ser transferido para a minha equipe... Preciso de alguém para me ajudar aqui, e quando falei com o governador, antes de ele partir para o norte, ele concordou em abrir uma exceção e deixar que sirva aqui comigo. Está na hora de começar a apresentá-lo às conexões que tenho aqui. A província está crescendo, Gaius. Inteligência e energia levam um homem longe. Se eu consegui subir à ordem dos equestres, a única abaixo da nobreza, quem sabe até onde você poderá chegar?

Ele viu uma perturbação nos olhos de Gaius, e se perguntou se o rapaz sentia alguma dor. Pareceu levar um bom tempo até que ele respondesse:

— Nunca entendi por que você ficou aqui na Bretanha, pai. Não poderia ter

subido mais rápido se tivesse se disposto a ir para outro lugar? É um grande império.

— Eu sei que a Bretanha não é o mundo inteiro — disse Macellius —, mas gosto daqui. — Seu rosto ficou sério. — Eles me ofereceram o cargo de *juridicus* uma vez na Hispânia. Deveria ter aceitado, ainda que apenas por sua causa.

— Por que na Hispânia, pai? Por que não o cargo de *juridicus* da Bretanha? — Assim que a questão deixou seus lábios, Gaius soube que cometera um erro. E Macellius sentiu o rosto tensionar.

— O imperador Cláudio estava tão ocupado tentando reformar as coisas em casa, desde o Senado e a instituição da religião do Estado, que nunca chegou a reformar as leis militares — explicou Macellius —, e os imperadores que o sucederam parecem ter pensado que ele, como conquistador oficial da Bretanha, sabia o que estava fazendo.

— Não entendo o que quer dizer, pai.

— Visitei Roma apenas uma vez — contou Macellius. — E Londinium é mais parecida com a Roma que fui ensinado a honrar do que a Roma de hoje em dia. O império está uma grande bagunça, Gaius. Mas isso não deve ser uma surpresa para você.

Ele franziu o rosto e, com uma súbita irritação, virou-se para o escravo que estava ao lado de suas cadeiras, ordenando:

— Vá nos buscar algo para comer. Não fique aí parado de boca aberta.

Então, quando estavam completamente sozinhos, ele se virou de novo para Gaius:

— O que vou dizer agora é oficialmente considerado traição. Quando eu terminar de falar, esqueça o que escutou, certo? Entretanto, como oficial da legião, tenho certa responsabilidade. Se houver alguma reforma, será preciso que venha das províncias, como a Bretanha. Esse é um assunto muito perigoso, mas Tito, apesar de bem-intencionado, parece mais preocupado em aumentar sua popularidade do que em governar o império. Domiciano, seu irmão, pelo menos é eficiente, mas ouvi rumores de que sua ambição pode vencer sua paciência. Se ele herdar a púrpura e se tornar imperador, o pouco poder que resta ao Senado e ao povo de Roma pode desaparecer.

Depois de uma breve pausa, Macellius continuou:

— Eu pretendia avançar minha família do modo antigo, por meio de serviço e conquistas sólidas, uma geração após a outra. Você me perguntou por que fiquei na Bretanha, não foi? Julius Classicus tentou criar um império gaulês não faz dez anos. Após ser esmagado por Vespasiano, decretou que auxiliares não podiam ser empregados em seus países de origem e que as legiões precisariam

ser formadas por uma mistura de homens vindos de todo o império. Foi por conta disso que tive tantos problemas para conseguir permissão para que você servisse na Bretanha. E também por isso poderia ter sido melhor para nós ter ido buscar a sorte na Hispânia ou em algum lugar assim. O maior medo de Roma é que as nações conquistadas possam se rebelar de novo...

— Mas você me criou para reverenciar as antigas virtudes de Roma. Já que estamos falando com sinceridade, conte-me o que realmente quer, pai. E o que teme...

Macellius mirou o rosto suave do rapaz diante dele, buscando por algum traço da força rústica de seu próprio pai. Havia uma semelhança, talvez, na linha forte do queixo, mas o nariz do rapaz era celta, curto, quase arrebitado, como o da mãe. Não era de admirar que parecesse um bretão quando entrou pela porta. *Ele é fraco*, perguntou-se, *ou apenas jovem?* E então: *Onde as lealdades dele realmente estão?*

— Caos... — ele disse, sério. — O mundo está de pernas para o ar, como na época dos quatro imperadores ou da Rainha Assassina. Você não se lembra, mas pensamos que o mundo ia acabar no ano em que nasceu...

— Acha que rebeliões romanas e bretãs são igualmente perigosas? — Gaius perguntou, curioso.

— Você leu Valério Máximo? — o pai perguntou subitamente. — Se não, leia um dia. Havia um par de cópias na biblioteca legionária daqui. É um livro escandaloso, ele jamais deveria tê-lo escrito. Quase perdeu a cabeça na época de Nero, e isso não me surpreende. Começou a escrever no tempo de Tibério deificado, mas tem bons argumentos sobre alguns dos imperadores que se seguiram. Dizer que eram tão falíveis quanto... bem, como os deuses, não é traição. Pelo menos, não agora. Mas o ponto importante é: até um imperador ruim é melhor que guerra civil.

— Mas disse que as reformas devem vir das províncias...

Macellius fechou o rosto em uma expressão séria. Ao menos não havia nada de errado com a memória do rapaz.

— Reformas, não rebelião... E deve se lembrar também de que eu disse que hoje em dia Londinium é como Roma costumava ser. As antigas virtudes romanas podem sobreviver nas províncias, longe da corrupção que cerca o imperador. De várias maneiras, as tribos daqui são como o povo do país em que nasci. Dê a eles o melhor da cultura romana e talvez a Bretanha possa se tornar o que Roma deveria ser...

— Foi por isso que se casou com a minha mãe? — Gaius perguntou, quebrando um breve silêncio.

Macellius olhou para ele e piscou, observando novamente o aspecto

feminino na beleza dos traços do rosto e do cabelo escuro do filho, lembrando-se de como ela costumava cantar ao passar o pente de chifre por entre seus cachos encorpados, reluzindo reflexos avermelhados com a luz do fogo. Moruadh... *Moruadh... por que você me deixou sozinho?*

— Talvez essa seja uma das razões — Macellius por fim respondeu. — Mas talvez isso justifique. Nós tínhamos esperanças de juntar nossos povos. No entanto, isso foi antes de Classicus... e de Boudicca. Talvez ainda possa acontecer, mas vai levar mais tempo, e será preciso ser mais romano que os próprios romanos para sobreviver.

— Você soube de alguma coisa? — perguntou Gaius, franzindo a testa.

— O imperador, Tito, esteve doente. Não gosto disso. Ele ainda é jovem. Pode morrer na cama, mas, depois dele, quem sabe? Não confio em Domiciano. Fique com um pequeno conselho, filho: tente viver sem jamais chamar a atenção de um príncipe. Você é ambicioso?

— Os deuses não permitem — disse Gaius.

Mas Macellius vira um brilho de orgulho nos olhos dele. Bom, se bem dirigida, ambição não era uma coisa ruim em um jovem. Ele soltou um riso curto.

— De qualquer modo, está na hora de dar o próximo passo para o avanço da família. Nada que possa chatear o imperador... Mas você está com o que, dezenove anos, agora? Está na hora de se casar.

— Farei vinte anos em algumas semanas, pai — respondeu Gaius, desconfiado. — Tem alguém em mente para mim?

— Imagino que saiba que Clotinus, sim, o Velho Percevejo, tem uma filha... — começou Macellius, e parou quando o filho começou a rir.

— Que os deuses não permitam. Precisei praticamente chutá-la para fora da minha cama quando fiquei hospedado lá.

— Clotinus será um dos grandes homens da província, mesmo sendo britânico. Se você tivesse gostado da filha dele, eu estaria disposto a ir além, mas se ela é assim tão imodesta... Meu pai pode ter sido apenas um plebeu, mas podia dizer o nome de todos os seus ancestrais. A honra de nossa família exige que seus filhos sejam realmente seus.

Ele levantou os olhos quando o escravo apareceu na porta com uma bandeja de biscoitos secos e um pouco de vinho. Ele serviu o vinho, deu um cálice a Gaius e deu um longo gole antes de recomençar a falar.

— Tenho uma ideia que pode lhe agradar mais. Pode não se lembrar disso, mas quando era criança tentei arrumar um compromisso de casamento entre você e a filha de um velho amigo. Agora ele é o procurador, Licinius.

— Pai — disse Gaius, rapidamente —, você falou com ele recentemente?

Espero que ainda não tenha avançado com esse assunto...

Macellius o encarou de olhos apertados.

— Por quê? Há outra moça que tenha despertado seu desejo? Você sabe que talvez ela não sirva. O casamento é uma aliança social e econômica. Ouça-me, filho, essas atrações românticas são passageiras.

Ele podia ver a pele clara do filho corando.

Com muito cuidado, Gaius bebeu outro gole do vinho.

— Há outra moça, mas não é exatamente desejo que sinto por ela. Eu já a pedi em casamento — ele disse com firmeza.

— Como assim? Quem é ela? — gritou Macellius, virando-se para encarar o filho.

— É a filha de Bendeigid.

A taça de vinho fez barulho quando Macellius a apoiou no chão.

— Impossível. Ele é um homem proscrito e, se não me engano, um druida. De boa família, então não direi nada contra a moça, se é parente dele, mas isso só torna as coisas mais difíceis. Esse tipo de casamento...

— Você fez um como esse — interrompeu Gaius.

— E isso quase destruiu minha carreira! Sua garota pode ser uma ótima mulher como sua mãe, mas uma aliança malfeita do gênero é o suficiente para acabar com qualquer família — exclamou Macellius. *Moruardh, me perdoe*, seu coração gritou. *Eu te amei, mas preciso salvar nosso menino*. — Além disso, as coisas eram diferentes na época — ele continuou, de modo mais equilibrado. — Desde a rebelião de Boudicca, uma conexão com qualquer família britânica que não seja a mais leal seria um desastre. E você, inclusive, deve ter um cuidado especial exatamente porque é filho de sua mãe. Acha que aguentei trinta anos nas legiões só para ver você jogar tudo fora?

Ele despejou mais vinho em sua taça e bebeu num gole.

— Se você faz as conexões certas, não há limites para aonde pode chegar, e a filha do procurador é como um prêmio. Afinal, a família dela é parente dos julianos. Enquanto isso, se quer uma aventura romântica, há muitas escravas e mulheres libertas para satisfazê-lo. Deixe de pensar nessas moças britânicas.

Ele olhou para o filho.

— Eilan é diferente – eu a amo.

— Sua Eilan é filha de um druida! — retrucou Macellius. — Que, inclusive, já foi acusado de incitar a revolta das tropas auxiliares. Mas, como não conseguiram comprovar, ele acabou por ser banido. Ele teve sorte de não ter sido enforcado ou crucificado. E é por tudo isso que você não vai querer se envolver de nenhuma maneira com a família dele. Ela não está grávida, está?

— Eilan é inocente como qualquer vestal — disse Gaius, rigidamente.

— Humpf. Eu não apostaria nisso. Eles não veem essas coisas do modo que deveriam — observou Macellius.

Mas, ao ver o olhar de Gaius se escurecer, ele completou:

— Mas não me olhe assim... Eu não duvido daquilo que diz. Mas, se a moça é virtuosa, é ainda pior para se apaixonar por ela. Aceite, rapaz, ela não é para você.

— Isso é o pai dela quem deve decidir — disse Gaius, nervoso —, não você!

Macellius grunhiu:

— Preste atenção, o pai dela verá essa aliança da mesma maneira que eu, como uma grande catástrofe na vida de vocês dois. Esqueça essa moça e volte seus pensamentos para alguma boa garota romana. Eu consegui status suficiente aqui para que você se case com quem desejar.

— Desde que seu nome seja Julia Licinia... — Gaius respondeu, amargurado. — E se a filha de Licinius não quiser um marido de sangue britânico?

Macellius levantou os ombros.

— Vou escrever a Licinius amanhã. Se ela for uma verdadeira garota romana, vai pensar no casamento como parte de sua obrigação com a família e com o Estado. O fato aqui é que você tem de se casar logo, antes que desgrace a todos nós.

Gaius balançou a cabeça com teimosia.

— Veremos. Se Bendeigid quiser me dar a filha, eu me casarei com Eilan. Minha honra está comprometida com ela.

— Não! Impossível! — disse Macellius. — E, mais que isso, se conheço algo de Bendeigid, ele vai reagir a essa ideia da mesma maneira que eu.

*Maldição, pensou, o problema é que ele é muito parecido comigo. Ele acha que vou acatar isso?*

O rapaz poderia pensar que o pai não entendia – os jovens sempre acham que são os únicos a conhecer o amor –, mas a verdade é que Macellius sabia muito bem o que ele estava sentindo. Moruadh fora fogo em suas veias, mas ela jamais fora feliz, aprisionada por paredes quadradas de pedra. As mulheres romanas riam dela, e seu próprio povo acabou por amaldiçoá-la. Não permitiria que o filho vivesse a dor de saber que ele, também, só trazia tristeza à mulher que adorava.

Os bônus de campanha de Macellius haviam sido bem investidos, e ele tinha riqueza suficiente para se aposentar com conforto, mas não o bastante para sustentar toda a vida do filho, a não ser que Gaius também tivesse uma carreira. Ele não honraria Moruadh permitindo que o filho dela jogasse fora seu futuro.

— Pai — Gaius continuou, em um tom que o pai jamais ouvira antes —, eu amo Eilan. Ela é a única mulher com quem me casaria. E se o pai dela não a conceder a mim, Roma não é o mundo inteiro, você sabe.

Macellius o encarou.

— Você não tinha o direito de assumir um compromisso dessa forma. Casamento é uma questão que envolve toda a família. Eu vou pedir a mão dela para você, mas que fique claro que isso é contra o que acho que seja o melhor a fazer.

— Mas você vai realmente pedir? — Gaius persistiu, e, contra a vontade, Macellius amoleceu.

— Não há como tirar a loucura de um louco. Eu vou cuidar de mandar uma mensagem a Bendeigid. Mas, se ele recusar, não vamos mais insistir nisso. Diante de uma negativa, eu escreverei a Licinius e você estará casado antes do ano-novo.

*Ah, os velhos tempos em que um pai tinha poder de vida e morte mesmo sobre os filhos adultos*, ele pensou. A lei ainda estava nos livros – por mais que não servisse a ninguém, pois nenhum pai, em centenas de anos, havia invocado formalmente tal direito, e ele conhecia a si próprio bem demais para achar que seria o primeiro. Mas não seria necessário. O pai de Eilan podia aplicar aquele golpe de maneira bem mais efetiva que ele.

Nos dias que se seguiram à partida de Gaius, o sol brilhante de Beltane se escondeu atrás de céus chorosos, como se a estação simplesmente decidisse não se tornar verão. Eilan rastejava pela casa como um fantasma. Passaram-se dias sem notícia alguma de Gaius. Pouco antes de sair para a Casa da Floresta, Dieda disse que ela deveria ter se entregado a Gaius. E a garota então se perguntava se ele ficaria mais ou menos inclinado a esquecê-la se ela o tivesse feito.

Afinal, os grandes festivais existiam em seu próprio tempo. Aquela noite em que os dois se sentaram juntos e observaram as fogueiras foi como algum sonho do além-mundo. Naquele período em que as portas entre os mundos se abriam, tudo parecia possível – até mesmo o casamento da filha de um druida com um oficial romano. Mas agora, cercada de sons e visões familiares do lar, ela começara a duvidar de si, de seu amor e, acima de tudo, de Gawen – ou Gaius, como ela imaginava ter de chamá-lo agora.

E o pior é que ninguém parecia notar sua dor. Mairi insistira em voltar para sua própria casa para esperar o retorno do marido, enquanto Rheis estava ocupada com todas as tarefas que o verão implicava. Poderia dividir suas angústias com Dieda, mas sua parente estava na Casa da Floresta, onde deveria estar lidando com suas próprias infelicidades e arrependimentos. Os céus choravam, e o coração de Eilan chorava com eles, aparentemente sem que ninguém se importasse.

Por fim chegou um dia em que seu pai mandou chamá-la. Estava sentada ao lado da lareira no salão de banquetes – a qual agora era só cinzas, pois, embora o céu estivesse cinza e nublado, estava quente o suficiente para dispensar o fogo. Quando o encontrou, sentiu uma mistura estranha de raiva e curiosidade suavizando a postura rígida que ele costumava adotar.

— Eilan — ele disse gentilmente —, acho que deveria saber disso; sua mão foi pedida em casamento.

*Gaius!*, ela pensou. *Duvidei injustamente dele!*



— Mas é claro que foi uma que não pude atender. Quanto você sabe sobre o jovem que diz se chamar Gawen?

— O que quer dizer?

Ele certamente podia escutar a batida rápida de seu coração.

— Ele lhe disse seu verdadeiro nome? Contou-lhe que o pai dele é Macellius Severus, prefeito do acampamento em Deva?

Ela agora via a raiva se sobrepor à gentileza de Bendeigid, mas assentiu, lutando para parar de tremer.

— Então ao menos ele não a enganou — o pai suspirou. — Mas deve deixá-lo longe de seus pensamentos, filha. Ainda não está na idade de se casar...

Ela levantou a mão em protesto. Por que não havia pensado que era mais fácil seu próprio pai recusar a permissão do que Gaius negar seu amor?

— Posso esperar — ela sussurrou, sem ousar levantar os olhos.

O pai continuou:

— Não estou acostumado a ser um tirano com meus filhos, Eilan. E, verdade seja dita, estou sendo gentil demais com você. Se tivesse medo de mim, não falaria dessa maneira. Mas isso não pode ser, filha... E acalme-se — ele ordenou —, ainda tenho algo a lhe dizer.

— O que mais tem a dizer? — exclamou Eilan, tentando se soltar das mãos dele que seguravam seu pulso com força. — Você recusou o pedido dele, não recusou?

— Quero que você entenda o motivo — o tom dele se suavizou. — Não tenho nada contra esse rapaz. Inclusive, se ele fosse um dos nossos, eu a concederia a ele com felicidade. Mas óleo não se mistura com água, nem prata com chumbo, muito menos romanos com bretões.

— Ele é apenas metade romano — ela protestou. — Sua mãe era uma mulher da tribo dos siluros. E ele parecia bretão o suficiente quando se hospedou aqui.

O pai balançou a cabeça.

— Isso torna tudo ainda pior. Ele é o filho bastardo de um casamento, um casamento que eu considero ilegítimo, com uma raça de traidores, pois os siluros eram traidores mesmo antes de os romanos chegarem pelo mar, roubando nosso gado e invadindo nossos territórios de caça. Seria uma tolice dupla casá-la com o filho de nossos inimigos ancestrais. Cheguei a falar com Ardanos sobre isso e, embora ele fale de uma paz que chegará, como se você fosse filha de uma de nossas rainhas e ele o filho de um César, sei que esse casamento não pode acontecer.

Os olhos dela se arregalaram com o pensamento de que o arquidruída, dentre todas as pessoas, pudesse ficar ao seu lado. Mas o pai ainda falava.

— Pelo tom da carta, imagino que Macellius Severos não goste mais da ideia do que eu. Nada pode sair de um casamento assim além de lealdades divididas para os dois. Se Gaius deseja abandonar Roma por você, então não o quero na nossa família. E, se ele ficar com os seus, então você seria uma pária entre nosso povo, e não quero isso para você.

Eilan não levantou os olhos.

— Por ele eu suportaria isso — disse, em voz baixa.

— Sim, em sua loucura, creio que o faria — o pai respondeu, com um pouco mais de dureza na voz. — A juventude está sempre pronta para desafiar o mundo. Mas nosso sangue não é sangue de traidores, Eilan. A cada momento que traísse sua família com ele, os corvos bicariam seu coração em segredo — a voz dele suavizou-se. — Além do mais, não se trata apenas de você, mas toda a nossa família seria forçada a romper um laço atrás de outro.

“Eilan, você precisa entender que eu não tenho nada contra Gawen. Ele foi um hóspede em minha casa, e seria fugir à lógica dizer que ele mentiu para mim quando ninguém perguntou seu verdadeiro nome. Se algo pudesse me desagradar, seria apenas o fato de ele ter trabalhado em segredo para colocar você contra sua família.”

As palavras de Eilan eram quase inaudíveis:

— Ele nos tratou de maneira honrosa e correta, tanto eu quanto você.

— E estou questionando isso? — respondeu Bendeigid. — Mas aquele que pede se compromete a respeitar a resposta que recebe. Eles me pediram sua mão de modo honrado e justo, e eu a respondi de modo justo e direto. Essa história termina aqui.

Ela disse em uma voz sufocada:

— Um homem menos honrado poderia ter lidado comigo de modo que você ficaria feliz em se livrar de mim.

Subitamente, uma raiva negra subiu pelo rosto do pai, e, pela primeira vez em sua memória, Eilan teve medo dele. Ele a puxou para perto de si e bateu — embora não com força — em sua boca.

— Chega — ele disse. — Chega! Se eu tivesse lhe dado uns tapas com mais frequência quando era criança, não precisaria bater em você hoje por essa fala desavergonhada.

Eilan se afundou no banco quando ele a soltou. Dez dias atrás, teria chorado se o pai falasse assim com ela, mas agora sentia que nada mais a faria verter outra lágrima.

Ele, então, disse enfaticamente:

— Você não vai se casar com nenhum romano enquanto eu estiver sobre a terra. Ou melhor, se depender de mim, nem mesmo depois que eu morrer. E se

me disser que aconteceram coisas que fazem com que precise casar com esse filho de traidores meio romanos, ou mesmo se me der um bastardo para me chamar de avô, nenhum homem em toda a Bretanha me culparia se eu a afogasse com as próprias mãos. Me poupe desse rubor de modéstia, filha, você não teve nenhuma minutos atrás!

Eilan teria preferido enfrentar o pai de pé, mas seus joelhos tremiam e ela não conseguia se levantar.

— Realmente tem coragem de pensar uma vergonha dessas de mim?

— Não fui eu quem falou disso primeiro — retrucou o pai. Então, sua voz se suavizou. — Filha, filha — ele suspirou —, falei isso em um momento de raiva. Você é uma boa moça, minha querida filha, peço seu perdão. Agora, chega dessa conversa. Você vai para o norte amanhã. Sua irmã Mairi precisa da ajuda de uma parente, pois seu bebê logo vai nascer, e nesta estação sua mãe não pode ir. Agora parece bem provável que o marido dela, Rhodri, tenha sido capturado pelos romanos quando foi atrás dos arregimentados. Então, mesmo se tudo tivesse corrido de outra maneira, essa não seria a época de me oferecer um genro romano.

Eilan assentiu, muda. Bendeigid colocou o braço em torno dela e disse gentilmente:

— Eu sou mais sábio, pois sou mais velho que você, Eilan. Os jovens veem apenas por si mesmos. Acha que não vi que você andava sofrendo? No entanto, pensei que apenas sentisse falta de Dieda, mas minha maior raiva desse bastardo meio romano se deve ao fato de ele ter lhe causado tanta dor.

Ela assentiu, retesada em seu abraço, sentindo-se a um mundo de distância. Ele dissera que um corvo iria bicar seu coração caso se casasse com Gaius. Na hora, pensou que era apenas uma maneira poética de falar, mas agora percebia que ele dissera a verdade, pois a dor em seu coração era aguda como se de fato um corvo o estivesse bicando.

Sentindo a resistência dela, o pai disse, sem conseguir disfarçar a irritação:

— Sua mãe estava certa quando disse que você tinha passado da hora de se casar. Neste inverno buscarei um marido para você, um dos nossos.

Eilan se soltou dos braços dele, os olhos acesos:

— Não tenho escolha a não ser obedecê-lo — ela disse, amarga —, mas, se não vou casar com quem gostaria, não quero me casar com nenhum outro homem na face da Terra.

— Como quiser — ele respondeu, com amargura. — Jamais irei forçá-la. Senara será prometida antes de ficar moça. Não quero esse tipo de briga com uma filha de novo!

A chuva continuou a cair por muitos dias, enchendo os rios e riachos e afogando os campos, caminhos e estradas. Estava bem perto da época em que Mairi daria à luz, e o destino do marido dela ainda era desconhecido. Ela admitira que talvez teria sido melhor ter ficado sob o teto do pai até que a criança nascesse, mas, com aquele tempo, seria mais arriscado viajar do que ficar em casa. Foi Eilan, então, quem viajou até onde a irmã estava, acompanhada de dois homens de seu pai.

Embora ainda chorasse à noite quando pensava em Gaius, Eilan ficou feliz por ter ido até lá. Ali, ao menos, era útil, pois sua irmã precisava de alguém com quem conversar, e seu pequeno sobrinho estava aflito e confuso porque a mãe deixara de amamentá-lo durante a nova gestação e o pai havia desaparecido. Mairi agora estava muito atrapalhada para dar atenção ao filho, mas Eilan tinha paciência para ficar sentada por horas alimentando o menino com uma colher de chifre. E, aos poucos, ele foi recuperando um pouco da alegria quando brincava com ela.

Enquanto a chuva continuava a cair, havia horas em que Eilan se perguntava se seria deixada sozinha para fazer o parto da segunda criança de sua irmã. Mas Mairi já havia feito arranjos para que uma sacerdotisa viesse.

— Todas as mulheres da Casa da Floresta são treinadas nessas coisas, irmã — Mairi lhe disse, esfregando as costas, que agora doíam constantemente. — Não precisa ter medo.

Já era a noite do quarto dia com sua irmã, e Eilan começava a se sentir em casa.

— Não seria maravilhoso se nos mandassem Diedo?

— Ela chegou há pouco tempo à Casa da Floresta e não pode sair por um ano. Prometeram enviar uma das assistentes de Lhiannon, uma mulher da Hibérnia chamada Caillean — Mairi falou de modo tão seco que Eilan se perguntou se a irmã não gostava da mulher, mas achou melhor não entrar nesse assunto.

Três dias depois, como o esperado, Caillean chegou à casa: uma mulher alta, envolta em mantos e xales que deixavam à vista apenas os olhos e o cabelo escuro e pesado. Contra o negrume de seu cabelo e sobrancelhas, sua pele parecia branca como leite e os olhos ainda mais azuis. Enquanto ela tirava os mantos, um golpe de vento espalhou a fumaça da lareira, fazendo com que a sacerdotisa comesse a tossir. Eilan se apressou para encher uma caneca de cerveja e oferecer a ela em silêncio.

A sacerdotisa disse em voz baixa:

— Obrigada, criança, mas não me é permitido. Você tem um pouco de água...

— É claro — murmurou Eilan, corando, e correu para encher um copo no barril perto da porta. — Ou posso pegar água fresca do poço...

— Não, essa está ótima — disse a sacerdotisa, pegando o copo das mãos dela e bebendo toda a água. — Obrigada. Mas, então, quem é a mulher grávida? Você não é muito mais que uma criança.

— Quem vai ter o bebê é minha irmã Mairi — murmurou Eilan. — Sou Eilan, filha do meio de Bendeigid. E há mais uma, Senara, que tem apenas nove anos.

— Meu nome é Caillean.

— Eu a vi em Beltane, mas não sabia seu nome. Mas imaginava que a assistente de Lhiannon seria mais... — ela parou, timidamente.

Caillean completou a frase.

— Mais velha? Mais digna? Estou com Lhiannon desde que ela me trouxe da costa oeste de Eriu. Eu tinha por volta de catorze anos quando vim para a Casa da Floresta, e já estou ali há dezesseis anos.

— Conhece minha parente Dieda?

— Certamente, mas ela mora com as donzelas. Há muitas de nós, e não somos todas de uma só ordem. Agora que a vejo, compreendo... Bem, mas isso fica para depois. Deixe-me falar com sua irmã agora.

Eilan levou Caillean até Mairi, com a barriga tão grande que se movia com dificuldade, e se afastou para dar a elas um pouco de privacidade. Mal podia ouvir o murmúrio baixo enquanto Caillean questionava Mairi sobre os detalhes da gestação. Havia algo de reconfortante no ritmo baixo da voz da sacerdotisa.

Aos poucos, Eilan podia ver a tensão deixando o rosto de Mairi e percebeu pela primeira vez que a irmã havia sentido medo. Ela não se moveu quando Caillean apertou sua barriga com as mãos magras de dedos longos. Quando a sacerdotisa terminou, Mairi se recostou com um suspiro.

— Acho que o bebê não vai nascer hoje, e talvez não amanhã. Descanse agora, moça, pois vai precisar de toda a sua força quando a hora chegar — disse Caillean, tranquilizando-a.

Quando Mairi estava novamente acomodada, Caillean se juntou a Eilan perto do fogo.

— É verdade que o marido dela desapareceu? — perguntou, em voz baixa.

— Tememos que ele tenha sido levado pelos romanos — respondeu Eilan. — Mas meu pai me pediu para não falar sobre isso com Mairi.

Por um momento, o olhar de Caillean se voltou para dentro.

— Não fale, pois temo que ela não vai vê-lo novamente.

Eilan a olhou horrorizada.

— Ouviu alguma coisa?

— Vi os presságios, e eles não eram bons.  
— Pobre Mairi, pobrezinha. Como diremos isso a ela?  
— Não diga nada agora — aconselhou Caillean. — Eu mesma contarei a ela depois do parto, quando ela terá motivos para viver por seu bebê.  
Eilan estremeceu, pois gostava de Mairi, e teve a sensação de que a sacerdotisa falara da morte assim como da vida, sem sentimentos ou arrependimentos por ambos. Mas imaginava que, para uma sacerdotisa, vida e morte deviam significar algo bem diferente do que significavam para ela.  
— Espero que ela tenha parentes homens para cuidar da herança dos filhos — continuou Caillean.  
— Meu pai não tem filhos — disse Eilan. — Mas Cynric assumirá as obrigações de irmão para Mairi se for necessário.  
— Ele não é filho de Bendeigid?  
— Filho de criação, apenas. Nós fomos criados todos juntos, e ele sempre gostou muito de Mairi. Está no norte agora.  
— Ouvi falar sobre esse Cynric — afirmou Caillean, e Eilan se perguntou o quanto a sacerdotisa sabia. — Realmente, sua irmã vai precisar da família.

Naquela noite uma nova tempestade veio do oeste, e Eilan, acordando no meio da madrugada, ouviu-a açoitar a casa com selvageria. Quando a manhã chegou, as árvores ainda estavam sendo sopradas e jogadas pelas rajadas. Mas, embora uns poucos pedaços de palha tivessem sido arrancados do teto, a casa redonda apenas rangia e estremezia com cada sopro do vento, quando uma estrutura mais rígida poderia ter cedido. A chuva ainda caía sem clemência, mas Caillean, observando o dilúvio, parecia feliz.

— Há rumores de saqueadores vindo da costa — disse ela quando Eilan se aproximou. — Se os caminhos ficarem todos alagados, não vão chegar até aqui.

— Saqueadores? — ecoou Mairi, parecendo assustada.

Mas Caillean decidiu não repetir o que disse, afirmando apenas que chamar um mal pelo nome muitas vezes o atraía. No começo da noite, o pior do vento havia passado, e o clima se firmou em uma chuva pesada e insistente, deixando o mundo todo tomado pelo som da água e de fontes e cisternas transbordando. Felizmente, havia um bom suprimento de madeira cortada e armazenada em um galpão perto da casa principal, então fizeram um fogo vivo e Caillean desembulhou o pequeno instrumento musical que carregava enrolado como uma criança. Eilan jamais soube de uma mulher que tocasse harpa; ela mesma havia apanhado quando criança por simplesmente encostar na do avô.

— Ah, é verdade que há bardos mulheres entre nós — disse Caillean —,

embora eu toque apenas para meu próprio prazer. Acho que Dieda se tornará uma.

— Não me surpreende — respondeu Eilan, um pouco melancólica. — Ela canta lindamente.

— Está com inveja, criança? Há outros dotes além da música, você sabe. — A sacerdotisa franziu a testa para Eilan, de modo pensativo, e então pareceu se decidir. — Não sabia que ela foi escolhida por engano em vez de você?

Eilan olhou para Caillean, lembrando-se de todas as vezes durante a infância em que tinha brincado de ser sacerdotisa e da visão que tivera quando o manto de Lhiannon envolveu a outra moça.

— Nunca chegou a pensar nisso, pequena? — insistiu Caillean.

Eilan não respondeu. É claro, tinha sonhado com isso por um longo tempo, mas então conhecera Gaius. Como poderia ser destinada a ser sacerdotisa se era capaz de sentir um amor daqueles por um homem?

— Bem, não há necessidade de tomar uma decisão agora — disse Caillean, sorrindo. — Vamos falar disso em outra ocasião.

Eilan olhou para ela e, subitamente, com uma visão dupla, viu as duas juntas, levantando os braços em homenagem à lua. Mas, embora o reconhecimento fosse total, ela percebeu com surpresa que o cabelo de Caillean não era escuro, mas sim vermelho, e seus traços eram parecidos como se fossem irmãs, e seu próprio rosto era o que já vira uma vez no lago da floresta. Irmãs... e mais que irmãs. Mulheres... e mais que mulheres. As palavras lhe vieram de algum lugar além da memória.

Então, com um pequeno choque, lembrou-se de que jamais falara com Caillean até o dia anterior. Mas, como acontecera com Gaius, subitamente teve a impressão de que conhecia a sacerdotisa desde o começo do mundo.

Caillean estava tocando há um bom tempo quando Mairi se levantou subitamente e gritou, olhando para a mancha escura que se espalhava por seu vestido. As outras duas olharam surpresas.

— A bolsa já se rompeu? — perguntou a sacerdotisa. — Bem, querida, os bebês vêm quando querem e não quando nos é mais conveniente. É melhor levá-la para a cama. Eilan, vá até o pastor e peça que ele traga mais lenha para a fogueira. Então, acenda o fogo, encha o caldeirão e ponha a água para ferver. Mairi vai querer chá quente antes que isso acabe, e nós também.

Como Caillean sem dúvida esperava, ser útil deixou a jovem mais tranquila.

— Está mais calma agora? — perguntou a sacerdotisa, quando Eilan voltou. — Sempre acho errado permitir que uma mulher que ainda não teve filhos fique no quarto do parto, pois isso apenas assusta. Mas, se vai se juntar a nós na Casa da Floresta, cedo ou tarde vai precisar aprender.

Eilan engoliu em seco e assentiu, determinada a justificar a confiança que a mulher depositava nela. Pelas primeiras duas horas, Mairi apenas cochilou em meio a picos de dor, agitando-se umas poucas vezes para gritar, como se estivesse dormindo. Eilan cochilava no banco perto da lareira; era a parte mais escura da noite, e a chuva havia se transformado em um barulho suave e insistente quando Caillean se curvou para acordá-la.

— Venha, agora vou precisar de você. Avive o fogo e faça para Mairi um copo de chá de folha de amora. Não sei quanto tempo isso vai levar, e vou necessitar de sua ajuda.

Quando o chá estava pronto, Caillean se curvou sobre Mairi, que se movia inquieta, e colocou o copo em seus lábios.

— Aqui, tome um gole. Você vai se sentir mais forte.

Mas, em uns instantes, Mairi chacoalhou a cabeça, com o rosto avermelhado e retorcido.

— Não vai demorar, minha querida — disse Caillean, de modo encorajador. — Não tente levantar o tronco agora.

Enquanto Mairi caiu, resfolegando, depois de uma contração, Caillean disse em voz baixa, mas agitada:

— Eilan, passe a esponja no rosto dela enquanto eu preparo tudo. — Então, ela se moveu em direção à lareira, falando com Mairi mais uma vez: — Veja, tenho umas belas faixas prontas para a pequenina, e não vai demorar muito até que possa abraçá-la. Ou acha que vai ser outro belo menino como o que já tem?

— Não me importo — gemeu Mairi, respirando fundo. — Só quero que acabe... aaah... vai demorar muito ainda?

— Claro que não. Só mais um pouquinho, Mairi, e terá seu bebê nos braços... Ah, isso mesmo, só mais um pouco... Uma contração começa assim que outra acaba. Sei que é difícil, mas isso significa que seu bebê estará aqui logo, logo...

Eilan se sentia quase dura de medo. Mairi nem se parecia mais consigo mesma. O rosto estava vermelho e inchado, ela gritava e parecia nem se dar conta disso. Então, ela se curvou, arqueando as costas e apoiando os pés na ponta da cama.

— Não consigo mais... Ah, eu não consigo — veio o grito rouco, mas Caillean ainda murmurava palavras de encorajamento.

Eilan tinha a impressão de que o parto já durava uma vida, mas o sol mal havia se posto.

Então, a voz de Caillean mudou.

— Agora acho que estamos prontas. Deixe que ela segure suas mãos, Eilan... Não, não assim, nos punhos. Agora, Mairi, empurre só mais uma vez.



Sei que está cansada, criança, mas isso logo vai acabar. Respire... Isso, respire fundo, deixe vir. Aqui, aqui, agora, olha!

O corpo de Mairi se ergueu e a sacerdotisa se endireitou, segurando uma coisinha incrivelmente vermelha e pequena, que se debatia em suas mãos com um chorinho fino.

— Veja, Mairi, você tem uma linda filhinha.

O rosto de Mairi relaxou em um sorriso extasiado quando Caillean colocou o bebê recém-nascido sobre sua barriga.

— Ah, Senhora — respirou a sacerdotisa, olhando para elas. — Já vi isso mais vezes do que consigo me recordar, e sempre é um milagre!

O miadinho fino se transformou em um grito exigente, fazendo com que a mãe soltasse um riso.

— Ah, Caillean, ela é tão linda, tão linda...

Com uma eficiência veloz, a sacerdotisa amarrou o cordão umbilical e limpou a criança. Quando Mairi começou a soltar a placenta, Caillean deu o bebê a Eilan.

Parecia impossível que algo tão frágil fosse uma criança humana; os dedos e pés eram finos e angulosos e a cabeça, coberta por uma penugem escura. Enquanto Mairi caiu em um sono exausto, Caillean colocou um pequeno amuleto de metal em torno do pescoço da criança e depois começou a enfaixá-la.

— Agora ela não pode ser roubada pelos elfos, e nós a observamos cada momento desde que nasceu, então sabemos que não foi trocada — disse Caillean. — Mas nem mesmo o Bom Povo sairia nessa chuva. Vê, mesmo de uma enchente pode vir algo de bom.

Caillean esticou as costas cansadas, percebendo que um sol vermelho e molhado começava a aparecer entre as nuvens baixas e pesadas pela primeira vez em muitos dias.

O bebê era comprido e frágil, e seu cabelo se tornou uma penugem avermelhada ao secar.

— Ela parece tão delicada... vai viver? — perguntou Eilan.

— Não vejo motivos para que não viva — respondeu Caillean. — Foi misericórdia dos deuses não termos saído daqui ontem à noite. Eu cheguei a pensar que poderia ser mais seguro buscar refúgio na Casa da Floresta, mas então o bebê teria nascido sob uma árvore ou em campo aberto, e aí sim poderíamos ter perdido a mãe e a filha. Meus presságios nem sempre são verdadeiros.

A sacerdotisa sentou-se num banco pesado diante da lareira.

— Ora, já é dia novamente. Não é de espantar que esteja cansada. E logo o menino vai acordar, e poderemos mostrar a ele a irmãzinha que ganhou.

Eilan ainda estava segurando o bebê, mas quando Caillean a olhou pareceu descer um véu entre elas, como o hálito da bruma gelada do além-mundo. Enquanto a névoa girava, uma tristeza terrível congelou os ossos de Caillean; subitamente, via Eilan, mais velha, vestindo a túnica azul da Casa da Floresta, com a crescente de uma sacerdotisa entre as sobrancelhas. Nos braços, levava uma criança, e em seus olhos Caillean via uma dor tão enorme que lhe partiu o coração.

Caillean estremeceu, tomada por aquele fluxo de tristeza, e piscou várias vezes para tentar afastar as lágrimas. Quando olhou novamente, a moça a fitava, pasma. De maneira involuntária, a sacerdotisa deu um passo para a frente e pegou a filha de Mairi, que gemeu suavemente e adormeceu de novo.

— Qual é o problema? — perguntou Eilan. — Por que estava me olhando daquela maneira?

— Uma corrente fria — murmurou Caillean. — Gelou nós duas.

Mas ambas podiam ver as lamparinas queimando sem agito. *Meus presságios nem sempre são verdadeiros*, a sacerdotisa disse a si mesma. *Nem sempre...*

Ela balançou a cabeça.

— Vamos esperar que ainda não seja possível atravessar os riachos — disse, por fim.

Até mesmo os saqueadores eram uma distração desejada depois daquela visão.

— Por que diz isso, Caillean? Meu pai certamente quer vir assim que puder, e minha mãe também, para verem a nova neta. Ainda mais se, como você diz, Mairi ficou viúva...

Caillean se assustou.

— Eu disse isso? Bem, certamente o tempo vai seguir como quer. Nunca ouvi que houvesse mais sol ou chuva nem por causa do desejo do grão-druida. Mas não consigo deixar de pensar que seus parentes não são os únicos que podem viajar. Venha — ela completou —, o bebê precisa voltar para o peito da mãe.

Ela se moveu em direção à cama, com a criança enfaixada nos braços.

## 8

A chuva continuava a cair com uma insistência enlouquecedora sobre o acampamento romano em Deva. Os homens ficavam nos quartéis – jogando dados ou consertando equipamentos quebrados – ou iam à tenda de vinho para ficar bebendo a tarde toda. No meio da umidade que tomava tudo, Macellius Severus mandou que chamassem Gaius a seu escritório.

— Você conhece a região oeste — ele começou. — Acha que pode guiar um grupo pelas estradas até a casa de Bendeigid Vran?

Gaius retesou-se, ouvindo sua velha capa de couro encerada pingar no chão azulejado.

— Sim, mas pai...

Macellius adivinhou o que ele queria dizer.

— Não estou sugerindo que vá espionar a casa de um amigo, meu menino, mas soube que saqueadores da Hibérnia foram vistos perto de Segontium. Todas as casas bretãs da região estarão em risco se eles escaparem. É para o bem da família de Bendeigid, embora não creia que eles verão as coisas dessa maneira. Mas, se é preciso mandar soldados para ver o que está acontecendo, não é melhor que sejam liderados por um amigo do que por alguém que odeia celtas, ou ainda algum idiota que acabou de chegar de Roma e pensa que os bretões ainda andam pintados de azul?

Gaius sentiu o rubor subir à face. Ele odiava esse modo como o pai falava com ele, fazendo-o subitamente se sentir como uma criança.

— Estou ao seu dispor, pai... e ao de Roma — ele acrescentou, com seriedade na voz, sentindo-se tão cínico por causa da fórmula educada que quase esperou uma resposta sarcástica. *Eu estou me tornando um corrupto, mas ao menos sei quando estou sendo hipócrita. Será que ficarei tão acostumado a assumir esse ar de superioridade benigna quando tiver a idade de meu pai a ponto de eu mesmo acabar por acreditar nisso?*

— Ou será que você teme não conseguir controlar o humor porque Bendeigid não quis lhe dar a mão da filha? — continuou o pai. — Bem, eu o

avisei que seria assim.

Gaius sentiu os punhos se fechando e mordeu os lábios com força. Jamais tinha superado o pai em um confronto e sabia que não teria chance agora. Ainda assim, aquelas palavras foram como sal em uma ferida aberta.

— Sim, avisou. E estava certo — Gaius respondeu entre os dentes. — Apresente qualquer bezerra que quiser... qualquer garota com quadris largos e boa linhagem, essa Julia, mesmo, se assim quiser, e eu cumprirei minha obrigação.

— Você é um romano e espero que se comporte como um — disse Macellius, agora com a voz mais gentil. — Agiu de modo honrado e continuará fazendo isso. Em nome de Juno, rapaz, a moça que você amava pode estar correndo perigo. Ainda que não possa se casar com ela, não quer que esteja bem e em segurança?

É claro que não poderia responder negativamente àquela pergunta, mas, enquanto se despedia e saía pela porta, sentiu o estômago azedar com pavor.

*Talvez apenas tenha medo de enfrentá-los todos*, pensou Gaius, enquanto sua pequena tropa de cavaleiros tirados da Auxilia trotava pelos portões do forte e descia a colina. *De certo modo traí a confiança deles, e foram todos bondosos comigo*. Durante o alvoroço de destacar os homens e empacotar as coisas, foi capaz de suprimir os sentimentos, mas agora a apreensão doentia o tomava novamente.

Vira Cynric apenas uma vez após deixar a casa de Bendeigid... Um dia, no mercado de Deva, havia se virado e reconhecido o jovem gigante louro negociando uma espada na barraca do ferreiro. Cynric estava tão absorto na conversa com o vendedor de armas que não chegou a ver Gaius, e, apesar de sua boa educação, Gaius virou-se e foi embora sem deixar que o outro o visse. Isso aconteceu bem depois de receber a resposta de Bendeigid. Se as outras pessoas da casa soubessem da oferta, Gaius ficaria envergonhado, e, se não soubessem, ao ver o rapaz com quem tinha feito amizade vestido com o uniforme de um tribuno romano, o que Cynric poderia imaginar a não ser que tinham sido traídos?

Ele se perguntou quem havia escrito a resposta em latim enviada pelo druida. Gaius queimara as tabuletas de cera na qual ela fora escrita, mas as palavras ficaram gravadas em sua memória. Eram bem simples. O druida achava que não podia conceder a mão da filha por causa da juventude dela e das origens romanas de Gaius.

Resolvera deixar aquilo totalmente fora de sua mente. Afinal, era um romano, treinado e disciplinado tanto na mente quanto no corpo. Mas isso se provou mais difícil do que esperava. Podia controlar os pensamentos durante o

dia, mas na noite passada sonhara mais uma vez que ele e Eilan navegavam juntos em direção ao oeste em um navio branco. Ainda assim, mesmo se houvesse um lugar no oeste para o qual pudessem fugir, ele não tinha a menor ideia de como reagiriam ao rapto de uma garota, mesmo com o consentimento dela, nem se Eilan estaria disposta a fugir. Não tinha intenção de enfrentar todos os seus próprios parentes, isso sem falar nos dela. De fato, nada podia resultar disso além de infelicidade para ambos.

Talvez Eilan já estivesse comprometida com outra pessoa agora, apesar do que o pai dissera a respeito de sua juventude. A maioria das garotas romanas costumava estar casada com aquela idade. O pai dela poderia ir adiante, se quisesse, e prometê-la para quem desejasse. Mas a filha de Licinius ainda era muito jovem, então talvez não precisasse enfrentar essa situação por um tempo. *Melhor*, pensou Gaius, *esquecer de uma vez por todas esse assunto de mulheres*. Os deuses sabiam que ele havia tentado. Mas, de vez em quando, vendo – talvez em alguma escrava gaulesa – um vislumbre de cabelos claros e olhos cinzentos, a imagem de Eilan lhe voltava de um modo tão vívido que ele tinha vontade de chorar.

Teria gostado de perguntar a Cynric como ia a família. Mas, quando reuniu a coragem, o jovem gigante tinha desaparecido. No fim das contas, talvez tivesse sido melhor assim.

Eilan acordou subitamente, piscando ao tentar se recordar de onde estava. O bebê tinha chorado? Ela tinha sonhado?

Quando retomou a consciência de que estava na casa da irmã, viu que Mairi e o bebê estavam deitados quietos na cama do outro lado da lareira. Quando ela se moveu, seu sobrinho, Vran, se virou, ainda dormindo, e se aconchegou mais perto dela. A sacerdotisa, Caillean, estava recostada na parede, imóvel. Eilan, na ponta da cama mais perto da lareira, tinha dormido mal e estava inquieta. Se tinha sonhado, não conseguia se lembrar com quê; sabia apenas que estava acordada fitando as brasas vermelhas até sobrarem tições.

No escuro, Caillean disse baixo:

— Eu também ouvi. Há alguém do lado de fora da casa.

— A esta hora?

Ela tentava ouvir, mas só identificava o barulho da água caindo das beiradas e o sibilar do fogo.

Então Caillean disse, com uma pressa autoritária:

— Fique quieta.

A sacerdotisa saiu da cama e testou silenciosamente a barra que trancava a

porta. Estava segura em seu ferrolho, mas, depois de um momento, Eilan ouviu novamente o som que a acordara e viu a barra se curvar levemente enquanto a porta era empurrada para dentro.

Eilan estremeceu. Havia sido criada com histórias de saqueadores, mas sempre vivera na grande casa de Bendeigid, protegida pelos homens armados do pai. Mas, ali, os dois serviçais que ajudavam na fazenda dormiam na outra casa redonda, e as casas dos outros homens que fizeram juramento a Rhodri ficavam espalhadas pelas colinas.

— Levante-se, sem fazer barulho, e vista-se o mais rápido que puder — sussurrou Caillean.

A porta chacoalhou de novo, e Eilan obedeceu, tremendo.

— Meu pai sempre disse para nos escondermos na floresta se por acaso viessem saqueadores...

— Esse conselho não nos serve agora, com essa chuva e com Mairi ainda fraca do parto — murmurou Caillean. — Espere aí.

A porta gemeu quando alguém a empurrou mais forte, e Mairi acordou, murmurando. Mas Caillean, agora totalmente vestida, colocou as mãos sobre os lábios dela.

— Se dá valor à sua vida e à dos seus filhos, fique em silêncio agora — sussurrou.

Mairi se aquietou com um arquejo, e o bebê afortunadamente seguiu dormindo.

— Devemos nos esconder no fosso de armazenamento? — murmurou Eilan, observando a porta tremer novamente.

Fosse quem fosse que estivesse lá fora, estava determinado a forçar a entrada.

Caillean, então, disse baixo:

— Fiquem aqui, e, aconteça o que acontecer, não gritem. — E foi até a porta.

Mas Mairi não conseguiu conter o grito quando Caillean começou a levantar a barra.

— Quer consertar a porta depois que eles a derrubarem? Eu não quero — disse a sacerdotisa.

Conforme ela puxou a barra, a porta se escancarou. Uma dúzia de homens entrou como se fossem soprados pelo vento e pararam quando Caillean gritou uma única palavra que soava como uma ordem. Eram homens grandes, com cabelo comprido e selvagem caindo sobre os ombros, embrulhados em peles e peludos mantos de lã pesada sobre túnicas de um xadrez ainda mais brilhante do que os que os bretões usavam. Caillean parecia esguia como uma vara de

salgueiro diante deles. Seu cabelo escuro caía até a cintura sobre a túnica azul sem cinto, levantando um pouco enquanto o vento soprava pela porta. Era a única coisa nela que se movia.

Mairi se enfiou debaixo das cobertas, agarrando a filha. Um dos homens riu e disse algo que as garotas não podiam compreender, e Eilan estremeceu. Teve vontade de ir até Mairi, mas estava chocada demais para se mover.

Caillean gritou de novo em uma voz ressoante e deu um passo para trás, em direção à lareira. Os homens pareciam hipnotizados por seu olhar. Ficaram todos de pé, olhando, enquanto ela se ajoelhou e colocou a mão no fogo. Então, ela se levantou subitamente, jogando as brasas nos vasos com as duas mãos. Ela gritou novamente, e os guerreiros estranhos arquejaram e recuaram, saindo em disparada porta afora, xingando em um tipo estranho de bretão e outra língua que nem a própria sacerdotisa conhecia, derrubando uns aos outros enquanto lutavam para escapar dali.

A sacerdotisa os seguiu até a porta, rindo, e gritou em voz alta algo que se parecia com o grito de um falcão. Depois, fechou a porta contra o vento que entrava e tudo ficou calmo novamente.

Quando eles tinham ido, Caillean caiu no assento ao lado da lareira, e Eilan, que tremia até os dedos dos pés, foi até ela.

— Quem eram aqueles homens?

— Saqueadores. Um bando misturado, acredito, do norte e do meu país — disse Caillean. — Ainda mais vergonha para mim, pois sou uma mulher de Eriu, trazida para cá por Lhiannon.

Ela se levantou e começou a enxugar a água da chuva que havia entrado.

Eilan gaguejou:

— E o que foi que você disse?

— Disse que era uma *bean-druí*, uma druida mulher, e que se eles colocassem as mãos em mim ou em uma de minhas irmãs eu os amaldiçoaria pela água e pelo fogo. E, então, mostrei a eles que tinha esse poder.

Caillean esticou as mãos. Os dedos alongados que Eilan a vira enfiar nas brasas estavam brancos e sem ferimentos. *Será que tudo isso era um sonho?*

Eilan, atentando-se ao que Caillean havia acabado de dizer, perguntou hesitante:

— Irmãs?

— Pelos votos que fiz, todas as mulheres são minhas irmãs. — Os lábios dela se torceram. — E disse que, se eles fossem embora e nos deixassem em paz, eu os abençoaria...

— E você os abençoou?

— Não! Eles são como os lobos selvagens da floresta, ou pior — disse

Caillean, desafiadoramente. — Abençoa-los? Preferiria abençoar um lobo com suas presas em meu pescoço.

O olhar de Eilan se voltou para os dedos de Caillean.

— E como fez aquilo? Era uma ilusão de druida ou você realmente pegou fogo nas mãos? — Ela já começava a se perguntar se seus olhos a haviam enganado.

— Ah, aquilo foi real! — Caillean soltou um riso curto. — Mas qualquer um com meu treinamento poderia ter feito isso.

Eilan a fitou.

— Eu poderia?

— Se fosse ensinada, certamente — disse Caillean, com um traço de impaciência. — Mas é preciso ter a confiança e a vontade. De todo modo, não posso lhe mostrar agora. Talvez na Casa da Floresta, se for para lá.

A realidade daquilo a que haviam escapado então caiu sobre Eilan, e ela se afundou no assento ao lado da sacerdotisa, estremeecendo.

— Eles teriam... eles teriam... — Eilan engoliu em seco. — Nós todos lhe devemos a vida.

— Ah, creio que não — respondeu Caillean. — Uma mulher no leito de parto não é muita tentação, nem mesmo para esses selvagens. E eu poderia muito bem tê-los assustado para longe de mim. Mas você, sim; estupro era o mínimo que poderia esperar deles. Eles não matam belas jovens como você, mas poderia ter terminado como esposa cativa, se é que assim que se fala, nas costas selvagens de Eriu. Bem, e se esse era um destino que lhe teria agradado, sinto muito por ter interferido.

Eilan estremeceu, lembrando-se dos rostos selvagens dos homens.

— Acredito que não. Os homens da sua terra são todos assim?

— Não sei. Quando fui embora, ainda era muito jovem... — Depois de um momento de silêncio, Caillean continuou: — Não me lembro nem da minha mãe nem do meu pai, apenas de que na cabana em que vivíamos, todos nós, havia sete crianças mais jovens que eu. Mas um dia fui ao mercado e Lhiannon estava lá. Jamais tinha visto alguém tão bela...

Depois de uma nova pausa, Caillean prosseguiu:

— E algo, não sei exatamente o quê, a tocou, pois ela colocou seu manto sobre mim, requisitando-me para o mais antigo dos ritos aos deuses. Anos depois, perguntei a ela por que tinha me escolhido entre todas as outras ali. Ela me disse que havia observado que as outras estavam com roupas limpas e que eram abraçadas pelos pais. Mas não havia ninguém para me abraçar — ela continuou, de modo um tanto amargo. — Na casa dos meus pais eu era apenas mais uma boca para ser alimentada. Meu nome tampouco era Caillean. Minha



mãe, de quem eu não me recordo muito bem, chamava-me de *Lon-dubh* , Melro.

— Caillean é seu nome de sacerdotisa, então?

Caillean sorriu.

— Não — disse. — Caillean, em nossa língua, quer dizer apenas “minha criança, minha menina”. E Lhiannon me chamava assim sempre que me dirigia a palavra. Mas não penso em outro nome para mim agora.

— Então devo chamá-la assim?

— Sim, embora eu tenha recebido outro nome das sacerdotisas, jurei jamais dizê-lo em voz alta ou até mesmo murmurá-lo, a não ser para outra sacerdotisa.

— Entendo.

Eilan a fitou, piscando, porque por um momento um nome ecoou em sua mente tão alto como se tivesse sido dito. *Isarma... Quando você era minha irmã, seu nome era Isarma...*

Caillean suspirou.

— Bem, ainda vai demorar para amanhecer. Veja, sua irmã já começou a cochilar. Pobre moça, o parto a deixou exausta. E você deve dormir também.

Eilan chacoalhou a cabeça, como se estivesse tentando colocar o mundo de volta em foco.

— Depois de uma perturbação dessas, não acho que conseguiria dormir, mesmo se tentasse.

Caillean olhou para ela e riu de repente.

— Bem, para ser sincera, nem eu! Aqueles homens me apavoraram tanto que mal podia falar. Achei que tinha esquecido o dialeto deles... Faz tanto tempo desde que o ouvi pela última vez.

— Você não parecia apavorada — disse Eilan. — Na realidade, parecia uma deusa ali de pé.

Ela ouviu novamente o riso amargo da mulher.

— As coisas nem sempre são o que parecem, minha pequena. Deve aprender a não confiar totalmente no que as pessoas aparentam, ou mesmo no que dizem.

Eilan fitou o fogo, cujas brasas, avivadas após serem agitadas por Caillean, crepitavam e brilhavam na lareira. O homem que aprendera a tratar como Gawen fora uma ilusão, mas mesmo como Gaius, o romano, o que a fazia amá-lo continuava a ser a mesma coisa. E ele fora verdadeiro com ela. *Eu o reconheceria* , pensou, *se ele viesse a mim como um leproso ou um selvagem* . Por um momento, compreendeu algo que estava além de um rosto, uma forma ou um nome. Então, uma brasa estalou, fazendo com que o pensamento se perdesse.

— Conte-me a verdade, então — disse Eilan, para preencher o silêncio. —

Como a criança pobre que disse que era se tornou uma sacerdotisa que pode segurar fogo nas mãos?

*Conte-me a verdade* . Caillean encarou a garota, que baixara seus cílios loiros sobre os olhos inconstantes como se estivesse apavorada por sua própria ousadia. Que outras verdades poderiam vir assombrá-la, assim como sua língua materna tomando forma nos lábios daqueles homens monstruosos? Ela tinha o dobro da idade de Eilan – era velha o suficiente para ser mãe dela, se tivesse se casado cedo, mas, apesar disso, naquele momento, a jovem era como uma irmã, uma alma gêmea.

— Você veio de uma vez para a Casa da Floresta com Lhiannon? — insistiu Eilan.

— Não! Acho que Vernemeton ainda não tinha sido construída na época. — Caillean se controlou o suficiente para responder apenas o necessário. — Lhiannon tinha ido a Eriu para estudar com as *bean-druí* , as sacerdotisas do templo de Brígida em Druim Cliadh. Quando voltou à Bretanha, moramos primeiro em uma torre redonda na costa, bem ao norte daqui. Eu me lembro de que havia um círculo de pedras brancas em torno da torre, que significava a morte para qualquer homem que ali entrasse, a não ser o arquidruída, não Ardanos, mas o que veio antes dele. Ela sempre me tratou como uma filha adotiva. Uma vez disse, quando alguém lhe perguntou, que havia me encontrado abandonada na costa. Bem podia ser verdade, pois nunca mais vi nenhum membro de minha família.

— Não sentiu falta de sua mãe?

Caillean hesitou, abalada pela enxurrada de memórias.

— Imagino que teve uma mãe boa e amorosa. Mas a minha não era assim. Não que fosse malvada, mas eu não me importava muito com ela, nem ela comigo.

Ela se obrigou a parar, encarando a garota com cautela. *Que poder há em você, menina* , pensou, *que pode conjurar tais memórias dentro de mim?* Ela suspirou, tentando encontrar as palavras certas.

— Para ela, eu era apenas mais uma boca para alimentar. Uma vez, anos depois, no mercado, em Deva, vi uma velha que me fez lembrar minha mãe. Não era ela, é claro, mas não fiquei chateada ao perceber isso. Foi aí que percebi que não tinha família além de Lhiannon, e, mais tarde, as outras sacerdotisas da Casa da Floresta...

Houve um longo silêncio. Ela podia ver Eilan tentando imaginar como seria crescer sem uma família. Caillean percebia que o jeito mandão de Mairi era

afetuoso, e, pelo que Dieda lhe dissera, ela fora como a gêmea de Eilan. Mas, ainda assim, percebeu subitamente que, do mesmo modo como ela jamais abrira o coração para suas colegas sacerdotisas, Eilan jamais poderia conversar com ninguém da família como falava com Caillean agora.

*É como se eu falasse comigo mesma... Dizer essas coisas a ela , pensou Caillean, com pesar, ou talvez seja como falar com a pessoa que eu deveria ter sido, para sempre inocente e pura .*

— A escuridão e o brilho do fogo aqui me fazem lembrar de meus primeiros anos — disse por fim a sacerdotisa, e, enquanto falava, a luz fraca capturou sua visão e ela caiu pelo túnel dos anos, as palavras saindo dela como se estivesse tomada por um feitiço. — Tudo de que realmente me lembro da cabana é que era sempre escura e enfumaçada. Como aquilo feria minha garganta, eu sempre corria sozinha até a beira do mar. Do que mais me lembro é dos gritos das andorinhas; elas viviam na torre também, então, quando vim para a Casa da Floresta, há muitas estações, mal podia dormir por sentir falta do som do mar. Eu amava o oceano. Minhas memórias de meu... lar... — ela continuou, hesitante — são todas de crianças, sempre um bebê no peito de minha mãe, sempre o choro e os guinchos, puxando as saias dela e as minhas próprias, quando eu não conseguia escapar. Mas nem mesmo as surras me faziam ficar em casa para socar cevada ou ser arrastada pelos pirralhos nus. É surpreendente que eu suporte bebês — ela completou —, mas não tenho aversão por crianças como as de Mairi, que chegam quando são muito desejadas e são bem cuidadas assim que nascem... Devo ter tido um pai, mas mesmo quando era bem pequena sabia que ele não fazia nada por minha mãe, a não ser se certificar de que havia sempre um novo bebê em seu peito — ela hesitou. — Ouso dizer que Lhiannon se apiedou de mim como alguém que passa fome.

Caillean ouviu as próprias palavras, surpresa pelo fato de não estarem tomadas de amargura; era como se tivesse aceitado isso tudo há muito tempo. E, então, continuou:

— Então não sei nem minha idade. Ao menos, não exatamente. Depois que Lhiannon me levou embora, demorou um ano e pouco até que meu corpo mostrasse os primeiros sinais de maturidade. Acho que tinha uns doze anos, então — ela parou subitamente, e Eilan a olhou, pasma.

*Sou uma mulher, uma sacerdotisa ,* Caillean disse a si mesma, *uma feiticeira que consegue assustar homens armados!* Mas o transe do fogo a levaria longe demais nas memórias, e agora ela se sentia como uma criança assustada. O que era verdade? Ou a enganação estava apenas no bruxulear do fogo?

— Devo estar mais abalada do que pensei — disse em uma voz contida —, ou talvez seja a hora, a escuridão, como se tivéssemos viajado no tempo. — Ela

olhou para Eilan, forçando-se a ser sincera. — Ou talvez seja porque estou falando com você...

Eilan engoliu em seco e se preparou para enfrentar o olhar da mulher. *Verdade! Diga-me a verdade.* Caillean ouvira aquele pensamento como se fosse seu, mas não conseguia saber qual delas tinha mais necessidade disso...

— Jamais disse a Lhiannon. E a Deusa nunca me atingiu. — Sentiu como se as palavras estivessem sendo arrancadas dela. — Mas, depois de todos esses anos, sinto que talvez alguém devesse saber.

Eilan estendeu o braço para ela, e os dedos de Caillean se fecharam sobre sua mão.

— Acho que foi o fato de ter visto e ouvido aqueles saqueadores que me fez lembrar. Na minha antiga casa, havia um homem que às vezes eu via na praia. Ele era, suspeito, alguém que vivia separado dos outros homens, um fora da lei expulso de seu clã. Mas, na época, eu nunca pensei que fosse isso — ela completou, com amargura. — No começo, eu confiava nele. Ele me dava pequenos presentes, coisas bonitas que encontrava na praia, conchas, penas brilhantes — ela hesitou. — Fui tola ao pensar que ele era inofensivo, mas como podia saber que não? Houve alguém, algum dia, para me ensinar?

Ela fitou cegamente o fogo... Naquele dia não havia luz na cabana, e nenhuma luz podia alcançá-la agora nesse local da memória.

— Não suspeitei de nada, nunca soube o que ele queria quando, num fim de tarde, me arrastou para sua cabana — ela estremeceu, torturada por memórias para as quais, mesmo agora, não tinha palavras.

— O que você fez? — a voz de Eilan veio de muito longe, como uma estrela distante.

— O que poderia fazer? — disse Caillean, com dureza, apegando-se àquele pouco de luz. — Eu fugi. E chorei tanto que pensei que ia derreter. Eu fiquei tomada de horror e nojo... Nunca consegui falar sobre isso. Parecia que não havia ninguém a quem eu pudesse contar, ninguém que realmente se importaria comigo. — Ela ficou em silêncio por um longo tempo, e depois continuou: — Até hoje eu me lembro do cheiro da cabana dele. Da sujeira, das samambaias, das algas marinhas, e de ser jogada sobre elas enquanto eu chorava... Eu era jovem demais para imaginar o que ele queria. O cheiro do mar e das samambaias ainda me deixa enjoada — completou.

— Ninguém nunca soube disso? Não fizeram nada? — perguntou Eilan. — Acho que meu pai mataria qualquer pessoa que me tocasse desse modo.

Depois que desabafou sobre seu segredo, Caillean sentiu que respirava com mais facilidade. Então, deixou um pouco da dor escapar em um suspiro longo e estremecido.

— Mesmo sendo uma tribo selvagem, eles não permitiam que mulheres fossem molestadas, nem uma criança tão nova. Se eu tivesse acusado o homem que me atacou, ele teria sido levado para a cela de vime e assado em fogo lento. E ele tinha consciência disso quando me ameaçou. Mas eu não sabia de nada naquela época — ela falava com um distanciamento estranho agora, como se tudo tivesse acontecido com outra pessoa.

“Por volta de um ano depois disso ter acontecido, Lhiannon chegou e me encontrou. Ela jamais teria suspeitado de que uma garota tão jovem já pudesse ser impura... e, quando comecei a confiar nela e acreditar em sua bondade, já era tarde demais para contar; eu temia ser mandada embora. Então, no fim das contas, a divindade que Lhiannon pensou ver em mim era mentira — ela disse, rispidamente. — Se ela soubesse, jamais teria me tornado uma sacerdotisa... mas eu sempre me certifiquei de que ela nunca viesse a conhecer essa história.”

Ela virou o rosto e, por um momento que pareceu longo demais, houve silêncio.

— Olhe para mim...

Caillean sentiu seu olhar ser arrastado de volta na direção de Eilan, um lado brilhante como a Deusa e o outro na sombra.

— Eu acredito em você — disse a menina, com seriedade.

Caillean respirou, emocionada, e a imagem de Eilan foi borrada por lágrimas.

— Vivo apenas porque acredito que a Deusa também me perdoa — disse a sacerdotisa. — Eu já tinha recebido minha primeira iniciação quando percebi a enormidade de minha mentira. Mas não havia maus presságios. Quando me tornei sacerdotisa, esperei por um relâmpago, mas não veio nenhum. Eu cheguei a duvidar da existência dos deuses. Ou então, se eles realmente existem, talvez não se importem nem um pouco com os feitos da humanidade.

— Ou talvez sejam mais misericordiosos que os homens — disse Eilan. E, então, a garota piscou, como se estivesse surpresa com a própria temeridade. Nunca antes lhe ocorrera questionar a sabedoria de homens como o pai e o avô. — Por que vocês deixaram a torre ao lado do mar? — perguntou Eilan, depois de um tempo.

Caillean, perdida em memórias, agitou-se e disse:

— Por causa da destruição do templo em Mona... Você conhece essa história, não é?

— Já ouvi meu avô, que é um bardo, cantá-la. Mas certamente ela aconteceu antes de você nascer...

— Não exatamente — riu Caillean —, mas ainda era muito pequena. Se Lhiannon não estivesse em Eiru, que vocês chamam de Hibérnia, na época, ela

também teria morrido. Pois alguns anos depois daquele desastre os druidas que restaram na Bretanha estavam ocupados demais lambendo suas feridas para pensar nas sacerdotisas. Então o arquidruída fez algum tipo de tratado com os romanos que assegurava um santuário para as mulheres sagradas sobreviventes em terras romanas.

— Com os romanos?! — exclamou Eilan. — Mas foram os romanos que mataram as outras!

— Não é verdade, eles apenas as atacaram — disse Caillean, com amargura. — As sacerdotisas de Mona viveram até darem à luz os bastardos que os romanos haviam gerado nelas, e depois disso se mataram. As crianças, então, foram criadas por famílias leais como a sua.

— Cynric! — exclamou Eilan, com um olhar de súbita compreensão. — É por isso que ele sente tanta amargura em relação aos romanos; é também por isso que sempre quer escutar a história de Mona, embora tenha acontecido há tanto tempo. Sempre me mandavam ficar quieta quando perguntava sobre isso!

— Seu Cynric que odeia romanos tem exatamente a mesma quantidade de sangue romano quanto aquele rapaz com quem seu pai não deixou que você se casasse — afirmou Caillean, rindo. Mas Eilan envolveu os braços em torno de si e fitou o fogo.

“Você não acredita em mim? — perguntou a sacerdotisa. — É tudo verdade. Bem, talvez os romanos tenham sentido alguma culpa pelo que foi feito, mas seu avô é um político grosseirão tão ardiloso quanto qualquer senador romano, e ele negociou com Cerealis, que foi governador antes de Frontinus. De qualquer modo, a Casa da Floresta foi construída em Vernemeton para abrigar mulheres e sacerdotisas de toda a Bretanha. E por fim Lhiannon se tornou grã-sacerdotisa e encontraram um lugar para mim entre elas, mas só porque não sabiam o que mais fazer comigo. Venho servindo Lhiannon desde que era uma criança, mas não serei a sucessora dela, e isso já foi deixado claro para mim.”

— E por que não?

— No começo pensei que fosse a vontade da Deusa... por causa da história que lhe contei. Mas agora acho que é porque os sacerdotes não confiam que eu vá obedecê-los. Amo Lhiannon, mas vejo tudo com clareza, e sei que ela se dobra com o vento. Talvez a única vez que ela tenha desafiado o Conselho foi quando insistiu em ficar comigo. Mas vejo através das conspirações deles e falo o que penso, embora não — ela balançou a cabeça, com um sorriso contido — como falei com você!

Eilan retribuiu o sorriso dela.

— Isso deve ser verdade, pois não consigo imaginar dizer nem metade das coisas que ouvi esta noite no salão de meu pai.

— Não ousam me deixar falar com a voz da Deusa. Estariam sempre apreensivos e se perguntando o que eu diria! — Caillean se pegou rindo de novo. — Querem alguém mais leal. Pensei por um tempo que seria Dieda, mas ouvi um pouco do que Ardanos disse quando ela foi escolhida. Na realidade, acho que haviam planejado que seria você.

— Sim, você disse algo sobre isso antes, mas acho que meu pai tem planos de arrumar um casamento para mim.

— Verdade? — Caillean ergueu uma sobrancelha. — Bem, talvez eu esteja errada. Sabia apenas que o filho do prefeito do acampamento de Deva havia lhe pedido em casamento.

— Meu pai ficou tão bravo... — Eilan corou, lembrando-se das coisas que ele lhe dissera. — Disse que iria casar Senara antes que ela pudesse lhe causar qualquer problema desse tipo. Concluí que ele seguiria o mesmo plano para mim. Bem, ele não me disse nada sobre me mandar para Vernemeton. Mas, se não posso estar com Gaius — ela completou, sombriamente —, acho que não importa o que me aconteça.

Caillean olhou para ela, pensativa.

— Jamais senti a tentação de me casar; estou comprometida com a Deusa há tanto tempo. Talvez pelo que aconteceu comigo quando era criança, jamais desejei pertencer a nenhum homem. Imagino que, se fosse infeliz no templo, Lhiannon teria tentado encontrar um jeito de me casar, já que ela sempre quis me ver feliz. Eu realmente a amo — ela concluiu. — Ela foi mais que uma mãe para mim.

Caillean hesitou e logo continuou.

— Fico irritada só de pensar em ceder aos planos de Ardanos, mas a Deusa pode ter tido influência nisso também. Gostaria de ir comigo para Vernemeton quando eu voltar?

— Acho que sim — respondeu Eilan, e um lampejo de interesse saltou naqueles olhos estranhos, inconstantes, que às vezes pareciam castanho-escuros e às vezes eram tomados por um cinza cheio de dor. — Não consigo pensar em nada que me agradasse tanto. Jamais realmente acreditei que permitiriam que eu e Gaius ficássemos juntos. Há muito tempo, antes de conhecê-lo, eu costumava sonhar em ser uma sacerdotisa. Desse modo, ao menos terei uma vida honrada e coisas interessantes para aprender.

— Acho que isso pode ser arranjado — disse Caillean, de modo seco. — Sem dúvida Bendeigid ficará feliz, e Ardanos também. Mas é Lhiannon quem precisa concordar. Posso falar com ela?

Eilan assentiu. E, dessa vez, foi a outra mulher que tomou sua mão. Ao toque da pele macia da moça, Caillean sentiu a tontura familiar de uma visão

oscilante e enxergou uma imagem de Eilan mais velha e ainda mais bonita, envolta nos véus do Oráculo. Irmãs, e mais que irmãs... Como um eco, ouvia as palavras em sua mente.

— Não tenha medo, criança. Acho que deve ser... — ela fez uma pausa e finalmente disse — seu destino que venha ficar entre nós. — O coração de Caillean se alegrou subitamente. — E não preciso dizer que lhe daria as boas-vindas lá, não é mesmo?

Ela suspirou, enquanto a visão a deixava, e ouviu, como um eco, uma cotovia do lado de fora, saudando o amanhecer.

— O dia está nascendo! — Com esforço, Caillean fez os músculos rígidos obedecerem e foi em direção à porta. — Ficamos conversando a noite toda. Eu não fazia isso desde que era mais jovem que você. — Ela abriu a porta, deixando o sol que se levantava inundar o cômodo. — Bem, ao menos a chuva parou. É melhor irmos ver se o curral sobreviveu à noite... Ao menos aqueles desgraçados não puderam queimá-lo nessa chuva. E, se nos deixaram alguma vaca, precisamos de alguém para ordenhá-la.

Pelos quatro dias seguintes, Gaius trabalhou no comando da tropa de auxiliares dácios – substituindo o decurião adoecido –, com Priscus, o *optio* deles. Todos estavam amaldiçoando o barro e a umidade que, apesar das capas de couro encerado, parecia estar por toda parte, enferrujando as armaduras e causando irritação a cada vez que o couro molhado tocava a pele. As florestas pingavam com firmeza e os campos estavam alagados, com poças de água parada apodrecendo as raízes do milho novo. *O fim do verão certamente trará uma colheita pobre*, ele pensou, soturnamente. *Não é de surpreender que saqueadores estejam em ação se o clima na Hibérnia também estiver assim. Seria preciso trazer grãos de outras partes do império em que os deuses foram mais bondosos.*

Apesar do passo lento, na metade do quinto dia estavam bem adiantados na região de sua aventura. Dormiram aquela noite na casa de Clotinus e, no dia seguinte, passaram pela armadilha para javalis na qual Gaius tinha caído e entrado no caminho que levava à casa de Bendeigid. A chuva por fim estava cedendo, e, a oeste, entre grandes nuvens, o céu brilhava, dourado.

Gaius sentiu o pulso acelerar quando reconheceu o pasto e a floresta em que tinha colhido prímulas com Eilan. Logo ela o veria, vestido na majestade, não importa quão enlameada, de Roma. Ele não diria nada, esperando que ela pudesse julgar a profundidade de seu sofrimento por seu silêncio. E então, talvez, iria a seu encontro, e...



— Deuses! São mais nuvens de chuva? — Era o *optio*, Priscus, atrás dele.  
— Estava esperando que tivéssemos ao menos um dia para secar!

Gaius focou o mundo exterior e viu que, embora o céu estivesse clareando no sul, as nuvens adiante eram de um cinza-escuro agourento. Seu cavalo jogou a cabeça para trás, nervoso, e ele foi tomado por uma pontada de apreensão.

— Não são nuvens de chuva — disse um dos *dácios*. — Aquilo é fumaça...

Naquele instante, o vento que se levantava trouxe até ele o odor de madeira queimando. Todos os cavalos já bufavam, pois haviam sentido cheiro de fumaça antes, e os homens tiveram de se esforçar para mantê-los sob controle.

— Priscus, desmonte e leve dois batedores pela floresta para ver do que se trata — disse Gaius, um pouco surpreso com a precisão fria de seu tom. Era o treinamento que o impedia de acelerar o cavalo ou apenas fora paralisado pelo pensamento do que poderia encontrar ali? Teve a impressão de que se passaram apenas alguns segundos até que os batedores retornassem.

— Saqueadores, senhor — disse o *optio*, com o rosto marcado feito pedra.  
— Os homens de Hibérnia de que ouvimos falar, acredito eu. Mas, ao que tudo indica, eles já se foram.

— Algum sobrevivente?

Priscus levantou os ombros, e Gaius sentiu a garganta fechar.

— Bem, tivemos uma acolhida calorosa por aqui, mas não há lugar para dormir, não é? Melhor seguirmos — disse um dos homens, fazendo os outros rirem. Então Gaius se virou, e seu rosto os silenciou. Apertou os calcanhares na montaria, e os soldados o seguiram em silêncio.

Era verdade. Até chegarem à beira da floresta que subia em direção ao local em que a casa de Bendeigid um dia estivera, Gaius esperava que Priscus de alguma maneira estivesse enganado. Mas tudo havia desaparecido. Apenas umas tábuas enegrecidas nas extremidades do que havia sido o salão de banquetes ainda estavam de pé, em um memorial mudo. Não havia sinal do prédio em que se recuperara, e nenhum sinal de vida. Construções com teto de palha queimavam rápido.

— O fogo deve ter sido realmente feroz para queimar a palha molhada de chuva — disse Priscus.

— Sem dúvida — concordou Gaius, anestesiado, pensando na pequena Senara e em toda a família presa nas mãos de saqueadores selvagens. Isso se não tivessem virado uma pilha de ossos chamuscados no emaranhado de madeira queimada do que um dia fora um lar. Mas não podia deixar que os homens percebessem o quanto aquilo o afetava, então, puxou o capuz sobre o rosto, tossindo como se fosse por causa da fumaça que ainda saía dos prédios exteriores. Priscus estava certo. Nada poderia ter sobrevivido àquele incêndio.

Gaius, então, disse ferozmente:

— Vamos colocar os homens em marcha! Não temos tempo para ficar olhando para essas pedras de fundação queimadas se queremos achar abrigo antes que a noite caia!

A voz dele falhou e ele fingiu outra tosse, perguntando-se o que Priscus deduzira de seu tom, se é que deduzira algo. Mas o *optio*, um velho soldado, conhecia muito bem os efeitos que a visão de pilhagem e mortes tinha sobre os jovens.

Priscus lançou um breve olhar bondoso para ele, desviando rapidamente, e dizendo:

— Prometemos paz a essas pessoas quando as conquistamos. Sendo assim, o mínimo que tínhamos de fazer era protegê-las. Mas vamos alcançar os malditos que fizeram isso, acredite, e vamos ensiná-los a não se meterem com Roma. Que pena que os deuses jamais inventaram outro jeito de civilizar o mundo. Ah, bem, poderíamos ser plantadores de nabos. Mas, de todo modo, escolhemos trabalhar como soldados, e isso faz parte do trabalho. Eram amigos seus?

— Fiquei hospedado aqui — respondeu Gaius, sem jeito. — Na última primavera.

Ao menos sua voz estava novamente sob controle.

— Bem, é assim que o mundo é — respondeu Priscus. — Aqui um dia, no outro se foi. Mas acho que os deuses deviam saber o que estavam fazendo.

— Sim — retrucou Gaius, mais para cortar a filosofia simplória do homem do que qualquer coisa. — Dê a ordem para marchar; vamos tirar os homens da chuva assim que chegarmos à próxima cidade.

— Certo, senhor. Colunas, formar! — ele berrou. — Quem sabe, talvez a família estivesse toda fora visitando amigos. Às vezes acontece.

Enquanto se moviam em uma névoa que uma vez mais se transformava em chuva, Gaius se recordou de ter visto Cynric no mercado pouco antes de deixar Deva; houve uma conversa sobre o jovem ser enviado para alguma escola de armas no norte, então ele bem poderia ter sobrevivido. A morte de um druida importante como Bendeigid iria causar alguma agitação. Gaius suspeitava de que o pai tinha fontes de informação que mantinha secretas. Certamente ele teria conhecimento do ocorrido. Tinha apenas que esperar para ver.

Gaius tentou reunir alguma esperança. Priscus estava certo. O incêndio na casa não significava necessariamente morte ou aprisionamento para as pessoas que antes viviam ali. Mairi bem poderia ter voltado para casa; Dieda não era nem mesmo membro da casa de Bendeigid, pelo menos não mais, desde o festival de Beltane. Mas Eilan... provavelmente era demais esperar que Eilan, ou

a pequena Senara, ou a gentil Rheis, tivessem sobrevivido. Naquele momento, não teria dado nem mesmo a menor moeda de cobre por sua própria carreira ou pelo império inteiro.

*Se eu tivesse levado Eilan embora, ela ainda estaria viva. Se eu tivesse enfrentado meu pai, ou mesmo a roubado*, ele pensou.

Uma memória súbita fez sua garganta doer – a visão de sua mãe deitada, fria e branca, no local em que dormia, e as mulheres chorando sobre seu corpo. Ele tinha chorado com elas, mas então seu pai apareceu para tirá-lo dali e ensiná-lo que um romano não chora. Mas ele chorava por ela agora, assim como chorava por aquelas mulheres que tinham, por pouco tempo, feito com que ele se sentisse parte da família.

Mas não podia deixar que os soldados o vissem chorar, então, jogou o manto sobre a cabeça e tentou fingir que as lágrimas que rolavam por seu rosto eram chuva.

— Quero meu marido!

Na metade da manhã após o nascimento da filha, Mairi havia acordado irritada e exigente. — Onde está Rhodri? Ele teria nos protegido daqueles homens...

A casa redonda estava aquecida, apesar do frio lá fora. Eilan, que começava a sentir os efeitos de sua noite em claro, olhou para a irmã, exasperada, e foi se sentar ao lado da lareira. A situação já era ruim o bastante; pois os saqueadores haviam assustado todas as vacas leiteiras e ela tinha de andar várias milhas em meio à floresta molhada para pedir emprestado um animal para que Mairi, cujo leite ainda não tinha vindo, pudesse alimentar a criança. Ao menos os rebanhos principais estavam longe, nos pastos de verão, assim a irmã não ficaria sem dote caso se casasse novamente. No entanto, Eilan não era cruel o suficiente para tocar nesse assunto naquele momento.

— As vacas não teriam sido levadas se Rhodri estivesse aqui!

— Se ele estivesse aqui e tivesse tentado lutar com os saqueadores, ainda assim você seria... — Eilan mordeu o lábio, horrorizada com o que estava dizendo. Havia se esquecido de que Mairi não sabia. — Caillean! — Ela chamou a sacerdotisa, num apelo.

— Ainda assim você seria uma viúva — Caillean disse brutalmente, trazendo a caneca de leite quente da lareira e pousando-a.

Os olhos de Mairi se arregalaram.

— O que estão dizendo? — Ela olhou para o rosto da sacerdotisa e empalideceu com o que viu nele.

— Deveria ter esperado mais tempo para dizer, mas não podemos mais nos dar a esse luxo. Rhodri foi aprisionado pelos romanos quando tentou resgatar os arregimentados. Eles o executaram, Mairi.

— Não é verdade... está mentindo para mim. Ele não pode estar morto sem que eu saiba! Seria melhor se os saqueadores tivessem me matado! Por que não deixou que me matassem, Caillean? Ah, eu deveria estar morta. Eu gostaria que estivesse!

Mairi afundou novamente na cama de penas, soluçando, e o bebê começou a chorar. Caillean deu a criança a Eilan e se curvou sobre a mulher, murmurando suavemente.

— Olhe, não adianta chorar. Você tem duas belas crianças com a vida pela frente. Precisa reunir suas forças, Mairi, para levá-las a um lugar seguro antes que os scotti voltem!

Os olhos de Mairi se abriram e ela estendeu os braços, de modo selvagem. Eilan, dividida entre lágrimas e riso, colocou o bebê em seus braços. Caillean estava certa. Quando Mairi tivesse acabado de chorar, seguiria vivendo por seus filhos. Caillean tinha experiência no que se tratava das emoções das mulheres.

Um pouco mais tarde, quando Mairi ainda dormia, exausta de tanto chorar, Eilan ouviu os cascos de um cavalo afundando na lama deixada pela tempestade. Pouco depois, percebeu que eles haviam parado. *Os saqueadores!*, pensou Eilan, freneticamente. No entanto, nenhum agressor bateria de modo tão educado na porta. Com o coração batendo como um tambor de guerra, Eilan puxou a barra. Quando olhou para fora, deparou-se com o pai.

No momento, só conseguia pensar em Rhodri. Será que seu pai tinha vindo trazer as notícias a Mairi? O jovem tinha sido um dos melhores guerreiros dele, vivendo como um filho da casa e tratando Eilan como irmã antes mesmo de entrar oficialmente para a família. Agora que Mairi já sabia que ele havia morrido, Eilan se permitia sentir dor.

Ela abriu a porta e Bendeigid entrou quase que num tropeço, como se tivesse cansado da viagem ou então envelhecido subitamente. Ela sentiu a dureza das mãos dele apertando seus ombros e, por um longo momento, o pai ficou ali, encarando-a.

— Caillean acabou de contar a Mairi sobre Rhodri — ela disse, em voz baixa. — Você sabia?

— Sabia — disse o pai, com grande amargura. — Esperei que a notícia que tinham me dado não fosse verdade. Uma maldição certamente vai cair sobre todos os romanos por esse feito. Agora percebe, Eilan, por que não podia permitir que você se casasse com alguém daquele povo maldito?

Ele a soltou e sentou-se ao lado da lareira.

O povo de Gaius podia ser culpado de tal maldade, mas ela não acreditava que ele em pessoa fosse capaz de fazer isso. Mas, olhando para o rosto duro do pai, segurou a língua.

— Mas este não é o pior mal que temos para lamentar. — O rosto de Bendeigid se contorceu subitamente, e Eilan sentiu a primeira pontada de medo real. — Não sei como posso lhe dizer isso, Eilan.

— Pode ser que eu já saiba — disse Caillean diante dele. — Às vezes tenho

presságios, e na noite antes de sair da Casa da Floresta sonhei com uma casa em cinzas, e sabia que era a sua. Mas então, como encontrei Eilan aqui, pensei que estava enganada. Entretanto, na noite passada recebemos a visita de um bando de saqueadores. Sei o tamanho das matilhas que esses lobos formam... e tive medo. Então o grupo principal foi para o sul, até vocês?

— Um bando veio aqui? — ele grunhiu, virando-se para olhá-la.

— Apenas alguns. Mas eu consegui assustá-los.

— Então tenho que lhe agradecer por ainda ter filhas vivas!

Eilan não precisava de vidência para entender as palavras dele, mas o que ouvia era horrível demais para acreditar. Ela sentiu a cor deixando seu rosto.

— Pai?

— Filha, filha, como posso dizer isso a você? Recebi a notícia de que um bando de saqueadores estava atacando a casa de Conmor. Então, peguei meus homens para ir até lá ajudá-lo. Mas acontece que havia mais homens do que podíamos sonhar nesse tempo. E, enquanto estávamos longe...

— Mamãe e Senara estão mortas, então? — a voz dela falhava, e Mairi, nessa hora, abriu a cortina do dossel, levantou-se e ficou paralisada, olhando. Caillean foi até ela, e o druida continuou.

— Ouso almejar que sim. — Seu rosto se contorceu de dor. — Pois a alternativa, ser levada como escrava para além-mar, é ainda pior. Pensar que qualquer uma delas possa viver em tamanha desonra...

— Prefere vê-las mortas a vivas em escravidão? — perguntou Caillean em uma voz baixa, tensa.

— Prefiro — exclamou Bendeigid, assertiva e ferozmente. — Melhor enfrentar uma morte rápida, e ser recebida no além-mundo, do que uma vida com a memória de todas as mortes de nosso povo para assombrá-las, castigo sob o qual eu precisarei viver a partir de agora. Os deuses sabem que esses monstros teriam pago em sangue pela morte delas, e a minha, se eu ao menos estivesse lá!

Ele parou de falar e olhou com seriedade de Eilan para Mairi, que deu um passo cambaleante em sua direção. Chorando, ele abraçou as duas filhas. E, em meio aos soluços, Eilan se abraçou à irmã. Um dia ela encontrou total conforto nos braços do pai, mas agora descobria que havia dores das quais ele não podia protegê-la.

— O corpo de Senara, no entanto, não foi encontrado nas cinzas — ele disse, arrasado —, e ela não tinha nem dez anos...

*Então pode ser que ela esteja viva...* Eilan pensou, mas não disse em voz alta.

— Eu quis levar Mairi para casa quando as notícias sobre Rhodri foram

confirmadas, mas agora nem uma casa eu tenho para oferecer a ela. Não posso proteger ninguém agora...

— Senhor druida, talvez você não possa — disse Caillean, em voz baixa —, mas sua ordem pode. A Casa da Floresta vai abrigar Mairi e os pequeninos pelo tempo que for necessário. E quero perguntar se permitiria que Eilan entrasse para o templo como sacerdotisa noviça.

Bendeigid sentou-se novamente, ajeitando o corpo, e olhou atentamente para Eilan.

— É isso o que quer, filha?

— Sim — ela disse rapidamente. — Se não posso me casar com o homem que amo, então permita que eu dê meu amor à Senhora. Ficaria muito feliz, pois costumava sonhar com uma vida assim antes de ter idade para pensar em casamento.

Pela primeira vez seu pai sorriu, ainda que de modo abalado.

— Isso vai agradar muito ao seu avô. Eu não desejava essa vida para você, Eilan, mas se é o que realmente quer, então também fico feliz.

— Mas o que... — Eilan segurou as palavras que estava prestes a dizer. Como podia ter esquecido? Sua mãe nunca mais lhe diria palavra. Mas o pai parecia ter sentido aquilo o que a mãe não podia dizer. Ele se afundou de novo no assento ao lado da lareira, com o rosto enterrado nas mãos. Jamais pensara que o pai fosse capaz de chorar. Mas, quando ele levantou os olhos novamente, viu o rosto dele riscado por lágrimas.

Eilan sofria com a mesma intensidade, mas não tinha lágrimas. *Será que Gaius vai pensar que estou morta quando souber do ocorrido? Será que vai chorar por mim?* Talvez fosse melhor que ele pensasse que estava morta, e não que fora infiel à memória dele. Mas isso não tinha importância agora; ela seria uma sacerdotisa da Casa da Floresta. Não podia pensar em mais nada além disso.

— Elas serão vingadas — exclamou o druida, fitando as chamas. — Aqueles demônios não encontrarão em toda a Bretanha vidas tão caras quanto essas! Nem os romanos ousaram ir tão longe, e digo que aceitaria até mesmo a ajuda deles para essa vingança! Isso significa guerra! Pois não se trata apenas de roubo e assassinato, Eilan; isso é um sacrilégio. Atacar a casa de um druida, matar a mulher, a filha e a neta de druidas; e destruir as coisas sagradas... Ah, como puderam fazer isso? Os nortistas são nossos parentes, estudei com os druidas de Eriu.

— Sempre foi costume de nosso povo lutar uns contra os outros quando não havia um inimigo em comum — observou Caillean, em voz baixa.

— Mas nós temos um inimigo em comum — exclamou Bendeigid. — Não estamos todos contra Roma?

— Talvez as tribos selvagens pensem em nós como romanos agora...

O druida balançou a cabeça.

— Os deuses certamente os punirão. E, se não punirem, nosso povo o fará. Cynric tem sido como um filho para mim, e eu lhe digo, ele vai amaldiçoar a todos ao ouvir sobre o dia de hoje! Mas ele está nas ilhas do norte. Você e Mairi são tudo o que me resta, Eilan.

*Realmente*, ela pensou, recordando-se. *Restaram-me tão poucos parentes, e Dieda também perdeu uma irmã. Será que ela vai me receber bem na Casa da Floresta?*

Bem, independentemente da reação da irmã, Eilan seria uma sacerdotisa. Do sangue de seu pai restavam Mairi, sua filha recém-nascida e o filho. E a garota desejava que essas crianças pudessem apresentar algum conforto para o pai. Ele ainda não era velho; poderia se casar de novo e ter seus próprios filhos, ou, o que era mais provável, Mairi encontraria um novo marido e daria mais crianças à família. Mas, se Eilan fosse para a Casa da Floresta, ele não teria nenhum neto por ela.

Bendeigid se levantou, olhando para Caillean com as sobrancelhas baixas.

— Realmente preciso de suas habilidades, sacerdotisa. Cynric precisa ser chamado aqui. Acha que pode invocá-lo para mim? Faria isso?

— Com a ajuda de Lhiannon, eu consigo — respondeu Caillean. — De qualquer modo, ela precisaria saber.

— Também preciso de suas habilidades para encontrar esses homens — interrompeu Bendeigid.

— Isso é fácil! Eu os vi quando vieram aqui, e, se não estavam entre os que queimaram sua casa, ainda assim devem obedecer ao mesmo comandante. Alguns eram caledônios, outros, scotti de Eriu.

— Se vieram aqui na noite passada, os scotti devem estar voltando para a costa e os caledônios devem estar a caminho do norte. — Bendeigid se levantara para dar uns passos, de tão inquieto, mas agora voltou para seu assento ao lado da lareira.

Caillean lhe trouxe uma caneca de cerveja, e ele enfiou a barba nela para um longo gole. Depois, insistiu:

— Precisamos de Cynric de volta, mais rápido do que um homem a cavalo pode correr. Envie-lhe a mensagem, Caillean, com sua mágica...

— Está certo — disse a sacerdotisa. — Eu ficarei aqui com suas filhas enquanto você vai avisar Lhiannon. Depois disso, vá até Deva, pois o arquidruida também precisa saber do que aconteceu.

— Você está certa. Minha mulher, Rheis, era filha dele — disse Bendeigid, esfregando a testa distraidamente. — Talvez ele também tenha algum conselho



para nos dar.

A notícia do ataque se espalhou rapidamente pela região. Viajou nos lábios dos vendedores ambulantes e com os mensageiros das legiões. Parecia que até os próprios pássaros se encarregaram de levar notícias em suas asas.

Três dias após o ataque, o arquidruida Ardanos, ao sair de sua casa em Deva pela manhã, ouviu um corvo crocitar à sua esquerda e reconheceu o presságio de um desastre. Mas ele havia conseguido sua posição pelo tipo de sabedoria mundana que possuía, o que lhe permitia ser mais esperto que os romanos e minar a oposição entre seu próprio povo. Agora, pela primeira vez, ele lamentava os limites terrenos de seus poderes. Então, viu o homem enlameado vindo pela rua e soube que não precisaria esperar que o corvo lhe dissesse, pois a dor estava claramente estampada nos olhos flamejantes de seu genro.

Quando Ardanos se recuperou um pouco do choque da notícia de Bendeigid, foi ao encontro de Macellius Severus, que exigiu uma audiência com o comandante da Legião Adiutrix.

— Esses saqueadores do além-mar estão ficando muito ousados — disse Macellius, com raiva. — Esses bretões também são nosso povo, pois são protegidos por Roma. Ninguém vai oprimi-los enquanto eu viver. A família de um dos druidas que mora por perto, Bendeigid...

— Esse é um homem proscrito — interrompeu o comandante da legião, franzindo a testa. — Ele não deveria nem estar aqui!

— Isso não faz diferença! Não entende que Roma está aqui para proteger todos os homens deste país? Tanto nossos cidadãos quanto os nativos... — insistiu Macellius, ainda assombrado pela memória da dor de Ardanos.

Ao longo dos anos, o prefeito passara a respeitar o velho, e jamais tinha visto o arquidruida fora de controle antes.

— Como podemos persuadi-los a baixar as armas se não podemos protegê-los? Com duas legiões poderíamos conquistar Hibérnia...

— Você pode estar certo, mas terá de esperar até que Agricola termine com os nóvatas. Sempre foi assim; em cada província que nos estabelecemos, precisamos pacificar uma nova fronteira. Nos dias do governador Paulinus, os druidas de Mona foram tão arrasados que não podiam incendiar a região oeste. Agora são os caledônios que precisam aprender que não podem saquear os gigantes. Imagino que, quando o império se expandir até Ultima Thule, teremos uma fronteira pacífica, mas duvido que vá acontecer antes disso.

— Nesse meio-tempo, tudo o que podemos fazer é apressar as construções

do novo forte da costa — disse o comandante da legião, cinicamente —, além de preparar uma ou duas tropas da cavalaria para agir se eles forem avistados de novo. Seu filho está lá agora com alguns soldados, não está? Passe os detalhes dessa tarefa a ele quando voltar — grunhiu o comandante. — A opressão do povo da Bretanha cabe a nós, ninguém mais tem permissão para fazer isso.

Mas construir fortes e planejar campanhas tomava tempo. Muito antes que as paredes de madeira fossem terminadas ou os grãos que sobreviveram às chuvas fossem colhidos, Bendeigid estava de volta para acompanhar as filhas à Casa da Floresta. Havia trazido consigo mulas de passo suave para Mairi e as outras crianças. Eilan cavalgava com o sobrinho mais velho à sua frente, bem agasalhado contra a chuva leve. Como não estava acostumada a cavalgar, ela precisava de toda a concentração para se equilibrar atrás da criança excitada. A distância não era grande, mas a jornada, por ser pouco costumeira, parecia ficar mais longa.

A noite já começava a cair quando chegaram aos muros de paliçada. Dentro do conjunto havia seis grandes prédios; Caillean se encarregou de levar Mairi e os filhos para uma casa de hóspedes, pegando o menininho de seu lugar na frente de Eilan e apontando para um prédio grande feito de madeira robusta, com o teto de palha indo quase até o chão.

— Ali é a Casa das Donzelas — disse. — A líder das jovens sacerdotisas, Eilidh, foi avisada de sua chegada e vai recebê-la ali. Vou até lá mais tarde, assim que puder; mas primeiro preciso ver se Lhiannon precisa de mim.

A lua nova – a primeira da vida da filha recém-nascida de Mairi – estava baixa no horizonte a oeste. Enquanto a serva a levava para dentro do prédio, passando por corredores cobertos, Eilan ficou surpresa ao perceber que já sentia falta da irmã.

Um portão se abriu e a mulher a levou para o pátio interno. Eilan, então, se viu diante de uma construção comprida, um pouco parecida com o salão de banquetes do pai. Ao passar pela porta, um mar de rostos estranhos a cercou. Ela olhou em volta, sentindo-se abandonada. A serva a deixara sozinha na porta. O salão parecia muito grande, e havia o odor fraco de ervas no ar. Então, uma das sacerdotisas se aproximou.

— Sou Eilidh — ela disse.

— Onde está minha parente, Dieda? — perguntou Eilan, nervosa. — Esperava vê-la aqui...

— Dieda serve Lhiannon e está em reclusão com ela para se preparar para o ritual de Lughnasad — respondeu a sacerdotisa. — Ela é sua prima? Eu poderia

dizer que o parentesco era mais próximo, até mesmo irmãs gêmeas.

“Caillean me pediu para cuidar de você, pois, agora que ela voltou, precisa atender Lhiannon. Você é quase tão bela quanto ela me disse.”

Eilan corou timidamente e baixou os olhos. A própria sacerdotisa era muito bonita; loura, de cabelo cacheado e curto, que circulava seu rosto como um halo delicado. Ela estava vestida como as outras sacerdotisas iniciantes, não com as túnicas escuras que usavam fora dos muros. Usavam todas um vestido de linho não tingido, com um corte extremamente antiquado, amarrado com um cinto verde.

— Deve estar quase morta de fadiga — disse Eilidh, bondosamente. — Venha ficar perto do fogo e se aquecer, criança.

Eilan obedeceu, sentindo-se um pouco atordoada por todos aqueles rostos estranhos. Não havia pensado no que poderia confrontá-la ali. Mas agora se perguntava o que encontraria, imaginando se não tinha tomado uma decisão da qual se arrependeria por toda a vida.

— Não tenha medo de nós — disse uma voz grave atrás dela. Quem falava era uma mulher alta e robusta, com cabelo avermelhado.

— Sei que a princípio parecemos muitas, mas não somos nem metade do que se pensa. Deveria ter me visto quando cheguei, olhando em volta e soluçando como um animalzinho selvagem. Meu nome é Miellyn. Estou aqui há cinco ou seis anos, e agora não consigo imaginar outra vida. Todas as minhas amigas estão aqui, e um dia você terá amigas aqui também. Mas eu sei que tudo deve lhe parecer muito estranho agora.

Ela pegou o manto de Eilan e o colocou de lado.

— Acho que, antes de mais nada, Lhiannon deseja falar com você — disse Eilidh —, então venha comigo.

Dito isso, levou Eilan através de um pátio e, em meio a uma forte ventania, até uma moradia separada, e bateu na porta. Depois de um instante, ouviram passos e Caillean apareceu:

— Eilan? Entre, criança — ela disse, fazendo gestos para alguém atrás dela. — Dieda, veja, por fim trouxe Eilan até você.

— Ah, sim — disse Dieda, surgindo das sombras atrás dela. — Meu pai e Bendeigid também estão aqui, então teremos uma festa de família, imagino — ela riu, e Eilan pensou que jamais ouvira um tom de voz tão cínico. — E, se ele conseguir o que quer, Cynric será trazido para cá também. Ouvi dizer que querem usar sua Visão, Caillean.

— Ou a sua, talvez — respondeu Caillean, e Dieda riu um pouco. Eilan sentiu certa hostilidade entre as duas e se perguntou o motivo daquilo.

— Acho que sabem o que eu diria sobre isso — disse Dieda. — Se precisar

usar para buscar Cynric, tudo bem; mas fazer um oráculo para que Lhiannon o diga obedientemente, como se não fosse mais do que um títere da vontade de Roma...

— Em nome da Deusa, de qualquer deusa, fique em silêncio, criança — ordenou Caillean, ouvindo um portão bater em algum lugar próximo. — O que é? Quem está aí?

— Apenas Sua Santidade, meu pai — murmurou Dieda —, e a maior sacerdotisa da Casa da Floresta, que obedientemente vai proclamar os oráculos como ele deseja.

— Fique quieta, criatura miserável — sibilou Caillean. — Sabe muito bem que o que diz é sacrilégio.

— Ou talvez haja um sacrilégio maior aqui, do qual eu não faço parte — retrucou Dieda. — Talvez, com a Visão, queiram se certificar de que enviem os romanos contra as pessoas certas. Se for isso, o que fará, Caillean?

— Farei o que Lhiannon mandar — disse Caillean, a voz ficando aguda. — Como todas nós temos de fazer.

Caillean tentava falar com tranquilidade para suavizar a raiva de Dieda; mas a moça parecia mais furiosa que nunca. Dieda sempre tivera a língua afiada, mas Eilan jamais a ouvira falar de um modo tão amargurado antes.

— Sei o que quer que pensemos — começou Dieda, mas o rosto de Caillean se avermelhou de raiva. Ainda assim, ela continuou mantendo a calma.

— Sabe perfeitamente que não é o que pensa, ou o que eu penso, que importa aqui — retrucou —, mas sim o que a grã-sacerdotisa deseja. E é exatamente isso que farei.

— Se for a vontade dela — Dieda respondeu, mais baixo —, entretanto, sob as presentes condições, como a vontade de Lhiannon pode ser feita... mesmo se a vontade dela puder de algum modo ser determinada, ou se ela ainda tiver uma.

— Dieda, já ouvi tudo isso antes — disse Caillean, exausta. — Mas é um mal assim tão grande convocar seu parente Cynric para que ele possa pranteiar a mãe como deveria?

— Poderíamos ter feito isso há semanas — começou Dieda.

— Talvez, mas isso é tudo que estão pedindo para que façamos — repetiu Caillean. — Por que se opõe a isso com tanta teimosia agora?

— Porque, se você não sabe — retrucou Dieda —, eu sei muito bem que esse uso do poder é para enganar Cynric para que ele faça aquilo a que passou a vida aprendendo a se opor; o que o próprio Bendeigid preferiria morrer a fazer, que é dar as mãos a Roma. Não sabe que foi por causa dele que Bendeigid se permitiu ser proscrito?

— Ah, em nome da Deusa, menina! Eu sei sobre Cynric e também sobre

Bendeigid — respondeu Caillean, contrariada. — E, acredite ou não, sei até sobre os romanos; ao menos vivi sob o domínio deles por mais tempo que você. E digo que ninguém pretende que haja violência contra seus preciosos princípios éticos, muito menos os de Cynric. Acha, talvez, que é a única pessoa em toda a Britânia que sabe o que Cynric deseja fazer?

— Sei o suficiente — começou Dieda, mas Caillean logo a interrompeu.

— Quieta! Eles vão nos ouvir. E, além do mais, estamos deixando Eilan totalmente confusa.

O rosto de Dieda se suavizou.

— Imagino que sim, e é uma péssima recepção que ela nos escute discutindo assim.

Ela, então, veio e abraçou a parente, que sabia que não deveria protestar, ou ela poderia começar a discussão novamente.

Naquele momento, uma porta interna se abriu e Lhiannon apareceu diante delas.

— Crianças, estão brigando?

— Claro que não, minha Mãe — respondeu Caillean, rapidamente.

E, depois de um momento, Dieda completou:

— Não, certamente não, Santa Mãe. Estávamos apenas recebendo a noviça.

— Ah, sim! Ouvi que Eilan estava chegando — disse Lhiannon, voltando o olhar para a jovem que estava em silêncio entre elas. Eilan sentiu o coração bater forte ao olhar para a mulher que vira pela última vez como uma deusa entre as fogueiras de Beltane.

— Então você é Eilan? — a voz de Lhiannon era doce, mas um pouco fraca, como se ser a boca da Deusa por tantos anos tivesse gastado sua força. — É verdade o que dizem sobre o quanto você é parecida com Dieda; creio que esteja cansada de ouvir isso. Mas precisamos imaginar um modo de distingui-las aqui no santuário.

Ela sorriu, e Eilan sentiu uma estranha onda protetiva.

Lhiannon estendeu a mão para Eilan, que ainda estava de pé, e apreensiva, perto da porta.

— Entre, criança. Seu pai e seu avô estão aqui conosco, como você sabe.

Eilan se perguntou por que ela havia ficado surpresa, já que seu pai a acompanhara até ali. Será que ele estava vivendo entre os sacerdotes?

Lhiannon segurou gentilmente o braço de Eilan e puxou a moça para o cômodo interno, dizendo para as outras duas sacerdotisas, com sua voz doce:

— Entrem também. Precisaremos de vocês duas aqui.

O quarto interno parecia pequeno, ou talvez fosse apenas impressão, devido à quantidade de pessoas que estavam ali. Uma fumaça grossa era liberada pelas

ervas que queimavam em um braseiro no centro do cômodo, e o odor fez a cabeça de Eilan flutuar. Entre a fumaça e o aglomerado de pessoas, por um instante a garota sentiu dificuldade para respirar.

Depois de um momento, ela finalmente conseguiu firmar o foco e viu o pai, o rosto tão emagrecido pela dor da última lua que parecia quase tão velho quanto Ardanos.

Seu avô, que colocava algo no fogo, olhou para as mulheres e disse:

— Então estamos todos aqui. E de novo estou confuso; quem é quem?

Eilan ficou em silêncio, esperando que alguém mais velho respondesse, mas Dieda disse com ousadia:

— É fácil saber, pai. Eilan ainda não recebeu as vestes de sacerdotisa.

— Então é assim que esperam que eu distinga minha filha de minha neta? Bem, talvez seja apenas a fumaça aqui. Mas ainda acho as duas parecidas demais para meu conforto — disse o druida, de modo enérgico. — Então, Eilan, infelizmente você chegou aqui em um momento triste. Precisamos convocar Cynric para nossos conselhos, e, como ele foi criado com você como irmão adotivo, sua assistência será proveitosa. Está pronta, Caillean?

A sacerdotisa respondeu em voz baixa:

— Se Lhiannon assim deseja.

— Desejo — respondeu Lhiannon. — Seja qual for sua reação, Cynric precisa saber da morte da mãe de criação e desses novos ultrajes. Os romanos não são nossos únicos inimigos...

Dieda disse baixo, entredentes:

— Como gostaria de dizer isso a Mairi nesse momento, pai?

— Paz, filha — respondeu Ardanos. — Não importa o que pense, Macellius Severus é um bom homem. Ele ficou tão raivoso quando contei a ele o que nos aconteceu que parecia que a própria casa havia sido queimada.

— Duvido — murmurou Dieda, mas baixo o suficiente para que apenas Caillean e Eilan pudessem ouvir.

O velho druida franziu o cenho para ela, mas logo disse:

— Caillean, minha criança...

Caillean, lançando um olhar para Lhiannon, foi até um armário e pegou uma pequena bacia de prata simples, a não ser por um elaborado padrão na parte de fora. Ela a encheu com água de uma jarra e a pôs na mesa. Ardanos puxou um banco de três pernas para sentar à frente da vasilha, enquanto Lhiannon tomou sua posição em uma cadeira entalhada próxima a ele.

Ardanos fez um gesto para que Caillean ficasse de lado e então disse:

— Espere! Dieda, você era a pessoa mais próxima dele; é você quem tem de olhar para a água e invocá-lo.

Dieda corou e, por um momento, Eilan se perguntou se ela ousaria se recusar a isso. Dieda sempre tivera mais coragem que ela. Será que o avô as estava confundindo novamente? Ele olhava para Eilan, mas logo se virou e seus olhos buscaram Dieda.

— Você está sob votos — ele disse. — Peço isso a você, filha. — E a voz dele era mais terna do que Eilan jamais ouvira. — Pelo bem de sua irmã, eu lhe peço. Ela era mãe de criação dele antes mesmo que você nascesse.

*Ele maneja a todos nós como se fôssemos suas harpas*, pensou Eilan. Mas Dieda também não podia ignorar a ternura na voz do pai. Ela, então, murmurou:

— Como quiser, pai. — E se colocou diante da bacia.

Ardanos começou:

— Então, estamos reunidos neste lugar já protegido e purificado para invocar Cynric, o filho de criação de Bendeigid. Todos vocês, que são o que ele tem de mais próximo de uma família, devem colocá-lo em sua mente e juntar o chamado de seus corações ao meu.

Ele bateu no chão com o cajado, e Eilan ouviu o doce ruído de sinos de prata.

— Cynric, Cynric, agora o chamamos... — A voz forte, treinada como bardo, soou subitamente.

Eilan piscou diante da súbita escuridão que pareceu ter tomado o quarto repentinamente, e Ardanos – o corpo todo, não apenas os mantos brancos – parecia brilhar.

— Filho forte e amado, sua família o chama... Guerreiro, filho do Corvo, nós o invocamos pelos poderes da terra, do carvalho e do fogo!

Quando o eco do chamado dele terminou, a respiração de Dieda, ficando cada vez mais forte à medida que ela aspirava a fumaça aromática, passou a ser o único som no cômodo. Eilan sufocou a tosse. Mesmo a pequena quantidade de fumaça que havia aspirado a deixou zozona, então podia imaginar o que estava causando em Dieda, que mirava a água, imóvel.

Só agora Eilan notava o longo cabelo de Dieda pendendo dos dois lados, emoldurando a bacia. De onde estava, podia ver a superfície da água. Sentiu uma ponta de arrepios quando Dieda oscilou, ou era ela mesma? Talvez fosse o mundo que se movia. Piscou enquanto as formas em torno dela se obscureciam e fluíam, até que a única coisa que podia focar era a superfície da bacia cheia de água.

Enquanto fitava, a água lentamente se nublou, e após um momento surgiu um pequeno redemoinho cinza que primeiro escureceu e depois clareou. Eilan perdeu o fôlego; um rosto, um rosto bem conhecido – o de seu irmão de criação Cynric – olhava da água.

Dieda sufocou um grito, e então disse baixo, mas com clareza, como se

falasse a alguém que está a uma longa distância:

— Cynric, precisa vir. Desta vez não é uma afronta romana. Os povos do norte queimaram nossa casa e mataram sua mãe e sua irmã. Volte para as terras dos ordovicos. Seu pai adotivo está vivo e precisa de você.

Depois de um tempo o rosto desapareceu, a água rodopiou escura na bacia e Dieda se levantou, apoiando-se, um pouco zonzinha, na beirada da mesa.

— Ele virá — disse. — Receberá suprimentos da encarregada do colégio das sacerdotisas. Com boas estradas e tempo bom, deve chegar em poucos dias.

Bendeigid disse:

— Mas e os bárbaros que queimaram nossa casa? Se não estiver muito cansada, criança, precisamos vê-los e saber que direção tomamos para nos vingarmos.

— Não — disse Dieda. Seu cabelo ainda estava solto em torno do rosto. — Vocês sempre conseguem me fazer cumprir sua vontade, mas deixe que Caillean faça isso. É vontade dela que nos juntemos aos romanos para resolver isso, não a minha. Terei dificuldades em perdôá-lo por isso.

— Minha criança...

— Ah, sei bem que tudo isso é necessário. Mas me usar para atrair Cynric até aqui, como foram capazes?

Caillean pegou a vasilha e jogou a água pela porta, deixando entrar uma lufada de ar fresco. No entanto, apesar do calor da noite de verão, Eilan sentiu frio alguns instantes depois. Caillean encheu de novo a vasilha e se curvou sobre ela, imóvel.

Dessa vez, pareceu que a imagem levou mais tempo para se formar, e as nuvens que rodopiavam na água duraram mais. O rosto absorto de Caillean empalideceu, branco como a morte; então ela falou, quase num sussurro, com uma fadiga mortal na voz.

— Vejam, se quiserem.

Eilan jamais soube o que os outros viram, mas, quando a superfície da água clareou, uma pequena imagem se formou diante dela: saqueadores como os que invadiram a casa de Mairi, presos, congelados na soleira; homens vestidos em panos rasgados e coloridos. Alguns carregavam espadas, que ela não havia visto naquela noite, e outros carregavam lanças. A imagem era tão clara que podia ver os pingos de chuva brilhando nas barbas desgrenhadas louras ou avermelhadas e nos cabelos longos. Os homens se juntaram em torno da vasilha, bloqueando a imagem que Eilan gravou em sua mente e da qual sabia que se recordaria até a morte.

Em sua memória, viu Caillean correr para a frente, enchendo as mãos de brasas vivas e jogando-as sobre os estranhos. Imaginava que o pai e o avô



deveriam ter visto algo assim, pois o rosto do pai estava tenso, retesado.

— Red Rian — ele disse, entredentes. — Maldita sua espada e sua sombra! E eles ainda estão na costa...

— Que assim seja, e junto minha maldição à sua, se isso tem alguma validade — disse Lhiannon, agitando-se na cadeira. — Declaro que seu povo e os romanos devem trabalhar juntos para puni-los.

Bendeigid começou a falar, mas Lhiannon o silenciou com um gesto.

— Basta. Já disse. Agora vamos; que seja como Caillean viu e eu declarei. Vocês podem enfrentar os Red Rian na costa.

— Senhora, como sabe disso?

— Esqueceu-se de que eu e as minhas sacerdotisas podemos controlar o vento, se assim quisermos? — disse Lhiannon. — Ele não terá uma trégua com leve brisa até que vocês os alcancem. Contenta-se com isso?

— Tudo pela vingança contra aqueles demônios — declarou Bendeigid. — Eu jurei me aliar até mesmo aos romanos se isso me ajudar em minha vingança, embora isso vá contra o desejado... E vamos precisar da ajuda deles para expulsar esses saqueadores assassinos para sempre de nossa costa!

Dieda respirou profundamente.

— Vai esperar a chegada de Cynric?

Bendeigid hesitou por um momento, mas finalmente disse:

— Isso cabe, ao menos em parte, a Macellius definir.

Depois disso, o olhar de Lhiannon pousou em Eilan.

— Mas olhe só, nossa noviça está morrendo de frio — disse. — Onde está seu manto, criança?

— Deixei no outro salão com as sacerdotisas — murmurou Eilan, tentando controlar, sem sucesso, os tremores que sentia.

— Deve ir logo para a cama. As ervas agora já se consumiram, mas venha ao braseiro e se aqueça, criança. Logo mais Caillean vai levá-la ao dormitório das noviças e dar-lhe as roupas de dormir e o vestido de sacerdotisa.

— Muito bem — disse Ardanos —, e também está na hora de irmos.

Lhiannon puxou Eilan para o fogo, e a tremedeira da moça foi passando gradualmente. Mas ela ainda se sentia estranha por dentro. Caillean colocou o braço em torno dela.

— Vai passar, criança, eu sei... Pode fazer muito frio entre os mundos. Senti que você foi comigo, embora não intencionalmente. Precisamos nos proteger contra isso na próxima vez.

Bendeigid se envolveu com o manto, mas, antes de seguir Ardanos para fora, parou diante de Eilan.

— Filha. — Ele tossiu e a garota olhou para cima para encará-lo. — Não

sei quando nos encontraremos de novo. Mas eu a deixo aqui em segurança, e isso é um conforto para mim. Que a Deusa a abençoe aqui! — Ele a abraçou.

— Vou rezar por sua segurança, pai — ela respondeu baixo, a garganta apertando.

Bendeigid tocou os cachos que escapavam da trança da filha, enrolados sobre o rosto.

— O cabelo de sua mãe crescia exatamente assim — ele sussurrou, e a beijou na testa.

Ela tentava evitar as lágrimas quando a porta se fechou atrás dele.

— Bem, o que está feito está feito, e já está muito tarde — disse Caillean, com uma nota de alívio. — Eilan, há algo que queira me pedir? — Ela foi até a moça e a abraçou forte. — Se estiver aquecida agora, venha comigo que eu vou acomodá-la no dormitório das noviças.

Dessa vez, com Caillean ao seu lado, Eilan cruzou o pátio aberto ao vento que separava a morada de Lhiannon do salão onde fora recebida pelas sacerdotisas. Anos depois, quando conhecia cada centímetro daquele local tão bem quanto a casa em que havia nascido, ela se recordaria de sua primeira impressão da Casa da Floresta e se perguntaria por que naquela primeira noite ela lhe parecera tão enorme.

Eilidh e algumas das outras mulheres ainda estavam reunidas no salão onde Eilan havia sido recebida. Todas olharam para a garota com curiosidade, mas um gesto de Caillean as manteve quietas.

— Não pedimos ainda que faça votos — Caillean disse a Eilan —, mas, para seu primeiro ano entre nós, precisa fazer algumas promessas.

Ela se endireitou e seu rosto mudou. Eilan a observou, exausta, imaginando o que viria agora.

— Antes de tudo, é preciso atestar que veio ficar entre nós por sua livre vontade. Foi forçada ou ameaçada a buscar admissão aqui?

Eilan a olhou, pasma.

— Sabe que não.

— Quieta! São os procedimentos. Precisa responder com suas próprias palavras.

— Muito bem — disse Eilan. — Vim para cá por minha própria vontade.

Aquilo lhe pareceu muita tolice. Ela se perguntou se haviam indagado isso a Dieda e o que a garota havia respondido.

— Promete que vai tratar qualquer mulher neste local como sua própria irmã, mãe e filha, como sua família?

— Prometo.

Sua mãe já não estava mais viva, e, se ela fizesse os votos permanentes,

também não teria filha.

— Promete que obedecerá a cada ordem legítima dada por uma sacerdotisa mais antiga que você e também que não se deitará com nenhum homem — Caillean parou e fez uma careta, corrigindo-se —, a não ser que vá se deitar com o Rei do Verão, se a escolha dele recair sobre você?

Eilan sorriu.

— Sim! E não é sacrifício prometer não me entregar a nenhum homem.

*Já que o homem que eu poderia amar é proibido para mim*, pensou ela.

Caillean assentiu.

— Que assim seja — disse. — Em nome da Deusa, que, embora tenha muitos nomes, é apenas uma, eu a aceito.

Ela abraçou Eilan, e, uma a uma, as outras sacerdotisas fizeram o mesmo. Quando terminaram, Eilan se viu chorando, como se, de um modo estranho, tivesse recuperado a família que perdera.

A sacerdotisa colocou o manto de Eilan sobre os ombros dela e a levou por uma passagem coberta com teto de palha até uma casa redonda com uma dúzia de camas – não camas sólidas, como estava acostumada, mas camas de campanha estreitas, posicionadas ao longo da parede. Algumas já estavam ocupadas. Uma ou duas moças se sentaram, piscando sonolentas, enquanto Caillean puxava a cortina da cama mais próxima da porta.

— Foi preparado um lugar para você aqui — Caillean sussurrou.

Ela, então, vestiu Eilan com uma camisola branca grosseira que parecia muito grande para a garota.

— Alguém vai chamá-la para os serviços do alvorecer na floresta. Não espere me encontrar; estarei servindo Lhiannon na preparação para as cerimônias da lua cheia. Aqui está o vestido que deve usar amanhã.

Ela tirou um amontoado de tecidos de uma arca próxima.

Eilan deitou-se na cama estreita e Caillean a ajeitou sob o cobertor grosso. Então ela se abaixou para abraçá-la, e Eilan levantou o tronco para corresponder o carinho de Caillean.

— Não importa o que pense, lembre-se sempre de que é bem-vinda a nós — disse Caillean. — E mesmo a Dieda; ela está muito infeliz agora, mas chegará o dia em que ficará contente por você estar aqui também.

Depois disso, ela beijou Eilan na testa.

— Amanhã uma das moças vai ajudá-la a colocar as vestes de sacerdotisa; é provável que seja Eilidh. E por um dia ou dois ela vai acompanhá-la para lhe mostrar o que deve fazer.

Finalmente, Eilan se deitou. As cobertas eram ásperas contra a pele e cheiravam a ervas aromáticas. Ela perguntou, querendo prolongar o momento:

— Do que é o cheiro no lençol?

— Lavanda; colocamos entre os lençóis após lavá-los.

Eilan disse a si mesma que não tinha nada de surpreendente naquilo. As sacerdotisas eram mulheres, ainda que não exatamente como qualquer outra que conhecera antes; então, era evidente que se ocupavam de tarefas como colher ervas e lavar lençóis, como qualquer uma. Bem, ela também aprenderia essas coisas.

Caillean, por fim, disse baixo:

— Durma agora, e não se preocupe. É bom que tenha vindo. Acho que você tem um destino muito especial entre nós.

Nenhuma das duas poderia adivinhar como essa profecia se cumpriria.

— Por que mantemos em segredo do povo comum os nomes das ervas mais poderosas para cura?

A velha Latis, herborista mais experiente dali, virou-se para as garotas sentadas sob o carvalho, segurando a haste de uma dedaleira.

— Para que venham até nós e respeitem as sacerdotisas? — perguntou uma das mais jovens.

— O respeito deles precisa ser conquistado, criança — disse Latis, num tom severo. — Podem não ter estudo, mas não são estúpidos. A razão do segredo é mais profunda do que isso... O que é mais poderoso para o bem é assim também para o mal, se for usado de modo errado. A dedaleira pode estimular um coração doente, mas, se for administrada em excesso, faz com que ele galope feito um cavalo assustado até desabar. Para uma curandeira, discernimento é tudo.

Eilan franziu o cenho, pois jamais pensara nisso dessa maneira. Mais tarde, relembrando seus anos na Casa da Floresta, pensava no que havia esperado quando chegou ali pela primeira vez. Paz, talvez, ou mistério, e até um pouco de tédio. Mas não imaginara que passar o dia estudando com um grupo de mulheres seria tão *interessante*.

As noites eram mais difíceis, pois, nos primeiros meses, sonhava frequentemente com Gaius. Vez ou outra o via cavalgando com seus homens ou praticando com a espada. Às vezes, ele xingava quando a lâmina entrava no poste de madeira em formato de homem: “Isso é por Senara, e isso por Rheis. Isso, por Eilan!”. Quando ele terminava, a testa estava molhada de suor, mas a umidade em seu rosto vinha de lágrimas.

Eilan, então, acordava, chorando com a tristeza dele. Entendia agora como a dor dos vivos podia atormentar os que partiram. Chegou a pensar em enviar uma mensagem para avisá-lo de que ainda estava viva, mas não havia como fazer isso, e agora começava a perceber que de fato estava morta para ele, e quanto mais rápido ele aceitasse isso, melhor seria para os dois.

Nos primeiros meses, era apenas mais uma de um grupo de possíveis

sacerdotisas. Passava muito tempo estudando para memorizar todo o conhecimento druida. Assim como os deuses não devem ser adorados em um templo feito por mãos humanas, a sabedoria divina não podia ser escrita. Às vezes, achava isso estranho, considerando a fragilidade da memória humana. No entanto, viu suas professoras realizarem incríveis feitos de memorização. Muito do antigo conhecimento se perdeu quando Mona foi destruída, mas muito permaneceu. Ardanos, por exemplo, ainda tinha na memória cada uma das leis.

Eilan estava feliz o bastante com as colegas sacerdotisas. As que conhecia melhor eram as duas que a receberam na Casa das Donzelas naquela primeira noite: Eilidh e Miellyn.

Eilidh era mais velha do que aparentava e estava na Casa da Floresta desde muito pequena. Além dessas duas, era próxima também de uma mulher chamada Celimon, que tinha em torno de quarenta anos, cuja principal tarefa era instruir as jovens sacerdotisas e realizar alguns rituais menos importantes.

A primeira tarefa da garota ali foi memorizar cada detalhe de todos os rituais de que as donzelas participavam, pois, se um erro fosse cometido, a cerimônia teria de ser reiniciada. Eilan causou uma interrupção dessas duas ou três vezes e sentiu-se tola por isso, mas Miellyn lhe assegurou de que todas tinham passado pela mesma experiência.

Eilan também era instruída sobre os movimentos da lua e das estrelas. Passou muitas horas noturnas deitada entre Miellyn e Eilidh em uma parte separada da área cercada, observando a Grande Carruagem se mover eternamente em torno da estrela do norte, a marcha solene dos planetas que subiam e desciam e as luzes da aurora boreal, que brilhavam e circulavam no céu de verão. Aprendeu, então, que a Terra girava em torno do Sol – de todas as supressas, a mais difícil de assimilar. Em todos os seus primeiros anos na Casa da Floresta, aquelas noites foram as que melhor capturaram sua imaginação; deitada bem agasalhada na grama úmida, com a voz de Cailleán fluindo diante delas no escuro, entoando longas histórias sobre as estrelas.

Às vezes insistia em aprender a acompanhar os cantos, mas, em uma das poucas ocasiões em que pôde passar mais tempo com Cailleán, foi instruída a aceitar que mulheres não tocavam harpa nas cerimônias.

— Mas por quê? Mulheres podem ser bardos, agora, não podem, assim como Diedo? E você toca harpa, não toca?

Estava quente, e no bosque diante dos muros um dos jovens sacerdotes do colégio druídico do outro lado do campo estava praticando o instrumento. Ele não era muito bom, mas é difícil tocar uma harpa tão mal a ponto de o som ser desagradável. Embora a melodia fosse interrompida com frequência, cada nota era pura e limpa.

— Meu instrumento é uma lira, o primeiro presente que Lhiannon me deu, e toco há muitos anos, ninguém ousa contestar. E um talento como o de Dieda simplesmente não pode ser negado. — Os olhos escuros de Caillean brilharam.

— Não faz sentido. Por que não posso aprender? — perguntou Eilan. Por mais que tocasse mal, certamente se sairia melhor que o rapaz que ouviam praticar, que não parecia sequer notar que, enquanto o dia ficava mais quente, as cordas superiores iam desafinando.

— Claro que não faz sentido — disse Caillean. — Boa parte do que faz uma sacerdotisa não faz sentido; e elas têm consciência disso. Essa é uma das razões pelas quais não poderei suceder Lhiannon. E Ardanos sabe que eu estou ciente disso.

— Quer ser grã-sacerdotisa? — perguntou Eilan, arregalando os olhos.

— Que os céus proíbam — disse Caillean, com fervor. — Seria como sofrer um choque direto contra uma parede de pedra, que é como vejo a vontade dos sacerdotes, a cada dia da minha vida. Liderança é outra coisa que os homens desejam manter só para si. E acho que isso ficou ainda pior desde que conheceram os romanos. Querem manter para eles as armas, as harpas e tudo o mais, a não ser o sofrimento do parto e a labuta das panelas e do tear. Ouso dizer que gostariam até mesmo de falar que as mulheres não podem servir aos deuses, mas ninguém seria tolo o suficiente para acreditar nisso. Mas, de todo modo, por que quer aprender a tocar harpa?

— Porque amo música, mas não sei cantar — respondeu Eilan.

— Sua voz é suave, mas doce; eu já a ouvi.

— Vovô diz que perto de Dieda coxo como um sapo — disse Eilan, com amargura. — Em nossa casa, era sempre ela a escolhida para cantar.

— Acho que ele está enganado; mas dessa vez não discuto, pois até eu preciso admitir que ele é um de nossos maiores bardos. Dieda tem uma voz belíssima, talvez herdada dele. Perto de uma voz como a de sua prima, somos todos sapos coaxando, criança, então não se chateie. Você pode aprender as histórias dos deuses, mesmo se não consegue cantar tão bem quanto ela. De qualquer maneira, não acho que terá problemas para cantar os feitiços. Não há como todos nascerem com vozes perfeitas, e, mesmo entre bardos, alguns cantam melhor do que outros.

E realmente Eilan foi ensinada a cantar muitos dos feitiços que precisou memorizar, algumas das Palavras de Poder mais simples lhe foram confiadas, ainda que estivesse em seu primeiro ano.

Um dia, ao ser instruída sobre feitiços por Caillean, ela lhe perguntou:

— Você se lembra daquela noite depois do nascimento da filha de Mairi, quando assustei os saqueadores jogando fogo neles?

— Jamais me esquecerei — disse Eilan.

— E que disse que você poderia aprender a fazer aquilo, se fosse ensinada?

Eilan assentiu, o coração começando a disparar, não sabia se por excitação ou medo.

— Bem, vou ensiná-la. O importante é se lembrar de que o fogo é incapaz de feri-la. Você me viu pegando o fogo, então sabe dentro de si que isso pode ser feito.

Caillean pegou os dedos esguios e brancos da garota entre os seus e soprou na palma da mão de Eilan.

— Agora — disse —, o importante é ter confiança em si mesma. Coloque as mãos no fogo rapidamente e pegue um punhado de brasas vivas. O fogo só poderá feri-la se você acreditar que é da natureza do fogo queimar. Mas, assim que assimilar a verdadeira natureza espiritual dele, pode segurá-lo exatamente como faria com um punhado de folhas secas. O fogo queima dentro de você assim como queima na lareira. Então, como pode uma chama ferir outra? Que a faísca de vida dentro de você receba o fogo!

Eilan estremeceu, mas era verdade que havia visto Caillean fazer aquele truque; e por isso confiava completamente nela. Aproximou as mãos do fogareiro com brasas vivas e logo sentiu o calor tocar seu rosto, mas Caillean disse com firmeza:

— Não hesite! Faça isso rapidamente!

Então, Eilan enfiou as mãos nas chamas.

Ainda sentia o calor no rosto, mas, para seu assombro, as brasas pareciam um punhado de neve. Caillean, observando seu rosto pensativo, disse:

— Solte agora, rápido.

Eilan abriu os dedos contra uma lufada súbita de calor e as brasas rolaram para a lareira. Ela mirou as mãos, assombrada.

— Eu realmente fiz isso?

— Fez — respondeu Caillean. A brasa havia alcançado um pedaço de pano na lareira, que começou a fumer. Um fedor forte de tecido queimado subiu de repente das extremidades chamuscadas quando Caillean o pegou e apagou a chama.

Eilan olhou para ela aturdida.

— Como sabia que ia começar a queimar em um instante?

Caillean respondeu:

— Podia sentir você começando a pensar, imaginar e duvidar. A dúvida é inimiga da magia. Somos ensinadas a fazer coisas assim para embasbacar o povo comum com maravilhas ou então nos proteger do perigo. Mas deve aprender — ela avisou — que não é correto fazer milagres apenas para assombrar os que



nascem uma vez só. Ainda que seja para se preservar do perigo, deve ter cautela em fazer truques que podem parecer milagres. Pode não ter sido muito sábio de minha parte ter usado esse artifício naquela noite na casa de Mairi, mas o que está feito está feito. Agora que sabe que é possível, deve aprender quando é certo fazer esse tipo de coisa e quando não é.

Enquanto a passagem dos anos era marcada pelos festivais, as garotas não aprendiam apenas a sabedoria e as lendas dos deuses de cada festividade, mas também o significado por trás das histórias, muitos dos quais eram verdadeiros como símbolo, mas não como fato.

Elas discutiram sobre a virgindade da deusa Arianrhod e o destino do filho iluminado que ela deu à luz tão contra a vontade; analisaram as transformações de Gwion, que provou o líquido do caldeirão da sabedoria; aprenderam sobre o saber secreto do Rei Sagrado e da Senhora da Soberania; e, nos dias mais escuros do inverno, contemplaram os mistérios das deusas sombrias cujos rostos sangrentos e carnes murchas eram a personificação dos medos dos homens.

— Mas por que será que os homens temem as mulheres velhas? — perguntou Eilidh. — Eles não sentem o mesmo em relação a homens velhos!

— O homem velho torna-se um sábio, algo que o homem almeja ser — disse Caillean. — Mas temem a bruxa velha porque ela está além do poder deles. Com a chegada do sangue da lua, uma menina torna-se mulher. E ela precisa de um homem para poder se tornar mãe; e a mãe precisa de um homem para proteger suas crianças. A velha, por sua vez, sabe todos os segredos do nascimento e da morte; ela mesma renasceu e não precisa de nada. Então é claro que o homem, que conhece apenas a primeira mudança que o leva à maturidade, tem medo.

O nome de Lhiannon era sagrado mesmo quando as moças mais jovens riam dos mais velhos tarde da noite no Salão das Donzelas. Mas Eilan não conseguia deixar de imaginar se a grã-sacerdotisa havia passado pelo renascimento do qual Caillean falara. Velha como era, não era possível imaginar que qualquer dor ou paixão humana um dia a tivesse tocado. Não tinha se deitado com nenhum homem, não tinha parido nenhuma criança. Perambulava pela Casa da Floresta em uma nuvem de perfume de lavanda e vestes drapeadas que se arrastavam, com o sorriso doce, vago e distante como se ela se movesse através de sua própria realidade privada.

E ainda assim Caillean a amava. Eilan não podia se permitir esquecer que a sacerdotisa, com quem havia criado um laço tão profundo na noite do parto da filha de Mairi, via algo em Lhiannon que ela própria não havia percebido; mas

sempre acreditou que estava lá.

Quando começaram a ensinar as garotas as disciplinas que lhes dariam acesso a planos internos, Eilan se dedicou com diligência. Tais coisas – sonhos e intuições – sempre lhe vieram com facilidade e sem aviso. Agora, entretanto, aprendia a trazer as visões conforme sua vontade e a bloqueá-las quando fosse necessário.

Aprendeu a ter visões utilizando uma vasilha de água e a usar alguns encantos para enxergar além. Uma das primeiras coisas que viu desse modo foi a batalha com os saqueadores que haviam destruído sua casa.

— Uma bênção da Senhora de Vernemeton, se foi ela quem nos enviou este vento — disse Cynric, aspirando a névoa que soprava por ele, pesada com o cheiro do mar.

— Ela cumpriu sua promessa — respondeu Bendeigid. — Esse vento começou a soprar no terceiro dia desde que queimaram meu salão. Quando os grupos espalhados voltaram para carregar suas barcas com os espólios, viram o vento se virar contra eles — ele riu sem alegria. — Nós vamos pegá-los entre a costa e o mar!

De um lugar próximo veio uma ordem dura, e a marcha rítmica de sandálias de tachas fez uma pausa. Cynric fez uma careta, feliz porque o vento não havia levado o som ao inimigo. Melhor entrar ao som de trombetas do que deixar que os saqueadores ouvissem aquele caminhar agourento. Os bretões não eram tão organizados, mas eram bem mais quietos.

Ele ainda se retesava sempre que a crista de um capacete romano surgia na névoa. Jamais havia imaginado que um dia lutaria ao lado de seus inimigos. Mas, se em nome de um bem maior até Bendeigid podia suspender seu ódio, ele esperava poder fazer o mesmo.

Instantes depois, Bendeigid colocou a mão no braço dele e Cynric parou, olhando através da linha de amieiros raquíticos que se estendia entre eles e a costa. Sentia cheiro de fumaça e o odor fétido do buraco da privada – não muito bem cuidado. Era verdade, era possível rastrear as pragas pelo cheiro. Ele desceu o escudo do ombro e posicionou melhor a lança.

O coração de Cynric disparou de um modo estranho e sua boca estava seca. *Você não queria uma batalha real, como pode ter medo agora?*, perguntou-se. *Teria se escondido nas saias de Rheis se estivesse lá quando atacaram o salão?* Com esse pensamento, seu pânico se transformou em fúria.

Então, os trompetes romanos soaram. Bendeigid soltou um rugido gutural e Cynric viu sua própria garganta também se abrindo em um grito. Uivando, os

bretões avançaram correndo. Cynric seguia entre as árvores, com a lança pronta, e ouviu a investida romana indo na direção dos gritos dos bretões.

Assim que os romanos chegaram até onde estava o grupo inimigo, os bretões os cercaram. Um guerreiro se voltou, e sua forma distorcida pela névoa parecia a de um monstro. E ele era realmente um monstro. O treinamento de Cynric se sobrepôs às emoções e ele soltou um golpe; sentiu o baque e ouviu o grito quando a lâmina entrou. Mas não teve tempo de reagir, pois outro homem estava vindo para atacá-lo. Um golpe de espada bateu em seu escudo. A visão lateral lhe mostrava soldados romanos derrubando inimigos saqueadores com eficiência mecânica. Cynric arrancou de volta a lança e a girou, vendo o inimigo em cada rosto contorcido.

Não sabia se havia se passado metade de um dia ou de uma vida quando percebeu que não era atacado por mais ninguém. Ao redor dele jaziam corpos, e Bendeigid aplicava metodicamente o golpe de misericórdia em qualquer um que ainda estivesse vivo. Estava coberto de sangue, mas aparentemente não dele próprio. Em um momento chegou a cair e a pensar que estava acabado, mas um legionário ficou sobre ele, cobrindo-o com aquele escudo grande e oval, até que pudesse se levantar novamente.

Ele percebeu que era possível não gostar de alguém, mas ainda assim admirá-lo. Jamais deixaria de odiar os romanos, mas agora via que poderia haver algo a aprender com eles. Naquele momento, nem seu sangue romano parecia-lhe uma coisa tão ruim. Ouviu o crepitar de chamas e viu que Ardanos comandava a queima dos barcos inimigos. A fumaça fedia a carne queimada, mas os barcos arredondados, cobertos de peles, queimavam com entusiasmo. Cynric se virou, imaginando se ficaria enjoado com aquele cheiro.

Mas então viu que um barco havia sido poupado, e um dos saqueadores estava vivo, embora cego, para guiá-lo.

Ardanos levantou as mãos para os céus, gritando algo na antiga língua que apenas os druidas usavam. Por um momento a brisa cessou, então retornou e passou a soprar vinda da terra. Ardanos colocou a mão sobre a borda do barco, segurando-o.

— Chamei os ventos para apressarem sua viagem — disse ao homem dentro. — Se os deuses o amam, irá voltar a Eriu. Seja nosso mensageiro e leve a eles o aviso de que, se voltarem a estas costas, o mesmo que viu aqui acontecerá com cada um deles — vociferou Ardanos.

A visão sumiu, e Eilan se recostou, tremendo. Jamais vira uma luta séria, e havia ficado totalmente horrorizada com aquelas imagens, mas se flagrou festejando

efusivamente enquanto os saqueadores morriam. Um daqueles homens decerto havia matado sua mãe e provavelmente sua irmã caçula, além de ter colocado fogo na casa em que nascera.

Ela mirou a água, buscando o rosto de Gaius, mas não viu sinal dele. Teria se envolvido em alguma outra batalha com o inimigo, acreditando que ela estava morta nas ruínas de sua casa? Bem, é melhor ele achar que estou morta do que pensar que fui infiel, disse a si mesma, mas estava surpresa pelo tanto de dor, mesmo agora, que o pensamento de que ele pudesse ter morrido lhe causava. Na noite em que eles se sentaram ao lado das fogueiras de Beltane, pareciam um só ser. Certamente, se ele morresse, ela não poderia evitar saber.

Mas, naquele momento, o fluxo constante de sua vida na Casa da Floresta ia aos poucos levando embora a dor até mesmo da memória de Gaius e da vida que poderiam ter tido juntos.

Com as outras, fazia sua parte apanhando plantas e ervas sagradas, aprendendo qual deveria ser colhida em determinada luz do sol ou da lua.

— Essa sabedoria é mais antiga que os druidas — confidenciou-lhe um dia Miellyn, quando estavam juntas.

Miellyn, embora tivesse chegado à Casa da Floresta há muito tempo, não era muito mais velha que Eilan, e as duas, por serem as mais jovens da casa, eram frequentemente colocadas para trabalhar juntas. Miellyn escolhera tornar-se uma sacerdotisa das artes curativas e já tinha recebido muito treinamento.

— Parte dele vem dos velhos dias, antes mesmo que nosso povo chegasse a estas terras.

Fora uma primavera úmida, e ao longo das margens do riacho que serpenteava os campos atrás da Casa da Floresta as artemísias já lhe batiam na cintura. O cheiro forte e pungente daquelas suas folhas era quase atordoante enquanto ela as tirava dos galhos. As sacerdotisas as usavam para induzir visões e também em infusões para aliviar músculos doloridos.

— Caillean me disse algo sobre isso — respondeu Eilan. — Segundo ela, houve um tempo em que não havia sacerdotes druidas na Britânia. Quando nosso povo chegou, matou os sacerdotes das tribos que conquistaram, mas não ousaram matar as sacerdotisas da Grande Mãe. Nossas próprias mulheres santas aprenderam com elas e adicionaram o conhecimento ancestral ao seu próprio.

— É verdade — disse Miellyn, movendo-se ao longo da margem do rio. — Caillean estudou mais essas coisas que eu, e ela é uma sacerdotisa do Oráculo. Elas, ao menos, remontam a um tempo bem anterior à construção da Casa da Floresta e bem anterior à chegada da Ordem dos Druidas a esta ilha da Bretanha. Dizem que nossas primeiras sacerdotisas vieram de uma ilha distante no oceano a oeste, que hoje está afundada sob as ondas. Com elas veio o sacerdote que os

homens chamaram de o Merlim, que ensinou a sabedoria das estrelas e das rochas permanentes.

Por um momento contemplaram uma antiguidade quase inimaginável. Então, uma leve brisa agitou suas saias, trazendo-as de volta à beleza do mundo verde ao redor.

— É tanaceto ou cerefólio? — Eilan apontou para uma massa de folhagem baixa e verde brilhante, com folhinhas pontudas.

— Cerefólio. Vê como os cabos são tenros? Ele acabou de brotar aqui. O tanaceto atravessa o inverno e os galhos são mais lenhosos. Mas é verdade, as folhas se parecem muito.

— Há tanta coisa para memorizar! — exclamou Eilan. — Se nosso povo não viveu sempre aqui, como aprendemos todo esse conhecimento?

— Os homens são andarilhos por natureza — disse Miellyn —, embora você possa pensar que não por estar enraizada aqui entre nós. No fim das contas, todo povo teve origem em algum outro lugar, mas, ao se mudar para um novo local, tem de aprender os costumes da terra das pessoas que estavam lá antes. A última de nossas tribos chegou a esta ilha apenas cem anos antes dos romanos, vinda do mesmo local do mundo.

— Era de esperar que os romanos soubessem mais sobre nós, então, se éramos vizinhos — disse Eilan.

— Eles sabem o suficiente sobre nossos guerreiros para termos medo — Miellyn sorriu intensamente. — Talvez seja por isso que espalham tais calúnias sobre nós. Diga-me, Eilan, já viu algum homem queimado em nossos altares? Ou mulher?

— Não, ninguém morto, a não ser criminosos — retrucou Eilan. — Como os romanos podem dizer tais coisas sobre nós?

— E por que não diriam? São homens ignorantes — disse Miellyn, com desdém. — Colocam todo o conhecimento deles em pedaços de couro, madeira encerada ou em tábuas de pedra e acham que detêm toda a sabedoria. Que bem faz a um pedaço de pedra ter conhecimento? Até eu, uma sacerdotisa jovem, sei que é o entendimento gravado em seu coração que torna os homens sábios. Por acaso pode aprender sobre as ervas em um livro? Não basta nem ouvir falar. É preciso ir buscar as plantas você mesma, pegá-las, amá-las e observá-las crescer. Só então pode usá-las para a cura, pois o espírito delas vai falar com você.

— Talvez as mulheres deles saibam mais — respondeu Eilan. — Pois ouvi que os romanos não ensinam a arte das letras a todas elas. Então, eu me pergunto, que sabedoria as mães passam às filhas que os homens não sabem?

Miellyn fez uma careta.

— Talvez tenham que, caso as mulheres também aprendam com os livros,

não haja trabalho suficiente para os escribas e escritores de cartas do mercado.

— Caillean disse algo assim, quando cheguei aqui — Eilan disse e estremeceu, embora o dia estivesse quente, lembrando-se dos ventos frios durante a vidência. — Mas não a vi muito desde então. Às vezes me pergunto se fiz algo que a enraiveceu.

— Não deve prestar muita atenção ao que Caillean diz ou deixa de dizer — aconselhou Miellyn. — Ela sofreu muito e é, digamos, imoderada em suas opiniões, às vezes. Mas é verdade que os romanos não pensam que as mulheres podem fazer muita coisa.

— Então são tolos.

— Eu sei disso e você também — retrucou Miellyn. — Mas há romanos que ainda não sabem. Esperemos que aprendam isso durante nossa vida. Nossos próprios sacerdotes também podem ser tolos em alguns aspectos. Alguém me disse que você queria aprender a tocar harpa. Já ouviu Caillean tocar a lira?

Eilan balançou a cabeça.

— Não muitas vezes. — Subitamente, ela se recordou da ocasião em que Caillean a ensinara a segurar fogo e estremeceu.

Miellyn disse:

— Não deve se importar com o jeito estranho de Caillean. Ela é muito solitária. Às vezes, passa dias sem falar com ninguém, talvez com exceção de Lhiannon. Mas sei que Caillean gosta de você; ouvi ela mesma dizer isso.

Eilan olhou para ela e desviou rapidamente os olhos. Certamente parecera que sim naquela noite na casa de Mairi, na conversa que tiveram depois de Caillean espantar os saqueadores. Percebia agora como fora incomum para a mulher se revelar daquela maneira. Talvez fosse por isso que ela evitasse Eilan daquele jeito desde então.

Miellyn avistou um lugar onde crescia tomilho debaixo de uma árvore e usou sua faquinha curvada para cortar as hastes. O aroma subiu forte e doce nas narinas de Eilan quando ela se curvou para ajudar a amiga.

— Fale com ela sobre a harpa — acrescentou, então, Miellyn.

— Pensei que tivesse dito que não era uma harpa...

— Realmente, Caillean se deu ao trabalho de explicar a diferença. — Miellyn sorriu. — No caso da lira, as cordas ficam na base em vez de na lateral, mas o som é bem parecido. Ela conhece muitas músicas de Eriu. São melodias muito estranhas; de algum jeito, todas soam como o mar. Ela conhece todas as antigas músicas também, embora, com o nosso treinamento, todas nós sejamos capazes de lembrar mais coisas do que a maioria das pessoas. Se tivessem desejado treinar mulheres como bardos antes que tantos sacerdotes fossem mortos, ela talvez tivesse sido uma. — Sem conseguir resistir, Miellyn começou

a rir. — Ou poderia ter sido arquidruída, se não é blasfêmia dizer isso, depois de seu pai.

— Ardanos é pai da minha mãe, não meu. Dieda é que é filha dele — disse Eilan, pegando o resto do tomilho.

— E seu irmão de criação é do Bando Sagrado? — perguntou Miellyn. — Você realmente vem de uma família de sacerdotes. Provavelmente tentarão torná-la sacerdotisa do Oráculo um dia.

— Ninguém me disse nada sobre isso — respondeu Eilan.

— Você não gostaria? — riu Miellyn. — Cada uma de nós tem suas tarefas; eu, por exemplo, estou feliz com minhas ervas, mas as videntes são adoradas pelas pessoas. Não gostaria de ser a voz da Deusa?

— Ela não me disse nada — respondeu a moça, com certa rispidez.

Os desejos secretos de Eilan, ou mesmo os sentimentos que surgiram nela quando viu Lhiannon levantar os braços em uma invocação à lua, não eram da conta de Miellyn. Mas era verdade que, quanto mais permanecia ali, mais vividamente Eilan se recordava de seus sonhos de criança, e, cada vez que levava oferendas ao santuário na fonte, fitava a água, esperando ver a Senhora novamente.

— Farei o que as anciãs disserem que devo. Sabem mais sobre a vontade dos deuses que eu.

Miellyn riu.

— Ah, talvez algumas delas saibam. Mas eu não tenho certeza disso — retrucou. — Cailleán diria que não. Uma vez ela me contou que, nos tempos antigos, a sabedoria dos druidas era dada a todas as pessoas, tanto homens quanto mulheres.

— Mas até mesmo o arquidruída obedece a Lhiannon — disse Eilan, enquanto se curvava para cortar algumas folhas de morugem que encontrara crescendo do lado ensolarado de uma grande rocha.

— Ou assim parece — respondeu Miellyn. — Mas Lhiannon é diferente, e é claro que todas a adoramos...

Eilan franziu o cenho.

— Ouvi algumas das mulheres dizendo que nem mesmo meu avô ousa contrariá-la.

— Às vezes tenho minhas dúvidas sobre isso — disse Miellyn, enquanto separava as folhas que Eilan cortara. — Corte mais perto do galho; não podemos usar as hastes. Sabe, ouvi dizer que nos velhos dias a lei exigia que qualquer homem que cortasse uma árvore tinha de plantar outra no local, para que as florestas nunca diminuíssem. Mas isso não é feito desde que os romanos chegaram aqui; eles cortam as árvores, mas não plantam nada. Vai chegar o dia

em que não haverá mais árvore alguma em toda a Bretanha...

— A mim parece que há tantas como sempre houve — respondeu Eilan.

— Algumas espalham suas sementes e brotam sozinhas.

Miellyn, então, virou-se e reuniu as ervas que haviam cortado.

— E quanto às ervas? — perguntou Eilan.

— Não cortamos o bastante para fazer diferença. Em um dia ou dois nascerão brotos suficientes para repor tudo o que colhemos. Isso basta. Acho que vai chover; deveríamos nos apressar para voltar. As sacerdotisas que me ensinaram sobre ervas costumavam dizer que a natureza é o jardim da Deusa e que o homem não pode tirar dele sem repor aquilo que utiliza!

— Não tinha ouvido isso colocado dessa maneira antes, mas acho que é lindo — disse Eilan. — Imagino que, se pensar em séculos, cortar uma árvore é tão estúpido quanto matar uma corça prenha...

— E ainda assim alguns homens acreditam, ou ao menos parecem acreditar, que têm o direito de fazer o que querem com qualquer coisa mais fraca que eles — completou Miellyn. — Não entendo como os romanos podem agir dessa forma.

— Os melhores entre eles ficariam tão bravos quanto eu e você com alguns desses ultrajes que descreve — arriscou Eilan.

Pensava em Gaius. Ele parecera quase tão raivoso quanto Cynric quando ouvira a história dos romanos em Mona. Não conseguia imaginá-lo matando pessoas indefesas; e, além disso, ele sabia muito bem como era curta e horrível a vida que os homens arregimentados pelos romanos poderiam esperar nas minas, mal alimentados, malvestidos, respirando a poeira envenenada das rochas que mineravam. Se essa punição fosse reservada apenas aos criminosos e assassinos já seria ruim o suficiente, mas levarem o marido da mulher do curral?

Ainda assim, Gaius acreditava que os romanos estavam transformando bárbaros em povos civilizados. Talvez jamais tivesse pensado de fato nas minas, porque ser levado para elas jamais acontecera com alguém de quem ele fosse próximo. Nem Eilan havia pensado muito nelas até que acontecesse com um dos deles. Mas se ela não sabia sobre o que estava acontecendo, certamente o pai e o avô sabiam, e tampouco fizeram algo para impedir.

O vento soprou para o oeste e de súbito as nuvens soltaram sua carga de chuva. Miellyn deu um gritinho e colocou a echarpe sobre a cabeça.

— Vamos nos afogar se ficarmos aqui! — exclamou. — Pegue seus cestos e vamos embora! Se corrermos, conseguimos entrar antes de ficarmos totalmente molhadas.

Mas, ao chegarem ao salão central das sacerdotisas, as moças estavam encharcadas. Eilan sentiu que Miellyn havia gostado da oportunidade de correr.



— Sequem-se, garotas, ou pegarão um resfriado e terei de usar todos os meus remédios cuidando de vocês! — disse Latis, que agora era tão velha que já não podia entrar na floresta para colher ervas, rindo e as enxotando em direção à porta. — Mas voltem para estender as ervas que me trouxeram, ou elas vão mofar, e tanto as plantas quanto o trabalho de vocês serão desperdiçados!

Com a pele ainda vermelha após terem se esfregado em panos secos, Miellyn e Eilan voltaram à destilaria. Construída atrás da cozinha, onde o calor dos fornos mantinha o ar quente e seco, as madeiras do telhado eram tomadas por montes de ervas penduradas; e cestos em que as folhas ou raízes eram colocados para secar pendiam abaixo delas, girando preguiçosamente. Em uma parede havia prateleiras recheadas com potes de cerâmica, e em outra, mais estantes com sacos e cestos de ervas preparadas, organizadamente rotulados com os sigilos da arte dos herboristas. O ar estava azedo.

— Você é Eilan, não é? — Latis perguntou, olhando para ela. Ela própria parece uma raiz seca, pensou Eilan, veitada e enrugada com a idade. — Que a Deusa nos ajude, a cada ano elas ficam mais jovens!

— Quem fica mais jovem, mãe? — perguntou Miellyn, escondendo o riso.

— As moças que enviam para servir à sacerdotisa do Oráculo.

— Eu disse a ela que logo seria enviada à Senhora para ser treinada — disse Miellyn. — Bem, Eilan, agora acredita em mim?

— Ah, eu acreditei em você — respondeu Eilan —, mas achei que certamente optariam por alguém mais velha e com mais habilidades que eu.

— Caillean diria que não querem nenhuma garota muito educada perto de Lhiannon, por medo de que fosse fazer muitas perguntas. Se a sacerdotisa fosse forçada a pensar no que está fazendo, os Oráculos que ela entrega poderiam nem sempre servir às políticas dos druidas com tanta conveniência.

— Miellyn, quieta! — exclamou Latis. — Sabe que não pode dizer essas coisas; nem mesmo em um sussurro!

— Direi a verdade e, se os sacerdotes se opuserem, perguntarei que direito eles têm de me pedir para mentir.

Então, Miellyn baixou a voz.

— Eilan, tenha cuidado! Você está segurando o cesto na diagonal. Tivemos bastante trabalho para recolher essas folhas, não quero que se sujem caindo no chão.

Eilan ajustou o cesto que carregava.

— Há certas verdades que jamais deveriam ser ditas em voz alta, nem mesmo em um sussurro — disse Latis, séria.

— Sim — respondeu Miellyn —, assim me disseram; e normalmente são as verdades que deveriam ser proclamadas pelas ruas.

— À vista dos deuses isso poderia fazer sentido — retrucou a outra. — Mas sabe muito bem que não estamos na presença de deuses, mas de homens.

— Bem, mas se a verdade não pode ser dita em uma casa construída pelos druidas — Miellyn respondeu corajosamente —, onde, em nome dos deuses, isso poderá acontecer?

— Só os deuses sabem! — disse Latis. — Sobrevivi por tanto tempo ficando com minhas ervas, e você faria bem se fizesse o mesmo. Elas, ao menos, falam a verdade.

— Eilan não tem essa escolha — respondeu Miellyn. — Ela ficará presa à grã-sacerdotisa pelas próximas seis luas.

— Seja sempre verdadeira consigo mesma, criança. — A velha Latis segurou o queixo de Eilan com delicadeza, mas de modo que ela não pudesse desviar os olhos. — Se conhece seu próprio coração, sempre terá um amigo que não mente.

A sacerdotisa falara a verdade. Com a chegada da lua seguinte, Eilan foi levada até Lhiannon e recebeu ensinamentos sobre a etiqueta cerimoniosa para servir à grã-sacerdotisa em público, o que, efetivamente, significava todas as vezes em que Lhiannon saía de sua moradia na Casa da Floresta. Aprendeu o ritual para vestir Lhiannon antes das cerimônias, o que era mais complicado do que parecia, pois desde seu início nem mesmo a ponta de um dedo de qualquer ser humano podia tocar a grã-sacerdotisa. E passou a compartilhar com Lhiannon a longa reclusão ritual na qual a sacerdotisa se preparava para os ritos que estavam por vir e a ajudar com o colapso físico que se seguia a eles.

Foi só aí que descobriu o preço que Lhiannon pagava pela grande reverência que despertava. O pronunciamento das palavras dos deuses cobrava um preço alto. Vaga e esquecida como Lhiannon podia ser às vezes, quando usava os ornamentos do Oráculo, outro poder descia sobre ela. Fora escolhida, Eilan percebera, não tanto pela vontade ou pela sabedoria, mas porque, quando era necessário, ela conseguia se desprender totalmente de sua própria personalidade.

E era quando a identidade humana havia sido deixada de lado com as roupas comuns que Lhiannon se abria para que a Deusa pudesse falar por meio dela. E naqueles momentos ela era realmente uma grande sacerdotisa; *quase mais do que humana*, pensou Eilan. O preço de se tornar um veículo para um poder tão grande era físico e mental, e o respeito de Eilan pela sacerdotisa crescia a cada vez que via Lhiannon pagá-lo sem ressentimentos, ou ao menos sem reclamações.

Quando Eilan deixou a Casa da Floresta e os campos em torno dela pela primeira vez, para acompanhar Lhiannon, percebeu o quanto as semanas anteriores haviam mudado sua personalidade. Até mesmo a Casa das Donzelas parecia remota e estranha. Quando as noviças mais jovens saíam de seu caminho, ela mal notava, e só depois percebia que elas a tinham enxergado com a mesma serenidade sobrenatural que a própria Eilan associava a Lhiannon.

Ela imaginava que seria um festival comum de solstício de verão. Havia visto os jogos, o mercado e a grande fogueira do sol sendo acendida muitas vezes antes, mas, depois de meses de reclusão na Casa da Floresta, o barulho das vozes de tantas pessoas era doloroso, e ela se retraía com os odores fortes de humanos e cavalos. Até os panos coloridos que os vendedores colocavam para fazer sombra sobre suas mercadorias agrediam seus sentidos.

O solstício de verão era quando os homens mostravam sua força em competições, para entreter deuses e pessoas e para estimular o crescimento das plantações. Mas, enquanto Eilan assistia às corridas e às lutas, eram os corpos suados dos competidores que mais lhe pareciam nojentos e desvirtuados. Não podia imaginar por que havia desejado se deitar com um homem antes.

O vencedor dos jogos era coroado com uma guirlanda de flores do verão e levado a presidir as cerimônias. Recordando-se do que aprendera dos Mistérios, Eilan observou tudo com novo apreço. Em tempos de necessidade ou, em algumas tribos, a cada sete anos, o Rei do Ano teria observado seu antecessor queimar, e mesmo agora havia algo da antiga santidade nele. O império havia matado ou romanizado os herdeiros dos príncipes britânicos, mas, enquanto homens estivessem dispostos a oferecer sua vida ao povo, não podiam erradicar os Reis Sagrados, que a cada ano eram os fiadores daqueles que não entendiam mais qual era seu papel.

Se houvesse algum grande desastre e um sacrifício se fizesse necessário no próximo ano, apesar das proibições dos romanos, seria sobre aquele jovem que o golpe cairia. E, em reconhecimento do risco, apenas ele entre todos os homens tinha a permissão de se deitar com qualquer mulher que desejasse – até mesmo uma donzela da Casa da Floresta, se a escolha dele fosse essa.

Eilan ficou ao lado de Lhiannon, observando enquanto os guerreiros pegavam tições da grande fogueira e tentavam jogá-los alto com o intuito de fortificar as plantações. O povo havia ficado mais baderneiro com a bebida e a sensação de liberdade que o festival trazia. Mas ninguém a importunaria enquanto estivesse com a grã-sacerdotisa. Nem o Rei do Ano chegava a estender tão longe seus direitos.

Ela se sentou junto de Caillean e Dieda, feliz com a proteção da presença de Lhiannon e a força agigantada do guarda-costas, Huw, atrás dela, e esperava que

as outras sacerdotisas que vieram com elas ao festival estivessem bem.

Apenas depois que várias semanas haviam se passado ela descobriu por que sua amiga Miellyn voltara das festividades tão pálida e pensativa, e por que ela ficava doente com tanta frequência. Foi Eilidh quem lhe contou, um dia em que Miellyn não desapareceu das vistas, mas todos na Casa da Floresta cochichavam as notícias.

— Ela está grávida, Eilan — murmurou Eilidh, e balançou a cabeça, como se ainda achasse extraordinário. — Do vencedor dos jogos. Lhiannon ficou perturbada e muito contrariada quando soube disso, e enviou Miellyn para a cabana de reclusão perto da lagoa branca para meditar sozinha por um tempo.

— Isso não é justo! — exclamou Eilan. — Se ele a escolheu, como ela poderia recusar? Seria impiedade.

Os sacerdotes haviam se esquecido da própria teologia?

— As sacerdotisas mais velhas estão dizendo que ela deveria ter ficado longe dele. Afinal de contas, não há falta de mulheres nessa região da Bretanha. Eu teria achado um jeito de escapar, se ele começasse a olhar para mim!

Eilan precisou admitir que ela também teria buscado uma maneira de evitar ser escolhida. Mas quando Miellyn reapareceu entre elas, as túnicas largas já não escondendo mais o corpo arredondado, teve o bom senso de não dizer isso a ela.

E então o verão continuou, e chegou a época do segundo aniversário de sua chegada à Casa da Floresta.

Quando Eilan havia servido a grã-sacerdotisa em meia dúzia de festivais, perdera todo o entusiasmo de se tornar o Oráculo ela mesma, mas sabia que seus desejos não fariam diferença se ela fosse escolhida pelos druidas. Não podia ignorar que os sacerdotes vinham até Lhiannon antes de cada ritual, segundo eles próprios, para ajudar a prepará-la. Mas, uma vez, quando uma porta se abriu por acidente, ela viu a mulher em transe enquanto Ardanos zumbia em seu ouvido.

Eilan observou com interesse especial aquela noite em que a Deusa foi invocada para descer sobre sua grã-sacerdotisa, retraindo-se enquanto Lhiannon tremia e murmurava, distorcendo algumas respostas, enquanto outras eram ditas com muita clareza. Era como observar um cavalo lutar contra uma rédea forte, como se algo dentro da sacerdotisa resistisse ao poder que fluía através dela.

*Eles a prenderam*, percebeu, horrorizada, ao sentar-se ao lado da cama de Lhiannon naquela noite, quando tudo havia acabado. *Eles jogaram feitiços para que ela pudesse dizer apenas as palavras que vão de acordo com a vontade deles!*

Talvez fosse por isso que, apesar do ritual, algumas vezes a Deusa não vinha, e as respostas de Lhiannon procediam de sua própria sabedoria, ou, talvez, das palavras que os sacerdotes haviam lhe dito. Eilan tinha a impressão

de que em casos assim a grã-sacerdotisa ficava ainda mais exausta. E, mesmo quando o transe era verdadeiro, o Oráculo podia responder apenas às questões que lhe eram feitas; e, com o passar do tempo, Eilan começou a suspeitar de que os druidas controlavam até mesmo quem podia fazer as perguntas. Alguns Oráculos genuínos eram proclamados, mas apenas, descobriu Eilan, em questões de pouca importância. E esses, se viessem da Deusa, geralmente não faziam muita diferença para os que perguntavam ou ouviam.

A primeira reação de Eilan foi protestar, mas para quem? Caillean estava viajando, levando uma mensagem de Lhiannon para a nova rainha de uma das tribos, e Miellyn estava muito preocupada com a chegada da criança para dar atenção aos protestos de Eilan. Quando finalmente havia alguém para escutar, ela já tinha percebido que, ao menos, Caillean e Dieda, já sabiam de tudo. E isso explicava algumas das discussões entre elas e também a ternura às vezes exasperada com a qual Caillean cuidava de Lhiannon.

E a grã-sacerdotisa, acima de todos, deveria entender o que era feito com ela. Mas Lhiannon havia escolhido vir para a Casa da Floresta e permanecer em poder dos sacerdotes; se eles a usavam para dizer o que queriam, certamente era de acordo com o desejo e a vontade dela.

Era esse o estado das coisas quando Eilan acompanhou Lhiannon ao festival de Beltane, quase três anos depois de ter sido dada ao templo.

J á fazia quase dois anos que Gaius ia às terras dos ordovicos quando chegou o terceiro festival de Beltane desde que perdera Eilan. Seu pai não havia falado mais nada sobre a proposta de casamento com a filha de Licinius, mas acabou por transferi-lo para a equipe do governador. O rapaz passara as duas últimas estações marchando por Alba com Agricola, ocupados com o que esperavam ser uma pacificação das tribos das terras baixas. Saqueadores como os que mataram a família de Bendeigid já eram ruins o suficiente, mas ainda havia as tribos livres do norte que ameaçavam o poder do império na Britânia. Para um oficial servindo o exército romano, o luto era uma indulgência. Gaius fazia sua obrigação, e, se a visão do cabelo loiro e os olhos sérios de uma mulher abria suas velhas feridas, ele tomava cuidado para não chorar onde pudesse ser visto.

Estava se saindo tão bem que, quando a campanha em Caledônia entrou em uma suspensão temporária, foi recompensado sendo enviado para acompanhar um grupo de soldados feridos de volta ao acampamento permanente da legião em Deva, enquanto o resto da Vigésima trabalhava em um novo forte nas terras caledônias. Sendo assim, ele logo se viu no sul novamente, descendo a cavalo a estrada da Colina das Donzelas, com um centurião a seu lado e um destacamento de soldados atrás deles.

— Precisamos de um homem de confiança para ficar de olho no festival, e você é o único disponível agora que sabe falar a língua deles bem o suficiente. Algum dia você teria de enfrentar isso, rapaz — disse o pai, quando ele protestou. — Melhor que aconteça de uma vez.

Mas foi só quando Gaius viu a coroa nua da fortificação erguendo-se do seio da floresta e ouviu o mugido do gado reunido que percebeu o quanto aquilo seria difícil para ele. Puxou as rédeas, observando, e o centurião berrou uma ordem para que os homens parassem.

— Parece pacífico o suficiente — disse o centurião. — Independentemente da direção que se toma, as feiras de mercado são bem parecidas. A coisa pode

ficar feia, no entanto, quando se coloca religião no meio.

O soldado riu. Gaius já achava que o homem era uma alma prolixa que pedia um pouquinho de atenção de seus espectadores.

— Passei os primeiros três anos nas legiões no Egito. Eles tinham um deus para cada dia da semana, e cada um com seu próprio festival. Às vezes, quando duas procissões colidiam no centro da cidade, aconteciam umas revoltas terríveis.

— É mesmo? — disse Gaius, educadamente, embora de fato não se importasse com o fato de o homem ter servido no Egito ou no fim do mundo.

Aquele era o mesmo portão pelo qual entrara no festival três anos antes. Ele se lembrava de como a pequena Senara havia descido a rua dançando à frente deles, rindo.

Exatamente como antes, usava roupas de nativo, pois sua tarefa ali era observar se havia revolta no festival. No entanto, aquela família feliz com quem andara por aquele caminho já não existia mais.

— Como era o Egito? — perguntou rapidamente, tentando afastar a memória.

— Ah, como todos os lugares — respondeu o centurião, que então bocejou. — Grandes templos com reis imensamente ricos e grande pobreza nos mercados. Mas era quente — ele completou, estremecendo. — Eu não acharia ruim ter um pouco do sol deles agora. É muito frio e chuvoso aqui na Britânia.

Gaius olhou para o céu nublado. O homem estava certo, não havia notado como estava o tempo antes. Era a única coisa diferente de três anos atrás. Mas, de todo modo, não achava que teria suportado ver o local de novo em um dia de sol forte.

— Não parece se importar muito, no entanto — completou o centurião, com inveja. — Nasceu aqui, não nasceu? Eu mesmo sou da Etrúria. Está ficando cada vez mais difícil por esses dias achar outro latino nas legiões. Servi por todo o império, Egito, Hispânia, Pártia. Mas minha tropa foi feita em pedaços na Pártia, e quando me promoveram a centurião, provavelmente porque fui um dos únicos sobreviventes, fui enviado para cá. Se Apolo de fato descobriu esse país, não admiro o gosto dele.

— Vamos desmontar aqui. — Gaius tomou coragem de repente. — E deixe um homem com os cavalos. Não há espaço para eles lá dentro.

Ouviram mugidos atrás deles enquanto outra manada de gado era levada para dentro dos portões. O centurião berrou uma ordem para que os soldados se movessem para o lado, e ele e Gaius também se afastaram.

— Não faz sentido ir para debaixo dos cascos deles — completou, preguiçosamente. — Não sei quanto a você, mas tenho melhor uso para meus

pés do que levar uma pisada dessas vacas. Está pronto para entrar?

Gaius suspirou. Jamais estaria pronto, mas era um romano, e já não podia mais fugir de suas memórias. Ele estremeceu e jogou um pedaço do manto sobre a cabeça.

— O que exatamente está acontecendo aqui? — perguntou o centurião, enquanto passavam pelos portões atrás do gado. — É algum tipo de festival para os fazendeiros? Faziam isso também no Egito. Tinham um grande touro branco que chamavam de deus; desfilavam com ele pelas ruas usando guirlandas no pescoço e sopravam incenso sobre o gado até que a gente mal pudesse respirar. Aquilo era para tentar deixá-los saudáveis, segundo eles.

— Aqui, jogam ervas no fogo e passam o gado por entre as fogueiras para abençoá-los — respondeu Gaius.

— É engraçado como as pessoas seguem brigando por causa de religião, quando, no fim das contas, é tudo a mesma coisa. Para mim são os sacerdotes que causam os problemas; a maior parte do povo só quer boas colheitas e bebês saudáveis, apenas tentam progredir. Se não é o gado em disparada, são os sacerdotes incitando as multidões. São os druidas que coordenam este festival?

— Não exatamente — disse Gaius. — Há uma sacerdotisa, um pouco como uma vestal, que invoca bênçãos dos deuses.

Por um momento ele fechou os olhos, uma vez mais vendo aquela figura sob o véu, erguendo os braços para a lua.

— Ela vai fazer sacrifícios?

Eles se moviam lentamente em direção à praça central, pois a manada ainda estava diante deles, mugindo ansiosamente e se espremendo diante dos sons e cheiros estranhos.

Gaius balançou a cabeça.

— Hoje em dia, de qualquer forma, os druidas ou quem quer que lidere seus festivais não sacrificam nada além de frutas e flores...

— Ouvi dizer que faziam vários sacrifícios antes, incluindo até mesmo humanos — disse o centurião.

— Portões do Tártaro, não. — Gaius se lembrou de como Eilan ficara indignada quando ele lhe fez essa mesma pergunta. — Na verdade, esse festival é bem calmo. Estive aqui uma vez, e...

— Ah, pelas bolas de Calígula! Alguém assustou as vacas — exclamou o centurião, olhando para a frente deles. — Era isso que eu temia.

Um homem grande em uma túnica xadrez havia revirado uma lanterna, e as vacas se agitaram, mugindo inquietas.

Atrás dele, um velho discursava para a multidão. Mais de cem pessoas haviam se reunido para ouvir. Gaius se aproximou para escutar. Era por isso que



estava ali; para o caso de alguém usar uma reunião pacífica para inflamar uma rebelião. As pessoas na multidão gritavam concordando, ignorando a agitação crescente da manada.

De repente, um rapaz veio correndo com um balde de água, molhando um rapaz que gritava ao passar. O homem se virou, berrando, e a vaca mais próxima jogou a cabeça para trás, mugindo e espetando o animal vizinho com o chifre torto.

— Ah, Hades, agora está feito, essas vacas vão disparar — gritou Gaius, quando uma das vacas da frente saiu em um galope desajeitado, derrubando o vaqueiro de cabeça na multidão.

O discursante ainda falava com o povo, mas agora os membros da multidão que o ouvia gritavam uns com os outros. Dois ou três homens foram levantados, e uma mulher soltou um grito, fazendo com que toda a primeira fila de gado disparasse. Uma vaca mugiu, dando uma guinada, e Gaius viu algo vermelho em seus chifres. Mais alguém gritou. E então homens, mulheres e umas poucas crianças foram dando passos para trás, berrando.

Agora era um empurra-empurra, todos tentando sair do caminho. Em alguns instantes, a praça central se transformou numa confusão total. Mães buscavam os filhos chorando; um dos legionários, desacostumado com gado, foi lançado ao chão e caiu uivando. Gaius lutou para se manter de pé, mas acabou se afastando de seus homens.

De repente, ele sentiu um puxão em seu braço.

— Por favor, você parece forte, precisa me ajudar. A Senhora vai cair! — Uma mulher alta, de cabelos escuros, vestindo uma túnica azul, pegou Gaius pelo braço e o puxou em direção à beirada da praça, onde uma velha envolta em um manto azul estava quase desmaiada sobre duas mulheres com vestidos de linho e coroas de folhas verdes sobre os véus de linho sem tingimento.

Gaius estendeu os braços com cautela e as mulheres lhe entregaram a mulher que seguravam com dificuldade. Ele piscou, reconhecendo a sacerdotisa que invocara a Deusa anos antes. Ele a levantou com cuidado, espantado com a fragilidade daquele corpo dentro das vestes pesadas. A maioria das pessoas fugira, mas o gado ainda estava em disparada furiosa, ou então se separando em grupos de dois ou três animais, com os chifres baixos e as caudas fustigantes, mugindo com rebeldia a qualquer um que tentasse arrebanhá-los.

Próximo a eles, jazia a forma imóvel do gigante que acompanhava a sacerdotisa a todos os lugares.

— O que aconteceu com ele?

— Huw? Ah, ele está bem — respondeu a sacerdotisa mais velha, sem lhe dar muita atenção. — Uma das vacas atravessou alguém com o chifre, e ele não

consegue ver sangue.

*Belo guarda-costas*, Gaius não pôde deixar de pensar.

— Precisamos tirá-la do caminho das vacas — disse ele em voz alta. — Para onde devo levá-la?

— Por aqui.

A sacerdotisa mais alta seguiu na frente, em passos acelerados, através das barracas arruinadas. Gaius ajeitou a sacerdotisa com a cabeça contra seu ombro, aliviado ao ouvir o barulho de sua respiração. Não queria pensar no que lhe aconteceria se a grã-sacerdotisa de Vernemeton morresse em seus braços.

Suas narinas sentiram um odor súbito, e ele logo percebeu que a sacerdotisa dos cabelos escuros os levara até a barraca de um vendedor de ervas. O herborista, gordo e preocupado, foi abrindo caminho para que Gaius pudesse carregar a grã-sacerdotisa para dentro. Ele se ajoelhou e a colocou sobre uma pilha de peles.

O local era escuro e poeirento, com o cheiro fresco das ervas suspendidas em vigas ou já embaladas em sacos de linho. Gaius se endireitou, e seu manto caiu. De trás dele veio um grito súbito de surpresa. Gaius sentiu o coração disparar no peito. Lentamente, pois de repente sentiu que precisava de mais coragem do que fora necessário para enfrentar o ataque de uma tribo caledônia, ele se virou.

A mais baixa das sacerdotisas assistentes havia levantado o véu. Debaixo das dobras de tecido pesado, ele deparou-se com Eilan encarando-o de volta. Sentiu o sangue saindo de sua cabeça; o mundo de repente escureceu, e então voltou a brilhar quando recuperou o fôlego. *Você está morta*, pensou. *Você morreu no incêndio!* Mas mesmo quando todo o resto da visão falhava, ele viu os olhos de Eilan brilhando. Sentiu uma lufada de ar em seu rosto e recuperou gradualmente os sentidos.

— É você mesmo? — disse então, com voz rouca. — Pensei que havia se queimado... Vi o que restou de sua casa depois que os saqueadores vieram.

Ela deu um passo para trás, fazendo sinal para que ele fosse para os fundos da barraca, enquanto as outras sacerdotisas se curvavam sobre Lhiannon, e Gaius, com a cabeça ainda girando, levantou-se e a seguiu.

— Estava fora de casa, ajudando minha irmã mais velha com a filha recém-nascida — ela disse baixo, para que não fosse ouvida. — Mas minha mãe e a pequena Senara estavam lá.

Sua voz falhou. Então, ela parou e lançou um rápido olhar culpado para as outras sacerdotisas.

Na penumbra, envolta em mantos claros, ela parecia um espírito. Ele estendeu a mão para ela; mal podia acreditar que ela estava ali, viva, ilesa. Por

um momento, seus dedos tocaram o linho frio, e então ela se desenlaçou.

— Não podemos conversar aqui — ela disse, sem fôlego —, ainda que não esteja de uniforme.

— Eilan — ele disse rapidamente —, quando posso vê-la?

— Isso não é possível — ela respondeu. — Sou uma sacerdotisa da Casa da Floresta, e não tenho permissão...

— Não tem permissão para falar com um homem?

*Uma vestal*, ele pensou. *A moça que amo é tão proibida para mim quanto uma vestal.*

— As coisas não são assim tão ruins... — ela respondeu, com um sorriso fraco. — Mas você é um romano, e sabe o que meu pai diria.

— Realmente sei — ele disse, depois de um momento, pensando também no que o pai dele diria. O prefeito deixara Gaius sofrer com a morte de Eilan, mesmo sabendo que aquilo não era verdade? Ao espanto pela presença dela, juntou-se uma onda de raiva.

Olhando para os olhos castanhos de Eilan, ele percebeu de repente que durante todo o tempo desde que deixara a casa de Bendeigid jamais se sentira tão vivo.

Ela se mexeu, inquieta.

— Dieda está nos olhando. Ela pode reconhecê-lo. E Caillean, a sacerdotisa mais velha...

— Eu me lembro de Dieda — ele respondeu bruscamente. — Bem, eu também preciso voltar para o meu centurião. Deuses! Estou feliz por vê-la viva — ele disse, intensa e subitamente, mas não se moveu.

As outras duas sacerdotisas agora olhavam para eles, e então Eilan levantou a mão fazendo o gesto de bênção.

— Estamos muito agradecidas — ela disse, tentando controlar a voz que ainda tremia um pouco. — Lhiannon é muito pesada para qualquer uma de nós. Se vir Huw e ele estiver recuperado, pode pedir-lhe que venha até aqui?

— Para mantê-lo a salvo das vacas — ele disse, e foi recompensado pelo brilho súbito do sorriso dela.

— Agora vá.

— Eu preciso ir — ele concordou.

Naquele momento, Lhiannon se agitou, e uma das mulheres se curvou e falou com ela de modo reconfortante. Ao ouvir aqueles tons baixos, Gaius finalmente se deu conta de que Eilan era uma sacerdotisa dos druidas agora.

Ele cambaleou até a saída, e foi só quando já estava do lado de fora da barraca, piscando na luz, que percebeu que não havia se despedido dela. Será que ela estava feliz na Casa da Floresta? Havia escolhido aquela vida ou a teriam

forçado a ir para lá? Hesitou, mas a cortina da barraca já tinha se fechado atrás dele. Enquanto saía, ouviu a voz de Dieda atrás dele.

— Eilan, o que estava dizendo para aquele homem? Ele anda como um romano, deve ser um!

— Ah, acredito que não. — Ele ouviu Eilan dizer lentamente. — Se fosse, não deveria estar usando uniforme? Todo os outros usavam.

Ele ficou parado ali por um tempo, admirado com a astúcia dela. Era, ao menos em parte, a inocência dela que o tinha atraído no começo.

Agora, onde aquele diacho de centurião havia se metido? Ele se forçou a voltar a caminhar. Será que falaria sobre isso a Macellius? E, mais importante, como faria para vê-la de novo? Agora que a encontrara novamente não podia simplesmente deixá-la ir.

Atrás dele, na tenda, Eilan fechava os dedos sobre o coração disparado. Parecia quase impossível que as outras sacerdotisas não pudessem escutá-lo.

Lhiannon se agitou, e murmurou:

— O que aconteceu? Alguém se feriu?

— Algum idiota assustou a manada e ela disparou — respondeu Caillean.

— Como... como cheguei até aqui?

— Um passante a carregou. Huw desmaiou, aquele grande tolo — disse Caillean, secamente. — Agora seu salvador já se foi; mas Eilan o abençoou em seu nome.

Eilan, ouvindo, pensou que fora sorte Gaius não estar usando o uniforme romano, e se perguntou o motivo de ele estar disfarçado entre os nativos. Imaginou como ele ficaria no uniforme das legiões. *Certamente ficaria belo, bem, mas ele é bonito de qualquer modo*. Balançou a cabeça, sabendo que não deveria pensar nele daquela maneira, principalmente ali, junto das outras sacerdotisas. Aquela parte de sua vida havia acabado.

— Primeiro se certifique de que Huw está bem, então o traga até aqui — ordenou Lhiannon. — Se o gado disparou, com certeza demorará para que consigam ordenar os animais novamente, então ficaremos aqui pelo resto do dia.

Eilan saiu à luz do sol. Encontrou Huw sentado no chão, pouco consciente e ainda zozinho.

— A Santa Senhora está bem?

— Está, mas não graças a você — disse Eilan, aborrecida. — Ela desmaiou, e um homem que passava a carregou para a barraca do vendedor de ervas.

— Onde está todo o gado?

Eilan olhou em volta e percebeu que Lhiannon estava errada. Na praça, as

peessoas estavam arrumando as barracas que haviam caído e conversando; não havia uma vaca à vista.

— Só os deuses sabem, e talvez os vaqueiros; elas dispararam.

Ela também notou que o homem que fora chifrado já tinha sido levado pelos amigos.

— É por isso que chifraram aquele homem; estavam assustadas — disse, secamente.

— Foram os romanos que as assustaram — murmurou Huw, ficando de pé novamente, com dificuldade. — Entraram marchando, fazendo barulho e com aquelas armaduras brilhantes. Uma praga sobre eles! Afinal de contas, o que é que eles estavam fazendo aqui? Acharam que a bênção do gado era alguma reunião ilegal? — ele perguntou, irritado. — Bem, pelo visto, não haverá bênção do gado hoje. É melhor eu levar a Senhora para casa. Com romanos aqui, é provável que tenhamos mais problemas — ele completou, com um tom queixoso.

Não pela primeira vez, Eilan se perguntou por que Lhiannon tolerava aquele grande imbecil. Ele era pouco eficiente como guarda-costas, e ela não percebia qual a utilidade que ele poderia ter. Se Eilan algum dia estivesse no posto de sacerdotisa do Oráculo – por menos que desejasse –, a primeira coisa que faria seria se livrar dos serviços daquele guarda gigante.

Um mês após Beltane, Eilan foi chamada por Lhiannon e encontrou a grã-sacerdotisa acompanhada de um homem que, de um modo estranho, lembrava Cynric e também uma menininha, de oito ou dez anos, com cabelo avermelhado e mechas douradas de sol.

Eilan sorriu para a criança, que olhou de volta timidamente. Lhiannon disse:

— Hadron faz parte da Irmandade do Corvo. Conte-nos sua história, Hadron.

— Ela é bastante curta — disse o homem. — Tenho um irmão de criação que se juntou à legião como auxiliar e intercedeu por mim, pois do contrário eu teria sido mandado para as minas de chumbo. Depois da intercessão dele, a pena foi revogada e minha vida foi poupada, e assim tenho de cumprir dez anos de exílio de qualquer propriedade romana. Agora preciso fugir para o norte, mas não posso levar uma menina pequena comigo.

— Então qual é o problema? — Eilan sabia que Lhiannon tinha autoridade para simplesmente acolher a menina na Casa da Floresta sem consultar ninguém. E o fato de que ela ainda não fizera isso significava que havia alguma

dificuldade.

— Ela me parece jovem demais para um lugar entre nós — disse Lhiannon, franzindo a testa. — Não sei o que dizer a ele.

— Se isso é tudo — respondeu Eilan —, ficarei feliz em cuidar dela até que possa ser enviada para ser criada em outro lugar. Ou há alguma parente que possa responsabilizar-se por ela?

— Não há — disse o homem. — Minha mulher era romana de nascimento, e sei pouco de seus parentes mais próximos.

— Então sua filha é parte romana? Não pode enviá-la para os parentes dela? — perguntou Lhiannon.

— Minha mulher se desentendeu com a família para se casar comigo; ela me implorou no leito de morte para que eu jamais a deixasse cair nas mãos deles. Então, pensei que pudesse deixá-la aqui sob o cuidado das sacerdotisas... — respondeu o homem, de modo sombrio.

Lhiannon disse severamente:

— Nós não somos um refúgio para órfãos. Embora possamos vir a abrir uma exceção para um membro da Irmandade dos Corvos.

Eilan olhou para a menina e pensou na irmãzinha, morta nas mãos de saqueadores três anos antes. Se Senara estivesse viva, quem estaria cuidando dela? Tinha esperado cuidar do bebê de Miellyn como uma espécie de substituto para a irmã perdida, mas a moça havia abortado o filho do Rei do Ano.

— Eu cuidaria dela com gosto, Lhiannon.

— Foi por isso que a chamei aqui. Você ainda não se comprometeu com nenhuma tarefa exigente aqui entre nós — respondeu Lhiannon —, embora essa vá além das exigências normais. Mesmo assim, se realmente quiser ir adiante com isso, colocarei esta pequena refugiada sob seu cuidado.

Ela fez uma pausa e perguntou a Hedron:

— Qual o nome dela?

— Minha mulher a chamava de Valeria, minha senhora.

Lhiannon fez uma careta.

— É um nome romano; aqui ela não poderá ser chamada assim.

— Minha mulher desistiu de toda a família para se casar comigo — disse Hedron. — O mínimo que podia fazer era permitir que ela desse seu nome de família à criança.

— Mesmo assim, ela deve receber um novo nome se vai viver aqui conosco — disse Lhiannon, com firmeza. — Eilan, quer escolher um?

Eilan olhou para a menina, que a observava com olhos assustados. Ela já havia perdido tudo; agora perderia o pai e até o nome.

— Com sua permissão, a chamarei de Senara — disse Eilan gentilmente.

— Esse serve muito bem — respondeu Lhiannon. — Agora vá! Encontre um lugar para ela dormir e roupas adequadas. Quando tiver a idade certa, pode fazer votos e ficar conosco como sacerdotisa, se assim desejar.

Quando Hadron já havia ido embora, Eilan olhou novamente para a menininha, que observava absorta a Senhora.

— Sinto muito por encarregá-la disso, Eilan. Nunca tive de lidar com uma criança dessa idade. O que faremos com ela? — disse Lhiannon.

— Talvez possa ser mensageira — Eilan passou o braço em torno da menina e sorriu.

Lhiannon assentiu.

— Já que ela não fez votos, talvez possa carregar mensagens além de nossos muros.

— Ela é um pouco jovem para isso, mas, se realmente está incerta sobre deixá-la ficar, talvez possamos perguntar entre os romanos — sugeriu Eilan. — Apesar do que Hadron disse, a família da mãe pode querê-la. Deveríamos ao menos nos certificar.

— É uma boa lembrança — concordou Lhiannon, de modo um pouco vago, a atenção já se voltando para outro lugar. — Cuide dela, Eilan, se quiser.

A pequena mão deslizou com confiança na dela, e algo no coração de Eilan, dolorido desde que perdera a irmã, por fim pareceu começar a se acalmar. Enquanto atravessavam o pátio, ela perguntou para a menina:

— Ficou infeliz por ser chamada de Senara? Era o nome de minha irmã.

— Não, nem um pouco — a menininha respondeu. — Onde está sua irmã? Ela está morta?

— Morta ou levada para além dos mares — respondeu Eilan. — Pobre de mim, que não sei que fim ela levou.

E então ela se perguntou por que jamais pedira a Caillean uma palavra sobre os destinos da irmã e da mãe quando a sacerdotisa praticava a vidência. Será que era porque preferia pensar em Senara morta pacificamente do que vivendo na escravidão?

Ela olhou para a menina, buscando sinais de sua ascendência romana, e pensou em Gaius. Como filho do prefeito, Gaius podia descobrir tudo o que quisesse. E, antes que Valeria se tornasse Senara para sempre, ela sentia que devia à criança ao menos uma tentativa.

Enquanto Eilan mostrava a ela onde dormir e encontrava roupas de cama e um vestido de noviça que poderia ser cortado para ela, percebeu que pensava em Gaius quase tanto quanto na garota.

Onde estaria ele agora? Estaria pensando nela com tanta avidez quanto ela pensava nele? Havia lançado algum feitiço sobre ela, para que não só não

conseguisse pensar em mais nada, mas também não quisesse? Ela suspirou, relembrando a força na voz dele, o belo rosto e forma, o leve sotaque com que falava o nome dela e o beijo demorado nas fogueiras de Beltane três anos antes.

*Naquele dia não percebi totalmente o que ele queria de mim, ela pensou. Era muito jovem para saber – ou me importar. Mas agora sou mais velha e começo a entender. O que joguei fora? Então lhe veio o pensamento: Para o resto da vida seguirei sem ser amada? Até ficar velha e sem amor como Lhiannon?*

A quem poderia perguntar sobre o assunto? A quem poderia contar? Dieda entenderia, mas, separada de seu amor, certamente não sentiria empatia. Caillean, maltratada e sem amor tão jovem, ficaria brava. E, se a boa Caillean não seria capaz de entender, como poderia esperar que qualquer outra pessoa o fizesse?

Não havia ninguém a quem ela pudesse descrever a necessidade faminta em seu coração de vê-lo apenas uma vez mais, mesmo se depois jamais pudesse colocar os olhos nele de novo.

Na manhã seguinte, quando cortava pão e queijo para Senara, perguntou:

— Você se lembra de qualquer coisa sobre seus parentes na cidade romana?

— Eles não estão na cidade, Eilan. Acho que o irmão de minha mãe era algum tipo de oficial romano; ele escrevia cartas para o prefeito do acampamento, coisas assim.

— É mesmo?

Eilan a fitou. Certamente os deuses sorriam, pois aquele homem deveria ser secretário do próprio pai de Gaius.

Ela pensou por um momento em confidenciar aquilo à criança, mas, depois de refletir um momento, decidiu que era melhor não fazer isso. Se uma sacerdotisa da Casa da Floresta fosse descoberta na companhia de um romano, não importava quanto seus motivos fossem inocentes, isso significaria problemas para todos os envolvidos. E tratava-se de motivos inocentes?



N aquele mesmo dia, Valerius, que era secretário de Macellius, aproximou-se de Gaius abalado e sem fôlego.

— Acabei de saber que minha irmã está morta — disse ele.

— O que aconteceu? — Gaius perguntou, enquanto andavam pela praça de armas em direção ao escritório do pai.

— É uma longa história — respondeu Valerius. — Perdi contato com a minha irmã quando ela se casou, e não a vi mais que uma dúzia de vezes no mesmo número de anos.

— Ela se mudou para longe?

Valerius soltou um riso curto.

— Apenas para Deva, mas ela se casou com um homem das tribos, então meu pai a renegou.

Gaius assentiu. Se já era ruim o suficiente um romano se casar com uma nativa de uma casa principesca, sabia que a sociedade romana veria ainda com piores olhos uma filha que fugiu com um amante nativo.

— Uma velha que foi minha babá e de minha irmã me enviou a notícia da morte dela — continuou Valerius —, e, fazendo umas perguntas, descobri os problemas que o marido dela vem enfrentando. Eu o vi apenas uma ou duas vezes, mas ele tem um irmão de criação que é um adjunto, e ele me contou que Hadron é um dos Corvos e foi proscrito. O problema é que ela deixou uma filha pequena, e não sei o que aconteceu com a criança. Você não conheceu alguns Corvos?

— Conheci alguns, sim — respondeu Gaius, pensando em Cynric. Considerando as condições do nascimento de Cynric, não se espantava com o fato de o rapaz ter entrado em uma sociedade secreta voltada para a vingança. *Em circunstâncias similares*, pensou, *eu teria me sentido da mesma maneira...*

— De um jeito ou de outro preciso encontrar a filha de minha irmã. O irmão de criação de Hadron, como disse, é um adjunto, então ele não tem uma mulher com quem possa deixar uma menina pequena, o que faz de mim o

parente mais próximo dela. Consegue me ver como o guardião de uma menininha? Não vejo a criança desde que usava cueiros. Hoje em dia, acho que já deve ter por volta de oito anos.

— Primeiro precisamos encontrá-la... — disse Gaius, devagar. Pensou em procurar por Cynric, que talvez soubesse para onde Hadron fora com a filha. E, para além disso, o rapaz, que sabia o sofrimento de ser separado de sua amada, ainda poderia ajudá-lo a ver Eilan novamente.

— Pode realmente me ajudar nessa questão? — Valerius atrasou o passo. Estavam quase no escritório do prefeito agora, e o secretário sabia bem que Macellius não aprovava nenhum contato entre o filho e o povo da mãe dele.

— Talvez... — disse Gaius, com cautela. — Na realidade, acho que conheço alguém que pode descobrir isso para você.

Soubera que Cynric havia sido chamado para o sul para se juntar aos legionários que foram enviados para punir os saqueadores que queimaram a casa de Bendeigid. Na época, ficou surpreso, mas a vingança geralmente traz alianças estranhas. Diziam que Cynric agora trabalhava com os adjuntos, como guia e intérprete. Gaius, então, se perguntava se ele tinha mudado de ideia ou se ainda fazia parte dos Corvos.

Se tentasse entrar em contato com Cynric por meio dos canais do exército, seu pai tomaria conhecimento, mas sabia que acabaria encontrando o jovem bretão cedo ou tarde nas tavernas que serviam o forte.

— Que Bona Dea o abençoe! — Valerius estendeu o braço para apertar a mão de Gaius.

Nesse momento, a porta do escritório se abriu, e os dois tomaram postura militar.

Poucos dias depois, Gaius, atravessando o mercado lotado de Deva, viu Cynric, com seus ombros e cabeça acima da multidão. Seus cachos haviam escurecido um pouco e a barba parecia começar a crescer no rosto. Gaius chamou por ele, viu Cynric olhá-lo, franzir as sobrancelhas, concluir que não conhecia aquele jovem oficial e, por fim, se preparar para seguir.

Gaius esbravejou e se enfiou pela multidão para encontrá-lo.

— Espere, homem... Não me reconhece? — Ele parou, retesando-se enquanto os olhos azuis do outro baixavam e escureciam. Certamente o rapaz não o acusaria de enganação agora, quando também estava servindo Roma. — Acho que ainda lhe devo uma bebida por me tirar daquela armadilha para javalis — disse, amistosamente. — Há uma tenda de vinhos ali, vamos experimentar o que eles têm a oferecer.

Gaius deu um suspiro de alívio quando a careta de Cynric se transformou em um sorriso arrependido.

— Agora eu me lembro — ele disse —, mas não acredito que seu nome verdadeiro seja Gawen. Como devo chamá-lo, tribuno?

— Na verdade — disse Gaius —, minha mãe me batizou como Gawen e me chamou assim até morrer. Eu lhe disse a verdade, até onde pude. Mas na cidade romana uso o nome de meu pai: Gaius Macellius Severus. Minha mãe era da tribo dos siluros; levo a alcunha Siluricus por causa dela.

— Se soubesse disso na época, você sabe que eu o teria matado — admitiu Cynric. — Mas muita coisa aconteceu desde então. Beberei com você, romano, ou seja lá o que você que for.

Na penumbra empoeirada da tenda de vinho, Gaius disse:

— Senti muito quando soube do incêndio em sua casa. Não teria ficado mais angustiado se minha própria família tivesse sido morta por aqueles bastardos da Hibérnia. Fico feliz que seu pai não tenha se ferido, e não posso dizer o quanto sinto pela morte de sua mãe.

— Ela era minha mãe adotiva — observou Cynric —, mas, em nome dela, agradeço. Há um ditado no norte que diz que o laço de sangue dura três gerações, mas o da criação dura sete. E, realmente, a mulher de meu pai de criação era tão boa para mim como se eu tivesse nascido dela.

— Era realmente uma senhora adorável — concordou Gaius. — E também por sua causa eu sofri pela morte dela.

Se tivesse se casado com Eilan, teria recebido aquele homem como irmão. E, no entanto, por um acidente de nascimento, ele e Cynric estiveram por tanto tempo em lados opostos daquela luta. *Ao menos outros povos além dos romanos também cometem ultrajes*, pensou.

— Vi as cinzas de sua casa, mas meu pai me enviou imediatamente para o norte depois. Talvez tenha dado um golpe ou dois em nome dela contra aqueles caledônios. Fiquei feliz em saber que os saqueadores da Hibérnia foram punidos.

— Ao menos eu também pude dar um golpe por eles. Foi a primeira vez em minha vida que não tive vergonha do sangue romano em minhas veias — continuou Cynric. — Acho que aquele Beltane em que você se hospedou conosco foi a última vez em que estivemos todos felizes juntos. Os que sobreviveram agora estão todos espalhados.

— Estive na Colina das Donzelas no último Beltane — disse Gaius, cuidadosamente. — Vi Dieda e também Eilan, sua irmã de criação, por lá. Fiquei feliz em saber que ela sobreviveu.

— Sim — disse Cynric, sucintamente. — Ela está na Casa da Floresta. Agora é uma sacerdotisa da Grande Deusa. Quanto a Dieda, ela é parente de

Eilan, mas não minha. E nem será, se ficar lá!

— Tenho um amigo nas legiões — disse Gaius, então.

Cynric riu.

— Bem, isso não me surpreende...

Gaius balançou a cabeça.

— A irmã dele se casou com um bretão e foi rejeitada pela família. Eles tinham uma filha, mas agora a irmã está morta, e dizem que o marido está foragido. Meu amigo quer encontrar a menininha.

— Foragido... — disse Cynric, pensativo. — E por que está me contando isso?

— Porque dizem que ele é um dos que voam à meia-noite...

— Muitos pássaros voam à meia-noite — disse Cynric, fitando o vinho. — Qual o nome do homem?

— Hadron — disse Gaius. — A mulher dele se chamava Valeria.

— Não tenho muita informação sobre os pássaros — respondeu Cynric —, mas posso perguntar.

— É possível que tenham levado a criança para a Casa da Floresta? Suas parentes saberiam?

— Posso perguntar — disse Cynric.

*Gostaria de perguntar eu mesmo*, pensou Gaius, mas não sabia como dizê-lo. E como saberia se Eilan também queria vê-lo? Se ela estava feliz na Casa da Floresta, ele estaria apenas perturbando a paz dela ao tentar encontrá-la novamente? Já havia cumprido sua obrigação com Valerius. Deveria dar alguma desculpa e desaparecer novamente?

Gaius percebeu que havia ficado muito tempo em silêncio, perdido em seus pensamentos, quando Cynric encheu novamente seu copo com o vinho da jarra e o empurrou de volta para ele.

— Há mais do que uma criança perdida nessa história — disse o bretão. — O que realmente quer me dizer?

— Preciso ver Eilan novamente — Gaius deixou escapar de repente. — Juro que não quero causar nenhum mal a ela. Só quero saber se está feliz lá.

Por um momento Cynric olhou para ele, depois jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada que atraiu o olhar de todos no lugar.

— Você está apaixonado! — Ele riu novamente. — Deveria ter reconhecido os sintomas. Afinal de contas, minha própria garota também não está trancada atrás daqueles mesmos muros?

— Mas você é um parente — disse Gaius, sério. — Vão deixar que fale com ela. Será que poderia combinar algo para mim?

— Por que não? — Cynric sorriu. — Nunca vi nenhuma razão para

manterem as sacerdotisas todas engaioladas. Isso é algo que vocês romanos fariam. Dieda nunca quis me ver ou falar comigo desde que entrou lá, mas minha irmã de criação não é uma prisioneira. Vou ver o que posso arrumar para você. — Ele terminou de beber o vinho no copo. — Esteja na beirada do caminho para a Casa da Floresta daqui a três dias, uma hora depois do meio-dia.

Enquanto Eilan esperava na floresta perto do Bosque Sagrado, no brilho incomum do sol do início do verão, ficou surpresa ao perceber que tremia. No começo, quando Cynric lhe falou sobre um encontro com Gaius, aquilo parecia ter sido a resposta a uma prece especialmente ardente. Mas logo percebeu que a coisa mais perigosa do mundo é uma prece atendida. Suas chances de manter o encontro em segredo eram mínimas. E ninguém acreditaria na inocência dela se fossem descobertos.

No fim, fora pedir conselho a Caillean.

— Não há nada que possa fazer, já que pediu que ele viesse, além de encontrá-lo conforme o combinado — respondera Caillean. — Mas estarei perto o suficiente para escutar durante todo o tempo. Assim, se me perguntarem depois, posso confirmar e jurar que vocês dois não trocaram nenhuma palavra que não pudesse ser dita na frente dos pais de ambos. Aceita isso?

Eilan baixou a cabeça, concordando, e então se virou para sair. Na verdade, estava até um pouco aliviada. Se precisasse falar com ele na presença da sacerdotisa, então não haveria como ele pedir a ela qualquer coisa de... perigoso.

— Espere — disse Caillean. — Por que me contou isso? Certamente não imaginou que lhe daria alguma espécie de aprovação!

— Não estou fazendo nada que quebre meus votos. — Eilan olhou diretamente para a mulher. — Mas sei que línguas ferinas podem enfeitar uma história. Então, achei que me aconselharia a fazer o que considera correto, independentemente de como você se sente em relação a isso!

Eilan se virou mais uma vez e foi embora. Mas recordou-se com alguma satisfação do rubor vermelho que manchou o rosto da outra sacerdotisa.

E assim ela esperava, sabendo que, com a observadora implacável que tinha, não havia nada a temer. Se antes lhe tivessem perguntado se ela tinha medo de Gaius, teria respondido que não sem hesitar. Mas, conforme as sombras iam se encurtando, ela começou a ficar assustada e depois apavorada.

— Ah, Caillean — ela se virou para a outra mulher, sentada em uma pedra na borda da clareira, trabalhando em uma peça de bordado —, o que vou dizer a ele?

— Por que me pergunta isso? Não sou a pessoa mais indicada para

aconselhar uma moça sobre sua conversa com um homem — respondeu Caillean, com um sorriso irônico.

Eilan suspirou. Enquanto o tempo passava, ela se deu conta de que ele poderia levar bastante tempo na viagem desde Deva. E, enquanto esperava, segurava na mão de Caillean.

Será que estava tomando parte em uma coisa que não era, enfim, da conta dela? Não, disse a si mesma com firmeza. Era claramente obrigação dela descobrir tudo o que podia sobre os parentes sobreviventes da criança. Tendo convencido a si mesma, continuou à espera de Gaius, e seu coração disparou quando por fim viu a sombra dele no caminho.

Era a primeira vez que o via com o uniforme e o capacete da legião romana; ficou impressionada com o quanto ficavam bem nele. Parecia mais alto sob o capacete de crista vermelha, e a cor ressaltava os olhos escuros. Se ficou surpreso em encontrar duas mulheres em vez de uma, demonstrou esse sentimento apenas no desvio momentâneo dos olhos em direção a Caillean. Saudando as duas, levantou o capacete da cabeça e o colocou sob o braço.

Eilan percebeu que o observava. Jamais dera mais que um olhar instantâneo para um oficial romano de uniforme completo; e isso enfatizava as diferenças entre eles. *Mas ainda assim*, pensou, *pelas leis deles, somos todos romanos*. Aquele pensamento era novo, e foi como uma revelação para ela.

Ele a olhou e sorriu, e subitamente tudo que ela queria lhe dizer sumiu de sua mente. Gaius desviou o olhar de Eilan para a sacerdotisa mais velha, pensando em que diabos diria a ela. Jamais imaginara que haveria uma terceira pessoa no encontro. Não correria o risco de enfurecer os pais de ambos para trocar umas poucas observações cautelosas na presença de um verdadeiro dragão.

No entanto, ao notar o olhar divertido de Caillean, sua raiva esfriou. Se Eilan agora era uma virgem vestal, uma sacerdotisa da Casa da Floresta, não poderia culpá-la por desejar uma testemunha que poderia confirmar que não quebrara seus votos. Ele se perguntou como poderia deixar claro naquele momento que ela era tão sacrossanta para ele quanto a Virgem no templo de Vesta. Lembrou-se de como ficara impressionado com a confiança que ela havia demonstrado quando se sentou a seu lado na fogueira de Beltane e de como ficara tocado com a inocência dela.

Caillean, é claro, era outra história. Ele logo percebeu que a mulher mais velha não confiaria nele – nem mesmo nela – se estivessem fora de sua vista, e sentiu-se indignado por causa de Eilan. No entanto, considerou o fato de que provavelmente a sacerdotisa fora criada ouvindo as lendas dos ultrajes romanos. Para as mulheres da Casa da Floresta, o simples fato de ser romano e homem era

suficiente.

Mas a verdade é que se Caillean não estivesse ali, ele poderia não ter resistido à vontade de beijar Eilan; ela estava muito tentadora no vestido de linho claro que destacava o dourado do cabelo. Pensou que o vestuário era uma espécie de roupa padrão entre as sacerdotisas, pois Caillean usava o mesmo tipo de pregas, mas o vestido dela era azul-escuro e pouco vistoso. Cada uma tinha um pequeno punhal curvado pendurado no cinto.

Depois de um momento, Eilan começou a contar-lhe sobre a menina na casa das sacerdotisas, não com muita coerência, mas ele logo imaginou que deveria ser a filha da irmã de Valerius.

— Mas isso é espantoso — exclamou. — Acho que deve ser a mesma menina sobre a qual vim lhe falar, a sobrinha do secretário de meu pai. Quantos anos ela tem?

— A Deusa deve realmente estar nos guiando — disse Eilan. — Acho que ela não passou dos dez anos.

— Ah, bem, ainda não tem idade para se casar — ele afirmou, pois a lei romana não permitia o casamento de uma menina com menos de doze anos. E, então, completou, bem-humorado: — E isso é bom, pois se fosse um pouco mais velha Valerius provavelmente sentiria estar obrigado pela honra a fazer-lhe algum arranjo. Mas, sendo assim, ele é que terá de se casar, para poder oferecer à garota um lar.

— Isso não é necessário — disse Eilan. — A menina está bem e feliz onde está; pode dizer isso a ele.

Gaius franziu a testa. Ele sabia que para Valerius, que vinha de uma família tradicional, não seria apropriado que uma parente vivesse longe de sua proteção. Mas o secretário não tinha outros familiares para cuidar da menina agora, e talvez a palavra de Eilan de que cuidaria pessoalmente da saúde e da segurança da criança bastaria a ele.

Afinal, em Roma, não havia maior honra para uma menina do que ser levada para o templo de Vesta. Enquanto mantivesse sua posição ritual, seria tratada como rainha, ou ao menos imperatriz. De alguma maneira, faria com que Valerius entendesse.

Percebeu que ainda fazia observações inúteis sobre a menininha, a quem nunca havia visto, quando notou que Caillean olhava para ele. Já tinham dito tudo que podiam dizer legitimamente um ao outro, e começavam a se repetir. Era hora de dizer adeus.

Fez uma pausa, olhando Eilan com melancolia. Imaginava que jamais teria outra oportunidade para falar com ela, mesmo com tão pouca privacidade. Teria gostado de se despedir dela de modo apropriado, mas certamente não poderia

fazer isso sob o olhar de Caillean. E, além do mais, não deveria se expor àquele tipo de tentação. Mas Eilan ainda o olhava com os olhos cheios de dúvida.

— Eilan... — ele gaguejou, pois Caillean observava também. — Você sabe o que eu gostaria de lhe dizer...

Ele estendeu a mão, sem ousar tocar a dela, e então, enquanto Caillean tossia, fez uma saudação formal de adeus, e viu no sorriso de Eilan sua resposta.

Quando ele havia se retirado, Eilan correu para Caillean.

— Então é esse o romano que faz você sonhar acordada a ponto de não poder estufar um colchão com palha direito. Não entendo; ele não me parece especial.

— Bem, não esperava que fosse gostar dele — protestou Eilan —, mas ele é bem-apanhado, não é?

— Não acho que seja mais que qualquer outro romano — observou Caillean. — Ou, no que diz respeito a isso, qualquer outro homem. Para mim, seu irmão de criação Cynric é bem mais bonito. Ele tem um rosto mais gentil e não parece pensar que o mundo gira de acordo com suas idas e vindas.

Eilan imaginava que não havia explicação para gosto; ela mesma não achava Cynric particularmente bonito, mas Dieda sem dúvida achava. Gaius, no entanto, tinha algo de diferente. Para ela, ele não parecia tipicamente romano, de nenhuma maneira. Aliás, ela acreditava que nem o próprio Gaius pensava que sua linhagem romana fazia dele alguém especial. *Decerto não pensa assim, se por um tempo pensou em abandonar sua família para se casar comigo*, disse a si mesma.

Jamais havia, por um instante, considerado se casar com mais ninguém, mesmo que o mundo estivesse cheio de homens. Percebia agora o quanto pensar em Gaius se colocara entre sua antiga vida e o que agora lhe parecia natural.

— Eilan, está sonhando acordada de novo — repreendeu Caillean, incisivamente. — Vá encontrar Senara e diga a ela o que descobriu. Depois, vá ao encontro de Latis para sua aula de hoje. Se conseguir prestar atenção, um dia saberá tanto sobre ervas quanto Miellyn...

Após a advertência, Eilan foi cumprir suas obrigações. No entanto, ela não conseguia resistir a repassar obsessivamente cada palavra que dissera a Gaius, e cada palavra que ele lhe dissera. Não podia acreditar que jamais o veria ou falaria com ele de novo. Ela ainda sentia que ele continuaria fazendo parte de sua vida, mesmo após a despedida formal.

Naquela noite, quando foi até os aposentos de Lhiannon para iniciar seu turno a serviço da grã-sacerdotisa, a mulher mais velha a olhou consternada.

— O que é isso que ouvi? Você saiu do templo para se encontrar com um homem? Esse não é o comportamento esperado de uma sacerdotisa da Casa da



Floresta. Estou desapontada com você — censurou.

Eilan ficou vermelha, furiosa. Mas era por isso que pedira a Caillean para testemunhar o encontro, afinal de contas.

— Não disse a ele uma palavra que não pudesse ser dita na presença de todos vocês.

Lhiannon suspirou.

— Eu não disse que o fez, mas o fato é que não foram ditas na presença de todos nós, e com certeza haverá falação. Com a graça da Deusa, Caillean estava lá; mas ela deveria saber que não podemos nos dar ao luxo de despertar nem mesmo uma suspeita de escândalo. Mas, sendo assim, é ela, e não você, que será punida por isso. Mas eu lhe imploro, antes de fazer qualquer coisa do tipo novamente, pense que causou a punição de outra pessoa. Você é jovem, Eilan, e os jovens são sempre imprudentes.

— Punida? Mas isso não é justo! O que fará a ela? — perguntou Eilan, apreensiva.

— Não baterei nela, se é o que está pensando — disse Lhiannon, sorrindo. — Mesmo quando ela era uma menina pequena, jamais bati em Caillean. Talvez devesse ter batido. Quanto à punição, quem deve contar é ela, caso queira.

— Mas, Mãe — protestou Eilan —, foi a Senhora quem me disse para descobrir se a criança tinha família.

— Não disse que deveria perguntar entre os romanos — respondeu Lhiannon, com irritação.

Nesse momento, Eilan se perguntou como poderiam esperar que descobrisse os parentes de uma criança romana se não fosse falando com eles próprios.

Mais tarde, entre as sacerdotisas, Eilan encontrou uma oportunidade para falar com Caillean.

— Lhiannon me contou que teve de puni-la. Pode me perdoar? Vai ser um castigo muito ruim? Ao menos, ela me disse que não vai bater em você.

— Não vai — respondeu Caillean. — Há uma casa na floresta. Ela provavelmente vai me mandar passar um tempo meditando sobre meus pecados enquanto limpo os arbustos e as ervas daninhas em volta do lugar e coloco tudo em ordem. Não é uma grande punição; Lhiannon provavelmente não percebe que, na verdade, é um luxo para mim ficar sozinha com minha música e meus pensamentos. Então, não deve pensar que estou sendo maltratada.

— Sozinha na floresta? Mas não vai ficar com medo?

— Deveria ter medo do quê? Ursos? Lobos? Andarilhos? Os últimos ursos desta parte do mundo foram capturados há trinta anos. Há quanto tempo não vê nem um tapete de pele de lobo no mercado? E quanto aos homens, você tem

bons motivos para saber que posso me defender muito bem de qualquer vivente. Então, não, não tenho medo.

— Eu ficaria apavorada — disse Eilan, sombriamente.

— Tenho certeza disso. Mas eu não tenho medo da minha própria companhia. E posso pensar em minha música o quanto desejar, sem uma lição ou uma obrigação para interferir. Então, eu ficarei bem contente por lá — Caillean lhe assegurou. — Não há nada nessa punição, se ela insiste em chamar assim, que me perturbe.

Eilan não disse mais nada, e sabia que, ao menos no que se tratava dos serviços prestados à Lhiannon, ela e Dieda dividiriam as tarefas de Caillean com gosto. Ela amava Lhiannon, apesar de suas falhas, e sabia que sua parente também a amava; mas sentiria falta de Caillean.

Agora lhe ocorria que, se Lhiannon fosse um tipo diferente de pessoa, ela mesma poderia ter apanhado ou sido punida severamente. Não importava o que Caillean achasse da punição, fora Eilan que a havia causado. Sentia-se culpada por isso, mas não o suficiente para se arrepender do encontro com Gaius. Desejava apenas que pudesse ter dito metade do que gostaria, embora não soubesse exatamente que palavras diria.

Quando Caillean partiu da Casa da Floresta, Eilan percebeu que a sacerdotisa não era uma das favoritas entre as outras mulheres ali. Apenas Miellyn e Eilidh pareciam ser realmente amigas dela – além de Lhiannon, é claro.

O tempo mudava conforme o verão seguia em direção ao outono. Quando o equinócio se aproximou, choveu, e uma noite, já tarde, enquanto as mulheres da Casa das Donzelas estavam sentadas em torno da lareira, Eilan se pegou pensando em Caillean em seu exílio. Será que o teto da cabana tinha goteiras? Como ela reagiria ao silêncio na solidão da floresta?

As mulheres estavam inventando adivinhações, mas, depois de um tempo, cansadas do passatempo, pediram a Dieda para cantar ou contar uma história.

— O que gostariam que eu contasse? — perguntou Dieda, concordando com o pedido das outras.

— Conte uma lenda do além-mundo — disse Miellyn. — Conte como Bran, filho de Febal, viajou para as terras do oeste. Todos os bardos sabem contar essa.

E assim Dieda meio contou, meio entoou a lenda de Bran e seu encontro com o deus do mar Manannan, Senhor da Ilusão, que transformou o oceano em um bosque de árvores floridas, os peixes em pássaros voando no ar, as ondas em arbustos floridos e as criaturas do mar em ovelhas, para que parecesse que

navegavam por um bosque florido. Mas quando Manannan caiu do barco, as ondas se apressaram, e então o deus foi colocado sobre a costa e todos os outros homens se afogaram.

Quando ela terminou, as mulheres logo pediram outra lenda, como crianças pequenas encantadas.

— Conte a história do rei e das três bruxas — sugeriu uma das moças, e Dieda começou a dizer as mesmas palavras que iniciavam todas as lendas.

— Há muito tempo, as coisas eram melhores que agora, e havia mais portões entre este mundo e o além-mundo, e, se eu estivesse lá, não estaria agora aqui... Bem, há tanto tempo que não se sabe nem dizer quanto, em uma casa na fronteira do além-mundo, vivia um rei e sua rainha... E era noite de Samaine, quando os portais entre os mundos estão abertos, e no tempo entre os tempos, entre a meia-noite de um ano e o amanhecer do próximo, vieram à porta três bruxas velhas. A primeira tinha um focinho de porco, e seu lábio inferior caía até os joelhos escondendo suas vestes; a segunda tinha lábios dos dois lados da cabeça e uma barba tão comprida que escondia seus seios; e a terceira era uma criatura medonha com um só braço e uma só perna. Sob o braço, levava um porco tão mais bonito do que ela própria que, na presença das bruxas, o bicho quase passava por uma princesa.

Naquele momento, todas as sacerdotisas riram. E a própria Dieda também sorriu um pouco e continuou.

— As três bruxas entraram e tomaram três assentos diante da lareira, de modo que não havia lugar perto do fogo para o rei e a rainha, que foram forçados a se sentar ao lado da porta. Então a primeira delas, a que tinha o lábio comprido, disse: “Estou com fome, o que há pra comer?”. E eles se apressaram em fazer uma panela de mingau; ela comeu a panela, suficiente para uma dúzia de homens, e gritou: “Vocês são avarentos; ainda tenho fome”.

“Depois disso, naquela noite, eles decidiram que nenhum pedido de um hóspede poderia ser recusado. Então, a própria rainha e suas criadas foram fazer mais mingau para suas hóspedes e colocaram biscoitos de aveia no forno. Mas não importava quanta comida colocassem diante da bruxa, ela grunhia: ‘Ainda estou com fome’.

“Então a segunda, a barbada, protestou: ‘Estou com sede’. Quando trouxeram um barril de cerveja, ela bebeu tudo em um só gole, mas reclamou de que ainda sentia sede. E, quando começaram a temer que as bruxas fossem comer todas as provisões para o inverno que chegava, a rainha e o rei saíram e conversaram sobre o que deveriam fazer com suas hóspedes. Então, uma mulher do povo das fadas apareceu vinda de uma colina e desejou bom-dia à rainha.

““Que os deuses a conservem, boa senhora! Por que está chorando?” E a

rainha contou sobre as três bruxas horrendas e o medo de que as criaturas quisessem comer tudo o que havia na casa e, depois de acabada a comida, comessem ela própria e seu marido, o rei. Então, a mulher do povo das fadas disse a ela o que fazer.

“A rainha voltou para a sala e sentou-se, tricotando. Um pouco depois, finalmente a primeira bruxa perguntou: ‘O que está fazendo, vovó?’. E a rainha respondeu: ‘Tricotando um xale, querida tia’. E a segunda bruxa perguntou através de sua barba enorme: ‘Para quem é o xale, vovó?’. E a rainha respondeu: ‘Ah, para quem eu encontrar sem casa nesta noite, querida tia’. E depois de um tempo a terceira perguntou, beijando seu porco: ‘E quando vai usar seu xale, vovó?’. E bem nessa hora o rei entrou correndo e gritou: ‘A montanha negra e o céu sobre ela estão pegando fogo!’.

“Quando ouviram aquilo, as três bruxas saíram correndo e gritando: ‘Ai de nós, ai de nós, nosso pai se foi’. E nunca mais foram vistas naquela região por nenhum vivente. Ou, se foram, nunca se soube nada sobre isso.”

Dieda ficou em silêncio. Depois de uma longa pausa, enquanto o vento uivava alto em torno da casa, Miellyn disse:

— Ouvi Caillean contar uma história bem parecida com essa, há muito tempo. Aprendeu com ela?

— Não — respondeu Dieda. — Ouvi meu pai contar uma vez, quando era bem pequena.

— Imagino que seja uma lenda muito velha — disse Miellyn. — Seu pai é certamente um de nossos maiores bardos, mas você contou a lenda tão bem quanto qualquer druida. Você ou Caillean poderiam liderar o colégio tão bem quanto ele.

— Ah, sem dúvida — debochou Dieda. — E por que não nos tornar juízes também?

*Realmente, por que não?* , pensou Eilan. Caillean teria uma resposta para isso, mas ela não estava ali.

Depois de ter reassegurado a Valerius de que sua parente estava segura sob os cuidados de Eilan na Casa da Floresta, Gaius começou a fazer planos para partir outra vez, antes que seu pai tivesse a chance de incomodá-lo de novo querendo conversar sobre casamento. Desde que vira Eilan, estava ainda mais determinado a não se casar com uma moça romana. Depois da morte do imperador Tito e da ascensão de Domiciano, tudo estava instável, e Gaius sabia que seu pai procurava alianças.

Então, assim que pôde, seguiu para a cidade. A manhã fora quente e mormacenta, mas agora grandes nuvens se formavam a oeste, e ele sentiu seus cabelos serem agitados por um vento frio. Um velho centurião uma vez lhe dissera que naquele país havia duas maneiras de prever o tempo: se podia ver as colinas, ia começar a chover; se não, já estava chovendo. E, depois de lhe dizer isso, o homem suspirou, com saudades dos céus azuis da Itália. Mas agora Gaius respirava agradecido por aquele vento úmido. Quando as primeiras gotas de chuva caíram, os romanos começaram a correr em busca de abrigo. Mas havia um homem de pé imóvel, como ele, voltando o rosto para o céu.

Sem muita surpresa, Gaius reconheceu Cynric.

— Me acompanha em um copo de vinho? — Ele fez um gesto em direção à tenda de vinho na qual haviam se encontrado antes.

Cynric balançou a cabeça, negativamente.

— Obrigado, mas acho melhor não. Prefiro que diga que não me viu. Na verdade, seria muito melhor para você se dissesse que não sabe muito sobre minhas idas e vindas. Assim não terei de pedir que minta.

Gaius levantou uma sobrancelha.

— Está brincando?

— Gostaria de estar. Não deveria nem mesmo falar assim com você, embora possa dizer honestamente que me encontrou por acaso.

— Não se preocupe — disse Gaius, olhando em torno de si. Uma rajada de vento jogou gotas de chuva pela estrada, criando pequenas nuvens de poeira

onde caíam. — Todos os bons romanos estão se refugiando em locais cobertos, e não vão se importar com dois tolos de pé na chuva. Ouça, Cynric, preciso falar com você sobre Eilan...

Cynric fez uma careta.

— Peço que não fale sobre esse assunto. Esse foi o maior engano que cometi neste ano. Lhiannon ficou furiosa comigo. Não houve nenhum dano real, mas não tente ver minha irmã de criação de novo. — Ele olhou nervosamente a seu redor. — Mesmo que você não se importe com isso, não devo ser visto conversando com um oficial das legiões uniformizado. Na verdade, é melhor fingir que não me conhece se nos encontrarmos de novo por acidente.

Depois de uma pausa, ele completou:

— Não vou ficar ofendido. Alguém finalmente percebeu que eu ainda trabalho para os Corvos, e eles acham que o fato de eu servir com os auxiliares me coloca em uma posição privilegiada para causar problemas quando chegar a hora. Então, acabei por ser proscrito, e, se for visto a menos de vinte milhas da cidade romana, posso ser enviado para as minas, ou algo pior, se é que existe algo pior do que isso. Adeus! — Cynric se virou, afastando-se de Gaius.

Depois de alguns segundos para assimilar a informação que havia recebido, Gaius se deu conta de que Cynric não usava mais a insígnia de Roma. Deve ter sido por isso que ele quis deixar tudo tão às claras. Ainda tentava pensar em algo para dizer quando o amigo virou uma esquina e desapareceu, deixando-o sozinho com a chuva. Gaius freou o impulso de ir atrás dele; se Cynric fosse realmente um inimigo de Roma, até uma morte rápida seria melhor que enviá-lo para as minas de chumbo de Mendip.

“Não tente ver minha irmã de criação de novo.” As palavras de Cynric ecoavam em sua cabeça. Era esse, então, o fim de sua esperança de contato com Eilan? Sem dúvida Cynric e seu pai estavam certos. Mas, enquanto ele puxava as dobras cor de granada do manto militar sobre a cabeça e descia a rua, a umidade em seu rosto não era somente da chuva.

Caillean fez uma pausa na entrada do salão principal, encolhendo-se quando o falatório chegou a seus ouvidos. Depois de mais de duas luas sozinha, havia se esquecido de quanto barulho podem fazer as mulheres quando estão todas presas juntas. Por um momento, quis se virar e voltar correndo para a solidão de sua cabana na floresta.

— Então, está de volta — comentou Dieda, notando-a por fim. — Eu me pergunto por quê, depois de Lhiannon tê-la tratado dessa forma. Uma vez livre de nós, pensei que gostaria da ideia e acabaria ficando por lá em definitivo!

— E por que você ainda está aqui? — retrucou Caillean, mordida. — O homem que ama está lá no norte com as Águias em seu encalço. Seu lugar não é ao lado dele, então?

Por um momento a raiva brilhou no rosto da moça, mas foi logo substituída por algo mais parecido com desespero.

— Acha que não teria ido no mesmo instante se ele tivesse me chamado? — perguntou, amargurada. — Mas a lealdade dele foi dada à Senhora dos Corvos, e, se não posso ser a primeira para o homem que amo, então farei os votos finais de sacerdotisa e não me casarei com ninguém!

A voz dela falhou enquanto as outras mulheres se viravam, e Caillean a encarou com uma espécie de pena no olhar, mas ao mesmo tempo feliz por jamais ter sido tentada a amar.

— Caillean! — Eilidh se apressou em direção dela. — Estávamos mesmo à sua espera. Lhiannon está nos aposentos dela. Vá até lá. Ela nunca reclama, mas sei que sentiu sua falta.

*Espero que tenha mesmo sentido*, pensou Caillean, ironicamente, ao cruzar o pátio, puxando o xale sobre a cabeça para se proteger da chuva, *já que foi ela quem me mandou embora!*

Como sempre acontecia depois que ficava ausente por um tempo, Caillean ficou impressionada com a fragilidade de Lhiannon. *Ela não vai viver muito*, pensava agora, olhando para ela. Não havia sinal óbvio de doença, apenas uma crescente translucidez, mas um instinto desenvolvido por anos como sacerdotisa lhe dizia que a mulher estava sendo consumida por dentro.

— Mãe, estou aqui — ela disse baixo. — Queria me ver?

Lhiannon se virou, e Caillean viu que seus olhos claros brilhavam com lágrimas.

— Estava esperando por você — falou em voz baixa. — Pode me desculpar por ter lhe mandado embora?

Caillean balançou a cabeça, sentindo a garganta apertar, e cruzou o cômodo rapidamente para se ajoelhar ao lado da cadeira da grã-sacerdotisa.

— O que há para perdoar? — perguntou, com a voz falha, colocando a cabeça sobre os joelhos da mulher mais velha.

Sentiu as próprias lágrimas caindo quando Lhiannon tocou seu cabelo.

— Jamais deveria ter me tornado uma sacerdotisa, venho lhe causando tantos transtornos!

Subitamente, com aquele toque terno em sua testa, uma barreira que começara a se quebrar quando abriu seu coração a Eilan há alguns anos foi rompida por completo.

— Jamais pude lhe dizer — sussurrou —, no começo eu não entendia,

depois tive vergonha. Não sou uma donzela pura. Em Eriu, antes que me encontrasse, fui usada por um homem — a voz dela se sufocou.

Houve um silêncio, e então os dedos finos recomeçaram a acariciar seu cabelo.

— Ah, pequena, era isso o que a perturbava? Achei que houvesse algo, mas nunca quis perguntar. Você não era ainda nem mulher quando eu a trouxe de Eriu. Como poderia ter pecado? Aqui acabamos por não falar sobre tais coisas, pois há aqueles que não entenderiam. Precisamos preservar as aparências. E foi por isso que tive de puni-la por ajudar Eilan. Mas ouça, Caillean, minha querida, o que lhe aconteceu antes que viesse para cá não tem importância, não para a Deusa, e certamente não para mim, enquanto viver na casa Dela e servi-La bem e fielmente!

Ainda chorando, Caillean se esticou para apertar os braços da mulher. Apesar do momento ocasional de exasperação, percebia que o que sentia por Lhiannon era tão profundo quanto qualquer amor que pudesse sentir por um homem, embora fosse de um tipo diferente. E amava também Eilan, cuja empatia permitiu que enfrentasse essas memórias pela primeira vez. Mas nenhum desses amores jamais entraria em conflito com seus votos de sacerdotisa.

Houve momentos, durante os dias do exílio de Caillean, em que as gotas de chuva que caíam da calha da Casa da Floresta pareciam atingir diretamente o coração de Eilan. Gaius se fora, e ela nunca mais o veria, isso estava claro. Então, foi um alívio ter seus pensamentos interrompidos quando Caillean a chamou.

— Você voltou! — exclamou, abrindo o tecido de lã pendurado na porta dos aposentos de Caillean. — Ninguém me disse! Há quanto tempo está aqui?

— Um dia, apenas — disse a sacerdotisa. — Estava com Lhiannon.

Eilan a abraçou e deu um passo para trás para observar Caillean dos pés à cabeça.

— Bem, ao menos a punição não parece ter lhe causado nenhum mal. — Ela parecia morena e sadia, e a pequena ruga que às vezes passava pela crescente azul tatuada entre as sobrancelhas havia desaparecido. — Eles a perdoaram pelo meu crime?

Caillean sorriu.

— Esse assunto está esquecido. E isso, criança, é o motivo pelo qual a chamei. Está aqui há três anos agora e foi bem em seus estudos. Chegou a hora de decidir se deseja realmente se tornar uma de nós e fazer seus votos.



— Já passou tanto tempo assim?

Era difícil acreditar que a filha de Mairi já era um bebê saudável de três anos, e seu filho mais velho tinha quase cinco. No entanto, ao mesmo tempo que teve a sensação de que o tempo estava passando rápido demais, Eilan tinha a impressão de que sempre estivera ali. Sua antiga vida fora esquecida, e quando sonhava com Gaius era sempre sobre os braços dele em torno de si e sua voz murmurando em seu ouvido. Não podia imaginar viver com ele no mundo romano.

— Dieda vai fazer seus votos também?

Estavam cientes da amargura de Dieda com o que ela entendia como sendo a deserção de Cynric, e, agora que ele fora proscrito, quem poderia dizer quando seu retorno seria seguro? O compromisso dele com o treinamento de guerreiro e sua vingança ainda tinham prioridade em sua lealdade. *Como a lealdade que segura Gaius no mundo do pai*, pensou Eilan.

— Isso é entre ela e a Deusa — disse Caillean, severamente. — Agora estamos falando de você. Deseja ainda permanecer entre nós, pequena?

*Dieda fará os votos, e eu também*, pensou Eilan. *Por que não, uma vez que nenhuma de nós jamais poderá ficar com o homem que ama?*

— Sim, desejo. Bem, isso — ela hesitou — se a Deusa ainda me quiser, sabendo que meu amor foi primeiro dado a um homem.

— Isso não tem importância — Caillean sorriu, radiante. — A Deusa não se importa mais com qualquer coisa que tenha acontecido antes de fazer seus votos. Finalmente disse a Lhiannon o que aconteceu comigo, e ela me assegurou de que é assim. E eu devo essa bênção a você, minha querida, e fico feliz em passá-la adiante!

— Há quem não veja desse modo — disse Eilan, com amargura.

— Não deixe que a perturbem. — Caillean colocou as mãos nos ombros de Eilan e a olhou nos olhos. E a moça, então, teve a impressão de que os olhos escuros da sacerdotisa eram como o lago sagrado, no qual o passado e o futuro podiam ser vistos. — Ouça, irmãzinha, e lhe direi a verdade no âmago dos Mistérios. Todos os deuses, e as deusas também, são um, não importa se as chamamos de Arianrhod, Cathubodva ou Don. A Luz da Verdade é Uma, mas a vemos como a luz refletida em cristais ou prismas, em muitas cores. Todas as maneiras como homens e mulheres veem seus deuses e deusas têm parte dessa verdade. Nós, que vivemos na Casa da Floresta, temos o privilégio de ver a Deusa de muitas maneiras, e de chamá-La por seus muitos nomes, mas sabemos o primeiro e maior de todos os segredos: que os deuses, não importa como sejam chamados, são um.

— Isso significa que os deuses dos romanos são os mesmos deuses e deusas

a quem servimos?

— Exatamente! É por isso que eles esculpem suas imagens com os atributos em ambos quando erguem seus altares votivos aqui. Mas é verdade que, enquanto aqui na Casa da Floresta conhecemos a identidade de todos os deuses por qualquer nome que possamos chamá-los, acreditamos que servimos à Deusa em Sua forma mais pura, talvez, como a divindade em todas as mulheres. E assim juramos servi-La como Mãe, Irmã e Filha. É por isso que às vezes falamos sobre ver o Rosto da Deusa no rosto de cada mulher.

Por um momento, Eilan foi capturada pela exaltação nas palavras de Caillean e então sentiu um jorro súbito de raiva. *Por que todos ficaram tão bravos com meu interesse por um romano se os deuses deles são os mesmos que os nossos? Caillean estivera presente quando falara com Gaius e sabia o que sentia por ele. Como ela é capaz de dizer que aqueles sentimentos não teriam mais importância depois que fizer meus votos? Aquele amor era parte dela, tão sagrado quanto o êxtase que às vezes sentia quando a presença da Deusa a preenchia como o luar brilhando no lago sagrado.*

— O que será exigido de mim?

— Fará votos de permanecer casta, a não ser que seja escolhida pelo deus. E prometerá não falar de modo tolo sobre segredos do templo a quem não fez seus votos, e sempre se esforçar para fazer a vontade da Deusa e de quem lhe der ordens legítimas sob qualquer um dos nomes Dela.

Caillean fez uma pausa, observando-a, e Eilan pensou em como a amava, e amava as outras mulheres e a vida que tinham ali. Ela mirou os olhos escuros da sacerdotisa.

— Juro fazer tudo isso de bom grado...

— E vai demonstrar que é mestre nas habilidades que lhe ensinamos e que a Deusa deseja aceitá-la? Você vai entender que não posso descrever isso... Na verdade, dizem que para cada candidata a provação é diferente, então, mesmo se meu juramento não me proibisse, não poderia lhe dizer mais nada.

Eilan sufocou um tremor de ansiedade. Morando na Casa das Donzelas, ouvira rumores de candidatas que falharam e foram mandadas embora, ou pior, desapareceram completamente.

— Entendo e estou de acordo — disse em voz baixa.

— Então, que assim seja — respondeu Caillean. — Em nome Dela eu a recebo como candidata a sacerdotisa.

Ela beijou Eilan no rosto, e a moça se recordou de que uma das sacerdotisas mais jovens fizera isso quando ela havia chegado à Casa da Floresta. Por um momento, os dois beijos se fundiram, e ela piscou, zozza pelo sentimento de que repetia um momento que vivera muitas vezes antes.

— Na lua cheia antes de Samaine, então, fará seus votos na presença das sacerdotisas. Lhiannon e seu avô ficarão muito felizes.

Eilan a olhou. Certamente não fazia aquilo por causa deles! Caillean lhe havia dito que ela tinha uma escolha, mas sua decisão, na realidade, fora moldada pelas expectativas da família e talvez outras forças que pairavam obscuras nas sombras além da percepção...

— Caillean — sussurrou, estendendo o braço para a sacerdotisa —, se vou fazer meus votos à Deusa, não será porque sou filha e neta de druidas nem mesmo porque nunca mais verei Gaius de novo. É preciso haver algo mais.

Caillean a olhou e disse, lentamente:

— Quando a conheci, tive a impressão de que você tinha um destino entre nós. E sinto isso de maneira ainda mais forte agora. Mas não posso garantir que será feliz, criança.

— Não espero ser. — Eilan segurou um soluço. — Desde que exista alguma razão, algum propósito nisso tudo!

Caillean suspirou e estendeu os braços, e Eilan se recostou nela, sentindo o aperto na garganta sumir enquanto a mulher acariciava seus cabelos.

— Sempre há uma razão, querida, embora possamos levar algum tempo para entendê-la. Este é todo o conforto que posso lhe oferecer. Se a Deusa não sabe o que faz, qual o sentido do mundo?

— Isso basta — sussurrou Eilan, ouvindo o coração da mulher bater, lento e firme, sob seu ouvido. — Se também tenho seu amor...

— Você tem. — A voz de Caillean era tão baixa que mal se podia ouvir. — Eu a amo como Lhiannon me amou...

A lua cheia as observava dos céus como um olho vigilante, como se Arianrhod tivesse decidido fiscalizar pessoalmente as cerimônias. Enquanto o canto das sacerdotisas que a trouxeram até ali diminuía até virar silêncio, um calafrio interno arrepiou os braços de Eilan, embora a noite estivesse quente. Estaria ela esperando por chuva? Não faria diferença, pois, se os druidas permitissem que o clima afetasse seus rituais, não conseguiriam praticar sua religião. Sabia que ficaria feliz se os céus tivessem escolhido abençoar sua iniciação, mas o luar a deixava inquieta.

Pelo menos a luz tornaria fácil seguir pelo caminho, e tudo que exigiam das sacerdotisas era andar pela floresta de volta ao templo, o que não parecia um grande sacrifício. Ansiosa para que tudo terminasse, Eilan se apressou para as sombras atrás das árvores, longe do olhar implacável da lua.

Havia andado apenas o tempo que se leva para fiar cem metros de lã

quando percebeu que estava perdida. Controlando a respiração, Eilan se virou. Isso, imaginava, deveria ser o primeiro teste de seu treinamento, ver se conseguia usar seus sentidos internos para reencontrar o caminho. Absorveu o poder firme da terra debaixo dela – aquilo, ao menos, não havia mudado. A energia da lua e das estrelas cantava lá em cima, e enquanto ela se abria para se transformar no pilar que as conectava, respirando em ritmo regular até saber que estava no centro do universo, o medo foi embora.

Abriu os olhos novamente. O pânico desaparecera, mas o luar que atravessava as folhas parecia vir de todas as direções ao mesmo tempo, e ainda não tinha a menor ideia de onde ficava o templo. Mesmo assim, se escolhesse uma direção e seguisse por ela, por fim atravessaria a floresta. Um dia, lhe disseram, a ilha toda havia sido coberta por árvores, mas agora a terra era marcada por estradas, pastos e campos. Certamente não andaria muito sem encontrar alguém que pudesse lhe apontar o caminho.

Cantarolando baixo, Eilan foi andando, e só depois percebeu que o que cantava era a música que as sacerdotisas entoavam no nascer da lua. Enquanto caminhava, o brilho salpicado da lua ia transformando o mundo, e ela entendeu por que ficara com medo dele. Cada graveto parecia ter um contorno de prata, as folhas brilhavam e a luz dançava e tremulava de pedra em pedra. Depois de um tempo, Eilan começou a perceber que via mais que o luar. Cada coisa viva na floresta tinha seu brilho – uma radiância que aumentava até que pudesse ver tão bem quanto na luz do dia. Mas não era dia, pois a luz não tinha sombras, mas sim uma iluminação difusa na qual as cores da floresta brilhavam como joias apagadas. Tremendo um pouco, entendeu que de alguma maneira havia ultrapassado o limite que separava os campos dos homens do além-mundo.

Era realmente como as professoras lhe haviam ensinado; a Terra dos Vivos e o mundo dos homens eram como dobras em um manto, e quando se tocavam era possível passar com facilidade de um para outro. Ou talvez acontecia apenas de, às vezes, os mundos ficarem um pouco mais próximos – em momentos como esse, quando as sacerdotisas cantavam suas músicas sagradas.

A floresta em que havia adentrado estava cheia de carvalhos, aveleiras e espinheiros, assim como qualquer outra. Agora, algumas árvores que via eram familiares, mas outras não eram de nenhuma espécie que conhecia. Perto de um carvalho frondoso, viu uma árvore com tronco prateado e pequenas flores de ouro. Uma sorveira tinha, ao mesmo tempo, flores brancas e bagas vermelhas, embora no mundo humano o tempo da florada já tivesse passado e as bagas ainda não estivessem maduras nos galhos.

As flores enchiam o ar de um perfume inebriante. Agora que podia ver o caminho, andava com mais confiança, seu deleite quase fazendo com que se

esquecesse de por que ela estava ali. Percebeu vagamente que aquela sedução dos sentidos poderia ser o maior perigo e tentou se lembrar de seu objetivo. Uma sensação persistente de dever, mais do que qualquer outra emoção, fez com que ela parasse em uma pequena clareira na qual bétulas e sorveiras se agitavam na brisa perfumada como donzelas assistindo a um festival. Ela fechou os olhos.

— Senhora, ajuda-me! Poderes que vivem neste lugar, eu os prestígio — disse em voz baixa. — Por sua graça, mostrem-me para onde preciso ir...

Quando olhou novamente, vislumbrou entre as árvores uma avenida ladeada de pedras brutas. Seguiu por ela, andando com o passo gracioso que as donzelas aprendiam a usar nas cerimônias. No momento, a estrada passava por duas grandes pedras em pé gravadas com espirais e zigue-zagues. Além deles, Eilan viu uma lagoa cujas águas brilhavam ao refletir a luz da lua escondida.

Mal ousando respirar, Eilan passou entre as grandes pedras e olhou para a lagoa. Isso ao menos tinha sido parte de seu treinamento, pois uma de suas primeiras habilidades praticadas fora a vidência na vasilha de água. Um vento súbito agitou as águas, e quando elas clarearam percebeu que a vasilha fora como uma vela ao lado do sol perto do poder da lagoa.

Em suas profundezas, Eilan viu o mar, brilhando nas cores da esmeralda e da safira sob um céu azul tão translúcido quanto vidro. Enquanto olhava, lagoa, floresta e pedras desapareceram, e ela voava como um pássaro sobre as ondas. Envoltas por aquelas águas estava uma ilha com penhascos de arenito vermelho, coroada por templos brancos entre bosques de árvores escuras. Na colina mais alta ficava um templo maior que todos os outros, cujo teto brilhava como ouro.

Eilan se abaixou e viu uma mulher de vestes brancas andando ao longo do parapeito, olhando para o mar. Havia ouro no pescoço e nos pulsos da mulher, ouro preso em sua testa, e seus cabelos eram como chamas, mas ela tinha os olhos de Caillean. Um jovem rapaz saiu do templo e se ajoelhou diante dela, pressionando a cabeça contra seu ventre. Enquanto a sacerdotisa o abençoava, Eilan viu os dragões tatuados em torno dos braços dele e teve a impressão de que uma voz, como gotas de chuva caindo, cantava:

*Ai de nós pela terra além dos mares...*

*Ai de nós pela terra que ninguém pôde salvar...*

*O conhecimento perdido que os deuses um dia entregaram...*

Enquanto o canto enfraquecia, a cena mudou, e ela sentiu que muitos anos haviam se passado. De repente, o centro da ilha explodiu em uma grande mancha de chamas rosadas, e as águas se levantaram como um imenso muro de vidro verde e engoliram as árvores, os templos e tudo o mais. Quando a ilha

caiu, uma frota de navios partiu, saltando pelas águas como gaivotas assustadas. Um navio com um dragão pintado disparou pela água, indo em direção ao norte, até que uma névoa prateada bloqueou a luz do sol, e o mar então ficou cinza e verde como as águas que ela conhecia.

Agora via terra novamente, penhascos esbranquiçados e gramados altos. Planava sobre montes e vales, e chegou a uma planície alta e larga, onde longas filas de homens labutavam com suas cordas, arrastando grandes blocos de pedra. Parte do círculo já estava no lugar, e ela podia antever o resto. Havia escutado a descrição da Dança dos Gigantes o suficiente para reconhecer o grande círculo de pedras. O homem que dirigia o trabalho era parecido com seu pai, mas se reportava a outro que lhe fazia lembrar Gaius, mais baixo e moreno como um siluro, mas cheio de um poder vibrante. O segundo homem gesticulava em direção ao círculo, e ela viu os dragões tatuados em seus braços, ondeando enquanto os músculos se moviam.

Um vento atingiu o mato alto da planície, e depois que passou, a cena mudou novamente. Fascinada, Eilan observava enquanto um cenário seguia o outro. As cores e os traços mudavam enquanto novas pessoas chegavam à terra. Mas repetidamente ela reconhecia uma expressão ou um gesto que lhe era familiar – o toque de harpa de seu avô, a graça régia de Lhiannon e até ela mesma, em uma carruagem, feito uma rainha. Um homem alto ia ao lado dela, e ela soube que era dele o toque que havia lhe dado acesso a seu próprio poder.

*Tudo o que foi sempre será;  
O dragão se levanta do mar;  
Apenas os sábios são realmente livres...*

Aquela voz clara vinha de algum lugar além do mundo.

A última imagem era uma colina nodosa de granito onde cresciam urzes púrpuras. Ventos gelados sopravam para o leste vindos do mar, vasculhando os campos. Naquele lugar ventoso, árvores de verdade cresciam apenas ao longo do estreito onde a ilha se defrontava com a massa soturna do continente. Quando percebeu que via Mona, o cenário mudou, e Eilan passou a ver homens de sua própria raça vestidos de branco, e mulheres de azul-escuro com o rosto triste enquanto empilhavam madeira em grandes piras.

Por um momento, não entendeu o que aquilo significava. Então uma tremulação de luz brilhou na margem oposta. Ela piscou, reconhecendo o uniforme romano. O povo de Mona também viu, e de repente as piras estavam em chamas. As sacerdotisas dançavam adiante, as sombras se contorcendo enquanto gritavam seus feitiços. Por um tempo, os romanos se seguraram e seus

líderes os exortaram. Então, a primeira fileira entrou na água. O estreito espumava enquanto a legião o atravessava. Saíram pingando, mas as espadas brilhavam vermelhas na luz do fogo. Com precisão sombria, perseguiram os druidas, e suas espadas pingavam um vermelho ainda mais brilhante enquanto matavam todos os que encontravam.

Por um tempo tudo ficou em silêncio. O fogo que se apagava deu lugar ao cinza frio do amanhecer. Os corvos já se ocupavam dos corpos. Enquanto Eilan observava, eles voaram de repente, gritando, as asas escurecendo o céu.

*Enquanto as Águias comem, o Dragão dorme,  
Quando os Corvos voam, a Senhora chora,  
O que o ódio plantou a compaixão colhe...*

Ao ouvir a canção, Eilan sentiu o coração ser atravessado por uma profunda tristeza, e a visão embaçou enquanto as lágrimas enchiam seus olhos.

Quando podia enxergar novamente, estava de novo ao lado da lagoa. Mas não estava mais sozinha. Espelhada na água, viu uma figura, e ao olhar para cima percebeu que era um homem envolto em uma pele de boi pintada, com um enfeite na cabeça emoldurado por penas de falcão e coroadado com os grandes chifres de um gamo. Os olhos dela se arregalaram, pois era uma roupa que os druidas usavam apenas em suas cerimônias mais sagradas.

— Senhor — ela lhe deu uma saudação condizente com sua posição —, quem és tu?

Por um momento ele lhe lembrara o avô, mas percebia agora que era mais jovem, apesar dos fios prateados na barba, e nos olhos dele brilhavam uma sabedoria e um poder que havia apenas vislumbrado nos homens comuns.

*Isso é o que Ardanos deveria ser!*, pensou, como a grande sacerdotisa que às vezes vislumbrara brilhando através de Lhiannon nos rituais. Aquela era a realidade.

Ele sorriu, e ela teve a impressão de que a luz aumentou em torno deles, e até mesmo a lagoa brilhou.

— Tive muitas formas e muitos nomes. Fui o Falcão do Sol, e o Garanhão Branco, o Gamo Dourado e o Javali Negro. Mas aqui e agora sou o Merlim da Britânia.

Eilan engoliu em seco. Ouvira algo sobre isso em seus estudos, pois Merlim era um título usado pelo arquidruída em anos anteriores. Mas a alma a quem ele pertencia não encarnava em cada geração, e dizia-se que apenas os maiores dos druidas o encontravam no além-mundo.

Ela umedeceu os lábios.

— O que queres de mim?

— Filha da Ilha Sagrada, servirá a seu povo e a seus deuses?

— Sirvo à Senhora da Vida — respondeu Eilan, com firmeza. — E farei a vontade Dela.

— Esta é uma hora de presságio, em que muitos caminhos podem se cruzar, mas apenas com sua permissão, pois o caminho que se abre diante de você exige que dê tudo, e, se o seguir, encontrará pouco entendimento ou recompensa.

Ele se moveu para a beira da lagoa.

— E os presságios dizem que esta hora é propícia para quê? — perguntou ela.

Perto dele, a realidade de sua presença era avassaladora. Eilan estava feliz que as velhas lendas a tivessem ensinado a respondê-lo.

— É propícia para se tornar uma sacerdotisa do modo antigo — ele disse, gentilmente. — Foi-lhe dito que as sacerdotisas precisam ser fisicamente virgens, mas não é exatamente assim. Uma sacerdotisa da Deusa se entrega em seu próprio tempo e estação, e quando o poder passa por ela retoma sua soberania. Ela oferece, mas jamais é tomada. É a iniciadora que santifica o Rei Sagrado, para que ele possa outorgar a bênção à sua rainha e a vida da terra então possa ser renovada.

— E o que desejas de mim? — Eilan percebeu que tremia. — Como posso fazê-lo? Não sei como!

— Não você, mas a Deusa dentro de você. — A respiração de Eilan parou quando ele sorriu. — E é meu ofício despertá-La.

Ele se libertou da pele, e, enquanto as dobras endurecidas caíam, ela viu que estava nu, seu corpo, a imagem do deus potente. Ele acariciou o cabelo que se encaracolava nas têmporas de Eilan, e ela teve a impressão de que teria caído sem o apoio daquelas mãos fortes. Então, ele se curvou para beijá-la na testa.

*Deusa!*, o espírito dela gritava, e sentiu-se conscientemente acesa por uma chama branca que descia enquanto ele a beijava nos lábios, nos seios, e se ajoelhava para abençoar seu útero. Naquele momento, tinha consciência de sua essência como jamais tivera antes, e ao mesmo tempo toda a sua identidade estava inclusa em Outra, e se aquela Presença era parte de Eilan, ou Eilan era parte disso, ou Dela, não sabia dizer. O que sabia sem dúvida é que, de certo modo, aquilo superava até mesmo o conforto dos braços de Gaius em torno dela. Agora sabia que não estava mais sozinha.

Eilan queimava, mas não era consumida, e tinha a impressão de que a voz que ouvira cantava em tons de chama:

*O inimigo que queria conquistar, deve amar...*



*A lei que queria cumprir, deve desafiar...*  
*O que queria guardar, agora deve deixar ir...*  
*Assim terá a vitória...*  
*Filha de Druidas, através de você o dragão renascerá.*

Sua consciência brilhava com imagens de sangue e de esplendor, batalhas e cidades de pedra e um tor verde acima de um mar interior, fogo, espada e finalmente um homem de cabelos loiros e os olhos de Gaius seguindo para a batalha com a imagem da Senhora em seu escudo.

— Eu vou! — veio sua resposta. — Mas não me deixe sozinha...

*Filha, estou sempre aqui*, veio a resposta. *Tu és Minha, de era a era, enquanto o Tempo permanecer.*

Sabia que já escutara aquelas palavras antes, que era apenas a renovação de um laço ancestral, mas o amor que a atingia se transformava em um mar no qual ela se afogava, uma luz na qual toda a consciência era consumida.

O próximo pensamento consciente de Eilan foi o de estar flutuando em água fria. Sentia árvores escuras em torno dela e a luz do luar. No momento seguinte, várias mãos a seguravam e a levavam para a margem. Ela piscou, assombrada, ao perceber que estava ao lado da lagoa de banho no riacho abaixo da Casa das Donzelas.

Eilan tentou falar e descobriu que não conseguia. Então percebeu que o que lhe acontecera era um mistério profundo demais para contar, até mesmo ali. E se perguntou se elas não podiam saber o que tinha vivido, pois o Calor Divino ainda flamejava dentro dela, de modo que sua pele secou assim que a ajudaram a se levantar da lagoa. Em silêncio, as outras mulheres a vestiram com uma túnica de linho novo tingido do azul profundo que as sacerdotisas consagradas usavam.

— Você viajou entre os mundos. Viu a luz que não tem sombra. Foi purificada — disse uma voz que Eilan reconheceu como sendo a de Caillean.

Ela olhou, mas era a mulher que vira no parapeito em sua visão que parecia estar ali.

— Filha da Deusa, levante-se, para que suas irmãs possam recebê-la...

As sacerdotisas a ajudaram a ficar de pé e ficaram para trás enquanto ela seguia Caillean ao longo do caminho que levava ao Bosque Sagrado.

Sob a luz das tochas que bruxuleavam entre as árvores, Eilan viu que Lhiannon esperava, assistida por Eilidh. Atrás dela estava Dieda, os olhos imensos e deslumbrados como sabia que os seus deveriam estar, o cabelo preso na testa em ondas molhadas. *O que*, perguntou-se Eilan, *aconteceu a ela?* Seus olhos se encontraram, e todas as barreiras que os anos passados haviam levantado entre elas desapareceram; lembravam-se apenas de que eram irmãs

agora.

*Fico feliz por estarmos fazendo nossos votos juntas* , pensou Eilan. O teste era sempre o mesmo, mas cada sacerdotisa recebia as visões que os deuses desejavam. Dieda, imaginava, teria encontrado música. Olhou para a outra moça e teve a impressão de que a Deusa sorria de volta para ela dos olhos de Dieda.

Eilan olhou em torno e viu que todas estavam ali – Miellyn, Eilidh e as outras que a ensinaram pelos últimos três anos. Mas no rosto de cada mulher viu o reflexo da luz do além-mundo, e em algumas delas havia ainda algo mais, uma sugestão de rostos que vira em suas visões, mudando constantemente e ainda assim os mesmos.

*Por que os homens temem a morte se vamos viver novamente?* , perguntou-se então. Os druidas ensinavam que a alma podia tomar muitas formas através dos anos circulantes, e ela sempre pensara que acreditava nisso, mas agora sabia que era verdade.

Ao menos entendeu a serenidade de Caillean e a santidade que, apesar de sua fragilidade e sua falibilidade, sentia em Lhiannon. Elas também estiveram onde tinha estado, e nenhum acidente mortal poderia mudar a verdade daquilo.

Ouviu as palavras da cerimônia como em um sonho e fez seus votos sem hesitação, pois a promessa mais importante, a que incluía e comandava todas as outras, já havia sido feita à Deusa no além-mundo. Com o sangue ainda cantando nas veias e a luz da Senhora em seus olhos, mal sentiu a picada do espinho enquanto a crescente azul que a proclamava sacerdotisa era desenhada entre suas sobrancelhas.

E ra tradição da Casa da Floresta que, depois que as sacerdotisas fizessem seus votos, deveriam passar por um período de isolamento. E Eilan ficou feliz por isso. Durante os dias que se seguiram à sua iniciação, passou quase todo o tempo deitada, tão exausta quanto Lhiannon depois de proferir um Oráculo. E, mesmo quando se recuperou fisicamente, percebeu que sua atenção estava focada em seu interior, tentando assimilar tudo o que havia acontecido.

Às vezes as palavras que o druida lhe dissera pareciam impossíveis de serem entendidas – um sonho demente nascido de seu amor frustrado por Gaius. Mas quando as sacerdotisas se reuniram na escuridão gelada para saudar a lua de inverno, Eilan sentia o espírito se levantar enquanto as vozes das mulheres subiam. Em momentos como esses, quando o luar a enchia como uma chama prateada, sabia que o que havia experimentado não era nenhum sonho.

Às vezes via Caillean observando-a com um pouco de curiosidade, mas nem quando ela ensinou a Eilan e Dieda os segredos dos sábios que vieram pelo mar – a sabedoria que apenas as sacerdotisas que fizeram os votos tinham permissão para saber –, Eilan se sentiu livre para falar do Merlim e do destino que acreditava que ele havia lhe oferecido. Pois gradualmente percebia que, independentemente do êxtase que as outras sacerdotisas experimentaram em suas iniciações, aquele mistério era apenas para ela. Os dias escuros do inverno foram passando e se estenderam até a primavera, e a marca da Deusa finalmente cicatrizou na testa de Eilan.

Gaius estava sentado no banco do escritório de seu pai, em Deva, respirando profundamente a brisa que vinha pela janela aberta e imaginando como poderia escapar dali. Estava na equipe de seu pai havia um ano, e já cansado dos muros do forte. A primavera tomava os campos e as florestas, e podia sentir o perfume de flores de macieira trazido pela brisa, fazendo-o pensar em Eilan.

— A maioria dos homens sairá de licença para a Florália, mas não quero

que muitos oficiais fiquem fora ao mesmo tempo. — A voz do pai parecia vir de longe. — Quando puder tirar licença, para onde vai?

— Não havia pensado nisso — Gaius deixou escapar.

Alguns dos oficiais usavam o tempo livre para caçar, mas matar coisas por esporte já não era mais um de seus interesses. Na verdade, não havia nenhum lugar em que quisesse estar.

— Deveria ir ver o procurador — sugeriu o pai. — Ainda não conheceu a filha dele.

— E, se os deuses forem bons para mim, jamais conhecerei! — Gaius voltou abruptamente ao momento presente e endireitou sua postura.

O pai parecia magoado.

— Agora, como poderia lhe fazer algum mal — Macellius perguntou, obviamente controlando o temperamento — apenas conhecer a moça? Acho que ela já tem quinze anos.

— Pai, eu sei que ela pode se casar. Quão estúpido acha que eu sou?

O pai apenas sorriu.

— Eu não disse nada sobre casamento.

— E nem precisava — disse Gaius, emburrado.

Se não podia ficar com Eilan, não se casaria com nenhuma outra mulher na Bretanha – ainda mais uma que fosse sugerida por seu pai.

— Não precisa ser mal-educado — disse o pai. — Na verdade, estava pensando em passar o feriado em Londinium, e...

— Bem, eu não estava pensando nisso — retrucou Gaius, já não se importando mais com o que o pai pudesse pensar de seus modos. Não sabia para onde iria, mas certamente seria o mais longe possível de Londinium.

— Espero que não esteja pensando naquela moça britânica de novo — comentou Macellius. E Gaius pensou que ele parecia estar lendo sua mente.

Se ele ao menos parasse por ali. Mas Macellius seguiu dizendo:

— Tenho certeza de que teve o bom senso de tirá-la da cabeça de uma vez por todas.

E aquilo fez com que ele se decidisse:

— Na verdade — disse, deliberadamente —, estava pensando em ir visitar Clotinus.

Fora após se hospedar com o senhor britânico, afinal de contas, que encontrou Eilan pela primeira vez. Então, se assim fizesse, ao menos poderia apreciar suas lembranças.

Gaius gostou da viagem para o sul. Foi pensando em Eilan e também em Cynric

– que poderia ter sido seu amigo, mas já não fazia mais parte de sua vida, embora o rompimento definitivo não tivesse sido culpa de nenhum dos dois. A primavera avançava como um exército conquistador, e o tempo estava lindo: manhãs claras e frias, aconchegantes para os que estavam agasalhados, e dias quentes, brilhantes e quase secos, a não ser por uma chuva fraca no fim do dia. Clotinus o cumprimentou com alegria e o recebeu bem em sua casa, e, embora Gaius soubesse que em grande parte era porque o homem queria permanecer nos melhores termos com os poderosos romanos, ficou feliz mesmo assim. Gwenna havia ido embora para se casar, então não havia ninguém para perturbá-lo.

A casa de Clotinus, ele notou, não era de fato um mau lugar para passar férias. A comida era boa, e até a outra filha de Clotinus, de apenas uns doze anos, era uma boa companhia, e foi solidária o suficiente quando Gaius lhe contou que o pai tentara arranjar um casamento para ele com uma desconhecida. Ela talvez estivesse oferecendo a ele um consolo que ia além do esperado, mas Gaius se recordou – *não antes do tempo*, pensou — do que seu pai dissera sobre se envolver com uma mulher nativa. Se a moça lhe enviava algum sinal sem palavras, fingiu não notar.

No entanto, exceto por preces dirigidas debilmente a Vênus, não conseguia pensar em um plano eficaz para se aproximar novamente de Eilan. Sonhando, debatia-se contra os cobertores, gemendo, e ao acordar sabia que havia sonhado com a amada.

*Eu a amo*, pensava, com autocomiseração, quando era tomado pela desesperança da situação. *Não é como se eu planejasse seduzir e abandonar a garota. Ficaria feliz em me casar com ela se pudesse conseguir a permissão de todas as pessoas que aparentemente fizeram de sua obrigação controlar nossa vida*. Ele agora já tinha vinte e três anos, e era um oficial – embora pouco importante – de sua legião. E, se isso não o tornava velho o suficiente para se casar de acordo com a própria vontade, que idade precisaria ter para isso?

Um dia, quando cavalgava com a desculpa de caçar, flagrou-se passando ao lado das paredes queimadas do que um dia havia sido a casa de Bendeigid e percebeu que deveria estar perto da Casa da Floresta. Sua perna doeu um pouco quando ele se lembrou da armadilha para javalis – parecia ter sido há tanto tempo – e da primeira vez que vira Eilan.

*Não posso ficar aqui*, pensou subitamente. *Cada árvore, cada pedra trará de volta memórias dolorosas*. Lembranças que ele pensara que poderia suportar, pois não havia se perturbado com as vezes em que viu o velho Ardanos em Deva. Talvez devesse ir até o sul para visitar o povo de sua mãe. Macellius não ficaria feliz, mas não se importava muito em agradar o pai naquele momento.

Naquela noite, diante da lareira, falou sobre isso a Clotinus, que pediu que

ele ficasse mais um dia ou dois.

— Haverá muita gente na estrada até o festival — observou Clotinus. — Poderia ficar até que isso acabe e então poderá viajar tranquilamente.

— As pessoas não me incomodam, mas talvez não deva viajar usando uniforme — disse Gaius. — Vou viajar mais rápido e atrair menos atenção se usar as roupas comuns dos bretões.

— Isso é verdade. — Clotinus sorriu de modo amargo. — Mas você é, de certa forma, um de nós. Ouso dizer que posso arranjar-lhe algo que sirva.

Na manhã seguinte, o camareiro do anfitrião levou a Gaius roupas que lhe serviam bem o suficiente: culotes marrons e uma túnica tingida de verde, de tecido novo, limpo e decente – mas não particularmente luxuoso –, e também um manto volumoso, marrom-escuro, de lã pesada.

— As noites ainda estão frias, rapaz — disse Clotinus. — Vai precisar disso quando a escuridão chegar.

Quando Gaius vestiu as roupas, sua identidade romana pareceu sumir.

— Você não é mais Gaius Macellius Severus com estas vestes. — O velho o olhou de modo estranho.

Gaius sorriu:

— Acho que já lhe disse, minha mãe me chamava de Gawen quando estava viva; agora não pareço outra coisa, e vou usar apenas esse nome.

Clotinus logo se adiantou para dizer ao convidado como as roupas lhe caíam bem, mas de algum modo Gaius sabia que o homem gostava de ter um hóspede romano de aparência importante.

— Se for ao festival, serei apenas outro bretão — continuou Gaius. — Talvez devesse pedir a você para enviar uma mensagem a Macellius avisando de que viajo disfarçado!

Ele suspeitava de que o pai não ficaria feliz com a informação, mas a desculpa de reunir informações poderia justificar essa escapada.

Quando Eilan acordou na manhã de Beltane, teve o sentimento estranho de que Gaius estava em algum lugar próximo. Talvez, pensou, ele também esteja pensando em mim. Era Beltane, afinal, e o encontro mais significativo dos dois havia acontecido no festival. Era natural, de qualquer modo, que seus pensamentos se voltassem a ele naquele dia, quando, em toda a terra, o coração dos homens e das moças estava tomado pelo amor.

Mas ali, no santuário casto da Casa das Donzelas, não deveria pensar em tais coisas, ou, se pensasse, deveria vê-las com a benevolência distante de alguém que existia muito além dos possíveis anseios carnavais. Durante o inverno,

tinha sido fácil seguir essas regras. Tinha a impressão de que a paixão com que o druida de sua visão a tocara havia sido refinada em um brilho puro como a chama de um altar, e seus votos de castidade não lhe pareciam nenhum grande sacrifício.

Mas agora, quando a seiva subia nas árvores e cada botão florescia, começava a se questionar. Quando pensava em sua visão, seu corpo ardia, e à noite sonhava em se deitar com um amante que às vezes era o druida, às vezes era Gaius e às vezes um estranho com os olhos de um rei. *Meu corpo ainda está intocado*, pensou, de repente, *mas meu espírito não é mais virgem. Deusa, como suportar essa dor tão doce?*

— Eilan, você vai ajudar Lhiannon a se preparar para o ritual da noite? — a voz de Miellyn a trouxe de volta ao mundo, e ela balançou a cabeça negativamente. — Então por que não vem com o resto de nós para aproveitar o festival? Vai lhe fazer bem tomar um pouco de ar fresco.

“O resto de nós” incluía a menina Senara, que estava totalmente encantada por ficar ao ar livre. Era um dia claro e fresco, e nas sebes os espinheiros brilhavam como se a luz do sol tivesse se alojado nos galhos. As pessoas se aglomeravam de um modo que fazia Eilan, acostumada com paz e silêncio depois de seus meses de reclusão, tiritar. Ela não sabia se havia se acostumado rápido à paz e ao silêncio ou se, talvez, tivesse realmente mudado depois de sua iniciação. Sempre ficara um pouco desconfortável nas multidões, mas agora era como se andasse por aí sem a própria pele.

Senara, no entanto, estava animada ao andar entre elas. Ficava fascinada com tudo: com a barraca de queijos; com a barraca dos braceletes de vidro brilhante; e com as flores por toda parte.

Eilan não via tanta gente desde o último Beltane, quando reencontrou Gaius. Tinha a impressão de que todos na Bretanha, ou das ilhas, deveriam estar ali, aglomerando-se, rindo, comendo, bebendo; e havia ainda os que estavam envolvidos com seus ofícios, de fazer bolos a malabarismos em cordas.

— Lhiannon virá durante o dia? — perguntou Senara.

Miellyn assentiu.

— Ardanos vai acompanhá-la. É parte das obrigações dela aparecer em meio à multidão nos festivais. — Miellyn fez uma pausa, e então completou: — E certamente não a parte mais agradável. Cá entre nós, acho que ela está muito cansada. A cada ano me pergunto se será seu último festival.

Vendo o rosto de Eilan empalidecer, ela acrescentou:

— Isso a assusta? A morte faz parte da vida assim como o nascimento; uma sacerdotisa deveria saber disso.

Mas a multidão era tão grande que Eilan mal podia ouvir o que Miellyn

dizia. Um grupo de pessoas observava um homem com um urso dançarino; Senara gritou que queria ver, e elas caminharam até um ponto em que pudessem enxergar melhor. À medida que as pessoas viam os vestidos de linho azul das sacerdotisas da Casa da Floresta iam abrindo caminho diante delas, até que chegaram ao lado do palco, observando o animal dançar – ou, ao menos, arrastando-se pesadamente nas pernas traseiras, o que Eilan imaginava que era o mais perto que um animal chegaria de dançar. O focinho do urso estava preso fortemente com uma corda, e ela achou que ele parecia infeliz.

— Pobrezinho — ela disse, e Miellyn suspirou.

— Às vezes acho que Lhiannon é como este urso — respondeu a outra sacerdotisa. — Sempre à mostra, jamais dizendo suas próprias palavras.

Eilan arquejou ao pensar na comparação da grã-sacerdotisa com um animal treinado.

— E quem a conduz? — Riu Senara. — Ah, Miellyn, não deveria dizer coisas assim.

— E por que não? Falar a verdade normalmente é considerado uma virtude — disse Miellyn, corajosamente, fazendo Eilan se lembrar de Caillean.

O tratamento que o avô dava à grã-sacerdotisa parecia muito diferente da soberania com que o druida de sua visão proclamara.

— Falo a verdade conforme a vejo; e quando vejo Lhiannon ficando tão fraca me pergunto... — Subitamente, Miellyn parou de falar, pois naquele momento o urso ficou nas quatro patas e foi exatamente na direção delas. Senara gritou e pulou para longe, mas a multidão apertava por todos os lados. Eilan foi para trás, pisando no vestido de uma estranha, que ouviu rasgar.

— Preste atenção onde pisa! — disse a estranha, de modo impertinente.

Eilan se desculpou humildemente, mas, naquele momento, o urso avançou um pouco mais para a frente, e a corda que o prendia se soltou, enquanto alguém gritava alarmado. Todas as pessoas correram agitadas para trás, e, quando Eilan recuperou o equilíbrio, Miellyn e Senara haviam desaparecido na esmagadora multidão.

Era a primeira vez em anos que Eilan ficava sozinha. Havia se acostumado com a companhia constante da Casa da Floresta. Nessa hora, ocorreu-lhe que a supervisão tinha outro propósito além do decoro; a presença de suas irmãs ajudava a manter as pessoas longe tanto física quanto psicologicamente. Sozinha, o tumulto de pensamentos e emoções alheias a golpeava como um vento forte. Tentava tirar força da terra como proteção, mas os rostos estranhos em torno dela a enchiam de confusão. Como Lhiannon conseguia andar entre as pessoas quando já estava entrando em transe, aberta aos poderes dos deuses? Eilan estava tão cercada pela multidão e apertada entre estranhos que não



conseguia enxergar nenhum lugar conhecido; nem a avenida de árvores que levava à Casa da Floresta, nem o monte de onde proclamavam os Oráculos.

Em um momento viu através da multidão o que parecia um vestido azul conhecido; mas, quando se aproximou, descobriu que era o manto de um completo estranho. Em outro momento, pensou ter visto um grupo de sacerdotisas, mas eram quatro mulheres, não apenas duas, e, quando se deu conta de que suas companheiras poderiam ter encontrado outras sacerdotisas da Casa da Floresta e que poderiam juntas estar procurando por ela, as mulheres desapareceram na massa de estranhos novamente. A paisagem temporária da feira lhe parecia tão estranha quanto o além-mundo. *Isso é ridículo... Proteger-me dos sentimentos de outras pessoas foi a primeira coisa que nos ensinaram! Eu deveria apenas perguntar o caminho a alguém*, seguia dizendo a si mesma, mas, vulnerável como estava, não tinha coragem de falar com um estranho; pois o que pensariam de uma sacerdotisa que não sabia a direção da própria moradia?

Ela se movia através da multidão, tentando evitar o pavor sem motivo. Se pudesse ao menos recuperar suas defesas, perguntaria a alguém em que direção ficava a Casa da Floresta. Algum dia, sem dúvida, iria se recordar daquele dia com diversão, como uma breve aventura. Mas, no momento, não conseguiu controlar a sensação de que estava perdida e aterrorizada.

Um movimento súbito da multidão quase a derrubou. Ela perdeu o equilíbrio e bateu em um homem vestindo um manto escuro. Ele murmurou algo e então ficou surpreso.

— Eilan! É mesmo você? — Mãos fortes pegaram seus cotovelos, e uma voz familiar perguntou: — De onde você veio?

E Eilan olhou para o único rosto entre todos que menos esperava ver: o rosto de Gaius Macellius.

Sem palavras, agarrou-se a ele. Ele sentiu que ela estava tremendo e então a puxou para mais perto. Abruptamente, a confusão em torno dela foi acalmada pelo círculo dos braços dele.

— Eilan — ele repetiu. — Não ousei sonhar que a encontraria aqui!

*Mas encontrou*, pensou Eilan, de modo vago. *Quando acordei pela manhã, meu primeiro pensamento foi que estava perto. Por que não acreditei nele?*

Os braços dele se apertaram em torno dela, e naquele momento ela se esqueceu de todos os avisos de Caillean e de seus próprios temores e medos. Sabia apenas que estava feliz.

Ela riu, um pouco abalada.

— Temo que tenha me perdido. Eu estava tentando voltar para a Casa da Floresta, ou ao menos encontrar as outras sacerdotisas que vieram comigo ao festival, mas não sabia qual direção seguir.

— A estrada está logo ali — ele começou. Mas, então, com um movimento involuntário dela, parou. — Precisa mesmo voltar agora? Eu vim a esta... esta parte do mundo apenas na esperança de vê-la...

Ela podia ouvir claramente como se ele tivesse dito em voz alta: *Não suporto deixá-la ir agora!*

— Se você for, é possível que jamais venhamos a nos encontrar de novo — ele deixou escapar, com a voz tremendo enquanto falava. — Não acho que consigo suportar a ideia de perdê-la novamente. Eilan...

Os lábios dele hesitaram, como se o som do nome dela lhes fizesse uma carícia; e ela sentiu uma rajada de fogo frio em sua pele.

— Não pode me deixar... — ele murmurou perto de seu véu. — Foi o destino que a trouxe aqui, sozinha...

*Não precisamente sozinha!*, pensou ela, sorrindo para a multidão que ondeava em torno deles. Mas era verdade, apenas o destino ou a Deusa poderia tê-la levado até ali, diretamente aos braços dele. Deliberadamente, deixou de lado o treinamento que exigia que uma sacerdotisa que fizera votos deveria, na companhia de um homem que não fosse seu pai, avô ou irmão, manter os olhos baixos com modéstia, e olhou para Gaius.

*E o que eu estava pensando que veria? O que os olhos dele poderiam me dizer?*, perguntou-se, vendo a força com que o cabelo dele ainda se encaracolava na testa, a saliência teimosa da mandíbula sob a barba curta que havia deixado crescer na última batalha e a necessidade evidente em seus olhos escuros. Não havia nada ali que o coração de Eilan já não soubesse? Então, a visão interior e a exterior se juntaram abruptamente, e viu ao mesmo tempo o rosto aflito do rapaz de quem cuidara quatro anos antes, os traços fortes do homem que ele se tornava e algo mais, um rosto castigado pela experiência e pelo descontentamento, sua promessa jovem se erodindo com os anos.

*Meu pobre amor*, ela pensou, *é isso que você será?*

— Precisa mesmo ir? — ele repetiu.

— Não — ela murmurou.

Gaius engoliu em seco e levantou o véu para trás da testa dela. Nesse momento, ela percebeu que ele ficou mais tenso, e então se deu conta de que ele notara pela primeira vez a crescente azul desenhada entre suas sobrancelhas.

— Sou uma sacerdotisa — disse baixo, e sentiu que ele se encolhia ao compreender.

Mas ele não a soltou, e ela também não se afastou.

O próprio pensamento de que pudesse jamais vê-lo novamente começava a tirar a luz do céu. Sem dúvida, Cailleán teria lhe dito para deixá-lo imediatamente, mas daquela vez não faria o que a sacerdotisa achava mais sábio,

e sim o que queria fazer. E, para a própria surpresa, não se importava com as consequências. Dessa vez, ao menos, Caillean não poderia ser punida por isso.

Dois vaqueiros esbarraram neles e se afastaram, olhando-os de modo estranho quando viram as vestes azuis de Eilan. Gaius fez uma careta e a envolveu com seu manto marrom, puxando o véu para trás para esconder o cabelo claro.

— Vamos tirar você desta multidão — ele murmurou. Seu braço ainda estava em torno dela, com firmeza, e, enquanto caminhavam, nenhum deles sabia bem para onde iam; apenas que estavam juntos e que precisavam se afastar daquela multidão.

— Diga-me como veio para cá. Não tinha ideia de que estava nesta parte do mundo.

— Acho que vim para vê-la — ele começou, e Eilan se recostou nele, ouvindo. — Foi o Destino, ou talvez meu pai, pois eu resolvi seguir a direção oposta à que ele queria que eu seguisse! A pequena Valeria está bem?

— Senara. Nós a chamamos assim na Casa das Donzelas. Sim, está perfeitamente bem, e acredito que feliz.

— Fico feliz em saber disso — ele respondeu, mas ela sabia que Senara já havia sido esquecida.

— Cynric foi proscrito, sabia? — disse então Gaius. — Eu o encontrei antes que ele partisse, e ele me disse para ficar longe de você...

A voz dele falhou. *O que ele quer ouvir de mim?*, perguntou-se Eilan. Talvez apenas o som de sua voz, saber que pensava nele. Será que ele não podia adivinhar? Ela tinha consciência dele com cada sentido de seu corpo, cada centímetro de sua pele.

— Talvez ele esteja certo. Meu pai botou na cabeça que tenho de me casar com uma garota romana, a filha do procurador em Londinium...

— Vai obedecê-lo? — Eilan perguntou cuidadosamente, com o sangue pulsando. Casamento! Por que ele contara isso a ela? Ela sabia que não havia nada que podia fazer, mas por que o pensamento lhe causava tanta dor?

De algum modo, chegaram ao extremo da feira. Só mais um passo e estariam escondidos em um abrigo de aveleiras. Na noite passada, homens e mulheres andaram por aquela floresta para colher ervas e flores e para se deitarem juntos na grama nova. A floresta ainda tinha aquela atmosfera; Eilan podia sentir a memória da paixão deles como um eco em torno de seu corpo, em conflito com o tumulto da feira.

Ele se virou para olhá-la.

— Sabe que jamais vou me casar com ninguém que não seja você!

— Não posso me casar — ela respondeu. — Minha vida foi prometida aos

deuses...

— Então jamais vou me casar — ele disse, com firmeza.

*Sim, você vai...* Mesmo enquanto a onda irracional de felicidade passava por ela, a presciência se fazia ouvir na consciência de Eilan. De súbito, em sua mente, piscou uma imagem da mulher que seria esposa dele. E por que Eilan deveria se ressentir dela? Era tão egoísta para desejar que Gaius ficasse sozinho para sempre? Ou desejava que ele a carregasse, movesse céus e terras para que ela ficasse livre de seus votos? Quais palavras proferidas pelos homens poderiam apagar a crescente colocada entre suas sobrancelhas?

Ela tropeçou em uma raiz, e Gaius se esticou para lhe dar apoio. Piscando, ela percebeu que haviam entrado na floresta. O barulho da multidão ficara subitamente baixo com a distância, como se tivessem viajado quilômetros, como se tivessem entrado no além-mundo. Grandes árvores os escondiam em uma sombra de folhas salpicadas. O sol havia se escondido atrás de uma nuvem e um vento frio começava a soprar. Ela se perguntou se estava prestes a chover. E, como se fosse uma resposta, algumas gotas voaram sobre eles, o começo da chuva, ou apenas a umidade das folhas das copas das árvores.

— Eilan... — Ele suspirou, apertando-a com mais força. — Por favor... Eilan!

Virando-se, ela sentiu a força da necessidade que ele tinha dela, e o mundo pareceu parar. Ela então pensou que, desde o momento em que a multidão havia a separado de Miellyn até agora, ela parecia ter entrado em um sonho. Mas nesse momento estava absolutamente desperta, e podia ver tanto o passado quanto o futuro com uma terrível clareza. Talvez o Destino os tivesse trazido até ali, mas o que ela decidisse naquele momento determinaria o futuro dele, o seu – e talvez também o de outras vidas. A consciência pulsava para fora, abraçando outros tempos em um círculo sempre crescente, até que viu uma vez mais o guerreiro de cabelos brilhantes que vira em sua visão, com os dragões nos braços e o olhar de águia que aprendera a amar nos olhos de Gaius.

Agora era ele quem estremecia. Com dedos desajeitados, Gaius recolocou o véu de Eilan e sua mão, caindo, roçou o rosto da amada, ficou ali por um instante, e então, como se uma força irresistível a puxasse para baixo, deslizou pela suavidade do pescoço e pausou no volume dos seios, sob a abertura do vestido. A grama se estendia suave e verde diante deles. Ela ouviu, como um eco: *A Deusa não é adorada em um templo feito por mãos humanas...*

Mas aquilo era proibido. Menos de seis meses antes havia jurado dar sua virgindade apenas ao Rei Sagrado. Porém, mais uma vez como uma resposta, uma certeza desceu sobre ela: *Deste homem de dois sangues virá o Rei... O Merlim a iniciara para isso*. Aquele era seu destino.

Quando se encontraram pela primeira vez, ela deve ter parecido uma criança para Gaius, mas sabia que era muito mais velha agora. Como um eco, a voz do Merlim veio até ela:

“Uma sacerdotisa da Deusa se entrega em seu próprio tempo e estação, e quando o poder passa por ela retoma sua soberania.”

— Pelos ritos dos homens não podemos nos casar — ela disse, em voz baixa. — Mas deseja me tomar sua mulher da maneira antiga, como as sacerdotisas se deitavam com os homens das famílias reais, diante dos deuses?

Ele gemeu enquanto a mão se curvava em torno do seio dela, e ela sentiu o mamilo endurecer contra a palma dele.

— Até a morte e depois, por Mitra e pela Mãe — ele murmurou. — Eilan, ah, Eilan!

Quando o Merlim a tocara, o fogo havia descido do topo de sua cabeça até os pés; mas esta chama parecia subir da terra, queimando todos os outros pensamentos.

Ela tocou o rosto dele, e ele lhe estendeu os braços. Uma desajeitada mão se embrenhou em seu cabelo e seu véu caiu no chão, despercebido. Então, os lábios dele tomaram os seus, já não mais gentis, e sim exigentes, como um homem faminto. Por um momento, a surpresa a deixou imóvel nos braços dele, mas então percebeu um anseio em resposta, e seus lábios finalmente se abriram, recebendo-o.

Enquanto se beijavam, os braços dela envolveram o pescoço dele; o cabelo de Eilan, solto de seus rolos cuidadosos, caiu por suas costas, derrubando os grampos e os espalhando pela grama. Gaius gemeu e a puxou mais para perto de si. Agora ela podia sentir a força rígida de seu corpo e também sua necessidade. As mãos de Gaius desceram de seus ombros pelas costas, moldando o corpo dela ao dele.

Eilan sentiu os joelhos perdendo a força. Agarrou-se a ele, e seu peso os levou para a grama verde. Os lábios dele se moviam por suas bochechas, pálpebras, a pele suave de seu pescoço, como se ele fosse devorá-la, e ela se arqueava contra ele, estremecendo. No momento em que caíram, a saia dela subiu; e a mão que a explorava se moveu para baixo do tecido, em seu corpo, pausando um momento ao tocar a pele suave, e então avançou um pouco mais sob o tecido até pousar no lugar sagrado entre suas coxas.

Gaius ficou subitamente imóvel, respirando com dificuldade. Então ele se afastou, os olhos arregalados e atordoados, como se tivesse olhado para um repentino clarão.

— Senhora — sussurrou. Ela o via estremecer, mas de algum modo ele conseguia se controlar para agir deliberadamente, lidando com as roupas de

ambos, adorando o corpo de Eilan com uma autoridade que foi crescendo até ele também ser preenchido pela luz, e então ela percebeu que ele já não era mais somente Gaius.

— Meu rei! — ela murmurou, enquanto a chama que ele despertava queimava cada nervo. — Venha para mim!

Ele então suspirou, afundando em seu abraço como o sol no mar, rendendo-se a ela da mesma forma que ela se entregava a ele. À distância, ouvia gritos, como se viessem de outro mundo, e soube que os sacerdotes haviam acendido as fogueiras de Beltane.

Mas um fogo maior queimava dentro dela, e àquela hora, mesmo se Caillean e todas as mulheres da Casa da Floresta estivessem em fila observando-os, Eilan não teria notado ou se importado.

O dia estava bem avançado e o sol já caía quando Gaius finalmente se mexeu. Eilan se afastou dele com relutância, e ele a buscou uma vez mais e a beijou com força.

— Preciso voltar para a Casa da Floresta — ela disse, com carinho na voz. — Estarão procurando por mim.

De fato, Miellyn deveria estar preocupadíssima. Mas Eilan podia dar um jeito de voltar para dentro dos muros sem ser vista, e poderiam acreditar que a multidão as manteve separadas e que ela de algum modo voltara sozinha.

Mesmo agora, quando a paixão havia baixado e podia pensar novamente com clareza, Eilan não se arrependia de ter quebrado seus votos; a Deusa soubera e não interferira, e isso era prova suficiente de que Eilan havia servido a uma lei maior. Parte da doutrina secreta que Caillean havia revelado desde a iniciação de Eilan dizia que, antes da vinda dos romanos, as sacerdotisas tinham os amantes que escolhiam, ou até mesmo se casavam. Foi apenas depois da conquista romana que os homens tiveram a arrogância de passar a controlar a vida privada das mulheres. Caillean jamais encontrara um homem pelo qual sentisse a tentação de quebrar seus votos, mas talvez pudesse entender. Por outro lado, ela não concordaria com a escolha de amante de Eilan, então, no fim das contas, talvez fosse melhor não dizer nada à sacerdotisa.

— Eilan, não volte — Gaius se levantou em um ombro para olhá-la. — Temo por você.

— Sou a neta do arquidruída. O que acha que fariam comigo? — ela respondeu.

Seu pai uma vez dissera que a mataria com as próprias mãos se permitisse o que Gaius acabara de fazer, mas não era o momento de mencionar aquilo. Agora

era uma mulher, e uma sacerdotisa jurada, que respondia apenas às suas irmãs e aos deuses.

— Se eu estivesse lá para protegê-la, não faria diferença o que eles tentassem — ele disse, sombrio.

— E seria tão mais seguro se fugíssemos? Para onde iríamos? As tribos selvagens do norte poderiam me aceitar, mas você estaria em perigo, e para onde mais poderíamos fugir para além dos domínios de Roma? Você é um soldado, Gaius, preso por juramentos tanto quanto eu. Quebrei um voto para cumprir outro maior, mas isso não tira minhas obrigações. Ainda pertenço à Deusa, e devo confiar que ela cuidará de mim...

— Isso é mais do que posso fazer — ele então disse, esfregando os olhos.

— Bobagem. Se voltar ao serviço ativo, certamente estará em maior perigo que eu.

Eilan o abraçou uma vez mais com o pensamento de um ferro frio atravessando o coração que agora batia contra o seu, e, enquanto ele a beijava de novo, todos os pensamentos sobre o futuro foram esquecidos. Ao menos por um instante.

**D**eitar-se com um homem não havia, apesar das especulações sussurradas na Casa das Donzelas de que Eilan se lembrava, destruído sua mágica. Ao menos o feitiço de cobertura que murmurou ao entrar vagarosamente pelo portão da cozinha e passar pelo corredor até o salão das sacerdotisas pareceu impedir que as poucas pessoas que estavam por ali a notassem.

Em seu quarto, tirou o vestido e se lavou, escondendo a roupa de baixo até que tivesse tempo para lavar a mancha do sangue da virgindade. Depois, vestiu a camisola e acendeu o fogo, percebendo que estava quase congelada e faminta. Já havia passado da hora da refeição do anoitecer. Teria de ir até a cozinha encontrar algo para comer, mas antes precisava de algum tempo para finalmente pensar no que acontecera entre ela e Gaius. *Ou talvez*, pensou, zombando de si mesma de modo pouco costumeiro, *posso simplesmente fechar os olhos e reviver essa noite de amor novamente*.

Podia ter esperado que Gaius ficasse ansioso, mas não que seria tão terno, controlando-se a ponto de tremer para não ir rápido demais e machucá-la. Porém, por mais que seu corpo fosse virgem, o prazer que pulsava através dela mais que se igualou ao dele. E nos momentos finais, quando o êxtase se tornara quase demais para a resistência de um mortal, teve a impressão de que a Deusa novamente a tomara e recebera o presente do Deus.

Suspirou, notando a dor estranha e a doce lassidão que pesava em seus membros. *A Deusa vai me matar em um golpe por quebrar meu juramento ou minha punição será chorar à noite relembrando o que jamais terei novamente?*, ela se perguntou. Bem, ao menos era melhor do que jamais ter vivido qualquer experiência como aquela. Tinha pena de Caillean, marcada desde a infância por sua única experiência do que os homens chamam de amor.

Conforme os dias se seguiram, as coisas começaram a entrar em equilíbrio. Eilan serviu Lhiannon no ritual da lua cheia e nenhum raio a atingiu. O treino



avançado que se seguia à iniciação, tanto de habilidades quanto de sabedoria, continuava normalmente, e, como os dias ficavam mais longos, as sacerdotisas mais jovens encontravam-se com as mais velhas, quando o tempo permitia, em um dos jardins ou no bosque sagrado.

Eram treze carvalhos sagrados, doze em um círculo e um no centro, fazendo sombra sobre o altar de pedras. Eilan, quando olhava para eles, sentia que mesmo no calor modorrento da tarde as árvores ainda retinham algo da mágica com que a lua as havia paramentado algumas noites antes. A voz de Caillean tornou-se um murmúrio de fundo quando Eilan olhou para cima. Certamente a luz que brilhava naquelas folhas era mais forte que a do sol. Todos os seus sentidos pareciam aguçados desde Beltane.

Então, ela voltou a prestar atenção no que dizia a sacerdotisa.

— Nos velhos dias havia um grande laço de sororidade entre nove grã-sacerdotisas, uma para cada região desta terra. Ficavam por trás das rainhas de cada tribo, oferecendo conselho e apoio.

Eilan se recostou no tronco robusto do carvalho, ligando-se à sua força firme, e tentou manter os olhos abertos.

— Elas não eram rainhas? — perguntou Dieda.

— O papel delas era menos público, embora fossem, com frequência, de linhagem real. Mas eram as mentoras dos reis, pois quando o rei era consagrado a sacerdotisa se tornava o canal pelo qual a Deusa passava a aceitá-lo nessa posição, conferindo um poder que ele, por sua vez, passava para sua rainha.

— E elas não eram virgens — disse Miellyn, amargamente, e Eilan despertou de vez, lembrando-se das palavras do Merlim. Tinha ela sido a Deusa para Gaius? Qual era então o destino dele?

— As sacerdotisas se deitavam com homens quando o serviço à Deusa exigia — respondeu Caillean, em um tom neutro. — Mas não se casavam. E tinham filhos apenas quando era o único modo de preservar a linhagem real. Mas elas permaneciam livres.

— Na Casa da Floresta não nos casamos, mas não diria que somos livres — observou Dieda, franzindo o cenho. — Embora a sacerdotisa do Oráculo escolha sua sucessora, o Conselho de Druidas precisa aprovar sua decisão.

— Por que as coisas mudaram? — perguntou Eilan, a necessidade intensificando o tom de sua voz. — Foi por causa de Mona?

— Os druidas dizem que nossa presente reclusão é para nossa própria proteção — respondeu Caillean, com a mesma neutralidade cuidadosa. — Dizem que apenas se permanecermos puras como vestais seremos respeitadas por Roma.

Eilan a olhou. Então o que fiz com Gaius não foi desconsiderar a Lei da

Senhora, mas apenas as regras dos druidas!

— Mas sempre precisaremos viver assim? — perguntou Miellyn, melancolicamente. — Não há um lugar em que possamos falar a verdade e servir à Deusa sem interferência dos homens?

Os olhos de Caillean se fecharam. Por um momento, Eilan teve a impressão de que as próprias árvores ficaram imóveis, esperando para ouvir o que a sacerdotisa diria.

— Apenas em um lugar fora do tempo... — sussurrou Caillean. — Um lugar protegido do mundo por uma bruma de mágica.

E, por um instante, Eilan pareceu ver o que a outra mulher via – uma névoa vagando como um véu pelas águas prateadas, e cisnes brancos cantando enquanto levantavam voo.

Então Caillean se sobressaltou e abriu os olhos, olhando confusa a seu redor, e através das árvores ouviram o gongo que as chamava para a refeição da noite.

Por um tempo as ansiedades de Eilan foram aplacadas, mas, enquanto os dias começavam a aumentar e o solstício de verão se aproximava, ela começou a se perguntar por que a Deusa não a havia acertado de uma vez. No começo, quando chegou o período costumeiro de ficar reclusa para purificação de acordo com os costumes da Casa da Floresta e não houve sinal de sangue, ela não se preocupou, pois jamais fora regular. Mas quando o segundo mês chegou e passou sem sinal de suas regras, teve certeza de que a mágica fértil de Beltane havia funcionado bem demais com ela.

Sua alegria inicial instintiva logo se transformou em terror. O que Bendeigid diria? Ou faria? Chorou, desejando poder voltar no tempo e buscar conforto nos braços da mãe. Então, enquanto os dias passavam, ela se perguntou se, em vez de gravidez, alguma doença séria a havia tomado como punição por seu sacrilégio.

Por toda a vida fora saudável e forte, mas agora ficava enjoada toda vez que tentava comer ou beber, era sacudida por calafrios diariamente e não tinha apetite. Ansiava pela colheita e pensava com melancolia nas frutas, na expectativa de que elas não fossem deixá-la tão enjoada. Tudo que conseguia engolir sem sentir ânsia era o leiteiro mais fino e azedo. Com certeza as gestações de Mairi não a atormentaram daquela maneira, então ela chegou a achar que aqueles não eram sintomas normais. Até a água do Poço Sagrado, quando as sacerdotisas se reuniram no dia mais longo para beber dela e ver o futuro, lhe causara calafrios gelados.

De tempos em tempos sentia que Caillean a observava, mas ela também estava doente; Eilan, que talvez fosse mais próxima dela do que qualquer outra, não sabia o que a afligia. Ao ser questionada, Caillean dissera que seu ciclo lunar estava perturbado, mas o problema de saúde da sacerdotisa apenas encheu Eilan de um medo maior. Certamente Caillean não poderia estar grávida! Eilan às vezes se perguntava se seu pecado havia amaldiçoado toda a Casa da Floresta, se sua doença se espalharia primeiro para Caillean e depois mataria, uma a uma, todas as sacerdotisas. Mas não ousava perguntar.

Caillean pegou umas folhas de tomilho da horta que Latis fizera no pátio interior e as esfregou entre os dedos, aspirando profundamente enquanto o aroma doce pairava no ar úmido da manhã. Tomilho era bom para dor de cabeça e talvez acabasse com a dela. Naquele dia, pelo menos, seu útero havia parado de sangrar intermitentemente, o que fora um flagelo por todo o verão, e talvez aquele contato com a terra pudesse aliviar o sentimento perturbador de medo que também a estava assombrando.

Das latrinas do outro lado do muro, podia ouvir alguém com ânsia de vômito. Ela esperou, perguntando-se quem havia acordado tão cedo. Viu uma figura vestida com uma camisola branca se movendo vagarosamente pela arcada, como se temesse ser vista. Pela primeira vez em semanas, seus sentidos internos despertaram e soube quem deveria ser e, com uma certeza súbita, o que havia de errado com ela.

— Eilan, venha até aqui! — disse em tom de ordem.

Eilan, que era muito bem treinada para desobedecer, foi na direção de Caillean com passos lentos, e a sacerdotisa mais velha notou o rosto pálido e o novo volume nos seios da garota. *Meus próprios problemas me distraíram mais do que imaginei*, pensou, com amargura.

— Há quanto tempo está assim? Desde Beltane? — perguntou.

Eilan a olhou, contorcendo o rosto.

— Minha pobre menina! — Caillean estendeu os braços e de repente Eilan estava abraçada a ela, soluçando.

— Ah, Caillean, Caillean! Pensei que estivesse doente... pensei que fosse morrer!

Caillean acariciou o cabelo da moça.

— Você sangrou durante esse tempo?

Eilan balançou a cabeça negativamente.

— Então é vida, e não morte, o que carrega — disse Caillean, sentindo a descarga de tensão relevadora no corpo magro sob suas mãos.

Os olhos de Caillean se encheram de lágrimas. Isso era algo pavoroso, certamente, mas ainda assim não conseguia deixar de sentir uma inveja desesperada da garota, lembrando-se de que seu próprio corpo a traía agora, sem saber se o que acontecera era apenas o fim da fertilidade que jamais usara ou realmente o fim de sua vida.

— Quem lhe fez isso, minha querida? — murmurou, com a boca muito próxima do cabelo macio da garota. — Não é de admirar que tenha estado tão quieta. Por que não me contou? Não pode ter achado que eu não entenderia!

Eilan olhou para cima com olhos vermelhos, e Caillean se lembrou de que aquela garota não era capaz de mentir para ela.

— Não foi estupro...

Caillean suspirou.

— Imagino que tenha sido aquele rapaz romano.

Aquela não era uma pergunta, e Eilan assentiu, calada. Caillean suspirou novamente e olhou para o espaço.

— Pobre criança — por fim disse. — Se tivesse sabido logo, algo poderia ser feito, mas agora você está com três meses. Precisamos contar a Lhiannon, sabe disso, não é?

— O que ela fará comigo? — Eilan perguntou com a voz trêmula.

— Não sei — respondeu Caillean. — Não muita coisa, imagino.

Havia uma lei ancestral que exigia a morte de uma sacerdotisa que quebrasse seus votos, mas certamente jamais a aplicariam em Eilan.

— Provavelmente apenas será mandada embora... E estava preparada para isso, imagino. Mas tenho certeza de que essa é a pior medida possível — ela completou.

*E se tentarem puni-la de modo mais severo, pensou Caillean, com um jorro de sua antiga energia, vão precisar se ver comigo!*

— Sua desgraçada, animalzinho sujo! — gritou Lhiannon. O rosto da grã-sacerdotisa ficou repentinamente roxo, e Eilan se retraiu. — Quem foi que fez isso com você?

Eilan balançou a cabeça, os olhos ardendo.

— Fez isso de vontade própria? Sua traidora! Quis envergonhar a todas nós ou simplesmente não pensou no que fazia? Estava no cio como um animal... Depois de todo o nosso cuidado com você. — Lhiannon engoliu o fôlego, suspirando com raiva.

Caillean havia suspeitado de que haveria um escândalo quando a grã-sacerdotisa soubesse, mas as coisas estavam correndo pior do que esperava. A

saúde e o humor de Lhiannon haviam se tornado cada vez mais precários, e Caillean percebia que era um de seus dias ruins. Mas então era tarde demais. De repente ela estapeou a moça, gritando:

— Achou que era uma paixão sagrada? Você não passa de uma prostituta!

— Lhiannon — Caillean passou um braço em torno dos ombros da mulher e sentiu um pouco da tensão se aliviar. — Isso não é bom para você. Acalme-se, Mãe! Deixe-me pegar um pouco de chá para você.

Ela passou a mão pela testa da grã-sacerdotisa e Lhiannon esmoreceu em seus braços. Com uma mão, Caillean despejou o chá da garrafa para uma caneca e a segurou nos lábios de Lhiannon. Uma fragrância de menta se espalhou pelo quarto. A grã-sacerdotisa bebeu e então expirou em um longo suspiro, estremecendo.

Eilan ainda estava paralisada e sem lágrimas diante dela. Precisou juntar muitas forças para ir até ali, e colocou as consequências daquela revelação no colo dos deuses. Mas, naquele momento, ainda apavorada com a fúria de Lhiannon, obviamente sentia dificuldades para se importar. Quando Lhiannon se levantou, parecia ter esquecido de sua fúria.

— Sente-se — ela disse, queixosa. — Meu pescoço dói de olhar para cima.

Caillean apontou para um banco de três pernas, e Eilan, ainda com os olhos ardentes e ressentida, obedeceu.

— Muito bem — disse Lhiannon, em um tom mais próximo do normal. — Agora, o que será feito? Sinto muito por ter lhe dado um tapa, mas é que isso perturba os planos... — Ela parou, franzindo o cenho. — Bem, precisamos fazer algo. Imagino que seja melhor contar para Ardanos.

— Por minha vida, não vejo o que ele tem a ver com isso — disse Caillean. *A não ser*, pensou, *que o plano dele tenha sido perturbado pela desgraça de Eilan!* — Ela não foi a primeira a ser atçada pelas fogueiras de Beltane e nem será a última, tenho certeza. Seria mais fácil se Eilan fosse filha de outro homem. Mas Ardanos e Bendeigid terão apenas de aceitar! Com certeza o destino de uma sacerdotisa de Vernemeton é assunto nosso. Quando pensa em contar a Ardanos, quer dizer que não podemos nós mesmas descobrir a melhor coisa a ser feita?

— Eu não disse isso — respondeu Lhiannon, aflita —, mas Ardanos deve ser avisado.

— Por quê? Que lei exige isso a não ser a lei romana que torna as mulheres posse dos homens? — Caillean foi ficando zangada. — Realmente tem tanto respeito pela sabedoria dele?

Lhiannon passou a mão sobre os olhos.

— Por que sua voz precisa ser tão aguda, Caillean? Vai me dar dor de

cabeça. Deve saber agora que não é uma questão de sabedoria, mas de poder. Pelo tratado que protege este lugar, tudo que diz respeito à Casa da Floresta está sob o encargo dele.

— Sim, infelizmente! — disse Caillean, com amargura. — Diga-me, quem o escolheu para ser o deus?

Lhiannon esfregou o braço esquerdo como se sentisse dor.

— De qualquer modo, ele é um dos poucos parentes de Eilan ainda vivos, e é certo que ele saiba — disse, cansada.

Caillean sentiu uma pontada indesejada de culpa. Obviamente Lhiannon estava ansiosa para colocar o problema nos ombros de outra pessoa. Em vista de sua saúde precária, talvez essa atitude não fosse de todo surpreendente.

Eilan ainda estava em silêncio, como se sua confissão tivesse lhe tirado toda a força. O olhar estava voltado para dentro, como se o que dissessem não tivesse nada a ver com ela, ou simplesmente não se importasse mais com nada.

*Diga algo, criança!* Caillean olhou para ela. *É seu destino que estamos decidindo!* Caillean sabia que Ardanos não faria nada a ela. Ele já tinha tentado, mas Lhiannon era afeiçoada demais à sua criança adotiva, e chegaram a um acordo ao fingir cuidadosamente que Caillean não existia. Ela, de sua parte, tentava evitar atrair a atenção de Ardanos, ou mesmo se opor a ele; mas, pelo bem de Eilan, acreditava que poderia enfrentar até mesmo o velho druida.

— Muito bem, então, mande chamar Ardanos — disse Caillean em voz alta. — Mas pense duas vezes antes de colocá-la em poder dele.

— Bem... — Ardanos franziu o cenho para as três mulheres que o esperavam nos aposentos da grã-sacerdotisa. — O que aconteceu de tão importante que precisaram me chamar?

Lhiannon parecia frágil e cansada, e Caillean se assomava como uma sombra atrás dela. *Será que é sobre a saúde dela?*, ele se perguntava, com uma estocada súbita de alarme ao notar Eilan sentada ao lado da janela. *Chamaram-me porque a grã-sacerdotisa está morrendo? Mas ela não parece doente, e certamente ainda não teriam contado a Eilan...*

— Que isso fique claro — disse Caillean, com todas as letras. — Não mandei chamá-lo. E, se fossem minhas últimas palavras, ainda negaria que tem autoridade sobre as sacerdotisas.

— Mulher! — trovejou Ardanos. — O que...?

— E não me chame de “mulher” neste tom, como se elas não tivessem nada a ver com o senhor, como se sua própria mãe não tivesse sido uma — retrucou Caillean, furiosamente. — Homens que não temem a Deusa... quem são eles

para falar por Ela?

Ardanos fez uma careta e se voltou para Lhiannon.

— Bem, é melhor me dizer o que está acontecendo — ele disse, sem muita gentileza. — Certamente não saberei por Caillean.

*Esta não é uma boa época para deixar Deva*, ele pensou, irritado. Com o governador longe, lutando na Caledônia, alguns oficiais locais haviam começado a presumir ter poderes. Ele precisava voltar para onde seus agentes podiam lhe manter informado e, se necessário, poderia usar seus contatos entre os romanos para evitar problemas.

Lhiannon falou algumas palavras, mas não se ouviu nada além de um som sufocado estranho. Ela então tossiu e tentou novamente.

— Eilan está grávida do filho do prefeito, e não sabemos o que fazer.

Ardanos olhou para Lhiannon com surpresa e depois se voltou para Eilan.

— É verdade?

E Eilan disse em voz baixa:

— Sempre digo a verdade.

— De fato — grunhiu Ardanos, a mente girando em cálculos. — Isso eu admito. Você não é nenhuma mentirosa, garota.

Ela parecia ter preferido não ter dito nada a ele. Caillean foi para seu lado e tomou sua mão, de modo protetor. Ele sentiu a raiva subindo. *Essas tolas têm alguma ideia de como isso pode ser devastador?* A própria sobrevivência da Casa da Floresta dependia da manutenção do mito da pureza delas! Elas precisavam entender!

— E o que querem de mim? — Suas palavras soaram com todo o poder do treinamento bárdico. — Sabe qual é a pena tão bem quanto eu. Se uma sacerdotisa jurada se deitar com qualquer homem, a não ser o Rei Sagrado, sua pena é a morte.

*Morte*. A palavra abriu um silêncio, mesmo na quietude do cômodo. Então Lhiannon gemeu e pareceu perder as forças do corpo. Caillean, então, se moveu rapidamente para pegá-la nos braços.

— Velho cruel, sem coração! — explodiu. — E pensar que foi ela quem insistiu para que o assunto fosse levado até o senhor! — Apertou a grã-sacerdotisa de encontro ao corpo, tocando o pescoço para sentir o pulso. — Deusa! O coração dela disparou feito um cavalo assustado! Mas você ainda não a matou, não desta vez. — Ela se endireitou enquanto Lhiannon gemia e se agitava. — Sabe que o coração dela é fraco. Quer tentar de novo?

Ardanos se curvou sobre ela. Disse baixo:

— Ela apenas desmaiou... Logo se recupera. — Ele se sentia mais abalado do que esperava. — Não sabia que isso a deixaria tão transtornada.

O druida ajudou Caillean a levantar a velha mulher, surpreso com a leveza dela sob os mantos, e a colocá-la na cama, um pouco apoiada em travesseiros, para que pudesse respirar. Caillean pingou algumas gotas de uma poção em uma taça de água e a colocou nos lábios da grã-sacerdotisa. Ardanos viu os músculos na garganta de Lhiannon se contraírem enquanto ela engolia, e depois de alguns momentos suas pálpebras se abriram de novo.

*Seus olhos ainda são lindos*, pensou Ardanos, surpreso, *até mesmo agora, enevoados pela dor*. Sofreria quando a morte a levasse, mas a consciência disso não podia interferir no que tinha de fazer.

— Não a morte — ela sussurrou. — Não há outro jeito?

Ardanos olhou para Eilan, que estava amontoada no banco, com os nós dos dedos contra os lábios, olhando para Lhiannon.

— Diria a mesma coisa se fosse minha própria filha, Dieda. No começo pensei que fosse ela...

— Dieda não importa — disse Lhiannon, com mais força. — Não podemos deixar que machuquem Eilan!

— Claro que não — disse Caillean, de forma tranquilizadora. — Ardanos sabe tão bem quanto eu ou a senhora que essa pena jamais foi cumprida. Afinal, não se trata de um acontecimento inédito.

— Bem — perguntou Ardanos, com cuidado —, então o que sugerem que se faça?

Ver Caillean tão desanimada lhe dava uma satisfação perversa. Talvez agora fosse causar menos problemas.

— A criança de Miellyn foi gerada pelo Rei do Ano, e de qualquer modo ela sofreu um aborto, então não enfrentamos o problema de fato. Mas há cinco ou seis anos houve um caso do tipo e a moça foi mandada embora da Casa da Floresta discretamente.

— Isso é verdade — disse Ardanos. — Mas a garota em questão não era filha de um druida importante...

— Nem neta de um — retrucou Caillean. — Então agora chegamos ao ponto. Tem medo de que isso se reflita no senhor!

— Quieta, Caillean — disse Lhiannon. — Como pode sentar-se aí discutindo com Ardanos enquanto essa pobre criança — ela olhou para Eilan — escuta sem saber se vai viver ou morrer.

Ardanos olhou para a neta e não conseguiu apreender nada em sua expressão. Estava sendo teimosa ou realmente não se importava? O trabalho que fizeram ali não poderia ser colocado em perigo por uma menina tola.

— As outras sabem disso? — ele perguntou, e Caillean negou com a cabeça. — Tomem cuidado para que isso permaneça assim, e talvez possamos



encontrar uma maneira...

— Ah, quanta bondade! — disse Caillean, sarcasticamente. — Fazer para a própria neta o que faria para um estranho...

— Fique quieta, criança — repetiu Lhiannon, de modo cansado. — Não deve falar assim com o arquidruída. Estou certa de que ele está tentando fazer o melhor que pode por Eilan... e também por todos nós.

Caillean parecia cética, mas não disse nada.

— De qualquer modo, vocês não são as únicas pessoas em questão aqui — disse Ardanos, sombriamente. O estupro de uma sacerdotisa sagrada, pois seria assim que o consideraria, independentemente do que Eilan dissesse, era uma tocha que poderia incendiar toda a Bretanha. Ele colocou o manto e olhou para elas. Havia um romano, ao menos, que deveria estar tão ansioso quanto ele para ver isso resolvido discretamente.

— Vou a Deva falar com Macellius. Talvez também encontre o jovem romano.

Ao longo do mês seguinte, o enjoo de Eilan melhorou, e durante boa parte do tempo ela sentia-se tão bem quanto sempre. Suas túnicas largas escondiam as mudanças em seus seios, e, como era a primeira criança, ainda levaria algum tempo para que o volume de sua barriga ficasse visível.

Ela se perguntava o que Gaius dissera ao saber de sua gravidez. Em nenhum momento se arrependeu de ter se deitado com ele, mas agora via o poder das forças dispostas contra ela e tinha a impressão de que fora uma tola ao pensar que as coisas poderiam mudar. Sua visão de ser uma grã-sacerdotisa da maneira antiga se enfraquecia. Agora queria apenas ser a mãe do filho de Gaius. Mas ainda assim, apesar das palavras de despedida de Ardanos, não ousava pensar que permitiriam que se casasse com ele.

Ao menos Caillean e Lhiannon não pareciam acreditar que sua condição a impedia de participar dos rituais. Passava a maior parte do tempo memorizando a cerimônia da lua cheia com as outras sacerdotisas juradas.

Havia se tornado uma questão de orgulho para ela provar que a perda de sua virgindade não afetara sua habilidade de trabalhar como sacerdotisa, então se dedicou a memorizar as minúcias dos rituais. De todas, Dieda era a que mais se aproximava dela em inteligência. Quando eram crianças, tinham trabalhado para produzir a lã mais bem fiada ou o bordado mais bem-feito para ganhar elogios de Rheis. Naquela época, Eilan sentia pena da prima porque a mãe de Dieda morreria, enquanto ela sempre teria o cuidado amoroso de uma mãe, e por isso evitava entrar em competição com ela. Dieda precisava ser a primeira; Eilan,

não. Mas agora tinha uma razão para se distinguir.

Eilan tinha uma boa mente e, encorajada por Dieda, usava-a ao máximo. A memória de Dieda era mais precisa, e é claro que ninguém podia se equiparar a ela no canto, mas, das duas, Eilan frequentemente tinha um melhor entendimento.

Enquanto Lhiannon falava com elas, Eilan se viu prestando atenção em cada palavra. A grã-sacerdotisa havia ficado tão frágil que achava difícil se lembrar de que Lhiannon estava apenas na casa dos sessenta anos.

Às vezes, Eilan se perguntava quem iria sucedê-la. Precisaria ser Caillean, mas a irlandesa dissera que os sacerdotes jamais a aceitariam. Miellyn era muito franca, e amargurada desde que perdera a criança, e Eilidh, muito introvertida. Talvez seja Dieda, pensou então, e se perguntou como seria viver ali sob o governo da prima.

Quando a lua ficou cheia novamente, Lhiannon parecia estar muito melhor, mas, enquanto o ritual seguia, podiam ouvir sua voz ficando cada vez mais baixa. Ela completou a cerimônia, mas ficou claro a todas elas o que isso lhe custara. No dia seguinte ela desmaiou, e, dessa vez, ao ser colocada na cama, não encontrou mais forças para deixá-la.

Ardanos talvez tenha tido certa satisfação em dizer a Macellius Severus o que o filho dele havia feito, mas, não importava o que esperasse, encontrou no prefeito um igual. Macellius o ouviu com grande cortesia e então o informou de que Gaius havia viajado para Londinium para se casar. E, assim que o arquidruida deixou o escritório, ele começou a fazer arranjos para isso.

Macellius não tinha dúvidas de que Ardanos dissera a verdade. A única surpresa era como podia ter se enganado a respeito da paixão do filho. Havia um traço de teimosia no rapaz que certamente era legado da mãe. Macellius esfregou os olhos. Moruadh enfrentara o desagrado de todos os parentes para se casar com ele. Não deveria ter subestimado a força daquele sangue celta, selvagem.

Caso se tratasse de um cavalo ou escravo tão desobediente, teria tido coragem de tomar medidas mais severas. Talvez fosse difícil para ele disciplinar Gaius porque via com frequência sua Moruadh o olhando pelos olhos do filho. Mas o casamento com uma boa moça romana certamente daria um jeito no rapaz. Enquanto os passos do druida recuavam no corredor azulejado, Macellius chamou o secretário.

A visão do rosto colérico de seu chefe impediu o jovem Valerius de fazer uma de suas piadas costumeiras. Fez apenas uma saudação ligeira e foi cumprir a ordem de procurar Gaius. Encontrou-o na biblioteca, lendo o relato das guerras gálicas de César.

— Vou já — disse Gaius, baixando o pergaminho. — Tem ideia do que meu pai quer?

— Não, nenhuma. Mas ele está bravo — avisou Valerius. — Recebeu uma visita do velho druida Ardanos nesta manhã e depois do encontro ficou com uma expressão furiosa, mestre Gaius.

— É? Fico me perguntando o que o velho queria — disse Gaius, sentindo um pequeno calafrio subindo pela espinha. Ardanos entrava e saía dali desde que

era criança, com um ou outro problema dos nativos. As pessoas sempre apareciam com pedidos, legítimos ou não, e quando eram insensatos demais o pai costumava ficar irritado. Não imaginava que o chamado tivesse relação com o fato de Ardanos ser o avô de Eilan, mas enquanto percorria o corredor azulejado, em direção ao escritório do pai, não conseguiu deixar de se preocupar.

O mais velho dos Severus segurava um conjunto de ordens militares.

— Você vai para Londinium agora — rugiu.

Gaius olhou para ele perplexo. Abriu a boca para perguntar o motivo, mas logo percebeu que o pai estava em um acesso de fúria.

— Eu disse a você para deixar aquela moça em paz!

E então ele começou a compreender a situação. Ardanos havia dito ao prefeito que ele estivera com Eilan. Será que alguém os vira? Com certeza Eilan não dissera nada a ninguém. Entretanto, Gaius ficaria feliz em proclamar seu amor abertamente; fora ela quem insistira no segredo.

— Com respeito, senhor, não penso...

— Não, você não pensa. E isso é metade do problema — rosnou Macellius. — Imagino que saiba que não poderia ter feito algo pior do que fez, a não ser que estuprasse a grã-sacerdotisa da Casa da Floresta em plena luz do dia no altar sagrado, ou então cortasse o Carvalho Sagrado deles. Quer fazer com que sejamos todos massacrados?

Macellius não esperou por uma resposta.

— O povo aqui não precisa de uma desculpa para se revoltar. Não, nem uma palavra — disse, com um gesto imperioso quando Gaius fez menção de falar. — Confiei em sua palavra uma vez... mas nunca mais. Não acredito que tenha estuprado a moça, mas acredito com facilidade que a tenha engravidado. Não tenho dúvidas de que ela é uma boa moça a seu modo e que merecia algo melhor do que essa situação em que você a colocou. Uma virgem jurada, e neta do arquidruída!

A boca de Gaius se fechou lentamente. Eilan grávida! Eilan levando seu filho! Ele se lembrou da doçura da boca e da maciez do corpo dela sob o seu e engoliu em seco, mal ouvindo as palavras seguintes do pai.

— Não o perdooarei tão cedo por me colocar em uma posição em que não posso nem ao mesmo reparar a situação de modo honrado, mas, do jeito que as coisas estão por aqui agora, não posso nem mesmo mandar que se case com ela.

— Mas eu quero — começou Gaius.

Macellius balançou a cabeça.

— O sul explodiria, exatamente como aconteceu há vinte anos, se o povo soubesse disso, fato do qual o velho tem plena consciência. Ele já conseguiu de mim uma concessão sobre os recrutamentos, e ousou dizer que ele não vai parar

por aí. Mas ao menos não vai usar você contra mim. Disse a Ardanos que estava em Londinium, e é para lá, meu rapaz, que você vai agora mesmo. Vou lhe entregar uma carta para Licinius e, se tiver sorte, não o verei novamente até que esteja devidamente casado.

Gaius o escutou incrédulo.

— Casado? Mas isso é impossível!

— Veremos — retrucou o pai. — Consegue pensar em outro jeito de desfazer sua loucura? Ardanos me prometeu que não vai machucar a moça, desde que você fique longe dela, e eu não consigo pensar em nenhuma maneira melhor do que essa de me certificar de que você jamais chegue perto dela de novo. Sabe que Licinius e eu conversamos sobre isso, e o dote e os arranjos não serão problema. Se ela ainda o aceitar depois disso, você vai se casar com essa moça.

Gaius balançou a cabeça, tentando encontrar palavras para protestar, mas Macellius lançou a ele um olhar fulminante.

— Você vai — ele ordenou, baixo, mas com tanta raiva escondida que Gaius não ousou retrucar. — Passei por muitos problemas para salvá-lo de sua própria loucura para agora deixá-lo destruir a si mesmo. Você parte em meia hora.

O pai assinou um rolo de papiro e olhou para Gaius.

— Se você se recusar, não sei o que farão com a garota. Podia pensar nela ao menos uma vez.

Gaius o encarou, tentando se lembrar da pena romana para a vestal que quebrasse os votos; conforme se recordava, eram enterradas vivas. Percebeu abruptamente que qualquer coisa que dissesse seria tomada como autodefesa. De fato, poderia colocar a vida de Eilan em perigo. O terror que sentiu por ela secou sua garganta.

Macellius enrolou a carta, selou-a e a entregou para o filho.

— Entregue isso a Licinius — instruiu. — Meu oficial de dia Capellus irá com você — completou. — Já ordenei que ele se preparasse para a viagem.

Dentro de uma hora, Gaius se viu na estrada para Londinium com a figura imensa de Capellus ao seu lado. Todas as suas tentativas de começar uma conversa eram rejeitadas educadamente, mas com firmeza. Quando, quase desesperado, ofereceu um suborno ao homem – ele precisava parar, para de algum modo avisar Eilan –, o homem apenas bufou.

— Sem ofensa, senhor, mas seu pai me disse que provavelmente tentaria isso e me pagou muito bem para que eu impedisse qualquer desvio no nosso caminho até Londinium. É diretamente para lá que devemos seguir. Além do mais, eu trabalho para o seu pai e não quero ficar sem emprego, entende? Então,

tente se acalmar, senhor, e faça como o prefeito manda. Quando achar que tudo está acabado, será para melhor, entende?

A jornada para Londinium levou praticamente seis dias. Mas já no terceiro dia o otimismo natural de Gaius começou a se reafirmar, e ele observava com interesse crescente as vilas bem cuidadas que apareciam pela terra. Podia ver agora como a região oeste ainda era indomada. Mas essa paisagem ordenada era o que o império gostaria de alcançar. Ele a admirava, mas não tinha certeza de que gostava dela.

Já estava escurecendo quando passaram pelos portões da cidade e pararam na frente da mansão do procurador, entre o Fórum, onde ficava o departamento do Tesouro, e o novo palácio que estava sendo construído por Agricola, marcado por suas piscinas ornamentais. Estivera em Londinium várias vezes quando criança, e também depois de começar a usar a toga e oficialmente se tornar homem, mas não desde que Agricola se tornara governador.

A cidade tinha um brilho gracioso no poente de verão, e um vento frio vindo do rio afastava o calor úmido do dia. As cicatrizes do ataque de Boudicca estavam em sua maioria escondidas agora, e os planos de construção do governador sugeriam as nobres proporções que a cidade um dia teria. É claro que jamais rivalizaria com Roma, mas em comparação a Deva era considerada uma metrópole.

Gaius entregou a carta a um criado imponente no pórtico e foi convidado a entrar e se acomodar no pátio central. Ali ainda estava quente, e o ar era perfumado pelos arbustos e pelas flores colocadas em vasos. Da fonte vinha o barulho de água caindo, e em algum lugar nos cômodos atrás do pátio, a música do riso de uma jovem. Depois de um tempo, um velho jardineiro apareceu e começou a cortar flores – provavelmente para a mesa –, mas não sabia, ou fingiu não saber, nenhuma das línguas em que Gaius se dirigiu a ele. Por um tempo Gaius andou por ali, feliz por esticar as pernas após o longo dia na sela. Então, sentou-se em um banco de pedra, foi tomado por toda a fadiga da jornada e adormeceu.

De algum modo o riso da moça se enredou em seu sonho... E Gaius acordou assustado, olhando em torno de si, mas não havia ninguém ali além de um homem de meia-idade, grande, de muletas e envolto em uma toga formal. Gaius ficou de pé, corando de vergonha.

— Gaius Macellius Severus?

— Sim, senhor...

— Deveria ter adivinhado. — O velho sorriu. — Meu nome é Licinius, e

seu pai e eu fomos amigos pela maior parte de nossa vida. É um verdadeiro prazer receber o filho dele. Seu pai está bem?

— Estava quando o vi há poucos dias, senhor.

— Bom. Bom. Bem, jovem, eu esperava que ele pudesse vir me visitar, mas você é muito bem-vindo no lugar dele. Dado nosso arranjo, pode imaginar que estive ansioso para conhecê-lo.

Gaius vinha dizendo a si mesmo durante todo o caminho desde Deva que não se apressaria para casar de modo tão irrefletido, mas também não podia explodir em protestos diante dos olhos do velho amigo de seu pai. Concordara com isso por causa do perigo que Eilan corria e sabia que precisava ficar grato por Licinius ser tão bondoso.

— Sim, senhor — ele disse, contemporizando. — Meu pai falou algo sobre isso...

— Bem, espero que sim — respondeu Licinius, mal-humorado. — Como disse, temos isso em mente desde que você nasceu. Por Mitra, rapaz, se Macellius não lhe falou nada sobre o assunto, teria me perguntado o que ele anda usando como cabeça ultimamente.

Apesar do mau humor, essa era a primeira voz totalmente amigável que Gaius ouvia em muitos dias, e, ainda que contra a vontade, sentiu-se tocado por ela. Era bom ser bem recebido. O procurador dava como certo que ele deveria ser tratado como um amigo valioso e futuro genro, e fazia tempo desde que Gaius havia sido tratado como parte de uma família. Ele percebeu com uma pontada que a última vez em que havia se sentido assim fora na casa de Bendeigid. Eilan, Cynric, o que seria deles? Saberia um dia? Havia se preocupado com isso por toda a viagem a Londinium — mas agora precisava pensar em outra coisa.

— Bem, então, filho — disse Licinius —, deve estar ansioso para conhecer sua noiva.

*Fale*, disse Gaius a si mesmo. Mas ele não conseguia se forçar a apagar o brilho nos olhos do velho, e então murmurou algo evasivo. *Vão punir Eilan se eu tentar vê-la de novo*, recordou a si mesmo, com severidade. A melhor coisa que poderia fazer por ela seria aceitar aquilo que haviam preparado para ele. *Ou isso é apenas uma desculpa para evitar um confronto?*, perguntou-se.

Mas Licinius já havia chamado um servo bem-vestido.

— Mande chamar a senhora Julia — ordenou.

Gaius sabia que era a hora de dizer que não teria envolvimento com aquela farsa de casamento arranjado. Entretanto, sem esperar por resposta, o procurador já havia se levantado.

— Ela estará com você em um momento. Vou deixar vocês jovens sozinhos

para se conhecerem.

Antes que Gaius encontrasse as palavras para detê-lo, o velho saiu mancando.

Julia Licinia cuidava da casa do pai desde a morte da mãe, havia três anos. Como filha única, desde criança havia presumido que se casaria com o homem que o pai escolhesse. Ele dissera a ela que havia arranjado um casamento com o filho de Macellius; ao menos isso significava que não seria dada a um patrício desconhecido com o dobro de sua idade, como acontecera com mais de uma de suas amigas. Tentando parecer despreocupada, pegou um figo de uma das árvores que cresciam nos vasos do átrio de colunatas enquanto o pai vinha em sua direção, com um sorriso largo.

— Ele está aqui agora, minha querida, Gaius Macellius, o filho, seu marido prometido. Vá ver o que acha; é você, afinal de contas, que vai se casar com ele. Mas penso que, se não gostar da aparência do jovem, será difícil contentá-la.

— Não esperava isso tão rápido — disse Julia para o pai.

Ainda assim, ocorreu-lhe que não fazia sentido esperar mais. Estava ansiosa para ter algo todo seu; e certamente, quando tivesse dado um filho a esse jovem tribuno legionário, ele a valorizaria acima de tudo. Já estava acostumada a cuidar de uma casa, mas queria filhos que a amassem. Estava determinada a não falhar em dar um filho a seu marido, como a própria mãe tinha feito.

— Nem eu esperava — o pai disse, de bom humor. — Queria ficar um pouco mais com a minha menininha. Agora é provável que eu tenha de me casar com alguma viúva que cuide da casa para mim. Mas o jovem evidentemente se envolveu com alguma nativa, e Macellius acha que o casamento vai acalmá-lo. E sendo assim...

*Uma moça nativa?* , perguntou-se Julia, arqueando as sobrancelhas. Sabia que a maioria dos pais não falaria de modo tão franco com uma filha, mas sempre fora uma companhia para Licinius quando criança.

— E sendo assim...?

— Bem, sendo assim, o jovem apareceu em nossa porta, e está na hora de vocês se conhecerem. Imagino que esteja ansiosa para vê-lo.

— Admito que estou curiosa.

Que tipo de marido havia atraído? Uma escapada até poderia ser tolerada, mas, se aquele era o tipo de homem que habitualmente ia atrás de mulheres, Julia não estava certa de que o desejaria.

— Então corra, filha — disse o pai. — E devo dizer que, se ele não gostar de você, também será difícil contentá-lo.



Em um pânico súbito, Julia se lembrou de que vestia uma túnica velha e havia penteado o cabelo de modo simples.

— Assim? — perguntou.

Afobada, tentou ajustar as dobras do vestido para esconder uma mancha de framboesa.

— Tenho certeza de que é você quem ele quer ver, não o tipo de vestidos que usa — ponderou o pai, com afeto. — Você está linda. Ele sabe que é minha filha, e isso é o que realmente importa. Corra, vá ver o que acha dele. E não seja tola, filha.

Julia sabia que não havia contestação. Licinius era um bom pai, indulgente até, mas quando tinha uma decisão tomada, não conseguia fazer com que mudasse de ideia.

Gaius mais uma vez ouviu o som suave de um riso feminino, e por algum motivo pensou em Odisseu, surpreendido na praia por Nausícaa e suas damas. Ele, então, observou a moça sair de trás de uma das árvores floridas e vir em direção a ele.

*Uma moça? Uma criança*, pensou Gaius inicialmente; pois, apesar de não ser alto, a garota que se aproximava mal alcançava seu ombro. Ela tinha a cabeça pequena, mas graciosa, contornada por cachos grossos e escuros, presos de modo frouxo em cima do pescoço. Os olhos também eram escuros, e olharam os seus sem medo. Estivera evidentemente comendo framboesas, pois a bela túnica de lã branca e os lábios estavam manchados de rosa pelo suco da fruta. O pai dela dissera que ela tinha quinze anos, mas não parecia ter mais que doze.

— Você é Julia Licinia?

— Sou. — Ela o olhou de cima abaixo. — Meu pai me prometeu para um bárbaro meio romano, e vim dar uma olhada nele. Quem é você?

— Temo ser o tal bárbaro meio romano — ele respondeu, secamente.

A moça o inspecionou tranquilamente, e ele se sentiu como se estivesse à espera de um veredicto de grande importância. Mas, então, ela riu.

— Bem, você parece romano o suficiente — disse. — Estava preparada para um grande bárbaro loiro cujos filhos jamais pareceriam romanos. É verdade que a política de nosso governador de ensinar artes e bons modos aos filhos dos chefes tem sido bem-sucedida — ela completou, considerando —, mas os que têm sangue romano não podem esquecer a quem pertence o império. Não quero ter filhos cujos retratos destoem dos de meus ancestrais.

*Sangue romano ou toscano?*, perguntou-se Gaius, cinicamente, lembrando-se de que Licinius tinha a mesma ascendência etrusca do pai e subira de posto

por mérito, não por seus ancestrais. Aquelas origens comuns sem dúvida fortificavam a ligação que os homens tinham. Gaius pensou em Cynric, que também era meio romano, por mais que não gostasse. Ao menos ele, Gaius Macellius, parecia o que devia ser, e seu pai não tinha poupado esforços para que ele fosse aceito como tal.

Ele disse de modo seco:

— Imagino que eu deva ficar contente por ter passado em sua inspeção.

— Ah, vamos — ela disse. — Tenho certeza de que deseja que seus filhos se pareçam com romanos de verdade tanto quanto eu.

Com uma pontada súbita, ele se perguntou: *E o filho de Eilan? Será loiro como a mãe ou trará no rosto a minha estirpe?* Ele se forçou a voltar ao sorriso divertido de Julia.

— Ah, estou certo de que todos os nossos filhos serão romanos e corajosos.

Os dois jovens riam juntos quando Licinius voltou. Ele olhou, como se quisesse uma confirmação, para o rosto rosado de Julia. Finalmente, disse:

— Isso então está resolvido.

Gaius piscou enquanto seu futuro sogro apertou sua mão, sentindo como se uma grande arma de cerco o tivesse atropelado. Mas havia apenas Julia, pequena e sorridente, ao seu lado, e ela parecia tão inofensiva quanto uma criança.

*Mas ela não é*, pensou. Um encontro foi o suficiente para convencê-lo. *Longe disso. Inofensiva é a última palavra que usaria para descrevê-la.*

— É claro — disse o procurador — que um casamento como esse não pode ser arranjado rapidamente. — Ele tentava parecer divertido. — As pessoas certamente pensariam que Julia se comportou mal de algum modo, casando-se às pressas com um estranho de lugar nenhum. A sociedade local e minha família precisam de uma oportunidade de conhecê-lo e valorizá-lo.

*Essa não é exatamente a razão desse casamento*, pensou Gaius, amargamente, pois era ele quem tinha se comportado mal. Mas podia ver que Julia não queria ser apressada a se casar com — como havia dito o procurador — um estranho de lugar nenhum. Ela deveria ter a chance de se casar com um membro respeitável de sua própria comunidade. E esse atraso daria a Gaius a oportunidade de recuperar o fôlego e descobrir o que fazer. Talvez com mais conhecimento, a garota decidisse que por fim não gostava dele, e então nem mesmo o pai dele poderia culpá-lo por não se casar com ela.

Licinius bateu no pergaminho enviado por Macellius.

— Este documento transfere suas obrigações para meu comando. Pode não achar que um jovem oficial precise saber qualquer coisa sobre finanças, mas quando for comandar uma legião vai considerar o trabalho mais fácil se souber algo sobre o sistema que mantém seus homens calçados e alimentados! E não

tenho dúvidas de que vai considerar uma tarefa fácil depois da fronteira. Não é exatamente uma Roma, mas Londinium está crescendo, e as mulheres vão falar muito de você, com todos os oficiais jovens da equipe do governador no norte.

Ele fez uma pausa e depois lançou um olhar duro para Gaius.

— Não é preciso dizer — ele completou — que não haverá comportamento inapropriado enquanto estiver aqui. Você vai viver com Julia sob este teto como se ela fosse sua irmã, embora eu gradualmente vá avisando a todos que ela é sua mulher prometida desde a infância. Mas até depois da cerimônia...

— Pai — protestou Julia —, realmente acredita que eu desgraçaria assim tanto você como a mim mesma?

Os olhos de Licinius se suavizaram ao olhar para ela.

— Espero que não, criança — rugiu. — Só quis deixar claro para este jovem rapaz.

— Realmente espero que não — murmurou Gaius. Mas sabia que havia pouco perigo, pois achava difícil acreditar que Julia algum dia seria tomada pela emoção. Com certeza era diferente de Eilan, que pensara em seu bem antes do dela própria e agora sofria as consequências.

*Será que, assim como estão fazendo comigo, irão arrastá-la para um casamento de conveniência com alguém mais “apropriado”?* , perguntou-se Gaius. De repente ele a imaginou espancada ou obrigada a concordar, lacrimosa, miserável, talvez chorando. Ela era, afinal de contas, símbolo do que era considerado nobreza pelos bretões, e uma aliança com a família dela podia ser vista como vantajosa – assim como o casamento com Julia seria politicamente vantajoso para seu pai e, supunha, para ele.

*Mas tenho certeza de que, se tentarem, ela vai se recusar* , então pensou. *Ela tem mais integridade que eu* . Por mais que sua união com Eilan tivesse sido cheia de êxtase, houve momentos em que ela quase o assustara. Ou talvez fora sua própria resposta que o havia amedrontado.

Julia sorriu com aparência de timidez. Mas Gaius pensou que aquilo era algo simulado para agradar o pai; a última hora havia mostrado a ele que seria difícil imaginar algo menos tímido que Julia – talvez um dos elefantes de guerra de Aníbal. Entretanto, o pai ainda parecia considerá-la como uma criança tímida; os pais eram sempre os últimos a saber como os filhos realmente eram.

E, mais uma vez, seus pensamentos se voltaram a Eilan. O pai dela havia confiado nele, e veja o que, por fim, aconteceu. Não podia culpar o pai de Julia por ser mais cuidadoso.

O trabalho de um oficial na equipe do procurador incluía um número de tarefas

que provavelmente seria fácil para Valerius, mas que para Gaius, cujo tutor se aposentara havia muitos anos, era tão estressante para a mente como as primeiras semanas no exército foram para o corpo. Felizmente essas tarefas eram frequentemente interrompidas para que pudesse escoltar dignitários em visita.

Não estava muito acostumado com cidades, mas logo aprendeu a encontrar seu caminho com tranquilidade. Gnaeus Julius Agricola, o governador, havia instituído um programa de construção do qual Londinium fora a primeira beneficiária. Os bretões haviam sido um povo pastoral, enquanto a vida romana era centrada em torno da cidade, com suas lojas e banhos, jogos e teatros. Uma ponte ligava Londinium com o sul, e outras estradas se espalhavam para o norte e em direção ao oeste. Por essas artérias vinham comércios de todos os cantos da província, e os navios que ancoravam nos portos traziam mercadorias de todo o império.

A função de pajear estranhos acabava por lhe dar uma desculpa para explorar o território, mas ao mesmo tempo o expunha a visitantes de alto status. Quando Gaius reuniu coragem para perguntar, Licinius disse que havia planejado aquilo.

— Pois é claro, se esse casamento tiver sucesso — disse, e parou sem completar a frase. — Sabe, não tive filhos, nenhuma criança além de Julia, e, se as coisas fossem como deveriam, ela teria permissão para me suceder, e talvez até chegar ao Senado. Mas é claro que uma mulher, não importa o quanto seja capaz, pode apenas conceder sua posição ao marido. É por isso que me agrada tanto o fato de ela se casar com o filho de meu amigo mais antigo.

Só então Gaius de fato entendeu o plano de Macellius. Casado com Julia, Gaius poderia legitimamente aspirar a uma posição para a qual o casamento injudicioso do pai o desqualificara. Ele precisaria não ser humano – nem filho de Macellius – para ficar indiferente às possibilidades. Viver em Londinium já havia alterado sua perspectiva, e começava a entender o que teria colocado de lado se tivesse fugido com Eilan. Será que ele a havia usado de uma maneira ruim? Tudo o que ele esperava era que ela soubesse que nada na Terra – a não ser a vontade de seu pai ou a ameaça à própria Eilan – poderia ter feito com que ele a abandonasse.

Não tinha percebido que Julia estava a par de seus problemas até que ela mesma abordou o assunto.

— Meu pai me disse — ela começou, depois do jantar, quando estavam juntos no terraço observando o sol tardio do verão dourar o domo da basílica — que você foi mandado para cá porque fez algum tipo de aliança com uma nativa, filha de um homem proscrito. Diga-me algo sobre ela. Quantos anos ela tinha?

Gaius sentiu o rosto arder e tossiu para esconder seu embaraço. Jamais lhe

ocorrera que Licinius contasse aquilo à filha; mas talvez fosse bom deixar tudo às claras entre eles.

— Uns poucos anos mais velha que você, acho.

Na verdade, imaginava que Julia tinha agora a idade de Eilan quando a conhecera. Embora fossem diferentes por tantos outros motivos, Julia tinha a qualidade de inocência que ele amara primeiro em Eilan.

O procurador o mantivera ocupado, assim como a sociedade local. E aquela era uma experiência inebriante para um jovem de sangue misturado. Uma vez dissera ao pai que não era ambicioso, mas isso fora antes de perceber as recompensas que a riqueza e as conexões certas poderiam trazer.

Julia sorriu para ele com bondade.

— Você queria muito se casar com ela?

— Pensei que sim. Estava apaixonado. Mas é claro que então ainda não a conhecia — ele disse rapidamente, perguntando-se o que o amor poderia significar para Julia.

Ela o encarou por um tempo, com firmeza.

— Acho que deveria vê-la novamente antes de nos casarmos — disse —, apenas para ter certeza de que não vai ansiar por ela depois que estiver casado comigo.

— Tenho todas as intenções de ser um bom marido — ele começou, mas Julia ou não compreendeu ou escolheu fingir que não entendia. Os olhos dela eram muito escuros; ele não conseguia lê-los. Os olhos de Eilan, por sua vez, eram claros como um lago na floresta.

— Digo isso porque não quero um homem que preferiria estar casado com outra pessoa — ela disse de modo direto. E continuou: — Realmente acho que deveria vê-la de novo e descobrir o que quer para sua vida. Então, quando voltar, vou saber que se casar comigo é o que você realmente quer fazer.

*Ela se parece com meu pai quando negocia um contrato*, pensou ele, sombriamente. Fala de casamento como se fosse uma carreira. Mas, tendo sido criada na capital, isso era provavelmente o que ela esperava que um casamento fosse! E que outra carreira haveria para uma mulher romana? O que ela podia saber sobre o fogo que pulsava no sangue quando começavam a tocar os tambores de Beltane, ou sobre o anseio que consumia o coração causado pela música das flautas que os pastores tocavam nas colinas?

De qualquer modo, seu pai impossibilitara que ele visse Eilan; sem dúvida até mesmo sua noiva ficaria horrorizada se soubesse que sua amada era a equivalente local de uma virgem vestal. Mas Julia já fazia planos, e mais uma vez Gaius se sentiu como se estivesse no caminho do ataque de uma cavalaria.

— Meu pai vai enviá-lo para o norte com despachos para Agricola...

Gaius levantou uma sobrancelha, pois não ouvira nada sobre isso antes, mas aquilo não o surpreendia de fato. Julia era a querida de cada escrivão do *tabularium*, e, quando uma mudança nas ordens era contemplada, eles sempre eram os primeiros a saber. *E o último a saber é sempre o homem a quem mais diz respeito!*, pensou.

— No caminho pode arranjar tempo para ver essa garota. Quando voltar, deve estar bem certo de que prefere se casar comigo.

Gaius sufocou um sorriso, pois ela não sabia tanto quanto acreditava saber se imaginava que ele teria tempo para viagens paralelas estando a serviço do governo. Mas talvez pudesse dar um jeito; seu sangue já corria mais rápido nas veias ao pensar em ver Eilan novamente.

Graças a Vênus, Julia não podia saber o que ele pensava, embora às vezes ele lhe creditasse os poderes de uma sibila, ou talvez todas as mulheres tivessem esse tipo de poder. Mas ela já falava sobre o véu de casamento, que seria feito de um material fabuloso que seria trazido do outro lado do mundo por uma caravana.

E ele pensou que seria um alívio – mesmo se precisasse viajar para as terras selvagens da Caledônia – voltar ao exército regular novamente.

E nquanto o verão amadurecia a caminho de Lughna- sad, Eilan tinha a impressão de que Lhiannon não melhorava.

Às vezes o coração da velha mulher doía e ela estava sempre cansada. Ardanos passou a visitá-la diariamente. No início, ele e a grã-sacerdotisa conversavam, mas, conforme os dias se passavam e a atenção dela se voltava cada vez mais para seu interior, ele apenas se sentava ao lado dela em silêncio e, quando falava, era com Caillean ou com ele mesmo. Depois dessas sessões, Caillean ficava silenciosa e ensimesmada, mas mantinha suas opiniões para si própria.

Eilan achava estranho que, enquanto seu próprio corpo se transformava em um recipiente da vida, Lhiannon atravessasse uma transformação paralela, preparando-se para libertar seu espírito. Mas em qual mundo ela renasceria, ninguém poderia saber. O júbilo pela nova vida dentro de si emudecia a tristeza de Eilan. Mas naqueles dias a Casa da Floresta estava muito silenciosa, e todas as mulheres cumpriam suas tarefas com um misto de excitação e pavor. Ninguém ainda tinha ousado perguntar quem seria a sucessora de Lhiannon.

Era uma sorte que todas estivessem tão distraídas com a doença de Lhiannon para prestar atenção ao que acontecia a qualquer outra pessoa, mas o que Eilan faria quando sua barriga não pudesse mais ser escondida debaixo de túnicas largas? Não lhe deixavam esquecer nem por um instante que, no que dependesse de Ardanos, estava sob sentença de morte, e tinha a impressão de que até mesmo Dieda a tratava com um desdém mal disfarçado.

Miellyn, que ainda sofria com a perda de seu próprio filho, não podia lhe oferecer conforto. Apenas Caillean jamais mudou de postura em relação a ela – mas a sacerdotisa mais velha sempre vivera de acordo com suas próprias regras; a única coisa que sustentou Eilan no momento de maior medo foi a consciência do amor que Caillean sentia por ela.

Não sabia quando nem se veria Gaius novamente. No entanto, recordando-se do espírito majestoso que vislumbrara quando se deitaram juntos, tinha certeza de que se encontrariam outra vez. Eilan não queria acreditar que ele

tivesse sido casado às pressas com outra pessoa, como dissera o arquidruída. Mesmo entre os romanos a solenidade de um casamento deveria exigir mais formalidade e tempo que isso.

Um mês se passou, e Caillean presidiu os rituais da lua cheia. Agora era óbvio, por mais que se dedicassem a cuidar da grã-sacerdotisa e se preocupassem com ela, que Lhiannon estava morrendo. Seus pés inchavam tanto que não podia mais nem mesmo andar cambaleando até o banheiro. Caillean cuidava dela com uma ternura que nem mesmo as filhas costumavam dedicar às mães. Mas ainda assim seu corpo ia sendo consumido.

Caillean lhe dava beberagens de ervas e falava sobre os edemas, e certa vez, junto de outras sacerdotisas, foi longe no campo buscar as flores roxas da dedaleira, que, segundo a própria Caillean, eram excelentes para um coração debilitado. Eilan provou cuidadosamente a infusão que ela fez e a achou amarga como a tristeza.

Mas, apesar de todo o cuidado, a cada dia Lhiannon ficava mais fraca, inchada e pálida.

— Caillean...

Por um momento duvidou do que tinha ouvido; o chamado era como a lufada de uma agradável brisa trazida pelo vento. Então a cama rangeu. Penosamente, Caillean se virou. Os olhos de Lhiannon estavam abertos. Caillean esfregou os olhos para afastar o sono e se obrigou a sorrir. A doença havia consumido tanto a carne do rosto da grã-sacerdotisa que os belos ossos se mostravam com uma terrível evidência. *Está quase no fim*. O conhecimento indesejado a tomou. *Logo, apenas o essencial permanecerá*.

— Está com sede? Aqui tem água fresca, ou posso avivar o fogo e lhe dar um pouco de chá...

— Algo quente... iria me relaxar... — Lhiannon respirou forte. — Você é boa demais para mim, Caillean.

Caillean abanou a cabeça. Quando tinha dez anos e estava quase morta de febre, Lhiannon cuidara dela até que ficasse boa, e aquilo havia sido mais do que sua mãe ou seu pai teria feito. Seus sentimentos pela grã-sacerdotisa iam além do amor ou do ódio. Como era possível traduzir aquilo em palavras? Se Lhiannon não fosse capaz de senti-los no gosto de uma infusão ou no toque de um pano frio em sua testa, jamais saberia realmente.

— Imagino que há quem pense que você faz isso apenas com o interesse de se tornar minha sucessora... Mulheres juntas podem ser muito mesquinhas, e não posso discutir o fato de que você é uma sacerdotisa melhor do que todas elas



juntas... mas sabe a verdade, não sabe?

— Sei — Cailleán conseguiu sorrir. — Estou destinada a viver para sempre nas sombras, mas vou apoiar o novo comando, seja quem for. Que a Deusa queira, ainda levará um tempo.

*E quem sabe quanto vou viver depois de você?* , pensou então. Seu sangramento estranho tinha finalmente cessado, mas a fadiga tomava seus membros como se estivessem envoltos pelo chumbo das minas de Mendip.

— Talvez... Não tenha tanta certeza de que sabe tudo, minha filha. Apesar do que o povo pensa, a Visão não vem para mim apenas quando pedem os druidas. E eu a vi com os ornamentos de uma grã-sacerdotisa e uma névoa que não é deste mundo soprando à sua volta. O caminho de uma vida pode ter reviravoltas estranhas, e nem sempre terminamos onde queríamos...

A água fervendo chiou no caldeirãozinho, e Cailleán mexeu a mistura de aquileia, camomila e salgueiro-branco e deixou a infusão ao lado da chama.

— A Deusa sabe que não cheguei aonde queria! — Lhiannon exclamou de repente. — Tínhamos tantos sonhos quando éramos jovens, eu e Ardanos... mas ele ficou ávido pelo poder... e eu não tive nenhum!

*Ela poderia tê-lo enfrentado* , pensou Cailleán. *Foi a Voz da Deusa, e por vinte anos as pessoas viveram de acordo com suas palavras. Mas ela nem sabia o que dizia! Se um dia tivesse se permitido saber, certamente teria tomado uma atitude, e então teria verdadeiramente cumprido seu papel...*

Mas ela segurou as palavras, pois, mesmo sem saber, Lhiannon dera mais esperança ao povo do que Cailleán com toda a sua sabedoria consciente, e aquilo superava todas as suas falhas, não importava o que cínicos como Dieda dissessem.

Com um pouco de mel para tirar o amargor, o chá estava pronto. Cailleán passou o braço em torno dos ombros frágeis de Lhiannon e segurou a concha em seus lábios. A cabeça da velha mulher se virou, aflita, e lágrimas brilhavam em seu rosto.

— Estou cansada, Cailleán... — sussurrou. — Muito cansada e com medo...

— Aqui, aqui, minha querida. Está cercada das pessoas que a amam — murmurou. — Beba agora, o chá vai relaxá-la.

Lhiannon engoliu um pouco do chá agridoce e suspirou.

— Prometi a Ardanos que escolheria minha sucessora... de acordo com o plano dele. E ele está esperando por isso... — Ela fez uma careta. — Como um corvo observando uma ovelha doente. Era para ser Eilan, mas ela... precisará ir embora logo. Agora ele diz que devo escolher Dieda, mas não vou fazer isso, e sei que ela não quer, a não ser que a Deusa... — Um acesso de tosse tomou

conta dela, e Caillean baixou a concha rapidamente, segurando Lhiannon e dando-lhe tapinhas nas costas até que melhorasse.

— A não ser que a Deusa mostre a você a Sua vontade — Caillean terminou a frase, e a grã-sacerdotisa de Vernemeton sorriu.

Lhiannon estava morrendo, e aquilo era óbvio para todos – exceto talvez para Caillean, que cuidava dela com tanta devoção e ternura, noite e dia, raramente colocando o pé para fora do quarto em que estava a doente. Até as sacerdotisas que sempre desconfiaram de Caillean por ser uma forasteira tiveram de admirar sua dedicação. Dieda e Eilan sabiam o que estava por vir, mas seria preciso uma mulher mais corajosa para dizê-lo a Caillean com todas as letras.

— Mas ela sabe tanto sobre cura — disse Dieda, enquanto levavam as roupas de cama sujas de Lhiannon para o rio. — Não é possível que não tenha conhecimento do que realmente está se passando.

— Imagino que ela saiba — respondeu Eilan —, mas admitir seria tornar isso realidade.

Olhava para a prima com curiosidade. A não ser por comentar sarcasticamente que as roupas sujas da grã-sacerdotisa fediam como a de qualquer pessoa e que não entendia por que uma sacerdotisa jurada precisava lavá-las, Dieda fez sua parte do trabalho sem reclamar.

Parecia estranho que estivessem tão afastadas agora, quando eram irmãs sacerdotisas. Trabalhar com Dieda nas últimas semanas, enquanto a atenção de Caillean estava fixada em Lhiannon, recordou Eilan de como tinham sido próximas na infância. Distraída pelos pensamentos, tropeçou em uma raiz.

Dieda estendeu um braço para segurá-la.

— Obrigada — disse Eilan, surpresa.

A outra moça a olhou.

— Por que está me olhando desse jeito? — disse Dieda. — Eu não odeio você.

Eilan sentiu o rubor tomar conta de seu rosto e então sumir.

— Então você sabe? — sussurrou.

— A tonta aqui é você, não eu — respondeu Dieda, de modo direto. — Enfiada nessa casa com você e Caillean todo esse tempo, não pude evitar escutar algo. Mas, em nome da honra de nossa família, não disse nada. Se alguma das outras mulheres sabe de seu segredo, tenha certeza de que não foi por mim. Ao menos a gravidez parece lhe cair bem. Sente-se disposta?

Era um alívio para Eilan falar de outra coisa que não a doença de Lhiannon, e teve a impressão de que Dieda sentia o mesmo. Quando voltaram para a Casa

da Floresta, estavam em uma harmonia que não alcançavam há anos.

Então, chegou o dia que nem mesmo Caillean podia mais evitar. Ardanos finalmente decretou que as sacerdotisas deviam ser convocadas para a vigília de morte. Estava triste e encanecido, e Eilan se lembrou de que a prima um dia lhe dissera que havia amor entre eles. Pensou que deveria ter sido há muito tempo, ou um tipo muito estranho de amor.

*Certamente não era o que eu chamaria de amor*, pensou Eilan, e com certeza era uma especialista no assunto. Mas Ardanos sentou-se perto da mulher inconsciente e segurou sua mão; as sacerdotisas entravam e saíam para manter vigília em duplas ou trios, e Caillean se mantinha agitada, com medo de que perturbassem Lhiannon.

— Por que ela se importa? Acho que nada mais vai perturbar a grã-sacerdotisa — Eilan sussurrou para Dieda, que concordou, sem palavras.

O pôr do sol se aproximava, e Ardanos saíra para tomar um pouco de ar. Como todos os quartos de enfermos, aquele era quente e abafado, e Eilan não podia culpá-lo por querer escapar dali. Embora fosse quase Lughnasad, a luz ainda permanecia até tarde. O pôr do sol brilhou dentro do cômodo, mas Eilan viu que já estava baixo e que logo ele desapareceria. Havia cruzado o quarto para acender a lanterna quando se deu conta de que Lhiannon estava consciente e a olhava com reconhecimento pela primeira vez em muitos dias.

— Onde está Caillean? — sussurrou.

— Foi fazer mais chá para a senhora, Mãe — respondeu Eilan. — Quer que a chame?

— Não há tempo. — A grã-sacerdotisa tossiu. — Venha para cá... É Dieda?

— Sou a Eilan, mas Dieda está ali no jardim. Quer que vá chamá-la?

Houve um som estranho, um murmúrio rouco, e Eilan percebeu que a mulher doente tentava rir.

— Nem agora consigo distinguir uma da outra — sussurrou Lhiannon. — Não vê a mão dos deuses nisso?

Eilan se perguntou se Lhiannon havia afundado no delírio que lhe disseram que podia acontecer antes do fim. A grã-sacerdotisa, então, disse rigidamente:

— Chame Dieda; meu tempo é curto. Não estou delirando. Sei muito bem o que estou fazendo e preciso acabar com isso antes de morrer.

Eilan correu porta afora para chamar Dieda. Quando voltaram, a mulher moribunda sorria enquanto as parentes ficavam lado a lado.

— É verdade o que dizem — sussurrou. — Os moribundos veem com clareza. Dieda, agora precisa servir como testemunha. Eilan, filha de Rheis, pegue o torque que está ao meu lado... Pegue! — Ela buscou ar, e com mãos trêmulas Eilan pegou o arco de ouro torcido que estava sobre o travesseiro. — E agora os braceletes... Agora, vista-os...

— Mas só a grã-sacerdotisa... — Eilan começou, mas a velha mulher a encarou com uma fixação tão terrível que ela logo foi abrindo o colar para colocá-lo. Por um momento parecia frio, então se ajeitou em torno de seu pescoço esguio, aquecendo-se como se ficasse feliz por estar próximo de pele humana novamente.

Dieda soltou um murmúrio sufocado, mas o chiado na garganta de Lhiannon era mais alto.

Então a grã-sacerdotisa disse num fiapo de voz:

— Que assim seja! Donzela e Mãe, eu vejo a Deusa agora em você... Diga a Caillean... — Ela ficou em silêncio por um instante como se lutasse para respirar, e Eilan se perguntou se era a velha mulher quem delirava ou ela mesma. Então, tocou novamente o ouro pesado.

— Caillean está logo ali, Mãe. Devo chamá-la? — perguntou Dieda.

— Vá — sussurrou Lhiannon com um pouco mais de força. — Diga a ela que a amo...

Enquanto Dieda corria para fora, o olhar da mulher à beira da morte se fixou em Eilan.

— Sei agora o que Ardanos queria quando me pediu para escolher você, criança, e em vez disso os deuses trouxeram Dieda para minhas mãos. Ele estava errado sobre você, mas mesmo assim fez as vontades da Deusa! — Os lábios dela se torceram no que Eilan percebeu ser um sorriso. — Lembre-se, é importante, talvez nem mesmo a própria Deusa possa distinguir vocês duas. E nem os romanos, agora percebo...

E mais uma vez ela caiu em silêncio. Eilan a observou, sem conseguir se mover. Lhiannon ficou em silêncio por tanto tempo que Caillean, voltando, perguntou:

— Ela está dormindo? Bem, se consegue dormir, talvez possa viver por mais uma lua! — E então, indo na ponta do pés para o lado de Lhiannon, segurou o fôlego e sussurrou: — Ah, ela nunca mais dormirá...

Caillean se ajoelhou ao lado da cama e beijou Lhiannon na testa, e então, com muita ternura, fechou seus olhos. A cada momento que passava, a expressão se esvaía do rosto da mulher morta, de modo que não parecia mais dormir; e, aos poucos, deixou até mesmo de se parecer com Lhiannon. Eilan abraçou o corpo e se retraiu ao sentir o metal duro do bracelete. Sentia-se zozza e com frio.

Então Caillean se levantou, e, conforme notaram os ornamentos que Eilan usava, seus olhos se arregalaram. Então sorriu.

— Senhora de Vernemeton, eu a saúdo em nome da Mãe de todos!

Ardanos, entrando no quarto atrás de Dieda, curvou-se sobre a morta e depois se endireitou.

— Ela se foi — disse em uma voz estranha, monótona. Ele se virou e então algo brilhou em seus olhos quando também se deu conta dos ornamentos em Eilan.

As outras sacerdotisas se apertavam em torno deles, mas foi a velha Latis, a mestre herborista, que foi para a frente e se curvou, falando com uma deferência que deixou Eilan aterrorizada:

— Rogo a ti, Voz da Deusa, diga-nos tudo que a Santa Senhora te disse em seu último suspiro de vida.

— Lhiannon, que a Deusa a tenha, escolheu uma estação estranhamente inconveniente para morrer — disse Ardanos, de modo ferino. — Pois precisamos de uma sacerdotisa do Oráculo nos ritos de Lughnasad, e obviamente não podemos usar Eilan! — atestou, observando de modo soturno as duas mulheres diante de si.

Mesmo depois do ritual de três dias de luto, e com Lhiannon jazendo em seu túmulo, Ardanos se surpreendeu por ainda sentir tanta dor ao olhar para aqueles aposentos em que sempre se encontrara com a grã-sacerdotisa e se lembrar de que ela se fora. Diante disso, imaginava que continuaria a sentir falta dela ainda por muito tempo, mas não podia se dar ao luxo de demonstrar sua dor agora.

Caillean sentou-se fazendo cara feia, mas Eilan o olhava com olhos arregalados, impossíveis de ler. Ele olhou de volta para as duas.

— Sabe tão bem quanto eu que é superstição acreditar que apenas uma virgem pode servir ao santuário, mas levar o poder da Deusa agora seria perigoso para Eilan e para a criança — afirmou Caillean.

Era preciso ficar em abstinência sexual para a realização de grandes mágicas – e entre elas estava a submissão completa de corpo e espírito necessária para que a Deusa falasse através de uma mortal.

Para que o poder possa fluir livremente, o espírito precisa estar desconectado dos sentidos. Desse modo, era proibido fazer algumas coisas que aumentariam sua atração e bloqueariam os caminhos, como comer carne de certos animais, beber hidromel ou outras bebidas alcoólicas e se deitar com um homem.

— Lhiannon deveria ter pensado nisso quando a escolheu — respondeu o arquidruída. — Não vai dar certo, você sabe. Só o fato de ela ainda estar aqui já

é ruim o suficiente. Que dizer de uma grã-sacerdotisa grávida? Impossível!

— Posso ficar no lugar dela no ritual — começou Caillean.

— E como explicaríamos isso ao povo? Poderíamos justificar uma substituição temporária com base na doença de Lhiannon, mas sabem que ela está morta. Transições são sempre delicadas. As pessoas se perguntam se a nova grã-sacerdotisa vai sobreviver à provação, se a Deusa ainda virá até eles agora que Lhiannon se foi.

Ele esfregou a testa. Nenhum deles tinha dormido o suficiente. Os olhos de Caillean pareciam escuros e assombrados, e, apesar do florescimento da gravidez, Eilan parecia ansiosa e tensa. *E como havia de não estar*, pensou ele. Lhiannon havia colocado todos eles em um dilema ao escolher a moça.

— Eu afirmo: seja qual for a loucura que desceu sobre Lhiannon em seus momentos finais, não vou permitir que destrua tudo que trabalhamos tanto para construir! — Ele suspirou. — Não há como resolver isso. Precisaremos fazer uma nova escolha. Já aconteceu coisa parecida antes; a velha Helve tentou passar seu poder para... qual era mesmo o nome da pobre moça que morreu? E então o Conselho escolheu Lhiannon.

— Gostaria disso, não é? — provocou Caillean.

Mas então Eilan, que ficara em silêncio por tanto tempo que o arquidruída quase se esquecera de que ela estava ali, ficou de pé subitamente.

— Não até depois da provação! — ela disse alto.

Manchas vermelhas ardiam em seu rosto enquanto os outros dois a olhavam.

— Nomearam uma nova grã-sacerdotisa depois que a escolhida não conseguiu suportar o poder da Deusa no ritual, não foi? Que tipo de conversa acha que haverá se eu nem mesmo tentar? Todos em Vernemeton sabem que Lhiannon me escolheu.

— Mas o perigo! — exclamou Caillean.

— Acha que a Deusa vai me matar? Se o que fiz foi um pecado tão grande, então Ela deveria mesmo fazer isso! — retrucou Eilan. — Mas, se eu sobreviver, então saberá que Ela realmente me escolheu!

— E o que propõe que façamos se você sobreviver? — ele disse acidamente. — Sua condição logo ficará à mostra, e os romanos darão boas risadas quando virem nossa grã-sacerdotisa por aí com uma barriga como a de uma vaca prenha!

— Lhiannon já tinha pensado em tudo — disse Eilan. — Foi a última coisa que me disse. Assim que o ritual acabar, Dieda deve ficar no meu lugar, e o senhor deve fingir que foi ela quem você expulsou da Casa da Floresta. O senhor mesmo não consegue nos distinguir, avô, e nos conhece desde que éramos bebês!

Ardanos a mirou com os olhos apertados, o cérebro quase queimando. A menina desgraçada de fato poderia ter resolvido o problema deles. Se o ritual a matasse, como era mais provável, teriam todo o direito de escolher sua sucessora, e, se Eilan morresse no parto, Dieda já estaria em seu lugar, pronta para tomá-lo sem que ninguém soubesse do ocorrido. *De todo modo, nós vamos ficar bem com qualquer uma delas*, disse a si mesmo, *pois nenhuma jamais se sentiria suficientemente segura no ofício. Se a grã-sacerdotisa precisasse do apoio dos sacerdotes, faria o que lhe mandassem.*

— Mas será que Dieda vai concordar? — perguntou ele.

— Deixe-a comigo — respondeu Caillean.

Ainda se perguntando sobre o motivo de sua convocação, Dieda olhou para Caillean nos aposentos que foram de Lhiannon por tanto tempo.

— Ardanos concordou em deixar que substitua Eilan depois da provação do Oráculo. Dieda, precisa nos ajudar agora — disse Caillean.

Dieda balançou a cabeça negativamente.

— Por que deveria me importar com o que Ardanos quer se ele jamais se importou comigo? Eilan causou seus próprios problemas. Não vou contribuir para essa mentira, e deve dizer isso ao meu pai!

— Suas palavras são realmente belas, mas, se está sempre tão determinada a fazer o contrário do que Ardanos ordena, então, ainda assim, devo dizer que ele manda em você. Imagino que, se eu lhe dissesse que ele se opõe a isso, teria concordado — retrucou Caillean.

Dieda encarou a outra sacerdotisa, a mente em turbilhão.

— Ele não gosta nem um pouco disso, sabe? — completou Caillean, observando-a atentamente. — Preferiria rejeitar Eilan agora e torná-la grã-sacerdotisa no lugar dela. Acho que apenas concordou que sugeríssemos a substituição porque sabia que você que reagiria dessa maneira...

— Grã-sacerdotisa? — exclamou Dieda. — E com isso eu jamais escaparia desse lugar...

— Mas, se aceitar o que lhe estamos propondo, então será apenas temporário — refletiu Caillean. — Depois que o bebê de Eilan nascer, ela deverá voltar para assumir seu posto, e assim, de qualquer modo, você terá de ir embora...

— Permitiria que eu fosse para o norte para ficar com Cynric? — perguntou Dieda, desconfiada.

— Se é o que deseja... Mas o que pensamos foi em enviá-la para Eiru para receber treinamento avançado nas habilidades de um bardo.

— Sabe perfeitamente bem que isso é o que eu sempre quis acima de tudo!  
— exclamou Dieda.

Caillean a olhou com firmeza.

— Então parece que há algo que posso prometer ou negar a você. Se fizer isso por Eilan, e por mim, eu lhe garanto que terá permissão para aprender com os grandes poetas e harpistas de Eiru. Se não fizer, Ardanos certamente vai torná-la sacerdotisa, e me certificarei de que apodreça entre esses muros.

— Você não seria capaz... — disse Dieda. Mas sentiu um calafrio de medo.

— Você verá — respondeu Caillean, com calma. — Não há alternativa. Esse era o desejo de Lhiannon, e eu farei o possível para cumprir a vontade dela, assim como sempre fiz.

Dieda suspirou. Não queria que nada de ruim acontecesse com Eilan. Um dia ela tinha amado a parente, mas depois dos últimos anos achava difícil nutrir amor por qualquer um que fosse. Tinha impressão de que a outra moça fora uma grande tola. Tinha o tipo de amor que fora negado a Dieda, mas acabou por jogá-lo fora. Tampouco entendia por que Caillean se importava tanto com aquilo. Ainda assim, não iria contrariá-la. Caillean podia ser uma boa amiga ou uma inimiga perigosa – para ela e possivelmente também para Cynric. Dieda vivera na Casa da Floresta por tempo suficiente para saber quanta influência a irlandesa tinha com seu jeito quieto.

— Então, que assim seja — disse. — Eu me comprometo a substituir Eilan até que ela dê à luz se depois você garantir realizar meu desejo.

— Assim o farei — Caillean levantou a mão. — E que a Deusa seja testemunha. E ninguém vivo pode dizer que um dia quebrei uma promessa.

Meia lua se passara desde a morte de Lhiannon, e as mulheres da Casa da Floresta se aprontavam para o festival de Lughnasad. Eilan esperava com Caillean em um aposento separado onde a grã-sacerdotisa tantas vezes se preparara para os rituais. A audição ampliada pela ansiedade a alertou para o barulho de pés usando sandálias do lado de fora da porta. Então ela se abriu, e Eilan viu a figura encapuzada, ali de pé, parecendo incrivelmente alta na meia-luz. Podia apenas distinguir as formas dos outros druidas atrás dele.

— Eilan, filha de Rheis, a Voz da Deusa a escolheu. Está preparada para se entregar a Ela completamente?

A voz de Ardanos soou como um grande sino, e Eilan sentiu a barriga se enrijecer de medo.

Agora, todas as histórias que ouvira na Casa das Donzelas surgiam para levar embora seu raciocínio acurado. *Não faz diferença se a Deusa realmente se*



*importa com o que aconteceu entre mim e Gaius* , pensou Eilan, desesperançada. *Seria necessário um milagre para sobreviver ao ritual sem danos. Quis apenas desafiar os druidas, mas acabei por desafiá-La, arriscando, dessa maneira, atrair a Sua ira. Com certeza a Deusa vai me atingir! E o que isso irá causar a meu filho?* , perguntava-se Eilan. Mas se a Deusa punisse um bebê ainda não nascido pelo que a mãe dele havia feito, ela definitivamente não era a Presença amorosa a quem Eilan jurara servir.

Ardanos esperava por sua resposta – aliás, todos eles esperavam, observando com esperança ou julgamento nos olhos –, e lentamente ela se acalmou. *Se a Senhora não me quer como sou, então não desejo viver* . Respirou fundo, lutando para voltar à decisão que tomara nas noites insones desde a morte de Lhiannon.

— Estou pronta! — Sua voz tremeu apenas um pouco.

Ao menos seu pai estava em algum lugar no norte com Cynric. E Eilan estava feliz por isso, pois não achava que teria conseguido olhá-lo nos olhos.

— E acredita ser uma receptora adequada ao poder Dela?

Eilan engoliu em seco. *Sou?* Duvidara disso na noite anterior e chorara no ombro de Caillean como uma criança apavorada.

“Adequada? Quem é, se colocado dessa maneira?”, perguntou-lhe Caillean. “Somos todos apenas mortais, mas você foi a escolhida. Para que mais se preparou por tantos anos?”

O arquidruída a observava como um falcão à espera de algum ruído delator na grama, na expectativa de que ela perjurasse a si mesma, para que estivesse em poder dele. Percebeu vagamente que ele estava gostando daquilo.

*Lhiannon me achava adequada* , Eilan disse então a si mesma. E ela só poderia honrar a escolha de Lhiannon em seu leito de morte se fizesse aquilo, e a escolha que ela mesma fizera quando se entregara a Gaius sob as árvores. Tivera a impressão de que agira de acordo com uma lei mais antiga da Deusa em relação àquela que a obrigava a ser casta. Recusar aquele teste era admitir que agir por amor era um pecado. Então, levantou o queixo orgulhosamente.

— Sou uma receptora adequada e sagrada. Que a terra se levante e me cubra, que o céu caia e me esmague, e que os deuses a quem juro me esqueçam se minto!

— A candidata foi questionada e jurou — disse Ardanos aos druidas que o acompanhavam.

Ele, então, voltou-se para as outras sacerdotisas.

— Que ela seja purificada e preparada para o ritual.

Ele a observou por um momento, e seu olhar exibiu uma mistura de pena, exasperação e satisfação. Por fim, virou-se e levou os homens para fora do

quarto.

— Eilan, não pode tremer assim — disse Caillean, baixo. — Não deixe aquele urubu velho amedrontá-la. A Deusa é misericordiosa. Ela é nossa Mãe, Eilan, e a Mãe de todas as mulheres, a criadora de tudo que é mortal. Não se esqueça disso.

Eilan assentiu, sabendo que, mesmo se aquele momento tivesse chegado a ela pelo curso comum dos acontecimentos, ainda sentiria medo. Se tinha de morrer, que fosse pelas mãos da Deusa, não havia necessidade de morrer de medo antes.

As cortinas se agitaram novamente, e quatro das sacerdotisas mais jovens, entre elas Senara e Eilidh, entraram no aposento carregando baldes de água da fonte sagrada. Pararam um pouco depois da porta, olhando para ela com assombro. A mão da Deusa pousou em mim, pensou, e teve a impressão de que via no rosto delas algo do mesmo fascínio com que sempre olhara para Lhiannon. Eram todas jovens; nenhuma delas, a não ser Eilidh, tinha a mesma idade que ela...

Ela queria gritar: “Nada mudou, ainda sou Eilan”. Mas na verdade tudo mudara. Ainda assim, quando a despiram do vestido e ela olhou para baixo, ficou surpresa por seu corpo ainda estar tão pouco alterado.

Mas elas eram virgens. Então não era surpresa que não percebessem as leves mudanças causadas pela gravidez. Como Eilan fizera tantas vezes com Lhiannon, as moças a ajudaram a banhar-se. Ficou de pé, tremendo, no quarto frio, sentindo o toque gelado da água limpa em seu corpo como, curiosamente, uma espécie de purificação; como se algo dissolvesse não apenas os traços de seu contato com Gaius, mas toda a sua vida anterior àquele momento.

Foi uma Eilan totalmente nova que permitiu que a vestissem com as roupas rituais. Em sua testa, prenderam a tradicional guirlanda. Enquanto sentia o junco sendo apertado na testa, teve um momento de tontura e se perguntou se aquele era o primeiro toque, distante, da Deusa.

Sentia-se estranha e desorientada, totalmente diferente do que sempre fora; e de maneira vaga reconheceu a sensação de fome. As ervas sagradas da poção que lhe fora dada no início do ritual tinham de ser ingeridas com o estômago vazio, ou então a deixariam muito enjoada. Caillean uma vez disse que achava que a saúde ruim de Lhiannon fora causada pelo uso prolongado daquelas ervas. E Eilan se perguntou brevemente se sua própria saúde também estaria em risco. Mas depois sorriu, pensando que haveria tempo suficiente para se preocupar com o futuro se sobrevivesse àquela noite.

Trouxeram-lhe a vasilha dourada entalhada com a poção mágica da Visão.

Eilan sabia que o líquido continha bagos de visco e outras ervas sagradas; tinha visto Miellyn colher aquelas ervas mais de uma vez. A poção sagrada também possuía vários cogumelos; o povo comum os evitava, tanto por seu caráter sagrado quanto pela crença de que eram venenosos, e certamente eram inúteis como comida. No entanto, as sacerdotisas sabiam que, se ingeridos em pequenas quantidades, podiam amplificar a clarividência comum para a qual a grã-sacerdotisa havia sido treinada.

Tremendo, Eilan fez o que vira Lhiannon fazer tantas vezes e pegou a vasilha das mãos de Eilidh. *Caillean estava certa*, pensou, ao levar o recipiente aos lábios. *Eu auxiliei este ritual tantas vezes que sei perfeitamente o que fazer.*

E, dando seus goles cerimoniais, ela também pensava saber o que esperar da poção. Mas enquanto virava o líquido percebeu que teria de beber tudo em um só gole, pois de outra maneira ninguém conseguiria engolir aquilo. Era intensamente amargo, e quando terminou de beber começou a se perguntar se era, afinal de contas, um veneno. Seria uma boa maneira de Ardanos se livrar dela. Mas Caillean lhe assegurara que ela mesma prepararia a poção e que não permitiria que ninguém mais tivesse acesso ao líquido, então precisava confiar nela.

Sua cabeça flutuava, e por um momento seu estômago se revoltou. Talvez sua punição estivesse começando agora. Mas, depois de um esforço forte e incisivo, ela conseguiu se controlar, bebeu uns goles de água para tirar aquele gosto da boca e fechou os olhos, à espera.

Pouco depois, a sensação aguda de enjoo passou. Eilan fechou os olhos contra a onda de tontura e se sentou, esperando recuperar o equilíbrio. Lembrava-se vagamente que isso também fazia parte do procedimento com Lhiannon. Na época, Eilan havia pensado que fosse fraqueza da idade. Mas Lhiannon não era realmente tão velha. Também envelheceria antes da hora? Bem, podia apenas esperar ter a chance de envelhecer!

Houve um pequeno tumulto no cômodo, e as moças se afastaram. Eilan percebeu que Ardanos estava diante dela. Levantou as pálpebras pesadas para olhar para ele, que a encarou de volta sem sorrir.

— Eilan, vejo que a prepararam. Está muito bonita, minha querida. As pessoas terão certeza de que a Deusa veio até elas... — As palavras agradáveis soavam estranhas saindo dos lábios dele.

*Será que terão?*, perguntou-se, aturdida. *E o que você acha, velho, se é que acredita na Deusa? Por suas regras, essa guirlanda deveria estar murchando em minha testa!*

Mas isso já não importava mais. Agora, Eilan tinha a impressão de flutuar sobre tudo aquilo; a cada momento, vagava para cada vez mais longe.

— A bebida está fazendo efeito rápido nela — ele murmurou, e fez um gesto para que as moças ficassem longe. — Escute, minha criança... Sei que ainda pode me ouvir... — A voz dele, então, entrou na entonação melódica dos rituais, e ele continuou a falar.

Eilan teve a impressão de que ele dizia algo de grande importância, algo de que deveria se lembrar... mas não tinha bem certeza do que era. Depois de um tempo, ele já não estava mais ali. E ela, então, perguntava-se se algo daquilo era mesmo tão relevante. Sentia-se flutuando sobre uma escuridão verde. O topo das árvores estava bem abaixo. Estava sendo carregada em algo – uma espécie de liteira – e então a colocaram no chão e a ajudaram a ficar de pé. Podia sentir a presença de Caillean de um lado e a de mais alguém, que pensava ser Latis, do outro. Elas tomaram suas mãos e a levaram em procissão na direção das tochas que rodeavam o monte sagrado.

Eilan estava consciente o bastante para parar por um instante ao ver o banco de três pernas. Havia alguma razão pela qual ela não deveria se sentar ali; algum pecado em sua alma. Mas suas assistentes a puxavam para a frente, e pensou que, se não conseguia se lembrar, talvez não fizesse diferença alguma.

Já tinham sacrificado o touro e compartilhado a carne com as pessoas. Os sacerdotes haviam feito o ritual no qual o jovem deus arrancava a colheita do velho. Agora era hora de buscar presságios para o outono. No leste, a primeira lua cheia antes do equinócio de outono se levantava, dourada como os ornamentos usados por sua sacerdotisa.

*Olha para mim, Senhora . Eilan lutou para conseguir fazer sua prece. Cuida bem de mim!*

Uma das sacerdotisas assistentes colocara em sua mão o pequeno punhal dourado curvado do ritual. Ela levantou o punhal e, com um movimento rápido, espetou-o na ponta do dedo. Sentiu uma dor aguda, e uma gota pesada de sangue surgiu; ela segurou a mão sobre a vasilha dourada, deixando cair três gotas de sangue. A vasilha estava cheia até a borda com água do Poço Sagrado, e na superfície boiavam folhas da planta sagrada, o visco. Não era plantada por mãos humanas, e, crescendo entre o ar e a terra, compartilhava da própria natureza do relâmpago que o engendrara.

Agora eles a viravam. Eilan sentiu a madeira dura batendo atrás do joelho e então se sentou. Houve um momento de tontura quando os sacerdotes a levantaram e a carregaram para o monte. As sacerdotisas assistentes haviam ficado para trás.

Enquanto os sacerdotes começavam a cantar, Eilan teve a impressão de cair, ou talvez de estar planando, levada pela música em alguma direção sem correspondência com a realidade comum. Perguntou-se por que havia sentido

medo antes. Naquele lugar, flutuava; sem necessidade ou desejo de nada, contente por simplesmente existir...

O brilho das tochas feriu seus olhos; abaixo, a multidão reunida parecia se mesclar em um só rosto. Os olhos sobre ela eram como um peso, uma pressão física positiva arrastando-a para um lugar que estava no mundo, mas não fazia parte dele.

— Filhos de Don, por que vieram? — A voz de Ardanos parecia estar muito longe.

— Buscamos a bênção da Deusa — respondeu uma voz masculina.

— Então, chamem-Na!

As narinas de Eilan se agitaram quando a fumaça girou em torno dela, pesada com o odor das ervas sagradas. Involuntariamente, aspirou e prendeu a respiração. O mundo girava e ela lutava por equilíbrio. Ouviu uma voz murmurando, mas não sabia se era a sua. De baixo vinha o som de muitas outras vozes, chamando, chamando:

— Caçadora Negra... Mãe Luminosa... Senhora das Flores, ouça-nos... Venha a nós, Senhora da Roda de Prata...

*Sou Eilan... Eilan...* Ela se prendia à própria identidade, gritando quando a necessidade naquelas vozes a agredia até que sentisse a pressão delas como uma dor física. Ao mesmo tempo, outra pressão aumentava atrás dela – ou seria em seu interior? –, exigindo que a deixasse entrar. Espasmos agitaram seu corpo enquanto lutava; sentiu terror enquanto o Eu que conhecia era constringido entre eles; não conseguia respirar. *Ajude-me!*, gritava seu espírito.

Finalmente, caiu para a frente, vendo o brilho da água diante de si, e uma voz que parecia vir de dentro dela então disse:

*Filha, estou sempre aqui. Para Me ver, precisa apenas olhar para a Lagoa Sagrada.*

— Olhe para a água, Senhora — uma voz muito próxima ordenou. — Olhe para a vasilha e veja!

Uma imagem se formava na superfície agitada da água, mas quando se acalmou Eilan viu que o rosto refletido ali não era o seu. Jogou-se para trás em pânico e ouviu a voz mais uma vez.

*Minha filha, descanse agora. Seu espírito estará seguro comigo...*

Com aquelas palavras, Eilan foi acometida por uma onda de amor da qual se recordava, e com a mesma confiança que havia se entregado a Gaius suspirou e deslizou para o conforto morno dos braços da Senhora.

Como se estivesse a uma grande distância, teve consciência de que seu corpo se endireitava e colocava novamente o véu, levantando as mãos para a lua.

— Contemplai, a Senhora da Vida veio para nós! — gritou Caillean, com

uma voz poderosa. — Vamos recebê-La!

E o som de muitas vozes surgiu como uma onda e a levou para um lugar de onde podia observar o corpo que deixara para trás se mover e falar com assombro, mas não medo.

Enquanto as aclamações iam se acalmando, a grã-sacerdotisa caiu de novo em seu banco; a personalidade que a preenchia esperando com uma paciência eterna pela resposta da humanidade.

— Há questões trazidas pelo povo — disse o arquidruída, e, como falou com ela na língua antiga dos Sábios, foi naquele idioma que a Deusa respondeu a ele.

Depois de proferir cada questão, o sacerdote se virava para o povo e dizia algo na língua comum. Daquela realidade distante da qual Eilan escutava, parecia-lhe estranho que as declarações de Ardanos, se eram traduções, tinham tão pouco a ver com o que a Deusa respondia. Aquilo não parecia certo, mas talvez ela não estivesse ouvindo claramente, e naquele lugar em que encontrara refúgio era difícil se importar.

O questionamento continuou, mas, enquanto o tempo passava, viu que suas percepções se tornavam cada vez mais desconexas. Teve a impressão de que, por fim, o arquidruída fez uma careta e se curvou para perto dela.

— Senhora, obrigada por Tuas palavras. É hora de deixar o corpo através do qual falaste. Salve, e adeus!

Ele tirou o galho de visco do vasilhame dourado e respingou gotas de água sobre ela.

Por um momento, Eilan ficou cega, e então seu corpo convulsionou. Uma dor a atravessou, e ela caiu na escuridão com o soar de sinos de prata.

Quando a consciência começou a voltar, Eilan ouviu o canto das sacerdotisas. Ela conhecia a música; tinha a impressão de que um dia a havia cantado, mas, dolorida e zonda como estava, não conseguia reproduzi-la agora. Tiraram as guirlandas apertadas de sua cabeça, e alguém banhava sua testa e suas mãos. Alguém lhe deu água para beber, e uma voz murmurou em seu ouvido. Caillean... Então ela sentiu que era levantada e acomodada na liteira.

— Salve a Ti — cantaram as mulheres.

— Joia da noite — responderam os druidas.

— Beleza dos céus... Mãe das estrelas... Cria do sol... Majestade das estrelas... — continuavam as sacerdotisas, levantando os braços brancos em direção à lua prateada.

E, a cada coro, as vozes profundas dos homens respondia:

— Joia da noite!

Muito tempo depois, Eilan se viu de volta à sua cama no aposento da grã-sacerdotisa. A luz das tochas já não feria mais seus olhos, e os efeitos da bebida sagrada deveriam estar enfraquecendo, pois percebeu que podia pensar claramente de novo. Por algum motivo, o fragmento de uma antiga balada flutuava em sua mente...

“Depois que tiraram seus ornamentos, e queimaram suas flores sagradas...” Eilan não conseguia se lembrar de onde vinham essas palavras, mas estava com elas na cabeça, e sabia que suas guirlandas tinham sido atiradas no fogo; o aroma doce que elas desprendiam ao queimar enchia o ar. Agora outras coisas voltavam a ela: o canto das sacerdotisas e a lua prateada.

Mas, embora soubesse que foram feitas perguntas, Eilan não conseguia se lembrar de uma palavra de suas respostas. Fossem o que fossem, o povo parecia ter ficado satisfeito com elas.

*E a Deusa*, então pensou, *no fim das contas Ela não me matou! Ao menos não ainda, embora pudesse vir a desejar que Ela tivesse feito isso.* O estômago de Eilan ainda estava revirado. Sentia-se como se tivesse apanhado com porretes, e sem dúvida estaria ainda pior no dia seguinte. Mas sabia que era sua barriga, e não seu útero, que doía. Enfrentara seu suplício e sobrevivera.

— Boa noite, Senhora — disse Eilidh, da porta. — Descanse bem.

*Senhora...* pensou Eilan. Era verdade, então. Ela era a Senhora de Vernemeton.

Poucos dias depois, Caillean chamou Dieda para os aposentos da grã-sacerdotisa. Eilan estava sentada ao lado da lareira, com aparência pálida e cansada.

— Chegou a hora de cumprir sua palavra. Eilan está bem o bastante para viajar agora, e vamos enviá-la para um esconderijo até dar à luz.

— Isso é ridículo. Realmente acha que ninguém vai notar a mudança? — perguntou Dieda, com amargura.

— Desde que se tornou grã-sacerdotisa, passou tanto tempo sob o véu que poucas das mulheres da casa saberão a diferença, e sem dúvida creditarão qualquer alteração aos efeitos do ritual.

*Cynric saberia*, pensou Dieda com anseio, desejando que ele aparecesse e a levasse embora. Mas fazia mais de um ano que não tinha nenhuma notícia dele. E, mesmo se ele soubesse, será que viria?

— Seu pai está muito agradecido pelo seu gesto — disse Caillean.

Dieda fez uma careta. *E bem deveria estar. Se eu tivesse insistido em sair daqui para me casar com Cynric, o que teria sido dessa bela farsa?*

— Dieda — pela primeira vez Eilan falou em seu próprio favor. — Fomos como irmãs. Pelo sangue que dividimos, e porque você, também, sabe o que é amar, por favor, me ajude!

— Ao menos tive o bom senso de não me entregar a um homem que me abandonaria! — retrucou Dieda, azeda. — Caillean já prometeu me mandar para Eriu. E você, irmã, o que vai me prometer?

— Se seguir como grã-sacerdotisa, prometo que tentarei ajudar você e Cynric. Se eu falhar nisso, tem conhecimento para me destruir. Isso seria suficiente para você?

— Isso é verdade — disse Dieda, sorrindo estranhamente. Depois que recebesse a instrução dos druidas de Eriu, seria capaz de levantar bolhas na pele de um homem com uma palavra, ou encantar qualquer pássaro ou animal com sua música; teria habilidades com as quais aquelas tolas piedosas nem sonhavam. Percebeu, de repente, que eram apenas as restrições das sacerdotisas que a irritavam. Podia aprender a gostar de ter poder.

— Muito bem, eu a ajudarei — disse, por fim, e estendeu a mão para o véu de Eilan.



A pesar das histórias que os romanos de Londinium contavam sobre o norte, atravessar aquela parte da Bretanha no final do verão não era nenhum transtorno para um homem jovem e saudável. Não chovia todos os dias, e o ar tinha o aroma doce do feno secando. Enquanto Gaius viajava até o lado leste da Bretanha pela região que ia ficando cada vez mais selvagem, observava as florestas e colinas com um interesse profissional, pois, em suas campanhas anteriores, marcharam para a costa oeste através de Lenacum, e a costa a leste era novidade para ele. Com Capellus, o oficial de seu pai, novamente a seu lado, os detalhes de montar acampamento e cuidar dos cavalos eram manejados com eficiência. E seu conhecimento da língua britânica era o suficiente para conseguir as boas-vindas quando precisavam pedir abrigo na casa de um nativo.

Enquanto seguiam em direção ao norte, iam conversando sobre as campanhas do governador Agricola. De um veterano recém-aposentado que havia gerenciado uma das estações de postagem, soube que, no ano anterior, a aparição de uma esquadra romana na costa da Caledônia havia causado tamanho pânico que os nativos acabaram por atacá-los em desespero e conseguiram destroçar a já enfraquecida Nona Legião antes que Agricola enviasse a cavalaria para atacar por trás.

— Foi ruim, meu rapaz, muito ruim — admitiu o gerente de estação. — Com aqueles demônios uivando como lobos no meio de nosso acampamento e os homens caindo sobre as cordas das barracas enquanto tentavam pegar as armas. Mas de algum jeito nós os seguramos, e não vou me esquecer do momento em que pudemos, de repente, ver o brilho de nossos estandartes e soubemos, finalmente, que aquele dia havia chegado.

Ele deu outro longo gole do vinho fraco e limpou a boca com as costas da mão.

— E então nós nos enchemos de coragem, e quando a Vigésima finalmente chegou para nos ajudar estávamos prontos para dizer que estavam atrasados para a festa e deviam voltar para casa! Mas o general manteve os homens

trabalhando. Se aqueles demônios pintados não tivessem corrido de volta para seus bosques e pântanos pestilentos, teríamos acabado de vez com eles. Mas imagino que precisávamos deixar algo para vocês, jovens em busca da glória! — Ele, então, riu e ofereceu mais vinho a Gaius.

O rapaz, no entanto, evitou um sorriso. Já tinha ouvido algo sobre a batalha dos homens que foram mandados de volta para casa em Deva, mas era interessante ouvir a história de alguém que realmente estivera no acampamento quando os caledônios atacaram.

— Ah, o general é um grande homem! Depois do último verão, até os que ficaram e reclamavam do perigo tecem louvores a ele. O homem vai encontrar trabalho para você, sem dúvida, e vai começar sua carreira já contando com algumas honras em seu caminho! Gostaria de ir com você, rapaz, ah, como eu gostaria!

Licinius nada dissera sobre a possibilidade de Gaius realmente servir ao lado do governador, mas o rapaz se perguntou de repente se as mensagens que levava tinham, ao menos em parte, a intenção de fazer com que Agricola prestasse atenção nele. Como governador da província, Agricola era incomum por se relacionar muito bem com seus procuradores. Uma palavra de Licinius poderia de fato ser útil.

Na campanha anterior, Gaius fora apenas mais um de um bando de jovens oficiais, todos ávidos por glória e muito dependentes de seus centuriões. Ficara impressionado com o que vira de seu comandante, mas não havia razão para que o general se lembrasse especificamente dele. No entanto, a ambição se agitou dentro de Gaius quando considerou a possibilidade de conquistar a estima do comandante.

Naquele momento, Gaius havia passado pelos campos de caça dos brigantes e entrado em uma região ainda mais selvagem, na qual as pessoas falavam um dialeto que não compreendia. *Roma poderia conquistar essas terras*, pensou, enquanto cavalgava por charnecas desoladas e florestas escuras, mas imaginava se algum dia poderia governá-las. Apenas a necessidade de impedir que caledônios selvagens e seus aliados da Hibérnia depenassem os campos mais ricos ao sul – como haviam destruído a casa de Bendeigid – já seria suficiente para justificar a presença romana ali.

O longo crepúsculo setentrional se aprofundava em um céu violeta quando Gaius chegou a Pinnata Castra, o forte que a Vigésima Legião estava construindo sobre o estuário do Tava, onde a esquadra havia causado imensa impressão ao se mostrar no verão anterior. Muros de pedra já se levantavam por trás da paliçada

robusta, e as tendas de couro do acampamento oficial tinham sido substituídas por barracas e estábulos de madeira que pareciam capazes de resistir a um inverno naquelas paragens. O lugar parecia ainda maior por estar quase vazio.

— Onde estão todos? — perguntou ao cavalgar sob o javali legionário blasonado no portão e apresentar as ordens ao oficial encarregado.

— Lá em cima. — O homem fez um gesto vago para o norte. — A notícia que temos é de que as tribos finalmente se uniram sob o comando de um chefe votadino chamado Calgacus. O velho passou o verão no encalço deles, deixando acampamentos para trás como um caminho de pedras. Precisa de mais uma semana de viagem para alcançá-lo, mas ao menos a noite de hoje poderá dormir sob um teto e comer uma refeição quente. Sem dúvida o prefeito lhe dará um acompanhante pela manhã; seria embaraçoso ser pego em uma emboscada depois de chegar tão longe!

Naquele momento, Gaius tinha menos interesse na refeição do que na casa de banhos legionária, mas ficou feliz pelo jantar oferecido depois que já estava limpo. Seu anfitrião, que era claramente solitário e estava um pouco nervoso, deixado ali com seu pequeno comando, parecia feliz em recebê-lo e por ter alguém com quem conversar.

— Soube do motim dos usípios? — perguntou o prefeito, enquanto os restos do tetraz ensopado que haviam jantado eram levados.

Gaius baixou a taça de vinho – um de falérnio muito bom – e demonstrou interesse no assunto.

— Um bando de germânicos brutos, sabe? Vinham de seus pântanos lúgubres, enviados por recrutamento para Lenacum. Eles se amotinaram e roubaram três navios... e acabaram por cumprir todo o caminho, do oeste até o leste, em torno da costa da Britânia.

Gaius o fitou.

— Então a Britânia é, de fato, uma ilha...

Aquela questão, até onde sua memória conseguia chegar, sempre fora um tópico dos jantares em território britânico.

— Aparentemente é — o homem assentiu. — Por fim os suevos capturaram os sobreviventes e os venderam como escravos de volta ao lado romano do Reno, e assim soubemos da história!

— Extraordinário! — disse Gaius.

O vinho havia feito seu trabalho, e ele começava a se sentir agradavelmente aquecido. Daria uma boa história para contar a Julia quando voltasse a Londinium. Ficou um pouco surpreso ao perceber que pensava em ter algo para contar a ela em seu retorno – mas era uma história cuja ironia só poderia ser apreciada por alguém de seu próprio mundo. Eilan não teria entendido. De

repente, deu-se conta de que era na verdade duas pessoas – o romano prometido a Julia e o bretão que amava Eilan.

No dia seguinte começou a garoar. Gaius fungava e tossia enquanto atravessavam a paisagem encharcada, pensando que não era de admirar que dissessem que os homens das tribos podiam se dissolver em meio à urze conforme desejavam. Tinha a impressão de que também as colinas se dissolviam no céu; as florestas, no solo; e ele e seu cavalo, na lama que enfrentavam.

Ao menos, pensou, de modo tristonho, estou a cavalo. Teve pena dos legionários, que precisavam se estrompar por aquela estrada carregando o peso de todas as armas e equipamentos. Às vezes, viam ovelhas em uma colina ou então o gado pequeno e negro que os nativos criavam, mas com exceção de uma flecha que passou ao lado da cabeça de Gaius, vinda das árvores enquanto margeavam um dos riachos, não havia sinal de forças hostis em lugar algum.

— Boa notícia para nós, mas talvez má para o exército — disse sombriamente o decurião que liderava sua escolta. — Se os guerreiros não estão guardando seus campos de caça, isso só pode significar que decidiram se unir. Ninguém pode negar que são bons lutadores quando o sangue sobe. Se as tribos tivessem juntado forças quando César veio, o império ainda teria sua fronteira na costa da Gália.

Gaius concordou e apertou o manto cor de tijolo em torno de si, perguntando-se que destino havia inspirado Licinius a enviar suas mensagens bem no momento em que talvez a confederação de tribos britânicas mais formidável que já se reunira estivesse a ponto de atacar o exército que Agricola tinha levado para o norte...

— Tem notícias de Martius Julius Licinius? Conte-me, ele está bem?

O homem que saiu da grande tenda de couro tinha apenas uma estatura mediana e, sem a armadura, era um pouco magro demais, mas, apesar das gotas brilhando em seu cabelo grisalho e das sombras em torno dos olhos, projetava uma aura de autoridade suficiente para fazer com que Gaius o identificasse mesmo sem o manto, vermelho tão escuro que era quase púrpura, que usava.

— Gaius Macellius Severus Siluricus se apresentando, senhor! — Ele se endireitou e o saudou, ignorando a água que caía pela borda de seu capacete. — O procurador está bem e lhe envia cumprimentos afetuosos. Conforme pode ler em suas cartas, senhor...

— Ótimo! — Agricola estendeu a mão para receber o pacote e sorriu. — É

melhor ler sob um abrigo, antes que os papéis se dissolvam com a umidade. Você também deve estar molhado, depois de sua viagem. Tacitus aqui o levará para a fogueira dos oficiais e cuidará de seu aquartelamento — disse ele, indicando um jovem alto e saturnino que depois Gaius soube ser genro dele.

— Agora que está aqui, é melhor esperar pela conclusão da batalha, assim posso enviar um relatório para casa por você.

Gaius piscou enquanto o comandante se retirou para sua tenda. Havia se esquecido do quanto o homem era carismático, ou talvez jamais tivesse se dirigido diretamente a ele quando era só um oficial iniciante entre muitos. Tacitus, então, pegou-o pelo braço, e, retraindo-se um pouco enquanto os músculos endurecidos das coxas protestavam, Gaius o seguiu.

Era muito bom sentar em torno de uma fogueira no acampamento com seus irmãos oficiais novamente, comendo cozido quente de lentilhas e pão de munição e bebendo vinho avinagrado. Só agora o rapaz percebia o quanto sentia falta daquela camaradagem. Depois que os outros tribunos tomaram conhecimento de sua experiência prévia em campanha e perceberam que não era só um soldado de desfile, ele foi bem-aceito no grupo, e conforme a jarra de vinho era passada até a chuva que ainda gotejava sobre seu manto não parecia mais tão fria. A tensão que sentia em torno de si era de esperar, e o moral parecia alto. As armaduras dos homens destacados estavam polidas e lustrosas apesar do tempo, e a pintura nova brilhava nos escudos já surrados. Os jovens oficiais com quem Gaius se sentou pareciam sérios, mas não amedrontados.

— Acha que o general vai conseguir trazer Calgacus para o combate? — perguntou.

Um dos outros homens riu.

— É mais fácil que seja o contrário. Não consegue ouvi-los? — ele fez um gesto para a escuridão ventosa. — Estão ali, uivando e se pintando de azul! Os batedores dizem que há trinta mil homens em Graupius. Há guerreiros votadinos, sélgovas, nóvantas, dóbunos e de todos os outros pequenos clãs que perseguimos nos últimos quatro anos, além de caledônios das tribos do norte cujos nomes nem eles mesmos sabem. Calgacus nos oferecerá uma batalha, sem dúvida. E precisa fazer isso antes que todos comecem a se recordar de velhas contendas e brigar uns com os outros!

— E quantos — perguntou Gaius, cuidadosamente — homens nós temos?

— Das legiões, quinze mil: a Vigésima Valeria Victrix, Segunda Adiutrix e o que restou da Nona — respondeu um dos tribunos, que, por sua insígnia, fazia parte da Segunda.

Gaius o encarou com interesse. O tribuno havia entrado para a legião desde que fora para Londinium, mas deveria haver outros ali da legião de seu pai que

conhecia.

— E há ainda oito mil da infantaria auxiliar, a maioria batavos e tungros, alguns brigantes irregulares e quatro alas de cavalaria — complementou um comandante de tropa, que logo em seguida pediu licença para voltar a seus homens.

— Bem, então os números não são tão desiguais, são? — disse Gaius, animado, e alguém riu.

— Não teríamos problema nenhum se eles não estivessem no terreno mais alto.

Nos declives mais elevados do pico que os romanos chamavam de Mons Graupius, o vento era mais frio. Os bretões davam outros nomes à montanha – a Velha Mulher, ancestral e resistente, Portadora da Morte e Bruxa do Inverno. Enquanto a noite seguia, era em sua última denominação que Cynric a encontrava. Ali, as rajadas de chuva que caíam nos vales desciam em lufadas de água com neve que queimavam suas bochechas e caíam chiando no fogo.

Os caledônios não pareciam se importar. Sentavam-se em torno das fogueiras do acampamento, bebendo odres de cerveja de urze e se vangloriando antecipadamente sobre a vitória do dia seguinte. Cynric puxou o manto xadrez sobre a cabeça, esperando que o tecido ajudasse a cessar sua tremedeira.

— O caçador que se vangloria muito no amanhecer pode se ver com a panela vazia quando a noite cai — disse uma voz baixa a seu lado.

Cynric se virou e reconheceu Bendeigid; sua túnica clara era como um borrão fantasmagórico na escuridão.

— Nossos guerreiros sempre cantaram assim antes da batalha... Anime-se!

Ele se virou e olhou para os homens em torno da fogueira. Aqueles eram nówantas do clã Cavalo Branco, do sudeste da costa da Caledônia, onde o estuário do Salmaes corria em direção a Luguvalium. Mas na fogueira atrás deles bebiam os sélgozas, seus inimigos hereditários. O volume do fogo subiu, e ele viu a figura do comandante deles se iluminar de repente quando alguém jogou um novo tronco no fogo. O chefe jogou a cabeça para trás, rindo, e a luz clareou novamente seus olhos claros e cabelos vermelhos.

— Estamos em nosso próprio território, rapazes, e a terra vai lutar a nosso favor! Os mantos vermelhos são movidos por cobiça, que é uma conselheira fria, mas nós ardemos com o fogo da liberdade. Como podemos falhar?

Os nówantos, ouvindo suas palavras, deixaram suas próprias fogueiras para se reunir em torno dele, e em alguns instantes os dois grupos haviam se transformado em uma só massa de homens bradando.

— Ele está certo — disse Cynric. — Se Calgacus conseguiu persuadir esse grupo a ficar junto, como podemos falhar?

Bendeigid ficou em silêncio, e, apesar de suas palavras ousadas, Cynric sentiu a serpente da ansiedade que o roía desde o anoitecer se agitar novamente.

— O que foi? — perguntou Cynric. — Teve algum presságio?

Bendeigid balançou a cabeça negativamente.

— Nenhum presságio. Acho que as chances dessa luta estão tão equilibradas que nem os deuses fazem apostas sobre o resultado. Temos vantagem, é verdade, mas Agricola é um oponente formidável. Se Calgacus, embora seja um grande líder, o subestimar, essa postura pode ser fatal.

Cynric soltou a respiração em um longo suspiro. Havia lutado tanto para se provar àqueles homens – que começaram zombando dele como o filho de um povo derrotado mesmo sem terem a menor ideia de que seu sangue fora contaminado pelo dos romanos – que a rebeldia havia se tornado sua segunda natureza. Mas junto de seu pai adotivo ele não precisava fingir.

— Ouço os cantos, mas não consigo acompanhá-los. Bebo, mas minha barriga segue fria. Pai, minha coragem vai me decepcionar amanhã quando enfrentarmos o aço romano?

Em tempos como aqueles, não conseguia deixar de se perguntar se deveria ter fugido com Dieda quando teve a oportunidade.

Bendeigid o virou, de modo que o druida pudesse encarar Cynric.

— Você não vai fracassar — disse, impetuosamente. — Esses homens ainda lutam por glória. Eles não entendem o inimigo como você. Mas, na batalha, seu desespero apenas o tornará ainda mais terrível. Lembre-se de que é um Corvo, Cynric, e que o que busca amanhã não é honra, e sim vingança!

Naquela noite, Gaius deitou-se ouvindo a respiração dos outros homens e perguntando-se por que era tão difícil entregar-se ao sono. Aquela era a cama mais seca em que dormia em um bom tempo, e já tinha participado de batalhas antes. *Mas suas outras lutas, refletiu, foram escaramuças inesperadas que terminaram logo após começarem.*

Buscou alguma distração e de repente se flagrou pensando em Eilan. Durante a jornada ao norte, pensara em Julia, imaginando como ela se divertiria com algum mexerico curioso ou com as histórias de soldados. No entanto, jamais poderia admitir a Julia as coisas que o assombravam naquele momento de

escuridão.

*Cercado por todos esses homens eu me sinto só... Quero deitar a cabeça em seu colo e sentir seus braços em torno de mim... Estou tão só, Eilan, e sinto medo!*

Por fim conseguiu se render a um sono difícil, e em seus sonhos ele e Eilan estavam juntos em uma cabana no meio da floresta. Ele a beijou e percebeu que o corpo dela estava arredondado por conta de seu filho ali dentro. Ela sorriu para ele e ajustou o vestido sobre a barriga, para que Gaius pudesse ver. Ele pousou a mão sobre a curva dura, sentiu a criança se mexer e pensou que ela jamais fora tão linda. Ela abriu os braços para ele e o puxou para seu lado, murmurando palavras amorosas.

Gaius então caiu em um sono mais profundo. Quando despertou, os homens se agitavam em torno dele, colocando as túnicas e tentando fechar as armaduras naquela hora acinzentada e lúgubre logo antes do amanhecer.

— Por que ele não vai colocar as legiões na linha de batalha? — Gaius perguntou a Tacitus, em tom baixo.

Pararam os cavalos junto do resto da equipe pessoal do general em uma pequena colina, observando a infantaria ligeira se espalhar em uma longa linha montanha abaixo, com a cavalaria posicionada de ambos os lados. A luz pálida brilhava no topo dos capacetes cor de bronze, na ponta das lanças e cintilava nas cotas de malha. Pastos acidentados subiam até as encostas mais baixas atrás deles, onde a grama seca dava lugar a grandes faixas de samambaias marrom-granada e ao roxo mais pálido da urze. Entretanto, grande parte da topografia do Graupius só podia ser adivinhada, pois a parte mais baixa da montanha estava escondida por homens armados.

— Porque estão com menos forças — veio a resposta. — Lembre-se de que o imperador desviou homens das quatro legiões para sua campanha na Germânia. Como resultado, três mil de nossos melhores soldados estão marchando na Germânia enquanto os catos e sicambros riem deles, e Agricola precisará de cada truque que sabe para compensar isso. Ele está com as legiões em formação na frente das trincheiras, onde podem nos amparar se formos ao chão, mas espera que a situação não chegue até isso.

— Mas foi o imperador que ordenou que o governador conquistasse o norte da Caledônia, não foi? — perguntou Gaius. — Domiciano é um soldado. Não sabe...?

Tacitus sorriu, e Gaius de repente se sentiu como uma criança.

— Alguns diriam — ele respondeu, baixo — que ele sabe muito sobre tudo.



Tito deu ao nosso governador honras de herói por seus sucessos na Britânia, e quando esta campanha terminar o mandato de Agricola como governador terá acabado. Talvez o imperador ache que não há espaço para dois generais vitoriosos em Roma.

Gaius olhou em direção ao comandante, que observava a mobilização de seus soldados com seriedade e muita atenção. Sua armadura de escamas sobre cota de malha brilhava na luz que ia ficando cada vez mais forte, e a crista de crina de cavalo de seu capacete se agitava levemente com a brisa. Sob a cota de malha, túnica e culotes brancos como a neve, mas na luz do início da manhã seu manto vermelho adquiria um caráter funesto.

Anos depois, em uma visita a Roma, Gaius leu a passagem da biografia de Agricola em que Tacitus descreve aquele dia. Não conseguiu evitar sorrir com os discursos, que foram elaborados na melhor tradição retórica para efeito literário, pois, enquanto ambos tinham ouvido as palavras do general, o vento trouxe apenas fragmentos da fala de Calgacus, que Gaius sem dúvida entendeu muito melhor que as de Tacitus.

Calgacus havia começado primeiro; ao menos podiam ver um homem alto, com cabelos cor de pele de raposa, andar de um lado para o outro diante dos mais ricamente vestidos dos inimigos, e imaginaram que só podia ser ele. Ecoando nos declives, frases vagavam através do campo aberto.

— ... Eles comeram a terra, e atrás de nós resta apenas o mar! — Calgacus fez um gesto para o norte. — Vamos destruir esses monstros que querem vender nossas crianças como escravos!

Os caledônios começaram a rugir em aprovação, e as palavras seguintes se perderam em meio ao barulho. Quando Gaius pôde ouvir de novo, o líder dos inimigos parecia falar da rebelião dos icenos.

— ... Eles correram aterrorizados quando Boudicca, uma mulher, levantou os trinobantes contra eles... Não arriscam nem mesmo o próprio povo contra nós! Que os gauleses e nossos irmãos brigantes se lembrem de como os romanos os traíram, e que os batavos os abandonem como fizeram os usípedes!

Houve uma pequena agitação na linha dos adjuntos – apenas entre os que entenderam aquilo –, enquanto Calgacus continuava seu apelo para que os caledônios lutassem por liberdade. Mas uma palavra do comandante os acalmou.

Os homens das tribos se reuniam, cantando e chacoalhando as lanças, e Gaius estremeceu, ouvindo na música selvagem um chamado que despertava memórias quase antigas demais para que pudesse descrevê-las. Eram músicas que ouvira entre os siluros quando era um bebê de colo. Então, o lado oculto de sua alma, o lado de sua mãe, chorou em resposta, pois Gaius, tendo visto as minas de Mendip e as filas de escravos britânicos marchando para navios a fim

de serem vendidos em Roma, sabia que o que Calgacus dizia era verdade.

Os romanos, mesmo sem entender as palavras, compreendiam seu tom e se agitavam raivosamente. Foi naquele momento, quando parecia que a disciplina, se não a lealdade, poderia ceder, que Agricola levantou a mão e virou o cavalo para olhá-los de frente, e seus oficiais se aproximaram para ouvir o que diria.

O general parecia falar baixo, como um pai bondoso que encoraja uma criança entusiasmada, mas suas palavras eram ditas com muita rapidez. Falou da distância que haviam percorrido, da coragem que tiveram ao ultrapassar os limites do mundo romano, e gentilmente apontou os perigos de tentarem sair em retirada em uma região tão hostil.

— ... Um general ou exército em retirada nunca está seguro... A morte com honra é preferível à vida com ignomínia... Até mesmo cair neste limite extremo da terra e da natureza não pode ser visto como um destino inglório.

Quanto aos caledônios, a quem Calgacus chamara de os últimos homens livres na Bretanha, na versão de Agricola, tornaram-se fugitivos.

— ... O número restante consiste apenas dos que não têm coragem ou ânimo; a quem você vê a seu alcance não porque protegeram seu lugar, mas porque foram dominados.

Por um momento, ouvindo aquela voz calma e bondosa destruir a visão caledônia de glória, Gaius quase o odiou. Mas não podia discordar da conclusão do general de que uma vitória romana naquele dia poderia pôr fim a um conflito que já durava cinquenta anos.

Gaius teve a impressão de que via naquele homem a essência do que Macellius entendia como um homem romano. Apesar do fato de a família de Agricola ter origem gaulesa e de ele ter subido com sucesso no serviço público, primeiro para a ordem média dos equestres, depois até senador, ele fazia Gaius pensar nos velhos heróis da Roma republicana.

Os escrivães de Licinius tinham grande afeto pelo mestre, mas Gaius sentia que havia algo a mais no modo como os oficiais de Agricola o olhavam, uma intensidade de devoção que os mantinha firmes mesmo quando os selvagens das montanhas começavam a despertar a coragem para a batalha com gritos de guerra e batendo nos escudos. Aparentemente, essa atitude se estendia aos homens sob o comando de Agricola, e Gaius, observando aquele perfil severo e ouvindo o general falar calmamente, como se conversasse em sua tenda com alguns amigos, pensou subitamente: *Este é o tipo de devoção que cria imperadores. Talvez Domiciano tivesse razão em sentir medo.*

Os caledônios estavam em formação no solo que se elevava, formando uma fileira atrás da outra planície acima. Agora suas carruagens desciam pelos declives com os cavaleiros sobre elas, animais ágeis correndo à toda enquanto os

condutores se agitavam nas plataformas de vime e os lanceiros que carregavam riam e balançavam as armas.

Para Gaius, aquelas eram imagens de beleza e terror. Entendia que estava vendo a alma guerreira da Britânia assim como viram César e Frontinus, e o rapaz sentia que, depois disso, essa alma jamais seria vista em toda a sua glória novamente. As carruagens se jogavam para a frente, virando no último momento enquanto os dardos se enfiavam nos escudos romanos, e os guerreiros corriam junto com as varas entre os cavalos, jogando para o ar as espadas brilhantes e pegando-as de novo. Vieram para a batalha como se fossem a um festival, e o sol cintilava em seus torques e braceletes. Alguns usavam cotas de malha e capacetes, mas a maioria lutava vestindo apenas túnicas xadrezes brilhantes ou mesmo seminus, a pele clara pintada com desenhos de espirais azuis. Gaius podia ouvir suas bravatas acima do barulho das rodas das carruagens, mas não sentiu medo, e sim uma tristeza terrível.

Um dos tribunos protestou em voz alta quando Agricola desmontou de seu cavalo e um homem veio para levar seu animal, mas o rosto dos outros pousou sombriamente nessa confirmação de que ele não fugiria, independentemente do que acontecesse com seu exército. *Dariam a vida para protegê-lo*, pensou Gaius, *e eu também*, percebeu subitamente. Alguns membros da equipe pessoal do general desmontavam enquanto ordens baixas enviavam outros a galope até as fileiras. Gaius voltou, incerto sobre o que fazer.

— Você! — O general fez um gesto para que ele se aproximasse. — Vá até os tungros e peça que se espalhem até mais adiante. Diga a eles que sei que isso enfraquece o centro, mas que não quero que o inimigo nos cerque.

Enquanto fazia o pônei galopar, Gaius ouvia o barulho dos dardos batendo nos escudos atrás dele e percebeu que as carruagens britânicas haviam se afastado e que a primeira linha de infantaria avançava em sua direção. Ele se dobrou sobre o pescoço do animal e o instigou a correr mais rápido. O espaço entre os dois exércitos que se fechava para o primeiro e devastador embate não era lugar para se estar. Viu o brilho do estandarte dos tungros diante dele, e a fileira se partiu para deixá-lo passar. Então começou a passar a mensagem rapidamente, movendo-se entre os homens enquanto eles começavam a ir para os lados e olhando pelo canto dos olhos enquanto o ataque inimigo se expandia.

*Os guerreiros britânicos são bons*, pensou, ao vê-los bloquear as lanças romanas com seus escudos redondos. Suas grandes espadas eram ainda mais longas que as espadas romanas, as armas cortantes eram cegas na ponta, mas extremamente afiadas nas laterais. As trombetas romanas soaram, e o centro do exército de Agricola foi para a frente, fechando o inimigo.

Gaius sabia que não se sairia melhor ali do que com a infantaria, mas o

general não lhe dera outras ordens. Então, em uma decisão repentina, desceu até a linha para se juntar à cavalaria que ali estava. Sobre a cabeça dos auxiliares viu as linhas de batalha se quebrarem em uma luta próxima e confusa, na qual os caledônios não tinham espaço para girar as longas espadas. E aquele era o tipo predileto de luta dos batavos; empurravam para a frente, perfurando com os gládios e estourando o rosto dos inimigos com os bojos dos escudos. De repente, veio um grito dos romanos quando a primeira fileira de inimigos cedeu, e o centro de Agricola começou a avançar pelos barrancos mais baixos da montanha atrás deles.

Mais devagar, a infantaria dos dois lados tentava segui-los, mas agora as carruagens bretãs, vendo as filas afinarem e sentindo a fraqueza do adversário, disparavam na direção deles, pulando no chão acidentado. Em um instante já estavam entre a infantaria como lobos em um rebanho, atacando brutalmente os soldados a pé com espadas e lanças. Alguns gritavam para os homens nas fileiras mais próximas; homens, cavalos e carruagens giravam em confusão. Então, Gaius viu um guerreiro pintado de azul se assomar sobre ele e atacá-lo com a lança.

Nos momentos que se seguiram, as coisas aconteceram rápido demais para que ele tivesse tempo de pensar. Gaius atacava e se esquivava enquanto as armas surgiam em torno dele. Uma carruagem disparou em sua direção e seu pônei empinou, jogando-o com força contra os chifres de trás de sua sela. Sentiu a lança ser arrancada de sua mão e teve tempo de se abaixar num reflexo quando um dardo veio em sua direção. A arma bateu em seu capacete, prendeu-se por um momento na crista e caiu. Gaius piscou, zozado, agora entendendo por que apenas os oficiais usavam cristas nos capacetes em batalha, mas o pônei, mais sábio que o mestre, já o levava para fora de perigo.

Por um momento ficou claro; Gaius puxou a espada da bainha e se endireitou. Agora via que as carruagens, sem terem conseguido romper as fileiras dos romanos, se enfiavam entre elas. Uma carruagem veio na direção dele no terreno desigual; e a madeira foi esmagada quando a roda acertou uma pedra, caindo de lado. Ele, então, viu o condutor cortando as ligações. Relinchando violentamente, os cavalos correram livres, juntando-se a outros que disparavam em pânico através da batalha, derrubando bretões e romanos.

A batalha estava bem engajada; as encostas do Graupius ferviam com homens lutando, que se juntavam, se desembaraçavam e voltavam a se enovelar em uma tapeçaria em constante movimento. Mas Gaius tinha a impressão de que, pouco a pouco, os romanos ganhavam mais solo.

Então uma lança pareceu vir do chão diante dele, com um rosto rugindo atrás dela; seu pônei recuou enquanto ele conseguiu acertar a madeira de lado

com a espada e golpeou para baixo. O vermelho cobria os desenhos azuis enquanto a lâmina cortava, então o cavalo pulou para a frente e o rosto desapareceu, e Gaius seguia atacando e se defendendo sem tempo nenhum para pensar.

Quando teve um momento para focar, viu que estavam um tanto acima na montanha. Ouvia gritos vindos da esquerda; os caledônios, que assistiam à batalha do topo, agora desciam, pulando pelas encostas abaixo com rapidez assustadora para atacar os romanos por trás. Será que Agricola estava vendo aquilo? Gaius ouviu novamente o zurro das trombetas romanas e sorriu enquanto as quatro alas da cavalaria que o general estivera reservando por fim entraram em ação. Eles cercaram os bretões e os jogaram contra a bigorna da infantaria; e então o verdadeiro massacre começou.

As forças de Calgacus haviam perdido toda a coesão. Alguns homens ainda lutavam, outros tentavam fugir, mas os romanos ainda estavam por todos os lados, matando ou fazendo prisioneiros apenas para torturá-los e chaciná-los mais tarde, enquanto mais guerreiros inimigos vinham em sua direção. Gaius viu um brilho branco por perto e percebeu Agricola no meio da batalha com apenas dois tribunos e um par de legionários para protegê-lo. Sem pensar, virou a montaria para aquela direção.

Enquanto se aproximava, um dos tribunos gritou. Três bretões, com as roupas ensopadas de sangue e armados apenas com facas e pedras, atacaram. Gaius esporeou forte o pônei. Ele girou, e a espada abriu um corte vermelho no peito do primeiro homem. Então seu cavalo tropeçou em algo macio, e, quando Gaius sentiu que iam ao chão, largou o escudo e se soltou enquanto o animal vinha abaixo. Viu uma faca brilhar e sentiu a dor tomar sua coxa; o cavalo tentava se levantar, mas a faca reluziu de novo, afundando no pescoço dele; o cavalo corcoveou e caiu de novo e definitivamente.

Gaius se levantou sobre um ombro, afundou o punhal no peito do bretão e depois o usou para acabar com o sofrimento do cavalo moribundo, cortando o pescoço dele. Então, fazendo careta enquanto a coxa começava a latejar, começou a se levantar, procurando em torno o escudo e a espada.

— Está bem, rapaz? — Agricola olhava para ele.

— Sim, senhor! — Ele começou a fazer a saudação, mas logo percebeu que o punhal ainda estava em sua mão e o embainhou novamente.

— Então tome sua posição — disse o general —, ainda temos trabalho a fazer.

— Sim... — começou Gaius, mas Agricola já se virava para dar uma ordem a outra pessoa. Um dos tribunos o ajudou a se levantar, e ele tentou recuperar o fôlego.

O sangue havia tingido as samambaias de um vermelho escuro e sombrio. O campo parecia uma massa de destroços de homens e armas, e os inimigos que sobreviveram se espalhavam, perseguidos pela cavalaria. Os soldados a pé seguiam mais lentamente, enquanto os caledônios fugiam em direção à floresta do outro lado da montanha. Agricola ordenou que alguns homens desmontassem e fizessem uma batida através da mata enquanto outros a contornavam.

Foi na beira da floresta, enquanto caía o crepúsculo, que Gaius se virou repentinamente para encarar um homem que saltou sobre eles. Ele se virou instintivamente, mas estava cansado, e a espada girou em sua mão, atingindo a lateral da cabeça do guerreiro e jogando-o no chão. Ele desembainhou o punhal e se dobrou sobre o homem para acabar com ele, e xingou quando certa mão coberta de sangue apertou seu braço. Gaius perdeu o equilíbrio e caiu por cima do inimigo; e os dois rolaram e rolaram, lutando pela posse da arma.

O braço de Gaius começou a tremer enquanto músculos que jamais haviam se recuperado completamente da antiga ferida onde a estaca da armadilha para javalis havia entrado começavam a ceder. O pânico drenava suas últimas reservas de energia, e seus dedos se fecharam em torno da garganta do outro homem. Por um momento, eles se levantaram, o punhal se empurrando inutilmente em sua armadura. Então o outro homem simplesmente deixou de fazer força, e o romano caiu imóvel.

Tremendo, Gaius se levantou e arrancou a arma dos dedos do inimigo. Ele se curvou para terminar o serviço que começara e se viu encarando os olhos atordoados de Cynric.

— Não se mexa — Gaius disse em bretão, e o outro ficou imóvel. O romano olhou rapidamente em torno. — Eu posso salvá-lo... Eles estão começando a fazer reféns. Vai se render a mim agora?

— Romano — Cynric cuspiu, mas sem força. — Deveria tê-lo deixado naquela fossa para javalis!

Foi então que Gaius percebeu que o outro homem o tinha reconhecido também.

— Teria sido melhor para mim... e para Eilan — completou Cynric.

— Você tem tanto sangue romano quanto eu! — A culpa adicionava veneno à resposta de Gaius.

— Sua mãe vendeu a honra! A minha morreu!

Gaius se viu empurrando a lâmina, mas no último momento percebeu que aquilo era o que Cynric queria que fizesse.

— Um dia você salvou minha vida. Agora eu lhe dou a sua, e que Hades leve seu maldito orgulho britânico! Renda-se, e pode lutar comigo outro dia.

Ele sabia que isso era tolice; mesmo deitado sobre o próprio sangue, Cynric

parecia perigoso. Mas salvá-lo era a única coisa que poderia fazer por Eilan.

— Você venceu... — A cabeça de Cynric caiu para trás de exaustão, e Gaius viu mais sangue saindo dos cortes em seus braços e coxas. — ... hoje.

Os olhares dos dois se encontraram, e Gaius viu o ódio ainda ardendo nos olhos dele.

— Mas um dia vai pagar por isso...

Ele caiu em silêncio enquanto a carreta que recolhia os feridos vinha rangendo na direção de ambos. Gaius observou dois legionários esfarrapados o colocarem para dentro com os outros, sua satisfação com a vitória romana se dissipando ao perceber que havia perdido o amigo com tanta certeza quanto se visse Cynric morrer diante de seus olhos.

Com a escuridão, Agricola suspendeu a perseguição, pois não queria arriscar os homens em um terreno pouco familiar. Mas, para os caledônios que sobreviveram, a batalha ainda não havia acabado. Tarde da noite, os romanos podiam ouvir mulheres chamando por seus maridos e parentes enquanto procuravam no campo de batalha. Nos dias seguintes, batedores que retornavam informavam sobre um círculo de devastação em expansão. A terra que um dia havia sustentado um povo próspero hoje era um mundo silencioso, no qual corpos de mulheres e crianças mortas por seus próprios homens para salvá-las da escravidão olhavam sem expressão para o céu, e a fumaça de casas queimadas escurecia o céu que chorava.

Quando os números foram calculados, foi estimado que os ferimentos ou a batalha levaram dez mil dos inimigos, enquanto apenas trezentos e sessenta romanos morreram.

Enquanto Gaius cavalgava ao longo da coluna de homens marchando ao sul para o quartel de inverno, recordou-se das palavras de Calgacus: “Para saquear, assassinar, usurpar sob falsos títulos eles chamam de império; e, quando fazem um deserto, o chamam de paz”.

Certamente o norte estava pacífico agora, com as últimas esperanças britânicas de liberdade tão mortas quanto os homens que as defenderam. Foi isso, mais do que o fato de que os despachos que levava incluíam uma descrição muito lisonjeira de sua própria conduta no campo de batalha, que fez com que Gaius percebesse que deveria se tornar totalmente romano agora.

A pesar das esperanças de Agricola, a pacificação do norte não seria totalmente conquistada em uma só batalha. E embora as pessoas de Roma tenham dançado nas ruas quando o relato triunfante sobre Mons Graupius foi proclamado, ainda havia muito a fazer para assegurar a vitória. Os despachos que Gaius levou para o sul incluíam uma ordem para que voltasse assim que suas feridas se curassem, pois o governador não estava disposto a deixar um jovem tão proveitoso ser desperdiçado em Londinium.

Uma das tarefas de Gaius era visitar o complexo em que os romanos mantinham os prisioneiros mais importantes. E Cynric ainda estava ali, amargurado e coberto por cicatrizes, mas vivo, e com um triunfo sombrio porque, no fim das contas, Calgacus não havia sido capturado para agradecer a vitória de Agricola em Roma. De fato, ninguém parecia saber o que havia acontecido com o chefe britânico. E havia rumores de que o druida Bendeigid estava escondido nas colinas.

— Fui capturado em armas e não espero nenhuma misericórdia — disse Cynric, em um momento de brandura —, mas, se o general tem algum respeito por você, peça a ele que perdoe o velho. Eu tirei você daquela armadilha para javalis, mas foi ele quem salvou sua vida. Por isso, acho que deve algo a ele, não deve?

E Gaius concordou. Na verdade, seu débito era maior do que Cynric imaginava, e, já que não era possível provar que Bendeigid lutara contra Roma, Agricola estava disposto a deixar que circulasse pelo norte a palavra de que o druida poderia voltar para casa em segurança.

No caso, só depois que o próprio governador foi para o sul a fim de se preparar para sua volta a Roma é que Gaius recebeu licença para fazer o mesmo. E já se aproximava o fim do inverno quando ele se viu na estrada para visitar o pai em Deva, por fim livre para seguir as instruções que Julia lhe dera meses antes para resolver quaisquer que fossem seus sentimentos por Eilan.

O inverno no norte fora escuro e frio, com ventos gelados e noites que



pareciam não ter fim. Mesmo tão ao sul o ar era revigorante, embora os primeiros botões verdes começassem a despontar nos galhos, e Gaius ficou feliz por precisar usar seu manto de pele de lobo. Na Bretanha, até mesmo o Júlio Deificado chegou a usar, algumas vezes, três túnicas, uma sobre a outra, para se proteger do frio.

Parecia estranho viajar por uma região que estava em paz. Gaius tinha a impressão de que tudo deveria ter mudado desde a última vez que esteve ali, como se tivesse passado anos fora. Mas, enquanto se aproximava de Deva, o vento bruto que vinha do estuário era o mesmo de sempre, e as montanhas escuras no horizonte continuavam sendo as sombras ameaçadoras que o atemorizavam desde criança. Passou pelos diques poderosos do forte até o portão principal e encontrou a paliçada de madeira que o coroava apenas um pouco mais gasta do que se lembrava. Era ele quem havia mudado.

Seus passos soaram no calçamento de pedra do *praetorium* enquanto caminhava para o escritório do pai. Valerius olhou para cima quando ele entrou, fazendo uma careta até Gaius finalmente começar a tirar os mantos. Quando reconheceu o rapaz, sorriu. Então, quando Macellius saiu do cômodo interior, Gaius percebeu que não era o único a ter envelhecido.

— Bem, meu rapaz! É mesmo você? Começamos a temer que o governador resolvesse levá-lo a Roma com ele. Ele escreveu muito bem sobre seu trabalho lá, rapaz, realmente muito bem.

Macellius estendeu os braços e apertou Gaius em um abraço forte, mas abreviado, como se o homem temesse trair a si mesmo se abraçasse o filho por muito tempo.

Mas Gaius sentira como os dedos do pai o apertaram, como se precisasse se reassegurar de que seu menino estava realmente ali, vivo e em carne e osso. Não tinha necessidade de perguntar se Macellius havia se preocupado; não achava que resolver contendas mesquinhas dos homens no quartel de inverno e contar histórias eram a causa dos novos cabelos brancos do prefeito do acampamento.

— Então, por quanto tempo terei o prazer de sua companhia antes que precisem de você em Londinium?

— Tenho umas poucas semanas de licença, senhor — Gaius forçou um sorriso. — Achei que era hora de voltar para casa por um tempo.

Com uma pontada, percebeu que Macellius não dissera uma palavra sobre seu casamento. *O velho finalmente deve ter percebido que cresci*, pensou.

Mas Macellius já não precisava mais perguntar. Desde a batalha em Mons Graupius, Gaius havia de algum modo começado a dar seu casamento com Julia por certo. Mas agora que as colinas familiares de Deva traziam de volta velhas lembranças, ele começava a se questionar se poderia realmente levar aquilo

adiante, e, se não pudesse, o que havia de fazer.

Porém, Gaius descobrira algo sobre si mesmo nos últimos meses: era ambicioso, no fim das contas. Agricola era um grande homem, e fora um excelente governador, mas quem poderia saber que homem Domiciano enviaria depois dele? E havia coisas sobre aquela terra que nem mesmo Agricola jamais poderia saber. A velha Britânia das tribos estava morta. Seu povo teria de mudar e se tornar romano, mas como um gaulês ou hispânico poderia entender aquela gente? Transformar o país na joia do império poderia exigir a liderança de alguém tanto britânico quanto romano. Ele cumpria esses requisitos, mas precisava fazer as jogadas certas agora. De repente, ele percebeu que o pai falava:

— ... convidar uns poucos oficiais superiores para nos acompanhar no jantar — o pai dizia. — Está muito cansado?

— Estou bem — Gaius sorriu. — Depois das estradas da Caledônia, foi um prazer cavalgar aqui.

Macellius assentiu, e Gaius podia ver o orgulho emanando dele como calor do fogo. Engoliu em seco, percebendo de repente que Macellius jamais lhe dispensara uma aprovação tão grande – e o quanto era importante para ele ver aquele brilho nos olhos do pai.

Era comum para a grã-sacerdotisa passar algum tempo em reclusão depois dos grandes festivais, recuperando-se do ritual. As mulheres da Casa da Floresta se acostumaram com isso quando Lhiannon as governava, então, ninguém achou estranho que, depois da primeira aparição de Eilan como grã-sacerdotisa, sua recuperação fosse prolongada.

E, assim que ela se levantou novamente, podem até ter ficado desapontadas com o fato de ela não participar muito da vida da comunidade e usar com muita frequência um véu pesado sobre o rosto, mas não se podia dizer que estavam surpresas. Lhiannon fora a única grã-sacerdotisa que a maioria delas havia conhecido, e durante seus últimos anos ela ficava a maior parte do tempo em seus aposentos, servida por Cailleán ou por suas assistentes escolhidas. De qualquer modo, um período de reclusão era necessário para que o novo Oráculo pudesse entrar em comunhão com os deuses.

E a reclusão da nova grã-sacerdotisa era um tópico menos intrigante do que o desaparecimento de Dieda. Algumas estavam certas de que ela partira voluntariamente, zangada por não ter sido escolhida grã-sacerdotisa. Outras sugeriam que havia fugido para se juntar a Cynric, a quem muitas haviam visto quando ele visitou a Casa da Floresta na companhia de Bendeigid.

Mas quando alguém soube por um lenhador que uma mulher grávida estava morando na cabana na floresta, a solução do mistério se tornou terrivelmente óbvia. Dieda estava grávida e por isso fora enviada para viver no isolamento da floresta até que pudesse se livrar de sua vergonha.

A verdade, é claro, era tão absurda que ninguém adivinhou. No caso, a parte de Dieda na enganação não era nem mesmo muito enfadonha, pois depois da batalha de Mons Graupius o governador proibira qualquer assembleia pública, para evitar perturbações. Ali ao sul, haviam ouvido apenas rumores da destruição; e para a maior parte do povo conseguir comida no inverno era uma preocupação mais urgente. Na época do festival de Samaine, as pessoas precisaram se contentar com as pequenas adivinhações com maçãs e nozes e a lareira, pois não houve feira ou o festival como deve ser, e nem mesmo houve Oráculo.

Eilan, por sua vez, passou o inverno enfiada na cabana redonda na floresta, visitada de tempos em tempos por Cailleán e servida por uma velha que não sabia seu nome. Ela fez um pequeno altar para a Deusa como Mãe ao lado da lareira, e, enquanto observava a barriga crescer, oscilava entre o júbilo com a nova vida que se desenvolvia dentro dela e a angústia de não saber se algum dia veria novamente o pai da criança.

Mas as coisas iam seguindo seu curso natural, e até o mais longo dos invernos foi abrindo caminho para a primavera. Embora houvesse horas em que Eilan sentisse que ficaria grávida para sempre, estava chegando a época do festival de Brigantia, quando sua criança deveria nascer. Poucos dias antes da data, Cailleán apareceu na porta, e Eilan ficou tão feliz em vê-la que pensou que iria chorar, apesar de que, naqueles dias, as lágrimas ou o riso lhe acometiam com certa facilidade.

— Há pão de aveia fresco que assei pela manhã — disse. — Sente-se aqui e me acompanhe na refeição do meio-dia — ela hesitou —, a não ser que você se sinta contaminada por minha presença renegada.

Cailleán riu.

— Nunca — respondeu. — Se não fosse pela neve, teria vindo antes.

— E como estão as coisas na Casa da Floresta? — perguntou Eilan. — Como Dieda vai em meu lugar? Conte-me tudo! Estou muito entediada aqui, vivendo como um vegetal!

— Certamente, não — Cailleán sorriu. — Talvez uma árvore frutífera passe pela colheita não no outono, mas na primavera. Quanto a Vernemeton, Dieda cumpre suas obrigações fielmente, embora talvez não tão bem quanto você faria. Prometo que virei quando seu filho nascer. Mande um aviso pela velha quando a hora chegar.

— Como vou saber?

Caillean riu, não sem bondade.

— Você estava presente quando a filha de sua irmã nasceu. Do que se lembra daquele dia?

— Eu me lembro dos saqueadores, e de como você carregou fogo — disse Eilan, humildemente.

Caillean sorriu mais uma vez.

— Bem, acho que não vai demorar muito agora. Talvez você dê à luz no festival da Donzela... Você não parava de mexer as mãos nesta manhã, e essa inquietude é vista com frequência quando uma criança se prepara para nascer. Ah, e eu lhe trouxe um presente, uma guirlanda de gravetos de bétula-branca, que é sagrada para a Mãe. Vou pendurá-la sobre sua cama, para que lhe traga boa sorte nas mãos Dela.

Ela se levantou e tirou a guirlanda da bolsa.

— Os deuses que os homens seguem parecem evitá-la, mas a Deusa se importa com todas as Suas filhas que se encontram onde você está agora. Depois do festival venho novamente, embora não seja nenhum prazer para mim ver Dieda atuando em seu lugar.

— Como estou feliz em saber sua opinião. — Ouviram alguém dizer da porta, a doçura da voz intensificando a pungência das palavras. — Mas, se não gosta de mim no papel de grã-sacerdotisa, certamente é um pouco tarde para dizê-lo!

E então apareceu uma figura de azul-escuro com véus pesados. Os olhos de Eilan se arregalaram, e Caillean corou, zangada.

— Por que veio até aqui?

— E por que não viria? — perguntou Dieda. — Não acha que é gracioso da parte da grã-sacerdotisa visitar sua parente desonrada? Todas as nossas queridas irmãs sabem que há alguém vivendo aqui, e obviamente concluíram que sou eu. Não terei um fiapo de reputação quando por fim “retornar”.

A voz de Eilan estremeceu.

— Veio apenas para se regozijar com minha vergonha, Dieda?

— Por mais estranho que seja, não. — Dieda retirou o véu do rosto. — Eilan, apesar de tudo que aconteceu entre nós, eu lhe quero bem. Não é a única que está sozinha. Não tenho nenhuma informação sobre Cynric desde que ele se mudou para o norte, e ele não me enviou nenhum recado. Não se importa com nada além do destino dos Corvos. Talvez quando essa enganação terminar deva ir para o norte em vez de Eriu, para me tornar uma das mulheres guerreiras que servem à deusa das batalhas.

— Besteira — disse Caillean, acidamente. — Você daria uma péssima

guerreira, mas tem muito talento como bardo.

Dieda encolheu os ombros, de modo impotente.

— Talvez, mas preciso encontrar uma maneira de me redimir por servir à traição de Ardanos.

— É assim que vê isso? — perguntou Eilan. — Eu não enxergo dessa forma. Tive tempo para pensar, morando aqui, e me parece que a Senhora permitiu que isso acontecesse com Sua sacerdotisa para que eu pudesse entender a necessidade de proteger todas as crianças desta terra. É pela paz, e não pela guerra, que vou trabalhar quando retornar.

Dieda olhou para Eilan e disse lentamente:

— Nunca desejei ter um filho com Cynric ou qualquer outro homem. E, no entanto, acho que se estivesse grávida de um filho de Cynric iria me sentir como você.

Os olhos de Dieda brilharam com lágrimas que ela logo limpou, evidentemente zangada.

— Preciso voltar antes que as más línguas tenham tempo de inventar muitas histórias. Vim apenas para lhe desejar boa sorte. Mas parece que até nisso Caillean me impediu.

Ela se virou, colocando o véu sobre o rosto novamente, e, antes que qualquer uma delas pudesse encontrar palavras para responder, foi embora.

A cada dia parecia que a luz durava um pouco mais. Os galhos coravam com a seiva que retornava, e os cisnes começaram a acasalar nos pântanos. Embora tempestades de inverno ainda pudessem castigar a terra, a chegada da primavera já estava sendo anunciada. Os homens que trabalhavam na terra tiravam as lâminas de arado presas nas vigas, os pescadores começavam a calafetar os barcos e os pastores ficavam a noite toda nas encostas frias com as ovelhas prenhas.

Gaius saiu cavalgando, ouvindo os sons da nova vida em torno de si, e contou três dias. Era Beltane quando ele e Eilan se deitaram juntos, e desde então haviam se passado nove luas. Ela daria à luz logo. As mulheres às vezes morriam no parto. Observou as aves aquáticas que retornavam rasgando o céu e soube que, casando-se ou não com Julia, precisava ver Eilan mais uma vez.

Quanto mais subisse entre os romanos, mais poderia fazer por Eilan e o filho deles. Se fosse menino, talvez Eilan permitisse que ele o criasse, pois certamente não poderia mantê-lo na Casa da Floresta. Não parecia tão improvável; uma vez que o povo de sua mãe estivera disposto o suficiente a deixá-lo completamente nas mãos do pai.

Enquanto viajava de volta para o forte, seus pensamentos giravam. Seria difícil dizer a ela que não poderiam se casar, ao menos não agora. E se Julia não lhe desse um filho... Bem, às vezes achava que casais divorciados eram mais comuns que os casados no mundo romano. Quando sua posição estivesse firmada, talvez pudesse se casar com Eilan; e ao menos poderia dar a seu filho um bom começo no mundo. Será que ela acreditaria nisso? Será que o perdoaria? Ele mordeu o lábio, imaginando o que diria a ela.

Entretanto, na maior parte do tempo, seu coração batia mais forte simplesmente com o pensamento de ver Eilan novamente, mesmo que fosse a distância; queria apenas saber que estava tudo bem com ela. Obviamente, ainda havia o problema de como iria vê-la. Por fim, percebeu que tinha de confiar no auxílio dos deuses.

O legado que comandava a Segunda Legião Adiutrix havia se aposentado no inverno anterior, e só então seu substituto havia chegado. Gaius sabia que seu pai teria muito o que fazer ajudando o novo comandante a se instalar. Quando anunciou que iria caçar por uns dias, Macellius mal teve tempo de lhe dizer adeus.

Foi no festival da deusa que os bretões chamavam de Brigantia que Gaius mais uma vez cavalgou pela Colina das Donzelas, bem no momento em que jovens vestidos com roupas de palha carregavam uma imagem da Senhora de casa em casa para oferecer a bênção Dela em troca de bolos e cerveja. E ali ele ouviu dizer que a sacerdotisa que era a Voz da Deusa tinha saído de seus aposentos para proclamar a vinda da primavera para o povo. Na floresta ao lado da vila, Gaius vestiu as roupas britânicas que trouxera. Então, juntou-se aos outros que se reuniam para esperar pelas sacerdotisas. Das conversas que ouvia em torno de si, soube que naquele ano a multidão estava maior do que o normal.

— A velha sacerdotisa morreu no outono passado. — Uma das mulheres lhe disse. — E dizem que a nova é jovem e muito bonita.

— Quem é ela? — perguntou, o coração começando a bater pesadamente no peito.

— Ouvi dizer que é a neta do arquidruída, e há quem diga que a escolha dela foi mais que acaso. Mas acho que o velho sangue é melhor para os velhos costumes, e quem seria mais adequada para essa tarefa do que aquela cujos pais e mães antes dela também serviram aos deuses?

*Eilan!* , pensou. *Como isso pode ter acontecido? Será que ela perdeu a criança? Se é mesmo a grã-sacerdotisa, como eu a verei novamente?* Gaius esperou o anoitecer com uma ansiedade mal disfarçada e ficou em silêncio com os outros quando viram a procissão de moças vestidas de branco sair do portão de madeira da Casa da Floresta. Na frente, andava uma mulher esguia com um

manto vermelho sobre o vestido branco. Sob o véu fino ele podia ver o cintilar de um cabelo dourado. Ela vinha coroada de luz, acompanhada por música de harpas. *Eilan...* seu coração gritou. *Pode me sentir perto de você, Eilan?*

— Eu vim da escuridão do inverno — ela disse, e sua voz soava como música.

*Essa voz soa musical demais*, pensou Gaius. A voz de Eilan era doce para ele, mas não tinha aquela ressonância. Ele se apertou para a frente, tentando ver. A voz daquela mulher soava como se tivesse sido treinada para cantar.

— Sou a portadora de luz e a portadora de bênçãos. Agora chega a primavera. Novas folhas logo brotarão nos galhos, e também as flores cheias de cor. Que seus animais procriem em abundância. E tenham boa sorte na aragem. Tomem agora a luz, meus filhos, e com meu favor.

A sacerdotisa se virou, e tiraram de sua cabeça a coroa de velas. Enquanto a baixavam até o chão diante dela, Gaius viu seu rosto pela primeira vez sob a luz. Era o rosto com que sonhara e, ainda assim, mesmo em um só instante de iluminação, sabia que não era Eilan. Ele se lembrou, então, de como Dieda cantava lindamente.

Afastou-se, tremendo. A mulher havia se enganado ou Eilan é que era vítima de alguma enganação terrível?

— Salve a Senhora! — gritou o povo. — Salve a Noiva Sagrada!

Festejando, os jovens tocaram as tochas na coroa de velas e começaram a formar a procissão que levaria luz a cada cabana e fazenda. Aquela certamente era Dieda, e ela deveria saber onde estava Eilan. Mas não tinha como Gaius se aproximar dela agora. Ele se virou e, então, reconheceu outro rosto na multidão. Naquele momento, o perigo não significava nada.

— Caillean — sussurrou, asperamente. — Preciso falar com você! Em nome da misericórdia, onde está Eilan?

Na penumbra, sentiu olhos atentos sobre ele e ouviu uma voz sussurrar:

— O que está dizendo? — ela perguntou e apertou a mão dele com força. — Saia da multidão. Não podemos conversar aqui — ela disse, já se movendo para fora do tumulto.

Ele a seguiu sem oferecer resistência. Quando estavam num local mais tranquilo, ele parou e se virou para a sacerdotisa.

Sua voz era baixa e rouca.

— Senhora Caillean, sei como Eilan a amava. Em nome de qualquer deus que estime, diga-me onde ela está agora.

Caillean apontou para a plataforma onde a mulher de véu branco presidia as festividades.

— Grite e me delate agora se quiser, mas não minta para mim. — Gaius a

olhou nos olhos. — Embora cada homem aqui possa jurar que aquela é Eilan, eu sei que não é. Diga-me se ela está viva e bem!

Caillean o fitou com olhos arregalados nos quais ele viu assombro, raiva e medo. Então soltou a respiração em um suspiro explosivo e o puxou para mais longe do círculo de tochas no qual Dieda levantava as mãos para abençoar a multidão. Enquanto seguia Caillean para as sombras, Gaius tentava convencer a si mesmo de que o aperto em sua garganta era apenas por causa da fumaça das fogueiras.

— Deveria dizer a eles quem você é e deixar que o matem — ela disse, por fim. — Mas eu também amo Eilan e sei que ela já sofreu demais.

— Ela está viva? — A voz de Gaius falhou.

— Não graças a você — retrucou Caillean. — Ardanos queria enviá-la para a morte quando ouviu o que você tinha feito! Mas foi persuadido a poupá-la, e ela me contou tudo. Por que nunca veio vê-la? É verdade que se casou com outra pessoa, como nos disseram?

— Meu pai ordenou que eu fosse...

— Para Londinium — ela confirmou. — Então o arquidruída mentiu ao dizer que você se casou com uma moça romana?

— Ainda não me casei — ele disse. — Estive em serviço, por isso não pude vir. Mas, se Eilan não foi punida, por que não a vejo aqui?

Caillean o olhou com desdém; e Gaius sentiu que o olhar dela o fulminava. Por fim ela disse:

— Esperava que ela estivesse aqui dançando quando acabou de dar à luz seu filho?

Gaius perdeu o fôlego.

— Ela está viva? E a criança?

Estava escuro ali, longe das fogueiras, mas teve a impressão de que a expressão severa de Caillean se suavizara.

— Está viva, mas fraca, pois o parto foi difícil; fiquei muito assustada por ela. Bem, você não me parece alguém por quem valha a pena morrer, mas vê-lo pode ser o remédio de que ela precisa. Os deuses sabem que não julgo. E não me importo com o que Ardanos possa dizer. Venha comigo.

Caillean era apenas uma sombra escura enquanto o guiava em torno das fogueiras até a estrada, longe da Casa da Floresta e da Colina das Donzelas. Quando não podiam mais ver a luz das fogueiras, ele perguntou:

— Para onde está me levando?

— Eilan não está na Casa da Floresta agora. Ela foi morar em uma cabana na parte mais profunda da floresta desde que sua barriga ficou difícil de disfarçar.



Depois de um momento, Caillean completou, com hesitação:

— Fiquei muito perturbada com ela. As mulheres às vezes ficam muito tristes depois que tiveram um filho, e os deuses sabem que Eilan tem motivos suficientes para ser infeliz. Talvez, quando perceber que você não a abandonou, ela se recupere mais rápido.

— Disseram-me que, se eu não tentasse vê-la, ela não seria maltratada.

Caillean riu, emitindo um som breve e amargurado.

— Ardanos ficou furioso, é claro, aquele velho tirano desgraçado. Ele está convencido de que vocês romanos só vão proteger nossas sacerdotisas se pensarem que elas são como vestais. Mas a escolha da Deusa recaiu em Eilan, e ele não podia negar isso quando Lhiannon, quase em seu último suspiro, propôs essa farsa.

Depois disso, Caillean não falou novamente. Passado um tempo, Gaius viu entre as árvores um pequeno brilho de luz contra uma escuridão mais forte.

— Ali está a casa. — A voz de Caillean soou suave em seus ouvidos. — Espere nas sombras até que eu me livre da velha. — Ela avançou mais um pouco e abriu a porta.

— A bênção da Deusa para você. Vim para lhe fazer companhia, querida. Annis, eu mesma vou cuidar dela agora. Por que não sai e aproveita o festival?

Pouco depois, Gaius viu a velha saindo, bem enrolada em xales, e ele se escondeu atrás de uma árvore para evitar que ela o visse. Então, Caillean apareceu na frente da porta aberta, emoldurada pela luz. Ela fez um gesto e, enquanto ele entrava no casebre, o coração batendo como um ataque de cavalaria, Caillean disse em voz baixa:

— Trouxe um visitante para você, Eilan.

Ele, então, ouviu que a sacerdotisa saía para ficar de vigia.

Por um instante, os olhos de Gaius foram cegados pela luz. Mas quando conseguiu focar novamente, viu Eilan deitada em uma cama estreita, ao lado de uma tralha que sabia que deveria ser a criança.

Eilan forçou os olhos a se abrirem. Imaginava que era bondade de Caillean vir visitá-la, mas não entendia o motivo de ter trazido um visitante. Não queria ver ninguém além de Caillean, mas tinha certeza de que a sacerdotisa estaria ocupada com o festival. Com uma curiosidade débil brotando dentro de si, abriu os olhos.

Havia a forma de um homem entre ela e a luz. Apertou a criança em um alarme instintivo, e o bebê deu um gritinho em protesto. Com isso, o homem deu um passo rápido para a frente, e quando a luz caiu em cheio sobre seu rosto ela finalmente o reconheceu.

— Gaius! — exclamou, e explodiu em lágrimas. Ela o viu corar, trocando

de pé desajeitadamente, sem poder olhá-la nos olhos.

— Meu pai me enviou a Londinium, eu não tive escolha — ele disse. — Queria ter vindo vê-la.

— Sinto muito — ela afirmou, embora não tivesse certeza do motivo pelo qual pedia desculpas. — Ando chorando com muita facilidade nos últimos tempos.

O olhar dele foi rapidamente para Eilan, e depois para o embrulho.

— É meu filho?

— Ninguém mais — ela respondeu —, ou talvez ache que porque... — subitamente, ela notou que chorava tanto que mal conseguia falar — que porque eu me entreguei a você, iria me deitar com qualquer outro homem que aparecesse?

— Eilan!

Pelo rosto dele, ela percebeu que aquele pensamento jamais havia lhe ocorrido, e não sabia se ficava lisonjeada ou indignada. Ele apertou e soltou as mãos.

— Por favor, deixe-me segurar meu filho.

Eilan sentiu as lágrimas cessarem de modo tão abrupto quanto tinham começado. Olhou para Gaius, vendo-o de verdade pela primeira vez quando ele se ajoelhou ao lado dela e levantou o bebê nos braços. Ele parecia mais velho e mais solitário, esgarçado pelo sofrimento, com uma sombra nos olhos como se ele também tivesse conhecido a dor; e havia uma nova cicatriz em seu rosto. Mas quando ele segurou a criança ela viu o rosto dele mudar.

— Meu filho — ele sussurrou, fitando os traços enrugados —, meu primeiro filho...

*Mesmo se ele for adiante com o casamento com a moça romana, pensou Eilan, esse momento vai ser sempre meu.*

Quando os olhos azul-claros e dispersos do bebê encontraram os do pai e pareceram se fixar nele, os braços de Gaius se apertaram de modo protetor em torno dele. Naquele momento, toda a dureza havia desaparecido de seu rosto, e seu foco estava inteiramente no bebê, como se fosse fazer qualquer coisa para proteger aquela criança deitada com tanta confiança e desamparo em seus braços. Eilan percebeu que, nem mesmo quando Gaius se deitara com ela, ele lhe parecera tão radiante. Ela, então, reconheceu a face do Pai do Deus.

— Que tipo de mundo será esse para você, pequenino? — sussurrou Gaius, a voz falhando. — Como posso protegê-lo e lhe dar um lar seguro?

Por um longo momento ele e a criança pareceram perdidos em contemplação mútua. Então o bebê arrotou de repente e começou a sugar o polegar.

Então, o olhar de Gaius se voltou para Eilan, e, enquanto ele aninhava a criança novamente na curva de seu braço, ela percebeu que, por mais pálida e exausta que pudesse estar, para ele, ela também era a Deusa.

— Então, o que acha dele, querido? — ela disse, com gentileza. — Eu o batizei como Gawen, o nome que sua mãe lhe deu.

— Acho que ele é lindo, Eilan. — A voz dele tremia. — Como posso um dia agradecê-la por esse grande presente?

*Fuja comigo!*, gritava o coração dela. *Leve-nos embora para alguma terra em que possamos viver todos juntos e em liberdade!* Mas a luz da lamparina brilhou de um jeito sinistro no anel de sinete que ele usava, e ela caiu em si, lembrando-se de que não havia um lugar assim além do alcance de Roma.

— Faça um mundo seguro para ele. — Ela ecoou as palavras dele.

Recordava-se de sua visão. Naquela criança, o sangue do Dragão e da Águia se misturaram com a velha linhagem dos Sábios, e os salvadores da Britânia viriam dessa linhagem. Mas, para que aquilo acontecesse, o bebê precisava viver até se tornar um homem.

— Às vezes me pergunto se isso é possível. — O olhar dele se voltou para o interior, e ela viu a sombra lúgubre novamente em seus olhos.

— Esteve em batalha desde a última vez que o vi — ela disse, com gentileza. — Não conseguiu essa cicatriz em Londinium, não é mesmo? Conte-me.

— Ouviu falar sobre a batalha de Mons Graupius? — a voz de Gaius se tornou mais dura. — Bem, eu estive lá.

Conforme a história saía dele em uma sucessão de imagens, ela se retraía, sentindo o horror, a piedade e o medo.

— Sabia que algo havia acontecido — ela disse em voz baixa, quando ele acabou. — Houve uma noite, uma lua depois de Lughnasad, em que senti que você estava correndo um grande perigo. Passei o dia seguinte aterrorizada, mas o sentimento passou depois do anoitecer. Então imaginei que você pudesse estar lutando, mas, embora não sentisse mais nada, tinha certeza de que ainda estava vivo! Você é parte de mim, meu amado. Certamente, se tivesse morrido, eu saberia!

Gaius estendeu o braço às cegas e pegou a mão dela.

— É verdade. Sonhei que estava em seus braços. Nenhuma mulher jamais viverá em meu coração como você, Eilan. Nenhuma outra mulher pode me dar meu primeiro filho! Mas... — A voz dele falhou — eu não posso reconhecê-lo. Não posso me casar com você!

Contorcendo o rosto, ele olhou para a criança.

— Quando não conseguia descobrir o que havia acontecido com você, segui

dizendo a mim mesmo que deveríamos ter fugido no momento em que tivemos a oportunidade. Poderíamos ter enfrentado uma vida de fuga se estivéssemos juntos... Mas, se assim fosse, que tipo de vida teria sido para você, e que tipo de vida seria para ele?

Ele estendeu o braço e tocou o rosto do bebê.

— Ele é tão pequeno, tão delicado — disse, maravilhado. — Se qualquer coisa tentasse fazer mal a ele, acho que poderia matá-la com minhas próprias mãos!

O olhar de Gaius foi da criança para Eilan enquanto ele corava, como se tivesse vergonha da própria emoção.

— Você me disse para fazer um mundo seguro para ele — Gaius continuou, em voz baixa. — Do jeito que as coisas estão agora, só conheço uma maneira de fazer isso. Mas, para tanto, você vai precisar da mesma coragem de uma matrona ancestral romana da República.

Naquele momento, nenhum deles achou estranho que, apesar de seus grandes imperadores, os romanos sempre evocassem os dias da República quando queriam se referir a uma grande virtude.

— Está tentando me dizer que vai se casar com sua moça romana — disse Eilan, com dureza.

Ela chorava novamente.

— Eu preciso! — ele exclamou. — Não percebe? Mons Graupius foi a última batalha das tribos; a única esperança de misericórdia para seu povo está agora nos governadores que são romanos e britânicos, assim como eu, mas minha única esperança de ganhar poder no mundo romano é por meio da aliança com uma família importante. Não chore — ele pediu, perturbado. — Nunca consegui suportar suas lágrimas, minha pequena. Pense nele — continuou, fazendo um gesto para o bebê adormecido. — Pelo bem dele, certamente podemos aguentar o que for preciso.

*Não terá de aguentar o que eu aguento*, ela lutava contra as lágrimas, *o que já suportei!*

— Não ficará sozinha para sempre, eu prometo — ele disse. — Virei buscá-la assim que puder. E... — ele completou, de modo cínico — você certamente sabe que entre nosso povo um casamento não é indissolúvel.

— Sim, ouvi falarem sobre isso — disse Eilan, acidamente, certa de que, se ele estava se casando em uma família nobre, a união seria tão próxima quanto os parentes da moça quisessem.

— Mas como ela é, essa moça romana? É bonita?

Ele a olhou pesarosamente.

— Ela não tem a metade de sua beleza, minha preciosa. Ela é uma

menininha — ele completou —, apesar de muito determinada. Às vezes, parece que fui jogado desarmado na arena para enfrentar um elefante de guerra ou um animal selvagem, como ouvi dizer que fazem com os criminosos em Roma.

*Se ela é assim, então jamais vai deixá-lo*, pensou Eilan, mas conseguiu sorrir.

— Então você não... não se importa de verdade com ela?

— Querida — ele disse, ajoelhando-se ao lado dela, e o alívio em sua voz fez com que Eilan tivesse vontade de rir —, se ela não fosse filha do procurador, eu lhe dou minha palavra, jamais teria olhado duas vezes para ela. Mas com a ajuda dele posso me tornar senador, até mesmo um governador da Bretanha um dia. Pense em tudo que eu poderia fazer por você e por nosso bebê quando isso se concretizar!

Gaius se curvou sobre a criança, e novamente o sentimento de proteção feroz brilhou em seus olhos. Então, sentindo que Eilan o observava, ergueu os olhos novamente.

Eilan continuou a encará-lo até ver que ele estava desconfortável de novo. *Caillean estava certa*, ela pensou, com uma resignação amarga. *Ele se apaixonou por uma ilusão e persuadiu a si mesmo de que ela é uma realidade; exatamente como todos os outros homens*. Bem, aquilo tornaria mais fácil dizer a ele o que precisava ser dito.

— Gaius, sabe que o amo — ela começou —, mas precisa acreditar que, mesmo se estivesse livre para me oferecer casamento, eu não poderia aceitar.

Ela suspirou, vendo a confusão surgir nos olhos dele.

— Sou a grã-sacerdotisa de Vernemeton, a Voz da Deusa, não lhe disseram? O que espera ser entre os romanos, Gaius, eu já sou entre o meu povo! Arrisquei minha vida para provar que era digna, e a provação foi tão perigosa quanto sua batalha. Não posso desistir daquela vitória, assim como não pode jogar fora a honra que conquistou!

Ele franziu o cenho, tentando assimilar aquelas palavras, e Eilan percebeu que na verdade eles eram mais parecidos do que ele imaginava. Mas tinha a impressão de que ele era movido pela ambição, enquanto ela – se aquilo também não fosse uma ilusão – apenas obedecia à vontade dos deuses.

— Então, embora ninguém mais saiba, vamos trabalhar juntos — disse Gaius por fim, voltando o olhar para a criança. — E com um governador e uma grã-sacerdotisa como pais, o que não fará esse pequenino? Quem sabe, talvez ele vá ser imperador um dia.

Com aquilo, o bebê abriu os olhos, observando os dois imparcialmente com seu olhar vago. Gaius o pegou mais uma vez, embalando-o de modo desajeitado.

— Fique quieto agora, Senhor do Mundo — ele sussurrou enquanto o bebê

se retorcia —, e me deixe segurá-lo.

E com aquele pensamento – de que algo tão pequeno e rosado pudesse um dia crescer para virar imperador – os pais riram.

Gaius voltou a Londinium em uma espécie de torpor agrídoce. Ao mesmo tempo havia encontrado e perdido Eilan.

Fora forçado a deixar a criança que ela lhe deu, e, no entanto, não havia como negar o fato de que tinha um filho! Por vezes, conforme a capital e Julia se aproximavam, teve vontade de virar o cavalo e galopar de volta para Eilan, mas não conseguia encontrar um jeito para que pudessem ficar juntos como uma família. E ele tinha gravado na mente como o rosto de Eilan ficara severo quando disse o que ser uma grã-sacerdotisa significava para ela. Por alguns instantes, ela não se pareceu nem um pouco com sua Eilan. Sentiu um calafrio ao pensar nos riscos que ela tinha corrido para provar que era digna e em como a vida de seu filho esteve em risco.

Mesmo parecendo tão dura, ela chorou quando ele partiu. Para dizer a verdade, ele também. Se Eilan achava que ele tinha algum prazer em pensar no casamento com Julia Licinia, estava muito enganada. Enquanto subia a última colina e avistava os telhados da cidade sob o sol da tarde, lembrou-se de que fazia aquilo pelo bem dela e de seu filho.

Já anoitecia quando ele chegou à casa de Licinius. O procurador ainda não tinha voltado do tabulário, mas Gaius encontrou Julia no átrio das mulheres. Os olhos dela se acenderam ao vê-lo, tornando-a mais bela do que jamais vira. Não, é claro, tão bela quanto Eilan. Mas ninguém poderia ser tão linda como Eilan havia se tornado. Ainda assim, com o passar do tempo, Julia poderia se transformar em uma mulher muito bonita.

— Então voltou da região oeste, Gaius — ela o cumprimentou recatadamente.

— Considerando que estou bem na sua frente, o que diria se afirmasse que ainda estava no norte?

Ela riu.

— Bem, ouvi dizer que os espíritos dos que foram assassinados às vezes aparecem para as pessoas que foram deixadas para trás. — Subitamente, ela

sentiu medo, e a alegria deixou sua voz. — Gaius, diga-me que está apenas zombando de mim, e que eu realmente o vejo aqui, vivo e bem!

Abruptamente, ele percebeu como ela era jovem.

— Estou aqui em carne e osso — disse, de modo exausto. No entanto, desde que partira, tinha visto a morte muito de perto e lidado com essa possibilidade. Mas também vira seu futuro nos olhos de um recém-nascido. Antes, era um menino. Agora era um homem, e aprendera a pensar como um. Não era de admirar que Julia ficasse confusa com a mudança.

A garota se aproximou e tocou o braço dele.

— Sim, você está vivo — disse, agora com mais firmeza. — E encontrou sua menina britânica?

Ela o encarou.

— Sim, eu a vi — ele começou, buscando uma maneira de dizer o que havia acontecido. Julia tinha o direito de saber que tipo de marido teria caso fosse se casar com ele.

Mas, antes que ele pudesse falar, ouviu os passos hesitantes de Licinius no chão de mosaico e notou que havia perdido a oportunidade da conversa.

— Então está de volta, meu camarada. — Licinius parecia genuinamente feliz em vê-lo. — Imagino que isso signifique que logo teremos um casamento aqui.

— Espero... espero que sim, senhor — disse Gaius, torcendo para que pensassem que sua hesitação era causada pela modéstia. Talvez tudo aquilo realmente fosse para o bem, pois, se Julia se recusasse a se casar com ele, que esperança tinha de cumprir sua promessa de proteger Eilan e o filho deles?

Julia sorria radiante. Talvez ser casado com ela tivesse suas compensações. Ela notou o olhar dele e corou.

— Venha ver meu véu de noiva — disse, convidativa. — Estou trabalhando no bordado há meses. Tudo bem mostrar ao Gaius agora, não é, pai? — perguntou.

— Sim, minha querida, é claro, mas ainda acho que deveria se contentar com um véu de linho. Era bom o suficiente para uma mulher romana nos dias da República, e deveria ser bom o suficiente para você agora — resmungou Licinius.

— E veja bem o que aconteceu com sua República — respondeu Julia, impertinente. — Eu fiz questão do véu mais elegante que pude encontrar... E acho que você pensa exatamente como eu!

O véu era de fato lindo, de seda pura cor de fogo, na qual Julia bordava frutas e flores com fios de ouro.

Quando ela os deixou a sós, Licinius discretamente chamou Gaius para o



lado.

— Marquei a data para o noivado formal no final deste mês, antes dos dias de azar no começo de março. Seu pai não poderá comparecer, mas o legado deve poder ficar sem ele por um tempo em abril, quando meus áugures encontraram um dia muito favorável para o casamento. Está em cima da hora, mas acho que conseguimos nos preparar. Pois, se não fosse agora, teríamos de esperar até a segunda metade de junho por outra estação auspiciosa, e, enquanto você saiu para conquistar honras entre os caledônios, minha filha já precisou esperar um ano a mais para se casar — ele sorriu de modo bonachão. — Está de acordo com tudo isso, meu caro rapaz?

— Ah, sim, está tudo ótimo — respondeu Gaius, vagamente. E o que eles todos fariam, imaginou, caso dissesse que não concordava? Ele se perguntou por que Licinius se dava ao trabalho de consultá-lo.

Então Julia voltou para o cômodo onde sogro e genro conversavam e, enquanto ela estendia os braços para ele, Gaius percebeu que não podia trair a confiança daqueles olhos escuros. Ele e Eilan jamais tiveram uma chance; ao menos poderia ser capaz de dar alguma felicidade àquela moça romana.

Uma luz solar molhada brilhava através da porta da cabana na floresta, pois havia chovido mais cedo. Eilan se movia lentamente dentro dela. Enquanto vestia suas roupas, parte de sua consciência se voltou para os pequenos sons que o bebê fazia em seu sono. Ela estava se recuperando com mais rapidez depois da visita de Gaius, mas ainda sentia dores ao se mover. Tinha sido muito dilacerada pelo parto, e se cansava com facilidade.

O bebê dormia em seu cesto, embrulhado em um xale velho. Eilan parou por um momento para admirá-lo. Para ela, Gawen era ainda mais belo porque achava que podia ver nele um reflexo borrado do pai, na saliência do nariz e nas penugens escuras das sobrancelhas.

Sentou-se por um instante contemplando o rosto do filho. *Gawen, meu pequeno rei!*, ela pensou. O que Macellius – imaginando que ele um dia soubesse da existência do neto – acharia daquilo? Ela teve vontade de pegá-lo no colo, mas tinha muita coisa a fazer, e ele dormia tranquilo. Tão tranquilo, na verdade, que se curvou até bem perto para ouvir o som baixo da respiração. Reassegurada, endireitou-se novamente.

Uma peça por vez, com intervalos longos de descanso entre cada uma, conseguiu se vestir e pentear e trançar o longo cabelo. Normalmente, Annis a teria ajudado, mas fora enviada para a vila para reabastecer os suprimentos. Tendo guardado seu segredo por tanto tempo, não seria bom que a velha

estivesse presente quando Ardanos chegasse.

Eilan enrolou a trança em torno da cabeça em um estilo matronal que era novo para ela. Talvez pudesse enfrentá-lo com mais confiança se ele a visse como uma mulher adulta em vez de uma criança amedrontada.

*O que será que o velho quer dessa vez?* , pensou. A razão lhe dizia que ele ordenaria que voltasse à Casa da Floresta, mas de tempos em tempos precisava reprimir o temor de que ele acabasse decidindo por mandá-la embora.

Pensou desenfreadamente em ir atrás de Gaius, se ele ainda não estivesse casado. Ou então Mairi poderia abrigá-la, caso o pai de ambas não a proibisse. Caillean lhe havia contado que Bendeigid tinha voltado do norte, magro como um lobo no inverno e muito amargurado com a ruína da causa deles. Mas, desde que vivesse discretamente na casa da filha mais velha, era improvável que os romanos o importunassem.

Assim que Eilan recuperasse a força, poderia cuidar de si mesma e do filho empregando-se em alguma fazenda. Um menino saudável sempre podia ganhar seu sustento. E ela mesma tinha habilidades em todo tipo de trabalho doméstico: fiava, tecia, ordenhava e fazia manteiga. Então, se precisasse sustentar a si mesma e ao filho, ela seria capaz de fazê-lo. Suspirou e sentou-se de novo na cama, sabendo que eram apenas fantasias.

Ouvira dizer que as vestais romanas podiam deixar o templo quando fizessem trinta anos, mas em seu caso a única possibilidade de libertação para uma grã-sacerdotisa era a pira funerária. Lembrou-se de que a primeira reação de Ardanos à sua gravidez fora sentenciá-la à morte com o filho no útero, e havia também a ameaça de Bendeigid estrangulá-la com as próprias mãos. Mas, certamente, se quisessem matá-la, poderiam ter feito isso com facilidade.

Quando a sombra do arquidruída surgiu na porta, ela estava mergulhada em um estado de apreensão entorpecida.

— Fico feliz em ver que está melhor — ele disse, de modo neutro, olhando para ela.

— Ah, sim, sinto-me muito bem, avô.

Ele fez uma careta.

— Realmente sou seu avô, e faz muito bem em se lembrar disso.

Ele andou até o cesto, olhou para a criança por um momento e então a levantou nos braços.

— Mas você fez sua cama e agora precisamos todos nos deitar nela. Essa farsa já foi longe demais. Três dias deve ser o suficiente para que seu leite seque, e então vai voltar para a Casa da Floresta para se preparar para os rituais de primavera. Quanto a seu filho, ele terá de ser criado em outro lugar — disse ele, já seguindo em direção à porta.

— Pare! — gritou Eilan. — Para onde vai levá-lo?

Sentiu a angústia tomando a garganta e se lembrou de como a cadela de caça da casa tinha uivado quando Bendeigid levou seus filhotes para serem afogados porque ela havia cruzado com o terrier do vizinho.

Ele a olhou sem piscar.

— Creia em mim, é melhor que não saiba para onde ele será levado. Mas eu prometo que ele ficará totalmente bem e seguro. Talvez, se fizer tudo que lhe mandem, podemos deixar que o veja de tempos em tempos.

Eilan se perguntou por que jamais notara antes como Ardanos parecia cruel quando sorria e como seus dentes eram tão longos e afiados.

— Você não pode fazer isso! — gritou. — Eu vou cuidar dele. Não pode tirá-lo de mim. Ah, por favor, eu imploro...

As sobrancelhas bastas de Ardanos se encontraram numa expressão severa.

— Por que a surpresa? — perguntou, controlando a voz. — Imaginou que poderia amamentar seu bebê diante de todas as sacerdotisas da Casa das Donzelas? Seja razoável.

— Devolva o bebê — ela gritou. — Não pode ficar com ele.

Ela fez um gesto para tomar o embrulho dos braços do avô, e o bebê, acordando, começou a gritar.

— Sua tola, deixe-o.

As pernas de Eilan já não podiam mais sustentá-la, mas ela se agarrou aos joelhos dele.

— Eu imploro, eu imploro, avô! Não pode — balbuciava —, não pode tirar meu filho de mim...

— Eu posso e vou. É preciso! — Ardanos disse ferozmente, jogando o joelho para a frente e soltando a túnica. Enquanto ela caía, ele correu para fora com o bebê em prantos.

E então havia apenas a luz do sol, em uma zombaria inocente como o sorriso de um bebê.

— Essa é sua vingança, seu monstro?

Caillean fechou com força a porta atrás dela e entrou no quarto, brava demais para apreciar o fato de que, em seus aposentos na cidade romana, o arquidruída tinha uma porta para ser batida. Se comparado ao padrão romano, a casa era simples e pequena; com paredes retas, rebocadas, e quinas fechadas que não eram agradáveis aos olhos britânicos.

Ardanos levantou os olhos do prato em que comia, boquiaberto, e ela soltou todas as palavras armazenadas durante sua viagem de Vernemeton.

— Velho cruel e perverso! Prometi a Lhiannon antes que ela morresse que o ajudaria. Mas isso não me torna sua escrava ou sua torturadora!

Ele abriu a boca para falar, mas ela seguiu enfurecida.

— Como pode tratar Eilan, a filha de sua própria filha, daquela maneira? Eu lhe afirmo que não terei parte nisso. Deixe-a ficar com a criança, ou — ela buscou fôlego —, ou vou apelar diretamente ao povo e deixar que a Deusa nos julgue.

— Você não seria capaz... — começou Ardanos.

— Então experimente! — retrucou Caillean, implacável. — Imagino que ela tenha alguma utilidade para você, ou não teria deixado que sobrevivesse — continuou, de modo mais moderado. — Bem, eu lhe garanto, a não ser que Eilan possa ficar com o filho, ela vai morrer.

— Imagino que não seja surpreendente que a moça seja tão tola, mas não esperava isso de você — ele disse, quando Caillean por fim permitiu que falasse. — Pare de exagerar. As mulheres não morrem assim com tanta facilidade.

— Não morrem? Eilan estava sangrando de novo quando a encontrei. Você já quase a perdeu, velho. E, se isso acontecer, como vai seguir com todos os seus planos? Realmente acha que Diedo seria tão complacente com sua vontade?

— Em nome da Deusa, o que quer de mim, mulher?

— Não ouse falar em nome da Deusa. Já me mostrou repetidas vezes que sabe menos que nada sobre Ela — disse Caillean, com raiva. — Em nome de Lhiannon, que, os deuses sabem por que motivo, tinha amor por você e acreditou em seus planos, eu o ajudei até agora. Mas não pode me intimidar como fazia com Lhiannon, muito menos me assustar. Tenho muito pouco a perder. Estou disposta a ir até os sacerdotes e deixar que eles façam o julgamento. Fazer tratados com romanos e interferir no Oráculo é algo horrível, e eu estou certa de que eles concordariam comigo e nem mesmo se dariam ao trabalho de tentar entender — ela parou para um risinho debochado — o que você diz ser seu propósito maior.

— Por que faz isso? Eilan não é sua parente.

Ardanos olhava para ela realmente sem entender.

Caillean suspirou. Amara Lhiannon como a uma mãe, mas começava a perceber que Eilan era como uma irmã, ou a filha que nunca tivera — e jamais teria, agora que seu fluxo lunar tinha parado de correr. Estéril, e de um jeito que seria impossível quando era mais jovem, entendia a necessidade desesperada de Eilan de ficar com seu bebê.

— Deveria ser o bastante saber que não pode de fato me impedir. Sugiro que acredite nisso, Ardanos, pois tem mais a perder do que eu. Acha que os outros sacerdotes de sua ordem não iriam questionar os motivos de essa criança

ficar viva? Você tem poder sobre Eilan enquanto ela souber que pode levá-la até o filho dela, mas você não tem, louvados sejam todos os deuses, nenhum poder sobre mim.

O arquidruída parecia pensativo, mas, ao começar a ter esperanças de convencê-lo, Caillean percebeu que o que dissera não era totalmente verdade. Ao ameaçar Eilan, Ardanos também a ameaçava.

— Traga o bebê de volta, Ardanos! — Caillean, que em seus anos com Lhiannon aprendera tudo sobre conciliação, suavizou a voz. — Mesmo se Eilan ficar com o filho, eles ainda estarão em seu poder. Acha que é pouco ter a sacerdotisa do Oráculo em suas mãos?

— Talvez eu tenha agido por impulso — ele disse, por fim. — Mas o que disse à garota é verdade. Se ela exibir o filho na Casa da Floresta, poderíamos proclamar a vergonha dela para o mundo. Como sugere, então, manter a enganação se eu deixar que ela fique com ele lá?

Os ombros de Caillean caíram quando percebeu que havia vencido.

— Pensei em uma maneira...

O dia marcado para o casamento de Gaius amanheceu claro e ensolarado. Gaius acordou quando o sol de primavera brilhou por sua janela, e piscou quando ele refletiu ofuscante na brancura da toga sobre a cadeira. No ano anterior, tivera de usar aquelas vestes em ocasiões sociais e diplomáticas, nas quais havia acompanhado o futuro sogro e se acostumado a lidar com seu drapeado. No entanto, ainda a achava desconfortável. Agricultor se gabava de ter ensinado os filhos dos chefes bretões a usarem togas, mas Gaius tinha seus questionamentos sobre aquilo. Fora criado como romano, mas ainda se sentia mais confortável usando a túnica e a calça das tribos.

Sentou-se, observando a roupa, desanimado. O pai, que chegara de Deva no dia anterior e dormia no mesmo quarto, virou-se e levantou uma sobrancelha.

— Acho que poderiam inventar uma veste cerimonial melhor — resmungou Gaius —, ou ao menos algo mais conveniente.

— Uma toga é mais que uma veste — disse Macellius. — É um símbolo.

Ele se sentou e, para o espanto do filho, que nunca estava em sua melhor forma no comecinho da manhã, começou a discursar sobre a história honrada da toga.

Mas naquele momento Gaius começava a entender. Mesmo, ou talvez especialmente, ali no fim do império, o direito de usar a toga branca de um cidadão era um modo de distinção entre os mestres do mundo e os que eles haviam conquistado, e a listra púrpura estreita dos *eques* que marcava sua túnica

era uma honra conseguida com esforço. E aquilo era muito importante para homens como seu pai. Comparado a isso, o conforto da roupa era realmente irrelevante.

Por mais que tivesse desejado jogar o pedaço de pano questionável pela janela, aquela era uma das coisas que precisou aceitar quando se juntara a Roma. Ao menos a toga era de lã, assim como a túnica que usaria por baixo dela. Embora o vento de abril soprasse gelado e chuvoso, ele não sentiria frio.

Suspirando, permitiu que seu servo liberto o banhasse e o barbeasse, vestiu a túnica e as sandálias e então começou a tentar descobrir como fazer o drapeado. Uns instantes depois, seu pai, com o rosto tão duro que Gaius achou que ele reprimia um sorriso, tomou a toga para si. Habilmente, arrumou as dobras de lã branca para que caíssem diante do ombro esquerdo, ajustou o drapeado na parte de trás e sob o braço direito do filho, puxando o restante de tecido com cuidado através do peito e sobre o ombro esquerdo, de modo que as dobras se assentassem graciosamente sobre seu braço.

— Aí está. — Ele deu um passo para trás e observou o filho com indulgência. — Basta ajeitar um pouco a postura e poderia posar para uma estátua.

— Eu me sinto uma — murmurou Gaius, com medo de se mover para não desfazer todo o arranjo.

Daquela vez o pai riu.

— Não se importe; é natural para um noivo ficar nervoso no dia do casamento. Garanto que você vai se sentir melhor depois que tudo tiver acabado.

— Você se sentiu? — perguntou Gaius, abruptamente.

Macellius ficou imóvel, e por um momento seus olhos se enevoaram com a dor que recordava.

— Senti felicidade quando ela vinha até mim a cada dia de nossa vida juntos, até que ela se foi... — sussurrou.

*Exatamente como eu me senti quando Eilan se deitou em meus braços...* pensou Gaius, com amargura. *Mas consenti com essa farsa, e não tenho escolha a não ser seguir com ela agora.*

A visão do profeta que fora chamado para tomar os auspícios para o casamento nada fez para melhorar seu humor. Sob o sol do meio-dia, a cabeça careca e vermelha do homem, além de suas pernas longas e magras, deixavam-no parecido com uma de suas próprias galinhas, e Gaius tinha uma certeza cínica de que qualquer mancha que encontrasse nas entranhas da ave desafortunada indicaria que era um dia auspicioso. Com a maior parte dos dignitários de

Londinium por ali, seria excessivamente inconveniente cancelar as festividades. E, de toda forma, os auspícios já tinham sido consultados semanas atrás para a escolha do dia apropriado.

O átrio, com os pilares cobertos de verde, estava cheio do que parecia ser um número espantoso de pessoas. Gaius reconheceu um par de viúvas velhas de cara enrugada com quem havia encontrado na casa de Licinius várias vezes nos últimos meses e notou que elas sorriam genuinamente, se não de fato para ele, para algum lugar em sua direção. Talvez estivessem felizes por Julia; mas se soubessem no que ela estava se metendo certamente fariam cara feia.

Na hora apropriada, o sacrificador então declarou que era um dia muito bom para um casamento e ofereceu as felicitações. Mas Gaius estava certo de que nenhum dia no qual Julia decidisse se casar ousaria ser desfavorável.

Houve um pequeno murmúrio quando o sacrifício foi levado e a noiva entrou de braço dado com o pai. Gaius podia ver pouco além da barra de sua túnica branca sob a flama vermelha, o famoso véu. Um dos secretários de Licinius desenrolou o contrato de casamento e começou a ler em um zumbido nasal. A maior parte havia sido completada na cerimônia de noivado; o tanto de *coemptio* que Gaius oferecia e a soma que Julia traria ao casamento, além do fato de que ela permaneceria “nas mãos” de seu pai como parte legal da família, que seguiria com suas próprias posses. Durante a leitura, foi explicado que atualmente aquele arranjo era mais comum, e ninguém deveria pensar que era inadequado. Havia uma cláusula dizendo que Gaius não poderia se divorciar de Julia a não ser por “má conduta grave”, que precisaria ser atestada por ao menos duas matronas nobres. Gaius teria rido se algo naquele momento pudesse fazê-lo rir, pois não podia imaginar alguém menos propenso a se comportar mal do que a digna Julia, e ela deixara bem claro o quanto desejava aquele casamento para ousar colocá-lo em risco. Nem mesmo o comportamento sóbrio dela naquele dia podia esconder o triunfo em seus olhos.

— Gaius Macellius Severus Siluricus, concorda com os termos deste contrato e está disposto a tomar esta mulher como sua esposa de acordo com a lei? — seu pai então lhe perguntou. Gaius percebeu que todos olhavam para ele, mas sentiu que demorou um instante infinito até que conseguisse dizer as palavras.

— Sim, estou disposto...

— Julia Licinia?

O pai dela se virou para a moça e repetiu a questão. A concordância de Julia veio sem nenhuma hesitação. O secretário apresentou o documento para que os dois pudessem assiná-lo e então o levou para ser registrado nos arquivos.

Gaius sentiu que sua liberdade fora levada com aquele papel, mas a

gravidade romana que vinha com a toga não pedia que ele sorrisse. Uma mulher de rosto agradável, identificada como a filha de Agricola, se aproximou, pegou a mão de Julia e a levou para Gaius. Ele sentiu uma pontada de culpa enquanto os dedos pequenos dela se apertaram nos dele.

Então, foram realizadas as preces, muitas delas invocando Juno e Júpiter, a Vesta e todas as outras divindades possíveis envolvidas na preservação do lar. Ele e Julia receberam uma vasilha de grãos e um garrafão de azeite para oferecer ao fogo no altar. Enquanto crepitavam nas chamas, o cheiro de comida cozida veio de repente do salão de jantar ao lado do átrio, misturando-se de modo um tanto enjoativo com o incenso que havia sido queimado. O banquete estava quase pronto. Julia colocou de novo o véu. Ele pegou o bolo de espelta, esperando que tivessem algo melhor para comer no banquete que se seguiria, partiu-o e colocou um bocado entre os lábios de Julia. Ela repetiu o gesto, dizendo as palavras designadas que os tornariam legalmente um só. O ritual tinha adquirido seu próprio impulso, e a partir de agora ele só precisava seguir com os movimentos.

Sentou-se durante o banquete de casamento na sala de jantar, tão extravagante quanto a carteira de Licinius e o orgulho de Julia poderiam torná-la, em um tipo de aturdimento. Tinha consciência de que as mesas estavam cheias de uma grande variedade de coisas. As pessoas falavam com ele; aceitou felicitações de um amigo idoso de Licinius e concordou que, sim, realmente era um homem sortudo por conseguir se casar com uma moça tão esplêndida. O velho senador se demorou, insistindo em contar ao noivo anedotas de Julia quando criança, pois ele a conhecia desde bebê. Em algum lugar próximo, dois magistrados discutiam em voz baixa a campanha do imperador na Germânia, que se aproximava.

Escravos, murmurando felicitações, os serviam, não a carne dos sacrifícios, mas tenras galinhas assadas, porco também assado e bolos delicados de fino trigo branco. E havia uma grande quantidade de vinho, que Gaius, bebendo tudo que lhe davam, logo decidiu que era melhor do que havia pensado. Um fluxo quase infinito de convidados continuava se aproximando e oferecendo suas felicitações. E ele se deu conta de que não se lembrava de ver o pai assim tão feliz.

Conforme o banquete continuava, Gaius reuniu todas as suas reservas de cortesia e autocontrole, enquanto, em um canto da mente, imaginava o que Eilan pensaria de toda aquela bobagem e se um dia saberia e apreciaria tudo o que estava fazendo por ela e pelo filho deles.

Julia ria das piadas grosseiras dos charlatões que os entretinham, mas ele não tinha certeza de que ela realmente as entendia. Essa parte da cerimônia



servia tradicionalmente para encorajar a geração de filhos; os palhaços pareciam muito ansiosos para se certificarem de que ninguém poderia deixar de entender isso. A visão da comida começava a lhe causar repugnância, mas continuou a fingir que comia e concordou pela nonagésima vez que Julia era uma garota amável e que ele era muito sortudo.

Agora, Julia começava a parecer sonolenta; havia aceitado um segundo e depois um terceiro copo de vinho, e, já que era consideravelmente mais forte do que o que Licinius servia em sua mesa todos os dias, sua vivacidade normal estava se apagando. Gaius teve inveja da condição dela, pois ainda estava, infelizmente, bastante consciente.

Do lado de fora, agora já escuro, ouviu uma gritaria, e sorriu tolamente quando o mestre de cerimônias anunciou que o momento da procissão dos noivos havia chegado. Na verdade, tudo aquilo era um tanto ridículo, pois, já que Macellius não tinha uma casa na cidade, o novo casal iria se mudar apenas para a ala mais distante da mansão de Licinius, mas Julia aparentemente estava determinada a não deixar de lado nenhuma tradição em seu grande dia.

*É bom que não esperem que eu de fato carregue Julia nos braços*, pensou Gaius, ao pegar a noiva pelo pulso com uma brutalidade simulada e a puxar atrás dele. Em seu estado atual, depois de algumas taças de vinho, poderia ser contido por uma velha e um cachorro manco.

O mestre de cerimônias lhe deu uma sacola cheia de nozes douradas e pequenas moedas de cobre, orientando que Gaius deveria jogá-las para os pedintes do lado de fora, que costumavam frequentar os casamentos apenas para isso. Julia tinha uma sacola semelhante, que combinava com seu véu vermelho. Os carregadores de liteira os levaram cerimoniosamente para fora da casa de Licinius, pelo caminho que ia até o fórum, passando em frente ao novo palácio do governador e ao tabulário, precedidos por flautistas e cantores e cercados por tochas. Por fim, fizeram uma volta para retornar até a entrada do apartamento que fora preparado para eles. Gaius reprimiu a vontade de rir. Jogou as moedas e ouviu as bênçãos da multidão. *Só falta mais um pouco...*

A tocha de espinheiro jogava uma luz bruxuleante sobre a porta, expulsando sombras e magia nociva. Gaius, cuja cabeça havia elucidado um pouco com o ar frio, desejou que pudesse apagar a memória daquele dia.

Uma velha deu a Julia uma vasilha de azeite para ungir os batentes da porta e fios de lã branca para adorná-los. Depois, beijou-a no rosto, murmurando desejos de felicidade. Então, depois de hesitar por um instante, beijou Gaius também. E isso deu início a uma tempestade regular de abraços, beijos e felicitações. Macellius, um pouco bêbado – a primeira vez que Gaius via o pai afetado, mesmo que só um pouco, por vinho –, abraçou os dois; Licinius beijou

Julia e Gaius e disse que havia sido uma cerimônia esplêndida.

Então Gaius não teve como evitar, levantou a noiva em seus braços, surpreendendo-se com sua leveza, carregou-a pelo umbral e fechou a porta atrás de si com um chute.

Sentia o cheiro de tinta fresca nas paredes, competindo com o incenso e o perfume das flores de Julia. Ela ficou imóvel diante dele e, com mais ternura do que pensara que podia reunir, Gaius levantou a flama.

A guirlanda dela estava murchando; os seis cachos de cabelo que a criada havia enrolado cuidadosamente se desmanchavam em torno da gola do vestido. Ela parecia jovem demais para se casar. Mas, antes que ele pudesse falar qualquer coisa, ela avançou para o altar no centro do átrio deles e o aguardou, cheia de expectativa.

Ele puxou a beira da toga para cobrir a cabeça como num capuz e saudou as pequenas estátuas de terracota que representavam a família dos deuses.

— Pelo fogo e pela água eu a recebo como minha esposa e sacerdotisa do meu lar — disse com voz rouca. Ele verteu água sobre as mãos e segurou a toalha para que ela as secasse, e então lhe deu a vela para que acendesse o fogo.

— Que os deuses nos abençoem na cama e na mesa, e permitam que eu lhe dê muitos filhos — ela respondeu.

A cama dos noivos fora montada contra a parede. Ele a levou naquela direção e se atrapalhou para desfazer o nó que prendia o cinto de lã dela, perguntando-se quantos noivos ansiosos haviam perdido a paciência e simplesmente cortado aquela coisa. Ao menos agora podia despir as dobras da toga que o envolviam.

Julia deitou-se na grande cama com as cobertas puxadas até o queixo, observando-o. Na manhã seguinte, os lençóis manchados de sangue seriam cerimoniosamente apresentados às viúvas como prova da consumação. Mas Gaius nem precisaria estar presente naquele ato. E, de qualquer modo, não duvidava de que Julia — sempre muito esperta — não tivesse ela mesma providenciado um saquinho com sangue de galinha para o caso de ele estar bêbado demais. Disseram a ele que quase todas as noivas tinham o bom senso de fazer isso.

Mas ele não estava tão bêbado, e cumpriu seu dever com mais eficiência que paixão, ao menos foi gentil, e Julia era inocente demais para esperar mais que isso.

E ilan não voltou a Vernemeton até março, pois, apesar da promessa de Cailleán de trazer seu filho de volta, precisou de algum tempo para se recuperar do choque de perdê-lo. Depois que já não tinha mais lágrimas para chorar, entendeu que, mesmo se ele voltasse para ela, não seria a mesma coisa.

Após uns dias, seus seios pararam de doer, e soube que outra mulher amamentaria seu pequenino agora. Outra mulher o abraçaria durante as longas horas noturnas, faria com que ele arrotasse e o confortaria e teria o doce trabalho de banhar seu corpinho firme. Outra pessoa se curvaria sobre o berço dele e cantaria as canções de ninar que sua mãe lhe ensinara. Mas não Eilan. Ela não podia fazer nada disso, ou tudo que havia sofrido para conquistar estaria perdido.

Para acobertar a nova transição, anunciaram que a grã-sacerdotisa estava doente, e em uma noite, já bem tarde, Eilan foi trazida de volta para a Casa da Floresta, e Dieda foi levada embora, com destino a Eriu, para aperfeiçoar seu treinamento como bardo, conforme fora prometido. Quando chegasse o dia de seu retorno, esperava-se que todos já tivessem esquecido que um dia houvera duas moças em Vernemeton que eram quase iguais. Com Cynric ainda prisioneiro, era claramente impossível para Dieda ir atrás dele, mesmo se quisesse. Por fim, ela parecia contente o suficiente com a ideia de aprender com os bardos em uma terra que jamais fora tocada por Roma.

Só agora, ao retomar suas obrigações como a sacerdotisa do Oráculo, Eilan percebeu como ficaria isolada dali em diante. Parte disso era resultado da reclusão forçada a Dieda, para garantir o sucesso da enganação, mas não só. Seu status também exigia que ficasse mais reservada. Como era seu direito, Eilan honrou Cailleán, Eilidh, Miellyn e a jovem Senara, escolhendo-as como suas principais assistentes, mas pouco via as outras sacerdotisas, a não ser nas cerimônias.

De tempos em tempos, no passado, a Casa da Floresta havia abrigado mulheres e crianças como Senara, que precisavam de cuidados. Assim, era incomum, mas não inédito, abrigar a jovem mulher chamada Lia e a criança que

o arquidruída levava para ser amamentada por ela e instalá-las na casa redonda perto dos barracões das ervas, onde normalmente ficavam os visitantes. Também não era tão surpreendente que Caillean levasse o bebê para a grã-sacerdotisa, dizendo que ela poderia se alegrar ao segurar uma criança pequena.

Depois daquela primeira reunião feliz, Eilan chorou copiosamente, pois ela tinha a sensação de que Gawen, sendo criado por Lia, tinha se tornado mais filho dela do que seu. Ainda assim lhe parecia um milagre que Ardanos, mesmo sob pressão, tivesse mantido sua palavra. Às vezes tentava imaginar como Caillean o havia persuadido, mas não ousava perguntar.

Naturalmente, seu carinho intenso pela criança gerou mexericos. Mas Caillean tomou a precaução de contar à velha Latis – pedindo segredo absoluto – que a criança era da irmã de Eilan, Mairi, nascida de pai desconhecido, e enviada para lá porque Mairi pensava em se casar novamente. Em uma semana, a história havia se espalhado por toda Vernemeton, como era o esperado. Mas, embora houvesse quem acreditasse que o bebê era de Dieda, ninguém parecia desconfiar que fosse de Eilan. E não demorou muito para que o menino se tornasse querido pela maioria das mulheres.

Eilan sentiu culpa pelos danos à reputação de sua irmã e da moça que fora como uma irmã para ela. Mas, no final das contas, elas haviam concordado com tudo aquilo, por mais que relutantemente. Pior era o tormento de não poder reconhecer o filho como seu. Mas não devia nem iria fazer isso. E, com o passar do tempo, a confissão se tornava cada vez menos possível.

Ela tinha a impressão de que o tempo passava muito lentamente sob aquele indulto temporário inquietante. Ardanos voltara de Deva e, quase de modo arrogante, contou que o filho de Macellius havia se casado com a filha do procurador em Londinium. Eilan sabia que isso deveria acontecer, mas mal conseguira impedir o choro, embora tivesse resolvido não chorar na frente do avô.

Tinha de acreditar que tanto ela como Gaius haviam tomado a decisão certa, mas não podia evitar de se perguntar a respeito da mulher sobre quem não conseguia deixar de pensar como uma rival. Será que era bonita? Ele dizia a ela palavras de amor, de vez em quando? Eilan era mãe do primogênito dele, e isso devia ter sua relevância. Ou será que tinha sido esquecida? E, se tivesse sido, como saberia?

Mas o tempo passou – como sempre acontece, não importa o que seja feito para ignorar sua passagem –, e mais uma vez o festival de Beltane chegou, no qual Eilan deveria servir de novo como a Voz do Oráculo.

Ela pensara ter resolvido suas dúvidas ao se consagrar grã-sacerdotisa. Mas talvez elas tivessem voltado agora por causa da criança. Nas horas escuras da

noite, imaginava se daquela vez seria punida por sua blasfêmia, embora durante o dia raciocinasse que, se tinha sobrevivido à primeira vez, era improvável que a Deusa ficasse insultada agora. Se o Poder que sentira em sua iniciação era uma ilusão, então havia desistido de Gaius por nada. Mas se Ardanos não acreditava de fato no poder da Deusa a quem servia, então era ele, e não ela, quem cometia blasfêmia. Se queria continuar naquele papel, era essencial descobrir se a mentira era a interpretação do arquidruída ou a vontade da própria Deusa.

Enquanto Eilan se preparava e se purificava, ocorreu-lhe que beber da vasilha dourada seria mais dramático se feito na frente do povo, e decidiu falar sobre isso com Ardanos quando o visse. Ele concordou prontamente com a mudança, como se surpreso por ela ter pensado sobre o assunto.

Dessa vez, a própria Eilan misturou as ervas que beberia e fez certas substituições, mantendo as que aumentariam a visão e deixando de lado as que isolavam os sentidos de desejo. Como resultado, estava vividamente consciente do vasto silêncio que desceu sobre a multidão ali reunida. Podia sentir a reverência e a expectativa do povo. De um ponto de vista puramente público, podia entender. Sabia que as pessoas respondiam à sua beleza de um modo como jamais responderam aos charmes apagados de Lhiannon. Mas deveria ter existido um tempo em que Lhiannon também fora jovem e muito bela. Aquele ritual nunca fora mais do que isso – um drama encenado pelos sacerdotes, dos quais seu avô era o líder? Com certeza na primeira vez em que ocupara a cadeira do Oráculo o Poder que falara por meio dela fora real.

Eilan bebeu e sentiu a oscilação familiar do estado de transe que a tomava. Recordando-se de como a poção a afetara antes, afundou-se na cadeira com as pálpebras semicerradas, para que Ardanos não visse a inteligência em seus olhos. E, dessa vez, quando o arquidruída começou seu encantamento, teve consciência de que instruções eram entremeadas no feitiço. Mas não estava claro o que ele queria – e por quê.

No entanto, agora compreendia por que Ardanos quisera uma sacerdotisa do Oráculo que não dependia de inspiração. Ouvira-o falar antes de todos os benefícios que a Bretanha teria com a influência civilizatória dos romanos. Na verdade, lembrava-se dele falando algo sobre isso naquela noite na casa de seu pai, antes que soubesse quem Gaius realmente era. Bem, ao menos o arquidruída não poderia ser acusado de inconsistência.

Em seu último encontro com Gaius, aprendera o suficiente para concordar que, por ora, Ardanos poderia até estar certo. Usado de modo sábio, o Oráculo poderia ser uma ferramenta poderosa para trazer paz à Bretanha. Enquanto Ardanos fosse arquidruída, e enquanto seus métodos fossem de fato o caminho da sabedoria, talvez aquilo que faziam não fosse um pecado assim tão grande.

Mas, se Eilan quisesse ser algo mais do que um simples instrumento de Ardanos, precisaria saber o que estava acontecendo no mundo além de seus muros. Afinal de contas, a grã-sacerdotisa de Vernemeton tinha potencial para exercer uma influência muito além de seu papel como Oráculo. Ao saber o que seu avô fazia, também tomava a responsabilidade de decidir se iria ou não cooperar, e o quanto.

Eilan acreditava que algo que não era sua própria vontade inconsciente havia falado através dela antes. Mas nenhum humano poderia carregar sozinho o poder total de uma deusa. Quando um espírito divino possuía um corpo, não se tornava apenas acessível, mas assumia algumas limitações daquele corpo, e precisava trabalhar com o material que tinha em mãos.

*Deusa, me ajude! , seu espírito gritava. Se estás aí, Senhora, e não és apenas uma ilusão minha, mostra-me como fazer Tua vontade!*

A invocação de Ardanos terminou, mas a expectativa da multidão em torno dela aumentava. Conforme a fumaça das ervas sagradas subia das fogueiras, Eilan sentiu uma Presença surgindo atrás dela.

*Senhora, estou em Tuas mãos.* Com um suspiro, Eilan se permitiu perder o controle. Tinha a sensação de que braços macios a seguravam, mas, ao mesmo tempo, sabia que seu corpo estava sentado, e que Aquela cujo poder naquele momento a atravessava olhava Ardanos com um sorriso radiante.

*Avô , pensou, tenha cuidado! Não consegue ver quem veio até você?* Mas ele já tinha se voltado para o povo, e o comandava na invocação sem que ela conseguisse vê-lo. Sua consciência então se voltou para dentro. *Deusa, tenha piedade , gritava seu espírito. Ele trabalha para o bem de seu povo. Dê-lhe visão para fazer a coisa certa, pelo bem de todos nós!*

E, no silêncio do lugar em que estava, teve a impressão de, em seu pensamento, ouvir uma resposta.

*Filha, cuido de todas as minhas crianças, mesmo quando discutem; e por todos os tempos, não apenas os que estão vivendo agora. Minha luz pode ser sua escuridão; e seu inverno, o prelúdio de minha primavera. Você aceita isso, o fato de que um bem maior poderá vir?*

*Aceito, mas não me deixes, pois Tu és tudo o que tenho ,* Eilan respondeu, e novamente aquela voz falou dentro dela.

*Como eu poderia deixá-la? Não sabe que eu a amo assim como ama seu filho?*

Então, o amor da Senhora a envolveu. E Eilan se permitiu se aconchegar nele como se fossem os braços de sua mãe. Como estivesse a uma grande distância, tinha consciência das perguntas de Ardanos. Lembrava-se das respostas que ele pedira que desse, mas elas não pareciam mais ter nenhuma

importância. O conhecimento desceu sobre ela; sabia o que dizia em resposta, mas ainda assim o Ser que falava aquelas palavras, dessa vez na língua do povo, não era ela mesma, a Eilan que conhecia.

Eilan não sabia dizer quanto tempo aquilo durou. No estado em que então descansava não existia tempo. E ainda assim chegou um momento em que ouviu chamarem seu nome. Resmungou e tentou se virar. Por que ela deveria voltar? Mas o ar frio que lhe abanavam e as gotas de água que caíam em seu rosto e em suas mãos não tinham como ser ignorados. Eles a trouxeram de volta ao corpo uma vez mais.

Estremeceu, arquejou e subitamente era ela mesma de novo, Eilan, mirando o rosto estupefato das pessoas em torno de si com olhos arregalados. Ardanos instruíu o povo a ir embora em paz; e havia quase uma espécie de presunção na satisfação que enchia o sorriso dele.

*Ele não entende*, pensou então Eilan. *Ele acha que foi ele mesmo quem fez isso tudo*. Mas se o arquidruída não entendia o poder da Deusa que dizia servir, não cabia a ela explicar-lhe. Podia apenas confiar que a Senhora sabia de Suas próprias coisas e continuaria a zelar por eles.

Gaius passou os primeiros meses de seu casamento lutando contra a consciência de que ele era baseado em uma mentira. Suspeitava que Julia estava mais apaixonada pelo fato de ser uma mulher casada do que pelo marido, mas ela era alegre e afetuosa e, desde que ele fosse razoavelmente atencioso, parecia satisfeita com sua companhia. Podia apenas agradecer aos deuses pela inocência – ou talvez a falta de profundidade emocional – que a impedia de perceber que um relacionamento entre um homem e uma mulher deveria ser muito mais que aquilo.

Licinius, que acreditava que um jovem casal não deveria enfrentar a distância no primeiro ano do casamento, conseguiu que Gaius servisse como um edil encarregado dos prédios do governo em Londinium, o que lhe daria um pouco da experiência no serviço público tão necessária para impulsionar sua carreira. De início, Gaius protestou, dizendo que não tinha conhecimento para aquilo, e se perguntou se o sogro conseguira o emprego para ele apenas para que Julia continuasse cuidando de sua casa, mas descobriu que, embora seus empregados, escravos e homens libertos pudessem fazer o serviço, eles realmente necessitavam da autoridade de um homem de status para lidar com o restante do governo. No momento, percebia que o fato de ter passado toda a infância escutando o pai lidar com os problemas para manter em bom funcionamento uma grande fortaleza fazia dele um homem bem preparado para

suas novas responsabilidades.

— Estime o tempo que tem com Julia agora, meu rapaz — dizia Licinius, dando tapinhas em seu ombro —, pois passarão muito tempo separados no futuro, especialmente se for escalado para servir na Dácia ou em algum outro posto na fronteira.

Ambos sabiam que o caminho para a promoção o levaria a percorrer todo o império; um posto provincial de longo prazo como prefeito do acampamento ou procurador seria concedido apenas no fim de uma carreira.

Aqueles, então, eram anos cruciais, quando o nome que um jovem fizera para si mesmo – e os contatos – determinava o quanto ele subiria. Logo, Gaius precisaria passar algum tempo na própria Roma; e vez ou outra ele se flagrava esperando por isso. Mas enquanto esse dia não chegava, dedicava-se a entender como o governo funcionava no reflexo menor da capital que Londinium havia se tornado.

Mais rápido do que poderia imaginar, um ano se passou, e de tempos em tempos chegavam notícias perturbadoras de Roma. O imperador havia conseguido ser eleito para o cargo de cônsul nos dez anos seguintes, e atuaria como censor para o resto da vida; tudo isso somado aos poderes que já tinha. Os patrícios murmuravam sombriamente que aquela era uma trama para conseguir controle sobre o Senado, mas não faziam muito mais que isso, pois, no momento, o exército estava bastante contente com o imperador, que aumentara o soldo em um terço. Como oficial, Gaius não podia se opor a essas medidas, mas estava claro em qual direção o vento soprava. Ainda mais que seus predecessores, Domiciano parecia considerar as instituições democráticas que restaram em Roma ultrapassadas e certamente inconvenientes.

Alguns meses depois do casamento, Licinius contratou um tutor especialmente para Julia, segundo ele, para que ela pudesse aprender a falar melhor o grego e treinasse o latim mais requintado, e Gaius, para seu tormento, fora encorajado a participar das lições.

— Pois, se for a Roma, precisará falar bem grego e um latim mais aristocrático — ressaltou Licinius.

Irritado com aquilo, Gaius acabou protestando. Desde sua mais tenra infância Macellius insistira que ele tomasse aulas com tutores e que fosse tão fluente em latim quanto na língua tribal celta do povo de sua mãe.

— Latim simples é o suficiente para mim — protestou.

— Sem dúvida é o suficiente para um acampamento militar — argumentou Julia —, mas, acredite em mim, seria melhor falar celta no Senado do que aquele dialeto vulgar de Deva.

Gaius teve vontade de argumentar, dizendo que seu latim não era pior que o



de Macellius; mas era verdade que o pai jamais teve de falar aos senadores de Roma. E não lhe faria mal aprender o idioma dos homens mais bem-educados do mundo, que sempre seria o grego. No entanto, as lições não duraram muito. No fim do verão, Julia estava grávida, e tão enjoada na maior parte do tempo, que o tutor acabou por ser dispensado.

Mas, por essa época, Gaius conversava com os escravos gregos da casa sempre que tinha oportunidade, incluindo Charis, a camareira de Julia, nascida em Mitilene, a própria ilha de Apolo. Um dos homens libertos que trabalhava para ele viera originalmente para a Bretanha como secretário de um governador anterior, e ficou feliz o bastante em ganhar uns sestércios a mais para corrigir o sotaque de Gaius e fazê-lo copiar os discursos de Cícero para aprimorar seu estilo em latim.

Ele estava decidido que, quando o filho de Julia nascesse e ela estivesse se sentindo melhor para retomar suas lições – se é que esse dia ia chegar –, ele estaria muito adiante dela nos estudos das línguas.

E assim o inverno passou. Quando fizeram um ano de casados, o enjoo de Julia havia melhorado; e ela nem mesmo protestou quando o pai propôs que Gaius se juntasse a um grupo de caça de javalis nas florestas ao norte de Londinium, escoltando um senador rico com interesses no comércio de vinho que afirmara ter feito a arriscada jornada até ali apenas para caçar. Licinius não achava que as habilidades do homem eram grande coisa, mas admirava seu poder político, e o lisonjeou ao destacar o próprio genro para escoltá-lo.

Julia, longe de se ressentir de sua ausência, ficou um pouco aliviada com o fato de que ele ficaria fora de casa por um tempo. Como a maior parte dos homens, Gaius parecia sentir que qualquer reconhecimento de dificuldade era um pedido de socorro. Mas, uma vez que não podia ajudá-la e, no fim das contas, era o culpado por sua condição, ele tendia a reagir com irritação se ela mencionasse problemas de saúde ou ansiedade. Licinius não era muito melhor que o marido, e ela era orgulhosa demais para abrir o coração e desabafar com escravos.

E assim, na manhã em que Gaius saiu para caçar, Julia foi ao templo de Juno. Sua ama Charis reclamou de caminhar até lá, mas Julia não deu muita importância a isso, pois estava certa de que o movimento de uma carroça ou o balanço de uma liteira a deixariam enjoada novamente.

Ela tampouco se importou quando o eunuco que guardava a porta do templo lhe disse que precisava esperar do lado de fora até que a sacerdotisa tivesse tempo para ela. Do lado de dentro, o templo era escuro e um pouco gelado, então Julia ficou um tanto contente em sentar-se ao sol por um tempo, olhando para a estátua pintada.

*Domina Dea... rezou, pensei que seria tão fácil. Mas os escravos vivem fofocando sobre mulheres que morreram no parto quando pensam que não posso ouvir. Não tenho medo disso, Deusa, mas e se meu bebê morrer? E se eu for como minha mãe, que só teve uma criança que viveu mais que um ano? Meu pai tem poder político e Gaius sabe lutar batalhas. Mas, quanto a mim, a única coisa que posso dar a eles é um herdeiro legítimo.* Ela puxou o véu sobre o rosto, para que ninguém pudesse ver que chorava. *Ajuda-me a parir um menino saudável... por favor, Deusa, por favor!*

Ela se assustou quando o eunuco tocou seu ombro, então enxugou os olhos e o seguiu até a câmara interna, ignorando a dor irritante na parte mais baixa das costas.

A grã-sacerdotisa de Juno era uma mulher de meia-idade que tinha sempre o rosto pintado para parecer mais jovem e cujos olhos silenciosamente tentavam colocar um preço nas joias e no vestido de Julia. No entanto, independentemente do que estivesse pensando, ela a cumprimentou com uma afetuosidade efusiva a ponto de despertar uma cautela vívida na moça.

— Está preocupada com o parto? — A mulher deu tapinhas em seu braço. — E é seu primeiro, certo? Então é natural que sinta medo...

Julia se afastou um pouco, olhando-a com precaução. A mulher não entendia que não era pela vida dela própria que temia?

— Quero um filho homem — começou Julia, e tossiu com a onda de perfume que a atingiu quando a sacerdotisa se curvou para mais perto.

— Claro que quer. E, se fizer uma oferta, a Deusa vai ajudá-la.

— Que tipo de animal deveria comprar para o sacrifício?

— Bem, querida... — A mulher olhou para os anéis nas mãos de Julia. — Na realidade já temos o bastante dessas coisas por aqui. Mas estão construindo um rico templo para Ísis perto dos desembarcadouros, e seria uma pena se Juno fosse deixada parecendo uma parente pobre. Ela certamente lhe dará o que quer se oferecer um presente generoso a seu templo.

Julia a encarou, entendendo tudo muito bem, e se levantou pesadamente.

— Realmente — disse, secamente. — Preciso ir agora, obrigada por seu bom conselho.

Julia se virou, desejando ter postura o suficiente para que sua saída fosse impressionante, e se retirou pisando duro, deixando a sacerdotisa de boca aberta atrás dela. Enquanto cruzava a porta, o incômodo em suas costas se transformou em uma dor lancinante que tirou seu fôlego por um instante.

— Minha senhora. — Charis estendeu os braços para ajudá-la.

— Pegue uma cadeira para mim — Julia disse a ela, apoiando-se em um pilar. — No fim das contas, vamos viajar de volta para casa.

Gaius só voltou a Londinium tarde da noite, depois de ter dado um jeito de o convidado distinto conseguir o troféu que tanto desejava e de se despedir dele com algum alívio. Quando entrou em casa, encontrou um verdadeiro caos, pois, durante sua ausência, Julia entrara em trabalho de parto prematuro e lhe dera uma filha. Foi recebido por Licinius, que lhe deu a notícia e disse que tudo havia acabado há uma ou duas horas. Agora, Julia dormia.

Então, era hora de fazer um brinde ao nascimento de sua primeira criança, disse Licinius, segurando um garrafão de cerâmica empoeirado com um lacre grego. E para Gaius ficou muito claro que seu sogro já tinha começado a celebrar há algum tempo.

— Não sei como agradecê-lo por esse grande presente — disse ele, um tanto bêbado. — Sempre quis ser avô. E não me importo com o fato de ser uma menina. Julia foi uma criança tão boa para mim quanto podiam ser quarenta filhos homens, e ela trouxe você para nossa família. Sem dúvida, seu próximo filho será um menino.

— Realmente espero que esteja certo — respondeu Gaius. Ele sabia que a culpa não seria dele se ela não tivesse um filho, já que ele já havia gerado um menino antes.

— Separei este vinho quando Julia nasceu para ser bebido quando meu primeiro neto nascesse — disse Licinius, removendo o lacre. — Beba comigo, meu filho, e não o estrague colocando muita água.

Gaius não havia jantado e teria preferido um copo de cerveja com uma cumbuca de feijão ou uma ave assada, mas, com a casa em tamanha desordem, teria sorte se conseguisse um pouco de pão frio e carne se lhe fosse possível encurralar um dos escravos. Resignou-se a ir para a cama um pouco bêbado e não fez desfeita para Licinius.

— À sua filha — disse Licinius. — Que ela seja tão boa para você como Julia foi para mim.

Gaius bebeu, e então o velho propôs um brinde a seu filho. Gaius piscou e engasgou, e o sogro elaborou melhor:

— Certamente terá um filho no ano que vem, não é?

— Ah, sim, claro.

Mas, enquanto Gaius levantava a taça, era em Eilan e no filho que já tinha que pensava. Agora o menino já teria um ano. *Será que ele já está andando? A penugem de cabelo escuro talvez agora esteja mais clara...*

E é evidente que também precisavam fazer um brinde a Julia. Se a criada não tivesse entrado naquele momento para dizer que podia ir ver a esposa, Gaius teria ficado de fato muito bêbado. No entanto, grato pela interrupção, seguiu a mulher até o quarto.

Logo que entrou, ele achou Julia miúda. Miúda e pálida. Mas aconchegada em seus braços estava a pequena forma embrulhada da criança.

Julia olhou para ele e começou a chorar.

— Sinto muito. Queria tanto lhe dar um filho... Eu tinha tanta certeza...

Tornando-se generoso com o pensamento do filho de Eilan, longe no oeste, ele a interrompeu e a beijou.

— Não chore — disse ele. — Teremos um menino na próxima vez, se os deuses quiserem.

— Então você a aceita?

A escrava pegou a criança e a estendeu para o pai, e todas olharam para ele com expectativa. Depois de um momento, Gaius percebeu o que deveria fazer e pegou o bebê, de um modo um pouco desajeitado. Olhou para os traços amarrotados, esperando pela onda de ternura que o havia acometido quando segurou no colo o filho. Mas sua única emoção foi espanto, porque lhe parecia impossível que algo tão pequeno fosse real. Ele suspirou.

— Em nome de meus ancestrais, reconheço essa criança como minha filha — disse Gaius em voz alta. — Seu nome será Macellia Severina.

Logo após Beltane, Bendeigid pediu uma audiência com a Senhora de Vernemeton. Naquele momento, Eilan já havia se estabelecido em seu papel como grã-sacerdotisa, mas ainda lhe parecia estranho que seu próprio pai, um druida poderoso, tivesse que pedir permissão para visitá-la. Ainda assim, enviou uma resposta igualmente formal dizendo que o receberia com prazer, e, quando ele apareceu na antecâmara de seu aposento naquela tarde, preparou-se para recebê-lo cordialmente.

Na verdade, Eilan sentia que poderia ser assim tão cortês; pois não conseguia deixar de lembrar que fora a recusa do pai de ao menos considerar seu casamento com Gaius que a colocara em uma posição em que, apesar de todo o conforto e a honra, também a tornara uma estranha para seu próprio filho. Certificou-se de que Gawen estivesse onde não pudesse ser visto ou ouvido naquela tarde. Bendeigid sabia que Mairi não havia tido outro filho, e Gawen estava ficando cada vez mais parecido com o pai.

Serviu um jarro de água fresca, recém-tirada por Senara do Poço Sagrado, e fez um gesto para que Huw deixasse o visitante entrar. Sentiu certo prazer em ter o guarda-costas agigantando-se sobre eles. O porte dele fazia até mesmo Bendeigid, que era um homem grande, parecer pequeno. Tinha pensado que ser o objeto de uma devoção tão canina a deixaria desconfortável, pois Huw havia transferido com gratidão sua lealdade a Eilan assim que ela emergiu da reclusão

ritual e jamais se intrometia onde não era chamado. Ele apenas se fazia presente, e a grã-sacerdotisa gradualmente começou a apreciar sua utilidade para se livrar de visitantes ou, como agora, para intimidá-los.

— Como posso servi-lo, meu pai? — disse friamente, permanecendo sentada. Seu tom era o mesmo que teria usado com qualquer druida de alto escalão. De fato, dessa vez o norte o havia mudado. Ainda aparentava ser um homem poderoso, mas a solidez confortável da qual se recordava havia sido consumida até que sobrassem apenas ossos e tendões.

Bendeigid parou de repente, olhando-a de um jeito estranho. Ela se perguntou o que ele via. Certamente, não a filha de quem se lembrava. O rosto que ela mesmo via quando olhava na Lagoa Sagrada havia perdido o ar arredondado juvenil, e o sofrimento e a responsabilidade deram certo ar de vigilância a seus olhos toldados. Mas talvez aqueles sinais sutis de maturidade fossem menos impactantes do que os ornamentos dourados e a crescente entre as sobrancelhas.

Embora tivesse tirado o véu fino de linho azul-escuro do rosto, suas dobras emolduravam sua cabeça e desciam sobre seus ombros. Tinha continuado a usar o véu do modo como Dieda fizera para facilitar a farsa; e, mesmo quando era seguro sair sem ele, preferia utilizá-lo, pois havia se acostumado com aquela proteção. Para além disso, ela sentia que lhe dava um ar de autoridade, que certamente contribuía com seu mistério.

— Apenas quis cumprimentá-la, filha... quero dizer, Senhora — respondeu o druida. — Faz tempo desde que nos vimos pela última vez. Quis me certificar de que estava bem...

*Demorou bastante*, pensou ela, de modo sombrio. Mas percebia que os últimos anos tampouco foram fáceis para ele. Não era apenas o porte de Huw que fazia com que ele parecesse menor; seu cabelo ficara completamente grisalho e havia novas rugas em torno da boca e da testa. Sempre fora inflexível, mas agora o propósito queimava em seus olhos como uma chama escura.

Bendeigid aceitou a taça de madeira trabalhada em prata que ela lhe estendeu e sentou-se em um banco.

— Com certeza essa não é a única razão pela qual veio aqui, meu pai — disse, calmamente.

— Lhiannon era velha. — Ele olhou para a taça e depois de novo para ela. — Entendo bem que não desejasse que seu país fosse destruído pela guerra... e talvez por isso a Deusa aconselhou a paz nos últimos anos. Mas agora há um novo tempo e uma nova sacerdotisa. Não soube da batalha que os romanos chamam de Mons Graupius? Ouviu como as terras dos votadinos se tornaram um deserto no qual poucos sobreviventes tentam resistir num local em que um dia

existiu uma tribo próspera?

Eilan desviou do olhar dele. De fato, tinha conhecimento da batalha – soubera por alguém que havia lutado nela. Gaius tinha lhe contado como naquele inverno os sobreviventes famintos foram aos portões do forte para serem alimentados. Era verdade que os romanos eram os invasores, mas sabia que foram os homens derrotados das tribos que botaram fogo nas próprias vilas e mataram seus animais para mantê-los longe de mãos romanas.

— Voz da Deusa, diga-me... As lágrimas das mulheres cativas caem como chuva e o sangue de nossos guerreiros mortos gritam do chão, por que Ela não os escuta? Por que a Deusa não respondeu às nossas preces? E por que o Oráculo ainda nos aconselha a manter essa paz desgraçada?

Bendeigid se levantou, estendendo os braços para ela, e Huw deu um passo apressado e pesado sala adentro. Eilan respirou longamente para esconder seu espanto e fez um gesto para que o guarda se afastasse. Sempre achara que seu pai estava profundamente envolvido nos conselhos do arquidruída. Seria possível que ele não soubesse como Ardanos vinha manipulando o Oráculo por todos esses anos?

— Certamente meu pai sabe que apenas proclamo os Oráculos que recebo — disse, de forma tranquilizadora. *Se ele sabe, então eu lhe disse a verdade; e, se não sabe, então eu não disse nada de novo.*

De fato, o que dissera era uma verdade ainda maior que a que Ardanos conhecia, pois, embora o druida traduzisse suas respostas da maneira que achasse melhor, quando a Deusa a tomava e ela falava diretamente para o povo, era Ela quem concordava ou discordava dos métodos do arquidruída conforme Sua vontade. Até agora, ao menos, os conselhos Dela foram tão pacíficos que nem mesmo Ardanos os havia questionado.

Bendeigid se levantou e começou a andar nervosamente pelo aposento.

— Então preciso lhe rogar que reze para que a Deusa nos vingue. Os espíritos das mulheres de Mona ainda clamam por vingança — disse ele.

Ela franziu a testa.

— Cynric o enviou até aqui para me dizer isso?

Sabia que Gaius o aprisionara e salvara a sua vida e sua liberdade tornando-o um dos reféns, mas não sabia o que acontecera com ele depois disso.

— Ele foi capturado — rugiu o pai. — Iam enviá-lo para Roma para entreter o imperador, mas ele conseguiu matar os guardas e se libertar.

— E onde ele está? — ela perguntou, um pouco alarmada. Se os romanos o capturassem agora, uma morte rápida era o melhor destino que ele podia esperar.

— Não sei — disse o druida, de modo evasivo. — Mas há uma grande raiva crescendo no norte, minha filha. Os romanos estão recuando; e os Corvos não

foram todos mortos em batalha, e suas feridas estão cicatrizando. Se a Deusa não levantar a terra contra os romanos, tenha certeza de que Cynric o fará.

— Mas falo apenas àqueles que comparecem aos festivais da Colina das Donzelas — disse Eilan, desconfortavelmente. — Cornóvios e ordovicos, na maior parte, alguns siluros e membros dos démetas, além de alguns poucos do povo mais selvagem das colinas. O que temos a ver com a Caledônia?

— Será possível que não tenha conhecimento de sua própria influência? — Ele a encarou diretamente. — Os romanos tomaram nossas terras, subverteram nossos chefes e proibiram a maioria de nossos ritos religiosos. O Oráculo aqui em Vernemeton é uma das poucas coisas que nos restam, e, se não pensa que as palavras da Deusa são repetidas de uma ponta a outra da Britânia, é uma tola!

*Ele não sabe que Ardanos influencia o Oráculo*, pensou Eilan, *mas certamente desconfia*. Enquanto ela fingisse ignorância, ele não poderia lhe pedir abertamente seu apoio para uma insurreição. Mas a questão por fim chegaria ao ponto em que algo precisaria ser feito.

— Tenho estado muito isolada... — disse ela, em voz baixa. — Mas os peregrinos vêm para fazer suas preces no Poço Sagrado. Que os portadores de notícias venham beber as águas da lua nova de cada mês, e, se a sacerdotisa velada que os servir fala sobre corvos, que falem com ela ali.

— Ah, filha, sabia que não trairia sua estirpe! — ele exclamou, o olhar se avivando. — Direi a Cynric...

— Diga que não faço nenhuma promessa — ela interrompeu —, mas, se deseja que eu reze para a Deusa pedindo a ajuda Dela, eu sei o que pedir! No entanto, não posso dar nenhuma garantia de como Ela vai responder...

Bendeigid teria de se contentar com aquilo. Eilan permaneceu ali sentada e pensativa por um longo tempo depois que ele se foi. Claramente Cynric estava fazendo o melhor que podia para começar uma rebelião e, sem seu apoio, decerto iria falhar.

Mas aparentemente o druida também tinha percebido que agora ela era uma mulher adulta e tomaria suas próprias decisões. Enfrentá-lo em tal posição de poder quase fazia valer a pena tudo o que tinha sofrido até o momento. Mas com aquele poder vinha uma responsabilidade que não podia evitar, não quando era possível chegar o dia em que seu pai e seu irmão de criação enfrentariam o pai de seu filho em um campo de batalha.

*E, se isso acontecer, o que farei?* Eilan fechou os olhos, angustiada. *Minha querida Deusa, o que devo fazer?*

Conforme a filha de Julia crescia, acostumaram-se a chamá-la de Cella, pois

parecia ridículo chamar uma coisinha tão pequena por aquele nome tão longo. Por muito tempo Gaius esperou por aquela conexão que tinha sentido com o pequeno Gawen quando o viu pela primeira vez nos braços de Eilan, mas a expectativa foi sempre em vão. Tratava-se, então, de algo que só acontecia entre um homem e seu filho primogênito? Ou era por que não tinha uma ligação mais forte com a mãe da criança?

Ao menos Julia não parecia achar estranho que o marido tivesse pouco interesse na menina. Cella, por sua vez, era uma criança tranquila e que prometia se tornar bela, além de ser o deleite do coração de seu avô. Julia passava boa parte de seu tempo com a menina, vestindo-a em belas roupas bordadas, o que parecia a Gaius uma perda de tempo.

Quando a garotinha completou um ano, Julia estava grávida novamente. Dessa vez, ela tinha certeza absoluta de que seria o filho tão desejado. Uma vidente, consultada a mando de Julia, prometeu que um menino aguardava seu nascimento, mas Gaius não estava assim tão certo.

Por fim, no entanto, não precisou sofrer com a mulher durante a gravidez. As guerras na Dácia estavam indo mal, e Gaius sentiu uma pontada ao saber que a Segunda Legião precisou ser retirada e que o forte que construíram no norte fora destruído. Para ele era evidente que o norte não poderia ser dominado sem um investimento muito maior de homens e aparatos do que o império poderia providenciar. *Muitas vidas teriam sido salvas*, pensou Gaius, de modo sombrio, *se tivessem tido o bom senso de perceber isso há três anos!*

Então, ele começou a passar seu tempo livre no correio do exército, sempre em busca de notícias. Sob ordens do imperador, o novo governador, Sallustius Lucullus, tinha determinado que todos os fortes mais ao norte fossem abandonados, os muros derrubados e as madeiras queimadas, para que não sobrasse nada que pudesse ser usado pelo inimigo. A Vigésima deixou o norte e se assentou nos velhos quartéis em Glevum, mas ninguém sabia por quanto tempo.

Foi a Segunda Legião, no entanto, que recebeu ordens de ir de Deva para a Dácia. Macellius, anunciando que estava muito velho para se arrastar por todo o império, decidiu que havia chegado a hora de se aposentar e começou a planejar a construção de uma nova casa em Deva. Gaius, no entanto, ficou surpreso com um convite do novo comandante legionário para se juntar à equipe deles e partir com destino à Dácia. Ficara quase tão espantado com o fato de que nem mesmo Licinius fez qualquer objeção quando, numa conversa com o sogro, o genro deu a entender que gostaria de aceitar a oferta.

— Vamos sentir sua falta, rapaz — disse o velho —, mas está na hora de cuidar da carreira, agora que começou sua família. Não venho tecendo louvores



a você por toda Londinium exatamente por essa razão? É uma pena que não estará aqui para o nascimento de seu segundo filho, mas isso era de esperar. Não se preocupe com Julia, eu tomarei conta dela. Cumpra seu dever e volte coberto de glória!

Dieda voltou para a Casa da Floresta em meados do mês de maio, pouco mais de quatro anos após partir para o exílio em Eriu. O dia estava ensolarado, e Eilan a recebeu no jardim, esperando que o encontro pudesse se tornar mais agradável em um ambiente menos formal. No entanto, não abriu mão da companhia de Caillean. Sentou-se mais aprumada, o véu caindo pelos ombros, enquanto Dieda entrou pelo portão, e Caillean se apressou para cumprimentá-la.

— Dieda, minha criança, é muito bom vê-la. Faz tanto tempo. — Elas se abraçaram cerimoniosamente, pressionando os rostos.

Dieda usava um vestido solto de linho branco ao estilo irlandês, ricamente bordado, e o manto azul-celeste típico dos bardos, com uma franja dourada nas bordas e atado por um alfinete dourado. O cabelo, preso por uma faixa bordada, caía em cachos bem definidos, mas, apesar das vestimentas festivas, seus modos pareciam tensos.

— Ah, havia me esquecido da paz que este lugar nos traz — disse Dieda, olhando em torno para o verde brilhante dos canteiros de menta e para a folhagem das lavandas, onde as abelhas zumbiam entre as flores roxas.

— Temo que vá nos achar excessivamente silenciosas depois de tanto tempo com os reis e príncipes de Eriu. — Eilan forçou sua voz a sair.

— É uma terra excelente, e de fato muito afeita aos cantores, poetas, e todo tipo de pessoa que tenha forte ligação com a música, mas depois de um tempo a gente começa a sentir falta do próprio país.

— Bem, certamente tem a entonação de Eriu em sua voz, minha criança — observou Caillean. — É bom ouvir essa música novamente!

*Com certeza ninguém que a ouvisse falar poderia nos confundir agora*, pensou Eilan. Não era apenas uma questão de sotaque, mas de profundidade e timbre. A voz de Dieda sempre fora agradável, mas agora ela a usava como um instrumento bem afinado. Mesmo más palavras poderiam ser facilmente perdoadas se ditas por aquela voz tão bela.

— Tive tempo o suficiente para adquiri-la — disse Dieda. Ela olhou para Eilan. — Parece que passei metade da vida fora.

Eilan assentiu. Ela mesma sentia-se um século mais velha do que a garota que Lhiannon escolhera como sua sucessora havia cinco anos. Mas havia um toque petulante no tom de Dieda. *Será que ela ainda se ressentia por ter sido mandada embora?*, perguntou-se Eilan.

— Foi tempo suficiente para que meia dúzia de novas garotas viessem ficar conosco — disse, com firmeza. — É um grupo promissor... Acho que a maior parte delas fará seus votos.

Dieda a olhou.

— E o que tinha em mente para mim?

— Ensinar a essas garotas o máximo que puder das habilidades que aprendeu! — Eilan se inclinou para a frente. — Não quero dizer apenas hinos para tornar nossos rituais mais belos, mas também a sabedoria ancestral, as tradições dos deuses e dos heróis.

— Os sacerdotes não vão gostar nada disso.

— Eles não terão nada a dizer — respondeu Eilan. Os olhos de Dieda se arregalaram. — Hoje em dia os chefes contratam professores de latim para seus filhos e os ensinam a recitar Virgílio e a apreciar os vinhos italianos. Estão fazendo o melhor que podem para transformar nossos homens em romanos, mas não se importam muito com o que as mulheres fazem. O último santuário para a antiga sabedoria de nosso povo pode residir aqui em Vernemeton, e não vou permitir que ele se perca!

— As coisas realmente mudaram desde que parti. — Pela primeira vez, Dieda sorriu. Então seus olhos se fixaram em algo além de Eilan, e sua expressão mudou.

Gawen estava correndo em direção a elas, com a babá vindo logo atrás. As mãos de Eilan torceram as dobras de seu véu enquanto lutava contra o impulso de estender os braços e pegá-lo.

— Senhora da Lua! Senhora da Lua! — ele gritou, e então parou e olhou para o rosto de Dieda. — Você não é a Senhora da Lua! — disse, com desaprovação.

— Não sou mais — respondeu Dieda, com um sorriso irônico.

— Esta senhora é nossa parente Dieda — disse Eilan, com os lábios retesados. — Ela canta tão lindamente como qualquer pássaro.

Por alguns momentos o menino olhou de uma para a outra, franzindo a testa. Os olhos dele tinham a mesma cor castanha mutável dos de Eilan, mas o cabelo era escuro e encaracolado como o do pai, e teria a mesma testa larga de Gaius quando fosse um homem.

— Minha senhora, sinto muito — disse Lia, sem fôlego, alcançando-o e pegando-o pela mão. — Ele escapou de mim!

O lábio inferior de Gawen começou a estremecer, e Eilan, reconhecendo os sinais, fez um gesto para que a babá o deixasse em paz. *Acho que nós o estamos mimando demais*, pensou, *mas ele é tão pequeno, e logo vou perdê-lo!*

— Você queria me ver, meu querido? — perguntou em voz baixa. — Não posso brincar agora, mas se vier me encontrar ao anoitecer podemos descer e alimentar os salmões da Lagoa Sagrada. Isso o deixaria contente?

Gaius assentiu solenemente. Ela esticou o braço para tocar o rosto dele e perdeu o fôlego quando ele sorriu e uma covinha apareceu de repente. Então, tão rápido quanto havia vindo, ele correu de volta para a babá e deixou que ela o levasse de volta. Para Eilan, o dia parecia escurecer quando ele ia embora.

— Esta é a criança? — perguntou Dieda no silêncio que se fez depois que Gawen e Lia haviam desaparecido de vista. Enquanto Eilan assentia, a fúria acendeu em seus olhos azuis.

— Você é louca de mantê-lo aqui! Se for descoberto, estamos todos perdidos! Passei quatro anos no exílio para que você pudesse experimentar os prazeres da maternidade tanto como a honra de ser grã-sacerdotisa?

— Ele não sabe que sou mãe dele — sussurrou Eilan, de modo aquebrantado.

— Mas você pode vê-lo! Não mataram nem ele nem você! E deve isso a mim, ó sagrada Senhora da Lua de Vernemeton!

Dieda começou a andar de um lado para o outro, vibrando como uma de suas cordas de harpa.

— Tenha piedade, Dieda — disse Caillean, severamente. — O menino será enviado para ser criado em outro lugar em um ano ou dois, e ninguém sabe de nada por aqui.

— Pensam que ele é filho de quem, então? — Dieda cuspiu sobre o ombro. — Da pobre Mairi, ou talvez meu?

Ela pôde ler a resposta no rosto delas.

— Então, agora que terminei de cumprir seu exílio, terei também de carregar sua vergonha. Bem, quando me virem com o menino, talvez o rumor morra. Pois, já aviso, não gosto nada de crianças!

— Mas vai ficar aqui e manter o silêncio? — Caillean perguntou bruscamente.

— Vou — disse Dieda, depois de um tempo —, pois acredito no trabalho que fazem aqui. Mas, Eilan, escute bem, pois disse isso a você antes, quando concordei com a substituição, pense muito bem antes de um dia trair seu povo, pois eu lhe garanto que serei sua ruína!

A lua nova já estava alta no céu do anoitecer, acrescentando um brilho prateado às águas opalescentes da Lagoa Sagrada. Os salmões vieram quando chamados e comeram, quase das mãos do menino, o bolo que ele os ofereceu. Eilan esperou até que pudesse ouvir a tagarelice de Gawen se dissipar no silêncio da noite e então puxou o véu sobre o rosto e tomou o caminho para o templo que construíram em torno da fonte que alimentava a lagoa.

Suas moças achavam que era muito gracioso da grã-sacerdotisa fazer sua parte para cuidar dos que vinham à Casa da Floresta atrás de aconselhamento. E, com frequência, aquilo era tudo o que Eilan fazia, servir como um ouvido compreensivo aos perturbados ou enviar aqueles que tinham problemas mais sensíveis para uma das feiticeiras ou herboristas. Mas, desde que soubera dos planos de insurreição de Cynric, tomava aquele caminho com um pouco de tremor, receando as noites em que uma das pessoas que esperavam por seus conselhos sussurraria sobre corvos e rebeliões.

Estava fresco no santuário, e Eilan puxou o manto mais para perto de si, deixando o murmúrio da água corrente confortá-la. A água saía de uma fissura na rocha, sob a qual fora colocada uma figura de chumbo da Senhora em uma reentrância, e caía em um canal que levava ao poço de água potável e à Lagoa Sagrada.

*Fonte de vida...* ela rezou, curvando-se para pegar um pouco da água gelada nas mãos e passá-la nos lábios e na testa. *Água sagrada, para sempre afluindo, preencha-me com sua serenidade.* Então, acendeu o candeeiro sob a imagem e se preparou para esperar.

A lua estava alta no céu quando ouviu os passos arrastados de alguém doente ou exausto demais para subir o caminho. Sua garganta se fechou quando a figura escura apareceu na porta. Era um homem, usando um manto militar romano grosseiro que poderia pertencer a qualquer fazendeiro, mas, debaixo dele, manchas de sangue velho se destacavam em suas calças. Quando ele a viu, parte de sua tensão se esvaiu em um longo suspiro.

— Descanse, beba e receba a paz da Senhora — ela murmurou.

Ele ficou de joelhos e pegou água do canal, visivelmente lutando para se controlar.

— Estive lutando... os corvos voaram sobre o campo de batalha — sussurrou, olhando para ela.

— Os corvos também voam à meia-noite — ela respondeu. — O que tem a me dizer?

— A rebelião... ela estava marcada para o solstício de verão. Mas de alguma maneira os mantos vermelhos descobriram e nos atacaram — ele passou a mão sobre os olhos. — Na noite antes da última.

— Onde está Cynric? — ela perguntou, com a voz baixa e rápida, perguntando a si mesma se seu irmão de criação ainda estava entre os vivos. — O que ele quer das mulheres desta casa?

O homem levantou os ombros, indiferente.

— Cynric? Está fugindo, provavelmente. Pode haver outros como eu chegando, precisando de um lugar para lambar suas feridas.

Eilan assentiu.

— Atrás de nossas cozinhas há um caminho que segue em direção à floresta. Ele leva a uma cabana que nossas mulheres às vezes usam para meditar. Pode dormir lá, e alguém lhe levará comida.

Os ombros do homem esmoreceram, e ela se perguntou se ele teria forças para chegar até o casebre.

— Abençoada seja a Senhora — ele murmurou —, e uma bênção a você, por me ajudar.

Ele se levantou, saudou a imagem, e, mais silenciosamente do que ela pensara ser possível, foi embora.

Mas Eilan continuou ali sentada por um longo tempo depois que ele se fora, ouvindo o barulho da água e observando o bruxulear hipnótico da luz da lamparina na parede.

*Deusa , rezou, tenha piedade dos fugitivos; tenha piedade de nós todos! Em um mês será solstício de inverno, e Ardanos vai querer que eu diga ao povo para aceitar esse último golpe. Meu pai, então, vai querer que eles se rebelem e vinguem os Corvos com fogo e sangue. O que devo dizer a eles? Como podemos trazer paz a esta terra?*

Esperou pelo que pareceu um longo tempo, mas a única visão que lhe veio foi a da água brotando da rocha e descendo pela colina.

Gaius se sentou para escrever em seus aposentos no forte em Colonia Agrippensis, ouvindo a chuva. Não imaginava que a Germânia Inferior pudesse ser mais chuvosa que a Britânia, mas aquela vinha sendo uma primavera molhada. Às vezes, os dois anos que passara fora – primeiro nas terras ao norte e ao oeste da Itália e agora ali, onde terminava a garganta do Reno e ele começava seu curso sinuoso através de charcos planos em direção ao mar do norte – pareciam apenas semanas. Mas, naquele dia em específico, tinha a sensação de que estava longe de casa havia séculos.

Mergulhou a pluma no pote de tinta e começou a formar as letras de mais uma frase da carta que escrevia a Licinius. *Dois anos de correspondência regular* , refletiu, ironicamente, *fizeram de mim um escritor tão hábil quanto*

*meu escravo secretário* . No começo fora difícil, mas aos poucos passou a apreciar o valor de uma correspondência privada.

“[...] Os últimos legionários que há um ano seguiram Saturnino na rebelião foram julgados e, em sua maior parte, separados e integrados em outras legiões”, escreveu cuidadosamente. “A nova ordem do imperador para haver apenas uma legião por acampamento está causando alguma inconveniência e dando um grande trabalho aos engenheiros. Não sei se vai desencorajar conspirações, mas pode ser uma coisa boa ter nossas forças espalhadas de modo mais uniforme ao longo da fronteira. Tal ordem também foi implementada na Britânia?”

Ele parou por um momento, ouvindo os passos regulares de sandálias na pedra conforme os sentinelas passavam, e então se curvou novamente sobre o trabalho.

“O que dizem aqui é que os marcomanos e os quados estão inquietos outra vez, e que Domiciano precisou fazer uma pausa em sua campanha contra a Dácia para lidar com eles. Meu conselho seria tornar o rei Decebalus um aliado, se possível, e usar os dácios para lidar com os marcomanos. Mas o imperador, no entanto, ainda não me incluiu em seu seletor círculo de conselheiros, então quem sabe o que ele fará?”

Ele sorriu, sabendo que Licinius entenderia seu humor. Estivera na presença do imperador diversas vezes antes de ser transferido da Segunda Legião na Dácia para o comando de uma cavalaria na Germânia, mas duvidava muito que Domiciano soubesse de sua existência.

“O treinamento na minha ala de cavalaria vai bem. Os brigantes posicionados aqui são cavaleiros destemidos, e muito gratos por terem um comandante que consegue falar com eles em sua própria língua. Os pobres miseráveis devem ter tanta saudade de casa quanto eu. Mande meu amor a Julia e às crianças. Imagino que Cella deva estar uma menina bem grande agora, e é difícil acreditar que a pequena Secunda já tem mais de um ano.

“Penso na Britânia como um refúgio de paz comparada à fronteira da Germânia, mas imagino que seja apenas uma ilusão. Ouvi um dos novos homens sob meu comando falando sobre corvos, e de repente me pergunto sobre aquela sociedade secreta sobre a qual costumávamos ouvir há uns anos...”

Parou mais uma vez, dizendo a si mesmo que a ansiedade que de repente o havia tomado era apenas uma reação à insistência da chuva, mas, antes que pudesse voltar a escrever, alguém bateu em sua porta com o aviso de que o legado gostaria de vê-lo, e então ele colocou o manto e deixou seus aposentos, imaginando o motivo de ter sido chamado.

— Temos novas ordens, tribuno — disse o comandante. — E devo dizer que sinto em perdê-lo, pois estava indo bem aqui...

— A ala está sendo transferida? — Gaius olhou confuso para o homem, pois normalmente esse tipo de movimento era precedido por uma onda de fofoca no acampamento.

— Não a ala toda, apenas você, rapaz; o que é ainda mais lamentável. Está sendo transferido para a equipe do governador na Britânia. Parece que houve algum tipo de briga local e precisam de um homem com seus conhecimentos particulares por lá.

Os Corvos... pensou Gaius, e o rosto de Cynric como da última vez que o vira, pesado de ódio, lhe veio à mente. *Vou prestar mais atenção às minhas premonições de agora em diante*. Podia ver a mão de Licinius naquela convocação. Como um oficial entre muitos na fronteira, apenas a maior das sortes o faria chamar a atenção de alguém que pudesse oferecer um apoio útil. Mas se pudesse impedir uma rebelião...

Licinius sem dúvida estaria se parabenizando por achar um jeito de seu genro cumprir suas obrigações junto da família e ao mesmo tempo avançar em sua carreira. Gaius apenas precisaria lidar com o fato de que, para executar o papel que lhe impunham, teria que destruir um homem que fora seu amigo. Disse algo educado ao comandante, mal ouvindo a resposta dele, e voltou aos seus aposentos para empacotar as coisas.

Enquanto os dias amadureciam em direção ao solstício de verão, cochichos sobre o destino da rebelião dos Corvos circulavam pela região. Eilan havia imaginado que o governador fosse proibir assembleias públicas por conta da revolta, mas parecia que a linha oficial era desencorajar o apoio popular através da recusa do reconhecimento de que havia algo errado. Mas, pelos refugiados, Eilan soube que Cynric havia voltado aos amigos do norte e levantado as forças dos sobreviventes de Mons Graupius, levando consigo alguns irmãos do grupo dos Corvos para liderá-los. E a tarefa não seria difícil, pois os romanos haviam simplesmente se retirado do deserto que criaram, deixando as pessoas com nada para se sustentarem além de ódio.

Mas então ele tentara levantar a Brigância, onde a severidade com que a rebelião de Venutius havia sido derrubada foi seguida por alguns esforços para reconstruir a província. Eilan pensou que o responsável provavelmente foi algum homem dos brigantes, ou talvez, lembrando-se de Cartimandua, uma mulher que os traía, tendo decidido que uma prosperidade limitada em grilhões era preferível à espada romana.

Sozinhos ou em duplas, mais membros dos Corvos vinham para o sul, amargurados com sua dor e desamparo. Eles, então, recebiam cuidados das



mulheres mais confiáveis de Eilan, adotavam novos nomes, ganhavam novas roupas e depois eram despachados. Disseram-lhe que Cynric ainda estava no norte, com o restante dos homens que não foram feridos, sendo caçado por um destacamento especial das legiões. Os caledônios haviam sumido de volta em suas colinas, mas os Corvos eram homens sem clãs e não tinham um lar para voltar quando não pudessem mais lutar.

Os que vinham para a Casa da Floresta tinham apenas a idade de Cynric, mas as adversidades os havia transformado em velhos. Eilan os olhava com angústia, pois alguns, como seu próprio Gawen, mostravam o sangue romano no rosto. Em sua visão, foi-lhe dito que era necessário que os sangues de Roma e das tribos se misturassem. Mas o Merlim não especificou se isso ia acontecer em amizade ou através de geração após geração nas quais os homens plantavam suas sementes e morriam, deixando mulheres enlutadas para continuar uma vida em amargura.

Ardanos e Lhiannon, lembrando-se do estupro em Mona, escolheram uma política de acomodação como o mal menor; seu pai e Cynric pareciam sentir que a morte era preferível à escravidão. Enquanto Eilan via Gawen crescer, sabia apenas que faria de tudo para proteger seu filho.

E assim a duração dos dias, por fim, levou-os novamente ao solstício de verão, e as sacerdotisas da Casa das Floresta foram à Colina das Donzelas para realizar o ritual.

Mesmo da estrada Eilan podia ver o brilho das grandes fogueiras sobre a fortificação e os arcos flamejantes que as tochas traçavam no céu escuro. Os tambores pulsavam com uma insistência pesada, a batida se transformando em trovão enquanto jovens do campo competiam para jogar suas tochas o mais alto que conseguiam. Reis e exércitos podiam ir e vir, mas a luta real – às vezes, Eilan pensava que era a única luta que importava – era aquela que os homens faziam todos os anos para proteger seus campos e nutrir as plantações que nasciam.

Podia ouvir a distância o mugido do gado que já tinha sido protegido sendo levado por entre as fogueiras sagradas; sentia o cheiro de fumaça de madeira e de carne assada e a fragrância penetrante da artemísia e da erva-de-são-jão de sua guirlanda.

— Oh, veja — disse Senara, a seu lado. — Olhe como as tochas sobem rápido.

— Que a plantação cresça tão alto quanto sobem as tochas! — respondeu Caillean.

Haviam trazido um banco para que Eilan se sentasse até que chegasse a hora do rito do Oráculo. Ela, então, se encolheu ali, grata, deixando que a conversa murmurada das outras mulheres girasse em torno dela. *Não são apenas as tochas que avançam com rapidez*, pensou, ouvindo o comentário de Senara. A menina de oito anos assustada que fora colocada sob seus cuidados havia cinco anos estava se transformando em uma moça de pernas longas, e existia uma promessa de beleza em seus traços delicados e no cabelo cor de âmbar.

Houve um último ruído vindo da colina, e então os fogos começaram a explodir enquanto rapazes pegavam tições das fogueiras e correriam colina abaixo em todas as direções para levar seu poder protetor do sol para os campos. O som dos tambores se transformou em um batimento cardíaco hipnótico, e Eilan sentiu a vibração familiar do transe que se aproximava.

*Vai começar logo*, pensou, *e então, seja qual for o resultado desta noite de trabalho, estará feito*. Pela primeira vez em anos misturara as ervas de transe mais poderosas na poção, com medo de que, sem elas, seus próprios medos pudessem impedir a Deusa de aparecer. Sabia que Ardanos também estava ansioso, embora o rosto dele não o demonstrasse. Ele é como uma imagem esculpida, pensou, uma casca dentro da qual o espírito se agita ainda mais. E ela notou o quanto ele estava precisando do apoio de seu cajado de carvalho. *Um dia, talvez logo, ele terá ido*. Houve vezes em que o odiou, mas nos últimos anos haviam chegado a um entendimento mudo. E não havia como adivinhar quem seria o sucessor dele.

Mas aquilo era um medo que poderia enfrentar quando aquela noite estivesse para trás. A procissão agora começava a se mover. Eilan permitiu que Caillean a ajudasse a se levantar e começou a subir a colina.

Os druidas cantavam; e a música deles pulsava através do ar morno.

*Contemplai, a sacerdotisa sagrada vem,  
Ervas sagradas na coroa;  
A crescente dourada na mão...*

Mesmo depois de cinco anos havia sempre aquele momento de surpresa quando Eilan sentia a primeira onda de expectativa da multidão reunida. E sempre se esquecia da náusea, e do cambalear enjoativo na consciência enquanto as drogas começavam a tomar conta dela. Lutou contra a pontada de pânico que a tomava enquanto o mundo girava em torno dela. Havia buscado aquilo; se tinha sido por fé ou covardia, não tinha certeza, mas daquela vez queria que o mundo fosse embora.

*Senhora da Vida, a Ti confio meu espírito. Mãe, sê misericordiosa com*

*todos os Teus filhos!*

Os anos de prática lhe deram controle total sobre as técnicas de foco e respiração que soltavam o espírito do corpo. E as ervas na poção auxiliavam o processo, como se sua cabeça fosse estilhaçada como uma vasilha quebrada, para que Outra pudesse fluir para dentro dela, deixando que sua própria consciência desaparecesse como uma folha que corre em um riacho.

Eilan sentiu que as sacerdotisas a sentavam na cadeira, e tinha a inquietante sensação de uma queda, embora soubesse que a estavam levantando. Seu espírito já oscilava entre a terra e o céu. De repente, houve um leve solavanco quando colocaram a cadeira sobre a fortificação, e ela estava livre.

Flutuava em uma névoa dourada, e por um tempo se sentiu bem o suficiente para apenas desfrutar da sensação de estar segura, protegida e em casa. Suspensa nessa certeza, os medos que deixara para trás pareciam transitórios, até mesmo absurdos. Mas o cordão prateado que ainda a ligava a seu corpo não a soltaria por completo, e no momento, mesmo relutantemente, a névoa havia enfraquecido o bastante para que pudesse ver e ouvir.

Olhou para baixo, para o amontoado de vestes azuis na cadeira alta, e soube que era seu corpo, na penumbra das brasas das grandes fogueiras de cada lado. Os sacerdotes e as sacerdotisas fizeram um círculo com o povo atrás deles, túnicas pálidas de um lado e escuras de outro, formando duas grandes curvas de luz e sombra. A grande massa de pessoas que viera para o festival escurecia as escarpas das colinas; pontos de luz piscavam das barracas e das tendas do acampamento que parecia ter brotado em torno dela. Mais adiante, estendia-se a colcha de retalhos de campos e florestas, com o brilho pálido das estradas atravessando as árvores. Com curiosidade, notou um redemoinho de deslocamento em uma parte da multidão, e mais longe um movimento mais regular ao longo da estrada de Deva, e a cintilância do metal sob a luz da lua que estava a postos no céu.

Os druidas invocavam a Deusa, entrelaçando todas as imagens incoerentes do povo em uma única imagem poderosa que era ao mesmo tempo tão variada quanto as pessoas que ecoassem seu chamado. Eilan viu o poder que levantavam como um rodado de luz multicolorida e sentiu pena da frágil forma humana sobre a qual ele descia. Agora, seu corpo já estava quase todo escondido. A energia ia tomando forma, e ela viu uma figura feminina, heroica em estatura e esplêndida em forma, embora os traços ainda não pudessem ser vistos.

Eilan se aproximou, imaginando qual rosto a Senhora usaria para aquele encontro. Mas, naquele momento, houve uma perturbação na multidão, e ela viu o brilho vermelho de espadas e ouviu vozes masculinas roucas de angústia gritando:

— Grande Rainha, ouça-nos! Cathubodva, nós Te chamamos! Senhora dos Corvos, vinga Teus filhos!

Ardanos, então, prontamente se virou, o rosto se contorcendo na intenção de silenciá-los, mas a intensidade da emoção daquele chamado funcionara. Um turbilhão de sombras com asas escuras flutuou em torno do círculo conforme um súbito vento gelado atizou as fogueiras; e a figura na cadeira pareceu se expandir de repente, assumindo uma postura bem ereta e jogando o véu de lado.

— Ouvi seu chamado e vim — ela disse, na língua das tribos. — Quem ousa Me chamar?

O murmúrio de medo que havia tomado o círculo morreu em um absoluto silêncio enquanto um homem mancava para o arco da luz do fogo. Eilan reconheceu Cynric, que tinha um curativo ensanguentado em torno da cabeça e a espada desembainhada na mão.

— Mãe, sou eu quem Te chama... Eu, que sempre Te servi! Senhora dos Corvos, levanta agora em ira!

A cadeira rangeu enquanto a figura sentada ali se esticou para a frente. Na luz do fogo, o rosto e o cabelo Dela eram tão vermelhos quanto a espada de Cynric. Ardanos olhou de um para o outro, arquitetando como faria para acabar com aquilo; mas a força que os ligava era forte demais, e ele não ousava.

— De fato bem Me serviu... — a voz dela arranhou o silêncio. — Cabeças cortadas e membros arrancados são suas oferendas; sangue, a libação que derrama sobre o chão. Os uivos das mulheres e os gemidos dos moribundos são sua música sagrada. Suas fogueiras rituais são alimentadas com corpos de homens... Você Me chamou, corvo vermelho. Então, agora que eu vim, o que quer de mim?

Ela deu um sorriso terrível, e, apesar de ser solstício de verão, o vento ficou subitamente gelado, como se a escuridão de Cathubodva tivesse matado o sol. As pessoas começaram a se afastar. Apenas Cynric, Ardanos e as duas sacerdotisas auxiliares ficaram onde estavam.

— Destrua os invasores; atinja os espoliadores de nossa terra! Vitória, Senhora, é o que quero e exijo!

— Vitória? — Terrivelmente, a deusa da batalha começou a rir. — Não sou eu quem concedo a vitória. Sou a noiva da batalha, a mãe devoradora; morte é a única vitória que vai encontrar em Meus braços!

Ela levantou as mãos, e as dobras de seu manto esvoaçaram como se fossem asas escuras. Dessa vez, até Cynric se encolheu.

— Mas nossa causa é justa... — a voz dele gaguejou.

— Justiça! E por acaso há alguma justiça nas guerras dos homens? Tudo o que os romanos fazem a vocês, os homens de seu sangue fizeram uns aos outros,

e também aos povos que estavam antes deles nestas terras! Seu sangue alimenta a terra tanto se morrer entre a palha quanto no campo de batalha. E isso não faz diferença para Mim!

Cynric chacoalhava a cabeça desconsertadamente.

— Mas eu lutei pelo meu povo. Ao menos me diga que nossos inimigos um dia vão sofrer...

A Deusa se inclinou para a frente, olhando para ele, e, mesmo se quisesse, Cynric não conseguia desviar o olhar.

— Eu vejo... — ela sussurrou. — Dos ombros do deus brilhante os corvos voam; eles não vão mais aconselhá-lo. Em vez disso, ele recebe uma águia... Por ora, ele deve se tornar uma águia, traído e traidor, sofrendo nos galhos de um carvalho até que se torne de novo um deus...

“Vejo a águia sendo lançada em voo por um cavalo branco que galopa vindo do outro lado do mar. Agora, a águia se junta ao dragão vermelho, e em conjunto eles lutam contra o garanhão, e o garanhão luta contra dragões do norte e leões do sul... Vejo um animal matando o outro e depois se levantando para defender a terra. O sangue de todos eles vai alimentar a terra, e o sangue de todos eles vai se misturar, até que nenhum homem possa mais saber quem é o inimigo...”

Houve um silêncio no círculo quando ela terminou, como se o povo não soubesse se devia ter esperança ou medo. De um lugar mais longe vinha o resmungar do gado e um som como o de tambores, embora os músicos estivessem imóveis.

— Diga-nos, Senhora — Cynric coaxou como se achasse difícil deixar as palavras saírem. — Diga-nos o que devemos fazer.

A Senhora se sentou novamente, e dessa vez seu riso era baixo e divertido.

— Fuja — ela disse em voz baixa. — Fuja agora, pois seus inimigos estão sobre você. — Ela levantou o véu e olhou em torno do círculo. — Todos vocês, vão embora rapidamente e em silêncio, e assim poderão viver... ainda que só por um tempo.

Algumas das pessoas começaram a se afastar das fogueiras, mas outras ficaram ali, encarando-a como se estivessem encantadas.

— Vão! — Ela fez um movimento com o braço, e uma asa de escuridão varreu o círculo. Surpreendidas em movimento, as pessoas começaram a empurrar os vizinhos, como os primeiros pedregulhos que começam a rolar em uma avalanche de pedras.

— Cynric, filho de Junius, corra! — ela gritou, subitamente. — Corra, pois as águias vêm!

Enquanto as pessoas fugiam, os tambores distantes se tornaram um trovão,

e a cavalaria romana avançou.

Gaius se deixou ser guiado pelo ímpeto do ataque, desejando que sua consciência se prendesse ao movimento do cavalo sob seu corpo e aos cavaleiros a seu lado, ao terreno inclinado, às formas de homens e mulheres correndo e ao brilho das chamas. Tentou expulsar as memórias que coloriam sua percepção, mas seguia vendo a lua cheia e as dançarinas, Cynric andando de mãos dadas com Dieda e o rosto rosado de Eilan aceso pelas fogueiras de Beltane.

Os chifres de sua sela batiam em seu traseiro à medida que a encosta ficava mais íngreme. Ele, então, apertou os joelhos e ajeitou a lança e o escudo, observando as figuras que fugiam e buscando entre elas homens armados. As ordens foram claras o suficiente; eles tinham de evitar matar a população pacífica, mas ao mesmo tempo impedir que os rebeldes fugitivos entre eles escapassem. O legado não explicara como, na confusão e na escuridão, aquilo deveria ser feito.

Ainda amaldiçoando o destino que o enviara atrás de Cynric e dos Corvos naquele entre todos os lugares, Gaius viu o brilho do metal, um rosto branco se contorcendo em medo ou fúria. Reações que ele já tinha enraizadas por conta dos dez anos de treinamento como soldado moveram seu braço sem a necessidade de decisão. Sentiu o impacto e uma batida enquanto a lança atravessou a carne e saiu livre de novo, e o rosto desapareceu.

O ataque estava desacelerando; chegaram ao topo achatado da fortificação e viram que estava quase deserto, embora pessoas saíssem por todos os lados. Uma ordem tensa a seu *optio* enviou cavaleiros balançando de volta em perseguição. Sua montaria quase empinou enquanto uma figura branca agitava os braços freneticamente, falando algo sobre solo sagrado. Gaius fez o animal galopar pelo perímetro, procurando por Cynric. Ouviu o barulho de metal do outro lado da fortificação, no centro, e foi naquela direção.

Então, de súbito, seu cavalo caiu, relinchando em terror enquanto uma asa de sombra girou em torno dele, e alguém gritou. Não foi medo o que ouviu, mas raiva. Aquele era um grito que continha todo o horror, o medo e a fúria de todas as batalhas do mundo; um guincho que transformava as entranhas em água e estremecia os ossos. E cada animal que ouviu aquilo, por um instante, ficou enlouquecido, e cada humano sentiu o espírito dentro de si balbuciar de medo. Gaius perdeu as rédeas e a lança e se agarrou à crina de seu pônei enquanto o mundo girava em torno dele. O rosto da Fúria pairava diante dele, com o cabelo brilhante mais parecendo um halo de gavinhas furiosas.

Sua montaria foi para a frente, e ele se viu entrar na luz bruxuleante do

fogo; em torno dele, homens estavam imóveis como se fosse por um feitiço. Então seu animal parou, estremecendo, e as pessoas começaram a se mover de novo, mas ainda podia ver o terror em seus olhos. Respirou fundo, percebendo que a surpresa se perdera, e olhou em torno.

Alguns dos druidas apoiavam um homem de branco que percebeu, em choque, que deveria ser Ardanos; ele parecia muito velho agora. E as sacerdotisas de vestes azuis ajudavam o que parecia um amontoado de panos a sair da cadeira no topo da fortificação. Enquanto sua fúria de batalha se esvaía, Gaius se sentiu subitamente muito cansado.

Outro cavaleiro, seu *optio*, apareceu ao seu lado.

— Eles se espalharam, senhor.

Gaius assentiu.

— Mas não podem ter ido longe. Mande os homens vasculharem a área. E podem vir se reportar a mim de novo aqui.

Rapidamente, desmontou e começou a caminhar para a frente, com o animal vindo atrás dele. Enquanto se aproximava, Ardanos se agitou, olhando para ele de modo suplicante.

— Não foi coisa minha — ele murmurou. — Eu chamei a Deusa... E de repente Cynric estava ali!

Gaius assentiu. Conhecia as políticas do arquidruída bem o suficiente para acreditar nele. Era a mulher cujo grito os paralisara que dera aos rebeldes os momentos extras de que precisavam para sumir na multidão. Continuou, então, a andar em direção ao grupo de mulheres. De algum modo não ficou surpreso quando Caillean se virou, olhando para ele desafiadoramente, mas era a mulher que estava no chão que ele desejava ver.

Deu outro passo e se viu olhando para o rosto de uma mulher: branca, inconsciente, identificável apenas nos traços mais gerais com a Fúria que aparecera para ele. E ainda assim, com uma certeza doentia, sabia que era Ela, mas ao mesmo tempo era Eilan.

Enquanto os romanos caçavam os Corvos nos dias que se seguiram à batalha na Colina das Donzelas, Gaius tinha a sensação de que se tornara duas pessoas, uma relatando sem emoção os resultados da operação ao comandante em Deva e então de volta a Londinium para repetir a história ao governador, enquanto a outra tentava reconciliar a máscara de fúria que vira naquela noite com a imagem da mulher que amava. Julia ficava em torno dele com uma diligência matrimonial, mas depois do primeiro pesadelo ambos concordaram que seria melhor se ele dormisse sozinho por um tempo.

Sua esposa não parecia se importar com a decisão. Era afetuosa como sempre, mas, durante os dois anos em que ele estivera fora, havia transferido o foco totalmente para as filhas. As meninas cresciam rápido e eram como miniaturas da mãe, embora houvesse vezes em que Gaius pensava ver um traço da determinação de Macellius nos olhos da filha mais velha. Mas, embora fossem dedicadas, ele acabou por se tornar um estranho em sua própria família. Doía um pouco ouvir o riso delas se interromper quando entrava no cômodo, e lhe ocorreu que talvez, se pudesse encontrar tempo para conhecê-las melhor, a distância entre eles desapareceria.

Mas não tinha forças para tentar reparar as coisas, ao menos não agora, quando seu coração lhe dizia que qualquer amor que restara entre ele e Eilan fora levado pelo Poder que a possuía. Às vezes, a tensão de esconder sua angústia fazia com que tivesse vontade de se derramar em lágrimas. Gaius ficou aliviado quando o comandante em Deva pediu que voltasse para que tivessem uma conversa e deu-lhe também o recado de que o pai esperava que, em vez de ficar no forte, Gaius pudesse visitá-lo na nova casa que construía na cidade. Talvez lá fosse mais fácil reconciliar o conflito que o consumia.

— Capturaram mais fugitivos da conspiração dos Corvos? — perguntou Macellius, servindo vinho para Gaius e lhe passando a taça, que era de



qualidade, mas não chamativa, assim como a sala de jantar em si e a mansão que a cercava. A casa de seu pai era uma das melhores construídas em torno do forte; uma evidência do crescente número de civis à medida que a região se assentava.

Gaius balançou a cabeça negativamente.

— Aquele camarada Cynric... Era ele o líder, não era? — disse então Macellius. — Você não o capturou em Mons Graupius?

Gaius assentiu e bebeu um longo gole de vinho avinagrado, encolhendo-se quando o movimento esticou o corte que cicatrizava em suas costas. Não havia notado que tinha se machucado antes de a luta na colina acabar, mas a ferida era mais irritante do que séria; tinha tido algumas muito piores na fronteira da Germânia. O choque de perceber que a Fúria que amaldiçoara a todos era Eilan é sua pior ferida, a mais difícil de cicatrizar. Depois de um momento, percebeu que o pai esperava uma resposta.

— Sim... mas ele acabou conseguindo escapar.

— Parece ser bom nisso — observou o pai —, como aquele bastardo Caractacus. Mas nós o pegamos no final, e enfim alguém vai trair seu Cynric também, alguém do lado dele.

Gaius se agitou desconfortavelmente com o pronome utilizado para fazer a ligação entre ele e Cynric, e esperou que o pai não se lembrasse de que Cynric era filho adotivo de Bendeigid. *Teria livrado todos de muito trabalho*, pensou, de maneira sombria, *se tivesse matado Cynric quando tive a chance*.

— Ah, bem — o velho continuou —, ninguém o culpa por não capturá-lo, e não importa para onde fugiram os sobreviventes, não é provável que os encontremos aqui...

Olhou em torno com o que Gaius pôde identificar apenas como um suspiro arrogante.

— Sim, é improvável — concordou o filho. — Está de fato confortável aqui?

Depois de se aposentar do exército, Macellius construíra sua mansão, e quase imediatamente fora eleito decurião e logo se tornava um pilar da comunidade.

— Ah, sim, é um bom lugar. Assentou bastante nos últimos anos, e a cidade está crescendo. O anfiteatro é uma atração, é claro. Eu sinto que há mais lojas a cada dia, e acabei de doar um bom dinheiro para pagar o novo templo.

— Uma miniatura de Roma, na verdade — disse Gaius, sorrindo. — Só precisa de um coliseu para os jogos.

— Que os deuses me livrem. — Macellius levantou uma das mãos, rindo. — Sem dúvida teria que pagar por eles também. Esse negócio de ser dirigente em uma cidade é algo superestimado. Mal ousa abrir a porta por temer receber a

honra de contribuir com algo novo!

Mas apesar das lamentações ele ria, observou Gaius, e pensou que jamais vira o pai tão contente.

— Mas há um dinheiro que vou gastar com verdadeiro prazer — disse Macellius —, e é o que será utilizado para enviá-lo a Roma. Está na hora, você sabe. Vai conseguir uma boa recomendação do governador depois desse último serviço, e não pode subir muito mais com o tipo de apoio que seu sogro e eu podemos lhe dar. Licinius disse algo a respeito?

— Ele mencionou — disse Gaius, cautelosamente. — Mas não posso ir até que todos estejam convencidos de que as coisas aqui ficarão calmas.

— Não posso evitar desejar que Vespasiano tivesse vivido mais. — Macellius fechou o cenho. — Era uma velha raposa sovina, mas sabia escolher bons homens. Essa cria dele, Domiciano, parece determinado a governar como um déspota oriental. Eu ouvi dizer que ele expulsou os filósofos. Agora, eu lhe pergunto, que mal podia fazer um grupo de velhos chatos cheios de prosa?

Gaius, lembrando-se de seu próprio desespero quando seu velho tutor fizera uma ladainha sobre Platão, sentiu uma empatia furtiva pelo imperador.

— De qualquer modo, ele é o homem que terá de impressionar se quiser um bom posto, e, embora eu vá sentir sua falta, uma procuradoria em algum lugar das províncias mais antigas é o próximo passo lógico em sua carreira.

— Sentirei sua falta também — disse Gaius, em voz baixa. E era verdade, mas então percebeu que não sentiria falta particularmente de Licinius, nem mesmo de Julia e das meninas. Na verdade, ficaria feliz em sair da Bretanha por um tempo, para algum lugar onde nada o fizesse lembrar Cynric ou Eilan.

Gaius finalmente partiu para Roma nos idos de agosto, acompanhado por um escravo grego chamado Philo, um presente de Licinius, que jurou que ele sabia drapear uma toga decentemente e fazer com que o mestre saísse a cada manhã parecendo um grande cavaleiro. Em seu alforje estava o relatório anual para o procurador sobre a economia da província, o que dava a Gaius o status de mensageiro oficial e o direito de usar as acomodações dos correios militares.

O tempo estava bom naqueles dias, mas mesmo assim parecia uma jornada cansativa. Quanto mais ao sul viajavam, mais seca a terra ficava – para os olhos nortistas de Gaius, um deserto, embora os oficiais nas casas dos correios rissem quando ele dizia isso e contassem histórias sobre o Egito e a Palestina, onde as areias do deserto esfregavam monumentos mais antigos que Roma. Ele se flagrou desejando que, como César, pudesse passar o tempo escrevendo suas memórias, mas, mesmo se esperasse quarenta anos para fazê-lo, duvidava que

alguém ficaria interessado em lê-las.

Até a conversa de Julia seria bem-vinda agora, embora ela não tivesse nenhum assunto que não envolvesse as crianças. Bem, mas, no fim das contas, as crianças foram o motivo pelo qual eu me casei com ela, recordou a si mesmo; a família e a posição social. Até agora, tudo havia saído mais ou menos como o planejado. Havia apenas o fato de que, enquanto atravessava as incontáveis milhas de propriedades cuidadas por escravos na Gália, Gaius se pegava questionando se essa busca de patente e posição realmente valia a pena. E então, sem ter tempo para maiores questionamentos, chegavam à estalagem ou à mansão seguinte de um dos amigos de Licinius. Nos braços de qualquer escrava bonita que enviassem para aquecer sua cama, podia esquecer tanto de Julia quanto de Eilan, e pela manhã diria a si mesmo que seu desconforto era causado apenas pela voz de seu cansaço ou talvez por uma ansiedade natural sobre o que faria em Roma.

Assim que chegou a Roma, começou a chover pesada e continuamente, como se para compensar o tempo perdido. O parente de Licinius com quem Gaius se hospedara era um bom anfitrião, mas logo o hóspede se cansou das brincadeiras sobre ter trazido o clima britânico com ele. E isso nem era verdade, pois na Britânia a chuva vinha acompanhada de frio, mas Roma, mesmo assolada por uma umidade penetrante e pestilenta, continuava quente. Para sempre depois, as memórias de Gaius daquele tempo seriam ligadas ao cheiro alcalino de reboco úmido e o fedor de lã molhada.

Roma era lama e céus nebulosos; o cheiro rançoso do Tibre e as fogueiras para cozinhar com temperos exóticos de uma centena de diferentes nacionalidades. Roma era mármore branco e folheados a ouro e perfumes embriagantes; o soar de trombetas, os gritos das mulheres do mercado e o zumbido eterno e subauricular de mais pessoas, falando mais línguas que Gaius imaginava que existissem, amontoadas nas sete colinas, cujos contornos tinham desaparecido havia muito tempo sob essa crosta de humanidade. Roma era definitivamente o coração pulsante do mundo.

— E esta é sua primeira visita a Roma? — A senhora com quem Gaius falava lhe exibia um sorriso que tilintava como os braceletes de prata que usava. Mulheres com cabelos finamente encaracolados e homens com drapeados elegantes se aglomeravam no átrio do primo de Licinius, que dava a festa, e a conversa zumbia como abelhas em um jardim.

— Então, o que acha da Senhora das Nações, diadema do império?

As pálpebras pintadas da mulher desceram de um modo faceiro. Aquela era

outra pergunta que Gaius ouvia com tanta frequência que fora obrigado a memorizar uma resposta.

— Acho que o esplendor da cidade é muito eclipsado pela beleza que a adorna — respondeu, galantemente. Teria usado as palavras “grandeza” e “poder” se estivesse falando com um homem.

Aquilo lhe granjeou outra explosão de tilintar; e então seu anfitrião o resgatou e o levou ao peristilo, onde homens vestidos com togas estavam agrupados como imagens em uma peça de estatuaría. Gaius se juntou a eles com algum alívio. Mesmo entre os homens havia perigos, mas ao menos ele os entendia. As mulheres romanas causavam nele um pouco da mesma paralisia que sentiu quando encontrou Julia pela primeira vez.

No entanto, sua esposa era simples em comparação com as mulheres que encontrava agora. Uma ou duas o convidaram para a cama, mas um sentido vívido de autopreservação o havia mantido livre de tais armadilhas. Roma atraía o melhor de tudo, e, se precisasse de uma mulher, havia cortesãs que não pediriam nada a ele além de dinheiro e cujas artes podiam aliviar sua ansiedade, ao menos por um curto período.

Mover-se na sociedade romana era como liderar um ataque de cavalaria em terreno congelado – revigorante enquanto durava, mas nunca se sabia que trecho traiçoeiro o derrubaria. Gaius se perguntava se Julia poderia manter sua postura na companhia daquelas mulheres. Quanto a Eilan – imaginá-la ali era como pensar em um antílope selvagem ou um gato-montês entre uma manada de éguas de corrida de raça; ambos eram lindos, mas criaturas de tipos totalmente diferentes.

— Soube que serviu sob Agricola na Caledônia...

Gaius piscou, percebendo que um dos homens mais velhos falava com ele. Viu o brilho de uma listra púrpura larga em sua túnica e se endireitou como se estivesse em frente a um oficial superior, vasculhando o cérebro para se lembrar do nome do homem. A maioria dos amigos de seu anfitrião eram da ordem equestre; tinha feito um bom trabalho em trazer um senador para cá.

— Sim, senhor, tive a honra. Esperava poder visitá-lo aqui em Roma.

— Creio que no momento ele reside nas propriedades da família na Gália — disse o senador, de modo neutro. Marcellus Clodius Malleus, aquele era seu nome.

— É difícil imaginá-lo descansando — Gaius sorriu. — Pensei que ele estaria colocando o temor aos deuses nos inimigos de Roma em alguma das fronteiras ou levando a Pax Romana a uma das províncias.

— De fato, é natural que se pense assim. — Os modos do senador ficaram visivelmente mais amigáveis. — Mas seria mais sábio se não dissesse isso até

que tenha certeza absoluta de quem é a pessoa em sua companhia...

Gaius ficou imóvel, pensando mais uma vez em solo congelado, mas Malleus continuou a sorrir.

— Há muitas pessoas aqui em Roma que apreciam as qualidades de Agricola, qualidades que parecem mais admiráveis a cada vez que sabemos de alguma campanha malgovernada por um de nossos outros generais.

— Então por que o imperador não o mobiliza?

— Por que a vitória para as armas romanas é secundária para manter o imperador no poder. Quanto mais o povo clama para que Agricola seja enviado como general, mais nosso “senhor e deus” suspeita dele. Em mais um ano ele deverá receber uma grande nomeação popular, mas, do jeito que as coisas estão agora, seus amigos precisam aconselhá-lo a não aceitar.

— Percebo o problema — disse Gaius, pensativo. — Agricola é escrupuloso demais para falhar deliberadamente, mas, se for bem, o imperador se sentirá ameaçado por seu sucesso. Bem, de todo modo, ele será lembrado com honra na Britânia, não importa o que aconteça em Roma.

— Tacitus ficaria feliz em ouvi-lo dizer isso — respondeu Malleus.

— Ah, você o conhece? Servi com ele na Caledônia.

Depois disso, a conversa rumou para uma discussão geral da campanha no norte, a qual o senador provou ter acompanhado com atenção. Apenas quando os convidados foram levados para o jardim, para uma apresentação de dançarinas da Bitínia, é que migraram para assuntos pessoais.

— Vou dar um pequeno jantar daqui a três semanas. — Malleus pousou uma mão amigável no braço de Gaius. — Nada elaborado, apenas alguns homens que creio que vá gostar de conhecer. Você me daria a honra de comparecer? Cornelius Tacitus prometeu que estará lá.

Daquele dia em diante, Gaius teve a impressão de que a rodada superficial de festas e entretenimento que começara a exasperá-lo havia tomado uma nova dimensão. Sentia que ao menos estava atravessando o véu com o qual a sociedade romana se protegia de estranhos, e se era apenas um segmento daquela sociedade – e talvez um perigoso – ainda assim era preferível a morrer de tédio.

Poucos dias depois, o primo de Licinius, cujo agnome era Corax, levou Gaius com ele aos jogos no novo Coliseu que Domiciano estava construindo no lugar onde o palácio exagerado de Nero um dia estivera.

— Há certa pertinência na localização — observou Corax, enquanto tomavam seus assentos na seção reservada aos equestres —, já que o próprio Nero promoveu jogos como Roma jamais vira, especialmente quando tentava

convencer a todos de que aquela estranha seita judaica... você sabe, os cristãos... haviam causado o grande incêndio.

— E causaram? — perguntou Gaius, olhando a seu redor.

Os dois haviam chegado em um intervalo de lutas, e os escravos substituíam a areia manchada de sangue.

— Não é preciso de uma sabotagem deliberada para começar um incêndio nesta cidade, meu rapaz — seu anfitrião respondeu, ironicamente. — Por que acha que cada distrito tem uma ronda contra incêndios com as quais contribuímos de tão bom grado? Mas esse, entretanto, foi especialmente ruim, e o imperador precisava de um bode expiatório para rebater os rumores de que ele mesmo havia iniciado o incêndio!

Gaius se virou para olhá-lo.

— Novos prédios, rapaz, novos prédios! — explicou Corax. — Nero pensava em si mesmo como um arquiteto, e os donos das propriedades onde o fogo começou não queriam vendê-las. O incêndio saiu de controle, e o imperador precisava de alguém em quem colocar a culpa. Os jogos foram realmente horríveis – nenhuma habilidade envolvida –, apenas um grupo de pobres almas que morreram mais como ovelhas do que homens.

De súbito, Gaius sentiu uma enorme felicidade por, no fim das contas, não ter capturado Cynric. Um lutador daqueles certamente seria enviado para aquele lugar, e ele não merecia isso, embora sem dúvida não fosse se comportar como uma ovelha, e sim como um lobo ou urso.

Soaram trombetas, e um estremecimento de expectativa correu pela vasta multidão. Gaius sentiu o próprio batimento cardíaco acelerar e se lembrou estranhamente do momento que precedia uma batalha; aquela era a única vez em que estivera em uma situação como essa, junto de milhares de pessoas, todas reunindo coragem para ver o sangue jorrar. A diferença era que na guerra ambos os lados corriam o mesmo risco. E era o sangue de outros homens que esses romanos ofereciam, não o próprio.

Tinha visto lutas de ursos em casa, é claro, como entretenimento para as legiões. Havia certamente uma fascinação na combinação de animais selvagens importados para os jogos. Um leão e uma girafa, por exemplo, ou um javali e uma pantera. Corax lhe contou que em uma ocasião uma javali prenha estava lutando e de fato pariu um filhote durante seus estertores de morte. Mas o foco real da tarde estava no mais perigoso de todos os animais – o homem.

— Agora imagino que vamos ver alguma habilidade — disse Corax, enquanto as lutas simuladas terminavam e o primeiro dos gladiadores, com pele e armadura igualmente besuntadas de óleo e brilhantes, andava pela areia. — É esse tipo de coisa que faz com que valha a pena ver os jogos. Aquelas lutas em

que jogam ali prisioneiros de guerra ou criminosos sem treino, até mulheres e crianças, são apenas um massacre estúpido. Aqui, por exemplo, temos um samnita e um reciário. — Ele indicou o primeiro gladiador, que usava grevas e um capacete com visor coroadado com um tufo de penas e estava armado com uma espada curta e um grande escudo retangular, e seu oponente mais ágil, brandindo seu tridente e sua rede.

Gaius, treinado para julgar lutadores, percebeu que acabou por se envolver com o espetáculo, levado por seu interesse profissional. Em torno dele, apostas eram feitas a todo vapor. Corax seguiu comentando, e só quando o lutador samnita estava no chão com o tridente do homem da rede na garganta que percebeu que o homem fazendo sinal com o polegar para baixo do camarote com drapeados púrpura era o imperador.

O tridente foi fincado até o fim e o samnita convulsionou, ficando imóvel logo depois; o sangue brilhante manchando a areia. Gaius se recostou, lambendo os lábios secos, a garganta ferida por causa da torcida. Deveria ter estado realmente atento para não ter escutado as trombetas anunciando a entrada do imperador. Daquela distância, podia ver apenas um homem em uma túnica púrpura, enrolado em um manto que brilhava com ouro.

Mais tarde naquela noite, enquanto o massagista de Corax o esmurrava após sua imersão na banheira, Gaius percebeu que todo o seu corpo era uma massa de músculos doloridos, que se retesaram uns contra os outros enquanto ele assistia aos jogos. Na hora, não havia percebido.

Mas também teve uma grande sensação de alívio. Ir ao Coliseu era realmente como estar em batalha, como aquele momento em que toda a existência é simplificada em uma simples luta, e você é levado além de si e se torna um todo maior. Por um momento, teve a impressão de que entendia por que os romanos amavam seus jogos com tanta paixão. Por mais perversos e inúteis que parecessem, eram movidos pela mesma força que permitira às legiões conquistar metade do mundo.

A noite da festa de Malleus estava fria e ventosa, mas as ruas apresentavam-se sufocadas como de costume por vendedores de comida e barbeiros, homens oferecendo potes e todo tipo de mercador de rua, esperando por mais uma venda antes que a escuridão os forçasse a voltar para casa. Enquanto os carregadores da liteira de Gaius forçavam o caminho em direção ao Aventino, ocorreu-lhe que já estava se acostumando ao barulho da cidade, assim como ao retinir das rodas de carroças cobertas de ferro nos paralelepípedos que tornava a noite quase tão rumorosa quanto o dia.

Mas, quando viraram na avenida principal, ouviu um novo barulho. A liteira parou, e ele enfiou a cabeça entre as cortinas para ver. Uma procissão religiosa passava pela rua; vislumbrou sacerdotes de cabeças raspadas vestindo túnicas brancas e mulheres usando véus. As mulheres choravam, e tinham seus lamentos acompanhados pelo sibilar de sistros e pelo barulho grave de um tambor.

Apesar do calor de sua toga, Gaius se viu estremecendo, pois o lamento tocou algo que perturbava profundamente sua persona urbana e até mesmo a autoridade calma do homem que era em casa.

Mesmo sem entender o motivo, sentiu aquela angústia como se fosse sua. Era como o lamento no mitreu, quando o touro era morto. Outro grupo de sacerdotes passou, e então mais mulheres; seu caminhar deslizante lembrando-o das sacerdotisas de casa, e então veio uma liteira na qual podia ver uma estátua de uma vaca dourada coberta com um véu negro. Por mais uns instantes, o som dos tambores ressoou em seus ouvidos; e então a procissão passou.

Quando Gaius finalmente chegou a seu destino, o jantar se mostrou uma reunião do tipo que passara a sentir que representava o melhor da sociedade romana. A comida era simples, mas bem preparada, a companhia, urbana e bem informada. Gaius sentiu-se superado, mas aqueles eram homens com os quais podia aprender.

O tópico que fora proposto era *pietas*, e o vinho fora misturado meio a meio com água, para que todos ficassem focados o suficiente para discuti-lo com seriedade.

— Imagino que uma questão seja se há mais do que uma religião verdadeira — disse Gaius, quando chegou sua vez de falar. — É claro que cada povo tem sua fé e deveria ter permissão para mantê-la, mas aqui em Roma vocês parecem adorar mais deuses do que jamais soube que existiam. Hoje mesmo, por exemplo, vi um tipo de procissão que parecia ser oriental, mas os que seguiam nela pareciam romanos.

— Deve ter sido a Isia — observou Herennius Senecio, um dos convidados mais importantes. — Os seguidores de Ísis celebram sua procura pelo corpo desmembrado de Osíris nessa época do ano. Quando ela reuniu todos os pedaços, reanima o corpo e concebe o filho do Sol Hórus.

— As tribos britânicas também têm um festival nessa época? — perguntou Tacitus. — Eu creio que me lembro de procissões pelo interior com máscaras e ossos...

— Sim, é verdade — respondeu Gaius. — Em Samaine, a égua branca sai com seus seguidores e o povo convida as almas de seus ancestrais para reencarnarem no útero das mulheres da tribo.

— Talvez esta seja a reposta, então — disse Malleus. — Embora tenhamos



todos nomes diferentes para os deuses, eles são todos o mesmo em essência, e então a adoração de qualquer um deles é piedade.

— Por exemplo, o deus a quem chamamos de Júpiter é conhecido por seu carvalho e seu raio — disse Tacitus. — Mas os germanos o adoram como Donar, e os britânicos, como Tanarus ou Taranis.

Gaius não tinha tanta certeza se aquilo estava certo. Era difícil imaginar qualquer deidade celta sendo adorada em um grande templo como o que era dedicado a Júpiter no Fórum. Em uma festa, encontrou uma mulher que disseram ser uma vestal, e ele a observara com curiosidade, mas, embora a mulher fosse marcada por certa dignidade e sem dúvida mais decoro do que a maioria das romanas que vira, ela não tinha nada da nobreza associada às mulheres da Casa da Floresta. Curiosamente, era mais fácil relacionar a egípcia Ísis, cuja procissão acabara de ver, com a Grande Deusa a quem Eilan servia.

— Acho que nosso amigo britânico apontou um problema real — afirmou Malleus. — Certamente é a razão pela qual nossos pais lutaram tanto para impedir que cultos estrangeiros como os de Cibele e de Dionísio criassem raízes em Roma. Até o templo de Ísis foi queimado.

— Se incluímos todos os povos do mundo em nosso império — rebateu Tacitus —, então temos também de incluir seus deuses. Jamais negaria isso, pois acho que há mais honra, mais pureza de moral e mais piedade em qualquer chefe germano do que na maioria das mansões de Roma. Não vejo problemas nisso, desde que os rituais que preservam o Estado recebam prioridade.

— Isso parece ser o que o Augusto Deificado tinha em mente quando permitiu que seu culto se espalhasse pelo império — respondeu Malleus.

Então, houve um curto silêncio.

— *Dominus et Deus...* — alguém disse baixo, e Gaius se lembrou de ouvir que era assim que o imperador gostava de ser tratado naqueles dias.

— Ele está indo longe demais! Vamos voltar aos dias em que Calígula andava com seu cavalo favorito para que todos o adorassem?

Gaius olhou em torno e percebeu, com alguma surpresa, que o homem que falara era Flavius Clemens, uma espécie de primo do imperador.

— *Pietas* é a essência da reverência e da obrigação entre homens e deuses, não adulação de um mortal! — exclamou Senecio. — Até mesmo Augusto insistia que a palavra “Roma” fosse combinada com seu nome. Não adoramos o homem, mas seu gênio, o deus dentro dele. Acreditar que um mero humano tem a sabedoria e o poder de governar um império como um deus, isso sim seria de fato impiedade.

— Bem, nas províncias o culto funciona como uma força pela unidade — observou Gaius, vivamente, no silêncio ainda mais desconfortável que se seguiu.

— Quando ninguém sabe como o imperador é pessoalmente, tudo o que podem fazer é adorar a ideia de um Governante Divino. Seja qual for a religião pessoal deles, todos podem se reunir para queimar incenso ao imperador.

— Todos, menos os cristãos — alguém observou, e, com a exceção de Flavius Clemens, todos riram.

— Bem, não há necessidade de persegui-los e criar ainda mais mártires — observou Tacitus. — Eles têm apelo entre a maior parte dos escravos e das mulheres. E têm tantas facções que podemos contar. Se os deixamos em paz, logo eles mesmos se destroem uns aos outros!

Doces e queijos então foram servidos, e a conversa tomou outro rumo. Aqueles eram todos homens civilizados, afinal de contas, e era pouco provável que fossem dominados pelo entusiasmo religioso. Mas Gaius não podia deixar de pensar se piedade, dever e obrigações mútuas eram o suficiente para nutrir a alma humana. Talvez as pessoas fossem atraídas a cultos como o de Ísis ou o do Christos pela aridez da religião do Estado, ou talvez os rituais sangrentos do Coliseu tivessem se transformado na verdadeira religião de Roma.

Outra coisa que começava a perceber era que entre os homens pensantes da cidade — os homens cuja companhia começava a valorizar cada vez mais — havia uma oposição crescente ao imperador. Aquelas conexões não lhe trariam o apoio de que precisava para avançar em sua carreira. Se chegasse a uma escolha entre ambição e honra, por qual optaria?

Pouco depois da chegada de Gaius, os homens libertos que se ocupavam da equipe do procurador imperial foram trabalhar para sintetizar o conteúdo do relatório que o sogro enviara com o genro e analisar suas implicações para o imperador. Ainda assim, os senadores mantinham autoridade suficiente para que aquela informação tivesse de ser levada a eles, e Gaius descobriu que a influência de seus novos amigos era o bastante para que recebesse um convite para falar ao Senado e, posteriormente, conseguir um encontro com o imperador.

Na manhã em que iria se apresentar, Gaius se barbeou com cuidado especial — embora às vezes achasse que os barbados Ardanos e Bendeigid fossem menos bárbaros do que ele próprio, mas não acreditava que poderia explicar aquilo para os dirigentes com quem se reuniria.

Era muito cedo quando ele chegou ao Senado e recebeu um assento debaixo da estátua de Augusto Deificado, que estava em seu pedestal parecendo frio e zangado, exatamente como Gaius se sentia. Os senadores entraram sozinhos ou em pares, falando baixo, seguidos dos secretários com suas pilhas de tábuas enceradas, prontas para registrar os debates e as decisões do dia. *Aqui*, refletiu

Gaius, *é onde os senhores do mundo decidem o destino das nações*. Naquele chão de mármore haviam debatido a defesa contra Aníbal e a invasão da Britânia. O rio do tempo fluía com força naqueles aposentos; e, em comparação, até mesmo o orgulho dos césaes era apenas uma ondulação na corrente.

Assim que as invocações de abertura estavam começando, o imperador chegou, tão resplandecente em uma toga púrpura coberta por estrelas douradas que chegou a fazer com que Gaius piscasse. Havia ouvido sobre a toga picta, mas pensara que era usada apenas por um general presidindo seu triunfo. Era um tanto perturbador vê-la sendo usada ali, e ele se perguntou se Domiciano queria ser visto como um conquistador ou se apenas gostava de todo aquele refinamento. Era a primeira vez que Gaius via seu imperador de tão perto. O filho mais jovem do grande Vespasiano tinha o pescoço grosso e os ombros musculosos de um soldado, mas Gaius identificou certa petulância na torção de sua boca e suspeita em seus olhos.

Estava quase na hora do recesso do meio-dia quando pediram a Gaius para se aproximar e ler o relatório de Licinius sobre as finanças da Britânia. Houve algumas questões, a maioria sobre recursos, e uma de Clodius Malleus que permitiu a Gaius mencionar a parte que tivera no controle da última rebelião. Apesar de algumas aulas recentes de oratória, ele sentiu que seu discurso entediara, mas, quando terminou, recebeu a salva de palmas obrigatória, e – como Licinius havia previsto – confirmaram que, para o ano seguinte, um percentual razoável de dinheiro dos impostos que haviam recolhido poderia ser retido na Bretanha. Já que aquele era o principal motivo pelo qual Licinius o enviara até ali, Gaius não ficou surpreso.

O encontro com Domiciano depois foi breve. A caminho de outro compromisso, o imperador já estava removendo a bela toga, mas parou por tempo suficiente para dar a Gaius uma palavra de agradecimento.

— Esteve no exército? — perguntou.

— Como tribuno na Segunda Legião. Tive o privilégio de servi-lo na Dácia — respondeu Gaius, cuidadosamente.

— Hum... Bem, imagino que precisamos encontrar algo para você fazer nas províncias, então — disse o imperador sem muito interesse, virando-se.

— *Dominus et Deus* — disse Gaius, em uma saudação, e se odiou por ter dito aquelas palavras.

No caminho de volta para casa, dividiu uma liteira com Clodius Malleus. Era a primeira vez que podiam conversar com privacidade em todo o dia.

— E o que achou do Senado? — o homem perguntou.

— Fez com que eu sentisse orgulho de ser um romano — Gaius respondeu sinceramente.

— E do imperador?

Gaius ficou em silêncio. Depois de um momento, ouviu o senador suspirar.

— Viu como as coisas são — disse Malleus, em voz baixa. — O apoio que posso oferecer precisa ser dado cuidadosamente, ao menos por enquanto. Mas, se está disposto a enfrentar os riscos que esta ligação pode lhe trazer, junto com as recompensas em potencial, ficaria feliz em aceitá-lo entre meus clientes. Posso arranjar para que sirva como procurador de suprimentos do exército na Britânia. Normalmente, eu o colocaria em outro lugar do império, mas acho que seria mais útil para nós na terra que conhece melhor.

Aquele “nós” coletivo acendeu novamente em Gaius a chama que havia sido apagada pelo imperador momentos antes. A Roma que seu pai e Licinius lhe ensinaram a honrar poderia estar morta, mas Gaius tinha a impressão de que sob a liderança de homens como Malleus e Agricola, o espírito de Roma poderia reviver.

— Ficaria honrado — ele disse, rompendo o silêncio, e soube que, como a decisão que fizera depois de Mons Graupius, aquela escolha determinaria o curso de sua vida a partir daquele momento.

As sacerdotisas faziam suas adorações durante a lua nova no Bosque Sagrado atrás da Casa da Floresta, seguindo um ritual que os homens não haviam inventado nem tinham permissão para assistir. Caillean observava enquanto as noviças entravam para completar o círculo, sentindo-se um tanto como uma galinha choca contando os pintinhos, ou, talvez, observando o brilho pálido de seus vestidos na penumbra, filhotes a ponto de se transformarem em cisnes.

Quando o círculo foi completado, fez-se silêncio por um momento. Ela se posicionou no lugar que normalmente ocupava diante do moledro que servia como altar, com Dieda à sua esquerda e Miellyn à sua direita. Mas, naquela noite, Eilan estava com cólicas, e o lugar da grã-sacerdotisa ficaria com Caillean. Era estranho estar de pé ali, e estranho não sentir a conhecida energia da jovem equilibrando a sua.

Dieda levantou a mão, e o silêncio foi quebrado por um tremeluzir de sinos de prata.

— *Salve, ó lua nova, joia guia de gentileza* — cantavam as moças, quase uma dúzia completa, todas acolhidas na Casa da Floresta desde que Eilan se tornara grã-sacerdotisa. As que chegaram mais recentemente foram atraídas pela música de Dieda. O velho Ardanos fizera melhor do que imaginava quando maquinou para colocar suas duas parentes em Vernemeton. Caillean ouviu aquelas vozes puras oferecendo seus louvores ao céu e suspirou de puro contentamento.

*Por ti me ajoelho,  
A ti ofereço meu amor;  
Por ti me ajoelho,  
A ti ofereço minha mão;  
A ti levanto os olhos  
Ó lua nova das estações!*

A cada frase, curvavam-se e depois se esticavam para o céu em súplica, olhos fixos na foice de prata acima, de modo que o canto se tornava uma dança. Agora começavam a se mover lentamente em sentido horário, braços estendidos para o céu.

*Salve, ó lua nova,  
Virgem radiante de meu amor!  
Salve, ó lua nova,  
Virgem radiante das graças!  
Tu caminhas em teu curso  
E nos mostra teu rosto luminoso,  
Ó lua nova das estações!*

Caillean deixou que os olhos perdessem o foco e que o ritmo do canto aprofundasse ainda mais seu transe. Tornava-se mais fácil a cada vez. Houve um período infértil em sua vida quando nada parecia mais ter sentido. Mas, graças à Deusa, aquilo parecia ter acabado. Com o fim dos ciclos de sangue, as comportas de seu espírito se abriram, e a cada estação sentia as marés de poder de forma mais intensa.

*E é por sua causa*, Eilan, pensou, enviando sua consciência para voar em direção ao volume escuro da Casa da Floresta além das árvores. *Pode ouvir a doçura do canto de nossas filhas agora?*

Inconscientemente, seus braços se abriram; as moças que circulavam o altar pareciam se mover em uma névoa de luz.

*Tu, rainha virgem da orientação,  
Tu, rainha virgem da boa fortuna,  
Tu, rainha virgem, minha amada lua nova das estações!*

Uma vez mais os sinos estremeceram e os cantos se desvaneceram em silêncio; mas, dessa vez, pairava um silêncio carregado, grávido de poder. Caillean estendeu os braços e sentiu o choque da conclusão quando as outras duas apertaram suas mãos; uma segunda oscilação lhe disse que as moças haviam dado as mãos em círculo em torno delas.

— Saibam, minhas irmãs, que o poder da lua é o Poder das mulheres, a luz que brilha no escuro, as marés que regem os planos interiores. A lua donzela governa todo o crescimento e todos os começos, de modo que tomamos seu poder para os propósitos para os quais nossa ajuda foi requisitada. Irmãs, estão dispostas a conferir sua energia aos trabalhos que fazemos agora?

Houve um murmúrio de consentimento do círculo, e Caillean firmou os pés com mais firmeza na grama fria.

— Invocamos a Deusa, a Senhora da Vida, cujas vestes são os céus estrelados. Ela é a noiva virgem, a mãe de tudo o que vive, a sabedoria além dos círculos do mundo. Ela é todas as deusas; e todas as deusas são uma Deusa; em todas as Suas fases, em todas as nossas faces, como Ela brilha no céu, brilha dentro de todas nós!

Era como se tentasse respirar contra o vento.

— Deusa, nos ouça! — gritou.

— Deusa, esteja perto de nós — as outras a ecoaram.

— Deusa, nos ouça agora!

A tensão era quase insuportável; podia senti-la palpitando nas mãos apertadas contra as suas.

— Pela cura de Bethoc, mãe de Ambigatos, invocamos este poder!

Ouviu Dieda entoar a primeira nota do acorde de cura e um quarto do círculo se juntar a ela, o som baixo e palpitante como uma corda de harpa, porém mais profundo, doce, alto, contínuo. Então se seguiu a segunda nota; agora, metade do círculo cantava; e então veio a terceira, e o acorde se ergueu e se completou em uma nota aguda da qual a voz de Dieda se soltou em um descante límpido como uma cotovia voando pelo céu. Era um princípio usado pelos harpistas de Eriu em sua mágica, mas fora ideia de Eilan aplicá-la ao canto, e foi Dieda quem desenvolveu a técnica e ensinou às moças. Estar em meio àquele canto era como estar dentro de uma harpa. E gradualmente, conforme suas vozes se misturavam, Caillean começou a tocar o espírito das outras também.

*Estou pairando com asas de luz .* Caillean não saberia dizer de quem havia sido aquele pensamento, e isso nem tinha importância, pois naquele momento, quando estavam todas ligadas, sentia a mesma coisa.

*Vejo arco-íris em torno da lua... sob a luz do sol... na cascata... o mundo inteiro brilha...*

*Água fresca... o calor do fogo... a maciez da penugem de um patinho... os braços de minha mãe...*

Naquela mistura de sons, todos os sentidos se confundiam. Apenas a mente de Dieda permanecia distinta das outras – crítica, e ainda insatisfeita.

*Respire agora e prenda... Tanais está vacilante. Espere, espere – Rhian deveria entrar agora com a quinta nota – assim está melhor. Agora vamos subir, seguir a escala – fiquem comigo, todas vocês –, mantenham a harmonia!*

As últimas irregularidades desapareceram. As vozes das mulheres se moviam para cima, unidas, para se tornarem a voz da Deusa. Por um tempo, até o monólogo interno de Dieda cessara. Caillean sentiu um pouco da tensão da

outra sacerdotisa relaxar enquanto o acorde vibrava com intensidade inumana. E embora Caillean fosse autodidata, e não tivesse palavras para descrever o *apuro* do que ouvira, sabia o suficiente sobre canto para apreender o êxtase de um músico treinado experimentando harmonia perfeita.

Precisou de esforço para se recompor e alcançar a energia que pulsava em torno dela para reuni-la dentro de si, segurando na mente a imagem da mulher doente pela qual trabalhavam. Ela podia vê-la agora, uma névoa de poder que ficava mais brilhante a cada vez que respirava.

Caillean puxou o Poder para dentro, projetando nele a imagem até que todas pudessem vê-la, cintilando sobre a pilha de pedras. O som foi aumentando até que teve a sensação de que não conseguia mais aguentá-lo. Seus braços se levantavam – todos os braços se levantavam espontaneamente enquanto o Poder aflorava para cima em um pilar de luz, uma onda de som puro para enviar forças à mulher doente. E, então, acabou. Elas se recostaram, arfando como se tivessem corrido, sabendo que tinham conseguido.

Levantaram o Poder mais duas vezes naquela noite para a cura, e uma última vez, gentilmente, para repor a energia que haviam perdido. Quando tudo acabou, podia-se perceber um tanto de calma que havia retornado até mesmo aos olhos de Dieda. E então, com um murmúrio final de agradecimento, voltaram para a Casa da Floresta para comer e dormir. Mas Caillean, cansada como estava, foi ao prédio separado onde a grã-sacerdotisa tinha seus aposentos para dizer a Eilan como tudo se passara.

— Não precisa me contar — afirmou Eilan, quando Caillean entrou em seu quarto. — Até mesmo daqui podia ouvi-las e sentir o Poder.

A sacerdotisa mais velha parecia acesa por dentro.

— É verdade, Eilan. Este é o trabalho a que fomos destinadas! Quando era uma criança servindo Lhiannon, isso era o tipo de coisa com a qual sonhava, mas então os druidas nos engaiolaram aqui, e a visão se perdeu. Com todo o meu conhecimento, não sabia como encontrá-lo de novo, até que você me mostrou o caminho...

— Você o teria encontrado — Eilan se ergueu na cama e forçou um sorriso. Ainda se sentia abatida e dolorida, como acontecia com frequência naquela época da lua. Cada vez mais se convencia de que Caillean tinha sido uma das maiores feiticeiras em eras passadas. Tanto que o que faziam agora na Casa da Floresta vinha em jorros de certeza, como se não estivessem inventando, mas recordando. Imaginava que ela mesma também tinha sido uma sacerdotisa, mas, enquanto tinha visão, havia vezes em que Caillean era capaz de invocar um



poder espantoso.

— Sempre penso que deveria ter sido escolhida grã-sacerdotisa em vez de mim.

Caillean lhe lançou um olhar rápido.

— Houve um dia em que teria pensado isso também — ela disse. — Não quero isso agora.

— Mulher sensata! Mas, mesmo assim, se precisasse, você poderia fazê-lo.

*Havia mais fios prateados agora no cabelo escuro de Caillean*, pensou Eilan, *mas de resto ela não parecia diferente da mulher que fizera o parto da filha de Mairi havia dez anos.*

— Bem, não preciso fazer isso agora — disse Caillean, vivamente. — Só preciso de algumas decisões suas. Recebemos um pedido um tanto peculiar. Um camarada estranho daquela seita romana que chamam de cristãos quer morar na velha cabana da floresta. Diz ser um eremita. Devo dizer que pode ficar ou o mando embora?

— Ele bem pode ficar — respondeu Eilan, considerando. — Não tenho a intenção de enviar nenhuma de nossas mulheres para lá como punição, e todos os Corvos encontraram novos esconderijos.

Sentiu uma pontada ao pensar em um estranho morando no lugar onde dera à luz e amamentara seu filho, mas tais sentimentalismos eram inúteis.

— Muito bem — disse Caillean. — E, se Ardanos se opuser, posso apontar o precedente aberto quando eles deixaram cristãos construírem a capela ao lado do espinheiro da Ilha das Mações, abaixo do Poço Sagrado.

— Já esteve lá? — perguntou Eilan.

— Muito tempo atrás, quando era bem mais nova — respondeu Caillean. — O País do Verão é uma terra estranha, toda de charcos, lagos e prados. Se há qualquer chuva, o Tor se transforma em uma ilha. Às vezes, a névoa desce sobre a terra, e você pensa que a próxima curva a levará para o Além-Mundo; então, um brilho de sol atravessa as nuvens, e você vê o santo Tor com seu círculo de pedras.

Ouvindo Caillean, Eilan quase teve a impressão de poder vê-lo. Então estava vendo, em um lampejo de visão tão inesperada quanto transitória – mas Caillean estivera na visão também, deslizando entre as brumas em direção à colina em um barco de fundo chato remado pelos homenzinhos morenos das colinas, com várias sacerdotisas noviças amontoadas na popa. Mas Caillean ficou de pé, ereta, com ouro adornando seu pescoço e testa.

— Caillean — ela começou, e, pelo modo como a outra mulher arregalou os olhos, algo do que vira deveria ter se mostrado em seu rosto —, você será grã-sacerdotisa na Ilha das Mações. Eu vi. Vai levar as mulheres para lá.

— Quando... — começou Caillean, e Eilan balançou a cabeça.

— Não sei! — ela suspirou, pois, tal qual acontecera tantas outras vezes, a visão fora apenas um vislumbre. — Mas parece um lugar seguro, escondido dos olhos romanos. Talvez devêssemos pensar em instalar algumas sacerdotisas lá.

A nova posição de Gaius o fazia passar muito tempo em movimento pelo país. Já que, por ora, o principal depósito de suprimentos havia sido estabelecido em Deva, então ocupada pela Vigésima Legião, fazia sentido que ele movesse a família para uma propriedade agradável que chamaram de Villa Severina, ao sul da cidade. Julia não ficou feliz em deixar Londinium, mas se ajustou à vida no interior com uma resignação estoica e, um ano após a chegada deles à região oeste, deu à luz meninas gêmeas que chamou, de modo um tanto prático, de Tertia e Quarta. A última era tão pequena que a apelidaram de Quartilla.

— Mas por quê? — perguntou Licinius? O velho havia vindo fazer uma visita para ver suas novas netas.

— Não consegue adivinhar? — perguntou Julia, mas sem humor. — Se ela fosse um jarro, teríamos de chamá-la de meio quartilho, nunca de quarto.

O pai a olhou de modo estranho, e ela percebeu que não era uma grande piada – mas, até aí, Quartilla não era um grande bebê.

Ela sentiu dificuldade em se afeioar às gêmeas. Quando percebera o tamanho de sua barriga, teve certeza de que, enfim, daria a Gaius um filho robusto. Passar por um trabalho de parto tão difícil sem um resultado melhor que um par de filhas, sendo que uma delas era doente, certamente era motivo para depressão.

Recuperou-se lentamente, pois fora muito dilacerada no parto, e, quando ficou claro que não poderia amamentar as crianças, deixou-as aos cuidados de amas de leite sem se lamentar. Quanto mais cedo ficasse fértil de novo, mais rápido poderia tentar um filho. O médico grego insinuara que poderia ser perigoso, mas era só um escravo, e as ameaças de Julia impediram que ele dissesse qualquer coisa a Gaius ou ao pai.

*Na próxima vez , jurou, vou erguer um templo a Juno em Deva se for necessário – mas na próxima vez será um menino!*

Ainda assim, enquanto as crianças cresciam, Julia se acostumou a viver a maior parte do tempo entre as colinas suaves de Deva e ficar na casa do pai apenas durante o inverno. Licinius amava as meninas e já procurava famílias para formar alianças com o casamento delas.

Gaius era um pai um tanto indiferente, mas Julia não havia esperado mais que isso. Sabia que ele às vezes dormia com uma das escravas quando ela não

estava bem, mas, desde que ele cumprisse seus deveres também em sua cama, ela mal poderia se opor a isso. Havia se casado para ganhar a posição de matrona e dar herdeiros ao pai. Seu relacionamento com Gaius era de afeto e respeito mútuo; para uma moça romana de boa família, qualquer outro tipo seria inadequado.

Observando os escândalos e divórcios que aconteciam até mesmo na pálida imitação da sociedade romana que era Londinium, tinha a impressão de que ela e Gaius eram um dos poucos casais que conseguiram preservar os velhos valores romanos. Seu casamento era bom, e até havia momentos em que, vendo as filhas brincando no jardim da vila com suas túnicas brilhantes como flores contra o verde, Julia sentia que talvez não tivesse se saído tão mal como mãe.

E, logo depois que as gêmeas celebraram o segundo aniversário, estava grávida de novo.

Depois de um longo período chuvoso, que deixou as crianças irritadas e resmungonas por estarem confinadas dentro de casa, o tempo finalmente ficou quente. Julia sentou-se na varanda que construíram ao longo da frente da casa quando ergueram alas de cada lado. Ao que parecia, estava conferindo as contas da casa, mas, na verdade, cochilava no sol. As mãos pousaram suavemente na curva da barriga, onde podia sentir os movimentos da criança ali, com certeza um menino. Não havia se movido muito ultimamente e imaginava que o tempo quente deixara o bebê tão entorpecido quanto ela.

Julia deitava-se imóvel, os olhos semicerrados contra o brilho do sol, ouvindo o canto dos pássaros e as vozes dos escravos da casa, ocupados com as tarefas da fazenda. Gaius costumava dizer que a casa de Julia funcionava com a eficiência de uma legião montando acampamento. Ela sabia, sem verificar, onde cada criado estaria e o que ele ou ela fariam a cada hora do dia.

— ... brincando no jardim.

Aquela era a voz da menina gaulesa robusta cujo trabalho era ficar de olho nas crianças.

— Não estão! — respondeu a velha Lydia, que cuidava da rotina das meninas. — As gêmeas estão comendo a refeição do meio-dia e Cella está ajudando a cozinheira a fazer tortas. Mas Secunda está naquela idade em que as crianças saem para explorar se ficam sem supervisão...

— Ela estava no jardim... — disse a moça, com uma voz fraca.

— E onde você estava? Flertando com o cavaleiro do senhor de novo? — respondeu Lydia. — Bem, ela não pode ter ido longe. Saia e vá encontrá-la, e eu chamarei alguns dos homens para ajudar. Mas prometo que vou cuidar

pessoalmente para que você seja chicoteada se acontecer algum mal à criança! No que estava pensando? Sabe que a senhora não pode ser incomodada, tão perto do parto!

Julia franziu a testa, pensando se deveria se levantar e falar com elas. Mas aquela gravidez sugava sua energia e sua vontade, e certamente Secunda logo apareceria.

Ouviu mais vozes a distância, e o tom grave de Gaius questionando. *Bom , pensou então, eles o fizeram sair procurando. Já era hora de ele se preocupar mais com as crianças.*

Deitou-se de novo, sabendo que precisava relaxar para o bem da criança em seu útero, mas a tensão que crescia conforme o tempo passava fez com que se levantasse outra vez. *Até onde Secunda fora?*

A sombra no relógio de sol havia se movido até quase a hora seguinte quando ouviu vozes abafadas e passos no cascalho do caminho. Tinham encontrado a menina – mas por que estavam tão quietos? Se o pai tivesse lhe dado umas palmadas, como ela bem merecia, Secunda deveria estar chorando. Um calafrio percorreu o corpo de Julia. Ela se levantou, apoiando-se no pilar, enquanto a pequena procissão emergia das árvores.

Viu a cabeça morena de Gaius e tentou chamá-lo, mas as palavras não saíam. Então, o jardineiro se moveu para o lado, e ela viu que ele levava Secunda nos braços. Mas nunca havia visto sua menina tão imóvel antes, nem mesmo quando dormia.

Por que ela não está se mexendo? Seus lábios se torceram silenciosamente.

Gaius se aproximou, o rosto se contorcendo, já manchado de lágrimas. Água pingava do vestido rosa de Secunda, e seus cachos escuros estavam colados na cabeça. Julia olhou, o choque gelando suas veias.

— Ela estava no riacho — disse Gaius, com uma voz rouca —, no final do campo. Eu tentei soprar vida nela de novo. Eu tentei... — Ele engoliu em seco, olhando para o pequeno rostinho fechado, agora pálido como mármore.

*Não , pensou Julia, anestesiada, Secunda jamais respiraria de novo .* Piscou, perguntando-se o momento em que o mundo ficara tão escuro em torno dela. Então, sentiu uma dor excruciante na barriga.

As horas que se seguiram foram marcadas por um misto de dor e pesar. Lembrava-se de ouvir Gaius praguejar que iria mandar esfolar a garota gaulesa e de Licinius tentando acalmá-lo. Havia algo de errado com Secunda... Tentou se levantar e ir até ela, mas suas criadas insistiam em fazê-la se deitar novamente. E, então, a dor em sua barriga recomeçava. Em seus momentos mais lúcidos, Julia sabia que aquilo estava errado. Conhecia as dores do parto, mas mal tinha completado seis semanas. Deuses, se têm alguma misericórdia, façam isso parar.

Vocês levaram minha filha – não deixem que eu perca meu filho!

Estava quase amanhecendo quando ela convulsionou e, por fim, sentiu um fluxo quente de sangue entre as coxas. Lydia se curvou sobre ela, praguejando baixo. Julia sentiu a pressão quando a mulher enfiou mais panos entre suas pernas para estancar o sangramento. Mas, por um momento, ela vira algo mais, algo pequeno e púrpura que não se movia.

— Meu menino — seu sussurro era um fio de som. — Deixe-me abraçá-lo, por favor!

Chorando, Lydia trouxe algo embrulhado em um pano manchado de sangue, apoiado na curva do braço. O rosto fora limpo, e ela podia ver os traços minúsculos e perfeitos, como as pétalas de uma rosa murcha.

Ela ainda o segurava quando finalmente permitiram que Gaius entrasse para vê-la.

— Os deuses me odeiam — ela sussurrou, lágrimas escorrendo dos olhos.

Ele se ajoelhou ao lado da cama, tirou o cabelo úmido de sua testa e a beijou com mais ternura do que ela esperava. Por um momento, ele olhou para a criança morta, e então, gentilmente, puxou uma dobra do pano sobre o rosto dela e a levantou. Ela fez um movimento convulsivo para impedi-lo, mas mal podia se mover. Ele ficou de pé por alguns instantes com a criança em seus braços, como qualquer pai ao conhecer seu filho recém-nascido, e então deu a forma imóvel para que Lydia a levasse dali.

Julia virou o rosto para o travesseiro, soluçando.

— Deixe-me morrer! Eu falhei, deixe-me morrer!

— Isso não é verdade, minha pobre querida. Ainda tem três menininhas que precisam de você. Não chore assim.

— Meu bebê, meu menininho está morto!

— Quieta, meu amor — Gaius tentou consolá-la, olhando para o sogro, que havia entrado no quarto atrás dele, em um pedido de ajuda. — Ainda não estamos mortos, minha querida. Se os deuses quiserem, ainda podemos ter muitos filhos...

Licinius se curvou para beijá-la também.

— E, se não tiver um menino, minha filha querida, o que há de mal nisso? Você foi uma filha melhor para mim do que muitos filhos, isso eu juro.

— Precisa pensar nas filhas que vivem agora — disse Gaius.

Julia sentiu o desamparo brotar dentro dela.

— Você nunca prestou nenhuma atenção em Secunda. Por que se importaria com as outras agora? Só se importa por termos perdido nosso filho.

— Não — disse Gaius, bem baixo. — Não preciso que me dê um filho. Deve dormir agora.

Ele ficou de pé, olhando para ela.

— O sono cura muitas tristezas, e pela manhã vai se sentir de outra maneira.

Mas Julia, lembrando-se dos traços delicadamente esculpidos de seu menininho, não prestou atenção no que ela dissera.

Enquanto as semanas da lenta recuperação de Julia passavam, Gaius percebeu que se entristecia mais pela dor dela do que por seus próprios sentimentos. Estava longe de casa quando Secunda nascera, e não tinha um grande apego a ela. Tampouco conseguia sentir muito pesar por causa de uma das quatro filhas.

Ainda assim, quando pensava no filho que tinha perdido, não conseguia evitar de lembrar-se de seu filho com Eilan. Na sociedade romana, a adoção de um menino saudável por outra família era uma solução tradicional. Se Julia não tivesse um filho, o que começou a parecer improvável depois de uma consulta com um médico, ficaria menos inclinada a protestar se ele reconhecesse o filho de Eilan. E ele gostava das filhas, embora não sentisse o mesmo laço que tivera com o primogênito.

Mas havia tempo o bastante para aquilo quando Julia recuperasse a saúde. Esperando que ao menos pudesse distraí-la de sua dor, concordou em levar a esposa em peregrinação ao templo da Mãe Deusa perto de Venta, mas a jornada não ajudou a recuperar sua saúde e seu ânimo, e, quando sugeriu que mudassem a família de volta a Londinium, ela não quis.

— É aqui que nossos filhos estão enterrados — ela disse. — Não vou deixá-los aqui.

Reservadamente, Gaius achava aquilo pouco razoável. Apesar das crenças nativas de que na terra dos siluros ficava a entrada para o Além-Mundo, tinha a impressão de que nenhum lugar terreno estava mais perto ou mais longe da Terra dos Mortos. Mesmo assim, ele cedeu às reclamações de Julia, e, então, eles ficaram.

Perto do fim do ano, chegou a notícia de que Agricola também havia morrido.

“Como Tacitus gosta de dizer”, escreveu Licinius Corax, “é um princípio da natureza humana odiar quem ferimos. Mas até mesmo nosso Divino Imperador pouco encontrou em Agricola para justificar sua raiva, e assim nosso amigo escapou da falta de favor oficial. Na verdade, o imperador foi notavelmente solícito durante a doença de Agricola, e, embora exista quem cochiche que o general foi envenenado, acho que a causa foi um coração partido por testemunhar a desonra de Roma. É possível que esteja melhor fora dela, e que

nós é que logo desejaremos ter ido embora antes. Fique feliz por estar seguro fora de vista na Britânia...”

No ano seguinte, Licinius se aposentou e veio morar com eles, e então construíram mais uma ala na Villa Severina, e assim se iniciou o ano final do serviço de Gaius como procurador para os suprimentos. Havia esperado que, quando o prazo terminasse, o senador Malleus conseguiria fazer com que fosse indicado para uma posição superior, mas aquele ano trouxe notícias perturbadoras. O imperador ficava cada vez mais autocrático e desconfiado. Como líder militar, tivera um sucesso razoável, mas parecia entender seus sucessos como prova de favorecimento divino, e fazia o seu melhor, escreveu Corax, o primo de Licinius, para destruir qualquer poder que restasse aos patrícios.

Gaius se perguntou se seria aquela a fagulha que acenderia as brasas da rebelião, mas a próxima coisa que soube foi que Herennius Senecio e vários outros haviam sido executados por traição.

Ele entendeu que sua carreira provavelmente ficaria em suspenso por algum tempo. Seu patrono, senador Malleus, achou prudente se retirar para suas propriedades na Campânia, embora não tivesse sido acusado. E assim, quando Gaius completou seu período como procurador, deixou de lado a visita a Roma que havia planejado e, como seu patrono, decidiu se dedicar por um tempo a desenvolver a produtividade de suas terras.

Agora começava, por fim, a estabelecer uma amizade mais próxima com as filhas que restavam; Julia, entretanto, permanecia deprimida e doente. Embora ainda dividissem a cama, ficava cada vez mais claro que era improvável que ela lhe desse um filho.

Àquela altura o filho de Eilan teria dez anos. Até um pai que não estava precisamente nas graças do imperador poderia garantir um futuro melhor a seu filho do que uma sacerdotisa bretã que precisava esconder a própria existência dele, e certamente Julia preferiria criar um filho dele ao de um estranho – embora jamais pudesse ter muita certeza do que Julia sentiria. Mas, no fim das contas, Gaius poderia reassegurá-la – e seria verdade – de que o menino fora concebido antes que ele colocasse os olhos nela pela primeira vez.

A Casa da Floresta ficava a menos de uma tarde de viagem. Seu filho poderia estar morando ali na próxima colina, refletiu Gaius, olhando para o sul por entre as árvores. Mas sentia um medo estranho de ficar frente a frente com Eilan de novo. Ela odiava Roma? Ela o odiava? A garota que amara quando era um rapaz havia desaparecido, transformada na terrível sacerdotisa de Vernemeton. Às vezes, tinha a impressão de que a mulher com que se casara também havia desaparecido, toda a jovialidade que o atraía morta com seu filho.

Gaius se saía razoavelmente bem na carreira, embora não tivesse alcançado os sonhos do pai. Mas percebeu que tinha pouco para amar. Em sua vida, muitas vezes fora solitário, mas a disciplina de seu pai, ou a do exército, mantiveram-no ocupado demais para se preocupar com isso. Mas, enquanto o ano corria, Gaius sentia que, apesar de gerenciar a propriedade exercitasse o corpo, deixava sua mente livre para vagar, e ele era assombrado pelos sonhos da infância.

Talvez fosse todo o tempo que dedicava trabalhando a terra que estimulasse memórias de uma época em que todo o mundo era maravilhoso e novo. Não havia se permitido pensar em sua mãe quando criança, mas agora sonhava com ela. Sentia que ela o abraçava e lhe cantava doces canções de ninar, e então acordava chorando, pedindo que ela não o deixasse sozinho.

Mas ela partira para a Terra dos Mortos, e Eilan o deixara pela Deusa a quem servia, e agora Julia também se afastava dele. Haveria um dia alguém, ele se perguntava, que seria capaz de amá-lo sem tentar fazer com que ele mudasse e cujo amor pudesse durar?

Então Gaius se lembrava de como se sentira ao segurar o primeiro filho nos braços. Mas, sempre que começava a planejar como encontrar o menino, se retraía com a possibilidade de que, quando se vissem, seu filho poderia, por fim, não se importar. E assim não fazia nada.

Um dia, enquanto Gaius cavalgava atrás de porcos selvagens que arrancaram raízes em seus jardins, percebeu que havia chegado à mata acima da Casa da Floresta, onde Eilan dera à luz seu filho, e percebeu que tinha conduzido o cavalo por aquele caminho. Sabia que Eilan não estaria ali, mas talvez houvesse alguém que pudesse lhe dar notícias dela. Mesmo se ela o odiasse, não poderia se recusar a lhe dar notícias de seu filho.

A princípio, pensou que o lugar estivesse abandonado. A promessa da primavera pintava os galhos com seus botões duros e verdes, mas o telhado de palha da cabana estava avariado e manchado pelo tempo, e o chão, cheio de gravetos soprados pela tempestade da última noite e folhas mortas do ano passado. Então, viu uma fina nuvem de fumaça passando através da palha. Sua montaria resfolegou quando ele parou, e um homem o espiou lá de dentro.

— Bem-vindo, meu filho — ele disse. — Quem é você e por que veio?

Gaius deu seu nome, olhando o homem com curiosidade.

— E quem seria você? — perguntou.

O homem era alto, seu rosto escurecido pelo sol e seu cabelo tão negro quanto a noite. Vestia uma túnica grosseira de pelos de camelo sobre uma barba



desgrenhada.

Gaius se perguntou se ele era algum andarilho sem casa que havia se refugiado na construção sem uso; mas, então, viu os gravetos cruzados presos no pescoço do homem por uma correia e percebeu que ele deveria ser algum tipo de cristão, talvez um daqueles eremitas que, nos últimos dois ou três anos, estavam aparecendo por todos os lados no império. Gaius ouvira sobre eles no Egito e no norte da África, mas era estranho ver um ali.

— O que faz aqui? — perguntou de novo.

— Vim para ensinar aos desgarrados de Deus — respondeu o eremita. — No mundo era conhecido como Lycias; agora sou chamado de padre Petros. Com certeza Deus o enviou até mim porque você precisa. O que posso fazer por você?

— Como sabe que foi Deus quem me enviou até você? — perguntou Gaius, entretido pela simplicidade do homem.

— Você está aqui, não está? — perguntou padre Petros.

Ele levantou os ombros, e Petros continuou:

— Não se preocupe, meu filho, nada acontece sem o conhecimento do Deus que colocou as estrelas em seus lugares.

— Nada? — disse Gaius, com uma amargura que o surpreendeu.

Percebeu que, em algum ponto nos últimos três anos, talvez quando soubera da morte de Agricola, talvez quando vira o sofrimento de Julia, havia parado de acreditar nos deuses.

— Então talvez possa me dizer que tipo de deus tira um filho e uma filha de uma mãe que os amava.

— É esse seu problema? — Padre Petros abriu mais a porta. — Entre, meu filho. Essas coisas não se explicam rapidamente, e seu pobre animal parece cansado.

Com um pouco de culpa, Gaius se lembrou da distância em que o cavalo o havia carregado. Assim que prendeu o animal com uma guia longa o suficiente para que ele alcançasse a grama seca, entrou.

Padre Petros estava colocando taças em uma mesa grosseira.

— O que posso lhe oferecer? Tenho feijões, nabos e até um pouco de vinho; o clima aqui não me permite jejuar tanto quanto fazia em um tempo mais quente. Não bebo nada além de água, mas tenho permissão para oferecer essas coisas mundanas aos convidados que vêm até mim.

Gaius balançou a cabeça, percebendo que tinha topado com um filósofo.

— Vou experimentar seu vinho — disse —, mas já digo claramente: jamais vai me convencer de que o seu deus é todo-poderoso ou bom. Pois, se fosse todo-poderoso, por que não preveniria o sofrimento? E se pode e não o faz, por

que o homem deveria venerá-lo?

— Ah — respondeu padre Petros —, pela questão percebo que foi treinado na filosofia estoica; pois essas palavras são deles. Mas os filósofos estão errados sobre a natureza de Deus.

— E você, é claro, está certo — o tom de Gaius era belicoso.

Padre Petros balançou a cabeça.

— Sou apenas um pobre pastor para as crianças que buscam meu conselho. O único Filho de Deus foi crucificado e se levantou dos mortos para nos salvar; isso é tudo que preciso saber. Os que acreditam Nele viverão eternamente em glória.

Era a costumeira lenda oriental infantil, pensou Gaius, lembrando-se do que ouvira sobre o culto em Roma. Imaginava conseguir entender por que a história tinha apelo com escravos e, talvez, até com algumas mulheres de boa família. Subitamente, percebeu que as divagações do camarada poderiam interessar Julia, ou ao menos dar a ela algo para pensar.

— Obrigado pelo vinho, padre, e também por sua história — ele disse. — Será que minha mulher poderia visitá-lo? Está devastada pelo luto por nossa filha.

— Ela será bem-vinda quando quiser vir — respondeu padre Petros, graciosamente. — Apenas sinto por não o ter convencido. Não o convenci, não é?

— Temo que não — Gaius ficou um pouco desarmado pelo lamento do velho.

— Não sou um grande pregador — disse padre Petros, parecendo um tanto desanimado. — Gostaria que padre José estivesse aqui; tenho certeza de que ele o convenceria.

Gaius achava aquilo muito improvável, mas sorriu educadamente. Quando se virava para sair, houve uma batida na porta.

— Ah, Senara? Entre — disse o eremita.

— Vejo que há alguém com você — respondeu uma voz de menina. — Volto outra hora, se puder.

— Está tudo bem, já estou indo.

Gaius puxou a pele que cobria a porta para o lado. Diante dele estava uma das moças mais belas que já havia visto, ao menos desde que conhecera Eilan, tanto tempo atrás. Mas é claro que na época ele também era muito jovem. Ela tinha uns quinze anos, achava, com o cabelo cor de cobre na chama do ferreiro e olhos muito azuis, usando um vestido de linho não tingido.

Então, ele a olhou novamente e percebeu que já a vira antes. Apesar das cores celtas, havia uma semelhança distinta com o velho secretário de seu pai,

Valerius, na linha do nariz e do queixo. Aquilo explicaria seu conhecimento de latim.

Só quando estava desamarrando o cavalo que percebeu que poderia ter perguntado a – qual era o nome pelo qual o eremita a chamara? – Senara como poderia conseguir uma reunião com Eilan. Mas, naquele momento, a cobertura da porta já se fechara atrás dela, e uma das poucas coisas que ele sabia sobre mulheres – não que soubesse muito, e desde seu casamento sentia que sabia ainda menos – era que nunca é sábio perguntar a uma mulher sobre outra.

Já passava do anoitecer quando Gaius chegou à vila, mas o cumprimento de Julia, apesar de desanimado, era amigável. Licinius já os esperava na sala de jantar.

Macellia e Tertia brincavam com uma carruagem de brinquedo na varanda; tinham vestido o macaco de estimação de Julia com roupas de bebê e tentavam enfiá-lo no veículo. Ele resgatou o animalzinho e o devolveu a Julia. Às vezes se perguntava como três meninas pequenas e uma mulher, com apenas sete servos, podiam criar tanto caos em uma casa.

As menininhas gritaram “Papa! Papa!”, e Quartilla foi correndo se juntar a elas. Gaius abraçou todas, chamou Lydia para cuidar delas, e então foi para a sala de jantar com Julia.

Ela ainda estava com o macaco no ombro; tinha o tamanho aproximado de um bebê e, por alguma razão, vê-lo com roupas de criança o irritava. Não conseguia imaginar o que Julia queria com a criatura; era um animal de país quente e precisava ser mimado como se realmente fosse uma criança. De todos os lugares para criar um bicho como aquele, a Bretanha certamente era o pior; até no verão, imaginava, era frio demais para o animalzinho.

— Gostaria que se livrasse desse animal maldito — ele perdeu a paciência, irritado, quando se sentaram para a refeição.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Secunda gostava tanto dele — sussurrou.

O comentário fez que se perguntasse, não pela primeira vez, se Julia havia enlouquecido. Secunda tinha seis anos quando morrera, e não achava que ela prestasse a menor atenção ao macaco. Ainda assim, se agradava a Julia pensar assim... Vendo o olhar de aviso de Licinius do outro lado da mesa, suspirou e abandonou o assunto.

— O que fez hoje? — ela perguntou, fazendo um esforço óbvio para falar com alegria enquanto os servos traziam ovos cozidos, um prato de ostras defumadas e peixe salgado e uma seleção de verduras para salada temperadas

com azeite de oliva.

Gaius engoliu um pedaço de cebola rápido demais e tossiu, editando mentalmente seu dia. Ele se esticou através da mesa para pegar um pãozinho fresco.

— Tentei rastrear aqueles porcos selvagens e acabei do outro lado das colinas — ele começou. — A velha cabana na floresta lá embaixo agora tem um novo morador, um tipo de eremita.

— Um cristão? — perguntou Licinius, de modo duvidoso. Jamais tivera nada de bom a dizer sobre os cultos orientais que estavam invadindo Roma.

— Aparentemente, sim — disse Gaius, de modo neutro, deixando a moça recolher seu prato enquanto outros traziam uma bandeja de pato com molho de ameixas em vinho doce. Ele umedeceu os dedos na vasilha de água aromatizada e os enxugou.

— De qualquer modo, ele acredita que o Deus dele se levantou dos mortos.

Licinius bufou, mas os olhos de Julia se encheram de lágrimas.

— Ele acredita mesmo?

O desamparo nos olhos dela apertava o coração de Gaius mesmo quando o exasperava. *Qualquer coisa que lhe dê conforto*. Ele baixou a asa de pato, virando-se em sua cadeira de jantar para ficar de frente para ela.

— Acha que ele permitiria que eu fosse falar com ele? Consente que eu vá? — ela perguntou, de modo suplicante.

— Minha querida Julia, quero que faça qualquer coisa que lhe dê conforto.

— Estava sendo totalmente sincero. — O que lhe fizer feliz me agrada.

— Você é tão bom para mim.

Os olhos dela se encheram de lágrimas novamente. Ela engoliu em seco de modo apologético e saiu do salão.

— Não a entendo — admitiu Licinius. — Eu a criei para viver uma vida virtuosa e honrar seus ancestrais. Também amava a menina, mas todos morremos um dia, cedo ou tarde. Escolhi bem para minha filha — ele completou. — Você foi mais bondoso com ela do que eu poderia ter sido, ainda que ela não tenha lhe dado um filho.

Gaius suspirou e estendeu a mão para o copo de vinho. Sentia-se como um enganador monstruoso, mas manteve a calma. Havia se tornado responsável pela felicidade daquela mulher, e magoar os sentimentos dela era a primeira de muitas coisas que ele não queria fazer. Mas não conseguia deixar de pensar que Eilan jamais seria tola o suficiente para ser seduzida pelos desvarios de algum monge cristão.

Quando os doces foram retirados, Gaius foi ao quarto onde Julia supervisionava as meninas sendo colocadas na cama. Ficou feliz em ver que o

macaco havia escapado; sentindo-se malvado, esperava que ele fugisse e, se tivessem sorte, fosse pego por um cão vadio.

O escravo aparou o pavio, e Gaius e Julia ficaram ali por um momento, observando a luz suave que bruxuleava em rostos macios e cílios escuros. Julia disse uma frase de bênção e tocou o amuleto contra incêndios na parede. Ultimamente havia se tornado muito supersticiosa. É claro que um incêndio seria desastroso, mas a casa era recém-construída e sem correntes de ar. No total, tinha mais fé nas habilidades de combater o fogo dos escravos da casa do que na maior parte das deusas ou amuletos.

Enquanto saíam para o corredor, ela disse:

— Acho que vou para a cama agora.

Gaius acariciou seu ombro e beijou o rosto que ela lhe ofereceu. Deveria ter esperado aquilo. A ideia era que, quando ele fosse para a cama, ela estaria – ou fingiria estar – dormindo tão profundamente que não poderia perturbá-la. Era como se não tivesse uma mulher. E como ela poderia esperar que ele lhe desse outro filho se não dormia com ele?

Mas era inútil censurá-la. Desejou-lhe boa-noite e se virou em direção ao escritório, na outra ala da vila, onde um pergaminho contendo o último capítulo de *Vida de Agricola*, de Tacitus, esperava por ele.

E, ali, descobriu onde o macaco de Julia encontrara refúgio; estava em sua mesa e havia defecado; o excremento fedorento de macaco se espalhava por todos os seus papéis. Gritou de raiva, pegou o animalzinho e o arremessou com toda a força no pátio. Ouviu um barulho estranho e depois um gemido, e nada mais.

Bom. Se a criatura estivesse morta, não ficaria de luto; e amanhã não teria remorso em dizer a Julia que um cachorro deveria tê-lo pegado. O padre cristão poderia confortá-la, embora tivesse ouvido que preferiam não ter nada a ver com mulheres. Naquele momento, desejava que também não tivesse.

Gaius acordou cedo pela manhã. Naquele dia, não importa o que acontecesse, precisaria fazer algo sobre encontrar seu filho. Ardanos deveria saber como entrar em contato com a neta. Não estava ansioso para falar com o velho, o qual suspeitava ser tão fanático, a seu modo, quanto padre Petros, mas não via outra alternativa. O único problema era como encontrar Ardanos, que não vivia mais em Deva.

Mas, enquanto estava deitado contemplando o problema, ouviu uma batida decisiva no portão da frente, seguida pelas reclamações de seu camareiro enquanto ia atender. Gaius vestiu uma túnica e deslizou da cama cuidadosamente para não acordar Julia. Um legionário esperava no pátio da frente com um pedido de Macellius para uma visita. Gaius levantou uma sobrancelha. O pai estava oficialmente aposentado, mas sabia que o velho havia se tornado um conselheiro de confiança do jovem comandante da Vigésima Legião.

Se estivesse fora quando Julia descobrisse a morte do macaco, não precisaria enfrentar as lágrimas dela. Gaius cavalgou até a cidade e diretamente até os portões do forte, trocando saudações com o guarda em serviço, que o conhecia bem de seu tempo como procurador.

— Seu pai disse que provavelmente chegaria antes do meio-dia — disse o soldado. — Vai encontrá-lo com o legado no pretório.

No banco do lado de fora do escritório do comandante, viu uma mulher de aspecto fatigado. Era uma bretã do tipo de cabelo escuro e pele pálida como o povo de sua mãe; deveria estar entre seus trinta e trinta e cinco anos, imaginou, e usava um vestido de lã cor de açafrão com bordados um tanto refinados em ouro. Gaius se perguntou o que ela tinha feito, e, quando o legionário em serviço o levou para a presença do comandante e de seu pai, ele fez a pergunta.

— O nome dela é Brigitta — respondeu o pai, com aversão. — Ela se diz rainha dos démetas. Quando seu marido morreu, deixou a fortuna em partes iguais para ela e o imperador, e ela parece achar que isso lhe dá o direito de governar o reino dele. Parece familiar?

Gaius umedeceu os lábios secos. Era uma prática comum para um homem rico dividir sua propriedade entre a própria família e o imperador, esperando que o coerdeiro imperial asseguraria que os outros herdeiros ficassem com sua parte. Agricola havia feito a mesma coisa.

O legado olhou de Gaius para o pai. Certamente não parecia algo familiar para ele.

— Boudicca — disse Gaius, sucintamente. — O marido dela tentou a mesma coisa, mas os icenos tinham dívidas com alguns senadores um tanto proeminentes. Quando o marido morreu, eles se estabeleceram, e ela tentou resistir. Ela e as filhas foram tratadas... um tanto mal, e ela levantou a tribo em uma rebelião que quase nos varreu desta terra!

Aquele era o espectro que Macellius via ao olhar para a infeliz mulher sentada do lado de fora, especialmente porque os démetas eram uma das tribos que marcavam a descendência pela linhagem da mãe.

— Ah, aquela Boudicca — disse o legado.

Ele se chamava Lucius Domitius Brutus e parecia, para Gaius, um tanto jovem para um posto tão importante, mas tinha reputação de ser um bom amigo do imperador.

— Aquela Boudicca — ecoou Macellius, indignadamente. — Então você entende, senhor, por que o tribuno em Moridunum a pegou assim que o testamento foi lido, e por que simplesmente não podemos cumprir os termos do testamento como estão, não importa o quanto beneficiem o imperador.

— Por outro lado — disse Gaius —, também deveria estar claro que essa mulher deve ser tratada como um frágil vidro. Eu lhe asseguro que cada nativo deste país estará esperando para ver o que faremos.

Um pensamento lhe ocorreu.

— Ela não tem filhos, imagino?

— Um par de filhas em algum lugar — disse Macellius, de modo exausto —, mas não sei o que aconteceu com elas; têm apenas três ou quatro anos, má sorte, ou eu as casaria de modo apropriado com um cidadão. Não tenho estômago para essa coisa de guerra contra mulheres e crianças; mas, se as mulheres se metem em política, o que podemos fazer? Rumores dizem que ela — ou quem gostaria de usá-la — tem enviado mensagens buscando alianças com os hibernicos.

Gaius encolheu os ombros, lembrando-se do ataque à casa de Eilan.

— Levem-na para Londinium — sugeriu. — Se ela for enviada a Roma, seu povo vai pensar que é uma prisioneira, mas, se for colocada em uma bela casa na cidade, podem pensar que ela os traiu. Diga a ela que, a não ser que vá morar em Londinium, não verá um sestércio do ouro do marido.

— Pode funcionar — disse Macellius, considerando.

Ele se virou para o legado.

— Concordo com a sugestão de meu filho. O senhor já tem um destacamento pronto para reforçar as tropas em Moridunum; eles podem levar a notícia.

— Ela será uma refém, então — disse Domitius Brutus.

Isso ele conseguia entender.

Enquanto saía do escritório, Gaius pensou que as filhas ainda poderiam representar um perigo, por mais jovens que fossem. A mulher despertava uma leve pena; parecia tão desamparada.

— Onde estão suas menininhas? — perguntou, na língua britânica.

— Onde jamais as encontrarão, romano, e agradeço aos deuses — ela respondeu. — Acha que não sei como seus legionários tratam meninas jovens?

— Não criancinhas! — exclamou Gaius. — Vamos lá; eu também sou pai, tenho três filhas mais ou menos da mesma idade que as suas. No máximo encontraríamos guardiões adequados.

— Vou lhe poupar desse problema — ela disse, ferozmente. — Elas estão sendo bem cuidadas!

Um legionário chegou e a tocou no braço. Quando ela se retraiu, ele ordenou:

— Venha comigo quieta, senhora. Não queremos amarrá-la.

Ela olhou desenfreadamente para os lados, e seu olhar pousou em Gaius.

— Para onde estão me levando?

— Apenas para Londinium — ele disse, de modo tranquilizador.

Ele viu o rosto dela se contorcer, se de alívio ou desapontamento não sabia, mas ela seguiu suficientemente quieta.

O legionário de guarda a observou ir embora e disse a Gaius:

— O senhor jamais pensaria que ela fosse se associar a agitadores conhecidos, não ao olhar para ela agora; mas, quando a pegamos, nos relataram que ela foi vista com um rebelde notório: Conmor, Cynric, ou algum outro nome assim. Dizem que ele ainda está na área.

— Eu o conheço — respondeu Gaius.

O legionário o fitou.

— Conhece, senhor?

Gaius assentiu, recordando-se do rapaz de coração nobre que o tirara da armadilha para javalis. Será que Cynric ainda tinha contato com Eilan? Se o pegassem, Gaius podia perguntar como poderia conseguir um encontro privado.

— Deuses — disse Macellius, fechando a porta do escritório do legado atrás dele e seguindo Gaius pelo corredor. — Tudo isso faz com que eu me sinta



velho!

— Não seja ridículo — respondeu Gaius.

— O legado quer que eu faça algo para acalmar as coisas entre o povo. Usar meus velhos contatos, diz ele.

Talvez Brutus não fosse tão estúpido quanto parecia. A habilidade de Macellius de conseguir cooperação das tribos fora lendária em seu tempo.

— Mas estou cansado de apagar os incêndios dos outros. Talvez me mude para Roma. Faz muito tempo desde que vi a cidade. Talvez devesse ir para o Egito, onde eu poderia aproveitar o calor ao menos por uma vez.

— Não seja tolo — censurou Gaius. — O que minhas menininhas fariam sem o avô delas?

— Ah, vamos, elas mal sabem que estou vivo — disse Macellius. Mas ele pareceu contente. — É claro que, se você tivesse um filho, seria diferente.

— Eu... bem, eu posso ter um filho um dia desses — Gaius começou a suar.

O próprio Macellius contara a Gaius sobre a gravidez de Eilan, mas quando ele a viu com o bebê na floresta ficou claro que o nascimento havia sido mantido em segredo. Se Macellius não sabia que Eilan lhe dera um filho, Gaius não achava que deveria contar a ele agora.

Eilan sonhou que caminhava ao lado de um lago em uma meia-luz que poderia ser tanto a aurora quanto o anoitecer. Uma névoa leve pairava sobre as águas, obscurecendo a margem adiante; a névoa era prateada, e um brilho prata se fazia presente na água; pequenas ondas batiam suavemente contra a margem. Parecia que um canto fluía através da água, e das névoas vieram nadando nove cisnes brancos, tão claros quanto as moças da Casa da Floresta saudando a lua.

Eilan jamais ouvira algo tão belo. Foi para a beira do lago, estendendo as mãos, e os cisnes circularam lentamente.

— Deixem-me ir com vocês, deixem-me nadar com vocês! — gritou, mas dos cisnes veio a resposta:

— Não pode vir conosco; suas vestes e ornamentos a deixam pesada...

Eles começaram a ir embora, e o coração de Eilan ficou dilacerado pela perda.

Eilan tirou seu vestido pesado, seus véus e seu manto, e botou o torque e os braceletes de grã-sacerdotisa de lado. Quando sua sombra brilhou na água, era na forma de um cisne. Ela se jogou na água.

Enquanto as águas prateadas se fechavam sobre sua cabeça, ela acordou com os timbres conhecidos da Casa da Floresta na penumbra do amanhecer. Por

alguns instantes, Eilan sentou-se quieta, esfregando os olhos. Não era a primeira vez que sonhava com o lago e os cisnes. E a cada vez parecia mais difícil retornar. Não havia contado a ninguém seu problema. Era a grã-sacerdotisa de Vernemeton, não uma menina tola, para ser assustada por um sonho estranho. Mas o sonho se tornava mais vívido a cada vez que acontecia, enquanto o papel que desempenhava quando estava acordada se tornava mais irreal.

Alguém batia em uma porta. Estranhamente, era no portão para seu jardim. Podia ouvir levemente a voz da jovem sacerdotisa que o guardava se levantando em protesto.

— Que delinquente pensa que é? Não pode simplesmente sair do nada e pedir para ver a grã-sacerdotisa. E certamente não a esta hora.

— Perdoe-me — respondeu uma voz profunda. — Ainda penso nela como minha irmã de criação, não como grã-sacerdotisa. Por favor, pergunte a ela se pode falar comigo!

Eilan jogou um xale sobre o corpo e se apressou para a entrada.

— Cynric! — exclamou. — Pensei que estava em algum lugar do norte!

Ela parou de repente. Presa ao pescoço dele estava uma criança pequena, morena, de dois ou três anos; outra menina, talvez com cinco anos, se escondia atrás do manto dele.

— São suas?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— São de uma mulher desafortunada, e vim implorar a você para que as abrigue em nome da Deusa.

— Abrigá-las? — repetiu Eilan, estupidamente. — Mas por quê?

— Porque elas têm necessidade disso — respondeu Cynric, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— O que quis dizer é, por que aqui? Elas não têm parentes para cuidar delas? Se não são suas, por que se tornaram sua responsabilidade?

— A mãe delas é Birgitta, rainha dos démetas — disse Cynric, nervosamente. — Ela tentou reclamar o reino quando seu marido morreu e se tornou uma prisioneira de Roma. Tivemos medo de que as filhas fossem feitas refém, ou pior, caíssem em mãos romanas.

Eilan olhou para as crianças e pensou no próprio filho. Tinha pena da mãe com todo o coração, mas o que Ardanos diria? Aquela era uma situação em que poderia ter usado o conselho de Cailleán, mas ela fora para o País do Verão visitar o Poço Sagrado.

— Sabe que elas são muito jovens para serem reivindicadas para a Deusa.

— Tudo o que peço é que as mantenha em segurança! — começou Cynric, mas, antes que ele pudesse dizer algo, houve mais barulho lá fora.

— Minha senhora, não pode ver a sacerdotisa agora; ela está com um convidado.

— Mais uma razão para que eu deva estar com ela — disse uma voz, e Dieda entrou no jardim. Ao ver Cynric, ela gritou, e ele se virou apressadamente para vê-la. Ela tinha sido informada sobre as atividades dele quando voltou de Eriu, mas era a primeira vez que o via.

— Essas crianças não são minhas! — ele explicou, enquanto o rosto dela perdia a cor e, em seguida, voltava a corar. — A rainha Birgitta as enviou para cá em busca de refúgio.

— Devem ser levadas para a Casa das Donzelas, então — disse Dieda, recuperando o controle e estendendo a mão. Mas seus olhos ainda estavam em Cynric.

— Espere — disse Eilan. — Preciso pensar. A Casa da Floresta não pode se dar ao luxo de se meter em qualquer assunto político.

— Sem o consentimento dos romanos? — disse Cynric, com desdém.

— É fácil para você zombar — começou Eilan —, mas deve se lembrar que existimos pela tolerância dos romanos que está tão pronto para desprezar. Devemos, ao menos, consultar o arquidruída antes de nos comprometermos com algo que poderia parecer apoio a uma rebelião.

— Ardanos? — Cynric cuspiu. — Por que não com o próprio legado em Deva? Talvez devêssemos ir até o governador da Bretanha e pedir permissão a ele.

— Cynric, arrisquei muita coisa por você e sua causa — Eilan o lembrou, seriamente. — Mas não posso arriscar a Casa da Floresta abrigando fugitivos políticos sem a permissão de Ardanos.

Uma palavra mandou sua atendente correndo pelo caminho em direção à casa próxima que fora construída para o arquidruída.

Cynric disse:

— Eilan, sabe a qual destino estará abandonando essas meninas?

— Você sabe? — ela retrucou. — Por que está tão certo de que Ardanos vai recusar?

— Recusar o quê? — disse uma voz, e todos se viraram, Eilan franzindo a testa, Cynric vermelho de raiva, e Dieda pálida com uma emoção que Eilan não sabia nomear. — Sua mulher me encontrou ali fora — explicou Ardanos.

Eilan apontou para as crianças.

— Não há nada que eu possa fazer por Birgitta — disse Ardanos, quando ela havia acabado. — Ela foi avisada de que isso aconteceria se reclamasse o direito de governar. Mas ela não será maltratada; até mesmo os romanos não cometeriam esse erro duas vezes em um século. Quanto às garotas, não sei.

Podem ser um problema mais tarde.

— Mas não agora — disse Eilan, de modo decisivo. — E não vou responsabilizar crianças pelos crimes dos pais. Senara e Lia podem cuidar delas. Se dermos novos nomes a elas e as tratarmos como qualquer outra criança, devem ficar seguras por um tempo. Ninguém vai pensar nada sobre isso. — Ela sorriu com amargura. — Afinal, tenho a reputação de abrigar crianças sem mãe.

— Imagino que sim — respondeu Ardanos, de modo ambíguo. — Mas é melhor que Cynric vá para bem longe. Pois onde ele está, notei, os problemas se seguem.

Ele olhou para o jovem, e Dieda empalideceu.

— Os romanos podem não se importar com as meninas, mas certamente estão procurando você!

— Se eles tentarem se intrometer comigo, podem encontrar mais problemas do que imaginaram — respondeu Cynric, ferozmente.

Eilan suspirou, pensando que, em vez de corvo, ele deveria ser chamado de ave de mau agouro. Mas sabia que não adiantava discutir com Cynric ou Dieda. Tudo o que podia fazer era buscar manter a paz por um pouco mais de tempo. Às vezes, parecia que o peso de toda a Bretanha estava em seus ombros e que todos os seus parentes conspiravam para mantê-lo ali.

Senara foi chamada para levar as crianças para seus novos aposentos, e Eilan foi cumprir suas obrigações, deixando Cynric e Dieda se despedirem. Depois, naquela tarde, ouviu um choro no barracão onde secavam as ervas. Era Dieda.

Com os olhos ardentes, a outra moça se assustou e, então, pareceu murchar ao ver quem era. Embora o relacionamento das duas não fosse mais próximo, Dieda não sentiu a necessidade de dissimular. Mas Eilan sabia que era melhor não tentar tocá-la ou confortá-la.

— O que foi? — perguntou.

Dieda esfregou os olhos com a ponta do véu, deixando-os ainda mais vermelhos.

— Ele me pediu para ir com ele...

— E você recusou — Eilan manteve a voz deliberadamente neutra.

— Para viver a vida de uma fora da lei, sempre me escondendo na floresta e com medo de cada som, sempre me perguntando se amanhã o veria sendo levado em correntes ou morto por espadas romanas? Não conseguiria, Eilan! Aqui, ao menos tenho minha música, e trabalho para fazer o que acredito. Como poderia ir?

— Disse isso a ele?

Dieda assentiu.

— Ele disse que se eu me sentia daquela maneira não poderia amá-lo de verdade; que estava traindo nossa causa... Ele disse que precisava de mim...

*Tenho certeza de que disse, o idiota*, pensou Eilan, *e nunca se perguntou se ela precisa dele para qualquer coisa!*

— É sua culpa! — exclamou Dieda. — Se não fosse por você, teria me casado com ele há muito tempo. Então, talvez ele jamais tivesse se tornado um fora da lei!

Com esforço, Eilan se impediu de dizer que Dieda havia feito os votos de sacerdotisa por livre e espontânea vontade. Mesmo quando Eilan voltou à Casa da Floresta após o nascimento de Gawen, poderia ter ido até Cynric, em vez de Eriu. Mas a pobre moça não queria lógica; precisava apenas de alguém em quem pudesse colocar a culpa.

— E agora só consigo pensar na maneira como ele me olhou! Pode levar meses, até anos, para que eu saiba onde ele está, ou o que está acontecendo com ele! Ao menos, se eu estivesse com ele, saberia — lamentou-se Dieda.

— Não creio que você se importaria com minha aprovação de um jeito ou de outro — disse Eilan, em voz baixa. — Seja o que for que pense de minhas escolhas, sabe que aprendi a viver com elas. Mas também chorei no escuro, me perguntando se havia feito a coisa certa. Dieda, você pode jamais ter certeza. Tudo o que pode fazer é o trabalho que lhe é dado e esperar que a Deusa explique as razões para isso um dia.

O rosto de Dieda se virou para o outro lado, mas Eilan teve a impressão de que seus soluços diminuía.

— Direi às moças que está doente e não pode levá-las para cantar hoje — ela continuou. — Sem dúvida ficarão felizes com um dia livre.

Eilan teve a impressão de que o problema das filhas de Birgitta fora resolvido, mas apenas alguns dias depois, bem antes da refeição da noite, sua atendente lhe disse que um romano buscava uma audiência.

Gaius lhe veio à mente, mas um segundo pensamento lhe disse que ele jamais ousaria vir até ali.

— Descubra o nome dele e o que quer — disse, com firmeza.

A moça voltou alguns instantes depois.

— Senhora, é Macellius Severus, que pede o favor de uma palavra. — Ela completou: — Ele era prefeito do acampamento de Deva...

— Sei quem ele é.

Lhiannon o havia recebido uma ou duas vezes, mas Macellius estava aposentado agora. O que, em nome de todos os deuses, ele poderia querer com

ela? A única maneira de saber era perguntar.

— Diga a ele para entrar — instruiu.

Ela endireitou o vestido e, depois de pensar um momento, baixou o véu sobre o rosto.

Naquele momento, Huw passou pela entrada com outro homem atrás dele. *O pai de Gaius... o avô do filho dela...* Por trás do véu, Eilan o olhava curiosamente. Jamais o vira antes, e ainda assim o teria reconhecido em qualquer lugar. Visões que se sobrepunham lhe mostravam os traços gastos do velho e as linhas fortes do nariz e da testa que haviam se repetido no filho dele e que começavam a emergir nas curvas infantis no rosto de seu próprio filho.

Huw se colocou atrás da porta e Macellius parou diante dela. Ele se endireitou e se curvou, e de repente Eilan pôde perceber de onde Gaius tirara seu orgulho.

— Minha senhora.

Ele usou o termo romano, *Domina*, mas de resto seu idioma britânico era muito bom.

— É muita bondade sua me receber...

— De modo algum — ela respondeu. — O que posso fazer pelo senhor?

Ela imaginou que era algo sobre um dos festivais que se aproximavam, como acontecera quando ele visitara Lhiannon.

Macellius limpou a garganta.

— Entendo que a senhora ofereceu abrigo às filhas da rainha dos démetas...

Subitamente, Eilan ficou muito feliz por ter colocado o véu.

— Se isso fosse verdade — ela disse devagar, desejando desesperadamente que Ardanos ou Caillean estivessem ali para ajudá-la —, por que se importaria com isso?

— Se fosse verdade — ele ecoou —, gostaríamos de saber por quê.

As palavras de Cynric lhe vieram à mente.

— Porque me disseram que elas tinham necessidade disso. Pode pensar em uma razão melhor?

— Não — ele respondeu —, mas, no entanto, a mãe delas é uma rebelde que ameaçou levantar toda a região oeste contra Roma. Roma, entretanto, foi misericordiosa, e Birgitta foi enviada para custódia de proteção em Londinium e não será prejudicada. Tampouco demandamos a morte de sua família.

*As pequenas ficarão felizes em saber que a mãe delas está segura*, pensou Eilan, lembrando-se de como elas estavam anormalmente silenciosas. Mas por quê? Era possível que Macellius desejasse a paz entre Roma e os bretões tanto quanto ela?

— Se é verdade, fico feliz em saber — ela disse —, mas o que quer de

mim?

— Pensei que fosse óbvio, senhora. Essas meninas não podem se tornar um ponto de mobilização para alguma revolta futura. Birgitta em si não é importante, mas, em tempos de tensão, qualquer pretexto servirá.

Ela disse:

— Acho que pode ficar tranquilo a esse respeito; se elas estivessem entre as moças da Casa da Floresta, não seria feito nenhum uso político delas.

— Nem mesmo quando crescerem? — ele perguntou. — Como sabemos que não serão dadas a homens que tentarão governar os démetas pelo direito de casamento com a rainha?

*Ele estava certo em perguntar*, ela pensou. *Era exatamente o tipo de coisa que Cynric tentaria.*

— Como iria evitar isso? — indagou Eilan.

— A melhor maneira é que sejam criadas em lares romanos leais; e que, quando crescerem, bons maridos com simpatia pelos romanos sejam encontrados para elas.

— E isso é tudo o que aconteceria com elas em mãos romanas?

— É tudo — respondeu Macellius. — Minha senhora, não pode acreditar que guerreamos contra bebês e criancinhas.

Ela ficou em silêncio. *Isso é exatamente o que fui criada para acreditar.*

— É sua vontade que sempre paguemos por atrocidades cometidas por outros? Na ilha sagrada, por exemplo? — disse Macellius, como se pudesse escutar o que ela pensava.

*Isso é o que Cynric pensa, mas a decisão é minha. E é a mim que a Deusa deve dizer o que fazer.* Eilan ficou em silêncio por mais uns momentos, buscando a imobilidade interior na qual podia escutar.

— Não é — ela disse —, mas eu perderia a confiança do meu próprio povo se parecesse muito disposta a acreditar no senhor. Ouvi que as filhas de Birgitta ainda são muito pequenas para que alguém pense em casamento. Elas passaram por muita coisa. Com certeza seria mais piedoso deixá-las onde estão por alguns meses, ou mesmo um ano, até que o furor passe. Então, todos saberão como o senhor tratou a mãe delas. As paixões terão esfriado, e haverá menos clamor se as pessoas souberem que elas estão em suas mãos.

— E então elas nos serão entregues? — perguntou Macellius, franzindo o cenho.

— Se tudo for como diz, juro pelos deuses de minha tribo que serão.

Eilan pousou a mão sobre o torque em torno de seu pescoço.

— Prepare-se para recebê-las em sua casa em Deva, no Festival da Virgem do próximo ano.

O rosto dele se iluminou, e Eilan perdeu o fôlego ao perceber, em seu rosto enrugado, o sorriso cintilante de Gaius. Se ao menos ela pudesse dizer quem era e mostrar a ele seu neto, seguro e forte!

— Acredito na senhora — disse Macellius. — Apenas espero que o legado acredite em mim.

— Vernemeton é refém de minha honestidade. — Ela fez um gesto em torno dela. — Se eu a trair, estamos perto do alcance da mão dele.

Ele disse:

— Senhora, eu a beijaria, mas seu guarda me olha de um modo muito desconfiado.

— Não pode fazer isso — ela disse —, mas aceito sua boa vontade, meu senhor.

— E eu, a sua — disse Macellius, e se curvou novamente.

Quando ele havia ido embora, Eilan sentou-se em silêncio por algum tempo, imaginando se tinha traído ou salvado seu povo. Era por isso que os deuses haviam trabalhado para trazê-la ali? Era para isso que havia nascido? Caillean voltou do País do Verão no dia seguinte, parecendo cansada, mas extasiada. Quando a sacerdotisa mais velha havia se banhado, Eilan enviou Senara para perguntar se ela viria jantar ao lado de sua lareira.

— Como essa criança cresceu! — Caillean comentou, enquanto Senara saiu para pegar a comida. — Parece que foi ontem que ela chegou aqui, e agora ela tem a mesma idade que você quando eu a conheci e é quase igualmente bonita!

Com alguma surpresa, Eilan percebeu que Senara era, de fato, uma jovem mulher, com idade o suficiente para fazer votos; em breve ela faria seu juramento como sacerdotisa. Não houve uma palavra dos parentes romanos da menina por anos, e ela não tinha motivos para achar que existiria alguma objeção. Mas para isso, ao menos, não havia pressa.

— E o que você fez neste dia ensolarado, minha querida menina? — Caillean perguntou quando Senara serviu a comida.

Um olhar estranho passou pelo rosto da menina.

— Passei por aquela casinha na floresta. Sabia que um eremita veio morar ali?

— Sim, demos permissão a ele. É um velho estranho de algum lugar no sul. É cristão, não é?

— É — Senara respondeu com o mesmo olhar estranho. — Ele foi bondoso comigo.

Caillean franziu o cenho. Eilan sabia que ela diria que não era adequado para uma sacerdotisa da Casa da Floresta ficar sozinha com um homem, não importava o quão sério ou velho ele fosse. Mas, afinal, a menina não havia feito



seu juramento; além disso, ouvira em algum lugar que os padres cristãos faziam promessa de castidade. *De qualquer modo* , pensou Eilan, ironicamente, *não era ela quem deveria questionar a modéstia de uma jovem* .

— Minha mãe era cristã — disse Senara. — Poderia ter sua permissão para visitar esse padre e levar a ele um pouco de comida da nossa cozinha? Gostaria de saber mais sobre aquilo em que minha mãe acreditava.

— Não vejo por que não — respondeu Eilan. — Que todos os deuses são um Deus é parte de nossos ensinamentos mais antigos. Vá e aprenda qual face Dele os cristãos veem...

Comeram por um tempo em silêncio.

— Algo aconteceu — disse Eilan, por fim, olhando o rosto de Caillean enquanto ela observava as chamas.

— Talvez — Caillean respondeu. — Mas não estou totalmente certa do que isso significa. O Tor é muito poderoso, e o lago... — Ela balançou a cabeça. — Prometo que quando eu entender o que senti lá você irá saber. Enquanto isso — seus olhos perderam a suavidade ao olhar para Eilan —, soube que algo aconteceu aqui também. Dieda me disse que você recebeu uma visita.

— Visitas, na verdade; mas imagino que esteja falando de Cynric.

— Eu me refiro a Macellius Severus — respondeu Caillean. — O que achou dele?

Eilan pensou: *Poderia desejá-lo como sogro* . Mas não podia, afinal, dizer aquilo a Caillean. Ela encontrou um meio-termo, dizendo:

— Ele me pareceu bondoso e paternal.

— É assim que os romanos tomam cada vez mais nosso mundo — respondeu Caillean. — Preferiria que fossem todos maldosos, sem meio-termo. Quando até *você* pode pensar bem de Macellius, quem irá se rebelar?

— Por que deveríamos nos rebelar contra eles? Você fala como Cynric.

— Poderia fazer pior — disse Caillean.

— Não vejo como — respondeu Eilan, ressentida. — Mesmo se precisássemos ter uma paz romana, qual o problema? Paz certamente é melhor que a guerra, não importa como venha.

— Mesmo uma paz sem honra? Uma paz em que tudo que faz a vida valer a pena foi retirado?

— Os romanos podem ser honrados — começou Eilan, mas Caillean a interrompeu.

— Pensei que seria a última pessoa a dizer isso!

A voz dela definhou em um silêncio alarmado, como se percebesse que qualquer coisa que dissesse apenas pioraria as coisas.

*Mas eu digo isso* , pensou Eilan, sentindo o rubor de vergonha desaparecer.

*A mãe de Gaius se casou com Macellius para trazer paz, e permiti que Gaius se casasse com uma moça romana pela mesma razão.* Ela se perguntou que tipo de pessoa a mulher romana dele deveria ser e se ela o fazia feliz. Nem todas as mulheres queriam paz, ela sabia, recordando-se de Boudicca, que começara uma rebelião, de Cartimandua, que traíra Caractacus, e de Birgitta, cujas filhas abrigava; mas ela havia tomado uma decisão e não mudaria de ideia.

— Cynric está errado — disse, por fim. — O que faz a vida valer a pena não é a glória sobre a qual os guerreiros cantam, mas o gado cuidado, o campo arado e crianças felizes em torno da lareira. Sei que a Deusa pode ser tão terrível quanto uma urso quando seus filhotes são ameaçados, mas acho que Ela prefere nos ver construindo e crescendo a matando uns aos outros. Não é por isso que tentamos recuperar os antigos costumes de cura aqui?

Por fim, ela encarou os olhos escuros de Caillean, e ficou surpresa ao encontrar agrado neles.

— Já lhe disse as razões que tenho para odiar homens e temer o que podem fazer — a sacerdotisa mais velha disse em voz baixa. — Às vezes, é muito difícil para mim acreditar na vida; seria muito mais fácil cair lutando. Há momentos em que você me deixa envergonhada. Mas quando olhei dentro do Poço Sagrado tive a impressão de que ele transbordava em uma centena de pequenos riachos que afundavam no chão e levavam seu poder de cura pela terra. E então, por um breve momento, acreditei.

— Precisamos fazer algo sobre aquele poço — disse Eilan, em voz baixa, pegando a mão de Caillean, e teve a impressão de ouvir o canto dos cisnes como um eco.

Na próxima vez em que foi a Deva, Gaius visitou o pai. Diante de uma taça de vinho, a conversa foi parar em Birgitta dos démetas.

— Encontrou as filhas dela? — perguntou Gaius.

— De certo modo — respondeu o pai. — Sei onde estão, e você jamais adivinhará em que lugar.

— Pensei que fosse achar pais de criação romanos.

— E irei fazê-lo quando chegar a hora, mas por ora creio que a princesa do Oráculo seja a melhor guardiã que elas podem ter.

Enquanto Gaius abria a boca em espanto, o pai continuou.

— Ela é uma mulher jovem, e tive medo que simpatizasse com jovens cabeças quentes como Cynric, a quem, vou dizer de maneira direta, enforcaria se pudesse botar as mãos nele, mas ela foi surpreendentemente razoável. Como deve imaginar, tenho uma informante lá há anos, uma de suas criadas, mas essa foi a primeira vez que vi a sacerdotisa.

— Como ela é? — a voz de Gaius vacilou, mas Macellius não pareceu

notar.

— Ela estava coberta por véus — disse. — Mas, entre nós, combinamos que ela vai ficar com as meninas até que a tensão melhore, e então elas nos serão entregues para serem criadas em casas romanas e casadas com maridos romanos; acho que até mesmo Birgitta ficaria inclinada a concordar com isso, caso lhe fosse colocado. E pretendo fazer isso. Temi que alguns dos agitadores em torno dela fossem transformar as garotas em outra guerra santa, o que, não preciso dizer, seria duro para nós, depois das perdas de Domiciano na fronteira.

Ele fez uma pausa e olhou intensamente para o filho.

— Às vezes me pergunto se fiz as escolhas certas para você, rapaz. Pensei que Vespasiano fosse viver mais; ele era um bom imperador e teria cuidado de sua carreira. Depois de todo o nosso planejamento, você está aqui vivendo em suas terras, com um chefe britânico, por fim. Até seu casamento com Julia — ele parou de falar. — Pode me perdoar?

Gaius o encarou.

— Não sabia que havia algo a ser perdoado. Fiz uma vida para mim aqui, e este é meu lar. Quanto a minha carreira, há tempo de sobra.

*Nenhum imperador vive para sempre*, pensou, recordando-se do que Malleus havia dito em sua última carta, mas não diria aquilo em voz alta nem mesmo a seu pai. Quando pensava em Roma, lembrava-se de multi-dões, de sujeira e da detestada toga. Um pouco mais de sol ali na Bretanha lhe agradaria; mas sentia pouco desejo pelos climas do sul.

Quanto ao fato de não ter um herdeiro homem, ele se perguntava se era hora de contar a Macellius sobre o filho de Eilan. Fora realmente ela quem o pai vira? Era um grande alívio saber que ela podia ser tão moderada. Mesmo não podendo vê-la, sabia que estava bem e em segurança. Não se tratava de não amar suas filhas, e Gaius sabia que Licinius amava todas as meninas. Mas a lei romana contava apenas filhos homens. Podia não ser justo, pois, na prática, estaria tirando direitos da pequena Cella, mas a lei era a lei, quer ele gostasse, quer não.

Por fim, pareceu mais seguro não dizer nada. Do que permanecesse não falado – e ele descobrira isso do modo difícil – jamais precisaria se arrepender.

E stremecendo, Cailleán despertou na luz acinzentada do começo do amanhecer. Foi só um sonho. Mas as imagens permaneciam vívidas, ainda mais reais, até mesmo agora que havia as cortinas de sua cama e a respiração das outras mulheres por perto. Ela se sentou e enfiou os pés nas pantufas, e então, tremendo, pegou o xale do gancho e se envolveu nele.

Mas a lã quente não trouxe conforto. Ao fechar os olhos, ainda era possível ver a amplidão de água prateada onde brumas brancas se entrançavam e giravam. Eilan estava do outro lado, mas as águas ficavam mais extensas a cada momento, como se uma corrente forte a levasse embora. Era a emoção que vinha com essas imagens que a apavorava, uma onda devastadora de angústia e perda.

*São apenas meus próprios medos falando*, disse a si mesma, *um sonho que vai desaparecer ao amanhecer*. Nem todos os sonhos eram proféticos. Ela se levantou e bebeu um pouco de água do cantil.

No final, um véu cinza de nuvens havia rodopiado entre ela e Eilan, isolando-a do mundo. *A morte é assim...* O pensamento não queria ir embora. As fantasias comuns do sono se dissipavam como a névoa da manhã quando se acordava. Um grande sonho – um sonho de poder – se tornava mais distinto quanto mais se pensava nele. Não podia ser ignorado.

Quando as outras mulheres começavam a se mexer, Cailleán percebeu que não podia ficar ali e enfrentar os olhos curiosos delas. Talvez pudesse encontrar a serenidade de que precisava para lidar com aquilo no jardim. Mas uma coisa estava clara: precisava dizer a Eilan.

As celebrações de Beltane haviam trazido um verão generoso naquele ano, e as matas em torno da Casa da Floresta estavam vívidas de flores. Eilan se permitiu ser persuadida a sair e colher ervas com Miellyn, e Lia e as crianças as acompanharam. As primulas e os jacintos cor de creme ainda floresciam sob as árvores, mas os botões-de-ouro já começavam a estrelar o campo, e o espinheiro-

branco pendia pesado nos galhos.

Gawen exhibia alegremente seus conhecimentos sobre a floresta para as meninas de Birgitta, que se prendiam a cada palavra, admiradas e de olhos arregalados. Eilan sorriu, recordando-se de como ela e Dieda seguiam Cynric por aí quando eram pequenas. Ouvindo o riso deles, percebeu o quanto Gawen sentia falta de outras crianças para brincar, e sabia que não eram apenas as meninas que logo a deixariam. Gawen deveria ser levado para ser criado por outra família logo.

Voltaram só depois do meio-dia, corados, conversando e coroados de flores.

— Caillean a espera no jardim — disse Eilidh, quando Eilan entrou. — Ficou sentada ali a manhã inteira. Não quis entrar nem para o desjejum, mas nos garantiu que está tudo bem.

Franzindo a testa, Eilan atravessou para o jardim sem tirar o chapéu de palha de abas largas, pois o dia estava quente. Caillean estava sentada em um banco ao lado do canteiro de alecrim, imóvel como se meditasse, mas abriu os olhos com os passos de Eilan.

— Caillean, o que foi?

A outra mulher olhou para cima, e Eilan se retraiu com a imensa calma naqueles olhos escuros.

— Há quantos anos nos conhecemos? — perguntou Caillean.

Eilan tentou calcular de memória; haviam se encontrado quando a criança mais nova de Mairi nasceu. Mas, na verdade, parecia mais, e, nos momentos em que se lembrava daqueles estranhos vislumbres de conhecimento que lhe acometiam, achava que foram irmãs em mais de uma vida.

— Dezesseis anos, acho — disse por fim, em dúvida.

*Fora perto do inverno; mas não, não poderia ser, pois os hibérnios estavam atacando, e certamente não navegariam se tivessem medo de serem surpreendidos por tempestades de inverno. Não fora neve, mas chuva,* recordou-se. Havia sido uma primavera ruim. E ela viera para a Casa da Floresta como sacerdotisa noviça no verão que se seguiu.

— Faz tanto tempo assim? Tem razão. A caçula de Mairi já está quase em idade de se casar, e Gawen tem onze invernos.

Eilan assentiu, lembrando-se com súbita vividez de como Caillean a visitara em seu exílio na cabana da floresta e de como a outra mulher segurara suas mãos e molhara sua testa com a esponja quando o menino estava nascendo. Pensava que aquelas memórias jamais perderiam a nitidez ou se apagariam; agora eram como um sonho que há muito se passara. O trabalho que ela e Caillean faziam na Casa da Floresta parecia muito mais vívido agora.

— E agora temos duas filhas de Birgitta conosco na casa — disse Caillean,

pensativamente. — Mas, dentro de um ano, serão entregues para serem criadas por romanos.

Eilan disse, suspirando:

— Odeio pensar que Birgitta vá perder suas filhas.

— Não desperdiçaria muita empatia com ela — respondeu Caillean. — Duvido que tenha perdido o sono pensando no que aconteceria com suas filhas quando deixou que Cynric a persuadissem a planejar uma rebelião.

Eilan sabia que aquilo provavelmente era verdade; mas, como mãe, lembrava-se da angústia de quando Ardanos levou Gawen embora.

— Por que falar dessas coisas agora? — perguntou. — Não consigo acreditar que esperou aqui toda a manhã apenas para recontar memórias, como um agiota romano conta seu ouro!

Caillean suspirou.

— Há algo que preciso lhe dizer, mas não sei como. Então, falo de coisas sem sentido. Eilan, tive um aviso daqueles que dizem que cada sacerdotisa recebe antes da morte. Não, eu não posso explicar...

Apesar do calor do sol, Eilan sentiu um frio congelando o coração.

— O que quer dizer com aviso? Sente dor? Talvez Miellyn conheça alguma erva...

Caillean respondeu, em voz baixa:

— Tive um sonho, e acho que ele significa que esta vida logo vai acabar.

*Caillean, morrendo?* Estupefata, tudo que Eilan conseguiu dizer em voz alta foi:

— Mas como?

Caillean respondeu baixo:

— Realmente não sei como lhe dizer; talvez seja algo que só seja possível entender quando acontecer.

*Ah, sim*, pensou Eilan. *É verdade: também sou uma sacerdotisa, ainda que não seja muito boa.* A presença de Caillean a fazia se recordar daquilo, embora houvesse momentos em que duvidasse com frequência. Desde seu último encontro com Cynric, estivera mais consciente de si mesma como um peão em seu combate contra os romanos, assim como com Ardanos estava consciente, acima de tudo, do modo como ele desejava usá-la para manter a paz com Roma. Nas últimas estações as tribos estiveram calmas, mas ouvira histórias de problemas entre os romanos. Cynric logo tiraria vantagem de qualquer fraqueza se os romanos se rebelassem contra o imperador deles. Será que Gaius se juntaria a uma rebelião dessas? Havia ele alguma vez se importado com ela e com o bem dela?

Mas com Caillean, desde o primeiro momento em que a encontrara, Eilan

era apenas e acima de tudo uma sacerdotisa. Quando estava com Caillean, sentia que a Deusa ainda poderia ter um bom uso para ela. Por mais que tivesse amado Gaius, não podia deixar de se lembrar de que ele não ficara ao seu lado. Caillean, entretanto, sempre estivera ali.

Ela olhou para a sacerdotisa-irmã de modo desamparado e subitamente pensou: *Já passamos por isso antes, e eu a vi morrer em dor*.

Subitamente Eilan sentiu raiva. Se não podia fazer nada a respeito, por que Caillean resolvera deixá-la angustiada ao contar? Olhou para a outra mulher quase com hostilidade e viu um vislumbre de emoção nos olhos escuros de Caillean, como uma corrente oculta em uma lagoa. Subitamente, foi atingida por um conhecimento. *Ela também sente medo*.

Respirou profundamente, e o poder da Deusa que Caillean podia despertar nela se agitou de repente.

— Como grã-sacerdotisa de Vernemeton, eu lhe ordeno – conte-me seu sonho!

Os olhos de Caillean se arregalaram, mas em alguns instantes ela despejou toda a história. Eilan ouviu com os olhos fechados, vendo as imagens enquanto Caillean as descrevia. Ela logo teve a impressão de que podia vê-las antes que a outra mulher falasse, como se fosse seu próprio sonho que Caillean estivesse contando, e, quando a sacerdotisa ficou em silêncio, ela própria continuou a história com seu sonho dos cisnes.

— Nós seremos separadas — disse, por fim, abrindo os olhos. — Se pela morte ou por outra força, não sei, mas é como a morte pensar em perdê-la, Caillean.

— Mas se não pela morte, então como? — a outra mulher perguntou.

Eilan franziu o cenho, recordando-se do brilho das águas prateadas sob as nuvens.

— O País do Verão — ela disse, subitamente. — Com certeza esse é o lugar que ambas vimos em nossos sonhos. Precisa ir para lá, Caillean, e levar uma dúzia de nossas moças com você. Não sei se isso será cumprir o propósito da Deusa ou desafiá-lo, mas certamente é melhor fazer alguma coisa do que sentar aqui esperando que a morte a leve, mesmo se tomarmos a decisão errada.

Caillean ainda parecia em dúvida, mas a vida havia voltado aos seus olhos.

— Ardanos jamais vai permitir isso. Ele é o arquidruída e quer todas as sacerdotisas aqui em Vernemeton, sob seus olhos!

Eilan olhou para ela e sorriu.

— Mas eu sou a sacerdotisa do Oráculo. Deixe Ardanos comigo!

Na manhã do solstício de verão, as moças da Casa da Floresta foram recolher orvalho das flores da estação ao amanhecer. O orvalho tinha muitos poderes, aumentando a beleza e concedendo magia. Dizia-se que, naquele dia, qualquer moça que lavasse o rosto com orvalho da manhã e olhasse para um riacho limpo podia ver o rosto daquele que mais a amava.

Eilan se perguntava por que as sacerdotisas, que afinal de contas estavam sob votos de castidade ou com a intenção de fazê-los, iriam querer saber dessas coisas. A maioria delas afagava memórias de amados nas vidas que deixaram? Ela fizera pior do que sonhar com seu amante. Mas esperava que as outras que serviam à Deusa pudessem ser mais determinadas que ela.

Eilan ouviu o riso das moças que voltavam da floresta, mas não saiu para vê-las. Enquanto o tempo passava, ficava cada vez mais consciente da necessidade de reclusão ritual antes dos grandes festivais. Havia pensado que ficaria mais fácil com o tempo, mas tinha a impressão de que manter o balanço entre todas as forças que buscavam o Poder da Deusa se tornava mais difícil a cada ano.

Toda vez que Ardanos vinha sussurrar instruções em seu ouvido, recordava-se de que, ao manter a paz, ela servia aos romanos não menos que o arquidruída; e se perguntava se o fato de que ambos trabalhavam pelo que julgavam ser melhor para a Bretanha podia justificar aquela aliança.

A porta se abriu e Caillean entrou. Até mesmo ela tinha uma guirlanda de papoulas vermelhas para celebrar o dia. Suas bochechas estavam coradas do sol, e ela parecia mais saudável do que estivera em muito tempo.

— Está sozinha?

— Quem ficaria comigo hoje? Todas as moças da casa saíram para colher as flores do solstício de verão e Lia levou Gawen para visitar Mairi — respondeu Eilan.

— Isso é bom. — Caillean sentou-se em um banquinho de três pernas. — Precisamos falar do Oráculo desta noite.

— Desde que acordei, isso é praticamente tudo que tenho pensado! — disse Eilan, com amargura. — Gostaria que fosse você quem precisasse sentar-se aqui no escuro em preparação. Teria sido uma grã-sacerdotisa muito melhor que eu!

— Que os deuses não permitam; não poderia fazer a vontade de Ardanos com tanta obediência!

De repente furiosa, Eilan disse, raivosamente:

— Se não sou mais que uma criatura dos sacerdotes, sabe bem quem me fez assim.

Caillean suspirou.

— Não quis criticá-la, *mo chridhe* .



A ternura desmontou a raiva de Eilan. Caillean continuou:

— Estamos todos nas mãos Dela e fazemos a vontade Dela da melhor maneira que podemos, eu não menos que você. Não deveria ficar brava comigo.

— Não estou brava — disse Eilan, não de todo sincera, mas sem desejar discutir com a mulher a quem devia tanto. Às vezes, sentia que o peso de sua dívida com Caillean acabaria por esmagá-la.

— Estou com medo — ela continuou —, mas lhe direi algo que ninguém mais sabe. A bebida sagrada que deve me drogar não é a mesma dos dias de Lhiannon. Eu a alterei de modo que o transe não seja total. Eu sei o que Ardanos está me dizendo para falar...

— Mas ele sempre parece um tanto contente com suas palavras — disse Caillean, franzindo o cenho. — Ainda está tão apaixonada por seu Gaius que serviria a Roma intencionalmente?

— Sirvo a paz! — exclamou Eilan. — Jamais ocorreu a Ardanos que eu iria desobedecê-lo, e, quando minhas respostas são de algum modo diferentes das palavras que recebi, acha apenas que sou um recipiente imperfeito. Mas as palavras de paz não são decisão minha. Quando me ofereci à Deusa, não estava mentindo! Você acha que os ritos que fazemos aqui na Casa da Floresta são mentira?

Caillean balançou a cabeça.

— Senti a Deusa, também, de modo forte, mas...

— Lembra-se daquele solstício de verão há sete anos, quando Cynric veio?

— Como poderia me esquecer? — disse Caillean, pesarosamente. — Eu estava apavorada!

Por alguns momentos, ela ficou em silêncio.

— Aquela não era você, sei disso, mas uma face da Deusa que espero jamais ver novamente. É sempre daquela maneira?

Eilan encolheu os ombros.

— Às vezes Ela vem, às vezes não, e preciso usar meu próprio discernimento. Mas a cada vez que tomo o assento alto e faço a oferenda, e a cada vez que espero assim, eu me pergunto se aquela será a vez em que Ela vai me fulminar!

— Entendo — disse Caillean, com cuidado. — Perdoe-me se compreendi errado quando disse que forçaria Ardanos a me mandar para o sul. Mas o que fará a meu respeito?

— Esse é o teste... — Eilan se curvou para a frente — para nós duas. Se tudo o que construímos aqui é apenas uma mentira, agora preciso colocar tanto você como eu mesma em risco. Hoje à noite, farei a poção de acordo com a antiga receita. Quando a Deusa me tomar, deve perguntar sobre o seu sonho.

Todos vão ouvir a resposta, e nós todos – você, Ardanos e eu – ficaremos atados por ela, seja qual for.

A qualidade da luz havia se alterado consideravelmente em direção ao pôr do sol quando a porta externa se abriu e um dos aprendizes de Ardanos entrou; ele era tão jovem que tinha apenas uns fiozinhos finos de barba.

O jovem druida disse com reverência:

— Estamos prontos, minha senhora.

Eilan, que já começava a cair no estado meditativo desvinculado que precedia o transe, se levantou da cadeira. Eilidh e Senara colocaram o pesado manto de ritual sobre seus ombros e o apertaram na garganta com uma imensa corrente de ouro.

A noite estava fresca apesar da estação, e, mesmo usando seu manto grosso, Eilan estremecia quando entrou em sua liteira. Da escuridão saíram dois sacerdotes com túnicas brancas, figuras pálidas que se moviam ao seu lado com passos medidos. Sabia que estavam ali para protegê-la até de um machucado accidental ou da pressão das multidões, mas de algum modo jamais conseguiu se livrar do pensamento de que eram seus guardas.

O pensamento cruzou sua mente como um coelho correndo para os arbustos: *Toda sacerdotisa é uma prisioneira de seus deuses...*

Tinha uma vaga consciência de estar passando pela longa avenida de árvores que levava à colina. Diante da fortificação queimava uma das muitas fogueiras daquela noite. O brilho avermelhado brincava nas folhas de um carvalho ancestral ao lado do monte. Um som de antecipação atravessou a multidão como um suspiro suave. Ela não conseguia evitar de se lembrar da primeira vez em que vira a multidão saudar Lhiannon. Agora estava no lugar de Lhiannon, e o povo que observava tinha tão pouco conhecimento do que estava acontecendo ali quanto ela tivera naquele dia.

Dois meninos pequenos de uns oito ou nove anos, escolhidos pela inocência e pela beleza e trajados com as túnicas brancas dos bardos noviços, trouxeram à frente a grande vasilha dourada. Usavam torques dourados na garganta, e cintos bordados de ouro circundavam as vestes brancas. Conforme um raio de luar atravessou as folhas do carvalho, um galho de visco – cortado por um sacerdote oculto nos galhos – voejou para baixo. Eilan o pegou e o colocou na vasilha.

Murmurou as palavras de bênção e, preparando-se contra o gosto amargo, bebeu todo o líquido. As vozes dos druidas se levantaram em invocação; a pressão da expectativa do povo se batia contra sua consciência. O líquido queimava em sua barriga; ela se perguntava se havia se equivocado na dosagem,

mas lembrou-se de que já sentira aquilo antes. Então lhe ocorreu que a cada vez se envenenava um pouco e que morreria como Lhiannon havia morrido, embora talvez não tão cedo.

Mas o mundo já se apagava em torno dela; mal teve consciência de cair para a frente na cadeira da vidente ou do sacolejar quando a levaram para o topo do monte.

Caillean olhou a figura dobrada na cadeira alta acima dela com mais preocupação do que de costume. Como sempre, a intensidade do canto a levava ao transe também. Porém, havia uma tensão nas energias que pulsavam em torno dela que ela não conseguia entender. Virou-se e viu o pai de Eilan entre os druidas vestidos de branco no círculo. Ardanos não dissera nada. Será que sabia que Bendeigid estaria ali?

Eilan se retorcia no assento alto, e Caillean se esticou para apoiar a parte de trás. Era proibido tocar a grã-sacerdotisa quando ela estava em transe, mas deveriam estar preparadas para pegá-la se ela caísse.

*Deusa*, rezou, *tome conta dela – não me importo com o que acontecerá comigo!* Teve a impressão de que Eilan ficara imóvel; de canto de olho, podia ver a mão branca pendendo do lado da cadeira, esguia como a de uma criança. Como podia brandir tanto poder?

— Senhora do Caldeirão — gritou a multidão. — Roda de Prata! Grande Rainha! Venha a nós! Grande Deusa, fale conosco agora!

Caillean sentiu a madeira da cadeira estremecer debaixo de sua mão. Os dedos de Eilan se curvavam e sua pele parecia brilhar sob o olhar fascinado de Caillean. *É verdade*, então pensou, *a Deusa está aqui*. Lentamente, a figura no assento alto se endireitou, esticando-se como se para acomodar uma massa maior que a esbelta figura de mulher ali sentada. Caillean sentiu um pequeno calafrio percorrendo sua espinha.

— Contemplai, ó povo, a Senhora da Vida chegou! Que o Oráculo fale! Que a Deusa declare a vontade dos Imortais! — gritou Ardanos.

— Deusa! Livra-nos daqueles que desejam nos escravizar — veio outra voz. Bendeigid deu um passo para a frente. — Conduza-nos à vitória!

Eles soavam como corvos, clamando sangue e morte. Eilan, sozinha, se colocava entre a Casa da Floresta e um povo que berrava por guerra. Será que eles ao menos imaginavam o que aconteceria com aquele país, entre os romanos e seus auxiliares estrangeiros, se chegasse ao ponto do combate aberto? Apesar de seu ódio pelos romanos, Caillean se perguntava como qualquer homem ou mulher em sã consciência – ou mesmo uma Deusa – poderia jogar o país na

guerra. Haveria Bendeigid se esquecido tão rápido da casa deles em chamas, esquecido das mortes da mulher e da filhinha?

*Deusa* , pensou, *Tu colocaste a paz deste país nas mãos de Eilan; que ela faça a Tua vontade ainda que possa parecer que seja também a vontade dos romanos...*

A figura na cadeira estremeceu e subitamente jogou o véu para trás, examinando a multidão com um rosto tão frio e impassível quanto uma das estátuas feitas pelos romanos.

— Esta é a noite mais curta — ela disse baixo, e a multidão que murmurava se aquietou para ouvir. — Mas, deste momento em diante, as forças da luz vão declinar. Ó vós, cujo orgulho é aprender todos os segredos da terra e do céu — ela indicou o círculo de druidas com um gesto de mão desdenhoso —, não conseguis ler os sinais no mundo em torno de vós? As tribos viram seu dia e agora enfraquecem ainda mais; assim acontecerá com o império dos romanos também. Todas as coisas alcançam o topo e, então, precisam cair depois.

— Mas assim sendo não há esperança? — perguntou Bendeigid. — Com o tempo, até mesmo o sol renasce!

— Isso é verdade — disse a voz calma e quieta acima dele. — Mas não até que o dia mais negro tenha passado. Guardem suas espadas e pendurem seus escudos, filhos de Don. Deixem que as águias romanas rasguem umas às outras enquanto vocês aram o campo e sejam pacientes, pois o Tempo certamente vingará seus danos! Eu li os pergaminhos místicos do Céu; e lhes digo, o nome de Roma não está escrito lá.

Um suspiro, misto de alívio e desapontamento, atravessou a multidão.

Ardanos e um dos outros sacerdotes sussurravam. Caillean percebeu que aquela era a única chance que poderia ter para fazer o que Eilan pedira.

— E o que será, então, da velha sabedoria? Como Teu culto pode ser preservado em um mundo em mudança?

Ardanos e Bendeigid a encararam, mas a questão fora feita, e a Deusa já se virava; Caillean tremia, completamente certa de que, naquele momento, o que a olhava não era Eilan.

— É você, uma filha da raça antiga, que vai Me questionar verdadeiramente? — veio a resposta em voz baixa. Houve uma pausa, quando a atenção da Deusa pareceu se voltar para dentro; então, Ela riu. — Ah, é esta quem também pergunta. Podia pedir mais de Mim, porém tem medo. Uma criança tola por não entender que Minha vontade é que todos vocês sejam livres. Ela encolheu os ombros gentilmente. — Mas vocês são crianças, todos vocês — o olhar dela se fixou em Ardanos, que corou e desviou o olhar —, e não destruirei suas ilusões agora. Não são fortes o suficiente para aguentar muita

realidade...

Ela estendeu um braço, virando a mão e flexionando os dedos como se desfrutasse do movimento, e continuou:

— A carne é doce. — Ela riu baixo. — Não me surpreende que se apeguem a ela. Mas, quanto a Mim, o que imaginam que seus esforços insignificantes podem fazer para ajudar ou causar dano? Estou aqui desde o começo, e enquanto o sol brilhar e as águas correrem permanecerei. Eu sou...

Havia uma verdade terrível naquela simples declaração de ser, e Caillean estremeceu.

— Mas nossas vidas escoam como as águas e se vão — disse então Caillean. — Como devemos passar o que Nos ensinou para os que chegam?

A Deusa olhou dela para Ardanos e voltou.

— Já sabe a resposta. Em eras passadas, sua alma fez o juramento, e a dela também. Que uma de vocês vá adiante — ela gritou. — Que uma de vocês vá ao País do Verão, lá nas margens do lago, para estabelecer uma Casa das Donzelas. Lá eu serei servida, lado a lado com os sacerdotes do Nazareno. Assim, Minha sabedoria sobreviverá aos dias que se aproximam.

O corpo da sacerdotisa, que estava retesado como um arco, foi solto quase de uma vez; a flecha havia voado, a mensagem fora dada. Eilan caiu de novo na cadeira, e Caillean e Miellyn se mexeram rápido para segurá-la. Ela se retorcia e murmurava, saindo do transe.

Ardanos ficou de cabeça baixa, pensando no significado daquele Oráculo e em como poderia usá-lo. Não poderia dar uma contraordem – e não era sua intenção, sendo um homem devoto, contradizer as palavras diretas da Deusa –, mas era seu privilégio interpretá-las. Depois de um momento, sua cabeça se levantou. Ele olhou diretamente para Caillean, e ela teve a impressão de que ele sorria.

— A Deusa falou. Agora, que assim seja. E esta casa será fundada pela serva da Deusa; é você, Caillean, quem irá fundar a Casa das Donzelas no Tor.

Caillean o encarou de volta. Havia triunfo nos olhos claros dele. Para Ardanos, essa decisão da Deusa era uma oportunidade fortuita de conseguir algo que desejava há muito tempo – separá-la de Eilan.

Ele pegou o galho de visco e aspergiu água sobre o corpo inerte da sacerdotisa, e todos os outros sons se perderam no barulho debochado dos sinos de prata.

— Para alguém que está fora da armadura faz alguns anos, você parece manter-se ocupado!

Gaius sorriu para o pai através dos pergaminhos enrolados e pilhas de tábuas enceradas que cobriam a mesa. Lá fora, um vento frio de fevereiro chacoalhava galhos que apenas começavam a se encher de seiva. Dentro da sala, o hipocausto aquecia os chãos azulejados e o carvão queimava em braseiros de ferro, lutando contra as correntes de ar.

— Espero que o jovem Brutus seja grato a tudo o que faz por ele.

— Ele é grato por minha experiência — disse Macellius —, e eu sou grato por suas notícias. Ele é muito bem conectado, você sabe, parente de metade das famílias antigas de Roma. O pai dele é um velho amigo de seu patrono Malleus, a propósito.

— Ah! — Gaius tomou outro gole de vinho quente com especiarias, começando a entender. — E o que o nosso legado acha das políticas atuais do imperador?

— Francamente, as cartas de Roma o deixam apavorado. Seu mandato como comandante termina no fim deste ano, e ele está imaginando como escapar de voltar para casa! Como membros da ordem equestre, eu e você temos uma vantagem: não somos obrigados, por lei, a residir em Roma. A Cidade Eterna tem sido bem pouco saudável para senadores neste ano, ouvi dizer.

— Como Flavius Clemens? — perguntou Gaius, de modo sombrio. Não era de surpreender que os senadores estivessem inquietos. Se o próprio primo de Domiciano fora executado, o que o resto deles poderia fazer?

— Ouviu outra informação sobre as acusações feitas contra ele?

— A acusação oficial foi ateísmo. Mas, de acordo com os rumores, o homem era um cristão que se recusava a queimar incenso para o imperador.

— Certamente nosso *Dominus et Deus* ficou imensamente insultado!

Macellius sorriu de maneira amarga.

— Os deuses sabem que aqueles cristãos são um bando de sujeitos exasperantes que, quando não estão sendo perseguidos pelo governo, perseguem uns aos outros. Se Nero ao menos tivesse tentado colocar as diferentes facções deles umas contra as outras na arena, teria economizado uma fortuna com leões — mas o tipo de adoração que Domiciano exige vai além de toda a propriedade!

Gaius assentiu. Ouvira o suficiente de Julia acerca da pregação de padre Petros para saber do fascínio cristão com martírio, e de sua luta sectária, embora a mulher se referisse a isso como purgar a igreja dos ímpios. Mas, no plano maior das coisas, os cristãos eram um problema menor. Muito mais séria era a megalomania do imperador.

— Ele está indo pelo caminho de Nero ou de Calígula? — perguntou.

— Ele ainda não tentou deificar seu cavalo, se é o que quer dizer — respondeu o pai. — Ele tem sido um imperador eficaz de muitas maneiras; é por

isso que é tão perigoso. O que restará para Roma se apoiar quando o próximo imperador louco vier se Domiciano puder destruir o que sobrou da classe senatorial?

Gaius olhou para o pai com cuidado.

— Você está realmente preocupado com isso, não?

— Não é para mim que isso tem muita importância — respondeu Macellius, girando o anel equestre na mão. — Mas a maior parte de sua carreira está diante de você. Com esse imperador, quais são as suas chances?

— Pai... algo está acontecendo, não está? O que lhe pediram para fazer?

Macellius suspirou e olhou em torno do cômodo, com suas paredes pintadas e pilhas de pergaminhos, como se temesse que tudo fosse desaparecer.

— Há um... plano... — disse com cuidado — para acabar com a dinastia flaviana. Quando tiverem lidado com Domiciano, os senadores vão eleger um novo imperador. Para que o plano funcione, as províncias precisarão apoiá-lo. O novo governador é um homem de Domiciano, mas a maioria dos legados legionários é do mesmo tipo de família da de Brutus...

— E então querem nosso apoio — disse Gaius, sem rodeios. — O que imaginam que as tribos farão enquanto estivermos empenhados nessa limpa imperial?

— Se prometermos a eles algumas concessões, vão nos apoiar... As filhas da rainha Birgitta logo virão para nós, e Valerius está me ajudando a encontrar os pais adotivos apropriados para criá-las. Romanos e bretões deverão se tornar aliados no fim. Desse modo, isso acontecerá um pouco mais cedo, e é tudo.

Gaius soltou um assvio sem som. Aquilo era sedição em grande escala! Ele engoliu o resto do vinho. Quando olhou para cima de novo, o pai o observava.

— Coisas mais estranhas já aconteceram — disse Macellius em voz baixa. — Dependendo de como as coisas forem, pode ser um futuro um tanto interessante para um romano da linhagem real dos siluros!

Algo além do vinho quente fazia a cabeça de Gaius girar enquanto ele cavalgava para casa. Havia agradado Julia por tempo suficiente. Agora, estava claro para ele que precisava adotar seu filho com Eilan formalmente. Mas, quando chegou em casa, descobriu que Julia não conseguia falar de nada além de sua última visita ao eremita, padre Petros.

— E ele diz que é certeza da Escritura Sagrada – e de todas as outras profecias – que o mundo vai acabar com a morte desta geração — ela disse, os olhos brilhando. — Com a vinda de cada amanhecer, devemos pensar que pode

não ser o sol, mas o mundo começando a queimar. E, então, seremos reunidos com nossos amados. Sabia disso?

Ele balançou a cabeça, surpreso que ela, que recebera uma boa educação romana, pudesse acreditar numa coisa dessas. Mas as mulheres eram crédulas, sendo esse provavelmente o motivo pelo qual não podiam servir em cargos públicos. Ele se perguntou se os cristãos estavam tirando vantagem das atuais ansiedades sobre o imperador.

— Vai se tornar uma seguidora do Nazareno, aquele profeta de escravos e judeus renegados? — perguntou de modo incisivo.

— Não vejo como qualquer pessoa que pensa poderia fazer outra coisa — respondeu Julia, calmamente.

*Bem*, pensou Gaius, *obviamente não sou uma pessoa que pensa – ao menos não do tipo dela*. Ele disse apenas:

— O que Licinius dirá sobre isso?

— Ele não vai gostar — disse Julia, com tristeza. — Mas é a única coisa de que tive certeza desde que... desde que as crianças morreram.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

*Isso não faz sentido*, pensou ele, mas não disse em voz alta; fazer sentido não parecia ter dado a ela muito conforto. E, de fato, ela parecia mais feliz do que vira desde a morte de Secunda. A imagem de sua filha afogada ainda o assombrava dia e noite. Sendo lógico ou não, ele quase tinha inveja dela.

— Bem, faça como quiser. Não tentarei impedi-la.

Ela olhou para ele quase com desapontamento e então se alegrou.

— Se tivesse qualquer senso do que é certo, também se tornaria um nazareno.

— Minha querida Julia, você me disse muitas vezes que não tenho senso do que é certo — disse incisivamente.

Ela fixou seu olhar no chão, e ele pôde perceber que havia algo mais.

— O que é?

— Não quero dizer na frente das crianças — ela gaguejou.

Gaius riu, pegou o braço dela e a levou para outro cômodo.

— Bem, o que é que não pode dizer na frente de nossas filhas, Julia?

Ela novamente baixou os olhos para o chão.

— Padre Petros diz que... como o fim do mundo está tão próximo... — ela gaguejou — seria melhor que todas as mulheres casadas – e homens – fizessem votos de castidade.

Ao ouvir isso, Gaius jogou a cabeça para trás e riu.

— Você percebe que, conforme a lei é hoje, se recusar a dormir com seu marido é motivo de divórcio?



Julia, embora obviamente perturbada, estava pronta para responder tal questão.

— Mas os que foram julgados dignos de ter parte no outro mundo e na ressurreição dos mortos — recitou — não tomarão mulher nem marido.

— Isso resolve tudo — disse Gaius, rindo novamente. — Não me importo com seu céu, ao menos não com o pedaço governado pelo padre Petros.

Então adicionou, sabendo que isso a machucaria:

— Faça os votos que quiser, minha querida. Considerando que, no último ano, você teve tanta utilidade na cama quanto um graveto, não imagino como pode pensar que isso faria alguma diferença para mim.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

— Então não criará dificuldades?

— Nenhuma, Julia; mas é justo lhe dizer que, se você não está mais presa pelos laços do nosso casamento, também não me prenderei a eles.

Ele percebeu que estava estragando a cena que ela havia resolvido encenar; ele deveria, imaginava, ter se enraivecido ou argumentado.

— Jamais teria considerado pedir que fizesse tal voto — ela disse, e então completou, rancorosamente: — Duvido que conseguiria mantê-lo, se o fizesse. Acha que não sei por que trouxe aquela bela escrava no ano passado? Deus sabe que ela tem pouca utilidade na cozinha! Com tantos pecados já sobre sua alma...

Mas era o suficiente para Gaius. Não discutiria o estado de sua alma – seja o que for que ela quisesse dizer com aquilo – com Julia.

— Serei o responsável pela minha própria alma — disse a ela, e foi para seu escritório, onde encontrou uma cama já feita para ele. Então ela havia contado com a disposição dele para dormir sozinho, independente do que mais ele pudesse dizer.

Gaius pensou brevemente em celebrar sua liberdade convocando a escrava, mas percebeu que não tinha vontade de fazê-lo. Queria algo mais que a conformidade de uma mulher que não tinha escolha na questão. Sua mente foi para Eilan. Ao menos agora Julia não poderia fazer objeções se quisesse adotar Gawen. Como contaria a ela?

Enfim estava livre para procurar Eilan novamente. Mas o rosto da Fúria que vira no festival do solstício de verão se colocava entre ele e suas memórias, e era o rosto da menina que encontrara na casa do eremita no ano anterior que, por fim, o acompanhou ao sono.

N a metade de fevereiro as tempestades deram lugar a um período de tempo ameno, claro e fresco, embora ensolarado. Em lugares mais protegidos, as primeiras árvores frutíferas começavam a criar brotos, e os galhos se avermelhavam com a volta da seiva. O balido dos novos cordeiros nas colinas ecoava como melodia, e os charcos ressoavam com os chamados dos cisnes que voltavam.

Eilan olhou para o céu azul e percebeu que havia chegado a hora de cumprir sua promessa a Macellius. Esperava no jardim quando Senara atendeu seu chamado.

— É um belo dia — disse Senara, claramente se perguntando por que Eilan a tirara de suas tarefas.

— É, sim — concordou Eilan —, um belo dia para fazer uma tarefa indesejada. Mas só posso pedir a você.

— O que é?

— As filhas de Birgitta estão aqui há um ano agora, e está na hora de enviá-las aos romanos conforme prometi. Eles mantiveram a promessa em relação a Birgitta, e acredito que vão lidar com as crianças de maneira bondosa. Mas é preciso que isso seja feito discretamente, para não despertar outra vez a velha inimizade. Você tem idade suficiente para levá-las a Deva, e sabe latim o suficiente para perguntar o caminho até a casa de Macellius Severus. Pode encaminhá-las até lá?

— Severus? — Senara franziu a testa. — Acho que me recordo do nome. Minha mãe uma vez me disse que o irmão dela o servia e que ele era um homem duro, mas justo.

— É o que penso — Eilan assentiu. — Quanto mais cedo as meninas forem deixadas sob os cuidados dele, mais cedo ele poderá colocá-las em seu novo lar.

— Mas elas vão crescer romanas — protestou, então, Senara.

— Isso seria algo tão ruim? — Eilan sorriu para ela. — Sua própria mãe era romana, afinal de contas.

— Isso é verdade... — disse a moça, pensativa. — Às vezes me pergunto sobre a família dela e como foi crescer naquele mundo. Muito bem — ela afirmou, por fim. — Vou encaminhá-las.

Levou algum tempo para preparar as crianças, pois Eilan queria se certificar de que ninguém na cidade romana teria motivos para dizer que as meninas haviam sido negligenciadas enquanto estiveram entre os druidas; mas, por fim, até mesmo ela ficou satisfeita, e Senara, segurando as menininhas pela mão, estava pronta para partir para Deva.

O dia estava fresco mas claro, e, mesmo com uma criança nos braços e a outra caminhando ao seu lado, Senara fez a viagem rapidamente. As crianças balbuciavam felizes, excitadas por saírem. Quando ficaram cansadas, ela amarrou a menina mais nova em seu xale, onde ela logo adormeceu, e pegou a mais velha nos braços. Naquela hora, já era possível avistar as casas mais afastadas no limite da cidade e os muros de madeira robustos do forte atrás. Quando chegou ao fórum central, sentou-se em um banco ao lado de uma fonte para reacomodar sua carga antes de perguntar o caminho para a casa de Macellius.

De repente, o sol foi bloqueado. Senara olhou para cima para contemplar o romano que encontrara na casa do eremita no ano anterior. Mais tarde, lhe pareceu simbólico que ele ficasse entre ela e o sol; mas não pensou nisso naquele momento.

— Já a vi antes, não vi? — ele perguntou.

— Na cabana de padre Petros — ela respondeu, corando.

Uma das crianças acordou e o fitou com olhos de coruja. Senara não o havia visto em nenhuma reunião do pequeno grupo local de nazarenos; mas, como vivia dentro da Casa da Floresta, não conseguia ir com muita frequência. Fora pela primeira vez por curiosidade, depois porque a língua romana lhe parecia um modo de manter um laço com a mãe morta e, por fim, porque encontrou conforto ali.

O belo romano ainda a olhava. Ele era mais jovem do que pensara no começo, e ela gostava de seu sorriso.

— Para onde vai, moça?

— Para a casa de Macellius Severus, senhor; essas meninas devem ser entregues aos cuidados dele...

— Ah, então são essas as crianças.

Por um momento, ele franziu o cenho, e então o sorriso rápido iluminou seus olhos de novo.

— Bom termos nos encontrado, então. Eu mesmo estou indo para lá; posso ser seu guia?

Ele estendeu a mão, e a menininha mais velha colocou a dela dentro, sorrindo para ele.

Senara o olhou com um pouco de desconfiança, mas ele balançou a criança e a colocou no ombro, e ao ouvir o riso da menininha decidiu que ele deveria ter uma boa natureza, afinal.

— O senhor a segura como alguém acostumado com crianças — ela disse, e, embora não perguntasse mais nada, ele respondeu:

— Tenho três filhas; estou bem acostumado com os pequenos.

*Então*, ela pensou, *ele é casado. É um de nós?* Depois de um momento, disse:

— Diga-me, senhor, é então um membro do rebanho de padre Petros?

— Não sou — ele respondeu —, mas minha mulher é.

— Então, senhor, sua mulher é minha irmã em Jesus e, desse modo, da minha família.

Seus lábios se torceram de modo um tanto sardônico ao ouvir isso, e ela pensou: *Ele é jovem demais para sorrir com tanta amargura. Quem o machucou assim?*

— É muito bondoso por me acompanhar — ela disse em voz alta.

— Não é nenhum problema. Macellius é meu pai...

Eles se aproximavam de uma casa bonita, localizada perto dos muros do forte, pintada de branco e azulejada no estilo romano. O romano bateu no portão, e depois de um momento um escravo o abriu, e então eles passaram por um grande corredor até um jardim fechado.

O romano perguntou:

— Meu pai está aí?

— Ele está com o legado — respondeu o homem. — Entre e espere por ele, se quiser; deve voltar logo.

Na verdade, foram apenas quatro ou cinco minutos até que Macellius chegasse. Senara não ficou triste em vê-lo, pois a menina mais nova havia acordado e começava a ficar agitada. Macellius entregou as duas a uma escrava robusta e bondosa que cuidaria delas até que os pais adotivos que escolhera chegassem. Ele agradeceu Senara e perguntou educadamente se ela precisava de escolta para voltar.

Senara balançou a cabeça rapidamente. Na Casa da Floresta, pensavam que as meninas haviam sido levadas para parentes da mãe delas, na cidade. Voltar com uma escolta de soldados romanos seria alimentar desconfiança. Teria sido agradável, no entanto, se o jovem Severus a pudesse acompanhar até lá – ela

tirou o pensamento da cabeça.

— Eu a encontrarei de novo? — ele perguntou, e um pequeno tremor de excitação a percorreu.

— Talvez em um dos serviços.

Então, antes que pudesse se envergonhar totalmente, saiu pela porta.

Julia Licinia jamais fazia algo pela metade. Uma noite, em abril, pediu a Gaius que a acompanhasse a um serviço noturno no templo nazareno em Deva. Embora o casamento deles tivesse se tornado uma ficção cordial, ela ainda era a senhora da casa, e Gaius sentiu-se obrigado a apoiá-la. Havia considerado o divórcio, mas ainda não conseguia ver um motivo para ferir Licinius e as filhas somente para poder se casar com outra moça romana.

Não estava nas graças do imperador o bastante para fazer uma aliança com uma família do partido dele, e se aliar com a oposição poderia ser perigoso. Embora o velho Macellius pouco falasse, Gaius sabia que a conspiração estava crescendo. Se o imperador caísse, tudo mudaria. Para Gaius, parecia melhor deixar de se preocupar com seu futuro pessoal até saber se teria um.

Já que o templo nazareno fora, em parte, comprado com a renda das joias que Julia não parecia mais usar, Gaius estava curioso para ver que tipo de valor ela havia conseguido por seu dinheiro. Na hora em que saíram, eram um grupo grande; não apenas Gaius e Julia, mas também as meninas e suas babás, além do que parecia ser metade dos empregados da casa.

— Por que precisamos levar todas essas pessoas conosco? — perguntou Gaius, não de todo de bom humor.

Ele e sua família dormiriam na casa de Macellius naquela noite, mas seu pai não tinha espaço para todos os empregados.

— Porque eles são todos membros da congregação — disse Julia, de modo mais agradável.

Gaius piscou. Jamais lhe ocorrera questionar como ela cuidava da casa, mas não havia percebido que seu zelo a levara tão longe. Ela completou:

— Eles vão voltar à vila quando acabar. Não posso negar a eles a oportunidade de venerar.

Gaius pensou que a verdade era que ela não queria negar, mas achou melhor não dizer nada. A nova igreja cristã era uma velha construção de bom tamanho, perto do rio que havia pertencido originalmente a um importador de vinho. O fedor de vinho velho era encoberto pela fragrância de velas de cera, e havia flores no altar. Figuras pintadas um tanto grosseiramente – um pastor carregando uma ovelha, um peixe, alguns homens em um barco – adornavam as paredes

caiadadas.

Enquanto entravam, Julia fez um sinal críptico; ele ficou desgostoso ao ver que Cella, Tertia e Quartilla tentaram imitá-la. Teria Julia convertido não só os criados, mas as filhas também? Ele se perguntava se esses cristãos estavam tentando minar a autoridade do lar.

Julia encontrou um lugar em um banco duro não muito longe da porta e sentou-se, cercada de suas criadas e filhas. Gaius, de pé atrás dela, olhou em torno para ver se havia outro conhecido na congregação. A maioria das pessoas reunidas parecia ser de trabalhadores dos mais pobres, e ele se perguntou como a esnobe Julia se sentia cercada de gente assim. Então, reconheceu um rosto: a garota que trouxera as filhas de Birgitta para a cidade. Ela dissera a ele que vinha aos encontros sempre que conseguia sair, e, naquele momento, ele pôde perceber que a única razão pela qual havia cedido ao pedido de Julia para acompanhá-la era uma leve esperança de ver a moça.

Um padre, bem barbeado e vestindo uma dalmática longa, entrou com dois meninos, um dos quais carregava uma cruz de madeira e o outro, uma vela; também entrou um par de homens mais velhos, que Julia disse serem diáconos, um deles com um pesado livro encadernado em couro na mão. Este era um homem de meia-idade de aparência um tanto séria. Enquanto colocava o livro no imenso atril, tropeçou em uma criança de quatro anos na nave; mas, em vez de sair correndo apavorada, a criança riu para ele, e o diácono se curvou e abraçou o menino com um sorriso que transformou seu rosto, e então o deu ao pai, um homem encardido com mãos grosseiras e braços fortes de ferreiro.

Houve preces e invocações; a congregação foi purificada com água e incenso, tudo suficientemente parecido com uma cerimônia romana para que Gaius não se sentisse muito desconfortável, embora o latim fosse menos puro. Então, os padres e diáconos se sentaram, e houve uma leve agitação de empolgação quando outro homem foi para a frente.

Gaius não ficou surpreso em reconhecer padre Petros, parecendo esfarrapado e barbudo perto dos outros. Ele olhou para os fiéis calmos com tal intensidade que Gaius se perguntou, um tanto insensível, se o eremita tinha a vista ruim.

— Nosso Mestre um dia disse: “Deixai as crianças virem até mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus”. Muitos de vocês aqui esta noite perderam um filho e sofrem; mas seus filhos, eu lhes digo, estão seguros com Jesus no Céu, e vocês, pais que sofrem, são mais felizes que os pais que deram os filhos, vivos, ao serviço de ídolos. Eu lhes digo que seria melhor para essas crianças estarem mortas e em segurança, não tendo pecado, do que vivas para servir a deuses falsos!

Ele fez uma pausa para respirar, e o povo suspirou.

*Eles vêm aqui para serem assustados! , pensou Gaius, com cinismo. Estão apreciando a ideia de sua própria superioridade virtuosa!*

— Pois o primeiro dos grandes mandamentos é este: ama o Senhor teu Deus com todo o coração e a alma; e o segundo dos grandes mandamentos é este: honrar pai e mãe — ribombou padre Petros. — A questão, então, se coloca: o quanto uma pessoa jovem pode ser responsabilizada se os seus guardiões o colocam a serviço de um ídolo pagão? Há padres em nossa igreja que disseram que todos, até bebês de colo, são culpados se estiverem presentes durante a adoração de um ídolo; mas há outros que sustentam que, se o guardião de uma criança o compromete ao serviço de um ídolo antes que alcance a idade da razão, então ela deveria ser declarada inocente. Meu sentimento é que...

Mas Gaius não se importava de fato com o sentimento do padre. Naquele momento, seu olhar se fixara no espetáculo bem mais agradável da garota, Senara, que se inclinava para a frente, absorta nas palavras do eremita. Ele havia perdido totalmente a meada do discurso do padre, mas já decidira que aquelas cerimônias cristãs eram muito maçantes para seu gosto; sem sacrifícios, sem rugidos de exortações, sem nem mesmo o drama que os ritos de Ísis ou Mitra podiam dar. Na realidade, essas cerimônias cristãs eram mais aborrecidas do que qualquer outra coisa que ele já havia ouvido, com exceção de algumas filosofias druidas.

Mesmo com o rosto iluminado da moça para olhar, teve a impressão de que se passara um longo tempo até que o discurso de padre Petros finalmente chegasse ao término. Gaius ansiava por ir embora, e foi com consternação que ouviu que ele e outros membros não batizados da congregação deveriam esperar lá fora, enquanto os iniciados participavam de algum banquete de amor. Protestou de forma tão veemente que Julia, por fim, concordou em partir, embora tenha dito às babás e às servas que poderiam ficar.

Ele pegou Quartilla, adormecida, e saíram para a casa de Macellius. Mas mal haviam saído quando Tertia começou a reclamar que queria ser carregada também. Gaius bruscamente disse para que a menina se comportasse como uma criança crescida e andasse; a saúde da mãe dela havia melhorado, mas ainda não estava forte o suficiente para carregar a menina, e Cella ainda era muito pequena. Quando Tertia começou a choramingar, alguém se moveu de trás deles, e ele ouviu uma voz doce dizer:

— Vou carregar sua menininha.

Gaius teria recusado, mas a moça britânica já havia levantado a criança sonolenta, que quase instantaneamente adormeceu em seus braços.

— Ela não pesa nada — disse a moça —, e estou acostumada a trabalhos

mais pesados que este!

— Você é uma verdadeira irmã em Cristo — exclamou Julia.

Gaius não conseguia pensar em mais nada para dizer, então andaram lado a lado. As mulheres trocaram algumas amenidades em voz baixa, e Gaius se flagrou obscuramente aliviado porque não se conheciam tão bem. A lua, poucas noites antes da fase cheia, lhes fornecia luz suficiente para iluminar esparsamente o caminho. Podiam ver a rua sob os pés, e muitas árvores brilhavam com nuvens de flores brancas nebulosas.

Assim que empurraram o portão, o camareiro de Macellius saiu para encontrá-los com uma lanterna. Quando Tertia começou a se agitar, a garota britânica a colocou no chão, e ficaram olhando uns para os outros na luminosidade sutil.

— Deve ficar e se juntar a nós para comer algo, já que perdeu o ágape — declarou Julia.

— Ah, não, eu não posso — disse a moça, timidamente. — É muita bondade de sua parte, senhora, mas eu não tinha permissão para vir; preciso ir logo para casa, ou vão sentir minha falta, e então, ainda que não seja punida, pode ser que não consiga vir mais.

— Não vou segurá-la, então; isso seria uma péssima recompensa por sua bondade — disse Julia, rapidamente. — Gaius irá com você. Esta parte da cidade é tranquila, mas antes de sair pelos portões pode haver pessoas que não são companhias seguras para uma jovem honesta e de bem.

— Não é necessário, Domina — ela começou, mas Gaius interrompeu.

— Irei com prazer; gostaria de caminhar um pouco antes de ir para a cama, e posso levá-la em segurança para sua casa.

Ao menos assim poderia perguntar o que uma moça da Casa da Floresta fazia entre os cristãos. A resposta, decidira, poderia ser reveladora. Quando ela apertou o manto – escuro e liso como uma serva de um lar respeitável deveria usar – no corpo, ele se perguntou se era porque usava por baixo um vestido de sacerdotisa. Gaius pegou uma tocha; mesmo que a lua se fizesse presente, sabia que era melhor não enfrentar as ruas sem uma, e sentiu que uma boa luz poderia tranquilizar a garota. Ela beijou todas as menininhas, incluindo a pequena sonolenta nos braços de Julia, e desceu os degraus ao lado dele. Passaram pelas ruas silenciosas sem atrair atenção, mas, mesmo quando as últimas casas estavam atrás deles, sua companhia não pareceu cogitar colocar o capuz de volta, embora a noite estivesse quente.

O silêncio parecia opressivo.

— Desde quando você vem aos serviços no novo templo? — perguntou Gaius, por fim.



— Desde que foi construído.

— E antes disso?

— Quando eu era pequena, minha mãe costumava me levar a encontros nas dependências dos criados na casa de uma das autoridades da cidade, cujo camareiro era cristão.

— Mas você vive na Casa da Floresta — ele disse, franzindo a testa.

— É verdade — ela afirmou, em voz baixa. — A sacerdotisa deles me deu abrigo – sou órfã. Mas não há nenhum juramento que me prenda. Meu pai é britânico, agora exilado, mas minha mãe era romana. Ela me batizou, e, quando descobri que padre Petros estava morando por perto, quis saber mais sobre a fé dela.

Gaius sorriu.

— E seu nome é Valeria!

Ela piscou. Fazia muito tempo que não ouvia aquele nome.

— É o nome que minha mãe me deu, mas sou Senara há tanto tempo que havia quase me esquecido. Padre Petros diz que é minha obrigação obedecer a meus guardiões, ainda que sejam pagãos. Ao menos na Casa da Floresta nenhum mal me atingirá. Ele diz que os druidas estão entre os bons pagãos que um dia receberão a oferta da salvação; mas não devo fazer nenhum juramento a eles. E o apóstolo Paulo ordenou que os escravos obedecessem a seus mestres. A liberdade é da alma, mas o status legal do corpo não pode ser deixado de lado, nem juramentos legítimos.

— Ao menos eles têm esse bom senso — ele murmurou. — Pena que não estendem esse raciocínio para cobrir as obrigações deles com o imperador!

Senara falava como se não tivesse ouvido, e ele se perguntou se a tagarelice dela escondia medo; entretanto, ele estava demasiado encantado pela música da voz dela para se preocupar com as palavras. Ela tinha tamanha inocência, como Eilan quando era jovem.

— É claro que não me pedem para pecar na Casa da Floresta, e são boas pessoas, mas quero ser uma verdadeira crente e ir para o céu. Mas teria medo de ser mártir, e costumava temer que pensariam que era minha obrigação morrer por minha fé, como um dos santos sobre os quais minha mãe me falou; eu era só um bebê, mas consigo me lembrar – apenas.

— Mas o governo não está perseguindo cristãos agora...

Ela hesitou. Enquanto Gaius procurava algo para dizer, Senara continuou.

— É claro, hoje o padre estava realmente falando sobre mim. Algumas pessoas na congregação sabem que estou em um templo pagão e me desprezam porque permaneço lá – mas padre Petros diz que não preciso ir embora até ter idade.

— E então o que acontecerá depois? — ele perguntou. — Valerius irá arranjar um casamento adequado para você?

— Ah, não. É mais provável que eu entre em uma sororidade sagrada. No céu, dizem os padres, não há casamento nem ser dada em casamento.

— Que desperdício — declarou Gaius. Havia ouvido aquilo antes. — Realmente acho que os padres devem estar enganados.

— Ah, não; porque, quando o mundo acabar, não vai querer que haja nenhum pecado em sua alma.

Gaius afirmou com total sinceridade:

— Nunca me ocorreu que deveria me preocupar com minha alma, nem mesmo me perguntar se eu tinha uma ou não.

Ela parou de repente e se virou para ele no escuro.

— Mas que terrível — disse, muito seriamente. — Não quer ser jogado no poço do inferno, quer?

— Acho estranho que uma religião condene o povo por ter filhos ou pelo ato que os gera! E, quanto ao seu poço do inferno, certamente é uma fábula como o Tártaro ou o Hades. Nada que assuste um homem racional. Você realmente está me dizendo que acredita que é para onde vão aqueles que não seguem as regras de padre Petros?

Ela parou de novo e levantou o rosto para ele, branco como um lírio no luar.

— Mas é claro que sim — disse. — Precisa pensar em sua alma agora, antes que seja tarde demais.

Se alguém que não fosse uma moça tão bela quanto aquela tocasse naquele assunto com Gaius, ele provavelmente teria rido na cara dela. A conversa de Julia sobre aquelas coisas o entediava demasiado. Em vez disso, afirmou de forma gentil:

— Se você se importa com a minha alma, terá apenas de me ajudar a salvá-la.

Ela sugeriu, de modo incerto:

— Acho que padre Petros poderia lhe ajudar muito mais do que eu.

Eles haviam chegado à entrada da avenida de carvalhos que levava à Casa da Floresta, e ela parou, franzindo o cenho.

— Posso ir sozinha a partir daqui; e você certamente não deveria chegar mais perto. Se você for visto, eu também serei flagrada e punida.

Ele pôs as mãos nos ombros dela e disse, de modo meio jocoso, meio suplicante:

— Vai me deixar partir sem a alma salva, então? Precisamos nos encontrar de novo.

Ela pareceu perturbada.

— Eu não deveria dizer isso — disse abruptamente —, mas levo comida ao eremitério de padre Petros todos os dias, ao meio-dia. Se estiver por lá... imagino... que poderíamos conversar.

— Então com certeza salvará minha alma, se é que pode ser salva — respondeu Gaius.

Não se importava nem um pouco com sua suposta alma; mas sabia que gostaria de ver Senara novamente.

— Jamais a verei novamente. — Eilan desviou o rosto de Caillean de repente e mirou o jardim.

— Isso é tolice! — exclamou Caillean, sentindo a pontada de medo que aquelas palavras haviam causado se transformar em raiva. — Agora é você quem tem premonições tolas. Foi você quem quis que eu fosse!

Os ombros magros de Eilan estremeceram.

— Não eu, não eu. Foi a Deusa falando através de mim, e sei que precisamos fazer a vontade Dela. Mas, ah, Caillean, agora que chegou a hora é difícil!

— Difícil mesmo! — Caillean retrucou. — Mas sou eu quem precisa deixar você e tudo que amei. Tem certeza de que era a Deusa falando e não Ardanos sussurrando em seu ouvido? Ele queria nos separar desde que o obriguei a deixar que ficasse com seu filho!

— Imagino que isso o agrade — sussurrou Eilan —, mas realmente acredita que é coisa dele? Que tudo o que tentei fazer aqui é uma mentira?

Caillean ouviu a dor dela e não conseguiu manter a raiva.

— Minha querida – minha pequenina.

Pousou a mão no ombro de Eilan e a grã-sacerdotisa se virou em seus braços. Não fez nenhum som, mas seu rosto estava raiado de lágrimas.

— Não devemos brigar como crianças quando há tão pouco tempo! Há momentos em que o poder dos deuses arde como o sol, e então escurece e a luz parece apenas um sonho. Sempre foi assim. Eu acredito em você, meu amor.

— Sua crença é o que tem me sustentado — murmurou Eilan.

— Ouça — disse Caillean. — Isso não vai durar para sempre. Um dia, quando formos velhas juntas, vamos rir de nossos medos.

— Sei que estaremos juntas — afirmou Eilan, devagar —, mas não sei se nesta vida ou em outra, isso não consigo ver.

— Minha Senhora — disse Huw, do portão. — Os carregadores estão esperando.

— Agora precisa ir. — Eilan se endireitou, tornando-se novamente grã-

sacerdotisa. — Nós duas precisamos servir a Senhora nos lugares para os quais Ela nos chamou, não importa como nos sentimos.

— Está tudo bem. Vou voltar, vai ver — disse Caillean, de mau humor, dando-lhe um último abraço rápido e então a soltando.

E assim ela foi embora, sabendo que iria chorar se olhasse para trás; e não podia, não na frente das jovens sacerdotisas e dos homens. Apenas depois que as cortinas da liteira se fecharam permitiu que as lágrimas corressem.

Passou a maior parte da jornada chuvosa e lúgubre ao País do Verão matutando. Seu humor não foi ajudado pelo fato de viajarem em uma liteira, um tipo de transporte que detestava.

Estava acompanhada pelas sacerdotisas escolhidas para o novo local a ser estabelecido. Eram jovens em sua maioria, todas praticamente recém-chegadas à Casa da Floresta e muito impressionadas para falar com ela sobre qualquer coisa a não ser as trivialidades mais banais. Caillean tinha pouco a fazer além de nutrir sua raiva.

Estava perto do anoitecer quando a pequena procissão serpenteou pela brecha nas colinas e se transferiu para barcas para cruzar os charcos rasos que cercavam o Tor. Ele contrastava com o céu que desbotava, coroadado por um círculo de pedras, e mesmo dali ela podia sentir seu poder. As casas redondas dos druidas se amontoavam nas encostas mais baixas. Na depressão, era possível divisar um grupo de pequenas casinhas de pedra que deveriam pertencer aos cristãos que Ardanos permitira que morassem ali. Uma fragrância de madeira aromática, talvez de macieira, pairava no ar.

Foram recebidos no pé da colina por jovens sacerdotes em vigilância ali, que a cumprimentaram com muitas expressões de deferência e boa vontade, embora parecessem um tanto incertos sobre por que ela viera. Apesar de sua raiva, divertiu-se com a confusão deles e começou relutantemente a aceitar o inevitável. Para o bem ou para o mal, a irmandade druida a enviara para lá, e mesmo eles eram apenas instrumentos da Deusa, que ordenou sua presença ali em termos certos.

Quando chegaram ao templo em si, havia escurecido totalmente. Os sacerdotes a cumprimentaram de maneira educada, se não cordial – mas Caillean não esperava uma recepção calorosa. Sendo esse seu exílio, e não havendo como alterá-lo, ela poderia ao menos tirar o melhor dele.

Depois dos cumprimentos cerimoniais, ela encontrou suas garotas amontoadas e de olhos arregalados em confusão ao lado da fogueira. Um dos jovens sacerdotes as conduziu para uma moradia baixa, de teto de palha, que, conforme disseram em tom de desculpas, não era de modo algum apropriada para abrigar uma sacerdotisa, quanto mais uma do status dela. De todo jeito,

preocupar-se com onde colocar mulheres não era um problema que tiveram de enfrentar até agora. Já que o arquidruída havia ordenado, no entanto, foram rápidos em lhe assegurar que uma casa adequada seria construída para que usassem assim que ela especificasse os requisitos e que a assistência desejada por ela e suas mulheres lhes seria assegurada.

Quando Caillean se certificou de que todas as jovens estavam entregues em segurança no dormitório que havia sido esvaziado às pressas e que outrora abrigava os noviços mais jovens, pôde, por fim, buscar sua própria cama, onde estava pronta para cair de fadiga. Embora a cama e o lugar lhe fossem estranhos, para sua surpresa dormiu pacificamente toda a noite e acordou quando a aurora ainda avermelhava o céu. Vestiu-se sem acordar suas mulheres e saiu sozinha na manhãzinha. Listras de luz rosada começavam a colorir o céu. O caminho diante dela levava para o topo da colina.

Enquanto a luz aumentava, Caillean estudava cuidadosamente o lugar ao redor. Para que, naquele lugar remoto, o destino a levava?

Conforme o sol nascia, podia ver que o Tor se erguia diante de uma vasta extensão de terras selvagens totalmente cercadas por brumas pesadas que saíam da grande camada de água; chegaram tão tarde na noite anterior que ela mal notara, em sua exaustão e fadiga, que o estágio final da jornada fora feito em uma barca.

As encostas verdejantes da ilha mostravam seus topos de um verde enegrecido coberto de florestas através da névoa. Estava muito silencioso, mas, enquanto o sol se levantava e Caillean observava aquela terra estranha, ouviu um murmúrio leve de canto, vindo de algum lugar não muito distante.

Ela se virou; o som vinha de uma pequena estrutura bem no topo da colina. Ela se moveu para cima a fim de ouvir com mais clareza. A música era suave e lenta, e vozes masculinas ressonavam gravemente, tão estranhas aos seus ouvidos após tantos anos vivendo entre mulheres. Depois de um tempo, distinguiu as palavras no fluxo de som; teve a impressão de que cantavam em grego.

*Kyrie eleison, Christe eleison*. Havia ouvido que era assim que os cristãos se dirigiam ao senhor deles; deveria ser a comunidade de refugiados que recebeu permissão do arquidruída para se estabelecer ali. Naqueles dias, todo tipo de religião estranha aparecia no império inteiro.

Foi então que o som se dissipou, e ela viu um velhinho, encurvado como se por uma grande idade, olhando-a. Ela piscou, pois não o vira se aproximar, algo incomum para uma sacerdotisa com seu treinamento. Enquanto o olhava, ele baixou os olhos. Deveria de fato ser um dos padres cristãos; ouvira que muitos deles não encaravam uma mulher estranha.

Mas, aparentemente, ele tinha permissão para falar com ela. Ele disse, no latim de mercado que servia como dialeto em todo o império:

— Tenha um bom dia, irmã. Como se chama? Sei que, com certeza, não é um de nossos catecúmenos, pois não temos mulheres entre nós há muitos anos, com exceção das veneráveis senhoras que vieram conosco faz bastante tempo; você é jovem.

Caillean sorriu um pouco ao pensar que alguém poderia considerá-la jovem, mas o padre era grisalho e frágil como uma folha caída. Ao menos em anos, ele poderia ter sido seu antepassado.

— Não sou — ela disse. — Estou entre os que veneram o deus da floresta. Meu nome é Caillean.

— É mesmo? — ele perguntou educadamente. — Sei alguma coisa sobre os irmãos druidas, e não sabia que tinham mulheres entre eles.

— Os que vivem aqui não têm — ela respondeu —, ou, ao menos, não tinham até agora. Fui mandada aqui da Casa da Floresta, no norte, para estabelecer uma Casa das Donzelas. Subi a colina a fim de ver o lugar para o qual os deuses me guiaram.

— Fala como alguém que conhece algo da verdade, minha irmã. Então, com certeza sabe que todos os deuses são um Deus... — ele fez uma pausa, e Caillean completou:

— ... E todas as deusas uma só Deusa.

O rosto ancestral dele era inteiramente bondoso.

— E assim é. Aqueles a quem o Senhor veio como o Filho Divino de Deus não veem Divindade em nada feminino, então para eles não falamos da Deusa, mas de Sophia, a Sabedoria Divina. Mas entendemos que a Verdade é Uma. Então, minha irmã, me parece muito adequado que estabeleça aqui um templo para a Sabedoria Divina de acordo com o costume de seu povo.

Caillean se curvou. O rosto dele tinha vincos profundos, mas já não parecia feio, pois resplandecia em benevolência.

— Que trabalho esplêndido a que se dedicar nesta encarnação, minha irmã. — Ele sorriu, e seu olhar se voltou para dentro. — Parece certo que esteja aqui, pois me parece que nós servimos nos mesmos altares antes...

Não pela primeira vez naquele encontro estranho Caillean ficou atônita.

— Ouvi que os irmãos de sua fé renegam a verdade das encarnações — disse.

Mas o que ele disse era real. Ela o reconhecia, com o tipo de certeza que sentira ao encontrar Eilan.

— Está escrito que o próprio Mestre acreditava — respondeu o velho padre —, pois Ele falou Daquele que mostra o caminho, a quem os homens chamavam

de João, que era Elias renascido. Também está escrito que ele disse que havia leite para bebês e carne para homens fortes. Muitos dos bebês entre nós, novos na fé, recebem o alimento adequado para crianças espirituais, para que não deixem de reparar sua vida, na crença de que a Terra irá, de fato, continuar para sempre. Entretanto, o Mestre disse que esta geração não vai falecer antes que o Filho do Homem venha; e assim estou aqui, para que até o povo no fim do mundo ouça e saiba a Verdade.

Caillean disse em voz baixa:

— Que a verdade prevaleça.

— Sucesso em sua missão, irmã — respondeu o velho. — Há muitos aqui que receberiam bem uma sororidade piedosa.

Ele se virou como se fosse partir.

— É permitido perguntar seu nome, meu irmão?

— Meu nome é José, e fui um mercador de Arimateia. Entre nós ainda vivem senhoras santas que viram o rosto do Mestre em vida. Elas receberão bem a companhia de mulheres iluminadas entre nós.

Caillean se curvou mais uma vez. Achou um presságio estranho, mas bom, que encontrasse entre aqueles cristãos que não aceitavam mulheres facilmente uma recepção melhor do que sua irmandade druida havia oferecido. *Servo da Luz...* o título ecoou em sua consciência, vindo de algum lugar anterior à memória. Enquanto o velho padre descia a colina, suas mãos se moveram em um gesto de reverência ainda mais ancestral que os druidas. Se uma alma como aquela podia se alinhar com os cristãos, deveria haver alguma esperança para eles, no fim das contas.

Enquanto ele desaparecia para dentro da casinha redonda de pedra, Caillean se flagrou sorrindo. Sabia que a Deusa favoreceria seu trabalho e que de fato fora enviada para aquela ilha por uma boa razão. Começaria naquele dia mesmo.

Enquanto Caillean tomava o desjejum com as outras mulheres lhe ocorreu que, naquele novo lar, tão distante de tudo aquilo que lhes era familiar, não poderia manter o distanciamento que Lhiannon e Eilan observavam dentro da Casa da Floresta. Tomou sua primeira decisão: não seriam servidas por pessoas de fora. Era o primeiro passo para definir o quanto de contato teriam com os sacerdotes. Uma decisão mais fácil foi pedir que a mais alta e mais forte das jovens noviças buscasse um local adequado para um jardim e plantasse o mais rápido possível o máximo de vegetais que conseguisse. Um pouco de comida seria, é claro, providenciado pela população local, mas sua intenção era a de deixar claro, desde o começo, que não seriam dependentes dos sacerdotes druidas de modo

algum. Os sacerdotes não teriam um fiapo de desculpa para exigir controle sobre a vida das mulheres ali.

Escolheu outra mulher – provavelmente a menos inteligente de suas subordinadas – para se encarregar de cozinhar e servir a comida, prometendo a ela a assistência que desejasse. Mais tarde, naquele mesmo dia, falou com um dos sacerdotes e determinou que uma construção que pudesse abrigar quatro ou cinco vezes o número original de sacerdotisas fosse terminada antes que a neve do inverno ficasse muito espessa. Descartou, de modo educado porém firme, a sugestão dada pelo velho sacerdote de que a acomodação em que estavam poderia bastar ao menos para o presente inverno.

Quando enfim o dispensou, ele parecia um tanto chocado. Suspeitava que ele provavelmente se sentisse como alguém que fora atropelado por um grupo de cavalos grandes e sentiu que pela primeira vez poderia ver sua própria vontade feita. Não era um sentimento desagradável. A Deusa de fato trabalhava ali, pois a Senhora agora poderia usar seus talentos ao máximo, algo que nunca havia acontecido anteriormente.

Sentia falta de Dieda; poderia ter aproveitado a ajuda da sacerdotisa mais jovem com as moças e para ensiná-las a cantar. Mas, pensou, estava melhor sem hostilidades entre suas mulheres, especialmente agora que seriam jogadas em um contato tão próximo. Ali não havia ninguém para protestar contra qualquer regra que estabelecesse. Resolveu escolher aquela com mais experiência em canto para aprender a tocar a própria harpa e talvez até ensiná-la a arte de fazer um daqueles instrumentos.

Quando finalmente se deitou para dormir, depois de uma noite agrupando as mulheres para a primeira lição de memorização da tradição não escrita da Deusa, podia ouvir o doce som de cânticos vindo mais uma vez da igreja distante. Foi durante o renovado canto de “Kyrie eleison” que ela adormeceu, mais contente com o local a que a Deusa a levava do que imaginara que ficaria. Naquela noite, sonhou com um santuário servido por damas, com cortes e salões em cima do Tor sagrado que um dia poderiam surgir ali. Poderia não ser em sua própria vida; mas ele viria.



Os dias duravam mais depois de Beltane; o gado era levado aos pastos nas colinas e, nos campos, os homens cuidavam das plantações. O solstício de verão chegou, e, pela primeira vez, Ardanos não tentou instruir Eilan a respeito do Oráculo antes do ritual. Quando ela o viu nos ritos, ele parecia muito frágil. Depois lhe disseram que a Deusa previra um tempo de desastres e mudanças, mas prometera que ele seria seguido pela paz. De fato, todo o território estava cheio de rumores, mas ninguém sabia dizer de qual direção poderia vir o perigo.

Eilan tinha intenção de visitar o arquidruída após haver se recuperado de sua participação no ritual, mas naquela época do ano havia muito a fazer na Casa da Floresta. Os dias passavam, e ela não conseguia encontrar tempo para fazê-lo. No alto verão, até as donzelas da Casa da Floresta iam aos campos de Vernemeton para ajudar a preparar o feno. Eilan supervisionava as que fiavam linho para os sacerdotes e trabalhavam com os potes de tinta, preparando panos para novas túnicas, mas era de Cailleán que sentiam mais falta, pois ela sempre fora a mais habilidosa para tingir tecidos. Nenhuma lei exigia que Eilan fizesse sua parte naquele trabalho doméstico, mas ela acreditava que, uma vez que ela tinha responsabilidade sobre sua pequena comunidade, deveria tomar parte nele.

Estava nos barracões de tingimento, as mangas enroladas até acima dos cotovelos e os antebraços salpicados de tinta azul, quando uma sombra atravessou a entrada. Uma onda de excitação scandalizada correu pelas mulheres ao perceberem que era um dos jovens druidas, corado e transpirando em sua túnica branca. Embora o barracão não ficasse no recinto sagrado dentro dos muros, onde apenas os mais elevados sacerdotes podiam entrar, não estavam acostumadas a verem homens.

— A grã-sacerdotisa — ele arquejou —, a senhora Eilan está aqui?

Todas as mulheres voltaram o olhar para Eilan, e, quando o rosto do rapaz ficou mais vermelho, ela percebeu que ele jamais a vira sem o véu. Ele engoliu em seco.

— Por favor, senhora – o arquidruída está doente. Precisa vir!

Eilan parou na entrada dos aposentos de Ardanos, chocada mesmo após o aviso. Ouviu um pequeno arquejo de Miellyn, que a servia, e fez um gesto para que ela ficasse com Huw na porta. Então, sentou-se ao lado da cama do moribundo. E, de fato, não havia dúvidas de que ele estava morrendo. O ar fazia barulho e sugava o peito de Ardanos para dentro a cada vez que ele respirava, e ela podia ver seu crânio sob a pele pálida. Com uma pontada, lembrou-se de como ele sentou-se com Lhiannon durante a doença dela. Embora o tivesse odiado às vezes, esperava que sua passagem fosse fácil.

— Ele desmaiou no jantar e ficou inconsciente até agora há pouco — disse Garic, um dos sacerdotes mais velhos. — Mandamos chamar Bendeigid.

Ela recolocou o véu e estendeu a mão para pegar a dele.

— Ardanos — disse, em voz baixa. — Ardanos, pode me ouvir?

As pálpebras finas como papel se abriram, e, depois de um momento de confusão, ele focou o olhar no rosto dela.

— Dieda — sussurrou.

— Avô, não me reconhece nem mesmo agora? Dieda está no sul, avaliando as moças que desejam se juntar a nós como sacerdotisas. Sou Eilan.

Uma espécie de diversão amargurada a possuía ao pensar que, depois de todos aqueles anos, ele ainda as confundisse.

O olhar dele focou os ornamentos que ela tomara tempo para colocar e suspirou.

— Você era a certa... no fim.

— Ardanos — ela disse, com firmeza —, como grã-sacerdotisa, é meu dever lhe dizer que está morrendo. Não pode partir sem nomear seu sucessor. Diga-nos, arquidruída, quem deve levar a foice dourada quando se for?

Os olhos dele se fixaram no rosto dela.

— Deusa, eu fiz o melhor... que podia — ele sussurrou. — O Merlim sabe...

— Mas nós precisamos saber! — disse o druida que o servia. — Quem vai escolher?

— Paz! — disse Ardanos, com força súbita, como se ordenasse que ficassem em silêncio. — Paz...

A palavra foi sussurrada em um arquejo moribundo; a respiração fez barulho na garganta do velho, e então ele ficou imóvel.

Por um momento, ninguém se moveu. Então, Garic se esticou para tirar o pulso de Ardanos, esperou, contando, e deixou a mão flácida cair.

— Ele se foi! — disse, de modo acusatório.

— Sinto muito — disse Eilan. — O que farão?

— Precisamos convocar os outros membros de nossa ordem — disse um dos outros, já tomando a dianteira. — Vá agora, senhora. Sua parte foi feita. Vamos informá-la quando os deuses nos levarem a uma decisão, uma vez que acharam melhor não inspirar Ardanos com palavras deles.

Enquanto o décimo quinto inverno do reino do imperador Domiciano passava, o tempo permanecia abafado e estável, como se uma tempestade estivesse se formando em algum lugar logo além do horizonte. Gaius, cavalgando pelas ruas de Deva, flagrava-se constantemente ouvindo e esperando por um trovão. E não era o único. As vozes dos vendedores da cidade se tornaram estridentes e raivosas; havia mais brigas no quartel e nas tendas de vinho, e rumores de levantes e motins abundavam. Até seu cavalo parecia ter sido tomado pela tensão, empinando e saindo de lado nervosamente.

*Os idos de setembro... os idos de setembro...* As palavras martelavam sua consciência a cada vez que os cascos da montaria batiam no chão duro. Desde que Macellius lhe contara a data da rebelião, o sono lhe fugia. O pai acreditava que as tribos os apoiariam, mas Gaius não tinha tanta certeza disso. Se as Águias de Roma lutassem entre si, os únicos vitoriosos seriam os Corvos. Valia a pena correr o risco de uma insurreição geral até mesmo para tirar Domiciano do poder?

*Quando isso acabar, ficarei feliz em passar o resto da vida cuidando da fazenda*, pensou, enquanto esfregava os olhos. *Não fui talhado para ser conspirador.*

E foi esse momento que o arquidruída, que fora uma grande força para a estabilidade, havia escolhido para morrer. Se Gaius acreditasse no inferno cristão de que Julia falava, teria amaldiçoado o homem para as chamas pelo momento da morte. Só Mitra sabia quem os druidas escolheriam para sucedê-lo, mas, mesmo se seu sucessor fosse amigável, levaria tempo para estabelecer o tipo de entendimento que Ardanos tivera com Macellius. Mas, ao menos, as notícias levaram Gaius a tomar uma decisão. A questão da adoção já não era mais importante. Se o país estava a ponto de explodir em uma revolução, precisava se certificar de que o filho estava em segurança. Os informantes de seu pai confirmaram que a grã-sacerdotisa ainda era Eilan. Armado com uma mensagem oficial de condolências do legado, ele iria vê-la.

Havia se vestido cuidadosamente para a ocasião, ao estilo romano, mas com um senso celta de composição, com uma túnica de linho cor de açafrão, bordada com folhas de acantos na barra, sobre culotes de couro de cabra, e uma manta de lã fina marrom presa com um broche de ouro. Ao menos, ninguém esperava que

ele usasse uma toga enquanto cavalgava. Mas, ao virar a montaria para seguir pela avenida de árvores que levava à Casa da Floresta, percebeu que, apesar de suas roupas, estava nervoso. Os primeiros fios brancos haviam acabado de surgir em suas têmporas. Será que Eilan ainda o acharia belo?

Levaram-no a um jardim no qual uma pessoa sob um véu azul esperava debaixo de uma árvore coberta de rosas-caninas. Sabia que deveria ser a grã-sacerdotisa, porque o mesmo guarda-costas tolo que havia desmaiado quando o gado estourou em Beltane anos antes estava ao lado dela, olhando-o. Entretanto, achava difícil acreditar que aquela figura ereta e coberta pelo véu fosse Eilan.

— Minha senhora... — Ele fez uma pausa, e, impelido por algo que não pôde compreender, se curvou. — Vim oferecer as condolências do legado em Deva pela morte do arquidruída, seu avô. Sentiremos muito a falta dele. Ele era... — ele pensou por um momento — um homem memorável.

— Nossa perda é realmente grande — ela respondeu, e, embora o tom fosse neutro, o pulso dele acelerou. — Aceita algo para beber?

Em alguns instantes, uma moça com as vestes sem graça de uma noviça servia um prato com bolo de mel e um garrafão de alguma bebida feita com ervas, frutas silvestres e água que ele supôs ser do Poço Sagrado. Ele bebeu, tentando pensar em algo mais para dizer, e, olhando para baixo, viu que o pano do véu dela estremecia.

— Eilan — disse, em voz baixa —, deixe-me ver seu rosto. Faz tanto tempo.

Ela soltou um risinho.

— Fui uma tola. Pensei que seria seguro vê-lo novamente.

Ela encolheu os ombros e então puxou o véu para trás, e ele viu que seus olhos estavam úmidos pelas lágrimas.

Gaius piscou, pois Eilan não parecia tão mais velha, e sim mais segura de si, como se a garota que tinha conhecido fosse apenas um esboço borrado da mulher que ela se tornaria. Apesar das lágrimas e do pescoço que parecia delgado demais para o peso do torque de ouro, ela parecia forte. *E por que não?*, ele pensou. Em sua esfera, ela teve tanto poder nesses últimos anos quanto qualquer comandante legionário. Aquela mulher não podia ser a Fúria que o assustara tanto. Sua visão se embaçava com velhas memórias. Queria se jogar aos pés dela e declarar seu amor, mas, caso se movesse, aquele grosseirão com a lança estaria sobre ele em um minuto.

— Ouça, não sei por quanto tempo posso ficar aqui — disse, rapidamente. — A guerra se aproxima – não por causa da morte de seu avô, mas por causa dos acontecimentos em Roma. Não posso lhe dizer mais, exceto que haverá uma rebelião contra o imperador. Macellius espera que os britânicos nos apoiem, mas

não há como dizer a maneira como as coisas vão acontecer. Preciso levá-la a um local seguro, Eilan, você e o menino.

Eilan o olhou, e os olhos inconstantes dela se tornaram duros e foscos.

— Deixe-me ter certeza de que o entendo. Agora, quando o império está a ponto de se destroçar, quer me oferecer proteção romana. Depois de todos estes anos! Não é mais provável que, caso haja problemas durante as próximas semanas, eu esteja mais segura aqui — ela indicou os muros e a figura pesada de Huw com um gesto de mão gracioso — do que estarão você e os seus?

Gaius corou.

— Tem certeza de que seu próprio povo jamais se voltaria contra você? Seus Oráculos têm sido uma força para a paz com Roma — e, agora que seu avô não está aqui, quem acha que pessoas como Cynric vão culpar se as coisas derem errado? Não percebe que precisa vir comigo?

— Eu preciso...? — Os olhos dela arderam. — E o que sua mulher romana tem a dizer deste belo plano? Ela se cansou de você, depois de doze anos?

— Julia se tornou cristã e fez voto de castidade. Isso é motivo suficiente para um divórcio nas leis romanas. Eu poderia me casar com você, Eilan, e poderíamos ficar juntos. Se não quiser, posso adotar nosso filho formalmente.

— Tão bondoso de sua parte!

O rosto de Eilan agora estava vermelho na mesma intensidade em que estivera pálido antes. Ela se levantou de repente e começou a descer o caminho, as saias varrendo o cascalho atrás de si. Tanto Gaius quanto Huw se levantaram, igualmente surpreendidos, e a seguiram.

No fim do jardim havia uma sebe, baixa o suficiente para que Gaius pudesse ver um espaço entre as construções e os muros externos, onde várias crianças brincavam com uma bola de couro costurado. Depois de uns poucos momentos, ficou claro para Gaius que um menino era o líder, um rapaz com pernas longas como um jovem potro que começava a crescer. O verão sob o sol havia tornado seus cachos fulvos no topo de sua cabeça, mas ainda eram escuros embaixo, e, quando ele se virou para gritar para um de seus colegas de time, havia algo tão parecido com Macellius em sua expressão que Gaius perdeu o fôlego.

Eilan havia começado a falar de novo, mas o olhar de Gaius estava no rapaz. Seu coração martelava tão forte que pensou que podiam escutar em Deua, mas a criança, atenta ao jogo, em nenhum momento olhou em volta.

— Onde você estava quando dei à luz naquela cabana na floresta? — A voz dela, baixa e furiosa, era direcionada aos ouvidos dele. — E quando lutei para mantê-lo comigo, e todos estes anos em que zelei por ele em segredo, jamais ousando admitir que era meu filho? Ele não sabe que sou mãe dele, mas o

mantive em segurança. Agora que ele está quase entrando na idade adulta, você decidiu tomar uma atitude e levá-lo? Creio que não, Gaius Macellius Severus Siluricus! — ela silvou. — Gawen não sabe nada de Roma!

— Eilan! — ele sussurrou.

Gaius pensara que o que sentira por aquela criança na única vez que o pegara no colo fora alguma fantasia; mas podia sentir a mesma coisa, um anseio que chacoalhava seus ossos.

— Por favor!

Ela virou as costas e começou a descer pelo caminho.

— Meus agradecimentos, romano, pela compaixão — ela disse, em voz alta e clara. — Foi bondade sua vir. Como diz, a morte de Ardanos foi uma grande perda. Leve nossos cumprimentos respeitosos ao legado e a seu pai.

Gaius viu Huw assomando-se em sua direção e começar a segui-la, ainda olhando sobre o ombro. Por um momento, Gawen se virou para ele, a cabeça pendendo para trás, observando a bola. Então, saiu correndo. Gaius deixou que o grande homem o levasse de volta pelo caminho, sentindo-se como se a luz tivesse deixado o mundo.

Eilan colocara o véu novamente. A última visão que tivera dela foi a de uma sombra desaparecendo por uma entrada escura. Enquanto Gaius deixava que seu cavalo escolhesse o caminho de volta para a estrada, perguntava-se como tudo podia ter dado tão errado. Tinha ficado tão aliviado em encontrar Eilan inalterada, e quis dizer que ainda a amava; mas agora percebia que havia algo pior que uma Fúria; uma mulher como as velhas imperatrizes, ou Boudicca, uma mulher deformada pelo orgulho e pelo poder.

Uma visão abrupta de Senara como a havia visto pela última vez encobriu sua lembrança da raiva de Eilan. Ela era tão boa e tão inocente – como Eilan era quando a conheceu. Eilan jamais o entendera de verdade, mas Senara era meio romana, como ele, e dilacerada pelos mesmos conflitos e incertezas. Gaius tinha a impressão de que, se conseguisse ganhá-la, seria completo novamente.

Ainda não estava derrotado. De um jeito ou de outro, teria Senara e ficaria com o menino, embora todas as legiões de Roma e guerreiros da tribo estivessem entre eles.

Eilan passou os dias depois da visita de Gaius em reclusão. As sacerdotisas pensavam que ela sofria por causa do avô, mas, embora a morte dele a tivesse deixado chocada e assustada, o alívio havia predominado. Sua reação a Gaius, no entanto, era algo totalmente diferente. Ela mesma ficara tão surpresa com a própria fúria quanto ele. Não havia percebido o quanto o abandono dele durante

todos esses anos a ressentia. Era verdade que concordara com aquilo, mas com certeza ele poderia ter tentado entrar em contato com ela antes! Como ousava pensar que poderia entrar sem uma palavra amorosa e levar o filho deles embora...

Quando seus pensamentos chegavam a esse ponto, ela tinha de parar, andar um pouco ou passar algum tempo fazendo a meditação disciplinada que Caillean lhe ensinara, como forma de tentar recuperar a serenidade. Dias se passaram até que ela comesse a considerar com seriedade o que ele lhe dissera. Quem, de fato, imaginaria que tinha o privilégio de instruí-la no que deveria dizer em nome da Deusa? Da última vez que soubera de algo, os druidas ainda estavam discutindo. Agora, havia ficado claro que o novo arquidruida não seria escolhido até Lughnasad, e, então, não precisava se preocupar com a preparação para o festival. Mas em Samaine o novo líder estaria firme em seu poder. E, se fosse alguém como seu pai, poderia exigir que a Deusa convocasse as tribos para a guerra.

Quando Dieda voltou para a Casa da Floresta, Eilan viu suas próprias ofertas de empatia rapidamente rechaçadas.

— Ardanos não é nenhuma perda — disse a prima, insensivelmente. — Meu pai sempre esteve nas mãos dos romanos. Eu me pergunto quem dará as ordens ao Oráculo agora.

Desde o nascimento de Gawen, Eilan sentia-se constrangida na presença de Dieda. Ainda assim, parecia impossível que ela não tivesse nenhum sentimento pelo próprio pai. A cada dia que passava, Eilan sentia mais a falta de Caillean, que poderia ter conseguido entender algo disso.

Dieda ainda estava com ela quando uma das moças veio dizer que Cynric havia chegado. *Então os Corvos estão se reunindo*, pensou Eilan, sombriamente, mas o cumprimentou com a bondade de uma parente quando Huw o trouxe para dentro. *Ele parece mais velho do que era*, pensou, dolorosamente, *desgrenhado como um pônei montanhês, a bela pele danificada por velhas cicatrizes*.

— O que está fazendo nesta parte do país? Pensei que estivesse em segurança no norte, depois que as coisas deram errado com Birgitta e os démetas.

— Ah, posso ir e vir como quiser — disse —, até mesmo sob o nariz do comandante. Sou inteligente demais para eles — ele falava com um tipo de alegria frágil que Eilan julgou perturbadora.

— O urso mais orgulhoso é logo preso na armadilha do caçador — murmurou Dieda, sardônica.

Fingia não se importar com Cynric, mas Eilan julgou que ela não estava tão

indiferente quanto buscava aparentar.

Cynric deu de ombros.

— Posso muito bem pensar que alguns deuses me favorecem mais que o costumeiro; é verdade que pareço levar uma vida encantada. Acho que poderia ir a Londinium puxar as barbas do governador.

— Não tentaria se fosse você — disse Dieda, e Cynric retribuiu o riso dela.

— Não tenho a intenção de tentar neste momento; pode ser que seja uma questão diferente dentro de um ou dois meses. Não sofro com a morte de Ardanos; nem você deveria, Eilan. Ele era muito ávido por ter tudo da maneira que ordenava.

— De fato era — ela disse, honestamente, embora seu sangue corresse frio enquanto conectava o que Gaius lhe dissera com as palavras de Cynric.

— Bom; até agora foi honesta — ele respondeu. — Eu me pergunto, irmã de criação, até onde vai sua honestidade.

Ela disse de modo exausto:

— Eu, ao menos, sei o que quero.

— Sabe? E o que é, Eilan?

— Paz!

*Para que meu filho possa crescer e se tornar um homem*, pensou, sombriamente. Mas não poderia, jamais, dizer aquilo para Cynric. Ardanos havia arruinado sua felicidade, assim como a de Cynric e Dieda, mas, ao menos, as tribos estavam em paz havia doze anos no oeste.

Cynric fez uma careta.

— Paz. As mulheres pensam muito nisso — bufou. — Você soa como o porta-voz de Macellius, como às vezes pensei que o velho Ardanos fosse. Mas ele se foi. Agora poderemos ter uma chance de expulsar os romanos. Birgitta espera, sabendo o que queremos dela.

— Devo imaginar que Birgitta viu o bastante da guerra.

— Seria melhor dizer que ela viu o bastante da justiça romana — disse Cynric, com amargura. — Mas há rumores estranhos por aí esses dias. Se os romanos lutarem entre si, talvez possamos nos livrar do que eles chamam de justiça. Cada casa romana será arruinada, assim como foi a de Bendeigid!

Eilan interrompeu.

— Esqueceu-se de que não foram os romanos que derrubaram a casa de meu pai e mataram minha mãe, mas os hibérnios e os homens das tribos selvagens do norte? Os próprios romanos os puniram.

— Quem, além de nós, deveria ser responsável por nossos lares? — perguntou Cynric. — Cabe a nós punir ou salvar conforme achamos correto. Vamos aceitar isso tudo como cães mansos e deixar que os romanos determinem



com quem devemos lutar e onde?

Um rubor raivoso surgia sob a pele desgastada.

Eilan disse, teimosamente:

— Não importa como venha, paz é uma coisa boa.

— Então ainda repetirá as palavras traidoras de Ardanos? Ou são as palavras de Macellius, ou talvez do lindo filho dele? — ele perguntou, zombando.

Atrás dele o guarda-costas gigante jogava o peso de uma perna para outra, inquieto. Eilan estava tão perturbada que mal notou.

— Ao menos, Macellius tem o bem de ambos os nossos povos no coração.

— E eu não? — questionou Cynric, os olhos ardendo.

— Não disse isso nem nada parecido.

— Mas foi o que quis dizer — ele retrucou. — Sei que o filhote de Macellius veio aqui. O que ele lhe disse? Com você em alta posição, parece que mal precisaremos dos romanos. Mas não vamos mais ouvir conselhos traiçoeiros. Bendeigid foi escolhido como arquidruída — é isso que vim lhe dizer — e ele lhe dará instruções muito diferentes no próximo festival!

Dieda olhava de um para o outro com o rosto em chamas. Eilan se esforçou para ficar calma, sabendo que Cynric queria apenas feri-la.

— É verdade que Ardanos me dizia o que queria e interpretava as respostas do Oráculo. Mas o que a Deusa diz enquanto estou em transe não é coisa minha. Não declaro minha própria vontade, Cynric — disse baixo.

— Está tentando me dizer que a Deusa deseja essa traição?

— Por que Ela não desejaria? — gritou Eilan. — Ela é mãe.

*Como eu*. Eilan engoliu as palavras e completou, com raiva:

— Você não tem o direito de falar assim comigo!

— Sou a vingança da Deusa — explodiu Cynric — e falo como quiser — e puno...

Antes que Eilan pudesse reagir, a mão levantada de Cynric havia encontrado seu rosto. Ela gritou, e Dieda exclamou, em choque:

— Como se atreve?

— Cathubodva sabe que me atrevo a lidar dessa maneira com todos os traidores romanizados!

Uma sombra emergiu atrás dele. Ainda a encarando, Cynric começou a se virar. O porrete de Huw o acertou em movimento, e sua cabeça explodiu em um banho de sangue e cérebro. Dieda gritou e Eilan levantou a mão, mas já era tarde.

O corpo de Cynric ficou de pé por um momento, balançando, um olhar surpreso no que havia restado de seu rosto. Então, seu corpo entendeu sua morte,

e, por fim, ele caiu amontoado no chão.

Tremendo, Eilan tocou o pulso dele, embora já soubesse, enquanto observava o fluxo de sangue que desacelerava da cabeça do rapaz, que não encontraria pulsação. Olhou para o guarda, que começava a ficar um pouco verde ao ver sangue.

— Huw, por que fez isso? Por quê?

— Senhora... ele bateu na senhora!

Eilan baixou a cabeça. Huw teria acertado qualquer agressor, mesmo que esse fosse o próprio Ardanos. Fora ensinado que a sacerdotisa era inviolável. Mas a morte de Cynric teria de ser ocultada. Seus seguidores não eram muitos, mas estavam desesperados. Se decidissem vingá-lo, a precária unidade que havia sido construída entre seu povo seria estilhaçada. Cynric morto poderia ser mais perigoso do que jamais fora em vida.

Dieda virou para o lado, chorando. Eilan sentiu que estava além das lágrimas.

— Vá embora, Huw — disse, cansada. — Vá dizer a Miellyn o que aconteceu e peça que ela envie uma mensagem para o novo arquidruída.

*Meu pai...* pensou, anestesiada, mas não havia tempo para considerar as implicações naquele momento.

— Não fale com mais ninguém — instruiu —, e, quando tiver levado a mensagem, esqueça do que aconteceu aqui hoje.

Ela se levantou, subitamente se sentindo como se tivesse cem anos.

— Dieda, venha para o jardim. Não há nada que possa fazer por ele agora.

Ela foi confortar a moça que chorava, mas Dieda se desvencilhou.

— É assim que recompensa a fidelidade ao nosso povo? Então mande seu urso domado me matar também.

Eilan se retraiu.

— Eu tentei salvá-lo. Teria dado minha própria vida...

— Ah, realmente, isso é fácil dizer. — Dieda se virou contra ela. — Mas você tira vidas, não as concede. Você se alimentou da sabedoria de Caillean e, então, a enviou para o exílio quando a deixou seca. Você roubou minha reputação e saiu com sua honra tão brilhante quanto um recém-nascido. E, agora, tirou a vida do único homem que amei! Seu romano teve sorte em se livrar de você! Eilan, a inviolada! Senhora Superior e Poderosa. Se eles soubessem!

Eilan disse, de modo exausto:

— Nenhum de nós colocou uma espada em sua garganta para obrigá-la a fazer seus votos aqui, Dieda. Quando ficou claro que haviam me escolhido, poderia ter sido libertada, e, quando foi para Eriu, nenhuma força foi usada para que retornasse. Já disse isso antes, mas imagino que não podia ouvir.

Ela tentou falar com calma, mas as palavras da outra mulher a atingiram com mais força do que o golpe de Cynric:

— Eu lhe disse uma vez para tomar cuidado se algum dia traísse seu povo. Será que Cynric estava certo, Eilan? Esteve trabalhando para Roma durante todo o tempo?

Eilan levantou a cabeça e, tremendo, mirou aquele outro rosto tão parecido com o seu.

— Eu juro... que servi a Deusa da melhor maneira que pude — disse, em voz rouca — e que o céu caia e me cubra, que a terra se levante e me engula, se estou mentindo. — Ela respirou fundo. — Ainda sou a grã-sacerdotisa de Vernemeton. Mas pode ir atrás de Caillean, ou para onde mais quiser, se achar que não pode mais servir à Deusa em minha companhia.

Lentamente, Dieda começou a balançar a cabeça, em seu rosto uma expressão furtiva da qual Eilan gostou ainda menos que a raiva que surgia em seus olhos.

— Não vou deixá-la — ela sussurrou. — Não vou deixá-la agora por nada no mundo. Quero estar aqui quando a Deusa a acertar!

Senara esperava do lado de fora da cabana na floresta quando Gaius chegou, seus cabelos claros como uma chama em contraste com as árvores escuras.

— Vejo que veio — ele disse, em voz baixa.

Senara se virou e, embora o esperasse, deu um gritinho assustado. — É você?

— Ninguém mais — ele disse, quase alegremente —, apesar do tempo ruim. Ouso dizer que teremos chuva, e rápido.

Ele olhou para o céu.

— O que acha que padre Petros diria de partilhar o abrigo de seu teto com dois pedestres?

— Para convertidos, acho que ficaria feliz. Não acho que seria o mesmo com pagãos — ela disse, de modo reprovador.

Eles foram para dentro juntos. A mobília do eremita consistia em alguns bancos dilapidados e uma cama desajeitada contra uma das paredes. Mas onde estava padre Petros naquela noite? Lá fora a tempestade caiu com uma rajada de vento e um golpe de chuva. Gaius se retraiu, ouvindo o trovão.

— Vê, chegamos bem a tempo — disse. — *Bellissima!*

— Não deve me chamar assim — ela respondeu, timidamente.

— Não? — ele questionou, observando-a com cuidado. — Mas pensei que a verdade fosse uma das virtudes de vocês, cristãos. Os estoicos dizem que sim,

e ouvi dizer que a verdade é valorizada mesmo entre os druidas. Prefere que eu minta, então?

— Sabe como se sair melhor que eu com palavras — ela respondeu, irritada. — Viemos aqui para falar do estado da sua alma.

— Ah, sim, algo que ainda não estou convencido de que possua.

Ela disse:

— Não sou nenhuma filósofa. Mas até mesmo os estoicos que mencionou falam daquela parte do homem que lida com a evidência do que não pode ver ou sentir, não?

— Falam; é o que me convence que, de todas as mulheres, você é a mais desejável.

Sabia que estava pressionando a garota, mas a tempestade, em vez de aliviar a tensão, parecia tê-lo enchido com sua própria intensidade. Passara os dias desde o encontro com Eilan em confusão, alternando raiva e desespero. Ele a teria levado e cumprido com seu dever com ela, mas Eilan negara. Julia também havia desistido dele. Então, certamente ele agora estava livre para buscar conforto em outro lugar! E, quando disse a Senara que ela era linda, não havia mentido.

Ela corou e disse timidamente:

— Não é algo bom que fale assim comigo.

— Pelo contrário, acho que é muito bom, e você desejaria que eu falasse a verdade. E para que mais foi criada como mulher?

Agora ela estava em terreno conhecido, tendo ouvido muitos catecúmenos.

— As escrituras nos dizem — respondeu — que fomos criados com o propósito de adorar o Criador.

— Que enfadonho para ele — disse Gaius. — Se eu fosse um deus, pediria mais dos homens do que passar as horas de lazer me adorando.

— Mas as Criaturas não devem questionar os caminhos do Criador.

— Por que não? — insistiu Gaius.

— Há algo melhor do que adorar a Deus? — ela questionou, levantando os olhos para os dele. Assim, corada, parecia ainda mais bela.

*Certamente há*, pensou Gaius, *e preferiria estar fazendo isso com você*. Se de fato houvesse um deus, ele havia criado a beleza da mulher, e Gaius não conseguia acreditar que ele condenaria qualquer homem por apreciá-la. Mas ainda não era hora de dizer isso.

— Fale-me, então, sobre esse Criador.

— Quase toda fé, exceto talvez pela de Roma, que adora apenas seu maligno imperador, fala de um Criador. Foi Ele quem fez todas as coisas, e Ele nos colocou aqui para que O adorássemos.

— Falando adequadamente, é o gênio do imperador que honramos, a chama divina que o guia, e, através dele, o império, não o homem. É por isso que aqueles que se recusam a queimar o incenso são processados como traidores.

— Podem ter existido bons imperadores, embora alguns padres não creiam nisso — concedeu Senara. — Mas até mesmo você vai reconhecer que Nero, que queimou tantos cristãos em sua arena, era maligno.

— Posso concordar com você em relação a Nero — disse Gaius — e Calígula. E há aqueles em Roma que acham que Domiciano, em sua *húbris*, foi longe demais. Quando isso acontece, aqueles que transformaram um homem em imperador também têm o direito de substituí-lo.

*E logo*, ele pensou, estremecendo. Setembro estava passando rapidamente.

— Tem muito orgulho de ser romano — ela então disse. — Não sei muito sobre a família de minha mãe e sempre me perguntei como seria ter sido criada daquela maneira. Você nasceu em Roma?

Ele sorriu para ela.

— Não, na verdade; sou meio britânico, assim como você. Minha mãe era uma mulher da realeza do siluros. Morreu quando eu era bem pequeno, enquanto dava à luz minha irmã.

— Ah, que triste para você. — Os olhos dela de súbito transbordaram; não havia notado que eram tão azuis. — E o que fez então?

— Fiquei com meu pai — Gaius contou. — Era seu único filho, então ele me educou bem com tutores e me ensinou a ler grego e latim; e depois fui para as legiões. Não há muito mais a dizer, na verdade.

— E não houve mulheres em sua vida?

Podia vê-la lutando contra essa curiosidade puramente mundana; mas achou que era um bom sinal que quisesse saber.

— Meu pai arranjou meu casamento com Julia quando eu era muito jovem — ele disse cuidadosamente.

Ela precisaria saber sobre Eilan e o filho deles algum dia, mas não ainda.

— E, como você deve saber, minha mulher fez um voto de castidade, o que significa que estou sozinho — completou, com tristeza.

Lá fora, um trovão ribombou.

Ela disse:

— Eu não deveria dizer isso e estou certa de que padre Petros não aprovaria, mas não me parece uma coisa justa. Sei que o voto de castidade é supostamente a melhor de todas as maneiras de se viver, mas quando ela se comprometeu com você...

— Se fosse casada comigo, faria tal voto?

Ela corou novamente, mas falou com seriedade:

— Não faria. O instruído Paulus escreveu que aqueles que fossem casados deveriam permanecer assim e que aqueles que não eram não deveriam se casar.

— Se tivéssemos nos casado, você levaria seus votos mais a sério do que Julia — ele disse, em voz baixa.

— Jamais poderia ser desleal a um voto feito a você.

— E fez seus votos na Casa da Floresta?

Ela ainda olhava para o chão, mas Gaius se moveu para um pouco mais perto, sentindo o sangue correr mais rápido sob a pele.

— Não fiz — ela respondeu. — Foram todos muito bons comigo, e me pediram muito pouco, mas não posso servir à Deusa deles sem desistir de meu legado romano. Precisaréi decidir rápido.

— Há outra alternativa. — A voz dele ficou rouca enquanto ele aspirava o aroma doce do cabelo dela, mas ele a manteve baixa. — Ao fazer o voto de castidade, Julia desistiu de seus direitos como minha mulher, uma vez que fomos casados pelo rito romano, e não pelo cristão. Eu me casaria com você, Senara — ou Valeria, como sua mãe a chamava. Seu tio Valerius é um bom homem; ficaria feliz se eu a tirasse daqui.

Ele ouviu a respiração dela ficando pesada. Ela era como um pássaro planando quase ao alcance de suas mãos, como Eilan quando fora até ele em Beltane, havia tantos anos. Mas Eilan e Julia o haviam rejeitado; eram sombras, expulsas pela realidade viva daquela garota que agora estava tão perto dele.

— Se isso ao menos fosse possível — ela sussurrou. — Para onde iríamos?

— Para Londinium, ou até mesmo Roma. Grandes mudanças estão chegando. Não posso lhe contar mais, porém não há nada que não poderíamos fazer, juntos, se viesse comigo!

Naquele instante, não tocar a menina lhe pareceu uma das coisas mais difíceis que já fizera, pois estava enlouquecido com incerteza e necessidade. Mas sabia que se a tocasse a perderia. Senara olhou para cima e ele a encarou, deixando que o ardor que o enchia brilhasse em seus olhos.

Ela não fugiu. Estremecendo, disse:

— Gostaria de saber o que fazer.

*Seja minha*, ele disse silenciosamente. *Ajude-me a criar meu filho!* Ela com certeza aceitaria Gawen. Era por isso que precisava dela, afinal de contas, e não de alguma moça romana rica que desprezaria o sangue britânico de Gawen. Era pelo bem do menino...

Agora, enfim, Gaius ousou acariciá-la; ela não se afastou, mas ele a sentiu tremer com seu toque. Com medo de assustá-la, levantou as mãos.

— Ah, o que devo fazer? Que Deus me ajude — ela sussurrou, virando o rosto de modo que a bochecha pousou na mão dele.

— Acho — ele murmurou no ouvido dela — que deve ter sido seu Deus que nos reuniu.

— Deus queira que esteja certo.

— Vou falar com seu tio e pedir permissão para levá-la da Casa da Floresta. Esteja pronta para partir quando for buscá-la — ele disse. — Quando a próxima lua estiver minguando, estará a caminho de Londinium comigo.

Uma vez mais evitou tocá-la, com grande esforço. Teve sua recompensa quando ela ficou timidamente na ponta dos pés e sussurrou:

— Meu irmão, vamos trocar o beijo da paz.

— Ah, Valeria, não é o beijo da paz que quero de você — sussurrou no cabelo fino dela. — E um dia saberá disso.

Ela se afastou dele; e com um novo conhecimento – ou astúcia – ele a deixou ir. Bem a tempo, pois no momento seguinte soou um passo, e o eremita, padre Petros, entrou. Ele ficou surpreso em ver que Senara cumprimentou o eremita sem corar. Seriam todas as mulheres capazes de esconder os sentimentos em um instante? Ele se lembrou da rapidez com que Eilan também havia sido capaz de esconder suas emoções.

Ela disse:

— Alegre-se, padre. Gaius Macellius prometeu me tirar do templo druida e encontrar um novo lar para mim, talvez até em Roma.

Padre Petros olhou intensamente para Gaius; ele não era tão ingênuo quanto a moça. Gaius disse:

— Senara vem tentando me mostrar, bom padre, por que preciso me juntar à sua congregação.

— E você virá? — O padre o olhou com desconfiança.

Gaius disse em voz baixa:

— Ela certamente foi muito persuasiva.

Padre Petros resplandecia:

— Eu o receberei em meu rebanho como um filho — disse, eloquentemente. — Dará um bom exemplo para os outros de sua classe.

*De fato*, pensou Gaius, *um nobre romano com minhas conexões seria uma boa fígada para este pescador de homens*. Lá se foi a ideia de que cristãos não respeitavam as pessoas. Mas deveria haver algo de bom, para ter atraído uma garota como Senara.

—E ilan! Eilan! O imperador está morto!

Senara entrou correndo pela porta e, então, parou de repente, tentando assumir a dignidade com a qual a grã-sacerdotisa de Vernemeton deveria ser abordada.

Sorrindo, Eilan colocou o fuso na mesinha ao seu lado e convidou a moça a se sentar. Com Caillean longe, Miellyn sofrendo de um de seus episódios periódicos de depressão e Eilidh ocupada supervisionando as moças, ela se viu cada vez mais na dependência de Senara para obter companhia. Dieda não falava com ela desde a morte de Cynric. Ao menos havia sido possível enterrá-lo sem gerar comentários. Dois dos druidas vieram à noite e levaram o corpo para o monte ancestral na Colina das Donzelas. Pode ser que a morte de Cynric tenha sido sem honra, mas ele teve um enterro de herói.

— O homem que nos traz ovos frescos ouviu a notícia em Deva — disse Senara, os olhos arregalados de empolgação. — Ele foi assassinado há uma semana, um pouco antes do equinócio, e o mundo está zumbindo como uma colmeia derrubada, da Caledônia até a Pártia! Alguns dizem que um senador vai ser o próximo imperador, outros acham que as legiões vão levar o comandante a vestir púrpura. Mais provável ainda é que vários reclamem o trono e se instaure uma guerra civil!

— O que está acontecendo em Deva? — perguntou Eilan, quando conseguiu uma brecha.

— Os homens da Vigésima estão ansiosos, mas até agora ficaram quietos. O comandante ordenou um grande banquete para eles, com vinho e cerveja. Senhora Eilan, o que acha que vai acontecer agora?

Eilan suspirou.

— Sem dúvida, o comandante romano espera que todos fiquem muito bêbados e acordem muito mal para não causarem problemas.

Se tivessem sorte, seria daquele jeito. Se, em vez disso, a bebida fizesse com que os legionários brigassem enlouquecidos, não havia como saber o que poderia acontecer.



Senara riu e balançou a cabeça.

— Estava falando do imperador. Acha que os senadores vão tomar o poder e Roma voltará a ser uma república?

Eilan a olhou, perguntando-se por que a menina se preocupava com os eventos em Roma. É claro que ela era meio romana, como Gaius, mas jamais parecera muito preocupada com aquela parte de seu legado.

— Estou muito mais preocupada com o que vai acontecer na Britânia — disse, de modo soturno. — Cynric não era o único que veria isso como uma oportunidade de ouro para levantar as tribos, e, se isso acontecer, teremos uma guerra civil aqui também!

*Meu pai, por exemplo*, pensou, estremecendo por dentro. O que, em nome da Deusa, ela deveria fazer quando ele comesse a lhe fazer demandas com o poder do arquidruída e a autoridade de pai? Mais uma vez, desejou desesperadamente conseguir discutir isso com Caillean.

Os olhos de Senara se arregalaram.

— O que deveríamos fazer?

— Há algo que você pode fazer — disse Eilan, pensativamente. — Pegue as novas medidas de linho na casa dos druidas – ainda não fez os votos, e não vão achar estranho. Pergunte, com toda a inocência, se eles ouviram as notícias, e depois me conte o que eles disseram.

Senara deu um sorriso conspirador e se levantou. Em um instante havia partido, deixando Eilan com inveja de sua energia.

*O que de fato eu deveria fazer?*, ela então se perguntou. Talvez devesse ter aceitado a oferta de Gaius, mas, pelo visto, ele devia ter seus próprios problemas agora. A existência de Gawen fora a arma de Ardanos contra ela. Havia pensado que estaria livre com a morte do avô, mas, embora seu pai não soubesse de seu segredo, Dieda sabia. Quanto tempo levaria, perguntou-se, até que o ódio de Dieda desse ao novo arquidruída um poder sobre ela que o pai não hesitaria em usar? A não ser, é claro, que ele a matasse em um momento de descontrole?

Pousou a cabeça nas mãos, sentindo o começo da dor que a perturbava cada vez mais nos últimos dias. *Como posso lidar com isso? Deusa, ajuda-me agora!*

Um dia, quando todos soubessem por que fizera o que fizera – quando toda aquela terra estivesse em paz e não fosse nem romana, nem bretã –, ah, então poderia ser perdoada! Balançou a cabeça angustiada, não vendo para onde se voltar.

E, naquele momento, uma dor atravessou suas têmporas, tão rápida quanto um relâmpago caído do céu. Do que parecia uma grande distância, veio o pensamento: *Mas então estarei morta há muito tempo...* Então a consciência fugiu.

Quando Eilan voltou a si, estava amontoada sobre a mesa. Sentia-se curiosamente esgotada e em paz, mas havia uma certeza interior que a dizia que algo havia mudado. Sempre soubera que algumas das ervas da bebida sagrada que usava antes de declarar o Oráculo poderiam afinar perigosamente o sangue e às vezes causar fraqueza no cérebro. Talvez fosse o que estava acontecendo naquele momento.

“Quando for sua vez”, Caillean lhe dissera uma vez, “você saberá”. Uma morte prolongada como a de Lhiannon era incomum. A velha Latis uma vez dissera que a maioria das grãs-sacerdotisas morria subitamente. Mas não, Eilan suspeitava agora, sem aviso.

*É esse meu aviso?*, perguntou-se. *Mas meu trabalho não estará terminado.*

*Está terminado.* Novamente a consciência chegou, como quando a Deusa falava com ela, em transe.

Mas quem deveria sucedê-la em seu trabalho, proclamar os Oráculos em seu lugar? Não podia deixar as coisas em confusão como Ardanos fizera.

*Não importa.* Com as palavras, veio a calma. A Deusa havia falado. O que viria estava nas mãos Dela, e não era mais problema de Eilan. Se morresse, seria um golpe de misericórdia, não de vingança, que a derrubaria. Os druidas não tinham o direito de dizer como as sacerdotisas deviam viver. O que importava era que tentasse seu melhor para fazer a vontade da Senhora.

No outono, as brumas se levantavam espessas sobre os charcos do País do Verão e rodeavam o Tor. Em manhãs assim, quando Caillean subia até as pedras levantadas que o coroavam para sua meditação matinal, parecia que o Tor era de fato uma ilha, e ela contemplava um mar cinzento ondulante. Mas, conforme o ano se aproximava de Samaine, via-se pensando em Eilan de modo quase obsessivo.

No começo, desconsiderou esses pensamentos, sabendo que não era bom para Eilan se apegar a ela, assim como não era bom para ela própria que se distraísse. Mas, conforme os dias escureciam, o rosto da outra mulher aparecia em suas visões com uma frequência que não podia desconsiderar. Eilan precisava muito dela, e era perigoso ignorar tais mensagens.

Por fim, chegou uma manhã em que se levantou com as palavras ressoando em seus ouvidos:

*Aqui estamos na escuridão e sob a sombra da morte Te invocamos, ó Mãe, Irmãs e mais que Irmãs...*

Sabia que, pelos juramentos que ela e Eilan fizeram juntas, não apenas como sacerdotisas do Bosque Sagrado, mas também de vida a vida antes disso,

estava comprometida a ir até ela.

Mas só a duas semanas de Samaine que conseguiu arranjar as coisas para que pudesse voltar para a Casa da Floresta. *Uma vantagem de sua posição no novo templo*, pensou, *era que davam como certo que o que escolhesse fazer estava bem-feito*; cada ato seu era aceito como se tivesse sido inspirado pela vontade da Deusa, como os de Eilan em Vernemeton. A desvantagem, é claro, é que era responsável por assegurar que todas as suas obrigações seriam cumpridas enquanto estivesse fora.

Pouco menos que três dias a levariam a Vernemeton. Preferiria ter viajado na simplicidade das roupas masculinas e a pé, mas o templo ainda não estava pronto para aquilo; ao menos não naquele ano. Então, resignou-se a viajar com sua liteira formal e vestes de sacerdotisa. Uma escolta de dois jovens sacerdotes a acompanhava. Eles a tratavam com muita deferência, como se fossem seus netos; *o que não era particularmente surpreendente*, pensou Caillean, *pois ambos eram jovens o bastante para isso*.

Enquanto percorriam os charcos sob o Tor, começou a chover; Caillean sabia que isso atrasaria seu progresso, e, embora se inquietasse, não havia nada que pudesse ser feito. Desde o equinócio a chuva ia e vinha, como se os céus chorassem pelo imperador morto, e ninguém, não importa o quão dotado de mágica, tinha sido capaz de controlar o tempo britânico.

Dois dias de jornada os levaram a Aquae Sulis, e de lá uma estrada romana ia para o norte em direção a Glevum. Para sua surpresa, estava em um mau estado considerável; as últimas chuvas haviam esburacado a estrada e desalinhado todas as pedras. Havia grandes atoleiros no cascalho, e ficou feliz por não precisarem levar uma carruagem ou mesmo uma carroça de fazenda com bois por uma estrada daquelas.

Havia quase adormecido quando, das profundezas da floresta que beirava a estrada, avistou um grupo de homens sujos e de aparência agressiva que corriam, vestindo roupas imundas e maltrapilhas. *Bacaudae*, pensou Caillean, uma turba de escravos fugidos e criminosos que assolavam muitas partes do império. Ouvira falar deles, mas jamais encontrara um antes. A perturbação após a morte do imperador devia tê-los encorajado.

— Fiquem de lado, camaradas — ordenou um de seus acompanhantes. — Levamos uma grande sacerdotisa.

— Isso não é nada para nós — disse um dos bandidos, zombando. — O que ela pode fazer? Jogar fogo sobre nós, talvez? Há uma barraca em cada mercado com um malabarista que pode fazer o mesmo truque.

Caillean de fato se lamentava por não haver fogo na liteira, mas aqueles homens eram claramente mais sofisticados que os saqueadores irlandeses que

um dia assustara. Saiu da liteira e disse ao jovem sacerdote:

— Qual é o atraso?

Ele ainda gaguejava de indignação.

— Esses... esses camaradas — ele começou.

Caillean os olhou com calma e então alcançou a bolsinha em sua cintura. Ela ainda não havia entendido totalmente o que estava acontecendo, algo que percebera somente depois. Os romanos mantiveram as estradas tranquilas por tantos anos; o perigo não parecia real.

Pegou a pequena bolsa presa na cintura e disse com uma cortesia distante:

— Caridade é uma obrigação aos deuses. Aqui, camarada. — E deu a ele um denário. Ele olhou para o dinheiro por um minuto e então gargalhou.

— Não queremos sua caridade, senhora — observou, com uma cortesia estranhamente exagerada. — Mas pode começar nos dando essa bolsinha...

Então, finalmente, Caillean percebeu o que se atreviam a querer dela. O espanto deu lugar à indignação. Com os sentidos subitamente aguçados, sentiu a energia nas nuvens acima e sua ressonância nela. Naquele momento soube que, no fim das contas, tinha algum poder sobre o tempo. Levantou as mãos e viu um borrão enquanto o bandido, que havia pressentido o perigo, atacou com seu porrete. Um relâmpago brilhou, ofuscando a visão, e, enquanto o trovão soava, o céu caiu sobre sua cabeça e o mundo desapareceu.

Passaram-se muitas horas até que recuperasse a consciência.

Nos dias que se seguiram àquela primeira dor, Eilan tentou aceitar a vontade dos deuses. Mas, embora pudesse acreditar que a Deusa zelaria por Vernemeton e seu povo, ainda temia por seu filho. Podia ter confiado Gawen a Caillean. Mas a sacerdotisa – trabalhando no extremo remoto do território – não estava ali. Embora Dieda fosse parente dele, era a última pessoa a quem poderia confiar o menino desde a morte de Cynric. Lia, sabia, morreria pelo garoto de quem cuidava, mas era apenas uma mulher pobre sem um lugar para ir. Talvez Mairi quisesse ficar com a criança, mas Gawen não estaria seguro nem mesmo com ela se seu pai descobrisse a identidade dele.

Se ao menos soubesse quanto tempo ainda tinha... Mas não importava como Eilan formulasse a questão, as forças que a avisaram de sua própria morte permaneciam tão obstinadamente em silêncio que, se não fosse pela ocasional pontada de dor em sua testa, poderia achar que a coisa toda fora algum produto mórbido de sua própria imaginação. Tudo o que podia fazer era passar o maior tempo que ousasse com o menino.

Gawen havia acabado de sair para jantar quando Senara entrou para acender

as lamparinas. Como de costume, Huw era uma presença silenciosa ao lado da porta. Por tantos anos pensara que ele oferecia tanta proteção quanto um pintinho que ainda não saíra do ovo, mas fora letal o suficiente. Vê-lo a lembrava da dor não curada da morte de Cynric.

— Vá você também jantar — ordenou. — Senara ficará comigo até que volte.

Senara se moveu lentamente em torno do quarto com sílex e aço, e as lamparinas de argila – de fabricação romana até mesmo ali – flamejavam vivas uma a uma. Foi apenas quando a moça ficou parada por vários minutos observando uma delas que Eilan perguntou:

— O que foi, criança? Não está bem?

— Ah, Eilan — Senara perdeu a respiração em um soluço.

Eilan sentou-se em um dos bancos.

— Venha aqui, criança — disse, gentilmente.

Enquanto Senara se aproximava, Eilan pôde perceber que o rosto da moça estava úmido.

— Ora, meu amor, o que foi? Você me conhece o suficiente para saber que, seja o que for, não precisa ter medo de me dizer.

Grandes gotas brilhavam no rosto de Senara.

— Você é tão boa para mim, sempre foi tão boa... e não sou digna disso — ela disse, engasgando, e caiu aos pés de Eilan, chorando de maneira desamparada.

— Ah, minha querida — acalmou Eilan —, não deve chorar; não sou forte o bastante para isso. Seja o que for, não pode ser tão ruim. — Ela esticou o braço e gentilmente puxou a menina de pé. — Venha, sente-se ao meu lado.

O choro de Senara diminuiu um pouco, mas, em vez de sentar-se ao lado de Eilan, ela começou a andar pelo quarto. Por fim disse, com a voz meio engasgada pelo choro:

— Não sei como poderei lhe dizer.

E, de uma vez, Eilan soube o que afligia a garota. Ela disse:

— Veio me dizer que não quer fazer o juramento como sacerdotisa da Casa da Floresta.

Senara olhou para cima, as grandes gotas ainda formando traços brilhantes em seu rosto.

— Isso é parte — sussurrou —, a menor parte.

Ela lutou para encontrar as palavras.

— Não sou digna de estar aqui; não sou adequada; se soubesse, iria me expulsar daqui...

*Você não é digna!* , pensou Eilan. *Ah, se ao menos soubesse!* E, em voz alta,

repetiu o que Caillean um dia lhe dissera:

— Talvez nenhuma de nós seja verdadeiramente digna, na visão da Deusa. Tente parar de chorar, minha querida, e me conte o que a aflige.

Senara se acalmou um pouco, embora ainda não conseguisse olhar Eilan nos olhos. Eilan se recordou de ter ficado da mesma maneira diante de Lhiannon, há tantos anos. Mas certamente se enganara com a garota; Senara passava tempo com os cristãos, e eles eram ainda mais preocupados com castidade do que as mulheres de Vernemeton.

— Eu... eu conheci um homem... e ele quer que eu vá embora com ele — ela disse, por fim, sem rodeios.

Eilan tomou Senara nos braços.

— Ah, minha pobre criança — ela sussurrou. — Mas você ainda está livre para nos deixar e até se casar, caso o deseje. Foi trazida para cá tão jovem. Nunca foi realmente esperado que fizesse seus votos entre nós; mas isso foi há tanto tempo que a maioria de nós se esqueceu. Conte-me sobre isso. Onde conheceu esse homem? Quem é ele? Não faço objeção se quer se casar, mas me importo com você tanto quanto qualquer mãe, e gostaria de ter certeza de que está fazendo uma boa escolha.

Senara a fitou, mal entendendo que não somente Eilan não estava zangada, como também que a sacerdotisa a libertaria.

— Eu o conheci no eremitério de padre Petros. É um romano, amigo de meu tio Valerius...

Ela parou com o som da voz de um homem.

— Senara? — respondeu uma das moças mais novas do outro lado da porta. — Acho que vai encontrá-la aqui.

*Terei de falar com aquela menina*, pensou Eilan. *Isso não é maneira de anunciar um visitante, especialmente um homem*. Ao lembrar-se de que, na ausência de Huw, era sua obrigação proteger a grã-sacerdotisa, Senara colocou-se entre ela e a porta. Um homem entrou e, quando fechou a porta atrás dele, Eilan viu toda a cor do rosto de Senara desaparecer e, então, voltar novamente.

— Este homem... — A voz dela falhou. — Ele veio me buscar...

Ela se moveu para o lado, e sob a luz bruxuleante e enganadora da lamparina Eilan viu o rosto dele.

— Gaius... — sussurrou.

Com certeza aquele era algum pesadelo gerado por uma imaginação febril. Fechou os olhos, mas, ao abri-los novamente, viu que ele ainda estava lá, olhando estupefato dela para Senara. A garota deu um passo em direção a ele.

— Gaius! — ela gritou. — Não o esperava tão cedo! Meu tio lhe deu permissão para se casar comigo?

Gaius olhava desenfreadamente em torno.

— Sua garota tola, o que faz aqui?

Eilan sentia-se como se a chama da lamparina tivesse acendido seu peito. Lentamente, se levantou.

— O que *você* está fazendo aqui? — E se voltou para Senara. — Está tentando me dizer que Gaius Macellius Severus é o homem que ama?

— É ele. Por quê? O que há de errado? — Senara olhou para Eilan, confusa.

Eilan se virou para Gaius.

— Diga a ela o que há de errado — ordenou. — Conte a ela toda a verdade, se é que ainda é capaz disso.

— Que verdade? — exigiu Senara, a voz falhando. — Sei que ele tem uma mulher romana que se recusou a honrar os votos de casamento. É claro que vai se divorciar antes de se casar comigo...

— É claro que vai — disse Eilan, em uma voz terrível. — Então, Gaius, ela sabe das filhinhas que vai abandonar. Sabe do nosso filho também?

— Seu filho? — abalada, Senara alternava o olhar entre Gaius e Eilan. — Diga-me que não é verdade — disse a Gaius, implorando. Sua voz ficou presa na garganta.

— Você não entende — murmurou Gaius.

— Entende — repetiu Senara, alquebrada. — Eu quis salvá-lo, e você quase me arruinou! Entendo que fui uma tola!

Enquanto se virava de costas para ele, a porta se abriu, e o gigante Huw entrou no quarto, com o porrete levantado. Mas ele havia sido severamente repreendido após a morte de Cynric e, por isso, não queria cometer o mesmo erro novamente.

— Senhora — ele balbuciou —, disseram que um homem estava aqui. Ouvi gritos. O que devo fazer?

Eilan olhou para Gaius, pensando que ele teria parecido ridículo ali de pé se o perigo não fosse tão real. Mas, talvez, ser pego naquela situação fosse o pior castigo que um romano orgulhoso poderia ter aguentado. Depois de um longo momento, Eilan levantou a mão e fez um gesto para que Huw ficasse quieto.

— Vá embora — disse ferozmente a Gaius. — Vá embora, ou ele vai arrebentar seus miolos.

Para Senara, ela completou:

— Vá com ele, se quiser, enquanto ainda posso protegê-la.

Senara fitou Gaius por um momento e então jogou os braços em torno de Eilan.

— Ah, não — gritou —, por nada neste mundo eu iria com ele agora!

Eilan, assustada, apertou os braços em torno da garota e então se virou para Gaius.

— Saia daqui — disse, em voz baixa. — Saia daqui ou permitirei que Huw faça o pior.

Então, perdendo o controle, gritou:

— Saia daqui ou eu mesma o mato!

Gaius não ficou para argumentar. Atravessou a cortina da porta, e ela se fechou atrás dele.

Gaius sentou-se na taberna Águia Azul e pediu que o dono lhe trouxesse um novo garrafão de vinho azedo gaulês. Tinha bebido pela maior parte dos últimos três dias, indo de uma venda de vinho a outra quando já não era mais bem-vindo. Os taberneiros sabiam quem ele era, e quem era seu pai. Posteriormente seriam pagos.

Em alguns momentos, Gaius se perguntava se haviam dado por sua falta, mas imaginava que Macellius pensasse que tinha voltado para casa, e Julia que ainda estava com o pai na cidade. Na maior parte do tempo se perguntava quanto vinho ainda teria de beber até que a dor desaparecesse.

No começo, ficara em Deva por causa da situação política, e depois porque não queria confrontar Licinius e informá-lo de que ia abandonar Julia e as filhas inúteis que ela lhe dera. Em um momento tardio de justiça, imaginou que Licinius, como era um pai amoroso, poderia desejar protestar com Julia. Ele próprio sem um filho, não iria querer que Julia se divorciasse pelo mesmo motivo. Mas, se Licinius persuadisse a filha a honrar suas obrigações conjugais, Gaius não poderia se casar com Senara, e pensar nela era um calor que poderia manter longe seus medos sobre o futuro.

*Não que isso tivesse mais importância*, pensou, sentindo o fogo fresco do vinho descer. Senara não o amava. Julia não o amava. E Eilan – especialmente Eilan – não o amava mesmo. Estremeceu, recordando mais uma vez o rosto da Fúria quando ela o mandara embora.

A porta da taberna foi aberta e outro grupo de legionários entrou. O comandante deveria estar se perguntando naquele momento se havia calculado mal, pensou Gaius, amargamente. O banquete que havia oferecido não fizera mais do que enfraquecer a disciplina militar. Se fosse em Roma, o imperador teria esvaziado o cofre para dar circo aos homens, mas um pouco de luta de ursos era tudo que aquela província abandonada podia oferecer. Não era o bastante para distraí-los, e os soldados pareciam ficar mais descontrolados a cada dia que passava.



Mas ninguém prestava atenção ao homem solitário se embebedando em silêncio no canto, e aquilo era tudo que importava para Gaius naquele momento. Suspirou e estendeu a mão para pegar de novo o garrafão.

Sentiu a mão de alguém se fechar em seu pulso. Ele olhou para cima, com a visão turva, e piscou para ver Valerius ali de pé.

— Por Mercúrio, homem, você me custou tempo! — Valerius foi para trás para olhá-lo e fez uma careta. — Graças aos deuses seu pai não pode vê-lo agora!

— Ele sabe? — começou Gaius.

— Está louco? Eu me importo com os sentimentos dele, ainda que você não se importe. Um dos homens me disse que o vira. O que deu em você para ficar bêbado agora? Ah, deixa para lá — disse, quando Gaius começou a protestar. — Antes de mais nada, precisamos tirá-lo daqui, meu rapaz!

Gaius ainda protestava quando Valerius o arrastou para fora e pela cidade até a casa de banhos. Mas apenas quando foi enfiado na piscina fria é que começou a ficar sóbrio o suficiente para entender o que lhe diziam.

— Diga-me — disse Valerius, quando ele voltou à tona, cuspendo. — Minha sobrinha Valeria ainda está na Casa da Floresta?

Gaius assentiu.

— Estive lá, mas ela... ela mudou de ideia e não quis vir comigo.

Os acontecimentos voltavam à sua mente. Dera a Valerius a versão expurgada da situação e recebera a permissão dele para se casar com Senara — aquilo dava alguns direitos ao homem —, mas por que ele estava tão chateado por causa daquilo agora?

— Ouça — disse Valerius, rapidamente. — Você não é o único que andou bebendo. Na noite passada, estava com alguns legionários da equipe do questor — os nomes não importam — que especulavam sobre as sacerdotisas em Vernemeton. E um deles disse: “Não é como se as mulheres dali fossem como as vestais de verdade; são apenas mulheres bárbaras como todas as outras”. Protestei, mas no final fizeram uma aposta de que podiam levar uma das virgens sagradas dali e que não seria sacrilégio.

Gaius pegou uma toalha e começou a se esfregar furiosamente, tentando entender.

— Venha para a sauna — disse Valerius, oferecendo um braço. — Vai ajudar a fazer o veneno suar mais rapidamente.

Quando haviam se ajeitado, arquejando quando o vapor quente os atingiu, o secretário continuou.

— Pensei que era aquele tipo de aposta besta que os bêbados fazem — nada além de palavras geradas pelo vinho, e nada para se preocupar — até esta manhã,

quando faltavam três homens na revista. Um dos meus companheiros de bebida da noite anterior me disse que haviam partido para Deva esta manhã para vencer a aposta.

— O centurião... — A cabeça de Gaius martelava, mas ele começava a poder pensar novamente.

— ... tem mais que o suficiente nas mãos sem isso, e os tribunos também. A disciplina foi para o inferno desde o assassinato. Você e seu pai conhecem os britânicos melhor que qualquer um. O que acha que vai acontecer se nossos homens forem descobertos estuprando uma princesa nativa? A rebelião de Boudicca não vai ser nada perto disso, e não estamos em condições de responder!

— Sim... é claro — disse Gaius. — Vou. Sabe exatamente quando eles partiram? Tem alguma ideia do caminho que tomaram?

— Nenhuma, sinto dizer — respondeu Valerius. — Creio que posso perguntar por aí.

— Não, não há tempo. Tenho de voltar para casa para pegar roupas. — Ele esfregou os olhos.

— Eu trouxe algumas — disse Valerius. — Achei que poderia precisar de uma troca.

— Meu pai estava certo — murmurou Gaius —, você pensa em tudo. Ele deixou que os escravos o secassem e o barbeassem e se forçou a comer algo. Pensava em como fora um tolo ao tentar afogar a tristeza em vinho enquanto o mundo desabava ao seu redor. Em algum ponto do processo de volta à sanidade, percebeu que o dia seguinte deveria ser Samaine. Metade dos homens das tribos do oeste viriam para Vernemeton para o festival. Não importava o que Eilan e Senara pensavam dele. Seu sangue gelou ao pensar no perigo em que estariam se uma guerra tivesse início ali.

— Vou levar sua sobrinha para um local seguro — ele disse a Valerius, enquanto se preparava para sair de Deva.

*E Eilan, e o menino... e, se elas ainda me odeiam, podem me falar sobre isso no caminho de casa.* Dobrou o manto para livrar os braços e pousou a mão sobre a última coisa que pegara emprestada de Valerius – uma espada.

Nem todos os anos desde a vinda dos romanos – nem todos os anos desde a construção do grande Templo do Sol na planície – poderiam ser mais longos para Eilan do que os dois dias seguintes. A noite anterior ao festival de Samaine parecera durar mil anos. Mandara Senara embora havia horas. Enquanto as luzes se consumiam, tinha a impressão de que as sombras que cresciam também

engoliam seu próprio espírito.

Esse deveria ser o significado do aviso que havia recebido; a morte havia esperado dentro de seu coração e seu espírito como uma semente; agora parecia se expandir por seu corpo como uma flor que desabrocha. O coração martelava como se fosse atravessar muros de ossos. Não havia sentido dor assim nem quando dera à luz seu filho. Mas, se a dor era no corpo ou na mente e no espírito, não sabia dizer.

Quando cochilava, seus sonhos eram caóticos; viu Caillean cercada por homens maus. Então, a sacerdotisa levantou os braços para o céu, um relâmpago brilhou, e, quando Eilan conseguiu ver de novo, seus agressores estavam estirados no chão sem vida. Mas Caillean também jazia imóvel, e Eilan não sabia se havia sobrevivido.

Ela voltou a si, tremendo, o rosto molhado por lágrimas. Fora uma visão verdadeira? Caillean tinha de estar a salvo no Tor sagrado com suas sacerdotisas. Mas, se não estivesse, que esperança havia no mundo?

Perto da manhã, Eilan se esgueirou para dentro do quarto onde Lia colocara Gawen para dormir. Huw, descalço, andava suavemente atrás dela. Quase pela primeira vez desde que se tornara grã-sacerdotisa, Eilan se pegou lamentando a presença do grande homem, como se Huw tomasse o ar que ela precisava para respirar.

Ela se lembrou de uma história de horror que ouvira na Casa das Donzelas em que uma sacerdotisa do passado havia sido atacada por seu próprio guarda e o havia entregado aos sacerdotes para que fosse morto. Pela primeira vez, podia entender como aquela mulher, desesperada por um pouco de calor humano, poderia ter se aproximado da única coisa humana a seu alcance, e como seu apelo poderia ter sido mal-entendido. Estremecendo, virou-se para Huw e disse a ele para esperar na porta.

*Ah, deuses , pensou, se ao menos Caillean estivesse aqui... ou Lhiannon... ou até mesmo minha mãe... ou qualquer um, para que eu não estivesse tão desesperadamente sozinha .* Mas não havia ninguém. Em sua mente, até mesmo Senara, com todo o seu choro e sua negação, era um inimigo. E o pai? Ele era o maior de seus inimigos.

Observou o rosto adormecido de Gawen por um longo tempo. Parecia improvável que as batidas de seu coração não fossem altas o bastante para acordá-lo. Como era possível que aquele menino grande tivesse sido tão pequeno a ponto de caber nas mãos do pai? Havia crescido de algo menor que a semente de uma flor, engendrado naquele momento na floresta quando suas últimas defesas caíram diante da necessidade de Gaius. E até mesmo naquele momento estivera triunfante, certa de que era algo sagrado.

E Gawen era lindo. Como tal beleza poderia ter nascido de tanta tristeza? Observou novamente os traços da criança, e o corpo longo, com pés e mãos um pouco grandes demais, distinguindo neles a promessa do homem que ele se tornaria. Não conseguia ver muita semelhança com Gaius. Aquilo a havia desapontado no passado, mas ao menos agora não tinha que sufocar um lampejo de ódio sempre que vislumbresse o pai dele em seus olhos.

Mas ele era filho de Gaius; e por causa dele permitira que Gaius se casasse com a filha de um oficial romano. Apenas agora, ao que parecia, ele se divorciaria de Julia e renunciaria a todas as suas promessas por causa de Senara, que bem poderia ser sua irmã mais nova. Senara, que era mais jovem, e evidentemente, para Gaius, mais bela.

Na cintura de Eilan pendia o punhal que recebera quando se tornou sacerdotisa. Ela o sentiu com os dedos por um momento. Com frequência, nos ritos, o usara para arrancar a gota habitual de sangue para o caldeirão da profecia. Ali, no punho, onde podia ver a pulsação do sangue, um golpe, pesado e profundo, acabaria com todos os seus problemas, ao menos naquela vida. Por que deveria esperar pelo destino que a Deusa lhe prometera? Mas, se tirasse a própria vida, o que seria de Gawen?

Deliberadamente Eilan pegou a foice e a colocou de volta na pequena bainha em sua cintura. Na luz oscilante da lanterna, seu rosto deveria ter mostrado algo que não queria, pois Huw veio rapidamente para a frente...

— Senhora?

— Vamos voltar para os meus aposentos agora, e então deve me trazer Senara.

Não demorou muito até que ele voltasse com a moça. O vestido de Senara estava vincado. Seus olhos ardiam e seu rosto estava manchado como se tivesse chorado. Ela viu Eilan e gritou:

— Senhora, me perdoe; nem por todo o mundo...

— Fique quieta — disse Eilan. — Não tenho mais forças para isso. Tive um aviso de morte; é um presente da Deusa que a grã-sacerdotisa saiba quando é sua hora.

Ela puxou o ar, e Senara, vendo o pequeno punhal solto na bainha em sua cintura, empalideceu.

— Isso não pode ser verdade — disse, em desespero. — Está escrito nos livros sagrados que nenhum homem sabe o que o dia pode trazer...

— Silêncio — disse Eilan, cansada. — Há algo muito importante que preciso lhe dizer. Se eu estiver errada, não importa se acreditará em mim, mas, se eu estiver certa, há algo que preciso pedir.

— A mim? Qualquer coisa — disse Senara, submissa.

Eilan respirou longamente.

— Você me ouviu dizer que Gaius e eu tivemos um filho. Essa criança é Gawen. Quero que se case com Gaius e leve o filho dele com você. Prometa — a voz dela, que estivera totalmente firme enquanto falava da própria morte, falhou —, apenas me prometa que será boa para ele.

— Ah, não — gritou Senara. — Não me casaria com Gaius Severus agora nem se ele fosse o último homem da face da Terra.

— Você me prometeu fazer o que eu pedisse — disse Eilan, em voz baixa. — É assim que mantém a palavra?

Senara olhou para cima, e seus olhos novamente ficaram cheios de lágrimas. Ela disse:

— Quero apenas fazer o que é certo. Se acha... — Ela parou, respirando com força. — Se Deus escolheu levá-la, imagino que seja coisa Dele, mas não pode deitar suas mãos sobre sua própria vida, Eilan!

Eilan puxou toda a sua dignidade em torno de si como um manto ao dizer:

— Não me importa realmente se acredita ou não. Mas, se não vai me ajudar, Senara, então pode ir embora.

Senara estremeceu.

— Não a deixarei sozinha nesse estado.

— Então, pelo bem de Gaius, cuide do menino dele.

— É pelo bem do menino que lhe digo que deve viver — suplicou Senara. — A senhora tem um filho, não importa como aconteceu, e sua vida não é sua. Gawen é um menino lindo. Precisa viver para vê-lo crescer. E Gaius...

— Ah, não fale dele, eu lhe imploro...

— Minha Senhora — disse Senara, tremendo —, eu lhe digo, Gaius ainda se importa com a senhora e o filho dele.

— Ele me esqueceu...

— Tenho certeza de que não — insistiu Senara. — Deixe que eu o lembre do que é devido à mãe do filho dele. Deixe-me falar com ele sobre suas obrigações como pai e como romano. Tenho certeza de que isso alcançaria o melhor dele, mesmo se nada mais o fizer.

Seria aquilo possível? Senara poderia de fato fazer aquilo? E o faria?

— Acredito no aviso que a Deusa me enviou — ela disse por fim —, mas, se eu sobreviver a Samaine, pode tentar. Porém, antes de fazer isso, precisa levar Gawen a um lugar seguro. Temo o que possa acontecer no festival. Amanhã... não, hoje — ela se corrigiu, pois estava quase amanhecendo —, vá embora da Casa da Floresta. Leve Gawen até seu padre Petros na floresta. Ninguém vai pensar em procurá-la ali!

Quando Caillean recuperou os sentidos, soube que devia ter ficado inconsciente por algum tempo, pois seu vestido estava ensopado. O que a acordou foi o som de uma carroça de fazenda sacudindo sobre os atoleiros e buracos da estrada. Na carroça estavam quatro ou cinco homens bem armados com porretes, e um par de guardas robustos iam alguns passos à frente com tochas. Teriam sido eles a espantar seus agressores? Algo deveria tê-los espantado, pois ela não fora violada depois que o assaltante a derrubara.

Caillean conseguiu se endireitar, e o esforço fez com que tivesse a impressão de que o topo de sua cabeça fosse cair. Podia ver corpos espalhados em torno, e um fedor de carne queimada chegava até ela mesmo com a chuva.

Um dos homens com as tochas a viu e disse com a voz trêmula:

— Senhora, é um fantasma? Não nos machuque...

— Dou-lhe minha palavra de que não sou nenhum fantasma — Caillean disse, com a maior firmeza que conseguiu —, mas sim uma sacerdotisa do templo no País do Verão, deixada aqui depois de um ataque de bandoleiros.

Agora podia ver sua liteira virada de lado, os dois jovens sacerdotes deitados, com a garganta cortada e olhos que encaravam o céu de modo vazio, seus torques dourados roubados. Caillean os observou com horror.

E, então, olhou para os corpos escurecidos em torno de si e percebeu que, embora ela estivesse impotente, os deuses não estavam. Teria preferido salvar os jovens, mas ao menos foram vingados.

— Para onde vai, senhora? — perguntou o fazendeiro na boleia da carroça.

Ela controlou a voz com esforço, desviando o rosto dos mortos.

— Para a Casa da Floresta, perto de Deva.

— Ah, isso explica tudo; acho que ainda há uma das legiões ali, e as estradas são patrulhadas. Hoje em dia, ninguém bota o nariz para fora de casa por aqui sem um par de guarda-costas. Será bom quando tivermos um novo imperador e pudermos receber proteção de novo.

Caillean piscou. O homem falava a língua britânica como um nativo. Era

uma medida do grau em que a Bretanha se tornara romana que um nativo lamentasse a falta de um imperador.

— Vejo que mataram seus guarda-costas, senhora — disse o homem, guiando a carroça. — Tem escravos para carregar sua liteira? Não tem mais — fugiram, sem dúvida.

Ele foi para o lado dela na estrada e parou, mirando os corpos dos *bacaudae*. Olhou de novo para ela e fez um sinal ancestral de reverência.

— Minha senhora, vejo que os deuses zelam por sua vida. Vamos para o outro lado, mas vou levá-la até a próxima vila, onde pode conseguir carregadores para a liteira e guardas.

Ele a ajudou a subir na carroça e a envolveu em um cobertor seco. Alguns de seus homens colocaram os corpos dos jovens sacerdotes na parte traseira. Caillean, embrulhada no manto e no cobertor grosseiro do fazendeiro, refletiu com tristeza que, a partir de então, receberia o que de melhor poderiam lhe oferecer, mas nenhum poder terreno poderia levá-la até a Casa da Floresta antes de Samaine.

Gaius se surpreendeu ao encontrar a estrada ao sul de Deva cheia de outros viajantes. Levou um momento para se lembrar de que deveriam estar seguindo para o festival. Mas os olhares que recebeu ao cavalgar não eram amigáveis, e, depois de um tempo, achou melhor sair da estrada e tomar um caminho através das colinas, chegando à Casa da Floresta pela direção do eremitério de padre Petros.

Um vento frio chacoalhava os galhos nus como ossos, embora a chuva já tivesse parado. Samaine era o festival dos mortos; os romanos o consideravam um dia de mau agouro. Bem, pensou, certamente era para ele. Mas não cogitou voltar. Havia entrado em um ânimo fatalista do qual se lembrava de seus dias nas legiões: a aceitação macabra que os homens às vezes encontravam antes da batalha, quando a sobrevivência é menos importante que a honra. Não tinha certeza de que lhe restava alguma, mas repararia o que pudesse, independente do que custasse.

Enquanto cavalgava, a beleza da floresta no outono o comoveu, apesar de seu humor sombrio, ou talvez por causa dele. Gaius então percebeu que no último ano aprendera a amar aquela terra. Não importava quem vencesse o conflito atual, não voltaria para Roma. Por mais que se esforçasse para realizar as ambições de Macellius, jamais pertencera totalmente ao mundo do pai, e, no entanto, era romano demais para deixar de se sentir um impostor entre as tribos. Mas as árvores não o desprezavam como um bárbaro, nem as pedras o odiavam

como a um conquistador. Na paz da floresta, Gaius estava em casa.

Viu fumaça saindo da cabana de padre Petros e pensou em entrar por um momento. Mas o lugar o fazia pensar em Senara. Gaius não achava que poderia suportar aquela memória e tinha certeza de que não poderia manter a calma se o padre saísse com aquelas suas banalidades santas.

Imaginava que os legionários errantes ficariam escondidos em algum lugar até o anoitecer. Prendeu a montaria com folga o bastante para que ela se soltasse caso não voltasse logo e começou a rodear a construção cuidadosamente, ficando nas árvores que cercavam a clareira.

A noite caía quando viu um movimento nos arbustos em sua frente. Cauteloso como um gato, ele moveu-se para a frente. Dois soldados estavam agachados ao lado de umas aveleiras. Havia jogado dados para passar o tempo e agora discutiam sobre fazer ou não uma fogueira.

— Flavius Macro! — Gaius usou seu melhor tom de ordem. Automaticamente, os homens ficaram atentos e então olharam freneticamente para os lados.

— Quem é? — O segundo soldado tinha a mão na espada. Gaius pisou com força em um galho para avisá-lo e foi para o restante da luz.

— Ora, é Gaius Macellius — disse Macro. — Senhor, o que faz aqui?

— Creio que cabe a mim perguntar-lhe isso — retrucou Gaius, soltando o fôlego. — Em Deua, sabem que saíram. O que acha que vai acontecer se descobrirem que vieram para cá?

O rosto do homem ficou branco-acinzentado.

— Não diria a eles, diria, senhor?

Gaius fingiu hesitar por tempo suficiente até que os homens tremessem, então deu de ombros.

— Bem, não sou o oficial de vocês. Não devem ter grandes problemas se voltarem agora, não com tudo o que está acontecendo na cidade.

— Não podemos fazer isso, senhor — disse o outro homem. — Longus ainda está aqui.

Gaius sentiu o coração afundar.

— Não podem ajudá-lo ficando aqui — por fim disse. — Vão, é uma ordem. Farei o que puder pelo seu amigo.

Sua tensão baixou um pouco ao ouvi-los atravessando as árvores, mas até mesmo um único legionário seria demais se fosse encontrado onde não deveria estar.

Movendo-se como se estivesse liderando uma patrulha na fronteira, Gaius deslizou pelo espaço aberto até o muro. Deveria haver um portão em algum lugar – o muro fora erguido mais com a intenção de ser um símbolo de separação



do que uma defesa de fato. As mãos tocaram o fecho, e então ele se enfiou em um espaço aberto onde vira o filho brincando com uma bola. Senara falara bastante sobre a vida ali. A construção grande na frente dele deveria ser a Casa das Donzelas. Havia um pedaço escuro atrás da cozinha que parecia um bom lugar de observação. Ele se esgueirou naquela direção.

Alguém mais também havia pensado naquilo. Sentiu a pele nua sob si ao se ajoelhar. Escutou um homem ganir, e houve uma breve luta antes que Gaius o imobilizasse, com a mão tapando sua boca.

— Longus? — sussurrou.

Seu cativo assentiu vigorosamente.

— Sua aposta acabou. Seus companheiros foram para casa, e, se sabe o que é melhor para você, irá atrás deles.

Longus suspirou, então assentiu de novo, e Gaius o libertou. Mas, enquanto o homem cruzava o pátio, uma porta se abriu e a luz atravessou o chão. Longus ficou no lugar, paralisado como uma lebre presa.

— Corra, idiota! — sussurrou Gaius, das sombras.

Longus correu para o portão, mas subitamente o lugar estava repleto de homens em túnicas brancas. *Sacerdotes druidas!* , pensou Gaius. O que faziam ali? Seu esconderijo seria revelado em um instante, pois traziam tochas. Começou a ladear o prédio. Alguém xingou na língua britânica atrás dele, que girou, puxando a espada instintivamente.

O homem gritou quando a lâmina entrou, e os outros vieram em ataque em sua direção. Gaius lutou o melhor que pôde, e imaginou ter causado algum estrago pela brutalidade com que o chutaram e bateram nele com porretes depois de ter sido derrubado pelo número superior do inimigo.

— Bem, filha, está pronta para o festival? — Bendeigid parecia magnífico usando o manto cerimonial de couro de touro e os ornamentos do arquidruída sobre a túnica de lã branca, mas o coração de Eilan afundou quando respondeu à saudação dele.

— Estou pronta — disse, em voz baixa.

As donzelas vieram para prepará-la, como sempre faziam antes de cada festival. *Pela última vez* , gritou seu coração, enquanto elas a banhavam e colocavam a guirlanda de verbena sagrada em sua testa. Ao menos iria para a Deusa purificada e santificada.

Por um momento ele se apoiou no cajado, olhando-a. Então fez um gesto para que os sacerdotes e as mulheres saíssem.

— Ouça, criança, não há mais nenhuma necessidade de dissimulação.

Disseram-me como Ardanos costumava vir vê-la, e os truques que usava para prender sua vontade. Sinto muito por tê-la acusado de traição antes.

Eilan manteve o olhar baixo, com medo de que ele visse a raiva em seus olhos. Por treze anos fora grã-sacerdotisa, senhora da Casa da Floresta, e a mulher mais respeitada daquela terra. Por que ele falava como se ela ainda fosse uma criança? Mas aquele era o pai amoroso que um dia dissera que preferia vê-la afogada a imaginá-la noiva de um romano. Não podia se dar ao luxo de antagonizá-lo; na confusão, a tarde chegara antes que Senara e Lia pudessem deixar a Casa da Floresta com Gawen. Era preciso arrumar tempo para que eles alcançassem uma boa distância.

No mesmo tom neutro, perguntou:

— O que quer de mim?

— Os romanos estão despedaçando uns aos outros. — Ele riu de uma maneira lupina. — Jamais haverá uma hora melhor para nos rebelarmos contra eles. Esta é a estação da matança, quando as portas entre os mundos se abrem. Vamos invocar Cathubodva, vamos levantar os espíritos de nossos mortos contra eles. Levante as tribos contra Roma, filha, convoque-as à guerra!

Eilan reprimiu um calafrio. Por mais que se ressentisse de Ardanos, sabia que o avô fora um homem sutil, que não se deixava cegar pelos próprios sonhos a ponto de não poder ser persuadido caso lhe fosse apresentado algo novo que serviria. O pai era bem mais perigoso, pois sacrificaria tudo por seus ideais inflexíveis. E, no entanto, tudo que tinha de fazer para seguir em segurança era concordar com ele. Ela, então, sentiu a dor familiar nas têmporas e se lembrou de que, não importava o que fizesse, não seria por muito tempo.

— Pai — ela começou —, Ardanos interpretava minhas respostas conforme lhe convinha, e imagino que fará o mesmo, mas não entende como é o transe sagrado e como a Deusa vem.

Ela ouviu um tumulto do lado de fora e percebeu que ele já não a escutava. A porta foi aberta de supetão, e sacerdotes com cabelos emaranhados e sangue nas túnicas empurraram a multidão, arrastando algo que um dia havia sido um homem.

— O que é isso? — Eilan colocou toda a elevação que uma dúzia de anos lhe ensinaram em sua voz, e o murmúrio se aquietou.

— Um intruso, senhora — disse um dos sacerdotes. — Nós o encontramos do lado de fora da Casa das Donzelas. Havia outro homem, mas ele escapou.

— Ele matou Dinan!

— Deveria estar atrás de uma das sacerdotisas!

— Mas qual?

Dessa vez foi o arquidruída que conseguiu o silêncio, batendo o cajado no

chão.

— Quem é você, camarada, e o que fazia aqui?

Eilan fechou os olhos, esperando que ninguém notasse que a túnica rasgada do homem era feita de um bom tecido romano. Era capaz de reconhecer Gaius mesmo agora, coberto de sangue e poeira, mas esperava que ninguém mais o fizesse se ela não desse nenhum sinal. *Ele veio atrás de Senara*, perguntou-se, *ou do filho?*

— Não o reconhece, senhor druida?

Dieda abriu caminho. Eilan piscou com a rispidez do riso dela.

— Bem, talvez não esteja tão bonito agora. Seus homens capturaram um belo porco para nosso banquete. Se procurar, vai ver a cicatriz da armadilha de javali no ombro dele, ali.

*Bendeigid deveria ser seu pai*, pensou Eilan, histericamente, *e Ardanos, o meu!* Eles puxaram a cabeça do prisioneiro para cima, e por um momento ele encarou o olhar horrorizado de Eilan, e então os sentidos abandonaram os olhos dele mais uma vez.

— Você! — A voz de Bendeigid carregava espanto e fúria. — Não fez o suficiente para causar danos a mim e aos meus para vir nos causar problemas agora? — A expressão dele mudou subitamente. — Bem, agora não vai mais. Dieda, mostre aos meus homens onde podem banhá-lo e cuidar de suas feridas, mas não o soltem de maneira alguma. Garic e Vedras — ele apontou para os dois druidas mais antigos —, precisamos conversar. O resto de vocês, deixe-nos sozinhos!

Os sacerdotes arrastaram Gaius para fora, e o cômodo se esvaziou. Eilan sentou-se de volta em sua cadeira, imaginando se a origem da dor em sua barriga seria medo ou um eco do latejar em sua cabeça.

— Vejo que conhece o homem — disse Vedras, o mais velho dos dois druidas que haviam ficado. — Quem é ele?

— O nome dele é Gaius Macellius Severus, o filho — rosnou Bendeigid.

— O filho do prefeito! — exclamou Garic. — Acha que ele veio atrás de uma das sacerdotisas, como disseram?

— Não importa por que ele veio — disse Vedras. — Precisamos tirá-lo daqui. Os mantos-vermelhos negariam nosso direito de punir até mesmo um legionário comum. Só os deuses sabem o que farão conosco por botar as mãos no filho de um chefe!

— De fato. — Bendeigid sorriu astuciosamente. — Mas acho que seu povo não sabe onde ele está. E ninguém aqui sabe o nome dele, ou mesmo que é

romano, além de nós e Dieda.

— Então quer matá-lo em segredo?

— Não em segredo. — O olhar de Bendeigid ardia como uma chama. — Não entende? Que um homem desse venha parar em nossas mãos é um sinal dos deuses. Que a morte dele ao menos tenha algum propósito. Jamais encontraremos uma oferenda mais nobre!

Ele se virou para Garic.

— Diga aos homens que guardam o prisioneiro para vesti-lo com a túnica mais refinada que encontrarem.

Eilan sentiu um arrepio eriçar os pelos do braço. Veio-lhe à mente uma imagem do Rei do Ano caminhando através da feira de Beltane, com uma guirlanda, envolto em uma túnica bordada.

— E se os romanos souberem? — perguntou Vedras.

— É verdade, a ira deles será terrível — disse o arquidruída, triunfalmente. — Tão terrível que até os que querem paz agora não terão outra escolha a não ser nos seguir na guerra!

O outro druida o olhou por um longo momento. Então assentiu e seguiu Garic porta afora.

— Gaius veio com seu conhecimento, Eilan? — perguntou Bendeigid, quando estavam a sós. — Estava encontrando esse monstro durante todo o tempo?

— Não — ela sussurrou —, juro pela Deusa!

— Imagino que não importa se acredito em você — murmurou o arquidruída. — A verdade será testada no fogo de Samaine.

*Contemplai, a grã-sacerdotisa se aproxima, ervas sagradas em sua coroa, cantavam os sacerdotes; no entanto, havia mais versos no hino deles naquela noite, com palavras diferentes.*

*Guerra! Guerra! Que as florestas britânicas  
Tenham a cada árvore um guerreiro;  
Expulsaremos os romanos  
Como os lobos atacam as ovelhas!*

Gaius gemeu, mas a ponta de uma lança o manteve em movimento. Se ao menos aquela vagabunda da Dieda não o tivesse identificado! Macellius sofreria ao saber da morte do filho; mas ficaria envergonhado ao saber como ocorrera. Como podia ter estragado tanto as coisas, provocando o incidente que tentava

impedir? Não tinha conseguido nem ao menos salvar quem amava. O único fio de esperança naquilo tudo é que não vira Senara em lugar algum, nem o menino.

A estrada para o topo da Colina das Donzelas jamais parecera tão íngreme. Preferia a última vez que estivera ali, pensou sombriamente, com uma arma na mão e um destacamento da cavalaria atrás dele! A túnica bordada irritava seus ferimentos, e a guirlanda sagrada furava sua testa. Ele fora limpo e recebera uma bebida que clareara a cabeça, mas Gaius não tinha ilusões sobre o que lhe esperava.

Do topo da colina era possível vislumbrar o brilho de uma grande fogueira. Memórias da época antes que entrasse no mundo do pai voltavam com uma claridade assustadora. Os siluros sacrificaram um de seus próprios príncipes antes que os romanos os derrotassem totalmente. O homem fora um de seus tios, com dragões sagrados tatuados nos braços. A mãe de Gaius tentara esconder o filho meio romano, mas ele os vira levando o Rei do Ano embora. Ele sorria, acreditando que sua morte ajudaria seu povo.

*E por qual motivo, pensou, vou morrer?*

Foi então que chegaram ao topo da colina. Um círculo de sacerdotes os cercava; além deles, Gaius via um mar de rostos, felizes ou soturnos conforme ouviam a canção dos druidas. Eilan estava feliz ou triste por vê-lo ali? Gostaria de poder ver o rosto dela atrás do véu.

Ela estava ao lado do pai, com Dieda e outras duas sacerdotisas atrás dela. Pela primeira vez ele se perguntou se ela também era uma prisioneira. Ela o rejeitara. Pensava que deveria ficar feliz com a derrota dela, mas nem seu próprio perigo o enchera de medo tanto quanto pensar no dela.

*Destruam todos! Vinquem nossa vergonha!  
Que a matança tenha início!  
Os soldados romanos cairão em filas  
Como a foice ceifa o milho!*

O canto havia acabado e os tambores ficaram em silêncio, mas o murmúrio que atravessava o povo era como um aviso para Gaius de que aquilo era apenas uma pausa na tempestade.

— Filhos de Don! — gritou o arquidruída. — É noite de Samaine! É um tempo de mudanças! O novo ano começa, e uma nova era para esta terra! Que a mudança das estações leve os romanos que assolaram a Britânia! Hoje agradaremos aos deuses da guerra com um sacrifício! Mas precisamos purgar nossas filas de todos os criminosos! Traidor — ele se virou para Gaius —, podemos tornar sua morte difícil ou fácil. Diga-nos o que veio fazer em

Vernemeton!

— Mate-me, se quiser, mas não me faça perguntas estúpidas — disse Gaius, com a voz rouca. — Direi apenas que não queria fazer nenhum mal aqui.

Talvez não tivesse vivido bem, mas ao menos podia morrer com dignidade.

— Estava no recinto sagrado, onde nenhum homem além dos druidas pode entrar. Seduziu uma de nossas donzelas? Qual delas veio levar embora?

Gaius balançou a cabeça e arquejou quando uma ponta de lança pressionou seu flanco. Houve uma sensação de ardência, e ele sentiu o sangue pingar.

— Foi Rhian, Tanais, Bethoc? — a litania continuou. A lança o cortava a cada nome que era pronunciado. Em um momento tentou se jogar sobre a ponta da lança, mas seus captores sabiam o que faziam e o seguraram. A perda de sangue e os maus-tratos que já recebera o deixaram zonzinho. *Logo*, ele pensou, *vou desmaiar, e já não importará mais o que façam comigo.*

— Senara...

Com o nome, Gaius se agitou involuntariamente. Tentou esconder sua reação no momento seguinte, mas ninguém o observava. Eilan havia ido para a frente e tirado o véu.

— Parem! — ela disse claramente. — Posso dizer quem o romano veio buscar. Fui eu!

*O que ela está dizendo?* Gaius a olhou horrorizado. Então entendeu que ela deveria estar tentando proteger Senara e talvez a criança. Naquele momento ela tinha uma beleza sobrenatural. Em comparação, a beleza ainda não formada de Senara era uma estrela esmaecida pela majestade da lua cheia. Como às vezes acontecia no momento antes da batalha, Gaius viu seu coração com uma enorme claridade. Ele se importava com Senara, mas seu desejo por ela jamais fora amor. Ele apenas tentara recuperar, através da jovem, Eilan como ela era quando a conhecera, a moça que o tempo e seus próprios enganos colocaram para sempre fora de seu alcance.

No silêncio chocado, o único som era o crepitar do fogo. Por um momento, alguma emoção poderosa contorceu os traços do arquidruída, que então a controlou e se virou de Eilan para Gaius.

— Pelo seu bem e pelo dela, por sua honra peço que me diga se isso é verdade.

*Verdade...* Por um momento a palavra não tinha significado. Dilacerado entre Roma e a Britânia, ele nem ao menos sabia quem era. Como podia saber quem amava? Lentamente Gaius se endireitou e encarou o olhar claro de Eilan. Os olhos dela pareciam lhe fazer uma pergunta. Ao ver aquilo, a tensão saiu dele com um longo suspiro.

— É verdade — ele disse baixo. — Sempre ameí Eilan.

Por um momento Eilan fechou os olhos, entorpecida por uma onda de júbilo. Gaius a entendera, mas não havia falado apenas pelo bem de Senara. Ela havia visto um olhar como aquele – uma expressão de assombro – no rosto dele apenas uma vez, quando ele a tomou nos braços naquele Beltane tantos anos antes.

— Então você nos traiu durante todo esse tempo? — silvou Bendeigid, curvando-se para perto do ouvido dela. — Estava mentindo para mim quando jurou que ele não a havia tocado? Ou começou mais tarde, quando era uma virgem jurada do templo? Ele veio ensinando a você mentiras romanas com sua conversa de amor, e traição com suas carícias? Deitou-se com ele no recinto sagrado, ou no Bosque Sagrado?

Podia sentir a fúria do pai, mas parecia vê-lo através de um muro de vidro romano. Tudo havia se tornado muito simples no final. Já vivia sob uma sentença de morte, e enfrentara seus terrores. Agora que o momento havia chegado, não sentia nenhum medo.

— Deitei-me com o Rei Sagrado apenas uma vez — ela disse, calmamente —, como era meu direito, nas fogueiras de Beltane...

— O que quer dizer? — exclamou Miellyn atrás dela. — Foi Dieda quem precisou ser mandada embora – foi Dieda quem teve um filho!

— Não foi! — O eco chocado de especulação cessou quando Dieda correu para o lado do arquidruída. — Eles me fizeram concordar com essa enganação. Eu fiquei no lugar dela enquanto ela foi embora ter o bebê, e, quando voltou, eles me exilaram! E ela reinou sobre a Casa da Floresta desde então como se fosse casta como a lua, mas era tudo uma mentira!

— Mas sempre servi à Deusa, não aos romanos! — gritou Eilan, sua compostura se desfazendo diante da ameaça ao filho.

Ela viu a fúria tomar o lugar da dúvida nos olhos de Bendeigid quando ele se virou para ela. As pessoas se aproximaram, tentando ouvir; vozes se levantavam em perguntas ou condenações. Rumores de problemas entre os romanos os deixavam como um pavio que poderia ser aceso por qualquer centelha. Estaria ela dando início à catástrofe que sofrera tanto para evitar caso apelassem a eles?

— Por que deveria acreditar em você, vagabunda? — rosnou o pai. — Sua vida inteira foi uma mentira.

Ele levantou a mão para golpeá-la. Uma forma imensa irrompeu através da fila de druidas; era Huw, com o porrete levantado, para defendê-la uma última vez. Porém mais sacerdotes corriam entre eles. Antes que Huw pudesse alcançar Bendeigid, lâminas de bronze brilharam na luz do fogo, saíram de um vermelho mais profundo e voltaram a entrar. Os druidas o golpearam repetidamente, e Huw, ainda tentando chegar até ela, caiu sem um grito.

*Huw teria atacado o próprio arquidruída se ele me ameaçasse...* Eilan pensou, anestesiada. E, no final, ele o fez.

— Levem-no — Bendeigid respirava com força. — Era um tolo.

Abruptamente, ele se virou e agarrou Eilan pelo braço.

— Se tivesse sido verdadeira, teria lhe pedido para invocar a Deusa para nos abençoar. Mas, em vez disso, será o sacrifício Dela.

*Por que isso me assustaria? Minha vida foi uma grande oferenda*, pensou Eilan, enquanto o pai a arrastava, através do círculo, para o lado de Gaius. Um murmúrio começou a surgir entre o povo. Alguns dos que ouviram as acusações queriam seu sangue imediatamente, outros pensavam que era sacrilégio colocar as mãos na grã-sacerdotisa, fosse qual fosse seu crime.

— Eilan, pode me perdoar? — disse Gaius, em voz baixa. — Nunca fui digno de seu amor. Você queria que eu fosse seu Rei Sagrado, mas sou apenas um homem comum...

Virando-se para ele, ela pôde ver em seu rosto machucado uma nobreza que jamais estivera lá antes. Desejava poder tomá-lo nos braços, mas os sacerdotes a seguravam, e ela percebeu que ele não precisava daquilo; já não via mais a criança perdida que antes sempre aguardava nos olhos dele. Ele a encarou sem estremecer, por fim em paz consigo mesmo.

— Vejo um deus em você — respondeu Eilan, ferozmente. — Vejo um espírito que jamais morrerá. Fizemos o que nos foi requisitado, e, se não fizemos tão bem como esperávamos, o propósito da Deusa foi alcançado da mesma maneira. Certamente poderemos caminhar juntos na Terra do Verão por um tempo antes de voltarmos de novo.

— Você o chamou de Rei Sagrado — disse Bendeigid, com a voz rouca —, e assim ele deverá morrer.

Ela viu a aceitação rígida que sustentava Gaius lentamente se aprofundar em um tipo de assombro. Ele continuou olhando para ela enquanto passavam a força por seu pescoço e começaram a apertá-la. Mas, antes que a espada entrasse em suas costelas, seus olhos perderam o foco, fixos para sempre em algo além do mundo. O sangue ainda bombeava de seu coração quando o levaram para o fogo.

— Diga-me, sacerdotisa, que presságios vê neste sacrifício?

Eilan voltou o olhar da fogueira para o pai, e algo em seu rosto o fez dar um passo para trás, embora ela não tivesse se movido.

— Vejo sangue real que santifica o solo — ela disse, com a voz calma. — Neste homem se misturavam a semente de Roma e da Britânia, e você a prendeu para sempre à terra ao dá-lo ao fogo sagrado.

Eilan respirou fundo. Sua cabeça latejava tanto que mal podia enxergar,



mas isso já não tinha importância. Naquele momento, o que desejara ver, nesse instante final naquele mundo, era a glória nos olhos de Gaius. Um bramido atingiu seus ouvidos. Sentiu a explosão do transe tomando conta dela, embora não tivesse provado as ervas sagradas, e ouviu uma voz que não era a dela soar.

— Ouçam-me, homens dos cornóvios e dos ordovicos e todos os outros das tribos, pois esta é a última vez que uma sacerdotisa fará uma profecia desta colina sagrada. Escondam suas espadas, pois só depois que a nona geração tiver nascido as Águias Romanas vão partir. E, quando tiverem partido, aqueles que levam o seu sangue e o deles juntos serão deixados para defender a terra!

— Está mentindo! Você só pode estar mentindo. — A voz de Bendeigid falhou. — Você traiu seus juramentos!

Eilan sentiu que caía de volta em seu corpo; a dor atravessava suas têmperas, mas ela balançou a cabeça.

— Não traí, pois Gaius era o Rei do Ano. Você mesmo o tornou isso, e desse modo meu amor por ele não foi nenhum pecado!

Bendeigid balançou, o rosto se contorcendo com a agonia de um homem que vê todas as suas certezas ruírem.

— Se o que diz é verdade — gritou —, que a Deusa nos dê um sinal antes que eu a jogue viva no fogo!

Mesmo enquanto ele falava, Eilan teve a impressão de que um grande trovão atravessou sua cabeça; atônita com o peso, sentiu que caía de joelhos. O pai estendeu o braço, mas ela caía em um longo túnel longe dele. As batidas de seu coração eram como um tambor que enfraquecia; então cessou totalmente, e ela estava livre.

*Então a Deusa por fim me acertou*, pensou Eilan, com uma claridade estranha. *Mas foi piedade Dela, e não ira!*

Lá embaixo podia ver pessoas se curvando sobre seu corpo imóvel. Aquele era o fim que aguardava desde que se deitara nos braços de Gaius, mas o atrasara o suficiente para construir uma ponte entre seu povo e o dele. Dois dos druidas seguravam seu pai de pé; ele ainda gritava, mas as pessoas se afastavam dele com o rosto assustado, começando a descer a colina.

Ela viu os sacerdotes levantando a carne que abandonara e a carregando para a pira na qual Gaius já queimava. Então, virou-se daquela luz de brilho menor para o esplendor que se abria diante dela, mais cintilante que o fogo, mais belo que a lua.

# Epílogo

## *Caillean fala*

Quando cheguei à Casa da Floresta na noite seguinte, todas as fogueiras de Samaine haviam se apagado e restavam apenas cinzas. Levei algum tempo para encontrar alguém que pudesse me fazer um relato coerente do que havia acontecido. Miellyn não fora vista; algumas pessoas achavam que ela havia morrido tentando proteger Eilan. Eilidh fora morta na briga que se seguiu ao sacrifício. Dieda também estava morta; jazia no santuário, e estava claro que havia tirado a própria vida.

Certamente não havia como tirar algo sensato de Bendeigid, e os sacerdotes haviam se espalhado, com exceção dos druidas que ficaram para cuidar dele. Graças aos deuses, os guerreiros que haviam se reunido para o festival também haviam se espalhado. Mas achei que o povo que restara estava ansioso por me obedecer, pois agora eu era a coisa mais próxima que tinham de uma grã-sacerdotisa.

Eu me movi em meio ao tumulto, dando ordens com uma calma que me impressionou, pois não ousava abrir espaço para uma dor que poderia se tornar sem medida. Ainda assim era preciso ter algum significado naquilo tudo; uma vida – ou morte – não pode ser desperdiçada.

No dia seguinte, despertei com as notícias de que um grupo de romanos requisitara uma entrevista com a grã-sacerdotisa. Saí e vi Macellius Severus com seu secretário e outro homem que disseram ser o pai da esposa romana de Gaius, todos montados em seus cavalos sob um céu chuvoso de outono. Fiquei impressionada com o fato de ele ter ido até ali sem um destacamento de soldados para lhe dar retaguarda. Mas o filho também fora bastante corajoso, no final.

Foi difícil encarar Macellius, sabendo a resposta à questão que ele não ousava me fazer e percebendo que jamais poderia dizer a ele como seu menino havia morrido. Naquela altura, os rumores mais espantosos voavam pelas terras. Gaius morrera como um Rei do Ano britânico, e, embora alguns achassem que ele era romano, as únicas pessoas que sabiam seu nome tinham um motivo poderoso para permanecer em silêncio.

Os romanos podiam ser desorganizados, mas ainda tinham força suficiente para afogar a terra em sangue se encontrassem provas de que um oficial romano fora sacrificado naquela colina. Mas é claro que não havia um corpo, apenas uma pilha de cinzas misturadas aos tições da fogueira de Samaine.

Quando estavam partindo, Macellius se voltou para mim, e vi que a esperança não estava totalmente morta em seus olhos.

— Havia um menino morando na Casa da Floresta — ele disse. — Eles o chamavam de Gawen. Creio que ele seja... meu neto. Pode me dizer onde ele se encontra agora?

Daquela vez, ao menos, pude ser sincera ao dizer que não sabia, pois Gawen não era visto desde Samaine, o mesmo dia em que sua babá e Senara também desapareceram.

Não foi antes do terceiro dia depois desse acontecimento que Senara voltou, esgueirando-se, o rosto jovem abatido pelas lágrimas, seguida por um rapaz magro que olhava em torno com olhos perturbados.

— Ela morreu por minha causa — soluçou Senara, quando lhe contamos o que acontecera com Eilan. — Ela condenou a si mesma para me salvar – e salvar o filho.

Minha garganta doía, mas me forcei a falar com calma.

— Então o sacrifício dela não deve ser em vão. Vai fazer seus votos e servir à Deusa no lugar dela, agora que ela se foi?

— Não posso, não posso — uivava Senara. — Seria um pecado, pois sou nazarena. Padre Petros está se mudando para Deva. Ele vai permitir que fique em seu eremitério, e passarei o resto dos meus dias rezando.

Pisquei, pois subitamente tive a impressão de que podia ver aquela pequena casa na floresta cercada de muitas outras. Com o tempo, pensei, mais mulheres eremitas viriam se reunir em torno dela. E o que vi naquele dia realmente aconteceu, pois foi uma das primeiras sororidades devotas que agora servem ao povo como a Casa da Floresta fazia; porém, isso aconteceu muitos anos no futuro. Eilan previra aquilo? De qualquer modo, a moça fizera sua parte. Senara podia se recusar a se tornar grã-sacerdotisa de Vernemeton, mas de certa maneira ainda era herdeira de Eilan.

— Levará Gawen para o avô? — perguntou Senara. — Não posso ficar com ele depois que fizer os votos cristãos.

*Qual deles?* , me perguntei, ironicamente, e então percebi que não estava disposta a entregar o menino para nenhum daqueles velhos, ambos ainda prisioneiros do ódio de um passado moribundo.

— Gawen... — Olhei para ele e vi uma criatura que não era romana nem bretã, nem menino nem homem, e se estendia no limiar de todas essas possibilidades. No final, Eilan morrera para que aquela criança pudesse viver em um mundo novo.

— Vou voltar para o País do Verão, onde a névoa corre pelo vale que chamam de Afallon. Quer vir comigo?

— É a Terra do Verão? — ele perguntou. — Eles me disseram que minha mãe foi para lá.

— Não exatamente. — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Mas alguns dizem que é um lugar semelhante.

Ele olhou em torno de si e estremeceu, e pensei em como deveria ser difícil para ele, ainda sem saber de verdade o que havia perdido. Quase tão duro quanto era para mim, que entendia tudo bem demais.

Então ele olhou para mim, e vi um espírito que não se parecia com nenhum avô, nem com seus pais, olhando daqueles olhos.

— Muito bem. Irei com você para Affalon.

Aqui no coração do País do Verão às vezes me pergunto por que, de todos os que tiveram um papel nesta história, apenas eu fui poupada. Sei que estou apenas começando a ver o grande projeto disso tudo. Será que o filho de Eilan, que representa as duas grandes estirpes que deram origem ao nosso próprio povo, será o fundador de uma linhagem da qual um dia virá o salvador de ambas?

Não fui informada. Não tenho nem o conselho do Merlim, embora Eilan tenha dito uma vez que ele falara com ela sobre seu destino. Deve existir algum padrão. Sei apenas que é da Águia e do Dragão, e não do Corvo da vingança, que virá um defensor para nossa terra, e talvez o Merlim encarne para ajudar esse herói em seu tempo...

Aqui no País do Verão, onde o círculo de pedras joga sua sombra sobre o poderoso Tor e a promessa de poder permanece, espero o final da história.

## **AS ORIGENS DE AVALON REVELADAS EM MAIS UM BEST-SELLER DE MARION ZIMMER BRADLEY**

*As brumas de Avalon*, clássica releitura do mito arturiano sob a perspectiva feminina, é a obra-prima da autora Marion Zimmer Bradley. Ao longo dos anos após a escrita do primeiro volume, Bradley se dedicou aos demais romances do chamado Ciclo de Avalon, do qual *A Casa da Floresta* foi o segundo título a ser publicado.

Nos primeiros anos do Império Romano nos territórios da Britânia, os druidas e sua religião seguem duramente massacrados e perseguidos pelas legiões de César. Após a destruição da Casa das Mulheres na sagrada ilha de Mona, as sacerdotisas, que juraram proteger os ritos ancestrais de sabedoria, cura e magia consagrados à Deusa, buscam refúgio em um novo santuário: a Casa da Floresta.

Mas o amor não obedece às leis dos homens e Eilan, futura grã-sacerdotisa, se apaixona por um oficial do exército romano. No coração desse romance proibido, entre o dever e a paixão, entre a delicadeza do cisne e a força da águia, está a história da formação da lendária ilha de Avalon.

“Com o toque preciso de uma autora à vontade para explorar viagens míticas, Bradley escreve sem pressa, definindo cada cena com elegância.”

– *Kirkus Review*

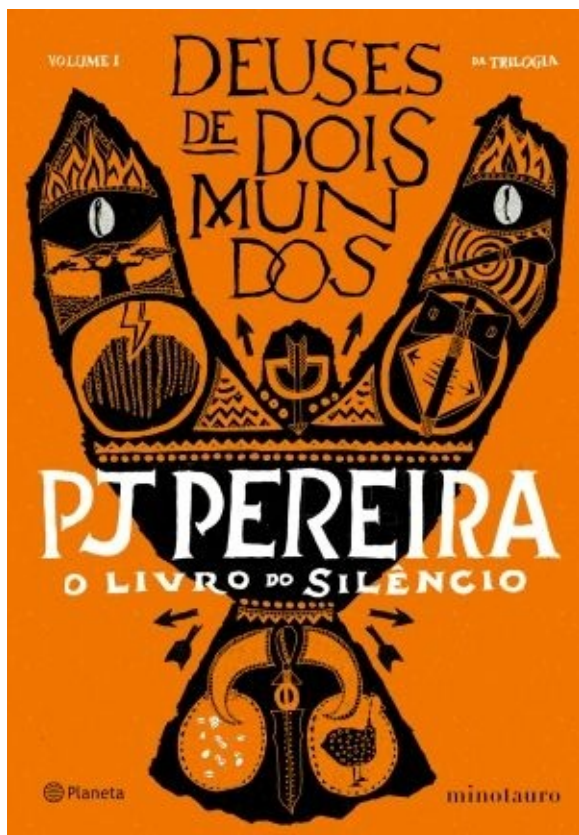
“Bradley faz um trabalho de mestre ao recriar os sabores de uma época e de duas culturas tão distintas, sempre com protagonistas femininas fortes. [...] O amor proibido entre uma sacerdotisa e um soldado romano funciona como espelho do choque entre culturas na Britânia romana.”

– *Library Journal*

“Marion Zimmer Bradley explorou o mito arturiano de forma brilhante e inovadora, acrescentando uma nova dimensão à lendária história.”

– *San Francisco Chronicle*





## O livro do silêncio Pereira, PJ

**9788542213522**

288 páginas [Compre agora e leia](#)

"Um babalaô me contou: antigamente os orixás eram homens. Homens que se tornaram orixás por causa de seus poderes. Homens que se tornaram orixás por causa de sua sabedoria." PIERRE FATUMBI VERGER De repente, os instrumentos de Orunmilá se calam. Qual será o motivo do silêncio de Ifá? A força e a ajuda de Exu, Ogum e Oxóssi serão suficientes para que o maior adivinho da África ancestral reencontre seus poderes? Já na caótica São Paulo dos dias atuais, o jovem jornalista New se vê envolvido em uma missão a



que parecia destinado desde o berço, mas com a qual ele não consegue se identificar. Na aclamada trilogia Deuses de Dois Mundos, PJ Pereira desafia o limite entre o conhecido e o desconhecido, o estranho e o maravilhoso, o real e o fantástico. O leitor é conduzido a uma viagem entre os níveis de existência do Aiê, a terra dos homens, e do Orum, o mundo em que, de acordo com a rica mitologia africana, vivem os orixás.

[Compre agora e leia](#)



## Se quiser falar com Deus Tempesta, Dom Orani

**9788542214857**

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um guia real para uma oração eficaz Deus sempre nos ouve? Essa é uma pergunta feita com frequência. E é claro que Deus sempre ouve tudo e a todos. Diferentemente de nós, Ele não tem descanso ou pausa. Jesus, antes de ser preso, julgado e condenado à morte na cruz, orou e suplicou ao Pai no Monte das Oliveiras. Assim como o Filho

de Deus, é necessário aquietar o coração, usar da comunicação e, a partir dos sinais visíveis que Deus pode enviar, conhecer a vontade do Pai, mesmo em situações de extrema angústia. A oração também é uma ferramenta essencial para falar com o Criador nos momentos de gratidão, de alegria. Em Se quiser falar com Deus descubra o processo de comunicação espiritual, qual a importância dela na sua vida diária, os tipos de oração e manifestação do Espírito Santo no cotidiano e como se transformar em uma pessoa que ora ativamente. O mais importante é fazer com fé, na certeza de que Ele sempre quer o melhor para todos e de que virá em nosso auxílio.

[Compre agora e leia](#)



## Crer ou não Crer de Melo, Pe. Fábio

**9788542211580**

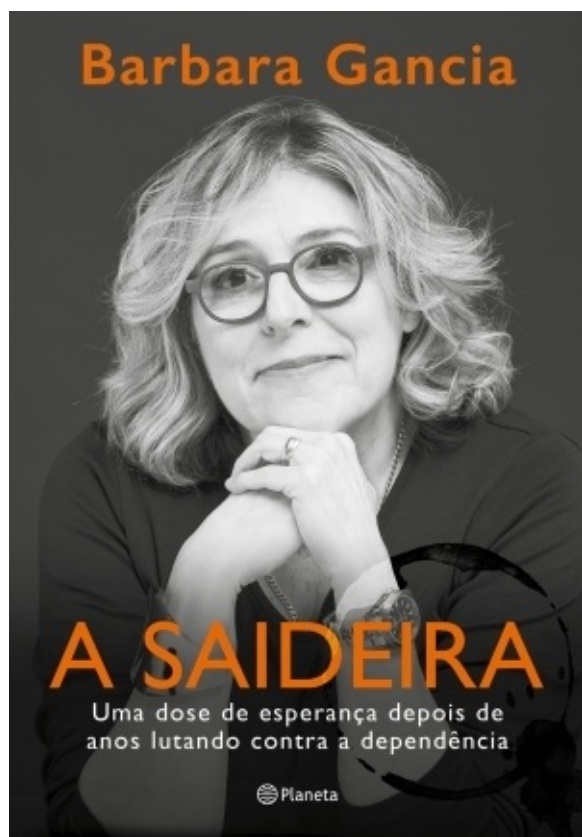
192 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que pode dizer um homem que fez o voto de se dedicar a Deus a outro que está plenamente convencido de que Deus não existe? O que pode ouvir um crente de um ateu? O que um ateu pode aprender? São questões assim que guiaram o encontro entre o padre Fábio de Melo e o historiador Leandro Karnal e resultaram neste livro. Um debate rico

e respeitoso entre um cético e um católico que oferece uma referência importante aos brasileiros crentes e não crentes. Com coragem para provocar um ao outro e humildade para aceitar os argumentos, os autores discutiram pontos fundamentais, como se o mundo é melhor ou pior sem Deus e se a religião ajuda ou atrapalha. Questionaram o quanto a fé faz falta e discutiram as esperanças, os medos e a morte no horizonte de quem crê e quem não crê. Crer ou não crer é o resultado de muitas horas de conversa entre um dos padres mais amados do país com um dos mais populares historiadores. Uma obra que irá agradar e enriquecer milhões de leitores.

[Compre agora e leia](#)



## A saideira Gancia, Barbara

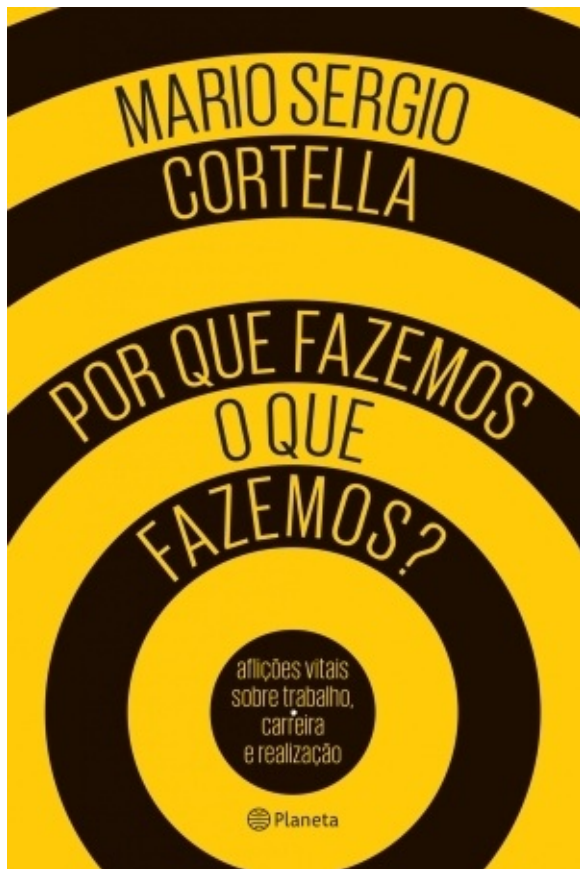
**9788542214864**

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como superar o alcoolismo "Há pessoas cujas vidas imploram para ser escritas. O problema é que, para que isso aconteça, essa pessoa precisa estar viva. E Barbara Gancia preferia flertar com a morte, a bordo de copos e mais copos e ao volante de carros suicidas. Em sua fase de esbórnica, Barbara viveu vários filmes de ação, cheios de

alçapões invisíveis, quedas no abismo e ataques de ratos. Mas nenhum tão emocionante quanto sua luta pela sobriedade. Um dia, finalmente, depois de muitas recaídas, Barbara conseguiu parar a história. O resultado é A saideira, um livro que só ela poderia ter escrito. E cuja leitura encerra lições para todos nós que, tantas vezes, achamos que os prazeres que a vida nos oferecia estavam sendo dados de graça." – Ruy Castro, escritor [Compre agora e leia](#)



# Por que fazemos o que fazemos?

Cortella, Mario Sergio

**9788542208160**

84 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segunda-feira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o real objetivo de sua vida? O



filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em Por que fazemos o que fazemos? as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente e o futuro. Recheado de ensinamentos como "Paciência na turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra fundamental para quem sonha com realização profissional sem abrir mão da vida pessoal.

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

|                                    |
|------------------------------------|
| <a href="#"><u>Capítulo 1</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 2</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 3</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 4</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 5</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 6</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 7</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 8</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 9</u></a>  |
| <a href="#"><u>Capítulo 10</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 11</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 12</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 13</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 14</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 15</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 16</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 17</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 18</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 19</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 20</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 21</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 22</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 23</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 24</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 25</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 26</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 27</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 28</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 29</u></a> |
| <a href="#"><u>Capítulo 30</u></a> |
| <a href="#"><u>Epílogo</u></a>     |